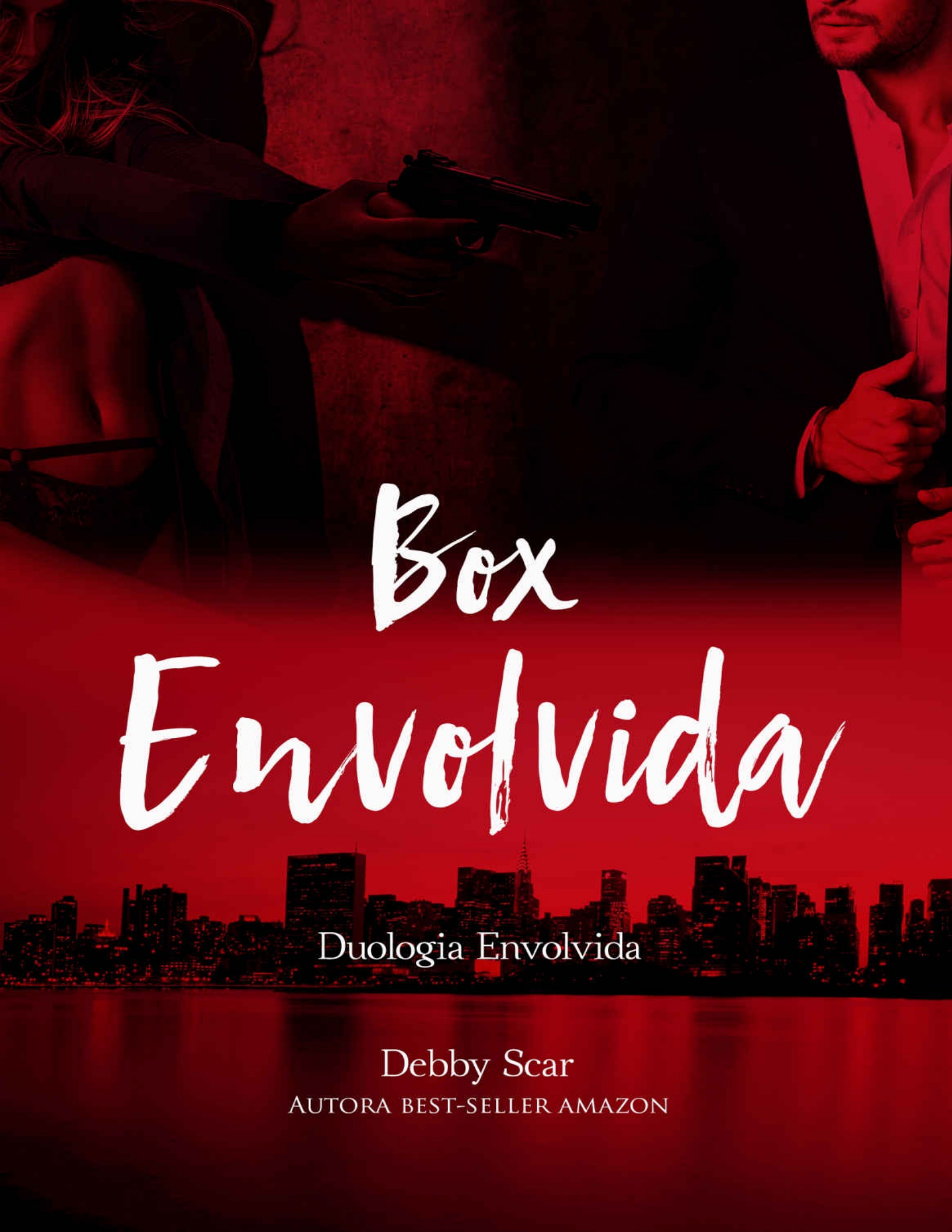




Box Envolvida



Duologia Envolvida

Debby Scar

AUTORA BEST-SELLER AMAZON



Copyright © 2018 Debby Scar

Capa: Debby Scar

Revisão: Angélica Podda

Diagramação Digital: Debby Scar

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, transmitida ou gravada por qualquer meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da autora.

PERIGOSAS

Criado no Brasil

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

[Sinopse](#)

[Queens — novembro de 2007](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

PERIGOSAS

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Queens — janeiro de 1997](#)

[Queens — junho de 2003](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Rendida](#)

[Queens — Dezembro de 2007](#)

[Capítulo 1](#)

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

NACIONAIS - ACHERON

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[*Nova Iorque – Junho de 2015*](#)

[*Nova Iorque – Julho de 2015*](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

PERIGOSAS

[Epílogo](#)

NACIONAIS - ACHERON

Sinopse

Ela poderia ser uma garota normal e viver de modo conivente com a sociedade, mas escolheu ser Lizzie Radzimierski, ou apenas Liz. Apesar da pouca idade, Liz possuía a singela reputação de garota dos nervos de aço. Jornalista no *The Poster*, um pequeno jornal de Nova Iorque, Lizzie trabalhava em uma reportagem que investigava o envolvimento do senador Nathan Fox com a máfia russa, que dominava a proliferação das drogas que devastavam o Brooklin, bem como a exploração da prostituição em suas diversas casas noturnas. Quando finalmente conheceu o homem por trás da política, Lizzie descobriu que Nathan G. Fox era bem mais

que um mero senador: era um homem totalmente diferente de todos os outros.

Para toda a sociedade, Nathan Fox era o símbolo do sucesso. Confiante, elegante, bem-sucedido e enigmático, era cobijado pelas mulheres e pela mídia, que o perseguia como abutres. Todas essas qualidades não enganavam Lizzie. A repórter sabia que por trás daquele ar de bom moço havia um bandido.

Nathan não perdia por esperar!

Lizzie iria entrar em sua vida para mudá-lo. Ela achava que era imune a ele, mas estava enganada. Muito enganada!

Lizzie também tinha um segredo a ser desvendado, e Nathan poderia ser a solução para os seus problemas com o passado. Ela não sabia onde estava pisando, mas queria

ser a jornalista que faria a máscara dele cair.

Isso era o que ela pensava!!!

Conheçam *Envolvida – Debby Scar*

Queens — novembro de 2007

— Me solte! — pedi baixinho. Minha cabeça doía. Queria sair daquele quarto. Queria gritar, mas não conseguia. Minha língua enrolou dentro da boca e mal conseguia respirar.

— Você só faz isso se quiser... — gemia ao passar a mão em meu corpo. Eu sabia que não tinha escolha. Não tinha para onde fugir. Não tinha a chance de escolher fugir. Não tinha como fugir.

— Abra as pernas! — ordenou ele, passando aquelas mãos ásperas por meu corpo; se eu tentasse fazer algo para parar sua investida ele me bateria. Minha mãe sabia. Ela sabia e permitia que ele tocasse em mim. — Ainda vou comer essa bocetinha

apertada. Agora feche! — ele colocou seu pau entre minhas pernas e espremeu meu corpo junto ao dele na cama, assim como minhas nádegas, para que seu pau ficasse sarrando entre meu ânus e minha vagina. — Bocetinha gostosa... Vou gozar bem gostoso agora. — o modo como ele falava, me deixava enjoada. Suas mãos dançavam por meu corpo, mas porque ela não o parava? Por que não acabava com tudo aquilo? Ela era minha mãe! Já tinha avisado que ele me tocava quando ela não estava em casa, porém ela não fazia nada. Quando conseguiu terminar o que queria, sorriu para mim enquanto arrumava a calça. A única coisa que eu conseguia pensar naquele momento era sumir daquela casa e nunca mais voltar.

Eu tinha apenas oito anos quando tudo começou, e minha mãe não queria me

proteger dele... E depois de dez anos, ela ainda não me protegia. Não podia comentar com os outros, pois tinha vergonha do que me acontecia. Tinha vergonha de ter uma mãe como aquela.

Ela não me protegeu!

Mais uma tortura teve início depois de muito tempo sem que ele me tocasse, e como sempre, eu chamava por ela, que não me ouvia.

— Mãe... — choraminguei em súplica.

— Ela não liga para você! — falou se debruçando e encostando seu queixo na minha nuca, roçando com a barba ainda por fazer. Apesar da brutalidade, não penetrou em mim, apenas ficou sarrando no meio da minha bunda, até chegar ao orgasmo.

Homem asqueroso.

— Não! — gritei o mais alto que pude, mas ele bateu no meu rosto e me desequilibrei.

— Vou comer você. Sua putinha! — rosnou pegando minhas pernas, me arrastando pela casa até chegar ao quarto. Seu rosto era sombrio. A imagem do mal estava na minha frente. Era alto, de corpo largo e com uma barriga saliente. Em sua camiseta regata branca de algodão, já amarelada, escorria o suor de um dia de trabalho. Tive nojo, ódio e repulsa por aquele homem. Seu rosto estava desfigurado de raiva, e eu não sabia o motivo.

Não entendia o real motivo de aquilo acontecer.

— Não fiz nada! — falei entre soluços. Meus olhos ardiam e as lágrimas escorriam

por meu rosto como uma cachoeira. Inutilmente, me agarrei ao carpete do chão do quarto de minha mãe, mas não tinha forças para parar aquele ataque.

Ele me puxou com mais força e minha cabeça foi de encontro ao pé da cama de madeira. A dor foi instantânea e só fez as lágrimas saírem com mais facilidade. Segurando meu cabelo, me levantou e me jogou na cama. Ele fedia a suor. Um suor nojento e grudento. Tentei chutar, mas ele segurou minhas pernas pelos tornozelos com umas das mãos e me espremeu com seu tronco pesado, enquanto abria o botão da calça surrada de operário com a outra. Senti um arrepio percorrer meu corpo, e medo ao mesmo tempo.

Estava perdida!

— Você vai ver que não pode me enrolar. Vadia ruiva — falou se afastando e segurando meu tornozelo novamente. — Você me pertence. Sou eu quem lhe dá de comer, vestir e um teto quentinho para dormir. Puta! — seus dentes rangiam de ódio, mas, ainda assim, não conseguia entender o que estava acontecendo. Já fazia muito tempo que ele não me tocava.

— Por favor, não! — chorei desesperada enquanto arrancava minha calcinha apenas com dois puxões — Por favor... Por favor, não! — implorei derrotada.

— Puta! — gritou batendo em meu rosto, enquanto se colocava no meio de minhas pernas. Pude ver o seu pênis pulsar, quando gritou e bateu em mim. A dor se espalhou por todo meu corpo, e tudo que eu

NACIONAIS - ACHERON

queria era alguma arma para matar aquele filho de uma puta. Seus tapas foram substituídos por socos... Murros fortes desferidos contra meu rosto. Não consegui gritar. Minha língua parecia ter inchado dentro da boca e pesava mais de uma tonelada. A pior sensação que existia.

— Você achou que ia fugir? — soltou uma risada sinistra e olhou para mim, mostrando seus dentes um pouco amarelados.

A agonia, o desespero e o medo já faziam parte da minha alma naquele momento.

— Universidade... — debochou, com tom incrédulo — Você acha que vai para a universidade? Só pode estar de brincadeira comigo. — senti outro murro sendo desferido no meu rosto e meus olhos arderam ainda

mais. Antes de tentar gritar novamente, o senti. Senti penetrar aquele pau nojento dentro de mim e a dor me consumir por dentro. — Achou mesmo que ia conseguir esconder aquela maldita carta de admissão?

Minha primeira vez foi com ele!

Com aquele homem asqueroso, seboso e fedorento. Finalmente consegui soltar um grito de desespero em meio ao choro e a tanta dor.

— Não toque em mim! — urrava e me debatia na cama enquanto ele estocava com toda sua força e seu peso me esmagava — Não toque em mim! — gritei o mais alto que pude. Não queria que ele estivesse ali.

Não queria que ele estivesse dentro de mim.

Sabia que o toque dele me deixaria

sequelas.

— Universidade é um caralho para você. Sua puta! — seu hálito fedia a bebida. Bebida barata. Tentei me mexer embaixo daquele porco, mas ele era muito pesado e eu era esguia demais.

Meu corpo magro e de poucas curvas era quase desnutrido pelas condições em que vivia. Pressão psicológica e sofrimento fizeram parte da minha infância e adolescência.

A cada saída e entrada daquele corpo dentro de mim, me sentia mais suja. Mais na lama.

Capítulo 1



Eu tinha que estar em Washington em quatro horas para fazer a cobertura do escândalo que se alastrava pelo cenário político: um deputado com a sua secretária gostosona – típico da raça –, que estavam tendo um caso. Nunca gostei desse tipo de matéria, mas eram as que pagavam minhas contas e não tinha muita escolha. Não era conhecida por ser a melhor em coberturas desse tipo, entretanto o meu forte sempre foi fazer investigações e fuçar o lixo dos grandes de Nova Iorque. O que, para muitos, era algo arriscado demais, para mim

não era, pois sempre gostei do perigo. Não foi à toa que ganhei o apelido de *Garota dos nervos de aço*. Tinha que ter nervos de aço mesmo, já que não era todo dia que uma mulher, principalmente como eu, se deparava com o perigo e ficava confortável com isso. Tinha que ser forte, decidida e audaciosa. Ou era assim, ou o bicho papão me comeria.

Morava em um pequeno apartamento perto do The Poster; era o máximo que conseguia pagar, um apartamento que mais parecia uma caixa de fósforos, já que estava economizando para comprar o meu próprio apartamento. As paredes estavam pintadas de branco, com uma única parede em vermelho ao fundo, e apesar de ser pequeno, era meu refúgio depois de um dia cansativo de trabalho.

O que eu ganhava era suficiente para
NACIONAIS - ACHERON

guardar um pouco em uma poupança e gastar apenas com o necessário. Meu sofá estava um lixo de tão velho, as rachaduras no tecido sintético, de cor marrom, denunciavam que ele merecia uma tão sonhada lixeira.

Minha vizinhança era quase legal, se bem que eu mal falava com os poucos vizinhos que tinha, ou que achava que tinha, pois nunca saía do meu apartamento nem para pedir uma xícara de café. Morava no décimo andar, e conseguia ver a janela da vizinha do outro lado, que sempre estava transando com alguém diferente, fosse homem ou mulher; aquela lá não deixava escapar um. De vez em quando dava para ouvi-la gemer, ou melhor, gritar.

Eu realmente queria sair o mais rápido dali, mas tudo tinha o seu devido tempo, e Deus sabia do que eu estava falando. Meu

NACIONAIS - ACHERON

sonho de consumo era ter uma cozinha onde pudesse andar livremente, sem ter que esbarrar nos objetos ao meu redor e nem ter que me espremer no banheiro. Normalmente não recebia meus amigos em casa, a não ser Matt, que sempre aparecia de surpresa, e ainda assim, me sentia incomodada.

Até pensei em criar um gato, mas era ocupada demais para ter um, e com certeza, ele morreria de fome na primeira semana. Quando o telefone tocou às sete da manhã, tive a certeza que era Matt avisando que já estava me esperando na frente do prédio.

— Sabe quantos minutos já estou esperando? — gritou Matt, e tive que afastar o telefone do ouvido.

— Já vou descer. Tenha calma, esquentadinho. — falei apresada, antes que

ele me engolissem mais um pouco, e o ouvi bufar ao fundo.

— São mais de quatro horas dentro de uma van, dona Lizzie. Agradeço se adiantar o quer que seja que esteja fazendo aí... — reclamou, desligando o telefone, sem me dar a oportunidade de rebater. *Era só o que me faltava.*

Peguei meu blazer preto, que fazia mais de um ano que o vestia; ainda bem que o tecido era bom, senão, caso contrário, já estaria no lixo. Peguei o celular e o guardei dentro da bolsa. Depressa tomei uma generosa xícara de café, já que uma boa dose de cafeína sempre me fizera bem.

Fui ao quarto, me olhei no espelho e, por mais que meu cabelo fosse liso, nunca obedecia à lei da gravidade. Tratei de trançar-

lo e deixá-lo de lado. Passei protetor, já que minha pele era branca e com algumas sardas espalhadas sutilmente pelo meu rosto. *Todo cuidado é pouco!* Afastei-me e, com muita luta, encarei o meu reflexo no espelho. Ruiva, sem maquiagem, visivelmente pálida e com aspecto cansado, cabelos trançados e jogado de lado sobre o ombro. Eu não era feia, na verdade me achava bem atraente, mas não podia ser atraente para ninguém.

O telefone vibrava a todo vapor em minha bolsa; Matt já estava me irritando. Dei uma última olhada no apartamento e me contorci quando meus olhos pousaram no sofá. Era uma vergonha ainda não o ter trocado. Mas, assim que voltasse de Washington, tomaria coragem e compraria o maldito sofá.

Quando descí, lá estava ele parado na
NACIONAIS - ACHERON

frente do prédio, escorado na van e com os braços cruzados. Com uma camisa azul colada no corpo e calça jeans desbotada, tênis verde-escuro mais velho que o ex-presidente Bush – o pai, Matt Brown era o que poderia chamar de um quase amigo. Bem, para mim, era assim que o via, mas ele! Tinha quase certeza que seus interesses iam além da amizade, apesar de estar sempre me criticando. Um dos motivos de não querer ser atraente era, também, o Matt.

Matt era um homem alto – um metro e oitenta e quatro de altura –, loiro, mas não aquele loiro exuberante de capa de revista, mesmo assim era bastante atraente e tinha os lábios mais dignos de serem beijados que já vi. Apesar disso, não eram os seus lábios que eu desejava beijar. Seus olhos verdes acinzentados eram quase negros quando me

olhava, e suas pupilas dilatavam de um jeito que às vezes me assustava. Seu rosto formava um triângulo invertido, e seu queixo era coberto por uma vasta e bem aparada barba loira. Com seu porte nem atlético nem magrelo, fazia sucesso entre as mulheres com sua beleza, e também por ser muito sincero, o que normalmente não deveria acontecer, já que Matt colecionava mais tapas na cara do que um cavalo açoitado em dia de corrida; tudo isso exatamente por sua sinceridade e excentricidade na hora de dar em cima de uma mulher.

Para infelicidade dos meus olhos, ele tinha o que poderia se chamar de *bunda murcha*. Não gostava de ter relacionamentos, e nem queria ter um com ele, mas nada me impedia de olhar uma bela bunda masculina de vez em quando, o que não era o caso da

bunda de Matt. Mesmo sendo a bunda do meu amigo Matt. Até porque, uma olhadinha não ia doer nada.

— Pensei que você não ia sair mais desse cativado de mofo que chama de lar. — Matt sempre odiou meu apartamento, e certa vez havia me convidado para morar com ele e dividir o aluguel, mas gosto muito da minha privacidade e resolvi não aceitar, além de outros motivos. — Que merda é essa que você está vestindo? — perguntou me olhando de cima a baixo.

Como sempre, estava com minha blusa cinza de manga longa e gola V, mas que não era decotada. Calça social preta de alfaiataria quase masculina para minhas curvas, que ele sempre falava que era uma calça para homens, e meus sapatos de salto baixo pretos.

— Você deveria jogar esse blazer no lixo e substituir por um terninho. Como as jornalistas de bom senso sempre fazem. — provocou ácido.

— E você deveria *se* jogar no lixo, e aproveitar para levar esses comentários junto com você. — devolvi no mesmo tom. — Já que lugar de lixo é no lixo. — seus lábios se curvaram em um sorriso charmoso e despreocupado — E a propósito, bom dia para você também... Quando precisar de conselhos sobre moda, pergunto a quem realmente entende. O jornal tem uma estilista para assuntos do tipo. — pouco me importava se a minha calça era ou não desenhada para homens. O homem que me criticava a maior parte do dia era um perfeito *lambersexual* e por isso não tinha crédito para censurar meu estilo.

— Bom dia! — seus olhos brilhavam de divertimento. — Levaria essa roupa comigo, caso eu fosse para o lixo. Mas aí você ficaria como? Nua? — senti malícia em sua voz, porém deixei isso de lado. Não queria que ele achasse que estava dando espaço para que continuasse a flertar indiretamente, e muito menos diretamente. Não seria confortável. Já não me sentiria bem ao lado dele, e não queria ter que pedir ao meu chefe para trocar de parceiro. Queria manter o amigo e o lado profissional a salvo de qualquer imprevisto.

— Gosto da minha roupa. — falei dando de ombros, abri a porta do carro e me sentei confortavelmente no banco do passageiro, na frente — Odeio ter que cobrir essas matérias... — resmunguei enquanto ele dava a volta e entrava no carro; pela sua cara

ele também não gostava.

— Mas é esse tipo de matéria que paga a você para que compre mais roupas como essa. — outra cutucada. O que ele tinha? Não me lembrava de ouvir tantas críticas dele com relação a minha roupa em um só dia, ainda mais pela manhã. Quando deu partida no carro, preferi não falar nada. Ele estava especialmente irritante, não queria ser deixada no meio da estrada e ter que ficar pedindo carona a estranhos.

— Eu sei que é esse tipo de matéria que paga as minhas contas, mas acho que tenho o direito de reclamar. E cale-se, vamos logo embora.

Estava trabalhando há mais de três anos no The Poster. Dois deles como estagiária e um como uma verdadeira

jornalista, ou era assim que eu pensava depois de ganhar alguns prêmios. Terminei meus estudos e logo tive a sorte de conhecer Elijah Aiden Hunter. Dono do The Poster. Um homem de fibra e pulso firme, que sempre exigia dos seus funcionários mais de mil por cento no trabalho para alcançar a perfeição. Ele era bem informal; às vezes, ou melhor, sempre, usava jeans desbotados, camisetas amarrotadas e tênis. Estava em ótima forma física para seus quarenta anos, forte e musculoso. Praticamente um lenhador das montanhas.

Dono de um sorriso carismático, olhos castanhos claros e meigos, Elijah tinha um rosto alongado e um queixo um pouco quadrado; algumas vezes usava um cavanhaque que deixava muitas das funcionárias enlouquecidas, de tão sexy que

era. Cada piscadela que ele lançava pela manhã vinha acompanhada de um belo sorriso, era um efeito dominó de mulheres desmaiando aos seus pés. Alto, com um metro e oitenta e oito, esbanjava charme por onde passava. Ainda bem que sempre me respeitou e acreditou no meu trabalho como jornalista desde o começo, e eu o admirava por isso. No fundo eu suspeitava que ele gostava de uma moça muito simpática que, às vezes, almoçava comigo: Tatiane Hilbert.

Apesar de ter nascido em Seattle, Elijah construiu sua carreira na cidade onde tudo poderia acontecer: Nova Iorque. E era da mesma forma que eu queria construir a minha. Cutucando e irritando os grandes políticos e empresários, descobrindo seus pobres e jogando tudo o que podia na mídia.

Pouco sabia da vida pessoal dele, mas

percebia que guardava algo que não queria que os outros soubessem. Seu lado profissional era o que realmente interessava, mesmo sabendo que poderia contar qualquer coisa a ele.

Depois de guardar todo o equipamento com Matt, fui a um café no outro lado da rua, pensando em como minha bunda ficará dormente por passar mais de quatro horas naquela van. Nesse momento ouvi vozes e vi alguns jornalistas amontoados em torno de um político, que de longe não consegui identificar quem era. Se aquele fosse um furo de reportagem, não poderia perder. Peguei meu gravador e o deixei preparado enquanto corria em direção à aglomeração de repórteres.

— *Senhor Fox!* — gritou o repórter ao meu lado, com o braço estendido e um gravador na mão. Aquele era o meu alvo! Sim, Nathan G. Fox, e teria que me partir em mil para poder chegar mais perto dele. — *Poderia nos dar uma explicação sobre a denúncia de envolvimento com a máfia? E a distribuição de drogas em suas boates, como pode explicar isso?* — há dias eu queria uma oportunidade de fazer algumas perguntas a ele, e apesar de não ser uma entrevista exclusiva, estava tendo uma das poucas oportunidades de chegar perto do homem do momento. Tinha que reconhecer, por ser um belo filho da puta de um senador mentiroso, sabia se esconder e esconder seus podres; ele sabia o que estava fazendo.

Nathan apareceu na capa revista Times várias vezes, em jornais e sites de fofocas, NACIONAIS - ACHERON

mas pouco se sabia sobre a sua vida pessoal. Tinha sido visto com quase todas as modelos da *Victoria's Secret*, ou seja, ele sabia o que fazia, e sabia esconder muito bem. Não falava com a imprensa se não fosse por extrema necessidade.

— *Fox, o que você tem a dizer sobre a acusação de venda de drogas em suas casas noturnas?* — perguntou outro repórter, quase pisando na cabeça do que estava à frente dele.

Em meio a quase uma dúzia de repórteres e fotógrafos, me joguei entre eles abrindo espaço, mas tentando não manter contato por muito tempo. De alguma forma, sabia que tinha que tentar gravar o máximo possível, mas infelizmente a boca do senador parecia estar colada com a mais potente supercola do mercado. Ele tinha dois

NACIONAIS - ACHERON

armários fazendo sua segurança, dois negros altos, fortes, vestidos com ternos pretos e sapatos brilhosos na mesma cor, e só em olhá-los sentia arrepios.

Nathan, de costas para mim, parecia ser um rei em seu obscuro submundo do crime, era o que poderíamos chamar de homem prodígio no mundo do crime, além de saber esconder muito bem o que fazia. Apesar de várias denúncias, a polícia nunca achou provas concretas sobre o envolvimento dele com drogas ou com a máfia. Tinha o dom de arrastar a fama de conquistador entre as mulheres. Nunca o havia visto pessoalmente, apenas por fotos e entrevistas que participava como convidado em algum canal de televisão, ou até mesmo dando notas sobre sua candidatura. Um homem muito sexy, com um olhar matador e com o poder em

suas mãos. Uma delícia de homem para ser mais exata. Moreno de pele clara, cabelos escuros e ombros largos, quadril um pouco estreito e uma bunda... E que bunda. Do ângulo em que eu estava dava para perceber que era perfeita na calça apertada. O homem podia ser um político safado e bandido, mas, com certeza, era o bandido mais gato que já tinha visto em toda a minha vida. Para mim, no entanto, ele só servia para ser observado à distância.

Existia um tipo certo de homem que me atraía; na beleza, o senador se encaixava em todos os quesitos, mas o fato de ser um bandido o excluía definitivamente da minha lista. Percebendo que poderia perder a oportunidade, me espremi mais um pouco para tentar ficar bem próxima a ele, enquanto uma motorista negra, alta e de traços fortes,

abriu a porta do Jaguar XF Luxury preto.

— O gato mordeu a sua língua, senador? — perguntei puxando sua mão e parei por instinto quando senti que havia algo errado.

Uma corrente de calor, misturada a uma energia inexplicável passou por todo o meu corpo e me deixou paralisada. Como em câmera lenta, alguns repórteres praticamente me atropelaram quando ele parou imediatamente e observou ao seu redor com seus olhos azuis-celestes, mais penetrantes que bala em dia de tiroteio. Larguei a mão dele devido à aglomeração ao nosso redor, e por não conseguir sair do lugar fui jogada ao chão com um empurrão forte dado por algum babaca sem noção.

Paralisada, sem fôlego e no chão,

tentando me recuperar daquela sensação, me vi sem saber o que tinha acontecido.

Nathan tinha a força de uma usina nuclear? Não! Ele era mais que isso. Essa era a única resposta que me vinha à cabeça. Isso só acentuou a minha vontade de descobrir mais sobre ele. Descobrir seus poderes. Descobrir mais sobre o homem que ele era.

Capítulo 2



Meus olhos estavam vidrados no Jaguar preto que partia com elegância, enquanto meu corpo débil estava jogado no chão. Sem fôlego e sem nenhuma ideia do que havia acontecido, fiquei com o pouco de orgulho que ainda me restava, e a pergunta que não saía de minha cabeça: *O que tinha acabado de acontecer ali?*

De longe pude ouvir a voz de alguém, mas foi apenas quando senti minha pele queimar por baixo da manga da blusa que voltei ao normal. Matt estava do meu lado. Seus lindos olhos estavam cheios de preocupação, porém nem isso fez com que

deixasse de perceber que ele segurava meu braço com um pouco de força, e isso me deixou perdida, mais do que já estava. O toque de sua mão queimava, não apenas queimava minha pele como também provocava arrepios, ou melhor, calafrios. Seu olhar foi direto para uma de minhas mãos; não tinha notado que havia me machucado até o momento em que ele virou o rosto e olhou para o sangue e para a minha pele visivelmente arranhada. Não era grande coisa, mas fiquei muito irritada. *Droga!* Ele tentou chegar mais perto para me dar apoio, para que me levantasse, porém me afastei. Eu suportava toques, mas não por muito tempo, só que naquele momento não queria ser tocada por ele. Matt era homem, e ser tocada diretamente por um homem novamente me apavorava.

— Liz... — Matt tentou chegar perto de novo, mas não o deixei tocar em mim. Deus sabe o porquê de tudo. — Você precisa cuidar disso...

— Estou bem. — fui o mais convincente que pude. Reuni minhas forças não sei de onde e tentei parecer ainda mais convincente. — Não precisa se preocupar. — olhei minhas mãos, e aos poucos comecei a sentir os aranhões arderem. Fiz uma careta involuntária e Matt revirou os olhos, exasperado. Ele estava realmente irritado com algo, e isso me deixou irritada também.

— Deixa de ser teimosa, Liz. — falou mais firme e nitidamente furioso, mas a voz firme de um homem nunca me fez tremer, a não ser... Não! Não ia ficar pensando naquilo, sabia que aquele pensamento só tinha surgido na minha cabeça por causa das

NACIONAIS - ACHERON

mãos firmes de Matt em meu braço.

Mas o toque de Nathan... Nathan era um homem fora dos meus padrões, da minha vida e da minha forma de enxergar o caráter de um homem. Entretanto, o toque rápido e sem pensar tinha sido o suficiente para me deixar fora do ar. Afastei esse pensamento da minha cabeça e encarei Matt, ainda olhando para mim. *O que será que ele estava esperando?* Tinha certeza que ele estava me olhando de um jeito estranho. Mas não sabia o que era, e isso estava me deixando puta da vida.

— Vamos? — ele levantou a sobrancelha. — Você sabe que temos que lavar isso e fazer um curativo; vou pegar a caixa de primeiros socorros que está no carro.

— Eu sei. — respondi aborrecida. — Não sou burra. Sei que tem a caixa de primeiros socorros lá.

— Entendi! — rebateu quase me engolindo. — É que às vezes parece. — não ia brigar com ele. Fiquei calada, pois sabia que se revidasse começaríamos a discutir feio.

Quase me arrastando segui até o carro, carrancuda. Para ser sincera não tenho muita paciência, na verdade nunca tive, e Matt estava abusando da pouca que eu tinha e do meu limite de sanidade, sendo mais irritante que nunca. Normalmente ele costumava ser direto quando tinha algo errado, e isso não era um bom sinal... *Não estava sendo direto.*

Chegando na van tirou uma pequena maleta branca com uma cruz vermelha no

meio da tampa e, olhando para mim, esticou a mão para pegar a minha, mas eu ainda estava evitando seu toque.

— Ora, vamos... — resmungou irritado, revirando os olhos. — Se você não me der a maldita da sua mão como vou fazer o curativo? — olhei para ele procurando algum vestígio de um Matt extrovertido e sarcástico que sempre gostei, mas nada. Apenas seus lindos olhos verdes me encaravam completamente furiosos.

— O que você tem? — perguntei fechando a cara para dele. Matt precisava saber que eu não merecia ser tratada daquela forma — Ou você fala, ou fica de boca fechada. Por que não vou aturar esse seu estado de *TPM* masculina. — rosnei, me recusando a estender a mão para ele. — E pode deixar, eu mesma faço o curativo.

Apenas arranhei a mão.

Se ele pensava que eu ia aturar aquele jeito dele, estava muito enganado. Ele fechou a cara também e saiu de perto, indo para a lateral da van e me deixando fazer o curativo sozinha. Limpei os arranhões, que não eram muito grandes, limpei o sangue e deixei sem cobrir, pois seria dolorido demais tentar retirar uma gaze de cima, depois de seco. Olhei meu trabalho bem-feito e respirei fundo, já que tinha me livrado do toque dele. Eu já tinha esgotado a minha tolerância de toques por um dia. Quando entrei no carro, bati a porta com força para ele ter certeza de que estava com raiva. Pelo espelho lateral do carro pude vê-lo entrar na van pela traseira e fechar a porta. Em pouco tempo estava sentado no banco do motorista e deu a partida, sem olhar para mim. Foi uma viagem

de volta silenciosa. Graças a Deus.

Mais de quatro horas depois e um engarrafamento na Avenida Columbus, finalmente chegamos ao meu prédio. Já era noite, pude ver o céu límpido e cheio de estrelas, o tempo estava agradável e um pouco úmido. Não estava satisfeita com o que tinha acontecido, porém consegui uma boa reportagem com a secretária do deputado e arranquei dela mais do que qualquer outro jornalista havia conseguido. A cretina tinha informações que colocaria o safado em maus lençóis, e no final de tudo, o que ela queria era fama e ganhar muito dinheiro com isso.

Saí da van, batendo a porta novamente com força sem olhar para trás, logo em seguida ouvi a porta do motorista bater também. Matt saiu do carro para se desculpar. Seria o máximo que poderia fazer,

NACIONAIS - ACHERON

se desculpar por ser um completo grosso.

— Liz, espere... — pediu com a voz um pouco hesitante. Parei na mesma hora, girando os calcanhares para ficar frente a ele, arqueando uma sobrancelha.

— O que foi agora? — a rispidez em minha voz o fez murchar um pouco.

— Eu... — suspirou. — Quero pedir desculpa e... — fez uma pausa. — E queria falar outra coisa... Quero mostrar uma coisa a você há dias, mas não tive coragem... — os pelos do meu corpo começaram a se eriçar. Medo? Pânico? Tentei abrir a boca para falar algo, mas não consegui.

Aos poucos se aproximou de mim, não do mesmo jeito preocupado que tinha feito enquanto olhava para meus arranhões. Era de um jeito diferente... Seus olhos estavam

mais escuros, e isso não era boa coisa. Senti minha respiração falhar e sumir por um tempo quase indeterminado. Seu corpo estava mais perto do que de costume, e isso me deixava completamente desconfortável.

Sua proximidade era tanta que me fez ficar enjoada, mas não por ele ter mau hálito ou coisa parecida. Era algo mais. Meu sexto sentido, ou melhor, meu décimo sentido, me dizia que ele iria fazer algo do qual se arrependeria. Sua boca estava entreaberta e seu hálito de hortelã veio direto para o meu nariz. Estava imóvel. Mármore puro em sua frente, até que fez o que não deveria ter feito...

Em um piscar de olhos sua língua estava dentro da minha boca, explorando cada centímetro; sua boca quente, macia, engolindo completamente a minha. Foi

NACIONAIS - ACHERON

angustiante para dizer a verdade. Quando sua mão foi até o alto da minha cintura considerei isso o limite das minhas forças. Com um movimento brusco saí de perto dele e minha mão foi direto no meio de sua cara. Não foi um tapa e sim um soco de direita, abaixo do seu olho, direto na maçã do rosto, quase pegando o queixo e que o fez cambalear. Meus olhos estavam arregalados, sabia que sentia algo, mas ele poderia ter lido os malditos sinais. Não o queria! Não do jeito que ele estava pensando.

— O que você pensa que está fazendo?! — não foi uma pergunta. — Seu idiota! — gritei, sentindo todo o meu corpo reagir ao seu toque indesejado. — Nunca mais encoste a mão em mim! — minha respiração irregular mostrava o quanto estava alterada. Irritada pra cacete.

— Você me deu um soco? — ele alisava freneticamente a maçã do rosto. — Você me socou por causa de um beijo? Um maldito beijo?

— Imagine o que faria com você se demorasse mais um pouco, seu imbecil! — semicerrei os olhos repletos de raiva. — Garanto que suas bolas estariam em minhas mãos agora, e não seria para fazer carinho nelas. Virei-me e saí com passos firmes.

— Lizzie! — gritou. — Espere... Por favor, me desculpe...

— Você é doente Matt! — levantei o dedo do meio para ele, sem me importar que fosse um gesto vulgar. Sei que isso não era coisa de menina, mas foi um mau hábito que adquiri em um tempo não muito favorável da minha vida, e até gostava de usar esse gesto,

principalmente quando a pessoa merecia. E Matt era um que merecia não só um dedo do meio estirado como também uma boa surra. — Vejo você amanhã na redação, e aí de você se encostar de novo em mim. — não foi uma promessa, e sim uma ameaça.

Aprendi a me defender. Não era uma ninja, mas sabia socar como um homem. Não olhei para trás quando levantei o dedo e nem quando dei o aviso. Tudo que queria era ficar no meu canto, isolada por algumas horas e nada mais. Já no apartamento, e com a porta trancada, desmoronei em um choro doloroso. Parecia que mil agulhas estavam perfurando meu corpo, e eu queria que a dor parasse. Não queria que Matt tivesse me beijado. Estávamos bem muito bem apenas como amigos. O gosto da sua boca era bom, mas a tristeza e a angústia dentro de mim eram

mais fortes. *Não gostei! Não quero que ele me beije novamente!* É perturbador demais para mim. Nunca mais Matt enfiaria a língua na minha boca daquele jeito, ou de qualquer outro jeito. Arrastando o peso do meu próprio corpo como quem carrega um elefante nas costas, fui para o banheiro. Tirei a blusa e a coloquei no cesto de roupa suja.

Encarando o espelho vi em meu rosto algumas sardas, o cabelo preso e desarrumado, ombros magros e caídos, a pele um pouco pálida, e percebi o quanto me sentia uma merda. Uma merda por não conseguir deixar um homem me beijar, por não conseguir apreciar o toque de uma mão masculina. Tinha sido privada disso, da possibilidade de ser feliz ao lado de alguém.

Abri a torneira aos prantos, juntei um pouco de água em minhas mãos e joguei

NACIONAIS - ACHERON

sobre meu rosto, tentando afastar as lágrimas que desciam sem parar. Meus olhos ardiam e eu começava a soluçar. Queria ter filhos. Uma família... Um amor, mas para que isso acontecesse, teria que ter um relacionamento saudável. E que homem em sã consciência teria coragem de ficar comigo daquele jeito? E eu, como encontraria alguém, se nem ao menos suportava o toque de um homem por muito tempo?

Merda de vida!

Merda de Lizzie!

Merda de beijo, que estragou o resto da minha noite!

Merda de passado, que não me deixava ser feliz!

Apenas merda!

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 3



O dia começou bem, o despertador tocou me fazendo acordar, mas minha vontade era manter meu corpo completamente jogado de qualquer jeito na cama e quebrar aquele demônio que tinha um som horroroso. Com meu pijama roxo e o cabelo bagunçado, levantei reunindo forças para me espreguiçar. Eram cinco da manhã, cedo demais para começar o dia, porém Matt e sua atitude me fizeram deitar mais cedo; sem contar as horas de sono perdidas durante a madrugada com os pesadelos que tive.

Estava horrível, e isso incluía meus
NACIONAIS - ACHERON

olhos inchados de tanto chorar. Arrastei-me até o banheiro, coloquei pasta de dente na escova e deixei de lado. Tirei minha roupa e tomei um banho rápido, mas libertador. Quando saí do chuveiro fui escovar os dentes, olhando com atenção meus olhos irritados e inchados da noite perturbada de sono que tive. Como olharia para Matt agora, depois do que ele fez? Tentei apagar a lembrança do beijo, mas ela persistia em aparecer quando fechava os olhos.

Ainda enrolada na toalha segui para o closet, peguei minha blusa de manga comprida cinza, minha calça preta e deixei em cima da cama. Estava sem a menor vontade de ir trabalhar, fui até a cozinha e coloquei a cafeteira para funcionar. Café é meu vício, mas não qualquer café. Tinha que ser forte, e quanto mais amargo melhor;

fazia-me lembrar da minha vida.

Amarga!

Ainda na cozinha, olhei para o maldito sofá velho e lembrei que tinha prometido trocá-lo assim que voltasse de Washington. Anotei mentalmente e era isso que faria no horário de almoço, caso não tivesse nenhuma reunião. Deixei a cozinha e fui me vestir, sequei o cabelo e o preendi em um rabo-de-cavalo. Tirei o estojo de maquiagem da gaveta da pia do banheiro e passei um pouco de base no rosto, para tentar esconder minha cara de defunto. Terminei a maquiagem e imaginei o que os outros fariam, já que quase nunca apareço maquiada no trabalho. Só que, desta vez, era necessário. Coloquei meu brinco de argola pequeno, com a ideia de ser a única coisa que usaria em minhas orelhas pelo resto da semana. Afastei-me um

pouco e me vi no espelho, ficando satisfeita com meu visual um pouco mais arrumado.

Depois que terminei de tomar meu café conferi todas as portas antes de sair. Mania? Transtorno obsessivo-compulsivo? Maluquice? Não sei, mas repetia esse ritual em todas as vezes que saía; precisava olhar todas as fechaduras da casa, até a mais insignificante.

Eram quase sete da manhã quando descii para a garagem. Meu carro não era um modelo do ano, mas salvava minha pele desde que comecei a trabalhar no The Poster. Era um lindo Ford Escort Station Wagon dos anos noventa; quebrava mais que um galho, desmatava uma floresta inteira em minha vida.

Em frente ao enorme prédio do The

Poster, parei no estacionamento, já imaginando como encararia Matt. Não me preocupava como seria meu lado profissional perto dele, mas sim o lado da nossa amizade, que definitivamente tinha sido abalada por aquele beijo, que mais me provocou arrepios horrendos do que prazer em sentir sua língua dentro da minha boca.

— Você está bem? — perguntou Tatiane, secretária de Elijah Aiden Hunter, assim que apareci. Tati tinha um rosto angelical e redondo, suas bochechas eram rosadas e deixavam seus olhos verdes ainda mais em evidência, sua pele branquinha se destacava em seu uniforme preto, que por sinal lhe caía muito bem. Ela era o tipo de pessoa com quem eu sairia se não fosse travada para convidar as pessoas.

— Mau... — suspirei pegando os
NACIONAIS - ACHERON

documentos que ela me entregava. — Meu dia vai ser uma merda... — ela me olhou com expectativa, mas não tínhamos intimidade para falar sobre o que acontecera noite passada. Ou teríamos?

— Quer falar sobre isso? — ela sempre fazia essa pergunta quando eu chegava de cara fechada no trabalho.

— Na hora do almoço eu falo. — percebi sua surpresa por me ouvir dizer aquilo. Sempre que perguntava se queria falar sobre algo a resposta era a mesma: *Depois eu falo!* Mas nunca chegava realmente a comentar o que se passava na minha cabeça.

— Aproveite! — seu tom foi de alerta. — Seu dia pode melhorar, pense positivo. — piscou o olho quando Elijah abriu a porta e

me olhou sério. *Fiz algo errado?* Suas sobrancelhas estavam unidas e sua boca tinha formado uma linha rígida assim que me viu. Percebi que era algo sério demais. Ele raramente fazia aquela carranca, mas quando fazia, era problema à vista.

— Você pode, por favor, entrar na minha sala? — ele não parecia exasperado, mas seu tom de voz não foi dos melhores. — Pedi explicitamente para Matt avisar a você para não se atrasar... — fez uma pausa e continuou: — E onde diabos ele está a essa hora? — Matt estava atrasado e deixou de me dar o recado do chefe. Minha raiva só aumentava.

— Me desculpe, senhor Hunter. — tentei manter o tom mais sereno que pude. — Mas Matt não me avisou que era para chegar mais cedo. Se ele tivesse me informado,

NACIONAIS - ACHERON

estaria aqui no horário programado.

— Ah... — seu tom era de surpresa —
Tudo bem. Não vou ficar estressado hoje.
Não com o que tenho a dizer. — disse
relaxando um pouco mais. — Não ligue para
meu ataque, hoje está sendo um dia daqueles.
— lembrei de que ele só gritava comigo
quando tinha matéria boa e ele não
concordava com alguns pontos dela; isso me
deixou esperançosa, já que sempre era uma
briga a respeito de quem iria cobrir qual
matéria.

— Senhor Hunter... — falou Tatiane.
— O senhor gostaria que eu ligasse para o
senhor Brown? Seria uma boa ideia saber se
ele já está a caminho. — sugeriu com sua
carinha de anjo. *Sempre prestativa!*

— Claro... — sorriu com carinho para

ela. Sempre achei que Tatiane tivesse uma queda pelo sorriso de Elijah, assim como noventa e nove por cento das mulheres do jornal, mas não havia notado, até aquele momento, que ele também tinha uma queda pelo sorriso dela. — E obrigado! — ela corou imediatamente.

Elijah abriu a porta para que eu entrasse em sua sala. Havia painéis espalhados no canto direito e alguns *stands boards* espalhados no lado esquerdo. A parede em frente à porta era composta por uma janela de vidro que ia do teto ao chão. Sua sala tinha um ar profissional intocável e muito organizado. Em seus quarenta anos, ele era respeitado por todos, o que levava qualquer pessoa a aguentar seus dias de mau humor sem que sua credibilidade fosse abalada. Os olhos castanhos claros e

cativantes faziam um conjunto perfeito para seu rosto alongado e o queixo levemente quadrado; meu carinho e respeito por ele aumentava a cada dia, pois o considerava quase como um pai.

Quando sentou em sua cadeira, esperei pacientemente, pois sabia que ele não falaria nada sem a presença de Matt. Olhando para o lado, percebi que havia uma foto do Elijah com o senador Nathan em sua pose habitual. Braços cruzados de um jeito firme, poderoso, imponente... E um olhar desafiador. Ele usava um terno fino de ótimo corte, que deixava seus músculos quase estrangulados sob o tecido. Seus olhos azuis-celestes praticamente miravam em minha direção, mesmo sabendo que nada daquilo era verdade, afinal, não estava olhando para mim, era apenas uma foto.

Seu cabelo muito bem penteado e seus lábios, que formavam um sorriso quase malicioso e ligeiramente repuxado para cima, o deixavam ainda mais gostoso naquele terno. *Por que homem de terno é outro nível!* Olhei mais para baixo no *stand board* com sua foto e li o que estava escrito: *Conheça o homem do momento: Nathan G. Fox*. Pisquei algumas vezes para ter certeza de que tínhamos conseguido uma matéria com aquele homem, e quando voltei a olhar para frente, Elijah me fitava com expectativa. Ainda bem que ele não tinha como ler minha mente, senão as coisas ficariam completamente estranhas. A sensação do toque das nossas mãos, mesmo tendo sido rápido, ainda me perturbava mais do que o beijo de Matt, que naquele momento entrou na sala com uma expressão de quem tinha

comido algo azedo.

Sem olhar para mim, se sentou na cadeira ao lado da minha. Pude ver que o lado do seu rosto estava um pouco roxo, mas não consegui sentir nenhum tipo de piedade por ele. Mais um pouco e o teria matado na noite passada.

— Bom... — começou Elijah olhando para o rosto de Matt com curiosidade. — Espero que o cara que fez isso em seu rosto esteja pior... — quase soltei uma risada, mas disfarcei muito bem e olhei de canto, para prestar atenção na reação que as palavras de Elijah tiveram nele.

— Infelizmente não, senhor. — sua voz era firme. Muito mais firme do que estava acostumada a ouvir. — Não deu para fazer o mesmo, o cara era mais forte do que

eu. — olhou para mim, e se Elijah não estivesse nos observando, teria mostrado o dedo novamente para ele.

— Coloque gelo nisso, ou ficará um roxo esverdeado em pouco tempo. — o tom do nosso chefe era divertido. Acho que percebeu algo, mas não quis comentar e tornar aquilo algo sério, mas para mim, foi algo muito sério. Eles apenas não sabiam disso. — Mas não foi por isso que chamei vocês para essa reunião. — falou Elijah, juntando as mãos enquanto se apoiava nos cotovelos sobre a mesa.

— Já posso ter uma ideia... — resmunguei olhando para a foto no *stand* do lado esquerdo. O que fez Matt olhar também.

— Quero vocês nesta matéria. Mas aviso, não vai ser uma investigação... —

disse olhando para mim. Ele sabia que entre todos naquele jornal era eu quem queria pisar no calo de Nathan. O grande senador Nathan G. Fox. — Vai ser algo diferente. — acrescentou. — O jornal anda passando por alguns apertos e faremos uma entrevista sobre ele, já que receberemos sua ajuda direta a partir de agora. É como se fosse uma exclusiva, que pretendo deixar em *off* dentro do jornal por algum tempo, até que a matéria esteja concluída. — não sabia o que era pior: o beijo de Matt com sua língua dentro da minha garganta, ou aquela notícia.

Meu rosto estava queimando de raiva. O que diabos ele faria dentro de um jornal? O que ele entendia sobre o assunto e sobre o trabalho que fazíamos ali? O homem cuja vida se resumia a ser incrivelmente falado nas mídias por ser o senador galã e ser

investigado pela polícia com frequência, sem contar a sua vida amorosa que aparecia nos tabloides constantemente, a cada cinco minutos. Que diabos ele faria ali, naquele jornal?

— Isso é brincadeira? — questionei em um sorriso debochado. — Porque você só pode estar brincando comigo! — me levantei irritada pressionando as têmporas com força, na tentativa vã de espalhar a tensão que se formava naquele local.

— Na realidade — começou Elijah em seu tom calmo, que me deixava ainda mais irritada. — Não estou. — respondeu simplesmente. — E você irá entrevistá-lo. — arqueou as sobrancelhas para me confrontar, caso eu tivesse a ousadia de reclamar.

Sabia que jamais teria coragem de

levantar minha voz para ele, mas aquela situação não me deixava nem um pouco confortável. Bom, ele era meu chefe e tinha que acatar suas ordens, mesmo sabendo que não gostava de cobrir matérias daquele tipo, que gostava de investigar, mas... *Chefe é chefe!*

— O que você tem? — perguntou Matt, e minha vontade foi de mandá-lo tomar naquele canto não de maneira educada, e sim com um: “*Matt meu querido, você poderia ir tomar no seu orifício circular traseiro? Obrigada*”. Ao invés disso, fechei a cara para ele e olhei para Elijah, que se sentou ao meu lado, na ponta de sua mesa.

— Você não ouviu que o jornal precisa de uma força? — perguntou.

— Matt... — minha voz saiu mais

como uma ameaça — Fique na sua... — sabia que estava tão irritado quanto eu, mas não estava nem aí para ele. Queria que fosse se foder. Estava irritada, e não esconderia isso de ninguém.

— Preste atenção, Lizzie... — começou Elijah novamente, com seu tom calmo, olhando para mim. — Se não fosse preciso, não pediria a você que se prestasse a esse papel. — senti sinceridade em sua voz. — Mas, você é a única neste jornal que conhece realmente a vida dele...

— Certo! — falei irritada, quando pensei no que realmente estava em jogo. O jornal era a vida de Elijah e se ele estava se submetendo a isso, era porque não queria perder tudo aquilo pelo que trabalhou a vida toda. — Faço essa maldita entrevista. — seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Como? — perguntaram os dois ao mesmo tempo.

— Vocês não escutaram da primeira vez? — perguntei irritada. — Vou ter que repetir? Porque aí já é sacanagem comigo. — o sarcasmo em minha voz era evidente. — Quando? E a que horas ele estará aqui?

— Ele não virá até o jornal... — informou Elijah me olhando, pronunciando lentamente as palavras. — Você que vai até ele, em uma de suas boates...

— Jesus! Era só o que me faltava! — não me via dentro de nenhum inferno daqueles, e muito menos fazendo uma entrevista naquele lugar sujo. — Você vai me pedir mais o quê? — deixei que ele percebesse minha maldade na pergunta.

— Isso você faz se quiser. — rebateu

Elijah e percebi que Matt se divertia com a minha cara quando ele falou isso. — A vida sexual dos meus funcionários é de única e exclusiva responsabilidade deles.

— Matt... — advertiu Elijah, quando percebeu que ele estava se divertindo com tudo aquilo. — Você vai dar suporte a ela, mas apenas no final. *Dead Line*.

— Tudo bem, senhor. — ainda tinha vestígios de diversão em sua voz, quando respondeu.

— Quando? — interrompi. — Quando será?

— Amanhã à noite. — de repente algo ruim me passou pela cabeça. O que vestiria? Sapatos? Cabelo? Maquiagem? E por que estava pensando naquilo com angústia nas veias? Afinal, era apenas uma entrevista e

nada mais. — Como sei de seu salário apertado... — começou Elijah. — Vou lhe dar meu cartão da empresa, com uma lista de lojas que irão recebê-la. — ele me cederia o seu cartão? Não tinha coragem de me vingar de Elijah torrando o seu cartão, mesmo que ele merecesse.

— Finalmente ela vai usar algo que não seja da cor bege, marrom, cinza e de mangas compridas... — debochou Matt.

— Não preciso de ajuda com isso... — quando falei, Elijah me interrompeu levantando a mão.

— Na verdade, — acrescentou. — Tatiane vai com você. — meu queixo caiu com o que ele disse. — Ela entende de algo que mulheres devem fazer juntas.

— Você pediu para Tatiane me ajudar?

— fiquei comovida com seu gesto. —
Obrigada! — cedi por fim.

O final da manhã foi um inferno. Tive que elaborar várias perguntas e, quando chegou a hora do almoço, estava pontualmente esperando Tatiane para combinar o que faríamos. Por isso tive que desistir da ideia inicial que formulei: puxá-la para comprar um sofá novo para minha sala, já que o meu estava completamente um lixo. No final das contas, Elijah me liberaria no período da tarde do dia seguinte, assim teria tempo suficiente para comprar alguma coisa maravilhosa para vestir, e apesar da minha relutância, algo dentro de mim se retorcia de ansiedade. Borboletas dançando dentro do meu estômago me deixavam ainda mais nervosa. Estaria frente a frente com Nathan G. Fox. E desta vez ele não iria escapar das

PERIGOSAS

minhas perguntas...

Isso era o que eu pensava!

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 4



Quando estávamos saindo do trabalho, eu e Tatiane adicionamos nossos números nos celulares uma da outra e então segui para meu tão esperando descanso. *E se Nathan tocasse em mim?* A primeira vez que toquei em sua mão, por impulso, uma sensação desconhecida percorreu todo meu corpo, me deixando completamente atordoada e sem chão. Foi algo estranho e que não me deixava pensar direito. Algo tão forte que comecei a pensar que havia gostado da sensação que o

toque dele proporcionou. Seria impossível aquilo acontecer, tentei uma vez e foi um completo desastre. Quando estava na universidade, achei que daria conta de chegar perto de Roland Miller, mas não consegui. Foi uma das piores sensações da minha vida.

Não jantei naquela noite. Não conseguia engolir nada, pensava apenas na entrevista e em como seria finalmente conhecer Nathan G. Fox.

Mais um dia começou e minha vontade de levantar da cama era incrível. Estranhei esse impulso de querer levantar cedo e tomar um belo banho.

Depois do banho, preparei o café e fui me vestir. Escolhi uma blusa marrom de mangas longas, calça preta e sapatos

pretos... *Como sempre!* Assim que sequei os cabelos decidi que ficariam soltos. Meu rosto parecia até mais corado e vivo naquele dia. Depois de passar maquiagem, fui tomar meu café puro e forte, e, enquanto o apreciava, meu celular vibrou. Olhei para o visor e vi uma mensagem de Tatiane.

“Pronta? Estou esperando você para as compras. O dia vai ser perfeito!”.

Respondi imediatamente:

“Ainda bem que tenho você para ir comigo. Não sei o que faria se Elijah não a tivesse liberado...”.

Sua resposta foi quase instantânea:

“Vamos garota! Deixe de papo e tire essa sua bunda de onde quer que você esteja e venha. :) ”

Sem questionar finalizei a conversa.

“Você que manda”.

Sorri ao digitar essas últimas palavras. Não éramos amigas de infância, e mesmo sendo uma tapada para fazer amizade, senti que seríamos mais do que amigas, seríamos irmãs.

Peguei minha bolsa para sair, fechei a porta e resolvi descer pelas escadas. Parei assim que vi a van parada na frente do prédio. Matt estava escorado nela, com os braços cruzados e um enorme sorriso estampando no rosto, o que me fez murchar.

Merda!

— O que você está fazendo aqui? — perguntei ríspida.

— Bom... — ele se afastou da van, e veio em minha direção. — Hoje serei seu motorista. — seu sorriso se ampliou ainda

mais. Filho da mãe... Minha vontade era de socar a cara dele novamente, até que todos os seus dentes caíssem como caquinhos de vidro no chão. O arrepio, que antes era quase imperceptível, voltou com força total. A lembrança dele me beijando provocou ânsia de vômito. Sei muito bem que ele não tinha como saber o que estava acontecendo comigo, ou sobre meu passado, mas não contaria nada para ele.

— Não! — o olhei firme. — Muito obrigada! — Fechei a cara e comecei a andar em direção ao meu carro.

— Você quer que eu vá até aí e pegue você nos braços? — parei no mesmo momento. Só a ideia dele tocando qualquer parte do meu corpo já me deixava apavorada — Foi o que pensei... — escutei a porta do carro sendo aberta, e me virei lentamente

para andar em sua direção.

— Sem papo furado, Matt — alertei quando sentei no banco do passageiro e ele deu a partida.

— Liz, precisamos conversar — suspirou olhando para mim — não faz isso comigo, agora que sabe que gosto de você...

— Não quero falar sobre isso, Matt — falei firme. Não seria saudável continuar aquela conversa, nem para mim e nem para ele. — Você já fodeu a nossa amizade, e a última coisa que quero é um relacionamento...

— Você é lésbica? — um choque percorreu meu corpo e senti o sangue ferver de raiva. — Se você não quer nada comigo, é óbvio que só pode ser lésbica. Sou um cara até bonito, falo bem, e posso ser maravilhoso

em outros quesitos...

— Ai meu Deus! — gritei de maneira debochada, arregalando os olhos. — Eu? Chegada em uns peitinhos durinhos... e em uma boceta succulenta... Hum... — pisquei o olho de modo exagerado — Você descobriu isso agora? Ou precisou de ajuda? — perguntei, percebendo o choque em seu rosto. — Você se acha muito irresistível, não é?

— Por Cristo, Liz! — seu tom era exasperado — Só quero entender o motivo pelo qual você não quer nada comigo... — *com você e com nenhum homem, pensei.*

— Matt — precisava explicar que entre nós não poderia existir nada. — Gosto de você, mas não para ter um relacionamento emocional... apenas como amigo... — tentei

parecer relaxada, quando escutei ele suspirar e falar:

— Não tenho nenhuma chance, não é?
— perguntou baixando a cabeça e segurando o volante com força.

— Não sou namorável, Matt — sussurrei — Não sirvo para você. Não sirvo para ninguém.

— Tudo bem! — levantou a cabeça e não olhou mais para mim, somente para frente. — Não vou insistir mais. Mas, estou aqui e posso esperar por você. — não falei nada com relação a ele esperar. Já tinha dito que não era namorável e deixado claro que não servia para ele.

O percurso até a loja onde Tatiane me esperava foi um inferno, um silêncio perturbador e desconfortável se espalhou no

carro. Não pude mentir para ele; não estava pronta para namorar, ou talvez nunca estivesse pronta para deixar isso acontecer na minha vida. Definitivamente, aquele não era o momento. Não com Matt!

— Pronta para as compras?! — gritou Tatiane em euforia. Seus cabelos louros e compridos formavam cachos nas pontas. Ela tinha um laço preso no cabelo, o que lhe dava um ar mais infantil e divertido, usava um vestido verde escuro – que combinava com seus lindos olhos – acima dos joelhos, com as mangas até o cotovelo e marcado na cintura, deixando-a parecida com uma boneca de edições especiais, com suas formas mais robustas. Matt saiu do carro e ela o observou, sem entender o motivo da cara fechada que fazia — Oi Matt!

— Oi Tati! — respondeu sem gosto. —
NACIONAIS - ACHERON

Hoje serei a babá de vocês. — tentou abrir um sorriso, mas deu para perceber que foi forçado.

— Ótimo! Mais um para ajudar a escolher as roupas. — ela disse com sinceridade e com seu sorriso de boneca.

— É sério, Matt, você não precisa fazer isso... — falei olhando para ele.

— Não estou fazendo isso de graça — me lançou um olhar frio. Uma hora estava falando de seus sentimentos por mim, e em outra me olhando daquela maneira. Apesar de ter dado um fora nele, fui o mais honesta possível e merecia ser bem tratada por isso. — E estou sendo muito bem pago — sua voz rude não me abalou.

— Que seja então! — falei e saí pisando duro; entrei na loja e o deixei do

lado de fora. Senti a presença de Tatiane ao meu lado.

— O que ele tem?

— Está com raiva — precisava desabafar com alguém.

— Olha Liz, se você não quiser falar sobre isso, vou entender...

— Não, tudo bem — falei olhando um lindo vestido vermelho com brilhos nas pontas. — Uma hora eu tinha que falar com alguém sobre isso...

— Pode confiar em mim — assentiu e sorriu para mim. Minha vontade foi apertar as bochechas rosadas dela, de tão fofas que eram — Minha boca é um túmulo.

— Matt e eu... — fiz uma pausa. Ela arregalou os olhos e levou a mão até a boca, sua expressão era de incredulidade.

— Vocês dormi-mi-ram — gaguejou
— Quer dizer... — olhou nervosa para os
lados até ver Matt distraído ao telefone e
depois sussurrou — Vocês fizeram sexo?

— Não! — falei mais alto do que
deveria, chamando a atenção de algumas
pessoas — Por Deus, não! — balancei a
cabeça negando fervorosamente — É claro
que não.

— Então o que foi? — perguntou
curiosa.

— Ele me beijou à força quando
voltamos de Washington. — baixei a cabeça
— E eu soquei a cara dele. — quando olhei
para ela, Tatiane me olhava de boca aberta,
quase paralisada.

— Foi você que deixou o olho dele
roxo? — perguntou se recuperando da

informação.

— Sim!

— Agora posso entender o motivo do mau humor dele — gargalhou colocando as mãos na boca, tentando abafar o som da risada. — Mas, por que você não quer ter nada com ele? Matt até que é gato. — deu de ombros.

— Não daria certo — olhei para ele, ainda ao telefone. De repente nossos olhos se encontraram e senti um frio na espinha por ser pega no flagra, um arrepio percorreu meu corpo. — Como disse a Matt, não sou namorável.

— Namorável não tem no dicionário...
— debochou.

— Se não tinha, sou a descrição certa para essa nova palavra!

Percebendo meu estado de espírito, ela disse:

— Vamos deixar isso para outra hora, agora você tem que se preparar para a grande entrevista com Nathan Fox — bastou pronunciar o nome dele para meu corpo amolecer. — Esse vestido ficará lindo, ótima escolha!

— A grande entrevista... — resmunguei quase choramingando. Peguei o vestido e fui em direção aos sapatos.

Fiquei impressionada com o valor absurdo do vestido, assim como dos sapatos e brincos, jamais teria como pagar todas as coisas que comprei. Depois de arrumar o cabelo, fazer a maquiagem e me olhar no espelho, quase caí dura no chão. Não era a

Liz que habitualmente estava acostumada a ver, não a Liz que usava sempre blusas de mangas compridas e de cores escuras, que sempre usava calças quase masculinas, cabelos presos e pouca maquiagem. Ali estava uma Liz completamente diferente, cabelos soltos em um corte que favorecia meu rosto um pouco quadrado e cheio de sardas, que estavam escondidas por baixo da camada de base que a maquiadora passou. Meus braços estavam expostos pelo vestido sem alças, deixando o branco da minha pele ainda mais em evidência. Nunca pensei que eu era um ser tão branco, na verdade nunca parei para me observar direito no espelho. Mas, com aquele vestido, eu estava parecendo uma estrela de cinema, e não é por nada não, estava mais bonita que algumas atrizes de Hollywood. As curvas do meu

corpo ficaram ainda mais em evidência e minha perna exposta até o meio da coxa, devido a uma abertura lateral do vestido.

O salto vermelho era mais alto do que eu costumava usar, minhas unhas estavam pintadas em vermelho que, segundo a manicure, era em homenagem ao meu cabelo ruivo e ao belo salto que adquiri com o cartão de débito do patrão. Já que tinha que ir a essa entrevista descabida, pelo menos me vinguei do meu chefe, torrando seu cartão!

— Você é alguma estrela de Hollywood? — perguntou Tatiane divertida.

— Quem me dera! — respondi ainda assombrada pela visão em frente ao espelho. — Ainda não estou acreditando... — passei a mão da cintura até o quadril, admirando o caimento do vestido em meu corpo. Agora

era só não deixar ninguém – do sexo masculino – passar a mão em mim, assim meus monstros internos não sairiam para me assombrar.

— Diva! — falou chamando minha atenção. — Não querendo estragar esse seu momento patinho feio se transformando em cisne, mas está na hora de ir... — momento cisne me fez rir. Estava realmente gostando de ter uma amiga como Tatiane.

Ainda vacilante, por não estar habituada a andar com saltos tão altos, segui para o lado de fora, onde Matt me esperava olhando a tela do celular. Quando ergueu a cabeça, deixou o queixo, a cabeça e o celular caírem no chão. Foi desconfortável ver o modo como ele me olhou; seus olhos verdes assumiram um tom mais acinzentado, e com um brilho que me fez ficar com os pelos

erçados. Ele era alto, mas com aquele olhar de predador, parecia bem maior.

— Podemos ir. — disse quando parei em sua frente.

— Liz! — sua voz saiu rouca. — Você está linda...

— Obrigada! — suspirei profundamente. Não queria que ficasse me olhando com cara de cachorro molhado em dia de furacão, e nem com olhar de quem queria arrancar minha roupa. — Agora podemos ir...?

— Boa sorte, Liz! — desejou Tatiane me abraçando. — Acabe com ele! — piscou para mim com malícia; não acredito que ela estava fazendo isso comigo e soltei um sorriso divertido.

— Obrigada! — falei com franqueza.

— Depois vamos combinar para ir comprar o sofá — brincou, pois durante nossas compras comentei que precisava de sua ajuda para escolher um sofá novo.

— Com toda certeza! — falei entrando no carro.

Faltava apenas uma hora para chegar à boate de Nathan, e finalmente conhecê-lo pessoalmente.

Capítulo 5



O som abafado de música que vinha da boate já dava uma ideia do que encontraria lá dentro. Matt estacionou para que eu saísse e nem olhou para mim, virou o rosto para o lado de fora. Não me sentia mal por não gostar dele de outra forma, me sentia mal por não conseguir dar um passo adiante e encontrar uma pessoa que fizesse eu me sentir plenamente amada. Ele era apaixonado por mim e eu não poderia retribuir isso.

Coloquei o gravador na bolsa, junto com o bloco de notas e a caneta, e verifiquei se o celular estava no silencioso. Ao fazer

isso percebi que havia uma mensagem da Tati, mas deixei para ler depois; resolvi olhar para o lado de fora, para onde Matt olhava, e vi a enorme fila que estava formada para entrar na boate. Um galpão de aparência antiga, pintura desgastada, com letras fortes e pretas onde se lia “Heated Fox”. *Sério? Será que aquele nome era para inflar o ego dele? Ridículo!*

A noite quente e um pouco úmida demonstrava que poderia chover, mas ainda sim o clima estava agradável. Muitas mulheres estavam vestidas em tubinhos pretos bem curtos e salto alto, outras usavam saias brilhosas e blusas escandalosamente decotadas. Eu estava definitivamente com muito tecido no corpo, comparado com aquelas mulheres sensuais e de curvas perfeitas. Agradei por não usar minhas

blusas de mangas compridas de cores escuras naquele momento. Dei mais uma olhada na nova Liz no vidro do carro, que voltaria para sua casquinha da invisibilidade quando saísse daquela entrevista. Passei mais um pouco de batom, de forma uniforme e precisa. Batom vermelho, assim como o salto e as unhas; vermelho quase vinho, que destacava ainda mais minha pele branca. Com meus ombros expostos, seios de tamanho tal que nunca haveria de reclamar e cabelos em um caimento perfeito que mostravam o tom de cobre avermelhado da minha herança genética, passei a alça da bolsa no ombro e resolvi encarar o que me aguardava.

— Você vai ficar aqui me esperando?
— perguntei e Matt finalmente virou para olhar para mim. — Quer dizer, se você quiser, é claro!

— Não é só o que faço? — o ceticismo em sua voz me fez endurecer. — Esperar você? — seu rosto tinha uma linha rígida.

— Vá para o inferno! — gritei — Matt, você tem que parar com isso. — joguei as mãos para o alto, irritada — Não posso namorar você, ou ter nada com você... Droga! Você é meu amigo... Ou era.

— Você está linda... — sussurrou se aproximando. Meu corpo todo ficou em alerta. *Droga!... Merda... Ele não vai me beijar... Ou vai?* Não! Ele se inclinou mais um pouco e meus olhos se arregalarem com a possibilidade de ser beijada novamente por ele. Já estava de punhos cerrados, pronta para quebrar todos os dentes dele, se tentasse algo. A proximidade... o cheiro... a lembrança do beijo... Eca!

Para minha surpresa ele parou, vasculhou algo na parte de trás do banco e tirou uma linda bolsa de mão, preta com detalhes brilhosos em vermelho espalhados aleatoriamente. Fiquei sem ar, não por achar a bolsa perfeita, mas pelo fato de não ter que dar um soco na cara dele novamente. Então suspirei de puro alívio.

— Como estava dizendo — continuou com expressão séria. — Você está linda, mas definitivamente não vai entrar com essa sua bolsa de carteiro na boate. — esticou o braço para entregar a bolsa. — É um presente meu e, quanto a nossa amizade, — sua voz era firme — não se preocupe, vou tentar não confundir o que sinto por você. Mas não me olhe como se as coisas voltassem a ser como antes. Não depois de beijar você e sentir o quanto sua boca é gostosa e doce. — fiquei

sem reação, perplexa, para ser mais exata —
E logo depois saber que a sua mão é mais doce que seu beijo...

— Matt! — murchei — Já disse que não sou...

— Namorável! — me interrompeu completando a frase — Agora ande, e quando sair me ligue que volto para pegar você. — pude sentir o carinho que tinha por mim, mas não estava pronta. *Não queria ele!* Não queria namorar ninguém, não queria ninguém me tocando de forma íntima e profunda. Tirei os pertences da minha bolsa e coloquei na bolsa de mão, ficando surpresa com o fato de caber tudo dentro dela.

Na fila, senti os olhos de todos sobre mim quando segui direto para entrada, onde havia dois seguranças enormes, vestidos em

ternos estilo *MIB* (Homens de Preto). A recepcionista negra, de cabelos cacheados em seu *black power* perfeito, com um vestido branco e botas de cano longo na mesma cor do vestido que me fez lembrar os anos setenta. Sua boca era marcada com um batom rosa escuro, seus cílios longos repletos de rímel, seu rosto alongado e com uma expressão de estresse puro, misturado à irritação.

— Ruiva, o final é bem ali! — falou irritada e apontou com a caneta na direção da fila.

— Desculpe, mas meu nome deve constar na lista. — ela me olhou tentando lembrar se alguma vez já tinha me visto ali e arqueou a sobrancelha sem paciência — Lizzie. Lizzie Radzimierski. — disse meu nome e vi claramente que olhou mais um

pouco para mim, e em seguida para a lista.

— Definitivamente você não é a mesma da foto que me forneceram — ela tirou uma foto da prancheta e virou para que eu pudesse olhar. Realmente, quase não existia nenhum traço meu naquela foto. Não da Liz que acordou pronta para encarar um dos mais importantes homens de Nova Iorque. A única semelhança era a cor do cabelo, um cobre avermelhado. Sabia que minhas sardas ainda estavam em meu rosto e que de alguma forma não havia mudado por dentro. — Bom, senhorita Radzimierski, pode entrar. Kelsy, a nossa atendente, vai levar você para a sala privativa do Senhor Fox. — quando um dos seguranças retirou a corda de acesso para que eu entrasse, escutei vaias e pessoas reclamando e xingando.

Fiquei boquiaberta com a boate:
NACIONAIS - ACHERON

espaçosa, com a decoração parecendo um teatro, na parte de cima ficavam os camarotes e no meio havia uma pista de dança. O piso era cinza-chumbo, assim como boa parte das paredes; no teto havia um lustre enorme de cristais, que mudava de cor: azul, vermelho e verde, e vibrava com as batidas das músicas que tocavam. Ao redor da pista ficavam alguns sofás de braços e mesas redondas decoradas com lanternas em formato de cilindro. Se eu contasse para alguém, ninguém acreditaria que uma mulher desceu do teto em um tecido preto, fazendo manobras; ela deslizava pelo tecido com facilidade, enquanto todos estavam dançando como loucos na pista de dança. Foi sensual, mas sinceramente muito perigoso. O clima era agradável, mas não deixava de ser quente, o clássico contrastando com o

moderno, gritando com o diferente. Era assim que poderia descrever o local. Quando parei de observar e ficar deslumbrada, uma morena alta de cabelos pretos curtos estava sorrindo para mim. Ela tinha o rosto um pouco triangular, olhos brilhantes e arrebatadores, formas firmes e bem definidas, com certeza fazia muito sucesso com os homens.

— Senhorita Radzimierski! — sua voz era doce e educada. — Me acompanhe até a sala privativa do Senhor Fox — estendeu a mão para que a seguisse por uma escada em espiral de madeira. Como suspeitava, a parte de cima era como os camarotes de um teatro, diferenciando-se apenas pelas mesas e cadeiras, que eram do mesmo estilo das do andar de baixo. Quando chegamos ao final de um corredor, ela abriu a porta e assentiu para

que eu entrasse.

— O Senhor Fox irá atendê-la em dez minutos. — disse sorrindo e prosseguiu — Como cortesia, o garçom trará o melhor vinho, de uma safra escolhida pelo próprio senhor Fox. — antes que eu protestasse que não beberia, já que não estava ali por diversão e sim por trabalho, ela deu meia-volta e saiu da sala, me deixando sozinha naquele lugar.

A sala tinha o som abafado, e pude notar a riqueza de detalhes: o papel de parede vermelho, quase na mesma cor do meu batom, várias fotos de pessoas famosas que frequentavam aquele local em porta-retratos dispostos harmoniosamente nas paredes e um par de sofás, exatamente da mesma cor dos do salão. Ao lado ficava um bar, mas não havia bebidas nele e atrás do bar um espelho

enorme, que ia de uma parede à outra, que refletia não só o bar, mas quase toda a sala. A parede da frente era toda em vidro, na qual dava claramente para ver as pessoas na pista de dança. Tinha também uma réplica da estátua de David – Michelangelo – em uma bancada no lado esquerdo. *Coitada da estátua, quase não tinha um...* Fui interrompida pela entrada do garçom segurando uma bandeja contendo duas taças e uma garrafa de vinho; fiquei um pouco sem graça por ser flagrada olhando o pau da estátua, mas ele pareceu não se importar. Colocou as taças na mesa junto da garrafa aparentemente aberta.

— Eu não... — quando me virei já estava sozinha. *De novo!* O que eles comiam naquele lugar para serem tão rápidos?

Sentei-me no sofá e esperei. Havia se
NACIONAIS - ACHERON

passado mais de dez minutos e nada. Meu sangue estava fervendo de raiva, mas o frio em minha barriga só aumentava. A ansiedade estava crescendo de um jeito anormal dentro de mim. Será que teria a mesma reação de quando toquei sua mão? Não. Estava aqui para fazer uma entrevista ridícula, na qual estava passando por cima da minha vontade de xeretar o lado mais obscuro da vida daquele homem, e ele estava me dando um belo chá de cadeira. Tirei o gravador, o bloco de notas e a caneta e deixei-os em cima da mesa, próximos ao vinho e às taças.

Paciência nunca foi um dom que cultivei ao longo da minha vida, e Nathan já estava passando dos limites. Levantei-me e fui até a enorme janela de vidro e fiquei observando as pessoas perdidas em suas danças cheias de toques, amassos e abraços.

Passei as mãos em meus braços, querendo poder ser tocada como as mulheres que estavam sorrindo ao lado de seus parceiros. Aquilo era frustrante demais.

— Se quiser podemos descer e dançar.
— meu coração disparou, aquela voz rouca e grossa passou por meu sistema nervoso e me queimou por dentro, meu corpo estremeceu apenas com o som de sua voz. Foi algo sexy, sensual e forte. Definitivamente ele tinha presença, a coragem de me virar se transformou em pó. Minha respiração não existia — Senhorita Radzimierski, está tudo bem?

Aos poucos, meu corpo descongelou e fui me virando. O homem não era bonito... Ele era perfeito! Moreno, cabelos curtos, olhos azuis-celestes, o mesmo que tinha me encarado na sala de Elijah. Alto, e pelo porte

NACIONAIS - ACHERON

físico, com certeza tinha belos músculos debaixo daquele terno azul de grife, ombros largos, cintura estreita, assim como seu quadril; no canto da sua boca, um sorriso malicioso estava se formado. *Aqueles lábios perfeitos... Deus!* O homem era realmente perfeito. Ele segurava nas mãos as duas taças cheias de vinho. *Como ele entrou na sala?* Foi evidente que me perdi em meus pensamentos e não o escutei entrar.

— Senhor Fox! — assenti. Ele estendeu a taça para que a pegasse — Não bebo enquanto trabalho — tentei rejeitar a taça, mas ele ficou com ela suspensa no ar.

— Se você não pegar, — abriu um enorme sorriso que mais parecia uma ameaça, e isso mexeu comigo. Mexeu com todos os músculos abaixo do meu ventre, uma dor deliciosa se formou naquela região

sensível do meu corpo. — Não haverá entrevista, e muito menos a ajuda que meu grande amigo Elijah precisa para manter seu querido jornal. — coagida peguei a taça, mesmo com raiva; senti que algo estranho se formou dentro de mim.

— Você sempre chantageia as pessoas, Senhor Fox? — perguntei com ironia e rispidez — Por que muitas pessoas achariam isso uma forma de chantagem barata, mas vindo de uma pessoa tão humilde como você, isso seria um eufemismo. — seus olhos de repente ganharam um brilho diferente, pareciam queimar com alguma piada interna.

— Já começamos a entrevista? — tomou um pouco de vinho.

— Ainda não. Mas...

— Então, a parte de ser humilde é um

elogio, já que sou a humildade em pessoa. — seus lábios formaram um sorriso debochado, colocando a taça na mesa. Desabotoou os dois botões do terno, sentou no sofá e cruzou a perna, segurando o tornozelo. — Você vai ficar parada ou vai começar o seu trabalho? — arqueou uma sobrancelha, enquanto abria os braços e repousava no encosto do sofá. Irritada, coloquei a taça na mesa junto com a dele, me sentei o mais longe possível, peguei o bloco, a caneta e liguei o gravador.

— Senhor Nathan Fox, — fiz uma pausa lendo minhas perguntas formuladas no bloco — Sabemos que o senhor é dono de uma rede de casas noturnas...

— Pare! — sua voz me fez estremecer novamente, quando o olhei ele estava com um brilho desconcertante e mordendo o lábio inferior. *Eu queria morder aquela boca...*

Droga! Por que estou pensando na boca dele?

— Beba!

— Como é?

— Beba o vinho! — ordenou com voz poderosa.

— Não sou obrigada a beber! — me contorci para não esganar aquele homem — Você pode me obrigar a entrevistar você, ameaçando o meu chefe, mas não pode me obrigar a beber a merda de um vinho. — falei irritada quase enfiando a caneta no olho dele.

— Sem bebida, — deu de ombros — sem entrevista... sem jornal... sem ajuda... — aquele maldito era irritante, mesmo sendo muito perfeito.

— Merda! — peguei a taça e tomei todo o líquido de uma única vez e a coloquei de volta à mesa.

— Para uma jornalista, — pegou a garrafa e encheu minha taça novamente. O *que ele queria fazer?* — você é muito esquentada.

— Só quando quem estou entrevistando me dá ordens! — rosnei com a cara fechada.

— Beba! — gesticulou olhando para minha taça. Se continuasse daquela forma, em cinco minutos estaria bêbada. Nunca fui muito boa com bebidas, mas Elijah precisava da ajuda daquele desgraçado, e já que tinha vendido minha alma por uma noite, teria que aceitar as condições que estabelecessem. Com os olhos fuzilando-o mentalmente peguei a taça — Faça como fez com a primeira. Tome de uma só vez.

— Se eu ficar bêbada e meu corpo

aparecer em alguma viela desta cidade, meus amigos sabem com quem eu estava e a polícia vai pegar você. — virei o líquido todo de uma só vez, senti meu estômago revirar e minha cabeça estava ficando pesada. Eu realmente era fraca para bebidas, bastaram duas taças para me deixar um pouco tonta, sabia que sentiria os resultados mais tarde.

— Por que acha que quero deixar você bêbada? — perguntou pegando a garrafa novamente, enchendo minha taça.

— Por que sei que você vai me obrigar a tomar a terceira taça de vinho! — retruquei irritada. Elijah ia me pagar por aquilo. Ah! E seria bem caro.

— Na verdade, — começou Nathan, descruzando a perna — o vinho é para deixar você menos irritada e liberar um pouco essa

carga pesada que está em seus ombros... — ele estava olhando para os meus ombros? Meus transparentes e magros ombros! — Que claramente precisam de uma massagem especial... — especial? Massagem? Oh! Não. Não e não!

— Não preciso que se preocupe com a carga pesada dos meus ombros, senhor Fox. — as coisas estavam estranhas, um magnetismo fazia com que fixasse meus olhos nos dele. — Acho que existem muitas outras coisas com as quais deveria se preocupar. E meus ombros não estão nessa lista.

— Então, o que faz para tirar todo esse estresse? Sexo? Masturbação? Vibrador? — perguntou divertido. *Sim... Sexo com você. Masturbação... Se você fizer em mim... Vibrador... Não. Você dentro de mim.* Que

merda era aquela? Meus olhos se arregalaram com as perguntas tão pessoais. Levantei-me instantaneamente pegando minhas coisas que estavam em cima da mesa, mas que droga, minha bolsa estava perto dele e eu não queria chegar perto. Os meus pensamentos estavam me traindo! Quando ele fez aquelas perguntas, me peguei pensando nele!

— Acho que o senhor quer me fazer de palhaça. — rosnei mostrando os dentes, mas meu corpo estava em chamas — Estou aqui para fazer meu trabalho, e não para responder suas perguntas descabidas.

— Você pode me entrevistar, mas não posso entrevistar você? — perguntou irônico, com a voz perturbadoramente deliciosa de ouvir.

— Você não está me entrevistando.

Está me fazendo perguntas pessoais...

— Não era isso que você ia fazer? —
arqueou a sobrancelha grossa e bem
desenhada.

— Isso é totalmente diferente! —
rebatu — Estou tentando ser profissional
aqui, e você quer se divertir às minhas custas.

— O que foi? Vamos deixar isso em
off, e se você responder as minhas perguntas,
repondo qualquer coisa que me perguntar —
ele não estava falando sério.

— Fui coagida... Estou quase bêbada,
tenho que responder as suas perguntas, sendo
que era eu quem deveria fazer isso. Nossa,
você é mesmo o filho da puta que eu
imaginava. — agora estava tudo fodido,
minha língua soltou e para prendê-la seria
difícil.

— Além de tudo, boca suja. — seu sorriso de ampliou divertido — E você com essa cara de boazinha! — irritada, tomei coragem e fui tentar pegar minha bolsa, mas ele foi mais rápido e a pegou, guardando dentro do seu terno.

— De boazinha só tenho a cara. — murmurei reunindo todas as minhas forças para chegar perto dele, sem que ele me tocasse. O que havia de errado comigo? Aquela coragem não era desse mundo. Afastei-me, levantei e sem nenhum pudor, estiquei o dedo no meio para ele, mostrando a língua. Eu sei... Nada maduro, mas não estava ligando a mínima, o álcool já estava fazendo o efeito esperado. — Agora me passe a merda da minha bolsa — gesticulei para que ele me entregasse, mas ele parecia se divertir com a minha cena e isso me

deixou ainda mais irritada.

— Beba! — mas que merda! — Sente-se e beba a outra taça de vinho. — não foi um pedido, foi uma ordem — Vamos lá, Lizzie — meu nome saiu de sua boca de uma forma macia e quase me fez entrar em combustão.

— Vou avisando, — estiquei o dedo indicador de forma ameaçadora para ele — não me venha com gracinhas. Você pode sair daqui com o olho roxo. — ele claramente estava se divertindo com os meus chiliques. E para mim, o resto daquela noite seria um pesadelo.

— E você poderia sair daqui direto para o meu apartamento, e me mostrar como é tentar me deixar de olho roxo... — falou mordendo aqueles lábios perfeitos.

— Vou processá-lo por assédio sexual, senhor Fox! — ameacei, mas ele já estava praticamente em cima de mim, o susto por perceber isso foi tão grande, que me afastei e não percebi que a borda do sofá havia acabado.

Caí de bunda no chão, mas ele segurou meu braço.

Capítulo 6



— Senhor Fox! — um de seus seguranças entrou na sala — Desculpe interromper, mas o senhor Markov está à sua espera— Isaäk Markov? O que o grande chefe da máfia russa fazia ali? Por um instante esqueci que ele segurava meu braço, e que sua proximidade era tão grande que senti uma energia estranha. A mesma energia de quando nós nos tocamos pela primeira vez, ou melhor, eu o toquei! Pela forma como me olhava, dava para ver que também sentiu algo, mas logo o seu rosto mudou de divertido e sarcástico para um semblante de

raiva e contrariedade — Harper também o aguarda, senhor... — ele me puxou pelo braço e me pôs de pé apenas com um único movimento, o que deixou seus músculos ainda mais em evidência sob o tecido do terno.

Aquela sensação não era nada parecida com a que senti quando Matt me tocou. O toque de Nathan me fez queimar por dentro, quase entrar em combustão espontânea; suas mãos eram firmes, macias e quentes. *Aquele homem não poderia me tocar novamente!* Tinha medo do que poderia acontecer se ele me tocasse outra vez, e nenhum homem havia me proporcionando a sensação que ele me deu até agora. Apenas um toque foi o suficiente.

— Diga a Isaäk que estou em reunião.

— seu rosto ainda apresentava traços rígidos

NACIONAIS - ACHERON

quando se dirigiu ao segurança.

— Senhor Fox! — a voz do homem o advertia de que aquilo não era uma coisa boa a ser feita — Desculpe-me, senhor, mas o senhor Markov insiste que o receba em seu escritório. — *Então Nathan estava negociando algo com Markov?*

De uma coisa eu sabia: se Markov estava ali, Nathan estava no meio do tráfico de armas e de mulheres, assim como no de drogas.

— Ele não quer falar com Harper, por isso estou aqui, senhor. — pude ouvir Nathan xingar baixinho algo que não consegui entender, enquanto passava a mão de modo exasperado em seus cabelos. Seus olhos me sondaram, aqueles olhos azuis-celestes que davam vontade de me perder neles. Não

fosse pelo fato de que eu não suportava o toque de um homem, e que ele era um lobo na pele de cordeiro, *seria perfeito!* Minha percepção ficou mais aguçada, enquanto ainda permanecia paralisada pelo choque.

— Certo, Lucius! — sua voz era firme — Chame Gretha para levar a senhorita Radzimierski até a sua residência em segurança. — o segurança negro de quase dois metros de altura assentiu com a cabeça e fechou a porta, mas o jeito como olhou para Nathan demonstrava que estaria do lado de fora esperando o patrão.

— Se você me entregar os meus objetos, posso ir muito bem sozinha para casa. — minha voz saiu mais firme do que imaginava. Levantei a cabeça e endireitei meu corpo, para parecer que nada tinha me afetado, mas, na verdade, eu estava bêbada.

— Sem chance, senhorita Radzimierski! — falou abrindo o terno mostrando minha bolsa — Na realidade, seus pertences ficarão comigo por tempo indeterminado.

— Você não ousaria fazer isso... — semicerrei os olhos de modo ameaçador — Me devolva as minhas coisas.

— Fique aqui então. — propôs com um sorriso surgindo no canto da boca. — Fique esta noite comigo. Gosto desse seu jeito atrevido. — disse ao se aproximar — E dessa sua boca suja.

— Entendi direito? — questionei indignada — Você está me propondo sexo pela devolução das minhas coisas? — de novo ele estava próximo demais do meu corpo, mas não conseguia me mexer. *Droga!*

Tudo ficou pior quando ele levou os dedos até minha boca. No modo automático, levantei minha mão e acertei em cheio o rosto dele — Não toque em mim! — gritei, meu rosto estava pegando fogo. — Quem você acha que eu sou, seu merda? Filho de uma puta! — Nathan olhou para mim como se não entendesse o motivo do tapa, mas eu sabia. Se fosse outra mulher, teria aberto as pernas para ele e transaria como uma louca enquanto beijava aquela boca perfeita e apertava aquela bunda maravilhosa, mas eu não.

Não Lizzie Radzimierski.

— Não acho que você seja a mulher que tinha imaginado. — falou massageando o rosto.

— Isso mesmo! — fechei a cara —

Sou profissional, não essas putas que costumam entrevistar você e logo depois abrem as pernas para que possa trepar com elas.

— Gosto do seu jeito atrevido, senhorita Radzimierski, mas tenho outra reunião importante agora. — falou pegando meu gravador e colocando no bolso da calça — Me desculpe não poder ficar mais um pouco, e devolver a sua gentileza de outra forma.

— Você quer outro tapa? — perguntei irritada — Quero que você devolva os meus pertences, senhor Fox. Agora!

— Não se preocupe, — sorriu irônico — eles estarão em sua casa ainda hoje. Prometo.

— Quero agora! — berrei como uma

menina mimada. — Isso não pode estar acontecendo...

— Agora seja uma boa menina e vá para casa com a minha motorista — seguiu para a porta, abriu e fez sinal para que me retirasse de sua sala — Liz, não abra a sua boca novamente para me xingar, a não ser que eu diga que você pode fazer isso. — seu rosto estava ainda mais sério do que quando o segurança adentrou a sala. Ele me chamou de Liz? Que história era aquela de me deixar em casa com segurança?

— Nathan — rosnei baixinho enquanto passava por ele — Você não é meu pai, e vá tomar no seu orifício circular traseiro. Aproveite e enfie o gravador, a bolsa, e tudo que tiver dentro dela nele. Seu merda! — o segurança virou para me encarar com os olhos arregalados, enquanto Nathan parecia

NACIONAIS - ACHERON

mais calmo e se divertia com o meu show. Quem ele pensava que era para me proibir de xingar? Eu xingava quem bem entendia, mas apenas quando merecia. Ou era a bebida fazendo efeito?

— Acho que estou apaixonado, Lucius!

— Nathan gargalhou e o segurança esboçou um sorriso de lado — Agora a acompanhe até o carro, e se certifique que chegará segura em casa.

Enquanto Lucius me acompanhava até a lateral do prédio, pude ver Nathan se afastando pelo enorme corredor até chegar a uma porta vermelha e entrar. Nunca me senti tão frustrada em não conseguir saber o que se passaria ali dentro, na verdade queria ser um mosquito para poder escutar o que Nathan conversaria com Markov. Do lado de fora, o meu corpo sentiu a reação da bebida, e quase

tropecei em meus próprios pés. O chão começou a girar e meu mundo ficou escuro, daí apaguei por completo.

Acordei ainda grogue e com a cabeça latejando. Meus olhos arderam quando tentei olhar para o sol. Foquei mais um pouco, e graças a Deus estava em casa. Mas, como tinha chegado até minha cama? Levantei o lençol e vi que minha roupa tinha sido trocada. Alguém tirou meu vestido e colocou em mim uma camiseta larga, percebi que não tinha nada por baixo da camiseta. Em pânico levantei, mas tropecei e caí de cara no chão; a queda só fez piorar ainda mais minha dor de cabeça e meu enjoo. Virei-me e olhei para o teto, passei a mão na cabeça na tentativa de aliviar a dor, porém sabia que o único jeito da dor passar era arrancar minha cabeça ou tomar uma xícara enorme de café. Bem forte,

de preferência.

— Normalmente, adoraria tocar um corpo como o seu! — me assustei quando percebi quem era — Ainda mais com tantas partes expostas, e bem generosas, para ser mais sincero. — com um pulo me levantei e puxei o lençol para me cobrir, me sentando na cama.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei irritada e assustada.

— Lucius me falou que você desmaiou. — foi quando percebi que ele segurava duas xícaras de café — Vim me certificar se você estava bem.

— Não poderia ter apenas perguntado para o seu segurança? — ele veio em minha direção, entregou uma das xícaras para mim e se sentou na cama, bem ao meu lado.

— Poderia! — sorriu — Mas não é todo dia que você é chamado de filho de uma puta por uma mulher atrevida, e que visivelmente queria bater no segurança, mesmo estando desacordada, e ele, na verdade, só estava querendo ajudar. — levou a xícara até a boca e tomou um gole generoso.

— Então, quem tirou minhas roupas? — também tomei o café, e meu Deus, estava perfeito.

— Ah! — falou divertido — Foi uma madrugada interessante...

— Meu Deus! — gritei colocando a xícara na cabeceira, me afastando dele. — Você não ousou tocar em mim, certo? — minha voz era alarmada, o medo crescia dentro de mim. Nathan arqueou a

sobancelha sem entender o que estava acontecendo.

— Não... — respondeu um pouco ofendido — Por mais que eu quisesse, não faço sexo com gente quase morta. Gretha fez isso por mim, e quando ela tirou suas roupas, as levei para lavar...

— Jesus! — falei puxando ainda mais meus lençóis para cobrir meu corpo. — Você me viu nua... — Nathan estava se divertindo e tomou outro gole de café.

— Não sou tão safado quanto você pensa, senhorita Radzimierski — disse segurando a xícara com as suas mãos, enquanto me olhava.

— Ora, seu merda! — rosnei — Saia do meu apartamento, seu pervertido, e devolva as minhas coisas.

— Nada de chocolates e flores, então?
— perguntou debochado.

— Senhor Fox, por favor, saia do meu apartamento... Saia de perto de mim, ou chamarei a polícia! — ameacei.

— Ou você vai fazer o quê? — falou se aproximando e colocando a xícara junto da minha — Gritar... — seu cheiro era tão bom... Foi aí que percebi que ele não estava mais de terno, usava uma camisa branca de mangas, calça jeans justa e estava descalço — Oh! Socorro, seu policial. Tem um homem gostoso na minha cama! — estava claramente tirando sarro da minha cara. Mas, não cairia naquela brincadeira.

— Você passou a noite aqui? Onde você dormiu? — perguntei em pânico, desviando o assunto. Nathan fez uma careta

mostrando que sua noite não tinha sido das melhores.

— No seu sofá! — suspirei de alívio por não ter jogado aquele maldito sofá no lixo e comprado outro. Ao menos, ele teve uma noite ruim. — Mas, depois de ouvir você gemer meu nome... — murchei quando ele falou. Como eu tinha gemido o nome dele à noite e não me lembrava?

— Saia da perto de mim, ou vou gritar tanto que todos acharão que está tentando me matar. — ameacei novamente quando ele estava mais próximo.

— Do que você tem medo, Liz? — perguntou mordendo o lábio. Droga! Sem o terno, ele parecia ainda mais gostoso.

Seu corpo grande e musculoso se movia para ficar próximo a mim. O ar do

meu quarto parecia não existir mais. O calor subia para o meu rosto, me deixando vermelha.

— Você tem medo de gostar do que posso fazer, ou do que você sonhou se tornar realidade?

— Não sonhei nada! — retruquei.

— Ah, sonhou sim! — gargalhou — Ah! Nathan! Isso... Assim... Me beija, Nathan gostoso! — revirou os olhos, enquanto afinava o timbre, na tentativa de imitar a minha voz. — Acho que foi mais ou menos isso que você disse.

— Já disse, não sonhei com você...

— Você quer o beijo agora, Liz? — sua mão estava próxima da minha — Você quer que eu faça você gritar como no sonho? Com minha língua dentro da sua boca, pelo

seu corpo, deslizando até chegar...

— Não toque em mim! — saltei para bater na cara dele quando fez menção de tocar meu braço. Então, ele imobilizou meu pulso com uma de suas mãos, me fazendo ficar sentada em seu colo, e segurou o meu rosto para me beijar.

Capítulo 7



Ai merda! Como ele era forte. Tentei com todas as minhas forças me libertar, ou achei que era isso que estava fazendo, me contorci em cima de suas pernas, inutilmente tentando sair dali. Sua boca quente estava sobre a minha, chupando meus lábios de um jeito faminto, devorador e firme, apesar de sua boca ser macia e gentil. Não foi como o beijo de Matt. Na verdade, não chegou nem perto do beijo que Matt me roubou, foi algo quente, urgente e gostoso. Fiquei impressionada por gostar tanto, por um momento quase gemi quando sugou mais

forte minha boca e fiquei sem fôlego. Assim como no meu sonho, sua língua procurou a minha até me deixar sem ar; mesmo sentindo meu pulso pegar fogo com o seu toque, um arrepio desconhecido começou a brotar. O pânico que estava sentindo queria estragar o momento, mas foi uma voz que me fez saltar de seu colo.

— Liz você está aí... — Matt estava no meu apartamento! Como ele entrou? Olhei para Nathan que ainda estava de olhos fechados e parecia não se importar com nada a sua volta. De repente a porta do quarto foi aberta e Nathan finalmente abriu os olhos e soltou meus pulsos; eu fiquei de pé, olhando para Matt com o rosto retorcido.

Tinha esquecido completamente que estava usando somente uma camiseta larga e nada mais, meu rosto estava pegando fogo de

NACIONAIS - ACHERON

um jeito diferente, me sentia quente e sem ar. Olhei para Nathan e ele parecia calmo, estava se divertindo com a situação. Meu cabelo estava desgrenhado e minha boca ainda tinha o gosto perfeito dele, e uma sensação de que foi o melhor beijo que já tive, ou melhor, o único beijo gostoso que já tive ou senti.

— Matt... — comecei a falar um pouco ofegante, parada como uma estátua. Nathan se esparramou na cama e virou o rosto para olhar para Matt, lançando um sorriso torto e malicioso — Como você entrou aqui?

— Você deixou sua bolsa junto com as chaves no carro, e como você não me ligou, resolvi vir até aqui e ver como você está, — seu tom era frio — mas vejo que a pessoa que não é namorável, está muito bem por sinal. — jogou a bolsa no chão.

— Merda! — resmunguei e segui Matt, que saiu pisando firme, nem me importei com a roupa que estava vestindo — Matt, espere... — dei uma última olhada antes de sair do quarto e Nathan se virou na cama para ficar de bruços, apoiou o cotovelo no colchão, pousou o queixo nas mãos e me lançou um maldito olhar divertido. O mesmo que deu para Matt, um olhar culpado e fingido, como se tivéssemos feito algo errado. Como se tivéssemos dormido juntos.

O trajeto até a porta do meu apartamento não era longo. Meu apartamento é uma caixa de fósforos, literalmente falando.

— Matt... — precisava me explicar, ele tinha se declarado para mim e acabou de me ver sentada no colo de outro.

— Você não precisa me falar nada,

Liz! — falou quando tocou a maçaneta da porta para abri-la — Até entendo o motivo, você sempre obcecada em entrevistá-lo, ou descobrir algum podre seu. Sabia que se vocês se vissem pessoalmente eu não teria mais chances. Você é a mulher mais linda que já conheci.

— Matt, não foi nada do que você está imaginando... — deixei as palavras ridículas e tão clichês ecoarem entre nós dois.

— Oh, Deus! — murmurou irritado — Não faça isso! — vi os músculos do seu braço se tencionarem quando cerrou os punhos — Não diga que não é nada do que estou pensando. Olhe para você! — olhou para minhas pernas, claramente expostas — Sua imagem sentada nas pernas dele, vestida desse jeito, era o que eu pensava para nós dois...

Não consegui abrir minha boca, senti vergonha de estar vestida daquela forma na frente dele, além do embaraço que estava sentindo. A forma como me olhava me deixou enjoada, seus olhos me dissecando por completo. Ele estava com raiva, mas ainda assim dava para ver que me desejava.

— Matt, acho melhor você ir embora de uma vez. — um arrepio tomou por completo meu pescoço, e um cheiro familiar surgiu nas minhas costas.

— Até mais! — Nathan falou como se tivesse um trovão preso na garganta. Matt o encarou por alguns segundos, e eu continuei imóvel, como se minha língua estivesse grudada dentro da boca. Mas minha vontade era mandar Nathan ir à merda, e mandar Matt ir junto com ele. Porém, aquela maldita energia que senti quando o toquei pela

NACIONAIS - ACHERON

primeira vez tomou conta por completo do meu corpo.

— Até mais, Liz! — enfatizou meu nome com desgosto.

Matt fechou a porta com força. Não sei por qual motivo, mas achei que iria desmaiar. Minhas pernas ficaram moles como gelatina e os braços de Nathan envolveram minha cintura, ao me segurar. Queria bater nele, o afastar para longe de mim; nenhum homem havia me tocado desde os meus dezoito anos.

— Meu Deus, — resmunguei revirando os olhos — pare de me tocar! Me solte! — reclamei, tentando sair de seus braços. *Tive medo!* Medo de a angústia voltar a tomar conta do meu corpo e odiar o gosto do seu beijo, a sensação do seu toque... Mas que diabos estava pensando?

Esse homem, que com toda certeza estava envolvido com tráfico, junto com um dos grandes caras da máfia russa, Isaäk Markov, dono de uma fama não muito boa entre os jornalistas. Dizem que ele matou quase todos os jornalistas que tentaram investigar seus crimes, uns amanheceraam com a boca cheia de formiga, outros foram jogados da ponte, ou até de um viaduto qualquer de Manhattan. Perto de Isaäk Markov, Nathan G. Fox parecia uma criança inocente.

Isso era o que eu pensava!

— Qual é o seu problema em ser tocada? — perguntou confuso, olhando para o sofá onde passou a noite, ou parte dela.

— Como você entrou aqui? — virou para me avaliar com um sorriso de culpado

no rosto e aponte para a chave na fechadura
— Mágica?

— Não me faça perguntas difíceis... —
falou debochando, mas logo viu que eu não
estava de brincadeira. *E Deus sabe que
realmente não estava para brincadeiras!* —
Certo! — gesticulou para a porta antes de
falar — Arrombei a porta, quer dizer, eu
não. Lucius! — o segurança negro do
tamanho de um poste e da largura de uma
montanha tinha arrombado a porta do meu
apartamento? — Quando viu que não tinha
chave dentro da bolsa que entreguei para ele;
não havia outra opção.

— Agora que você já se explicou, pode
ir embora. — andei até a porta e abri para
que saísse, mas em vez de fazer o que pedi,
simplesmente sentou no sofá e cruzou as
pernas compridas e grossas. *Deus... Que*
NACIONAIS - ACHERON

bunda era aquela! Lizzie Radzimierski, se controle mulher, pensei, sacudindo a cabeça.

— Quem disse a você que quero ir embora? — estava sentado confortavelmente no sofá — Com uma vista atraente como essa, fica impossível querer sair daqui, e sem contar que ainda estou de pau duro. Você sabe mexer essa bunda... — e de novo aquele sorriso malicioso no rosto — Queria saber, — falou esticando o braço e pegando meu notebook na mesinha ao lado — o motivo de certos arquivos, que certamente deveriam ser confidenciais, estarem em uma pasta com o meu nome... — *Merda!* Deveria colocar senha nesses arquivos, mas sempre deixei para depois, confiando que ninguém mexeria neles.

Morava no pior apartamento do prédio, onde nem as baratas ousariam entrar por ser
NACIONAIS - ACHERON

tão sem graça, ou não ter nada para comer. E como dizia a mim mesma, várias e várias vezes – morava no cú do mundo, então achei que nada poderia acontecer.

Ele arqueou a sobrancelha esquerda esperando uma reação minha, mas não consegui me mover. O que havia de errado com o meu corpo? Era desmaiando, ou não se movia, assim como minha língua, que ficou presa.

— O que foi, senhorita Radzimierski?
— sua voz era macia, mas com um tom perigoso a cada palavra que saía de sua boca.
— O gato comeu sua língua? — arregalei os olhos, pois foi exatamente o que eu tinha falado para ele, quando toquei a sua mão pela primeira vez.

— O que você disse? — perguntei

ofegante. Senti o ar ficar pesado, meu peito começou a subir e descer devido a minha respiração acelerada.

— Vou repetir bem devagar para você entender! — assentiu com a cabeça e deixou o computador de lado ao se levantar, seguiu em minha direção e, quando ficou muito próximo a mim, continuou: — O-ga-to-co-me-u-su-a-lín-gua? — *Ele estava achando que eu era algum tipo de retardada?* Tinha entendido a pergunta, só não estava em condições psicológicas para responder. — Agora que repeti a última pergunta, vamos voltar à primeira: o que você está fazendo com arquivos confidenciais sobre mim? E quem, em sã consciência, deixaria esses arquivos desprotegidos? — ele não parecia nem um pouco preocupado com o fato de eu ter arquivos que continham pesquisas

minuciosas sobre sua vida política, além da sua vida particular; alguns desses arquivos o deixavam como suspeito secundário de uma quantia considerável de crimes que nunca foram solucionados.

— Não é da sua conta! — murmurei, e o que queria falar mesmo era: “*Vá tomar no cú e saia do meu apartamento, seu merda*”, mas meu corpo e meu sistema nervoso não estavam funcionando muito bem naquela manhã, e o que saiu da minha boca foi a pérola das pérolas: — O computador não é seu, é meu!

— Lógico que é! — meu Deus, ele estava muito próximo, apenas alguns centímetros de distância — Ainda mais quando estou tão duro perto de você e você está quase pelada, parada na minha frente e sem ar...

— Se você encostar os seus dedos em mim novamente, juro por Deus que arranco suas bolas, seu merda. Babaca! — antes que pudesse continuar falando, ele me agarrou de novo.

Qual era o problema daquele homem? Ele estava sempre me agarrando! Seus braços fortes envolveram minha cintura e me puxaram para ficar mais perto do seu corpo, e, meu Deus... Que corpo! Que músculos!

Tinha algo mais abaixo, que estava duro, e então um arrepio subiu pela minha espinha. Um arrepio dolorido e angustiante, que sentia apenas quando... Merda! Ele apertou minha bunda com uma das mãos, a minha cintura com a outra e depois largou a ambas, segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou com força; por um milagre divino consegui me libertar dele e, com toda

NACIONAIS - ACHERON

a força possível, soquei sua cara.

— Eu disse para você não tocar em mim! — berrei com as lágrimas quentes descendo por meu rosto.

Não olhei exatamente onde bati, mas parece que não foi com a força que imaginei. Ele se afastou apenas alguns centímetros e me olhou sem entender o motivo das minhas lágrimas. Foi quando notei que não bati em seu rosto e sim no seu peito. Nathan ficou parado me observando. Observando meus olhos arregalados de medo, enquanto algo sombrio tomou conta da minha expressão. Uma sensação de mal-estar surgiu dentro de mim e me deixou tonta, tudo foi ficando escuro, meus olhos ficaram mais pesados, meu mundo escureceu e então desabei. Consegui escutar sua voz ao fundo, me chamando: “Liz! Merda!”.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 8



O pânico mais uma vez tomou conta de mim e perdi por completo o controle do meu corpo. Pude sentir o seu cheiro, sabia que não havia ido embora, mas não o queria perto de mim. Não ele! Não depois do beijo quente e delicioso que me deu. O sabor da sua boca ainda estava guardado em minha memória e em minha boca. Abri meus olhos lentamente.

Minha cabeça girava. Reuni os fragmentos de força que ainda me restavam e me levantei com a intenção de ir até o banheiro, sabia que para isso teria que sair do quarto e passar pela sala. Coloquei a cabeça

NACIONAIS - ACHERON

para fora do quarto e o vi em pé, de costas, na minúscula cozinha. Alto, ombros largos e definidos, cabelos negros aleatoriamente bagunçados, quadril um pouco estreito, uma bunda perfeita. Deus me perdoe, mas tenho um fraco com bundas de homens, ficava extremamente excitada, e a dele era totalmente diferente das que normalmente olhava. Não chegava perto da perfeição, ela *era* a perfeição! Ele tinha um corpo sexy! Gostoso? Isso ainda não poderia dizer... O cretino ainda tinha um jeito sensual ao colocar a merda da panela no fogo... Espere! – observei melhor – Ele estava cozinhando? Droga!

— Vai ficar aí parada me olhando, ou vai se mexer e fazer o que pretendia? — não pude ver seu sorriso, mas o tom convencido em sua voz o denunciou; mexeu algo dentro

da panela, colocou na palma de sua mão e levou até a boca, murmurou um “Hummm!”, enquanto chupava o molho.

Apenas aquele som fez com que me contorcesse. Mesmo depois do que aconteceu, meu corpo ainda me traía, olhei para fora e percebi que já era noite. O que diabos ele fazia no meu apartamento ainda? Que horas eram? Por quanto tempo fiquei deitada?

— Certo! Vou me mexer. — falei antes de colocar minha cabeça e meu corpo de volta para dentro do quarto. Fui até o closet, peguei uma calcinha, mas, quando me movimentei para vesti-la, percebi que já estava com uma. *Meu Deus! Ele havia vestido uma calcinha em mim enquanto estava desacordada! Deus, isso estava acontecendo comigo!* Gemi com a ideia dele

passando os dedos por meu corpo e olhando para minha... Merda! — Por que você não vai embora? — saí do quarto como um raio, com raiva latente na minha voz — E que merda você acha que está fazendo na minha cozinha? Que negócio é esse de se achar no direito de me vestir uma calcinha? — pus as mãos na cintura e semicerrando os olhos, esperando sua resposta.

Ele se virou, olhou para mim encostado na pia e cruzou as pernas de maneira despreocupada. Com a colher ainda na mão a levou até a boca, passou a ponta da língua nela e chupou a maldita colher logo em seguida, fazendo o molho vermelho sumir bem na minha frente; quase caí no chão. Se ele passasse a língua daquela forma em mim, desmaiaria, ficaria louca... Ou morreria de uma vez por todas.

Meus olhos grudaram em sua boca, enquanto ele movia a língua por toda a colher, minha boca ficou seca com a lembrança do gosto da sua boca. Olhei para ele parado na cozinha, lambendo aquela maldita colher, usando um jeans mais apertado que tampa de Coca-Cola em dias quentes, a camisa branca marcando cada centímetro do seu corpo: abdômen, peito, braços... Cristo! Naquele momento, só consegui pensar que algo diferente estava acontecendo em minha vida. Subi meus olhos mais um pouco e percebi que ele me sondava com um sorriso no canto da boca e a droga da colher presa entre os dentes.

— Não pude deixar você no estado em que estava. — disse quando tirou a bosta da colher da boca e colocou na pia, ao lado do fogão. — E com relação à sua calcinha... —

fez uma pausa antes de continuar, era um filho de uma puta mesmo, aquele idiota estava se divertindo às minhas custas. — Foi necessário, pois suas pernas estavam constantemente se abrindo em minha direção, e posso dizer que é uma visão e tanto. — mordeu o lábio inferior, segurando o sorriso malicioso. Seus olhos cintilavam, o azul ficou mais intenso com a forma como me olhou. Ainda estava com a camiseta larga, porém, agora de calcinha. *Ele pôs esse pedaço de tecido em você, idiota!* — Posso dizer que tive que bater uma no seu banheiro, me imaginei entrando nela e a chupando com força...

— Meu Deus! — gritei horrorizada com o que tinha acabado de ouvir — O que você acabou de falar? Não escutei isso, de um cara que mal me conhece!

— Foi isso mesmo que você acabou de escutar — deu de ombros e se virou para desligar o fogo. Só então senti o cheiro da comida. Em uma tigela, ele despejou o macarrão e depois jogou o molho – o molho que estava na amaldiçoada colher dos infernos – e decorou com almôndegas. Andou até a pequena mesa que ficava no canto da sala e colocou a tigela no centro, foi nesse momento que percebi que havia pratos sobre a mesa — Você gosta de sorvete de chocolate, Liz? — por que diabos ele estava me perguntando aquilo, ainda mais depois de falar: *“Posso dizer que tive que bater uma no seu banheiro, me imaginei entrando nela e a chupando com força...”*.

— Sinceramente! — falei, conseguindo sair da minha pose de mulher indignada e passando para a pose de “foda-se o sorvete

de chocolate”. Queria gritar: saia do meu apartamento, mas murchei quando percebi que a comida estava apetitosa e minha barriga roncou, dançou e deu cambalhotas de fome. — Gostaria muito que você não fosse esse filho da puta que fica tentando me agarrar o tempo todo. — olhei para ele, e seu sorriso aumentou. — Qual é a graça?

— Você gemeu vinte minutos antes de se levantar. — falou coçando o queixo com seus longos dedos e com aquele sorriso malicioso na boca. — Chamou meu nome de novo. Qual foi a posição que peguei você dessa vez? Está virando um hábito, como você disse, *o tempo todo*! — não consegui acreditar que aquele cara existia de verdade. Ele só pensava em sexo... Ou chupar... Ou me olhar daquela forma! — Sim! — falou de repente, parece que conseguiu ler minha

mente e estava respondendo às perguntas que formulei em minha cabeça. Mal o conhecia e ele já estava querendo chupar minha boceta. Pode isso?

— Creio que você andou pesquisando minha vida mais do que deveria, não acha? — arregalei os olhos assustada e pensei na possibilidade de ele ter apagado tudo. Aí sim, meu mundo viraria de cabeça para baixo; era para eu deixar de ser burra e colocar a merda de uma senha no meu computador — Relaxe! Não apeguei suas pesquisas, que por sinal, achei de extrema competência. — pude sentir a sinceridade em sua voz — Mas, tenho que dizer que não é algo bom você ficar bisbilhotando minha vida, assim como meus negócios. — o tom de advertência estava explícito em sua voz.

— Não vou deixar que o brilho do sol
NACIONAIS - ACHERON

queime a minha estrela. — disse sem nem mesmo saber o que tinha acabado de falar, não conseguia raciocinar como uma pessoa normal perto dele e acabava saindo essas merdas da minha boca. — Não vou deixar que suas ameaças, ou avisos subliminares, ou seja lá o que você pensa que está fazendo, me detenham. — gesticulei com as mãos como em forma de explicação — Não sou do tipo que abaixa a cabeça e se esconde como um rato. E francamente, não consigo entender o que você ainda está fazendo aqui, por que não foi embora?

— Gosto desse seu jeito atrevido. — falou se afastando da mesa e vindo em minha direção. Ai, pai... Lá estava ele de novo, mordendo os lábios — Nota-se que você é determinada. Ainda nem abriu as pernas espontaneamente para mim, e isso é uma

raridade.

— Pare aí mesmo! — me afastei, mas foi inútil, fiquei encurralada na parede.

— Qual é o problema em ser tocada, Liz? — arqueou a sobrancelha com um olhar matador — Quem era aquele cara de hoje de manhã? — suas mãos me bloquearam, mas não me tocaram, mas isso não me trouxe segurança nenhuma; suas mãos estavam acima do meu ombro, apoiadas na parede, e eu a poucos centímetros dele. Ele umedeceu os lábios, passou a língua ao redor deles e voltou a morder novamente.

— Acho que não é essa a conversa que deveríamos ter! — falei sem fôlego, meus pulmões queimavam a cada inspiração e respiração, estava ficando difícil puxar o ar com Nathan tão perto.

— Isso é verdade, — balançou a cabeça, ponderando a questão — vou considerar isso uma forma de você dizer que não vai parar de vasculhar minha vida.

— Pode ter certeza que vou continuar vasculhando sua vida, nem que seja a última coisa que eu faça! — minha voz saiu firme. Quando se tratava do meu trabalho, nada e nem ninguém me impediriam de fazer como se deve. Tirou umas das mãos da parede e usou para tocar a ponta dos meus cabelos.

— Gosto da cor do seu cabelo — Hã?! — me faz lembrar o fogo. — sorriu para mim e me olhou como se estivesse procurando algo — Gosto da sua boca, e da forma como ficou quando me viu pela primeira vez. — falou convencido — Mas, odiaria que você prosseguisse com o que anda fazendo... Para o seu bem, você deve parar de me investigar.

— Olha, cara! — me abaixei, esquivando meu corpo para sair de perto dele — Não sei quem você pensa que é para vir aqui no meu apartamento e me falar tudo isso. Não sei se você achou que eu seria uma transa fácil, tudo bem que você estava entediado demais com sua vida agitada de modelos, boates e mundo político, mas, para ser bem honesta, não entendo o que você poderia querer com uma pessoa como eu. — andei até a porta, mantendo a segurança do meu corpo longe dele, apesar de que, no meio das minhas pernas, as coisas estavam totalmente molhadas. — Agradeço sua preocupação, mas sei me cuidar sozinha. — girei a maçaneta e abri a porta para ele ir embora — Faço isso há muito tempo e não vai mudar. Agora você pode, por favor, ir embora?

— Tudo bem! — falou colocando as mãos dentro dos bolsos da calça — Sua entrevista foi respondida, — gesticulou com a cabeça — mas, tive que apagar toda a conversa do seu gravador. As outras coisas estão no seu quarto.

— Boa noite, Nathan! — minha voz saiu formal, mas uma pontada estranha se formou em minha barriga. A energia estava se formando novamente entre nós. — Espero que não se importe de não ficar para jantar.

— Boa noite, Liz! Quem sabe um dia consiga jantar com você! Até outro dia! — meu nome saiu macio em sua voz, e fez a droga da pontada ficar ainda pior quando fechei a porta. Não sabia o que fazer, e nem mesmo para onde ir.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 9



Meu dia começou com o som estridente do alarme em minha cabeça. O dia de ontem foi estranho, muito estranho! Mais estranho foi ver todas as minhas perguntas respondidas com a caligrafia de Nathan, uma caligrafia forte e bonita. *Deus, aquele homem era de queimar os neurônios de qualquer mulher!* A lembrança do seu cheiro... Do seu corpo se movendo na cozinha e daquela maldita colher, que não me atrevi a lavar, me perturbou a noite toda.

Me arrastei para o banheiro, ainda com os vestígios do caos que minha vida havia se

NACIONAIS - ACHERON

tornado. Depois de tomar meu banho olhei a hora, certamente levaria uma bronca de Elijah devido ao atraso. Enquanto deixei o café sendo preparado na cafeteira, fui me vestir, mas parei para olhar o sofá, que agora não tinha a menor vontade de trocá-lo ou jogá-lo fora, pelo simples fato de Nathan ter dormido nele.

Coloquei meu velho uniforme, blusa bege, calça preta quase masculina e sapatos pretos de salto baixo. Nada de maquiagem, nada de nada pintando meu rosto. Não queria ter vestígios da Liz conturbada da noite anterior, aquela Liz parecia uma deusa de cabelos vermelhos, e eu... Era o oposto daquilo. Arrumei meu cabelo em um rabo de cavalo, suspirei e segui para cozinha; ainda tinham panelas sujas na pia e não tocaria nelas e nem na maldita colher. Quando

terminei o café, coloquei os documentos dentro da minha velha bolsa de carteiro, peguei o celular e resolvi olhar minhas mensagens, uma delas era de Tatiane, que parecia muito curiosa querendo saber sobre a entrevista, e a outra era de... Nathan? Resolvi ler a de Tati.

“Ouuuuu! Estou em cólicas aqui! Você poderia ao menos ter me enviado uma mensagem sobre como foi a entrevista com o gato de olhos azuis. Ele é tudo aquilo que mostra nas fotos, ou tem muito Photoshop? :/” — Ah! Com toda certeza não tinha Photoshop naquele homem. Sorri ao responder, mesmo sabendo que a veria em alguns minutos.

“Com certeza é tudo Photoshop >.< Vou ser profissional e informar que ele é um merda... Beijo! Chego já para começar a NACIONAIS - ACHERON

trabalhar” — queria mesmo era digitar que ele era mais que um merda. Um merda que faz a cabeça de qualquer mulher ficar fodida, apenas pela forma como lambeu a maldita colher.

A benção do meu Ford Escort não queria ajudar e resolveu me deixar na mão, não iria mais quebrar meu galho. Quando chegasse ao trabalho, Elijah arrancaria minha cabeça, seria o fim do mundo. Meu primeiro pensamento foi ligar para Matt, mas sabia que ele estava com raiva e provavelmente me colocaria na fogueira gritando: — QUEIMEM ESSA BRUXA! — com uma gargalhada sinistra, de arrepiar até os cabelos do orifício circular traseiro.

Não o queria magoar, mas não queria absolutamente nada com Matt, a não ser uma boa amizade. Adorava sua sinceridade e a

NACIONAIS - ACHERON

forma como era direto em tudo que falava, tirando a parte que ele gostava de mim, pois não daria certo. E ter me sentido incrivelmente perdida com relação à Nathan e seu beijo, não anulava o fato de ele estar envolvido com um mafioso russo, dono de uma reputação pior do que a dele, Isaäk Markov.

Quando cheguei ao The Poster pude ver no alto do prédio a fumaça saindo da cabeça de Elijah. *Droga! Meu dia começaria de um jeito não muito bom.* Antes que pudesse me acomodar em meu cubículo chamado mesa, vi a imagem de um anjo de pele branca e formas redondas vindo em minha direção, saltitando de um jeito nada típico. Tinha algo errado! Ou algo muito bom acontecendo na manhã de Tati, porque, para mim, aquela manhã parecia um inferno.

— Onde você escondeu seu pônei unicórnio cor-de-rosa? — perguntei com um pouco de sarcasmo na voz, enquanto ligava o computador para checar os e-mails.

— Shhhhh!!! — ela me puxou para o canto da parede, quase em êxtase — Se eu contar algo para você promete guardar segredo? — seus lindos olhos verdes exalavam excitação, suas bochechas estavam vermelhas e sua boca levemente rosada. Ela esperou até que assentisse, respirou fundo antes de abrir a boca e falar a coisa mais extraordinária que já tinha ouvido desde que comecei a trabalhar naquele jornal — É Elijah... — me olhou nervosa — Promete que não conta?

— Ah! — falei com curiosidade — Para de pedir isso, você sabe que não vou contar para ninguém mesmo. — arqueei a

NACIONAIS - ACHERON

sobrancelha a incentivando a falar, antes que eu explodisse em mil pedaços de curiosidade.

— Ele me beijou! — sussurrou, depois soltou um gritinho animado e levou a mão até a boca, preocupada com os olhares curiosos que passavam ao nosso lado. Sabia que Elijah não era de se envolver com as funcionárias, mas dava para perceber o modo como olhava para ela, e ela olhava para ele. Olhares medidos e castos, que sempre deixavam Tatiane de bochechas vermelhas, quase pegando fogo. Na realidade, nunca o vi saindo com ninguém ou esboçar algum interesse em qualquer mulher, fosse jornalista ou não — Ele me convidou para sair, o que você acha? Aceito? — seus olhos brilhavam de expectativa e minha única vontade era abraçá-la e espremer suas bochechas rosadas.

— Sério? — olhei para ela e, com minha melhor cara sarcástica, disse: — Ora, eu vejo como você fica em todas as vezes que olha para ele, e Elijah fala seu nome de um jeito meloso... Eca! Muito açúcar para meu organismo. E você ainda vem me perguntar se deve ou não aceitar o seu pedido para sair?

— Você sabe, as pessoas podem não entender... — murmurou um pouco triste.

— Que se fodam as pessoas! — falei um pouco alto — Se eu fosse você, estava cagando para o que as pessoas vão falar e pensar. Até porque você pode muito bem não falar nada para mais ninguém, curtir um ótimo jantar ao lado de um cara legal e quem sabe um sexo selvagem... — cruzei os braços e comecei a bater o pé nervosamente no chão, irritada pelo fato dela se importar

com que os outros falariam se soubessem que ela e Elijah sairiam juntos, como dois adultos.

— Tenho medo de que na hora... — deu de ombros — Você sabe... Ele não queira ficar comigo.

— Por Deus! — segurei seus ombros — Não pense besteiras. — suspirei e olhei no fundo dos olhos daquela doce criatura — Olha, conheço Elijah há mais tempo que você e nunca o vi convidar ninguém para sair. Se tivesse feito isso, eu saberia. Quem sabe, esteja procurando um relacionamento sério com você?

— Queria ter essa certeza! — não a queria triste e se agora ela era minha mais nova amiga, daria força e a ajudaria. — Ele é tão...

— Bonito? Sexy? Puta de um gostoso?
— sorri para ela antes de continuar — Você não tem ideia do quanto é bonita, não é?

— Ah! — ela revirou os olhos e bufou quando disse: — Sou a beleza em pessoa...

— Tati! — falei com o tom mais firme — Se você não parar com isso, vou dar um tapa na sua cara. E vai por mim, vai doer. Muito.

— Você não teria coragem de fazer isso... — seus olhos se arregalaram e ela levou as mãos até as suas bochechas no intuito de protegê-las.

— Experimente continuar com “ele é tão...” e “sou a beleza em pessoa...” para você ver do que sou capaz. — semicerrei os olhos de modo ameaçador — No almoço vamos comprar algo muito bonito para você,

e não tocaremos mais no assunto “ele é tão...”. Entendido?

— Você consegue ser tão delicada quanto um cacto espetando a bunda do diabo, sabia? E você também não vai escapar, vou virar você do avesso. Você vai ter que me contar como foi a entrevista com o gato Nathan todo poderoso. — sorriu balançando a cabeça.

— Você não sabia? — devolvi com um sorriso divertido — Meu segundo nome é diabo de saia — disse com orgulho. De repente ela parou de sorrir e percebi que parou de respirar, estava olhando séria sobre os meus ombros, para algo atrás de mim.

— Não faça nenhum movimento brusco! — disse advertindo com urgência — Não olhe agora, mas acho que você vai cair

dura quando souber quem está saindo da sala de Elijah. — sabe o que acontece quando alguém diz: “não faça movimentos bruscos, ou não olhe para trás”; está no automático do ser humano, em especial das mulheres, que giram a cabeça trezentos e sessenta graus para olhar. E foi exatamente o que fiz. Parecia a garota do Exorcista, e Deus sabe como queria não ter virado para olhar, mas a curiosidade é uma merda na vida de uma mulher, ainda mais na minha, que tenho a má sorte de ter a curiosidade em meu DNA.

Como um homem poderia ser tão perfeito usando terno? Um homem usando terno já era outro nível, e aquele metido sabia o que provocava nas mulheres quando passava ao lado delas. Acho que uma delas até sofreu um derrame no olho, apenas o observando caminhar em minha direção. O

par de homens perfeitos andando nos corredores do jornal fritaria o cérebro de muitas ali, e definitivamente iria angariar ódio eterno dos homens menos favorecidos de uma beleza sensual, e quase orgástica, como a deles.

Elijah, como sempre, estava usando roupas casuais: calça jeans, camisa xadrez de mangas dobradas até os cotovelos – o que o fez parecer àqueles lenhadores musculosos e divinamente gloriosos com cada pedaço do tecido colado ao seu corpo – e tênis. Usava o cabelo mais arrumado, e de longe se podia sentir o cheiro do seu perfume. Tatiane gemeu na medida em que Elijah ficava ainda mais próximo, e isso me fez sorrir. O que estragou com minha vida, pois quem estava ao lado de Elijah ficou muito feliz e devolveu um sorriso malicioso, achando que tinha

sorrindo para ele.

Nathan estava de tirar o fôlego, muito mais que Elijah. Exalava sexo por onde passava. As mulheres quase caíram no chão quando ele soltou o maldito sorriso de canto de boca, aquela boca que lambeu e chupou a colher em meu apartamento no dia anterior. Ele estava usando um terno azul-escuro, que definitivamente o deixava ainda mais delicioso, a gravata era fina e o terno estava aberto, mostrando a camisa de tecido quase transparente por baixo. *Só de imaginar aquele peitoral, aquele abdômen escondido pelo tecido, minha boca ficou seca.* Seus olhos azuis-celestes mostravam um ar divertido quando passava pelas mulheres provocando acidentes, e francamente, ele poderia usar um saco de papel na cabeça, que ainda assim causaria aquela reação. A calça

do infeliz estava tão justa que dava para notar os músculos de suas pernas se flexionarem enquanto andava. De repente, o gosto do seu beijo apareceu em meu paladar, me fazendo, sem perceber, elevar a mão até a minha boca e massagear os meus lábios. E claro, ele viu isso! O que me deu vontade de abrir um buraco no chão e esconder minha cabeça, assim como o avestruz quando está com medo.

— Algum problema com a sua boca ou com a sua cabeça, senhorita Radzimierski? — seu tom divertido me alertou que minha cabeça estava virada em sua direção e me senti ridícula, olhando para ele como as outras mulheres do ambiente.

— Senhor Fox! — o cumprimentei um pouco desconsertada, a droga daquele sorriso estava me matando. — Não existe nada de
NACIONAIS - ACHERON

errado com a minha cabeça, e nem com a minha boca.

— Lizzie, você pode deixar a entrevista na minha mesa? — percebi pelo canto do olho Tati corar quando Elijah olhou para ela — Assim que Zoey voltar com Matt, — Matt? Matt estava com Zoey? Como assim? Com aquela vaca oportunista? Elijah percebeu minha cara quase retorcida de raiva — É, eu também achei estranho ele pedir para cobrir matérias com ela, mas sobre isso conversaremos com mais calma depois. Tudo bem?

— Matt é adulto, Elijah! — não quis ser grossa, mas saiu naturalmente. Todos sabiam a reputação de Zoey, e como sempre estava querendo roubar minhas matérias — Tenho certeza que ele deve ter motivos para não querer ficar mais comigo,

NACIONAIS - ACHERON

profissionalmente. — olhei para Nathan, que me queimava com os olhos.

— Bom, como disse, — Elijah olhou para mim um pouco distraído, mas, ainda assim, falou de forma letal — conversaremos depois com mais calma. Tenho que mostrar a sala do nosso novo sócio. — pude sentir como aquilo machucava Elijah por dentro. Ter que abrir mão da direção do seu amado jornal era algo de cortar o coração, mesmo sendo necessário.

— Senhorita Radzimierski, — Nathan olhou para Elijah — gostaria de trabalhar em uma pequena equipe que estou formando para realizar uma pesquisa sobre as perspectivas do novo comércio exterior? Sei que você foi de alta competência em nossa entrevista. — seus olhos brilhavam com uma mistura de sarcasmo e divertimento

disfarçado em tom profissional — Sei que nosso querido Elijah não irá se opor, não é mesmo?

— Não posso responder por ela, Fox, ela toma suas próprias decisões. Acho que você deveria perguntar diretamente para ela. — vi a cabeça de Nathan pular igual uma bolinha de *pinball*, e minha vontade foi de abraçar Elijah e gargalhar alto. *Morra com a resposta!* Mesmo com a forma como Elijah falou, Nathan pareceu não se abalar com aquilo, pelo contrário, estava com um ar ainda mais divertido. *Aquele filho de uma puta presunçoso!* — Não me importo, desde que ela aceite espontaneamente. — será que o remorso estava batendo em sua consciência? Sim, adorava Elijah, e, se fosse para fazer com que o novo sócio se sentisse à vontade e feliz no jornal, eu aceitaria, mesmo

indo contra tudo o que pensava sobre Nathan. Aceitaria apenas por consideração a tudo que Elijah tinha feito por mim.

Tatiane parecia uma estátua parada ao meu lado, absorvendo tudo que estava acontecendo ali.

— Vou pegar um café, — ela falou de repente, me assustando — vocês gostariam de um café? Levo até a sala. — sorriu nervosa para Elijah. E como sabia que ela sorria para ele? Tinha praticamente um letreiro luminoso em sua testa, ajudando a destacar a cara de apaixonada. Entendia o que estava sentindo e, em socorro a ela, resolvi ser a primeira a falar:

— Por mim, não quero! — falei sorrindo para Tatiane.

— Senhor Fox? — parecia ainda mais

nervosa que o normal quando olhou para Elijah e perguntou: — Senhor Hunter?

— Um café puro. — respondeu Nathan, ainda olhando para mim.

— Você sabe como gosto. — Elijah olhou para as mãos, e então olhou de novo para Tatiane com um meio sorriso — Por favor!

Tati assentiu e saiu apressada; francamente, ela teria que melhorar aquele rubor todas as vezes que olhava para Elijah. Virei-me para Nathan, e disse:

— Certamente será um prazer fazer parte de sua equipe — juro que li os lábios dele sibilando a frase “O prazer é meu”, o que me fez ficar toda contorcida por dentro. O que aquele homem tinha que me fazia ficar fora de órbita quando chegava perto de mim?

— Você nos acompanha? — perguntou Elijah um pouco desconfortável.

— Não! — falei muito rápido, mas os olhos de Elijah revelaram que não era um bom dia para ficar ao lado de Nathan e discutir sobre seu tão amado jornal — Mas, assim que deixar a entrevista em sua mesa, apareço na sala do senhor Fox. — sorri para Elijah, que pareceu tirar um peso enorme de seus ombros.

Enquanto eles andavam pelo corredor pude apreciar a bunda perfeita de Nathan; me peguei mordendo os lábios e pensando “*Que bunda, meu Deus*”! Definitivamente tenho um treco por bundas de homens e, quanto maior e musculosa, mais os músculos do meu ventre se contorciam. Ele não podia me comer, mas nada me impedia de olhá-lo.

Nossa! Que pensamento totalmente
NACIONAIS - ACHERON

desnecessário.

Fui rapidamente até a sala de Elijah e deixei os papéis digitados sobre a mesa, claro que não iria entregá-los com a letra de Nathan, então digitei na madrugada, quase caindo de sono em cima do notebook velho; aproveitei e tive a decência de configurar uma senha, por pura vergonha. Junto com os papéis coloquei o cartão que ele me deu para comprar a roupa e os sapatos, que estavam muito bem guardados em meu closet, junto com a lembrança daquela noite.

Quando cheguei à sala, Nathan estava sentado na ponta da mesa de granito preta retangular com os braços cruzados, enquanto Elijah parecia explicar algo. Ele o ouvia atentamente, mas desviou o olhar para mim, como se estivesse me sentindo chegar perto dele. Sem abaixar a cabeça, endireitei os

NACIONAIS - ACHERON

ombros e entrei na sala, não me importando com os olhos dele sobre mim. Mas, para minha desgraça, novamente algo aconteceu. O telefone de Elijah tocou e ele pediu licença para sair, nos deixando sozinhos na sala, que estava começando a ficar pequena.

— Você realmente não precisa trabalhar aqui. — disse sem pensar. Nathan abaixou a cabeça e percebi seus lábios se moverem em um sorriso — Você está achando graça em alguma coisa, senhor Fox?

— Sei que não preciso trabalhar aqui, — falou quando olhou para mim — sou uma pessoa muito ocupada e dou atenção apenas às coisas que realmente quero dar, e estou olhando para uma delas nesse exato momento.

— Você só pode estar falando da

estante que está bem atrás de mim, tenho certeza. — fechei a cara, mas foi impossível não olhar para ele.

— Se é isso que você acha, — deu de ombros — as portas de baixo dessa estante são verdadeiramente admiráveis. — *Droga!* Ele estava usando as “portas” da estante para se referir às minhas pernas abertas em sua direção no dia anterior, o que me fez lembrar sua fala: “*Posso dizer que tive que bater uma no seu banheiro, me imaginei entrando nela e a chupando com força...*”. Homem dos infernos! Percebeu que lembrei e assimilei um fato ao outro. Quando se afastou da mesa e veio até a mim, quase sofri um infarto; ele estava mordendo os lábios novamente, me fazendo prender a respiração.

— Senhor Fox, preciso lhe avisar para manter distância? — perguntei um pouco

NACIONAIS - ACHERON

desconfortável. Puta que pariu! Aquele homem ia me agarrar em meu local de trabalho? — Se tentar algo, ou forçar algo, além de acertar seus estimados testículos, os arranco enquanto grito, pedindo socorro.

— Você certamente não faria isso com seus futuros brinquedos... — falou pendendo a cabeça um pouco de lado e se divertindo. *Meus brinquedos?! Nem pensar!* — Além disso, não fiz nada com você. Ainda não...

— Não acredito que relacionou as suas bolas como brinquedos... — falei, e procurei algo para me sentar. Quase caí, quando achei uma cadeira e sentei sem olhar.

— Você não tem ideia do que se pode fazer com minhas bolas. — sorriu se aproximando — Da maneira certa, você poderia usá-las para dar um prazer sem igual.

— inclinou-se para ficar mais próximo. Ele era enorme, não conseguia parar de olhar para aqueles olhos azuis brilhantes e penetrantes, enquanto continuava mordendo seus lábios como um animal que tinha acabado de encurralar sua tão premiada presa.

— Pegue suas bolas e engula! — rosnei, reunindo o pouco de força que o universo havia enviado para mim.

— Não sou bem eu que irei engoli-las. — Nathan sorriu maliciosamente. *Que inferno, onde estava Elijah que não aparecia?*

— Por você não me deixa em paz, seu bosta? — queria que aquela energia tão familiar não surgisse todas as vezes que estávamos perto um do outro. Quando sua

mão fez menção de tocar a minha, quase dei um salto da cadeira, mas congelei. Maldito corpo que não funcionava quando queria. Estava novamente ofegante. Um buraco... Um vórtice... Qualquer coisa poderia se abrir no chão naquele momento e me levar dali, para bem longe dele, e daquele cheiro gostoso que ele tinha.

— Simples! — deu de ombros, curvando-se sobre mim — Adoro sua boca suja e a forma como suas pernas se abrem, mesmo quando você está inconsciente. — mostrou todos os seus dentes, completamente perfeitos, em um sorriso de ofuscar até cego. Quase gemi. *Que diabos havia de errado com meu corpo?* Sabia que não suportava o toque de um homem por muito tempo, mas perto dele meu corpo reagia de uma forma completamente diferente. *Corpo traidor!*

Quando queria que funcionasse, ele apenas esquecia que eu existia, mas quando não queria, simplesmente fazia meu subconsciente abrir as pernas para Nathan.

Ódio mortal!

— Deus! — gemi.

— Não sou, mas se você quiser, posso virar seu deus. Quem sabe seu deus do sexo, trancando você por duas semanas em um quarto de luxo... — se ergueu ficando ainda maior.

— Oh! Deixe de ser presunçoso, seu filho de uma puta... — falei irritada. Como ele era tão dono de si?!

— Liz. — me olhou duro, mas a malícia ainda estava ali, e isso fez uma cachoeira no meio das minhas pernas — Se me chamar novamente de filho de uma puta,

eu esqueço que você aparentemente não gosta de ser tocada, arranco suas roupas e trepo com você para todos verem e ouvirem. — engoli em seco. *Ele não teria coragem de fazer isso, ou teria?* — Você não sabe o quanto estou tentado a fazer isso agora mesmo!

— Você não teria coragem! — semicerrei meus olhos de modo desafiador.

— Odeio quando duvidam de mim, senhorita Radzimierski. — seu sorriso presunçoso estava em batalha com o meu olhar desafiador. — Então, não me teste. Não sou tão paciente quanto pareço.

Capítulo 10



Desafiada e derrotada, era assim que me sentia naquele momento. A ideia dele não era nada ruim, e a imagem dele sobre mim, me tomando e amando o meu corpo, também não era de todo má.

— Sem palavras, Liz? — perguntou em um tom debochado — Aposto que você está me imaginando no meio das suas pernas neste exato momento... — por que ele tinha que ser tão safado?

— Ora, deixe de falar asneiras. — falei ao me levantar da cadeira e coloquei as mãos

na cintura, quase sem fôlego. Por que ele tinha que ser tão... Tão... Irritante?

— Desculpe! — falou Elijah ao entrar na sala. Nathan parecia extremamente relaxado, e eu me sentia uma merda a ponto de desaparecer com apenas uma descarga — Fox, — seu tom era de total preocupação — infelizmente teremos que desmarcar o nosso almoço... — Elijah olhou para mim, e soube imediatamente o que ele queria. *Merda duas vezes!*

— O café! — Tati entrou na sala, parecia um pouco nervosa. — Senhor Hunter... O seu com adoçante e... Senhor Fox, está como especificou — ela olhou direto para mim, e franziu o cenho — Liz, você está bem? — todos se viraram para me olhar, exceto Nathan, que olhou de modo discreto com sua infalível arte de me deixar

completamente sem ação.

— Ótima! — respondi endireitando os ombros — Não poderia estar melhor.

— Lizzie, — começou a falar Elijah. *Droga!* — você poderia acompanhar o Fox no almoço?

— Na realidade, — comecei — tinha marcado de almoçar com a Tati — olhei para ela, seus olhos suplicantes se concentraram em mim e em Elijah. Ela parecia tão apaixonada por seu lenhador tamanho “extragrande”, de corpo definitivamente comestível e dono de um carisma sem igual.

— Perfeito! — Nathan falou com um tom alegre — Vamos nós três almoçar juntos. — disse tomando seu café. *Filho de uma puta!* Os olhos de Tati se arregalaram imediatamente, pois iríamos fazer compras

para ela sair com Elijah, e, com Nathan no nosso pé, isso não seria possível — Algum problema? — perguntou, terminando de tomar seu café e ampliando o sorriso safado no rosto. A frase “Quem sabe outro dia eu consiga jantar com você” me veio imediatamente à mente, só que não seria um jantar e sim um almoço, acompanhada e sem o perigo de ele tentar pôr as mãos em mim.

— Tudo bem! — respondi de modo desafiador, iria me divertir às suas custas, assim como estava fazendo constantemente comigo. — Mas, antes, vamos ter que fazer uma pequena parada. Tudo bem, senhor Fox?

— Sem problemas! — respondeu.

Antes do almoço, na loja de lingerie, Tatiane parecia muito desconfortável pelo fato de Nathan ter nos acompanhado. Pediria

desculpas eternamente a ela por isso. O desgraçado parecia um ímã para mulheres. O Senador Fox em uma loja de departamento feminino era o acontecimento do ano.

— Em que posso ajudar? — perguntou a atendente morena que tinha o nome de “Angel” escrito na plaqueta. O jeito como olhava e comia Nathan com os olhos indicou que queria outra coisa, menos nos ajudar; sua atenção estava voltada explicitamente para Nathan, e pareceu que nem eu e nem Tatiane existíamos na loja.

— Na verdade, — ele olhou sedutoramente para ela e atirou um sorriso “molhe sua calcinha agora, ou morra” — eu não, mas as minhas amigas precisam de sua ajuda. — Nathan colocou as mãos nos bolsos da sua calça justa, fazendo com que seu terno se abrisse e mostrasse seu físico perfeito sob

NACIONAIS - ACHERON

a camisa quase transparente de cor branca, — Sei que você fará o possível para ajudá-las, belezinha — falou com a voz macia e piscou para ela. Achei que teríamos que reanimar a garota, porque ela quase tombou ao se virar para olhar para nós duas, mas não sem antes olhar para ele e engolir em seco. *Entendo você!* Pensei. Revirei os olhos com aquela atitude, senti um pouco de raiva pelo modo como ele, furtivamente, deu em cima da morena, e ela pareceu não acreditar na sorte em ter o senhor “Sou gostoso. Pode olhar”, flertando com ela.

Escolhi três conjuntos de calcinhas e sutiãs, não que fosse usá-los, mas realmente precisava de novas peças na gaveta do meu closet. Enquanto Tati optava por coisas mais contidas, eu abusava nas peças pequenas; em minha opinião, não existe coisa melhor do

que uma boa calcinha pequena e quanto mais fina melhor, de preferência.

— Qual é o problema? — perguntei um pouco intrigada.

— Não sei se o que estou fazendo é o certo! — deu de ombros — E se ele não quiser... Você sabe... — me olhou por baixo dos cílios realçados pela quantia generosa de rímel.

— Por via das dúvidas, vamos escolher uma coisa bem bonita e, se rolar algo... — falei calmamente — Você não precisa se preocupar, ele jamais faltará com o respeito, você só faz o que seu coração mandar. Tudo bem?

— Está bem — suspirou pesadamente. Seus olhos pareciam incertos, mas resolvi a ajudar a escolher uma peça de renda preta,

que deixaria sua pele branca em destaque, caso acontecesse algo entre eles.

Quando pegamos nossas peças para irmos ao provador, Nathan ria charmosamente para meia dúzia de atendentes. Uma delas, com uma cara nada inocente, parecia arrancar suas roupas com os olhos. *O que aquele homem tinha?* Balancei a cabeça, incrédula, e fiquei olhando o modo como ele conseguia deixar cada uma delas se afogando na própria saliva, apenas com um maldito sorriso. Quando ele virou a cabeça e nossos olhos se encontraram, pareceu que o mundo parou. E lá estava eu, parada, olhando como uma idiota, segurando calcinhas em uma mão e sutiãs em outra. Os olhos dele praticamente me colocaram no inferno; senti a sensação tão familiar entre nós dois, e desviei o olhar,

antes que se tornasse algo constrangedor.

Corri para o provador para experimentar o sutiã, já que calcinha é algo nojento de se provar em uma loja. Tirei minha blusa e o sutiã e fiquei agradecida a Deus por ter os seios do tamanho que sempre quis. Na verdade, gostava muito do meu corpo, só minha cor de pele poderia ser menos translúcida, mas, fora isso, eu sempre fui muito feliz com minhas curvas. Quando me abaixei para pegar o telefone, a cortina se abriu.

— Tati! — falei ainda de cabeça baixa — O que você acha do verde? — perguntei, mas quando olhei para cima, quase desmaiei. Nathan estava parado, escorado na parede, de braços e pernas cruzadas, e eu com os seios de fora, que ele olhava de forma faminta.

— Não sei você, — subiu os olhos para olhar diretamente dentro dos meus — mas minha cor favorita se tornou rosa, principalmente o rosa do bico dos seus seios... — *Deus! Que inferno!* Todo meu corpo tremeu, não apenas por ele entrar de surpresa, mas por ele ter olhado daquela forma para mim. Seus olhos azuis cintilavam de diversão e malícia — Quero muito eles na minha boca agora... — falou passando a língua ao redor dos lábios — São perfeitos, minha *Jessi Rabbit* — Ele me chamou de sua Jessi Rabbit?

— Por que você não age de forma normal? — tentei pegar minha blusa, mas ela não estava no local onde deixei, estava em suas mãos. Não tinha problema em esconder meus seios, mas não queria que ele me tocasse. Não sei como agiria se isso

acontecesse, se tocasse em mim novamente, se colocasse meus seios em sua boca... Quente... Macia... Não conseguia parar de pensar na sensação do seu beijo, e a ideia de tê-lo novamente na minha boca, chupando sua língua, explorando e pedindo a minha, me deixava fora de órbita. Completamente fora de órbita!

— Por que não me deixa mostrar a você o motivo de eu não conseguir agir de forma normal desde que a conheci? — perguntou com a voz rouca, mostrando a sua intenção. Descruzou os braços e as pernas e veio em minha direção.

— Nathan! — quase gemi ao falar seu nome — Por favor, não faz isso...

— Senhorita Radzimierski... — falou debochado, se aproximou mais e mais de

mim. Meus braços congelaram, e fui incapaz de levantá-los para cobrir meus seios — Agora me chama de Nathan? — seu sorriso malicioso no canto da boca deu lugar a um amplo sorriso, mostrando os seus dentes perfeitos e brancos — Onde foi parar o Senhor Fox? — eu, em um cubículo com Nathan, era igual a gato caçando rato dentro de uma caixa de fósforos.

— Não chegue perto... — avisei dando três passos para trás, me apoiando no espelho — Não se aproxime mais.

— Adoro a cor da sua pele, sabia? — segurou o meu sutiã por uma das alças, o levou até o nariz e inspirou profundamente — e o seu cheiro... — fechou os olhos enquanto falava — Seu cheiro é algo que não me deixa dormir direito ultimamente. — quando voltou a olhar para mim pareceu que

estava em chamas. Um fogo que sabia que me queimaria, me consumiria por dentro e por fora, a não ser pelo fato de que não o queria tocando meu corpo.

— Você é um doente, isso sim. — falei sem fôlego — Saia daqui, antes que eu grite. Seu filho de uma... — parei no momento em que ele avançou mais dois passos e ficou a poucos centímetros de distância. Os bicos dos meus seios roçaram no tecido de seu terno e minha pele ficou arrepiada.

— Por Deus! — fechou os olhos e inspirou novamente — Termine de falar. Vamos Liz, termine de dizer o que você começou... — aproximou seu rosto do meu e abriu os olhos — Você vai me fazer perder a cabeça e arrancar o resto de suas roupas se não terminar de falar. — a cabine parecia cada vez menor — Me chama de filho de

NACIONAIS - ACHERON

uma puta, Liz — a ameaça dele arrancando minhas roupas fez meu corpo paralisar.

— Você não manda em mim. Vá à merda...

— Fale agora ou vou prender seus braços acima de sua cabeça com uma das minhas mãos, enquanto a outra fará o trabalho sujo da história. — não compreendia Nathan. Se o chamasse de filho de uma puta, ele ameaçou rasgar minhas roupas e trepar comigo para todos verem e ouvirem, e agora, se não o chamasse, simplesmente iria me agarrar e me pegar à força. De qualquer forma, sempre estava querendo me agarrar, desde que nos conhecemos.

— Filho de uma puta. Satisfeito? — minha voz saiu baixa — Agora você pode, por favor, entregar meu sutiã?

— Me dê um beijo! — meus olhos quase saltaram e cheguei a me engasgar — Me dê um beijo e entrego.

— Não vou beijar você por causa de um sutiã! — semicerrei os olhos.

— Não? — perguntou sorrindo.

— Claro que não... — quando dei por mim, ele já estava com suas mãos segurando meu rosto, deixando minha blusa e meu sutiã caírem no chão. A sensação da língua dele buscando a minha, meus seios espremidos contra seu peito, em contato com o tecido do terno, suas mãos quentes na minha pele, era diferente de tudo que senti.

— Queria tanto comer você na noite em que foi me entrevistar, com essa sua boca suja e atrevida. — falou se afastando e gemeu puxando meus lábios com os seus. O

calor que vinha daquele homem não era normal. Minha pele começou a formigar, um sentimento de algo rompendo e me rasgando me deu calafrios — Deus! Você tem um gosto tão bom... Viciante... Minha Jessi Rabbit... tão doce! Meu doce!

Não sabia se gritava ou se retribuía o beijo, mas o medo me fez optar por tentar afastá-lo de mim. Do meu corpo. Não conseguia raciocinar direito com sua língua dançando dentro da minha boca. Meu objetivo sempre foi jogar toda a merda da vida dele no ventilador, mas algo estava mudando, e rápido demais.

— Não suporto ser tocada! — sussurrei, estava cedendo e lhe contando apenas o meu medo, mas não sabia o que esperar dele. Não queria que descobrisse o lado obscuro da minha vida. — Não

NACIONAIS - ACHERON

consigo... Não posso...

— Me deixe mostrar o quanto é bom ser tocada e amada por alguém — segurou meu queixo, ergueu minha cabeça e me olhou profundamente. Foi o suficiente para me fazer perder o fôlego.

— Nathan! — murmurei, quase chorando — Por favor, se afaste. — estava quase me curvando, quando ele compreendeu que aquilo era demais para mim.

— Me deixe ajudar você, Liz? — seu tom era preocupado — Não sei se acredita em paixão à primeira vista, mas me apaixonei assim que coloquei meus olhos em você. — não, ele não poderia se apaixonar por uma mulher como eu, não por uma mulher incapaz de passar para a segunda fase em um relacionamento saudável entre duas

pessoas. O meu plano de provocar e não ser tocada foi por água abaixo no momento em que descobri que sentia ciúmes de Nathan olhando para outras mulheres, mas isso não o isentava por estar envolvido com coisas ilícitas.

— Não! — senti lágrimas quentes escorrerem por meu rosto — Não quero... — meus olhos ardiam — Não quero que você toque em mim... Não quero que diga que está apaixonado por mim, por uma mulher que você mal conhece, uma mulher que não pode dar o que você quer. — reuni minhas forças, me abaixei e peguei minhas roupas do chão. Com a cabeça baixa, vesti o sutiã e a blusa, deixando de lado o fato de que ele me observava a todo o momento.

— Não vou desistir tão fácil assim, — falou exasperado, passando a mão nos

NACIONAIS - ACHERON

cabelos — quero você, Lizzie Radzimierski.
E vou conquistá-la.

—Vou prestar queixa por assédio, se continuar tentando me agarrar, Nathan. —
minha voz saiu séria, mesmo enxugando as
lágrimas — Apenas se afaste. Você pode ter
a mulher que quiser e escolheu a mim? —
balancei a cabeça e recolhi minha bolsa —
Não sou... — usei a mesma frase que falei
para Matt — Namorável, senhor Fox. Deixe-
me em paz.

Capítulo 11



Minha mente estava um lixo, mil coisas se passaram de uma única vez, congestionando meus pensamentos enquanto corria para o lado de fora da loja. Queria ficar bem longe de Nathan. Longe de uma falsa paixão, que ele tão descaradamente jogou na minha cara. Meu corpo estava tenso, minha respiração auditivamente ruidosa, minhas mãos suadas de nervosismo por tê-lo tão perto do meu corpo e não desmaiar aos seus pés. Aquela boca na minha... O gosto... A maciez... Não me deixaria levar por uma paixão repentina, ou

deixaria?

— Liz! — gritou Tatiane saindo da loja, mas não me virei para olhar, não queria perder tempo ali — Espere! — queria ir para bem longe. Longe de tudo, longe dele, de suas mãos, do seu cheiro.

Não olhei para trás, corri o mais rápido que minhas pernas conseguiram. Peguei meu celular e digitei uma mensagem rápida para Elijah:

“Elijah, desculpe, não poderei almoçar com o senador. Não estou me sentindo bem, estou indo para casa, depois compenso o dia. Lizzie”.

Olhei a tela e percebi que a mensagem de Nathan ainda estava lá para perturbar minha mente. Parei de correr e comecei a andar rápido. Passei o dedo na tela com a

intenção de apagar a mensagem, mas não consegui. Tive que ler.

“Verei você no jornal? — como ele conseguiu meu número? — Não consigo parar de pensar em você, Liz. O que faço, agora que senti o gosto da sua boca?” — *inacreditável!* Parei de andar rápido.

— Lizzie! — ouvi seu grito enquanto corria em minha direção, claro que ele iria me alcançar. Nathan parecia ser ótimo em exercícios físicos e isso se acentuava ainda mais por seu porte atlético. Parei, ou melhor, paralisei com o som da sua voz. *Por favor, corpo, funciona!* Pedi todas as minhas forças — Espere! — o tom de sua voz era de urgência, mas não conseguiria ficar perto dele.

Quando um táxi passou, fiz sinal para

que parasse e embarquei. Pela primeira vez, desde que conheci Nathan, meu corpo obedeceu. Entrei às pressas no carro, falei o endereço do meu apartamento e pedi para o motorista sair dali o mais rápido possível. Meus olhos ardiam, lágrimas escorriam demasiadamente quentes em meu rosto. Olhei para o lado, pude vê-lo levando as mãos aos cabelos e seus lábios formando uma linha rígida, com uma expressão frustrada.

Cheguei ao meu apartamento, bati a porta ruidosamente e me deixei deslizar por ela até sentar no chão. Deixei o restante das lágrimas, que ainda existiam dentro da minha alma, saírem. Olhei para o sofá velho e rasgado, a imagem de Nathan sentado me perturbou, mas sua imagem na minha cozinha me deixou ainda mais tonta. Meus

soluços e meus gemidos de dor ecoavam pelo apartamento. Com muita relutância, consegui me arrastar até o velho sofá, me deitei encolhida para cair em meu mundo de sofrimento e enfim encontrei um sono bem-vindo.

Minha mente estava esgotada, meu corpo doía, mas o pior foi a sensação de abandono que permanecia em mim. *E isso eu não poderia aceitar!* No sono bem-vindo, sonhei com ele. Em meu sonho, nós nos tocávamos e trocávamos beijos apaixonados; sei que seria bom se fosse algo real e, se ele não estivesse envolvido com tantas coisas erradas, seria perfeito. O fato de ser senador, e com a sua reeleição tão próxima, o deixava ainda mais em evidência. Ainda havia o problema de apenas uma parte do meu corpo conseguir ser tocada por ele, e como seria um

relacionamento assim? Onde só existiriam beijos? Sem toques, sem carícias, e sem o sexo? Não, isso não daria certo!

Com os olhos ainda pesados pelo sono, olhei em direção ao meu quarto, escuro e solitário. *Minha vida era assim, escura e solitária!* Nunca pensei em como isso tudo parecia tão deprimente, até sentir falta do beijo dele. Sentada no velho sofá em que ele dormiu, o azul dos seus olhos invadiu minha mente, assim como seu sorriso safado. Era noite e já passava das vinte horas, minha barriga protestou por comida, mas minha coragem de atender ao seu protesto era mínima, alonguei meus ombros e meu pescoço antes de levantar, e me arrastei sem vontade nenhuma.

— Você sabe o que fez? — congelei ao ouvir sua voz. *Droga!* Não podia ficar

NACIONAIS - ACHERON

sozinha com o meu próprio sofrimento? Será que ele iria me seguir toda hora? Mesmo depois de tudo que falei, ainda veio atrás de mim? Nem me daria ao trabalho de perguntar como entrou em meu apartamento, essa pergunta seria ridícula.

— Deus, você só deve ser muito imbecil! — murmurei baixo, de costas para ele. Nathan estava sentado em uma cadeira próxima à mesa da sala; como estava escuro e meus olhos inchados, não percebi que ele estava ali. — Terei que bater em você para que se afaste?

— Fiz uma pergunta... — fez uma pausa, sua voz era fria. Mas, não me deixei abalar por isso, não teria um relacionamento com Nathan. *Isso era o que pensava!* — Responda a merda da pergunta, Radzimierski. Você sabe o que fez?

— Não sei o que fiz e, a propósito, você é surdo? Falei que não quero você perto de mim, mas parece que isso não funcionou. — falei me virando. Nathan estava na penumbra da sala, de pernas cruzadas, com um dos braços descansando no encosto da cadeira, levemente inclinado para frente e o outro braço apoiado no cotovelo; os dedos de sua mão esquerda descansavam sobre seus lábios.

— Você me deixou, Liz! — sua voz passou de fria para um tipo de dor. *Como o deixei? Não tínhamos nada um com o outro!* — Como vou ajudar você, se passa a maior parte do tempo fugindo de mim? — descruzou as pernas e se levantou da cadeira, instantaneamente recuei. — Você gosta de mim, Liz! Sua boca ainda sente o gosto do meu beijo. — havia trocado de roupa, usava

calça de corrida preta, camiseta branca e tênis pretos. O jeito que ele ficou, sob a pouca luz que vinha da rua, me fez perder o fôlego. *Cabelos molhados e bagunçados, seus lábios me chamando...* Como ele conseguia fazer isso? Estava com raiva, mas ao mesmo tempo não estava. A verdade queria desabar sobre mim e passou sobre meu corpo como um rolo compressor; *eu o queria!* Mesmo não o conhecendo, mesmo sendo um senador, e que poderia ter qualquer outra mulher. — O jeito como está agora, mordendo esses lábios maravilhosos, mostra que estou certo. Diga que não estou errado... Diga que não me quer... Se conseguir me convencer eu vou embora.

— Nathan, por favor! — deixei meus ombros caírem, meus braços estavam pesados demais para assumir uma postura

defensiva, minha cabeça latejava de dor, o que me fez gemer baixinho — Não sirvo para você...

— Quem decide o que serve ou não para mim sou eu, Liz. — senti seu cheiro enquanto se aproximava — E agora decido que quero você.

— Estou uma bagunça, Nathan! — disse derrotada, minha voz mostrava o último fio de coragem que restava — Tanto por dentro quanto por fora, meu prazo de validade está vencido faz muito tempo.

— Me fale o que você tem, fale sobre seus medos, sobre você, Liz. — estava tão próximo que uma vontade de tocar seus cabelos passou em minha mente, mas se o tocasse, ele iria querer tocar em mim e isso eu não queria. — Prometo não tocar em você

sem sua permissão, prometo ser paciente com você, se é isso que precisa para ficar comigo. — seus olhos tinham um brilho de preocupação e fez meu coração se abrir com a dor que transmitiam. A promessa de não me tocar sem permissão era algo novo.

— Não. Por favor, não faça isso! — murmurei.

— Não sei ficar longe de você por muito tempo e não tenho planos de sair da sua vida, Liz. — senti o seu hálito gostoso sobre mim e seu cheiro de homem, quando se aproximou mais — Seja minha, que serei seu!

— Nathan, você não sabe o que está falando, pelo amor de Deus. Você mal me conhece e diz que está apaixonado por mim. — minha voz transmitia a dor do meu peito.

— Você leu minhas pesquisas, sabe que estou investigando você e agora vem com essa de que está apaixonado por mim? O que me garante que isso não é um truque seu, uma jogada para me desviar da investigação que pode me trazer reconhecimento e o respeito dos outros jornalistas?

— Você sentiu o mesmo frio na barriga? Aquela sensação de borboletas se debatendo dentro de você? — baixou a cabeça para olhar nos meus olhos — Eu sei, sei que você me quer. Eu quero você, e é assim que as coisas funcionarão. Preciso de você na minha vida, soube que você seria minha na primeira vez em que a vi.

— Não sabe o que está falando... Não sou uma propriedade para ser sua, ou um objeto, para você se sentir meu dono.

— Deixe-me amá-la, como merece ser amada! — aquela conversa estava me deixando cansada — Diga que não pensa em mim e vou embora. — abri minha boca, mas nada saiu, olhei para os seus olhos, que me queimavam por inteira. Fiquei chocada por não conseguir falar que o queria fora dali. Fora da minha vida.

— Vê as chamas dentro dos seus olhos? — fechei os olhos para poder terminar de falar — Elas me queimam... Me fazem querer sentir essa paixão que você diz sentir por mim, mas não posso, Nathan. Você faz parte de um mundo perigoso, onde Isaäk faz parte.

— Isaäk Markov não faz parte dos meus negócios, Liz. — sua voz saiu dura. — Nunca fará! É por isso que não quer tentar? Por achar que tenho negócios com ele?

— Não é só por isso, Nathan. — abri os olhos, percebi que me olhava profundamente — Não sou uma mulher completa, minha cabeça não funciona do jeito certo, meu corpo não funciona do jeito certo. Nada em mim funciona do jeito certo! — ele precisava perceber que não era somente o fato de ter negócios com um mafioso russo, era algo mais. Muito além do que eu poderia oferecer. Meu passado não era algo que gostasse de falar muito.

— Me beije, Liz! — pediu de repente e meus olhos se arregalaram pela forma intensa com que falou — Me beije! — pediu novamente — Prometo não tocar em você. Pegue meu coração, minha vida e minha alma. Deixe-me curar suas feridas. Deixe-me entrar em seu coração.

— Não posso! — como não pensar

NACIONAIS - ACHERON

nele, entrando na minha vida, entrando no meu coração? — Não do jeito que você quer, Nathan. Não fui feita para relacionamentos, fui feita para viver sozinha. E vou ficar sozinha.

— Se você me beijar e não sentir verdade no beijo... — seus olhos suplicantes estavam me fazendo ceder. Lentamente abaixou a cabeça, ficou próximo ao meu rosto e apenas alguns centímetros separavam nossas bocas. Colocou suas mãos para trás do corpo, me dando livre acesso para prosseguir. *Como resistir a sentir o gosto do seu beijo?* — Me deixe entrar na sua vida e deixo você entrar na minha. Meu mundo será seu, Lizzie Radzimierski. Serei seu, apenas seu.

Com medo de perder o resquício de coragem que aquelas palavras me deram, fechei meus olhos e o beijei. *Sem medo, pela*
NACIONAIS - ACHERON

primeira vez em toda minha vida! De início foi um beijo casto, apenas com os lábios colados, mas depois abri minha boca procurando a língua dele, que tão delicadamente me ofereceu; quando a chupei, o doce gosto do seu hálito me fez perder um pouco o medo. O jeito que falou que não me tocaria sem permissão, a forma e a força como falou, me deram coragem para prosseguir. Ele estava parado, apenas respondendo ao beijo e foi ali, parada em sua frente e enquanto nos beijávamos, que percebi a verdade que existia dentro de cada palavra dita por ele, cada incentivo para acreditar no que estava acontecendo. Ainda assim tudo aquilo era demais, mas algo ainda maior cresceu em meu peito, algo que queria explodir, e por um momento o medo pareceu uma coisa distante.

— Por favor, Liz! — sussurrou ainda me beijando — Quero ser seu, me deixe ajudar você. — aquele era o momento de decisão, de escolher sentir a sensação que tive quando o toquei pela primeira vez, sentir seus beijos e suas mãos em minha pele, sem medo.

— Não brinque com meu coração, Nathan. — respondi as suas súplicas ainda incerta do que viria no futuro. Deixaria ele me ajudar pelo simples fato de também ter me apaixonado por ele, reconhecia que estava em estado de negação em relação a isso. Tinha me apaixonado por Nathan, talvez muito antes de conhecê-lo pessoalmente. — Não suportaria ser abandonada ou machucada por ninguém, nem por você.

— Você não tem ideia do quanto me

NACIONAIS - ACHERON

faz feliz. — sorriu carinhosamente para mim
— Você é minha, Lizzie. Minha Lizzie.

Capítulo 12



Uma nova etapa iniciou em minha vida, com Nathan sendo parte dela. Senti a sensação de que estava subindo uma montanha-russa de milhões de metros de altura, e o medo do que poderia acontecer brotava na minha barriga. Queria acreditar que aquele momento tão perfeito não fosse acabar. Olhar para o mar infinito dos olhos daquele homem tão intenso era me perder em um caminho que sabia que não teria mais volta, um caminho que queria trilhar, mesmo com medo do desconhecido. *Agora, entendia o que significava borboletas na barriga!*

Nathan, em menos de uma semana, tocou profundamente minha alma e, nas últimas horas, tocou meu coração. Ele perguntou se eu acreditava em paixão à primeira vista; antes eu não acreditava em nada relacionado a isso, ao amor ou qualquer outra coisa que levasse a esse sentimento, até tocar sua mão pela primeira vez.

Meus medos... Meu medo! Minha vida! Meu passado! Tudo se resumia a conseguir encarar essas coisas e poder me abrir com alguém. *Como poderia me negar?* Negar-me a oportunidade de tentar, mesmo não conseguindo prever o futuro. Parada, olhei para aqueles olhos azuis perfeitos, e vi que esperavam uma resposta. *Eu, namorada de Nathan G. Fox!* Será que me acostumaria com isso?

— Vai me deixar entrar na sua vida?

— Sim! — minha voz saiu fraca pela intensidade das emoções entre nós.

Ele se afastou, pegou o celular e digitou os números na tela.

— Gretha! — esperou um pouco antes de continuar — Isso... Não! Pode ir. Certamente dormirei aqui. — me olhou sorrindo. Seu sorriso era uma mistura de satisfação com malícia. Mas ele prometeu não me tocar, ele quebraria essa promessa? — Às... — parou um pouco avaliando algo no pensamento e tornou a falar com a tal Gretha. — Sete. Isso... Boa noite, Gretha!

Desligou o celular, colocou sobre mesa e veio em minha direção; recuei com medo, mas ele parou. Levou as mãos até a borda da camiseta e a tirou, jogando-a no chão. Como descrever o corpo daquele homem? Perfeito!

Bíceps definido, peitoral largo e musculoso sem um fio de cabelo para estragar aquela pele espetacular e um abdômen digno de um deus grego, um guerreiro espartano. O jeito como o caimento de sua calça era perfeito na linha do quadril, como mostrava a perfeita e chamativa entrada para a felicidade, era de tirar o fôlego.

— O que pensa que está fazendo? — perguntei sem ar, mal conseguia tirar os olhos dele, do seu corpo, subi com os olhos até chegar a seu rosto de linhas firmes e fortes, e pude ver o quanto era maravilhoso.

— O que acha? — deu de ombros, seguiu em direção ao banheiro e, antes de entrar, acendeu a luz da sala; demorou um pouco até que me adaptasse à claridade — Vou tomar um banho — sorriu e segurou a cintura da calça, baixando-a de uma única

NACIONAIS - ACHERON

vez. Foi quando percebi que estava sem ténis e agora quase nu em minha sala, exceto por único pedaço de tecido que cobria a parte mais importante.

— Jesus! — gemi e levei as mãos ao rosto — Qual o seu problema? Não pode tirar a roupa dentro do banheiro? — na verdade, queria ficar olhando para seu corpo perfeito, mas olhar e não poder tocar era uma tortura.

Jogou a roupa de lado, sem a menor cerimônia, perto da porta do banheiro, ficando apenas de cueca.

— Vamos, olhe! — sua voz havia mudado, estava rouca e mais intensa — Quero que você olhe o que agora é seu.

— O que é “meu”?! Você só pode estar de brincadeira com a minha cara. — resmunguei e cobri os olhos com a mão —

Esse relacionamento nem começou direito e você já está dando uma de pervertido, quase pelado na minha frente?

— Seu! — quando falou com tanta firmeza, meu corpo ficou tenso. *Meu!* — Sou pervertido, nunca escondi e nem vou esconder isso, Liz. — pude sentir seu sorriso através das palavras — Agora seja uma boa menina e tire essa mão dos olhos, veja o quanto quero você. — relutante, desci a mão, mas baixei a cabeça e fechei os olhos. Constrangedor e excitante ao mesmo tempo; esses foram os sentimentos que percorreram meu corpo — Vamos lá! — seu tom divertido me deixou ainda mais nervosa — Levante a cabeça e abra os olhos, quer que eu vá aí e faça isso? — ameaçou de maneira divertida.

Aos poucos levantei minha cabeça.

Suspirei e busquei coragem sabe-se lá de onde, abrindo meus olhos devagar até ver a criatura mais que perfeita que já pude observar. Claro que não tive muitas visões como aquela, de Nathan pelado na minha sala... Grande... Grosso e ereto... De dar água na boca.

— Deus! — soltei um gritinho fino — Isso é... É... É... — gaguejei sem saber o que fazer ou para onde olhar — Grande... Duro... E grosso. Você é normal? — perguntei sem pensar e levei a mão até a boca. *Merda!*

— Sou o que você poderia chamar de *upgrade* em sua vida, Liz. — sorriu maliciosamente e piscou.

— Você vai ficar assim a noite toda? — perguntei nervosa.

— Duro... Grande e grosso? —

gargalhou com malícia — Não sou uma máquina, mas, se você quiser, podemos dar um jeito nisso...

— Não, seu babaca egocêntrico, filho da mãe! — respondi semicerrando os olhos para ele — Estou falando de ficar pelado, assim... Do jeito que está agora! Ai Jesus, vista sua roupa, ou entre logo no banheiro.

— Você quer? — perguntou mordendo o lábio inferior e sorrindo. Nathan, com toda certeza, era um pervertido de carteirinha, mas um colírio para meus olhos.

— Não! — respondi apressadamente, mesmo que meu corpo dissesse sim, ou melhor... Gritasse *“fique nu na minha frente, pelo resto da sua vida, delícia”*! — Você duro desse jeito não dá... — merda de boca que nunca ficava fechada na hora certa de

medir as palavras.

— Não vou. — levou a mão até a barriga e alisou cada músculo do seu abdômen — Tenho uma bolsa no seu quarto. — Hã? Como assim? Primeiro entrou, sabe Deus como, e agora tinha uma bolsa no meu quarto? Em pouco tempo tomaria conta de tudo.

— Oi?! — perguntei incrédula — Nem vou perguntar o motivo de você ter uma bolsa no meu quarto, tenho medo da resposta que vai dar. — balancei a cabeça irritada e fui até o quarto, a bolsa de musculação não era grande, então a peguei e levei até ele, que ainda estava parado, pelado, na porta do banheiro — Espere... — fiz uma pausa e pensei melhor no que aconteceu. — Você disse que vai dormir aqui, onde pensa fazer isso? E como sabia que o deixaria dormir

aqui? Como sabia que aceitaria você aqui?

— Não me faça perguntas difíceis... Porque você sabe a resposta para cada pergunta. — pegou a bolsa, piscou o olho direito para mim e entrou no banheiro, trancando a porta.

— Inferno! — suspirei. Minha barriga estava um oco, a fome não me deixava raciocinar direito; fui até a cozinha, retirei uma lasanha congelada, mas logo desisti, imaginei que ele também gostaria de algo para comer. Suas roupas denunciavam que havia se exercitado e precisava repor energia... Deus, não estava acreditando no que tinha acabado de fazer.

Peguei o cardápio de um restaurante italiano perto de casa, pedi canelone com molho de tomate e ervas-finas para mim e

capeletti de frango com molho de queijo para Nathan, sem saber ao certo se ele gostaria, mas se não gostasse... Azar o dele, eu comeria os dois, era muito boa de garfo. Antes que a comida chegasse, fui correndo para o quarto, me amaldiçoando mil vezes por não ter nada bonito para vestir e ter que colocar a calça do meu pijama de flanela vermelha e uma regata branca e velha. Prendi o cabelo e me olhei no espelho do closet antes de voltar para a sala. Nathan estava saindo do banheiro, com o cabelo molhado e a toalha ao redor do seu pescoço, apenas de cueca.

— Visão tentadora, não é? — sorriu e levou a toalha até o cabelo, terminando de enxugar.

— Deixa de ser tão convencido. —
seus olhos brilhavam de um jeito diferente
NACIONAIS - ACHERON

sobre mim. — O que foi?

— Você está linda, minha Jessi Rabbit.
— suspirou — Será que seria abusar da sorte
lhe pedir outro beijo? — meu corpo parou,
minha respiração falhou e meus olhos
saltaram para fora. Quando ia responder, a
campainha tocou. Salva no último segundo.

— Não! — fiz uma pausa — Quer
dizer sim, preciso de mais tempo para fazer
isso novamente. Então... Pedi o jantar. —
olhei para ele ainda parado na minha frente e
o questionei com o olhar se ficaria daquele
jeito para que pudesse abrir a porta. Com um
sorriso cínico na boca, pegou a toalha,
envolveu na cintura e levantou as mãos
fazendo sinal que havia entendido o que quis
transmitir com os olhos — Obrigada! — falei
e abri a porta.

— Oi, Liz! — disse o entregador — Jantar para dois hoje, hein? — a curiosidade de Eddei era irritante. Por várias vezes me chamou para sair, mas sempre recusava, pelos motivos mais que justificáveis. Além do meu medo, Eddei parecia ser aquele tipo de cara que não se contentaria em ficar apenas com as mãos nos talheres em um jantar com uma mulher. Era alto, tinha boa forma, até bonito se você fosse uma mulher sem exigências, mas não chegava nem um pouco perto da beleza do homem que estava no meu apartamento.

— Pois é, Eddei. — dei de ombros, querendo parecer indiferente — Quanto?

— Querida! — Nathan pareceu um lobo alfa demarcando território quando chegou perto de mim, sem me tocar, e abriu um pouco mais a porta. — Algum problema?

— antes que pudesse responder, Eddei falou:

— Nathan Fox? — perguntou surpreso. O modo como pareceu não acreditar que um homem como Nathan estaria comigo me deixou extremamente irritada. — Senador Nathan Fox... — o tom de descrença em sua voz me deu nos nervos.

— Eddei, certo? — perguntou Nathan pegando as sacolas — Não me leve a mal, mas quero que você seja bastante discreto sobre o que viu agora. — seu rosto assumiu uma linha mais rígida e séria — Eu e minha garota queremos ter uma noite agitada, assim como uma manhã tranquila, então seria de bom-tom que você não falasse para ninguém que estou aqui. Quero saborear uma noite perfeita com a futura Senhora Fox. — Eddei olhou para Nathan, depois para mim, como se eu fosse um alienígena, a aberração do

momento, perto daquela perfeição.

— Oh! — falou constrangido —
Desculpe, senhor Fox! — Nathan pareceu
satisfeito com o que tinha acabado de fazer e
isso incluía mijar – não literalmente –
demarcando território — Prometo que não
falarei nada. Agora entendo o porquê de ela
não querer sair comigo... — na verdade, não
sairia com ele nem se fosse o último homem
da terra.

— Obrigado! — Nathan olhou para
mim, jogou um beijo no ar e saiu logo em
seguida. Quando sumiu de vista, olhei para
Eddei e percebi que ele não sabia o que fazer.

— Boa noite, Lizzie! — desejou
quando o paguei.

— Boa noite, Eddei! — falei fechando
a porta na cara dele. Com a fumaça saindo

pelas narinas, encontrei Nathan colocando os pratos na mesa, de costas para mim. *Que bunda! Que musculatura incrível...*

— Você sabe que ele vai falar para todo o mundo, não é?

— E daí? — deu de ombros e pude jurar que estava rindo.

— E daí? — repeti nervosa — E daí que minha vida vai virar um inferno, sem contar que vou ser motivo de gozação dos outros.

— Você disse “gozação”? — falou quase gemendo, com um sorriso no canto da boca quando se virou e olhou para mim.

— Jesus amado, — resmunguei — você não pensa em outra coisa?

— Não com o que pretendo fazer depois do jantar... — todos os músculos do

meu corpo tensionaram. O que ele faria depois do jantar?

— O que você quer dizer com isso? — perguntei nervosa, quase enfartando — Você prometeu que não iria tocar em mim sem permissão.

— Se prometi, — falou calmamente — vou cumprir, mas quero fazer algo e isso só posso fazer depois do jantar. — sorriu de modo enigmático — Agora vamos jantar?

Nathan havia recolhido as roupas e guardado na bolsa de ginástica. Logo após o jantar, pegou uma cadeira e a levou até o quarto, posicionando-a para que ficasse de frente para a cama. Andou elegantemente pelo apartamento, fechou a cortina da janela, parecia o dono do mundo. A musculatura de suas pernas flexionava todas as vezes que se

inclinava.

— Não queria perguntar, mas vou ter que fazer isso. — falei intrigada, mas com medo da sua resposta. — O que pensa que está fazendo?

— Nada demais! — respondeu sentando na cadeira — Sente-se na cama e fique de frente para mim.

— O que você quer dizer com “nada demais”? — obedeci e sentei, ficando de frente para ele.

— Vou bater uma para você! — sorriu e abriu a toalha. Abaixo do tecido de sua cueca, pude ver algo crescendo.

— Não! — falei alarmada, já arregalando os olhos para ele — Você não vai...

— Não posso tocar em você e sempre

transo com a mulher que escolho para ser minha namorada, — começou a justificar sua atitude — pelo menos me deixe alisar meu pau enquanto olho para seus seios maravilhosos. — seus olhos me queimavam de uma forma profunda e intensa.

— Achei que íamos conversar! — falei sem ar. O sangue definitivamente subiu para minhas bochechas, me deixando corada. Não sabia nada sobre um relacionamento saudável entre um homem e uma mulher, mas tinha certeza que Nathan era pós-graduado, tinha doutorado e mestrado em como fazer uma mulher gozar apenas o olhando se masturbar.

— E nós vamos! — falou, mordeu e passou a língua sobre o lábio inferior — Mas, fiquei pensando em como seria foder nos seus peitos, como meu pau ficaria sendo

NACIONAIS - ACHERON

esmagados entre eles... Oh, Deus... Você não tem ideia do que quero fazer com eles agora. — sua mão estava sobre o tecido da cueca, subindo e descendo sobre toda a extensão do seu grande e grosso pau. — Daria tudo para chupar cada um deles até fazer você gozar...

— Nathan... — gemi sem saber o que fazer — Eu... Eu... Nunca fiz algo do tipo. — confessei envergonhada pelo modo como ele praticamente se amassava sobre o tecido.

— Isso me faz um filho da puta por ter tanta sorte. — falou gemendo — Faça uma caridade e me deixe ver seus seios...

Sem olhar e sem pensar muito, peguei a borda da regata e a tirei, inspirava e respirava com força. Nathan estava intenso, forte e poderoso com toda sua glória sentado bem na minha frente.

— O que faço agora? — perguntei sem olhar para ele.

— Olhe para mim, enquanto me masturbo... — sua voz era rouca, cheia de luxúria — Me deixe ver o quanto gosta da sensação de me observar alisando meu pau... Agora... — disse — Os segure e aperte com vontade, mantenha os olhos abertos enquanto observa. — estava em modo automático para todos os seus comandos, exceto permitir que me tocasse.

Nathan ergueu o quadril e abaixou a cueca, exibindo toda a extensão do seu pau. Levou três dedos da mão direita até a sua boca, deixando-os úmidos, e logo em seguida os desceu até a cabeça do seu membro, passou ao redor e fechou os olhos ao efeito do seu próprio toque. Sua imagem alisando seu membro, e a forma como me olhou, me

NACIONAIS - ACHERON

fez ficar de olhos arregalados com sua intensidade e ardor. Era de deixar qualquer mulher sem ar.

— Você é muito gostosa, sabia? — disse enquanto envolvia todo seu membro na mão, subindo e descendo lentamente — Está gostando do que vê? — perguntou de modo sensual. — Vamos Liz, responda.

— Acho que sim... — respondi sem jeito. A cena de Nathan alisando seu pau na minha frente ficaria gravada para sempre em minha memória.

— Você acha que sim? — rebateu com um pouco de ironia na voz — Sabe o que acho? — como não respondi, ele continuou — Acho que você deve estar tão molhada quanto o meu pau está duro. O que me diz? — quando falou isso, instintivamente apertei

as pernas, sentindo a umidade do meu sexo se espalhar ainda mais.

— Que estou muito molhada... — sussurrei olhando nos olhos dele.

— Vamos, Liz... — sorriu com aquele maldito sorriso no canto da boca — Tire essa calça e abra as pernas, para que eu possa apreciar a vista...

— Nathan... — falei quase sem ar.

— Largue seus seios maravilhosos e me dê a graça de ver sua boceta toda abertinha para mim... Úmida... Gostosa... — falou, lambeu os lábios e manteve os movimentos de sobe e desce no seu pau — Você se lembra da colher, Liz?

— Lembro... — quase arfei quando ele arregaçou todo o prepúcio, mostrou a glândula e passou os dedos da mão esquerda ao redor.

— Imagine o que vou fazer com ela, com sua boceta, quando resolvermos esse nosso problema de toque. — sorriu novamente — Vamos Liz, tire essa maldita calça! Meu pau não pode entrar em você, mas meus olhos podem ver e minha mente pode me imaginar entrando nessa maravilha que existe entre suas pernas.

Soltei os seios e fiquei em pé, um pouco sem graça por fazer aquilo. Nathan tinha um jeito forte e imponente e dava para notar que era tão mandão quanto eu. Devagar, fui descendo a calça, ficando sem nada em sua frente.

— Oh... — gemeu com força — Você é mais bonita do que tinha imaginado, Liz. Você é uma delícia! Agora se sente na cama novamente e abra bem as pernas... Mostre-me, minha Jessi Rabbit, o motivo pelo qual o NACIONAIS - ACHERON

meu pau lateja desde que a conheci... — percebi que os movimentos estavam se intensificando e seu olhar estava cada vez mais duro e pesado sobre o meu corpo. Diferente dos outros homens que me olhavam, com Nathan sentia algo diferente, sensual e avassalador sobre o meu corpo — Acho que vou gozar apenas observando o modo como você se senta na cama. Vamos lá, abra as pernas... — atendendo ao seu pedido, me sentei na cama novamente, abrindo as pernas em sua direção e me deitando na cama. Olhei para o teto, aquilo era mais do que pude imaginar. Era tudo muito intenso e quente.

O som da voz de Nathan perturbava cada pedaço do meu corpo.

— Ah... — rosnou — Isso... — pude ouvir o som da sua mão descendo e subindo

NACIONAIS - ACHERON

— Levante a cabeça e se apoie nos cotovelos, para que possa ver o meu desejo por você, quando gozar como um louco. — quando fiz o que me pediu, vi que todo o seu membro estava mais úmido, da cabeça até a base — Você está excitada, Liz?

— Sim, Nathan... — respondi, puxando todo o ar para os meus pulmões.

— Oh, querida... — gemeu mordendo o lábio — Leve sua mãozinha para ficar entre suas pernas. Lembre Liz, não posso tocar você, mas nada impede que você se toque para mim. — Sem pensar duas vezes, descii a mão direita até a minha boceta e comecei a esfregar meu clitóris, quase esquecendo de respirar. — Com um pouco mais de força, meu bem. Alise *ela* por inteiro para mim. Estou quase gozando... Mas, quero ver como você fica quando goza... — busquei minha

umidade e espalhei sobre todo o meu sexo e fechei os olhos com a sensação.

Era tudo tão proibido, tão cheio de pecado!

— Abra os olhos, meu doce. — pediu, voltei a olhar e me perder no azul arrebatador de seus olhos — Olhe para mim, quero ver você gozar também. Vamos meu bem, mais rápido. Castigue essa bocetinha por mim. — ao seu comando, intensifiquei os movimentos em torno da minha região sensível — Deus! — gemeu entre os dentes — Você vai me matar... — quando falou isso, me perdi. Meu corpo entrou em estado convulsivo, queimou cada parte, cada centímetro da minha pele.

Gozei alto, como nunca fiz, como nunca tinha sentido; nunca imaginei algo tão bom e intenso em minha vida. Precisava de

ajuda o quanto antes para poder sentir Nathan me amar, como havia dito que faria com tanto carinho.

— Quando me deixar amar seu corpo...
— sua respiração estava ruidosa — Vou adorar cada pedaço dele... — gemeu novamente — Preciso de você, Liz... — enquanto me recuperava do meu momento, Nathan atingia o ponto tão esperado do seu orgasmo; gozou com força e fechou os olhos, se masturbando.

Nathan abriu os seus lindos olhos e um sorriso largo se espalhou. Estava satisfeito pelo que tinha acontecido entre nós dois, sem ao menos termos nos tocado. Pegou uma toalha, limpou toda a porra que exista na sua mão e na extensão do seu pau, dobrou e deixou de lado, para depois subir a cueca.

— E o beijo? — perguntou, enquanto eu tateava em busca do lençol para me cobrir — Ah! Não. Deixe-me ficar olhando para você mais um pouco.

— Seu tarado! — puxei o lençol e cobri o corpo — Não sei o que você tem com essa sua voz macia, mas tudo tem limites...

— O limite de observar você gozando é um que posso considerar incrível. — sentou ao meu lado, mas com certa distância — Sabemos agora que você consegue me observar e sentir prazer. Isso é muito bom.

— Isso tudo é novidade para mim. — franzi o cenho e olhei para ele — Também não sabia que podia sentir desejo dessa forma.

— Vou ensinar outra forma para você, assim que estiver preparada. — fez uma

pausa e olhou para o chão — Liz, você é o caminho que me leva para casa e para todas as minhas esperanças. Vi em você algo que não consigo enxergar em mim. É complicado explicar isso agora.

— Nathan... — falei seu nome com carinho — Tenho medo de me apaixonar por você de uma forma que me faça sofrer. E se você não achar mais que sou esse caminho e, se por algum motivo, me perder nesse caminho?

— Impossível! — sorriu tristemente quando voltou a olhar em meus olhos — Não consigo explicar o que senti quando a vi pela primeira vez. Acho que foi o seu atrevimento que me atraiu de início, ou essa sua boca que se tornou meu pesadelo. Mas cada pensamento que tinha, quando estava sozinho, me levava até você.

— Não esperava me apaixonar por você, Nathan. Na verdade, nem sei o que sinto realmente, mas sei que sinto algo. — murmurei com a voz fraca — Agora, tudo parece estar tão amplificado, que não sei se vou suportar a força desse sentimento.

— Vamos com calma, — sorriu docemente — eu sei, — deu de ombros — temos muito que saber sobre o outro. Mas aos poucos perceberemos que nós nos merecemos. Disso tenho certeza, minha Jessi Rabbit gostosa.

— Eu dou... — arqueou a sobrancelha em questionamento, mas com um sorriso malicioso em sua boca perfeita — Ora — resmunguei — Deixe de ser tão... Tão...

— Gostoso? — gargalhou alto divertidamente.

— Estava falando do beijo, seu merda pretensioso! — fechei a cara e cruzei os braços enquanto segurava o lençol.

— O que você está esperando para me presentear com seus lábios deliciosos? — seu sorriso foi desaparecendo pouco a pouco, quando aproximou seu rosto do meu. Seu olhar alternava entre minha boca e meus olhos de maneira intensa.

— Coloque suas mãos para trás. — pedi e ele obedientemente o fez.

— Como você desejar, meu doce. — nossos lábios se tocaram e tudo no meu mundo ficou mais cheio de luz.

Capítulo 13



A luz da manhã através da janela me fez pular da cama, literalmente. Estava sentindo uma estranha felicidade. Parei assim que o vi, sentando na mesma cadeira onde horas antes tinha me deixado exposta, entregue e volátil, como nunca havia estado. Era um sentimento novo, que me fez prender o ar. Olhei para ele, suas pernas estavam cruzadas de modo elegante enquanto arrumava suas abotoaduras de prata com as letras *NF*, parecidas com a sua caligrafia. Forte e elegante. O relógio marcava seis horas, ainda estava nua e ele vestido com seu magnífico terno de cor cinza grafite, só Deus

sabe de onde ele tirou aquele terno.

A cor do terno combinava perfeitamente com o azul dos seus olhos. Um azul no qual agora queria mergulhar e me afogar por inteira. Seus cabelos estavam úmidos e bem penteados, sua barba estava por fazer, o que deixava seu queixo e as maçãs do rosto mais firmes, com cara de homem que gosta do perigo, e mesmo assim, sua pele parecia mais que perfeita.

O sentimento bom estava ali, mas o medo de que não fosse durar me deixou inquieta, quase assustada. Enquanto o observava, um sorriso esplendoroso se formou no canto de sua boca, um sorriso de satisfação por me pegar babando por ele. Mas não foi apenas seu sorriso ou como estava divinamente lindo, foi seu cheiro. Seu perfume tomou conta da minha mente e do

meu corpo.

— Gostei do terno! — consegui falar, quase sem ar.

— Gostei e gosto da sua bunda! — seu sorriso se ampliou ainda mais, com meu constrangimento por causa da minha nudez esquecida. Não conseguia ser tocada, mas morreria para ficar em uma ilha deserta, com ele pelado, repetindo o ato memorável da noite passada.

— Droga! — xinguei e corri para o closet, peguei uma calça e uma blusa de cor verde-claro — Sabe, — comecei a falar — você poderia ter esperado na sala. — falei querendo parecer irritada, mas falhei miseravelmente. É claro que estava feliz por tê-lo como a visão perfeita logo pela manhã, e acho que me acostumaria com isso —

Assim, não olharia para essa sua cara medonha e nem você para mim com o cabelo de assombração. — quando voltei, ele permanecia sentado e abafando o riso.

— Não acho que pareça uma assombração e se você se acha parecida, — deu de ombros — adoraria comer uma como você a cada dez minutos.

— Você mal acordou e já está pensando nisso? — cruzei os braços, fechei a cara e fiquei de frente para ele, mas não por muito tempo.

— Não consigo evitar! — sorriu — É mais forte do que eu. Ser safado é algo religioso, quando se trata de mim.

— Como você está? — perguntei tentando mudar de assunto — Dormiu bem?

— Não dormi aqui, Liz. — o seu rosto

de repente ficou sério — Na verdade, houve uma emergência em uma das casas noturnas e isso tomou mais tempo do que imaginei, um tempo que queria somente para você. — ele pareceu irritado, muito irritado com o fato de ter saído na madrugada para resolver algo. Será que tinha alguma coisa a ver com Isaäk Markov? E como não escutei ele sair?

— Foi algo grave? — tentei parecer casual, mas nenhuma jornalista que se preze pergunta algo de modo casual em uma situação como aquela.

Ele esperou mais um pouco antes de responder, respirou e abriu a boca, mas logo fechou, acho que incerto se contaria alguma coisa, ou não. O semblante de Nathan estava pesado e cada vez mais sério, o que não me deixou muito à vontade. Estava começando a me habituar com ele sendo um tarado, mas

NACIONAIS - ACHERON

vê-lo tão sério e preocupado me deixou com o coração na mão. Não havia muito tempo que o nosso relacionamento tinha começado, ou melhor, não tinha completado nem vinte e quatro horas.

— Nathan! — comecei — Você pode falar.

— Só o que posso dizer é que... Todos os meus erros, daqui para frente, terão consequências que podem causar danos colaterais, quase mortais. — virou o rosto e olhou para a janela de maneira pensativa — Fiz coisas, Liz, das quais não me orgulho. — consegui sentir como sua voz estava triste. — Até que encontrei você.

— Não sairei daqui! — falei apresada — Não sairei de perto de você, se é isso que está pensando.

— Fico muito feliz, mas tenho medo que meu passado e presente, — voltou a me olhar — façam com que você fuja de mim.

— Não vou fugir, — sorri meio torto — se você não fugir, ou se cansar de ter uma namorada como eu em sua vida — isso o fez de alguma forma sorrir.

— Farei o possível para que isso não aconteça, não pretendo ir a lugar algum sem você, senhorita Radzimierski. — fez uma breve pausa antes de continuar — Mas, primeiro, quero ajudar você. — tentou escapar do assunto. Olhei o relógio, percebi que estava muito atrasada e isso faria com que Elijah comesse meu fígado frito, com rodela generosas de cebola.

— Você não vai trabalhar hoje. — disse ao se levantar da cadeira, abotoando os

dois botões do seu terno.

— Oi?! — parei, chocada — Como assim não vou trabalhar hoje?

— Falei com Elijah e disse que hoje você iria ao médico.

— Você não fez isso, fez? — gritei com raiva — Seu filho de uma puta... — esbravejei — Mal começamos um relacionamento e já vai se metendo no meu trabalho, na minha vida!

— Me chame de novo de filho de uma puta e vou ter que pegar você à força — alertou.

— Droga! — resmunguei — Você poderia ter me...

— Avisado! — terminou a frase. Um pânico veio à mente: se ele avisou e Elijah entendeu que havia algo entre nós dois?

— O que exatamente você falou para Elijah?

— A verdade! — falou e se levantou da cadeira indo em direção à porta.

— Deus... — gemi e senti meus ombros pesarem como concreto — Não acredito que fez isso!

— E por falar nisso... — o som de líquido sendo despejado ecoou, e logo soube que ele havia preparado o café — O que você quis dizer com a parte de virar gozação se os outros descobrirem nosso namoro? Porque acho que, quando Elijah escutou, teve um ataque de risos. E olha que ele nem gosta muito de mim.

Arrastei-me para o banheiro, o queimeei com os olhos quando levantou uma xícara fumegante para mim e abriu um sorriso do

tamanho do *Grand Canyon*.

— Vá para o inferno, seu escroto! —
falei mal-humorada — Você sabe muito bem
do que eu estava falando...

— Não, não sei. — levou a xícara à
boca enquanto fui para o banheiro — Ilumine
minha mente.

— Você viu minha pesquisa sobre sua
vida, — resmunguei enquanto escovava os
dentes — todos sabem que minha meta e
meu maior desejo era jogar seu nome na
merda. — enxaguei a boca e lavei meu rosto.

— Era?! — pude sentir o sorriso
através de sua voz.

— O que você quer que eu diga? — saí
do banheiro, ainda enxugando o rosto — Que
estou caidinha por você, e que, quando sorri,
me desmancho?

— Isso seria muito bom.

— Nunca contei isso para ninguém, Nathan. — falei sinceramente — Certas coisas ficam melhores quando são deixadas no passado.

— Não quando o passado não permite que você seja feliz, Lizzie. — arqueou a sobrancelha bem desenhada em preocupação — Pretendo me abrir com você, meu doce, mas quero que confie em mim, só assim poderei te ajudar.

— Eu confio, ou melhor, quero começar a confiar em você. — não consegui acreditar em como aquelas palavras saíram da minha boca de uma forma tão verdadeira que me tocou a alma.

— Quantos anos você tinha? — a pergunta que tanto eu temia surgiu e me fez

ficar enjoada e tonta, a ponto de precisar urgentemente sentar... Fechei os olhos e respirei, para então abrir minha boca e dizer:

— Oito anos — respirei mais fundo e prendi o ar, sem olhar para Nathan; senti sua voz engasgar.

— Oito anos? — perguntou chocado — Miserável filho de uma cadela! — rosnou de uma forma que senti todo o seu ódio percorrer meu corpo — Ele espancou você? — sua respiração estava ruidosa — Por isso... É por isso que você não consegue... — falou entendendo um dos motivos — Eu... Eu... — quando abri os olhos, Nathan estava de punhos cerrados, olhos fechados e espremidos, tentando expulsar a ideia de uma criança indefesa sendo abusada. — Mato esse... Droga! — se agitou, passando as mãos no cabelo exasperadamente, seus olhos

estavam angustiados. *Meus lindos olhos azuis-celestes estavam cheios de preocupação e algo mais. Tinham compaixão por uma menina que não existia mais, no lugar existia uma mulher quebrada e com muitos traumas* — Esse cara merece queimar nas profundezas do inferno por estragar você...

— Nathan... — minha voz foi baixa, estava quase vomitando a bile só em pensar no que tinha me acontecido — Não acho que se pode estragar o que nasceu estragado — baixei a cabeça, senti lágrimas começarem a arder, queimando meus olhos.

— Que merda você está falando, Liz? — ele estava com raiva, estava irritado, mas seu olhar sobre mim não havia mudado, permanecia me olhando com compaixão.

— Minha mãe... — virei o rosto, para esconder a vergonha do que iria revelar — Era uma prostituta e tudo aconteceu depois que encontrou alguém que quis casar com ela, mesmo tendo uma filha para terminar de criar. Acho que tudo foi minha culpa... — falei quase soluçando — Eu era a garota que estava no meio dos dois... Antes, ele apenas me aliciava, mas quando soube que ganhei uma bolsa em uma faculdade... Quando aconteceu de verdade, fugi de casa.

— Deus! Como queria abraçar você... — sua angústia em não poder me tocar era a minha em não poder sentir seu toque — Não foi sua culpa, Liz! Nada do que aconteceu foi culpa sua! Pelo amor de Deus... Sua mãe é uma vagabunda... Desculpe, mas não consegui me segurar! — levou o punho até a boca e mordeu com raiva. — Você era

apenas uma criança...

— Agora não importa mais! — queria um buraco para me enfiar e ficar ali por séculos. Ter uma parte do meu passado revelado não estava me fazendo bem.

— É claro que importa! — se ajoelhou próximo a mim, mas sem chegar perto — Me importo com você...

— Ninguém nunca cuidou de mim, Nathan. Por isso tenho tanto medo de me apaixonar por você e não corresponder como merece. — o olhei tristemente.

— Depois de descobrir isso tudo, — me olhou com carinho — minha vida só tem sentido porque você está nela. Vou cuidar de você. Vou amar você como nunca foi amada. Prometo ser o melhor homem que você já viu na vida! — não foi pelo que ele falava,

também acabei me ajoelhando, mas sim por de ter me lembrado de tudo que aconteceu comigo.

— Acho que vou vomitar! — falei, corri para o banheiro, caí de joelhos, abri a tampa do vaso e coloquei para fora um líquido amarelo com gosto amargo. Nathan apareceu na porta, mas nada pode fazer. — Você não precisa ver isso... Desculpa! — choraminguei. — Não vomitei por você ter dito que cuidaria de mim, mas pela lembrança.

— Entendo você, Liz, as lembranças ainda a perturbam... — sua voz era firme, mas carinhosa.

— Agora é o momento certo para você decidir que não me quer mais. — articulei ao me levantar; fui para a pia, lavei minha boca

e escovei os dentes novamente.

— Já falei Liz, — colou as mãos no bolso da calça — não vou desistir tão fácil de você...

— Cada maluco com sua mania. — sorri sem vontade — O cara pode ter a mulher que quiser e escolhe a mais estragada que existe no mundo. — balancei a cabeça, incrédula.

— Ande! — tirou uma das mãos do bolso e olhou as horas no relógio — Estamos em cima da hora... — falou e voltou para sentar novamente no sofá — Espero que você seja bem rápida.

— Oh! — debochei ainda sem humor — Claro, senhor! — disse — O senhor quer que eu deite, role e me finja de morta também?

— Humm... — ponderou antes de responder — Deitar... Rolar... Até que são ideias bem atrativas e, com toda certeza, quando você estiver deitada e rolando comigo, não vou querer que se finja de morta... Agora vamos, meu doce.

— Safado! — murmurei revirando os olhos.

— E Liz... — falou e virei para olhar para ele.

— Sim!

— Sou um filho da puta sortudo.

— Posso dizer o mesmo... — sorri com um pouco mais humor — Você é um filho da puta, sortudo.

— Agora pare de me olhar com cara de quem quer ser comida. — abriu um enorme sorriso sacana — Porque não posso atender

sua vontade... — mordeu o lábio inferior e
segurou a risada — Ainda não!

Capítulo 14



A motorista negra do outro dia estava ao lado do carro preto. Acho que era um ano mais velha que eu; sua atitude mostrava firmeza e demonstrava ser altamente profissional. Agora que pude vê-la com mais clareza, Gretha era de tirar o fôlego, não só por sua beleza incrivelmente exótica, mas também por seus olhos azuis exuberantes. Azuis como os de Nathan.

Uma pontada estranha percorreu meu corpo e isso me deixou inquieta. Senti meu coração apertar, mas não olhei para Nathan, não queria que visse que algo estava errado, não além do que já estava. Nathan não podia

NACIONAIS - ACHERON

pegar na minha mão, não conseguiria que ele fizesse isso sem que desmaiasse ou tivesse um surto. Mas, nos últimos dias, pareceu que algo havia mudado. Não sabia o que era, mas talvez fosse por ele ter entrado em minha vida e, em menos de uma semana, virar meu mundo. Nunca fui romântica, também nunca tive motivos para sê-lo com homem algum, porém, sentia uma necessidade de mostrar a Nathan que, mesmo que não me tocasse, eu seria dele. Só precisava que meu cérebro e meu corpo colaborassem com isso.

Acho que, com o passar de sete anos, eu era praticamente virgem. Admitir isso era doloroso tanto pelo fato de não ter me entregado a alguém que eu quisesse como também por ter sido arrancado contra a minha vontade algo tão importante na vida de uma mulher. Era muito... Muito doloroso.

Não contei tudo para ele, era nova nisso de relacionamento e queria conhecê-lo também. Nathan parecia o dono do mundo, e juro que minha vizinha da frente se mataria para trepar com ele; acho que até rastejaria no deserto do Texas, ficaria uma semana sem água ou até venderia um rim para que isso acontecesse. Mas lá estava ele, ao meu lado, olhando para frente com a cabeça erguida, todo imponente, com a mão no bolso do terno e uma sobrancelha erguida, olhando para Gretha.

— Algum problema? — perguntou quando passamos pela portaria. Seu tom era de preocupação.

— Nate... — Nate? Ela o chamava de Nate? Pareceu algo tão íntimo que aquela sensação esquisita se tornou mais forte em minha barriga e percorreu todo o meu corpo.

Ela parou e olhou para mim, abriu um sorriso que jurei que era verdadeiro — Se você não quiser dar explicações aos jornais sobre o que o senador Fox estava fazendo no subúrbio de Nova Iorque, acho melhor irmos. — Nathan olhou para mim e depois para ela, acho que notou que não abriria a boca.

— Gretha... — ele olhou para mim — Essa é minha namorada. — a palavra namorada saiu de uma forma tão diferente aos meus ouvidos, que se não fosse tão perturbada, teria montado em cima dele e beijado aquela boca maravilhosa — Lizzie. E Liz... — fez uma pausa — Essa é minha irmã, Gretha... — senti meu queixo cair sem a menor cerimônia. Sua irmã era sua motorista? Que tipo de irmão faz isso com a irmã?

— É um prazer conhecê-la, Liz. —

sorriu, estendeu a mão e automaticamente a apertei. O sorriso dela se ampliou ainda mais, Gretha tinha o mesmo jeito de sorrir que ele, só que sem a sacanagem no meio — História longa... — cantarolou divertida, lendo meus pensamentos. Nathan tinha a pele bem mais clara que Gretha, cuja pele era negra, de um tom amendoado. Perfeita e fabulosa. Juro que queria tocar nela e me agarrar, lógico, depois de saber que aquela perfeição de mulher era irmã dele.

— Vou adorar escutar. — falei perplexa, mas estava bem mais relaxada agora. Eu tinha um sentimento de posse em tão pouco tempo que parecia ridículo. *Era ridículo! E se não me curasse? E se ele cansasse de esperar por uma mulher quebrada?* Afastei esse pensamento. No momento, queria tentar. Tentar seguir em

frente e ser uma mulher de verdade, respirar finalmente. Gretha abriu a porta para mim, mas recuei e ela me olhou sem entender — Você não precisa fazer isso. Você é irmã dele. — ela sorriu, se aproximou de mim e disse:

— Vamos fingir que isso é uma brincadeira, está bem? — sussurrou, apenas eu e Nathan escutamos — Sou a motorista dele, mas ninguém precisa saber que sou sua irmã. Ele explica melhor para você depois. — deu de ombros — Já que me apresentou a você, devo acreditar que é muito importante para ele e, sinceramente, gostei de você.

— Mas ainda assim parece errado...

— Gostei dessa, Nathan! — soltou um sorriso largo e mostrou novamente os dentes brancos perfeitos e os olhos azuis-celestes

cintilando de alegria — Finalmente uma que não é cruzamento de vaca com vadia... — Nathan olhou para mim e pareceu divertido com a situação.

— Uma hora eu tinha que achar o meu número. — olhou para a irmã, que abriu a porta ainda mais. Nathan entrou, me olhou e esperou que o seguisse.

— Vamos! Não quero ter que bater em alguns jornalistas. — Gretha sorriu, mas falou sério, então entrei no carro e mantive certa distância de Nathan.

Certo! Vamos lá. O homem era envolvido com a máfia, tráfico de drogas e de mulheres, além de bater um papo com Isaäk Markov e ter sua irmã como motorista. Reviraria Nathan para saber tudo dessa história louca, iria dissecar seu cérebro até

me contar tudo. Por enquanto, minha maior preocupação era saber para onde iria me levar, mas me sentia segura com ele ao meu lado. Estranhamente segura, em tão pouco tempo.

— Uau! — exclamei me acomodando melhor. Nathan olhou para mim e sorriu. O carro com toda certeza era maravilhoso, bancos de couro preto, painel de bordo moderno e um ar de “Nathan Fox é foda” em cada detalhe.

Moderno, elegante e sensual. Muito sensual... Desta vez não estava falando do carro.

— Eu disse isso quando estava inconsciente e suas pernas se abriram para mim. — sussurrou — Teria chupado você ali mesmo, mas claro, se estivesse acordada e

fosse consensual. — sorriu e olhou para mim de uma maneira que as Cataratas do Niágara não eram nada perto do que se espalhava no meio das minhas pernas.

— Deus! — gemi baixinho — Aqui não... — revirei os olhos. Gretha não precisava saber que eu era o alvo preferido do irmão quando se tratava de deixar o meu mundo um caos — Você poderia me explicar para onde está me levando?

— Vamos fazer uma visita ao Ian Stevenson. Doutor Stevenson, para ser mais exato. — sabia que ele queria segurar minha mão, mas não dava, tinha ultrapassado meus limites lhe dando mais de um beijo e um toque demorado poderia estragar o que estava começando a crescer entre nós — Ele é o melhor que existe na área e quero que você tenha o melhor. — continuou a falar —

Acho que, se existe uma alma que possa nos ajudar, essa alma é ele. — Espera... Ele queria que eu tivesse o melhor, mas não iria deixá-lo pagar. Não seria correto.

— O quanto ele é o melhor que existe?
— murmurei.

— Não! — sua voz saiu firme. Claro que entendeu minha pergunta e óbvio que só uma pessoa com um *Q.I.* menor que cinco não notaria — Você não vai pagar! Eu vou!
— uma linha rígida nos seus lábios apareceu, contudo não me deixei intimidar por isso.

— Tenho uma quantia... — comecei a falar, mas ele se aproximou de mim e fiquei nervosa pra caralho.

— Você disse sim... — resmungou um pouco desconfortável — Disse que me deixaria cuidar de você e é o que vou fazer

— Nathan realmente estava disposto a me ajudar e eu tinha aceitado, mas não queria ser um fardo para ele.

— Isso é ridículo! — o desafiei de cara fechada — Tenho como pagar.

— Não! — falou e virou o rosto para olhar para frente — Não vamos falar nisso, e a partir de agora, conforme-se com o fato de que vou cuidar de você. Você. É. Minha. — sibilou quase rosnando — E cuido do que é meu.

— Beleza! — falei ríspida — Agora vai dar um de homem das cavernas, segurar meus cabelos e me arrastar pela cidade, como se eu fosse sua propriedade?

— Você quer que eu a ataque aqui dentro e rasgue sua roupa antes de cuidar do mais importante? — não virou para olhar nos

meus olhos, sabia que a essa altura não estava mais nem aí se Gretha estava escutando ou não.

— Puta que pariu! — esbravejei e pude ouvir a risada baixa dela — Você é irritante quando quer, e... e... e... — gaguejei ainda mais irritada por não poder bater nele e pelas palavras sumirem da minha boca — Imbecil! — falei o que me veio à cabeça e cruzei os braços, me afastando ainda mais dele.

— Vamos lá, Liz... — disse ainda sem olhar para mim, mas um sorriso safado apontou na sua boca — O quanto antes eu cuidar de você, mais cedo vou poder mostrar o quanto é bom brincar no playground. E você vai gostar do escorrega... — estava irritada com ele, mas sua voz me deixava entorpecida, louca, sem um pinga de juízo.

Confesso que minha vontade de brincar no “playground” estava começando a parecer cada vez mais atrativa, queria brincar no escorrega de Nathan. Ah! Como queria. Naquele grande, grosso e delicioso “escorrega”.

— Cinquenta por cento! — falei de repente, sem ar. Ele me olhou e virou quase todo o corpo.

— Você quer cinquenta por cento do meu corpo? — gargalhou alto e seus olhos estavam ainda mais divertidos. Filho da puta que só pensa em trepar. Em algum tempo, se continuasse assim, me tornaria a versão feminina dele. Até que não me pareceu uma má ideia, se ele fosse meu por completo — E eu inocente, achando que você gostaria dos cem.

— Seu merda! — semicerrei os olhos querendo, ainda, parecer irritada, mas não consegui. Não tinha como ficar muito tempo irritada ao olhar para aquele homem que queria tanto me ajudar.

Ele queria me amar, amar meu corpo e tudo que eu conseguia pensar era em como o toque dele era bom e assustador ao mesmo tempo. O queria tocando em meu corpo, por uma razão que não soube explicar naquele momento.

— Quero pagar a metade... — fiz uma pausa e levei minha mão até a dele. Ele precisava entender que aquele era um ato de paixão, já que reuni todas as minhas forças para fazer aquilo. Para tocar nele.

Nathan permaneceu parado, com os olhos cautelosos sobre a minha mão, que se

encaminhou lentamente para tocar a sua. Quando o toquei, fechou os olhos e apertou minha mão quando apertei a dele. Suspirou profundamente e, quando abriu os olhos, havia um brilho diferente neles, um brilho quente que fez meu corpo inteiro acender. O toque não durou muito, tive medo que aquela sensação horrível aparecesse e estragasse o único momento em que o havia tocado por vontade própria; afastei minha mão, as uni junto as minhas pernas e abaixei a cabeça.

— Falaremos sobre isso quando você estiver se sentindo melhor. — sorriu carinhosamente. O sorriso de Nathan derreteria as calotas polares em trinta segundos — Não quero que se preocupe com isso agora. E obrigado! Ver como se esforçou para mostrar que isso é importante para você só me faz te querer ainda mais. Meu doce.

— Ainda não consigo entender o que você viu em mim.

— Se pudesse se olhar através dos meus olhos, entenderia perfeitamente o que vi, ou melhor, o que enxerguei em você, Liz — a sua voz saiu terna e me fez querer muito ser amada por ele.

Capítulo 15



Quando chegamos em frente ao consultório, um prédio de tijolos vermelhos, com flores nos canteiros e janelas vitorianas, tive certeza que Ian Stevenson era realmente caro, a julgar pela aparência impecável dos detalhes. Senti uma forte sensação de que o dinheiro que tinha guardado todo aquele tempo para comprar meu apartamento seria completamente aplicado ali. Não permitiria que Nathan pagasse tudo, mesmo que arrancasse minhas tripas por ser uma pessoa teimosa.

Estava nervosa. Não sabia como lidar

NACIONAIS - ACHERON

com o fato de que mais alguém saberia do meu passado. *Era assustador!* E se Nathan desistisse de namorar uma mulher tão problemática quanto eu? Se ele percebesse que era um erro gastar seu tempo com uma mulher que não estaria à sua altura? Nathan era o tipo de homem que poderia ter qualquer mulher aos seus pés, mas não, me escolheu por algum motivo, que desconhecia e preferia não conhecer. Com uma postura firme e quase impetuosa, e apesar de todos os meus medos, Nathan parecia ser a resposta para meus problemas. Mas eu sabia que tinha algo mais nele, algo que era mais pesado, ou, pelo menos, pior que meu passado.

— Será que posso saber o que você está pensando? — sorriu e me tirou do transe momentâneo — Posso escutar as engrenagens da sua cabeça trabalhando.

— Só estou com medo! — fui o mais sincera possível; ainda nem éramos um casal com bagagens sentimentais e o medo de perdê-lo estava me consumindo.

— Tudo vai ficar bem, meu doce. — sua voz transmitiu a serenidade que precisava naquele momento — Estarei com você o tempo todo, se assim desejar. — apenas assenti, pois se ele desistiria, que fosse ali. Assim, meu coração teria menos danos, pois as cicatrizes do meu passado nunca iriam se curar por completo.

Quando passamos pela porta de madeira escura bem trabalhada, com detalhes celtas, a ficha caiu. Realmente estava indo no caminho que sempre quis, mas nunca tive forças para seguir em frente. Vi e percebi que Nathan queria estar ali ao meu lado; mesmo sabendo de uma parte da minha vida, queria

NACIONAIS - ACHERON

ficar. Isso me assustava.

O consultório era arrojado e moderno, com cadeiras acolchoadas na cor vinho, paredes brancas com alguns quadros de figuras abstratas, cortinas cinza e alguns jarros com flores da época. Uma ruiva, assim como eu, estava na recepção e lançou um largo sorriso para Nathan, que apenas acenou com a cabeça sem devolver o sorriso. Por um instante senti dó dela, mas logo passou quando me olhou de cima a baixo, arqueando a sobrancelha. Ela definitivamente não gostou de mim, pegou o telefone e avisou que Nathan havia chegado; a porta de uma sala ao lado da recepção se abriu.

O Doutor Ian não era bem o que eu esperava. Ian Stevenson, aparentemente, era novo demais para ser um dos psicólogos mais renomados de Nova Iorque, assim

NACIONAIS - ACHERON

Nathan me informou durante o trajeto. Um metro e oitenta no máximo, ombros largos, uma postura firme, corpo largo e musculoso por baixo da roupa formal, cabelos castanhos curtos e arrumados. Os óculos de armação rústica faziam toda a diferença em seu rosto quadrado com olhos profundamente castanhos amarelados. Ninguém nesse mundo poderia ter a cor daqueles olhos! Eram quase parecidos com os olhos do guardião do portal de Asgard, lindos, mas não eram os do meu Nathan. Nos olhos de Nathan eu me perdia, e ainda queria me perder por completo, e nunca mais voltar à realidade.

— Você deve ser a Lizzie do Nathan?
— falou e estendeu a mão para que a apertasse, mas me afastei. Não era a mão dele que queria tocando minha pele. Não era

para apertar a mão de outro homem que estava ali. Nathan... Apenas Nathan eu admitiria que tocasse em mim, mesmo que por alguns segundos — Vamos, entre! — olhou para Nathan que nos seguia — Senhor Fox... — começou — Acho que o senhor deve permanecer aqui. Preciso que Lizzie se sinta à vontade...

— Não entro em lugar nenhum se ele não estiver! — olhei para Ian severamente, para que percebesse que as coisas iam ser do meu jeito e não do jeito dele. Ian me avaliou por alguns segundos, mas não questionou minha vontade. Ai dele se questionasse ou se olhasse feio para mim.

— Não estava nos meus planos deixá-la entrar sem mim. — Nathan deu seu melhor sorriso “estou pagando e os termos são meus”. Ian balançou a cabeça e riu como se

NACIONAIS - ACHERON

fosse uma piada particular entre eles, o que não me deixou muito à vontade, mas entrei mesmo assim. A sala não era muito diferente do resto da recepção, a diferença era que havia uma estante com livros e uma poltrona cor de vinho com duas almofadas na mesma cor; sua mesa ficava ao lado sul da sala, junto à estante, assim a poltrona ficava do lado norte, ao lado de uma cadeira de aço.

— Vamos logo com isso. — disse impaciente e me sentei.

— Calma... — sorriu, mostrando seus dentes brancos e um pouco tortos na frente, o que não diminuía sua beleza. Ian foi até sua mesa e ofereceu a outra cadeira para que Nathan sentasse ao meu lado — Estamos aqui para nos conhecer primeiro.

— Não! — repreendi — Não estamos

aqui para nos conhecermos. — fechei a cara — Estou aqui para que possa me ajudar. — enfatizei.

— Ajudar em quê? — perguntou entrelaçando os dedos das mãos sobre a mesa de madeira escura.

— Tenho medo de ser tocada... — falei quase sem voz e me encolhi na cadeira.

— Hummm... Entendo! — murmurou mais para si do que para mim e Nathan — Perdão! — falou e voltou a prestar atenção. Nunca pensei em pesquisar, ou até mesmo buscar algum tipo de ajuda durante os longos sete anos de sofrimento que passei desde que fugi de casa, e agora seria a oportunidade perfeita para isso — Lizzie, você consegue tocar outras pessoas, ou isso realmente a incomoda a ponto de não suportar?

— Não! — estremeci com a resposta, pois lembrei quando Matt me beijou à força. Minha voz estava tremendo junto com todo meu corpo, veio na minha mente o jeito que ele me pegou de surpresa e forçou o beijo — Não suporto o toque de homens e a lembrança me faz querer vomitar; sinto medo, é um desconforto que me deixa nauseada.

— É fobia, ou melhor, o medo de algo. — Ian começou a explicar com postura profissional — Normalmente é incomum e perigosa para quem a possui. A pessoa não nasce com fobia, tem que passar por um trauma, uma situação vivida ou refletida — prestamos atenção em tudo que ele falava. Eu ainda mais que Nathan, já que era a minha vida que estava prestes a ser exposta — Geralmente é causada por algo perigoso,

doloroso ou assustador, algumas vezes por pressão psicológica ou abuso sexual. No todo, é algo que nos faz mudar de comportamento.

Percebi as mãos de Nathan se apertarem sobre o braço da cadeira até que todo o sangue sumisse e sua pele assumisse um tom pálido; uma linha rígida formou-se em seu maxilar, mostrando claramente que ficou irritado, ou melhor, furioso. Ian o olhou curioso, mas não fez nenhuma pergunta e continuou a explicar.

— Alguma pessoa lhe causou esse tipo de repulsa? — continuou Ian com as suas perguntas — Alguém mais tocou você? — olhei de lado e percebi os olhos de Nathan sobre mim.

— Sim! — respondi menos nervosa —

Nathan foi o único que não me fez perder a noção das coisas, se é assim que posso classificar essa situação — esbocei um pequeno sorriso e Nathan deu aquele sorriso perfeito de canto de boca.

— E o que sentiu, quando a outra pessoa a tocou?

— Ah! Quase nada doutor, apenas alguns desmaios, medo da sensação boa ser esmagada pelo desespero, calafrios, mas fora isso, está tudo certo... — respondi com sarcasmo.

— Então ela consegue tolerar somente o toque dele? — resmungou para si novamente e tornou a olhar para mim — O toque de Nathan não causa a mesma reação?

— Não! Com Nathan é diferente. O que me assusta é ainda não nos conhecermos

direito.

— Ora, — disse Nathan sem paciência — passe logo para a parte onde achamos um tratamento para isso, Ian.

— Certo! — Ian soltou ácido — Podemos trabalhar com a exposição gradual, onde seria feita uma lenta aproximação com a sensação do toque, como um apertar de mão, ou talvez ficar em meio a pessoas em quem você confie, e ir gradativamente alimentando essa aproximação, abraçar alguém, dar as mãos... Mas precisamos saber em qual fase da possível fobia você se encontra, e se é mesmo a afefobia no contexto do trauma.

— Fase? — perguntou Nathan.

— Sim. Fase. — Ian o olhou irritado — Explicarei para que entendam os níveis da

fobia. — suspirou profundamente — A fobia é dividida em três fases: na primeira a pessoa sente-se ameaçada por estranhos que venham a tocá-la; na segunda, a pessoa portadora da fobia tende a não confiar não só em estranhos, mas também a não confiar em pessoas íntimas e isso geralmente acontece depois de um trauma maior, ou pressão, como dificuldades na família, no trabalho ou na escola.

— E a terceira? — ouvi Nathan se remexer desconfortável na cadeira — Explique! — Nathan cruzou suas longas pernas e esperou pela explicação. Olhei para ele e percebi o quanto estava concentrado em prestar atenção em cada palavra que Ian falava.

— A terceira... — Ian recostou-se e apoiou os braços na cadeira — É a fase mais

NACIONAIS - ACHERON

crítica da fobia. A pessoa se afasta de todos, família e amigos, desenvolve um medo obsessivo de todos os modos de afeto, não se deixa mais ser tocada por ninguém. Então Lizzie, precisamos de tempo e muita conversa para saber em que fase você está. Não posso ser preciso agora, mas com calma teremos respostas mais exatas. — disse Ian. Nathan olhou para mim, ao certo se lembrou do meu esforço para passar algum tempo segurando sua mão, ou quando o beijei.

— Isso vai demorar muito? — resmunguei.

— É algo necessário, Lizzie. Preciso saber se a sua fobia está ligada apenas ao toque ou se tem algo mais... — Ian não me deixaria sair dali sem que nada estivesse muito bem explicado — Bom, pelo que vejo, não é bacteriófago. — fez uma pausa e então

continuou — Você tem alguma repulsa quando se imagina em um ato sexual?

— Oi? — meu queixo, junto com a minha vergonha, caíram no chão. Não queria falar que fiquei mais molhada que gelo sendo derretido pelo fogo quando Nathan se masturbou sentado em uma cadeira do meu quarto de frente para mim, com a cara mais safada que um homem pode ter.

— Você sente o desejo de se dar prazer, ou dar prazer a alguém, mesmo que não possa tocá-lo? — olhou de relance para Nathan. Ian agia profissionalmente, mas pude jurar que aquilo era uma maldita piada particular deles e estava sendo travada bem ali na minha frente.

— Acho que ela não precisa responder essa pergunta, posso responder por ela. —

Nathan arqueou uma de suas sobrancelhas grossas e bem desenhadas — Estávamos trabalhando nisso agora pouco, isso responde sua pergunta?

— Certamente... — Ian assentiu sem se importar como Nathan o olhava — Sugiro então um tratamento com enfoque no comportamento, pois vejo que o afeto é o maior problema. Poderia ser o mais difícil de lidar se a senhorita Radzimierski tivesse aversão a qualquer toque, mas pelo que vejo vocês estão indo muito bem e já se nota certa evolução, uma vez que ela não perde o controle ao ter um breve contato.

— Enfoque no comportamento? — perguntei.

— Sim! Para que, aos poucos, você deixe de reagir ao toque como uma

representação de perigo, trabalharemos com a exposição controlada e progressiva ao objeto fóbico, no seu caso o contato físico. Utilizaremos também técnicas de relaxamento e controle respiratório. — era tudo o que mais queria: poder tocar em Nathan sem medo e com total desprendimento.

— Ela sabe que não sou o perigo em sua vida. — Nathan me olhou com doçura, mas ao mesmo tempo com fogo nos olhos. Ele era sim... Um perigo para mim! Um perigo para minha vida! Mas eu o queria.

— Dizem que o amor pode curar alguns tipos de fobia. — disse Ian surpreendendo Nathan e a mim também — A pessoa ama tanto a outra a ponto de deixar que a toque. — naquele momento Nathan percebeu todo o esforço que fiz para dar

NACIONAIS - ACHERON

certo.

Ao sairmos, Gretha já nos esperava. Não conseguia entender como ele aceitava que sua irmã fosse sua motorista, mas não era a hora de ficar fazendo perguntas. Estava quase na hora do almoço e eu precisava dar sinal de vida para Tati e Elijah; ainda pensei em ligar para o Matt e acertar as pontas com ele, mas estava cansada demais para encará-lo. Uma coisa que não conseguia engolir era o fato de ele estar com Zoey; mesmo com todos os problemas, ele deveria ter me dado uma explicação sobre trabalhar com aquela vaca.

Peguei o celular na bolsa, as cinco mensagens de Tati fizeram meu coração apertar. Havia negligenciado a minha amiga

e isso eu não poderia fazer novamente.

“O que deu em você? Por que saiu correndo da loja?”.

“Liz, estou preocupada com você. Atenda o celular, ou então me envie uma mensagem”.

“Por favor, Liz! Por favorzinho! Me dê notícias! Estou quase abrindo um buraco no chão da minha casa, andando de um lado para o outro, preocupada com você”.

“Você não vem trabalhar?”

“Vamos almoçar. Preciso falar com você. Liz, ainda estou preocupada com você”.

Explicaria tudo à Tati, com certeza ela era uma pessoa em quem poderia confiar. Sentia isso.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 16



O que Nathan representava para mim, além do fato de ser um total tiro no escuro? Não que eu fosse diferente, mas é bem mais fácil quando você sabe onde mirar. O homem era completamente irritante, mas havia doçura em seu coração. Se eu fechasse os olhos por um segundo, visualizaria sua imagem perfeita na minha frente, com aquele sorriso lindo e aquela boca perfeita. Simplificando, Nathan era o caminho da minha salvação, mas também da minha perdição. Não passavam cinco minutos sem que ele pensasse como seria transar, chupar e

até colocar o dedo em lugares que nem me atrevia citar.

— Você... — Elijah me olhou furioso assim que parei em frente à sua sala para falar com Tati. Sua voz estava baixa e calma e fez com que eu voltasse para o mundo real. Não sabia que ele estava me esperando até ver a careta que fez para mim. — Na minha sala! Agora! — seu olhar foi em direção à Tati e pude jurar que perdeu o ar de seus pulmões só de olhá-la, mesmo que fosse de longe. Entrou na sala e bateu a porta com força ao fechar.

— A coisa está muito séria? — murmurei para Tati, que encolheu os ombros.

— Acho que você vai precisar chamar a emergência, pois parece que ele comeu um enxame de abelhas, mas fora isso... — ela me

lançou um sorriso de solidariedade — Ele está ótimo!

— Almoço em quinze minutos? — perguntei e me virei, movendo minha bunda para a sala de Elijah.

— Trinta minutos... — esboçou outro sorriso — Desculpa, mas hoje não é seu dia, ele já gritou seu nome mais vezes que seu palavrão favorito, e olha que esse ele pronuncia várias vezes no dia.

— Caralho! — resmunguei e todos que estavam perto de mim pararam para me olhar — O que foi? Nunca escutaram um palavrão na vida de vocês?

— Boa sorte! — desejou Tati, cruzando os dedos.

— Já percebi que vou precisar mais do que apenas sorte... — maravilha! Meu

mundo havia ficado de pernas para o ar e agora meu chefe estava furioso comigo.

Abri a porta e percebi que Elijah não estava em seu melhor dia, desejei um abrigo nuclear naquele momento, se fosse possível. Sua postura era rígida e dava para ver o modo como massageava as têmporas, quase esmagando o crânio.

— Entre e feche a porra dessa porta, antes que eu exploda! — falou percebendo minha presença — Sente essa sua bunda na cadeira, agora! — Jesus Cristinho, livrai a minha pele!

Não que eu fosse do tipo que tem medo de Elijah, mas a forma como a entonação da sua voz vibrou na grande sala, era uma coisa a se pensar.

— Elijah... — comecei — Tenho como

explicar o motivo da minha falta, ontem e hoje pela manhã.

— Lizzie, apenas me explique o que é isso! — pegou algumas fotos e jogou em cima da mesa, e lá estava a prova do crime. Nathan e eu saindo do meu apartamento. Nathan quase me beijando em frente ao prédio. Nathan e eu em frente ao consultório. Nathan me olhando enquanto estava distraída. Nathan sendo Nathan mordendo os lábios, enquanto olhava meu decote nada sexy... A foto do decote queria para mim e guardaria em um canto especial.

— E-e-eu... — gaguejei. Como explicar para meu chefe que eu estava namorando meu outro chefe? Que na verdade não era meu chefe direto! O medo de virar gozação era o último dos meus problemas, perto do olhar gélido de Elijah.

— Estou esperando... — arqueou uma de suas sobrancelhas grossas para mim. Ele claramente estava irritado.

— Eu e... — fiz uma longa pausa. Minha boca estava seca — Eu e...

— Você e o Fox estão tendo um caso? — perguntou, mas não era isso que estava acontecendo. Eu não estava tendo um caso com Nathan.

— Namorando, para ser mais exata. — falei magoada.

— Certo... Envio minha melhor jornalista para uma matéria e em menos de uma semana ela começa um namoro com o entrevistado e sócio da empresa. Me diz onde entra a parte em que a mato te esganando? Você tem certeza que é isso que quer? Sabe... Namorar o Fox?

— Sim! Tenho certeza que é isso que quero e em nenhuma parte dessa história você me esgana. Sei que é algo repentino, porém acho que pode dar certo. Você sabe que não gosto de falar sobre minha vida pessoal com ninguém. Você me conhece Elijah, e Nathan... Entrou no momento certo em minha vida.

— Desculpa... Sei que você também precisa de uma vida fora do jornal. — suspirou e continuou a falar — Mas, você sabe que agora não pode ficar à frente de nenhuma entrevista ou matéria sobre ele. Consegue entender isso? — é claro que entendia, não tinha três anos de idade.

— Isaäk Markov! — disse rápido, mais rápido que qualquer coisa que tenha pensado — Posso começar a investigá-lo. Daria uma ótima primeira página para o The Poster.

— Não! — Elijah arregalou os olhos em surpresa — Não admitirei que você se meta no meio de Isaäk. Ele é tão perigoso quanto o nosso querido senador, sem contar o fato de não se importar nem um pouco que os outros saibam disso.

— Elijah, você sabe que investigar Nathan é uma coisa e investigar Markov é outra. — falei tentando colocar meu ponto de vista — Markov é a gansa dos ovos de ouro para uma jornalista como eu.

— Isso é perigoso demais, Lizzie. — balançou a cabeça, exasperado. Isaäk Markov era o segundo na minha lista mesmo, iria canalizar a energia que tinha em Nathan para Markov — Não posso arriscar sua vida em busca de uma matéria louca como essa.

— Olha... — o encarei decidida —

Sempre soube me cuidar e não vai ser diferente agora. É o seguinte, se você não me ajudar vou investigar do mesmo jeito.

— Lizzie, você é mais teimosa que um jumento! — disse irritado.

— A escolha não é sua. É minha! — me levantei e fui em direção à porta — Sei que vou conseguir.

— Não quero que você seja o próximo assunto dos noticiários policiais...

— Não serei... — falei tentando acalmá-lo — Não por causa desse assunto.

— Assim espero! — assentiu tristemente — Não quero ir ao seu funeral.

Não parei para pensar em como investigar Isaäk seria perigoso. O perigo seria uma consequência da minha ação, e teria que arcar com isso. Eu não era nenhum

tipo de ameoba, sabia exatamente onde estava pisando, mesmo o solo sendo um gelo fino e os meus patins fossem mais afiados que navalha.

Isaäk Markov, um russo beirando a meia idade, de estatura mediana. Mais ruivo que ele, impossível; seu cabelo tinha um tom de ferrugem velho, assim como as sardas no seu rosto, seus olhos negros e barba espessa cor de cobre lhe davam uma instantânea impressão de medo que deixava até o diabo de cabelo em pé, mas não eu. O mais nojento era ele ser chefe de uma máfia que envolvia tráfico de mulheres, além de drogas e prostituição. Não tinha medo dele e seria o calo em seu sapato, até que se tornasse uma ferida infeccionada e ele perdesse o pé.

Isso era o que eu pensava!

Mudar o foco e minha energia para Markov me faria entrar mais fundo na vida de Nathan. Mas, como ele disse que me contaria tudo de sua vida, esse assunto fazia parte dela, mesmo falando que não tinha nada com ele.

— Ora, ora... — cantarolou uma voz masculina — Olha o que os bons ventos me trazem! — essa voz debochada eu conhecia e era a mesma voz que muitas vezes me fez sorrir ou me irritou... Matt Brown!

— Não diria que são bons os ventos... — semicerrei os olhos e me afastei. Acho que as pessoas sabem quando algo ruim está próximo e prestes a atacar, esse era o pressentimento que tinha quando Matt estava perto de mim. Se não tivesse feito o que fez — me beijado à força —, ainda seríamos bons amigos, mesmo reclamando do meu guarda-

NACIONAIS - ACHERON

roupa, e me olhado de soslaio. Não me importava com o que ele falava sobre mim, ou melhor, isso era meio verdade, sim, eu me importava um pouco. Não tinha mais o amigo Matt, porém o destino foi bom comigo e colocou Tatiane no meu caminho; sentia-me bem ao lado dela, ao contrário de Matt, já que não sabia em que momento ele me atacaria novamente.

— Seu merda... — semicerrei os olhos, furiosa.

— Qual é o motivo dessa hostilidade toda? — deu de ombros — Que eu saiba, não fiz nada de errado para merecer essa recepção calorosa.

— Não fez? — perguntei irritada. — Quando ia me avisar que está com Zoey? Aliás, não sei o motivo de querer trabalhar

com aquela... — apertei as mãos ao redor da minha cintura — Vaca!

— Jura?! — rosnou e me olhou furioso — Jura que não sabe o motivo? — olhei para o lado e, graças a Deus, não tinha ninguém prestando atenção em nossa conversa.

— Não seja um filho da puta rancoroso! — rosnei da mesma forma que ele fez para mim — Você poderia ser mais profissional, seu merda! Nunca lhe dei esperanças de sermos mais que amigos, Matt... — ele precisava entender.

— Estou sendo um filho da puta rancoroso? — bufou irritado — Era para você estar comigo, mas aí decidiu que eu não era bom o bastante. Como foi mesmo que você falou? — senti a raiva em sua voz — Que não era namorável... E poucas horas

depois estava sentada no colo de outro. — andou em direção à sala de Elijah, mas antes virou a cabeça para mim e disse: — Não se preocupe, serei bastante profissional daqui para frente, o esterco do seu namorado vai saber o quão profissional vou ser. — foi o suficiente para me deixar paralisada, ele iria fazer algo contra Nathan e isso eu não permitiria. Não com o homem que dizia estar apaixonado por mim... Não o homem que estava me fazendo esquecer a dor e as lembranças de um passado tenebroso, do qual tanto queria me libertar.

— Matt... — chamei, mas era tarde. Ele entrou na sala de Elijah e trancou a porta. Sabia que eu queria tirar satisfação, agora precisava avisar a Nathan sobre isso e também teria que comunicar que começaria a investigar Markov. *Acho que ele não vai*

gostar nada disso! O celular vibrou na minha bolsa, era uma mensagem de Nathan. Meu Nathan! Um sentimento de querer protegê-lo fez todos os pelos do meu corpo se arrepiarem.

“Estou um pouco ocupado com o comitê. Então, meu doce, vamos jantar as oito da noite em meu apartamento. Greta irá buscá-la! Seu Nathan.”

Nathan estava com seu comitê planejando sua campanha eleitoral. Sabia que, se me enviou uma mensagem, foi porque achou uma brecha para fazer isso. Eu era o doce dele, assim ele dizia. Mas para mim ele era todos os sintomas de diabetes na minha vida. Mesmo com tudo o que aconteceu, um sorriso largo se formou no meu rosto. Ele estava tendo paciência comigo, mesmo sabendo que seu maior

NACIONAIS - ACHERON

desejo era poder tocar em meu corpo. Mas ele não teria que esperar por muito tempo. *Eu seria dele!* Completamente dele, e ninguém estragaria aquele momento de felicidade.

Isso... Era o que eu pensava!

— Vamos... — falou Tati e me tirou do meu transe momentâneo — Temos apenas uma hora, você demorou mais do que tinha calculado.

— Seu namorado quase me mata. — sorri e percebi suas bochechas ficarem vermelhas.

— Ele não é meu namorado! — evidente que esse era o seu desejo e com sua negação mentirosa, fez isso se tornar mais perceptível.

— Ainda não... — debochei me divertindo com o jeito que ela ficou ainda

mais vermelha. — Mas, vou deixar essa ilusão murchar aos poucos em sua cabeça. Você escolhe o restaurante hoje, só por que será a futura senhora Hunter.

Realmente odiava comida japonesa, principalmente por ter que comer sushi. Ninguém merece comer peixe cru, ainda mais contra a sua vontade, mas Tati precisava de apoio moral; acreditava que está precisando perder peso, já que se sentia desconfortável com sua forma física rechonchuda. Não negaria isso a minha amiga, a acompanharia no almoço mesmo que precisasse comer um nojento e fedido peixe cru, se fosse para agradá-la. Eu preferia mesmo era um suculento pedaço de carne bem passada, com bastante molho e batatas fritas.

— Comece a falar... — espremeu os
NACIONAIS - ACHERON

olhos em minha direção e cruzou os braços ao se sentar — Por que saiu correndo como uma louca da loja? Quase morri de preocupação. — descruzou os braços e começou a agitar as mãos nervosamente — E quando o Fox foi atrás de você, os parafusos da minha cabeça pularam. Eu já não tenho muitos, agora você quer me fazer perder os poucos que tenho... — balançou a cabeça mostrando que estava magoada.

— Tati... — minha voz saiu baixa, quase um sussurro — Não queria preocupar você.

— É... Mas você preocupou! — franziu as sobrancelhas e continuou — Acredita que quase fui presa? Eles acharam que eu iria roubar o sutiã. — choramingou e isso me fez lembrar que ela ainda tinha um encontro com Elijah e precisava de ajuda.

— Me desculpe pelo que fiz você passar! — falei sinceramente, ela não precisava passar por aquele constrangimento.

— Tudo bem! — suspirou mais calma — Agora, fale o motivo de ter saído correndo daquela forma.

— Nathan... — fiz uma pausa — Ele... — minhas mãos começaram a suar, estava nervosa em ter que me abrir com alguém, mas se queria que ela entrasse em minha vida, teria que criar coragem para lhe contar o que aconteceu no momento em que saí correndo da loja. Mas não falaria sobre o meu passado; para revelar aquela parte da minha vida, precisaria de muito mais tempo.

— Ah! Pare de me enrolar e fale logo... — Tati pegou um pedaço do salmão com seu hashi e posso dizer que sabia muito bem

como segurar aqueles pauzinhos dos infernos.

— Estamos juntos! — acho que aquela foi a cena mais engraçada que já vi em toda a minha vida. Tati levou o hashi que segurava o pedaço de peixe cru até a boca e parou no ar com a boca aberta. Ela congelou e segundos depois o pedaço do peixe caiu, ficou apenas com os pauzinhos na mão e de boca aberta — Tati, você está bem? — senti uma vontade enorme de rir, mas me segurei. Ainda segurando os pauzinhos no ar ela disse:

— Você me diz que está namorando um cara gostoso e pergunta se estou bem? — seu tom de voz mostrava a incredulidade fingida na sua pergunta.

— Ora, vamos... — sorri —

Descongele e coma esse peixe que você deixou cair.

— Então foi por isso que você saiu correndo? — perguntou arqueando uma de suas sobrancelhas. — Se fosse eu, teria rasgado aquele pedaço de mau caminho em cinco pedaços — pegou outro pedaço de peixe com o hashi e continuou: — Deus sabe que mataria ele.

— Devo lembrá-la que você já tem o seu pedaço de mau caminho! — sorri, mas meu sorriso se transformou em cara de nojo quando levei o pedaço do sushi até a boca.

Ah! Um pedaço de carne, Deus! Por favor!

— Ele não é meu... — falou envergonhada, tudo relacionado a Elijah a deixava vermelha e era muito fofo.

— Ah! Que é isso... — deixei de lado o

peixe, sentia que cada pedaço inchava dentro da minha boca — Quando será o encontro?

— Amanhã! — disse sem jeito.

— Então, já encontrou a peça fatal? Caso aconteça algo mais quente?

— Não! Minha mais nova amiga saiu correndo e me deixou sozinha. — resmungou e enfiou mais um pedaço de peixe na boca.

— Vou me redimir. Prometo... — sorri sem jeito. — Vou ajudar você no que precisar.

— Só não foge mais, está bem?

— Pode deixar. Não vou fugir!

Às seis da noite, com o céu estrelado, segui para minha casa; peguei um ônibus, já que meu velho carro estava parado na garagem do prédio onde eu morava. Depois

de anos sendo forte, ele resolveu que estava cansado e, se o levasse para algum mecânico, tenho certeza que seria mandado para um ferro velho. Meu Ford estava com seus dias de vida esgotados e pagar táxi todos os dias para ir ao trabalho não era a opção viável para meu bolso. Teria que ajudar no pagamento das sessões e talvez ter que encontrar outro trabalho para repor o dinheiro e poder comprar outro apartamento.

Abri a porta do meu apartamento e sabia que tinha menos de uma hora para tomar um banho e encontrar alguma coisa decente para vestir. Parecia um inferno! Nada era bom o suficiente; tirei todas as poucas roupas que eu tinha para fora do closet, deixando meu quarto uma completa bagunça. Mas nada, nada era bom. Olhei para o lado e uma caixa retangular branca, que guardava

com carinho, estava gritando: — Me abra! Fui até ela e me ajoelhei, as lembranças de um baile que não pude ir surgiram em minha mente, pois fugi na noite em que ele ocorreu.

Fugi para longe, deixei somente uma coisa importante para trás e que voltaria para pegar. *Apenas ela era importante para mim!* Meu corpo não havia mudado muito, então o vestido simples feito por mim com a antiga máquina de costura que minha mãe usava para remendar as calças daquele... Bom, foi com aquela máquina que costurei o vestido. Não era nada glamoroso, na verdade era bem simples, usei um tecido doado pela vizinha da minha mãe, que sempre se preocupou comigo.

Era um lindo vestido verde, de alças estreitas com mangas de renda preta que iam até o cotovelo, cintura marcada e justa na

NACIONAIS - ACHERON

parte de baixo. Mesmo depois de sete anos eu havia mudado muito pouco, corpo magro, cintura fina e quadril um pouco largo; optei por deixar o cabelo solto, passei rímel e um pouco de batom, já que não tinha tempo para me maquiar melhor. Quando terminei me senti satisfeita, pois usaria o vestido que tinha guardado com tanto carinho, usaria com Nathan...

O celular tocou e me apressei para atender, já sabendo quem era. Verifiquei todas as fechaduras e janelas antes de sair e dei uma última olhada para o sofá onde ele havia dormido. Agora jamais teria coragem de jogar aquela mobília no lixo, pois sempre me lembraria de Nathan quando o olhasse.

— Nathan vai cair duro quando colocar os olhos em você. — Gretha estava com seu habitual terno preto e um brilho nos olhos

NACIONAIS - ACHERON

que me fez sentir melhor. Mas, para minha desgraça, ela abriu a porta traseira; queria me sentar na frente com ela, que percebeu que eu havia parado, então arqueou uma sobrancelha em questionamento.

— Não quero ir atrás... — articulei — Quero ir na frente, com você.

— Vou ter que ir aí e chutar sua bunda branca para que você entre nesse maldito carro? — ela uniu as sobrancelhas em um franzido, formando uma pequena ruga entre elas — Nathan vai explicar tudo, agora entre nesse carro antes que tenha que aturar o mau humor dele por você chegar atrasada.

— Tudo bem... — suspirei resignada — Eu entro, mas sob protesto.

— Boa garota! — sorriu, fechou a porta do carro e seguiu para o lado do

PERIGOSAS

motorista.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 17



Com o coração praticamente na garganta parei em frente à porta do apartamento de Nathan. Era o oposto do meu e me perguntei qual seria sua opinião a respeito do meu apartamento, já que só de olhar dava até medo de encostar o dedo em sua porta. Um corredor bem iluminado, com piso de granito preto e paredes cor de esmeralda, dava um toque sofisticado ao ambiente. Apertei a campainha e esperei alguém abrir, minha mão estava suada por causa do crescente nervosismo, mas os passos que vieram logo em seguida eu

conhecia. Pude sentir a energia dele e meu corpo respondeu a isso! Meu Nathan... Era nisso em que precisa me apegar: que ele era meu, mesmo que parecesse impossível de ser realidade. Isso foi ele mesmo que falou, com todas as letras... Que era meu! E era nessas palavras que iria me segurar.

Meu!

— Oi, meu doce... — disse ao abrir a porta, com um sorriso no canto daquela boca perfeita, maravilhosa... Que boca deliciosa! Não havia gosto mais perfeito que o sabor de sua boca, do beijo de Nathan... Seus olhos azuis penetrantes me faziam prender o ar nos pulmões, e aquela barba ainda por fazer o deixava mais atraente.

Estava usando uma calça de linho preta, o cinto combinava com os sapatos

também pretos, brilhosos e bem cuidados, a camisa com dois botões abertos, expondo apenas uma parte pequena do seu peitoral liso e definido, as mangas da camisa dobradas até os cotovelos. Nathan estava com a sua mão esquerda no bolso da calça, que tinha um caimento magnífico sobre toda a extensão, do quadril até suas pernas musculosas, e me tirou o fôlego que ainda restava.

— Vamos, entre! — abriu mais a porta, deu espaço para que eu pudesse entrar e mostrou seu sorriso mais descarado. Sabia o efeito que causava em mim, mesmo não podendo me tocar, sabia que já era o dono do meu corpo.

— Oi... — foi a única coisa que saiu da minha boca, antes de entrar e ele fechar a porta.

Pude sentir o olhar dele atrás de mim, me avaliando. Um arrepio diferente vibrou pelo meu corpo, uma sensação de puro prazer, misturado com o calor que estava correndo por mim. O apartamento dele era claramente o oposto do meu, amplo e arejado, com móveis modernos quase chegando ao absurdo de tão perfeitos. Não estava deslumbrada, mas não entendia que diabos ele estava fazendo com uma jornalista que mal tinha dinheiro para pagar as contas.

— Bonito sofá. — falei sinceramente olhando para o sofá branco, retangular em forma de L. Do lado esquerdo havia duas cadeiras de madeira bem trabalhadas, com o estofado vermelho, que ficavam ao lado da enorme janela de vidro escuro que tomava toda a extensão da parede ao fundo, de onde dava para ver quase toda a cidade.

— Prefiro o seu... — disse se aproximando mais — E a propósito, — sua voz era mais baixa, mas não menos intensa do que o normal — você está muito gostosa neste vestido. — estava ainda mais pervertido do que antes; era visível meu estado de nervosismo e ele se aproveitou da minha fraqueza. — Sua bunda fica uma delícia quando você anda, apesar de que prefiro você sem nada. — consegui sentir o cheiro gostoso que vinha do seu corpo; Nathan tinha um cheiro único, um cheiro gostoso e forte, assim como ele. — Então... Quando, em um futuro bem próximo, você estiver sem nada, vou decidir se mordo, amasso, fodo, ou faço os três ao mesmo tempo, com esse seu traseiro delicioso.

Ele queria comer o meu... Deus! Que homem depravado.

— Você não consegue jogar limpo...
— resmunguei quase em um gemido, ainda nervosa por estar sozinha com ele. Nathan sabia falar e deixar uma mulher subindo pelas paredes. *Merda!* E molhada também! Era demais para os meus neurônios. A iminência do seu corpo junto ao meu, tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe, era algo enlouquecedor.

— Liz, sei que você gosta quando jogo sujo... — falou e ficou de frente para mim — E, em um futuro bem próximo, você vai entender que seu corpo quer que eu jogue muito sujo com cada pedaço dele. — sua expressão era lasciva, quente e mantinha uma linha sombriamente sensual em todo o seu rosto.

— Isso não é justo — murmurei e desviei meu olhar do rosto dele. *Merda,*
NACIONAIS - ACHERON

estava com as minhas bochechas pegando fogo. De vergonha e de excitação.

— Vamos, o jantar está pronto. — falou e mudou de garanhão sexy da voz rouca, com seu jeito “eu sou foda, mas sou fofo”, para um ser civilizado, que não parecia estar querendo me comer.

— Você cozinhou? — ele já havia cozinhado para mim; foi quando tive uma das visões mais eróticas da minha vida, Nathan lambendo a colher com molho de tomate, e logo depois a visão dele sentado na cadeira em frente à minha cama, enquanto alisava toda a sua extensão arrebatadora para mim, o que me deixou entorpecida.

— Apenas o melhor para o meu doce. — seguiu na minha frente, com um andar determinado e com aquela bunda redonda e

definida. *Uma delícia de bunda!* Nathan tinha ombros largos, cintura fina, quadril estreito e pernas longas trabalhadas no puro músculo, mas a bunda sempre foi uma das minhas partes preferidas, tirando é claro, todo o resto. Ou seja, ele nu, na minha frente. — E depois eu que sou pervertido... — sorriu alto, tirando minha atenção — Se continuar olhando assim para minha bunda, vou achar que você é uma pervertida. — falou e virou à direita, saindo do meu campo de visão.

— Não sou, seu imbecil — falei cantarolando e fingi estar irritada.

— Ah! — escutei sua risada gostosa. — Você é sim... Essa sua frase de negação só confirma minhas suspeitas.

Andei mais um pouco e vi uma escada de aço cromado que dava para o segundo

andar do apartamento. Segui até uma das cadeiras, deixei minha bolsa e observei o resto do apartamento. Vasos com tulipas estavam dispostos em uma mesa de centro que ficava próxima ao sofá; quadros de pinturas abstratas e com cores neutras enfeitavam as paredes brancas. Ao lado da escada havia duas portas grandes e largas; do outro lado da sala havia uma mesa de vidro com seis cadeiras e um lustre de formas triangulares, a menos de um metro e meio de distância, iluminava o centro da mesa. *Sousplats* de cipó envelhecidos e de muito bom gosto estavam sobre a mesa, os talheres estavam organizados e alinhados, havia taças para água e vinho, e velas. Acho que não existe nada mais lindo e romântico do que um jantar à luz de velas. Nathan sabia como tratar uma mulher. *Como deveria ter sido*

com as outras? Perguntei-me, olhando para a mesa romanesca; apenas a ideia de outra mulher ao seu lado já não me agradou.

— Você quer ajuda? — perguntei olhando para a enorme janela de vidro na sala, enquanto caminhava distraidamente pelo apartamento.

— Não! — respondeu e quando dei por mim, ele já estava na sala de jantar.

Parei...

A visão de Nathan segurando dois pratos quadrados de porcelana, com a camisa aberta deixando à mostra parte do seu peitoral, era algo surreal. Aquele homem não podia existir de verdade... Lindo, sensual, habilidoso na cozinha, entre outros talentos. O que mais poderia querer? *Trepar com ele, sua burra!* Sim... Era apenas isso que faltava

para ficar tudo em equilíbrio no meu universo, só que iria demorar um pouco até que acontecesse.

Não importava o que ele fosse ou fizesse, sabia que aquele homem era singular. Quando pôs os pratos sobre a mesa, em cima dos *sousplats* de cipó envelhecido, senti um cheiro maravilhoso e minha barriga roncou em protesto. O sushi havia ido todo para o lixo. Definitivamente, detesto peixe cru.

— Venha... — chamou, afastando uma das cadeiras para que me sentasse — Liz, fica difícil me concentrar em qualquer outra coisa que esteja fazendo com você me olhando com cara de quem quer ser fodida. — alertou mostrando os dentes — Venha e sente-se como a boa garota que é e, depois do jantar, tenho um presente para você. — presente? Opa! Isso eu não aceitaria. Ele

estava me ajudando com o pagamento absurdo das sessões e agora vinha com mais um presente.

— Não quero! — ser fodida em futuro bem próximo, sim... Mas, ganhar presente, não...

— Meu doce... — cortou minha fala e arqueou uma de suas sobrancelhas grossas e negras, fez uma pausa mostrando que estava escondendo algo — Vai ser nosso, de preferência usado apenas em você, mas será nosso. — sorriu com malícia. Não iria brigar com ele, não ainda, precisava que ver o que era para poder brigar depois.

— Tudo bem... — falei me dando por vencida naquele momento. Não era a hora de estragar a noite e esperava não estragar em momento algum. Dei a volta e me acomodei

na cadeira, que ele tão gentilmente afastou para que eu sentasse. — Obrigada! — agradei com um sorriso torto, meio sem jeito. Ele foi até a cozinha e, quando voltou, trouxe consigo uma garrafa de vinho tinto.

— Hoje, teremos Boeuf Bourguignon e para acompanhar um vinho frutado à base de Merlot. — apresentou com orgulho a garrafa que estava escrito Pétrus, apesar de não saber o que era Boeuf Bourguignon e muito menos conhecer qualquer tipo de vinho, estava achando uma graça ele me servir — Boeuf é alcatra temperada com especiarias e legumes, assim o vinho que escolhi para a noite se tornará a combinação perfeita, Liz. — explicou quando percebeu minha sobrancelha levantar em questionamento.

Carne! Obrigada Deus!

— Você pensou em tudo. — disse sorrindo como uma pateta, pois seu francês me fazia derreter. Ele poderia falar um palavrão, que ainda assim ficaria encantada.

— Tudo para minha garota. — falou e pegou minha taça para despejar o líquido até chegar ao meio, piscando de modo provocador — Prove, por favor! — pelo menos desta vez ele pediu e não mandou, como fez na primeira vez em que nos vimos na sua casa noturna. Atendi seu pedido, tomei um gole e deixei minha língua se acostumar com o gosto encorpado do vinho.

— Você gosta de sorvete de chocolate?

— Gosto. — respondi e era verdade, passava boa parte das minhas folgas me afogando em um pote de sorvete de chocolate enquanto assistia filmes de ação,

de preferência com *Jason Statham*. O cara é mesmo o *pica das galáxias* quando se trata de filmes de ação.

— A sobremesa é Petit Gateau com sorvete de chocolate... — sorriu de maneira enigmática, quando sentou ao meu lado. Não sei o porquê, mas a forma como falou do soverte me fez ficar com uma pulga atrás da orelha.

— Você tem algum problema com sorvete de chocolate? — o olhei intrigada.

— Não queira nem saber o quanto! — falou e levantou a taça para um brinde, sempre com o sorriso descarado no rosto — *Bon appétit*.

Nathan estava em sua cozinha, que era praticamente do tamanho de todo meu

apartamento, lavando os pratos. Ofereci ajuda, mas negou-se a aceitar; dessa forma pude observar mais do homem enorme, que tão habilidosamente lavava os pratos.

— Me ofereci para ajudar. — cheguei mais perto.

— E perder a oportunidade de ver você babando por mim? — soltou uma risada gostosa, que me fez sorrir também — Nem pensar... — virou o rosto para me encarar, terminou o último prato e enxugou as mãos no pano. — Prefiro você me olhando com essa cara de safada.

— Convencido! — falei e percebi que seu rosto se tornou mais sério, apesar do sorriso no canto da boca. — Não tenho cara de safada, seu doente depravado.

— Seria muito se eu lhe pedisse um

beijo? — perguntou de repente, com sua voz baixa e seu olhar quente sobre mim, me fazendo ficar sem ar.

— Um beijo? Só um beijo? — perguntei com medo. *Inferno!* Aquilo estava mexendo com os meus neurônios, ou melhor, fritando o pouco de cérebro que ainda me restava. Durante anos, quando um cara tentava se aproximar de mim, fugia como louca, mas, naquele momento, estava me reconhecendo. Não esperei ele responder, inclinei minha cabeça em sua direção, fechei os olhos e tudo que escutei foi Nathan suspirar profundamente, enquanto se aproximava. Sabia que não me tocaria, não contra minha vontade.

— Ninguém beija como você... — senti seu hálito misturado com o cheiro do vinho. Roçou seus lábios nos meus e o

NACIONAIS - ACHERON

convidei para entrar em minha boca com sua língua quente e macia, que procurou a minha de uma maneira que me fez esquecer que o mundo existia — Deus! — gemeu ao se afastar, apenas para me olhar — Se sua boceta for tão gostosa quanto sua boca, terei problemas para manter meu pau dentro da calça.

— Nathan... — minha voz saiu quase como um murmúrio desesperado; queria sua língua dentro da minha boca, dançando por meu corpo. Sentia como se cada molécula do meu corpo reagisse a ele. Nunca me senti assim, tão excitada, eufórica, sem saber o que fazer. Nathan, apenas Nathan. Era o que o meu corpo pedia, mas eu ainda tinha medo; sabia que ele não era como aquele homem nojento, mas o medo estava lá.

— Eu sei, meu doce... — encostou sua

NACIONAIS - ACHERON

boca novamente na minha — Também estou sentindo o mesmo que você. — quando terminou de falar, tomou meus lábios em um beijo quente e cheio de desejo — Já estou duro, só em pensar no momento em que estiver dentro de você... — quando se afastou minha respiração estava irregular e o subir e descer do seu peito dava a mesma impressão. Nossos olhos se encontraram, e foi o bastante para perceber que ninguém me faria sentir tão desejada e tão amada como ele faria.

Nathan é extraordinário!

— Hora da sobremesa. — falou com voz rouca e mordeu o lábio inferior.

— Sorvete de chocolate com Petit Gateau, ou apenas o sorvete? — perguntei sem ar, sentia minhas bochechas vermelhas e quentes, Nathan estava praticamente me

comendo com olhos. Aqueles olhos...

— Hoje não teremos esse tipo de sobremesa, mas se eu for escolher na próxima vez, vai ser só sorvete com certeza...

— soltou uma gargalhada e estampou novamente aquele maldito sorriso enigmático. Não entendi o tipo de sobremesa que ele estava falando. — Mas isso será em outro dia. Vamos, quero mostrar algo.

— Só falta você falar que vai bater uma. — Droga! Merda de filtro que nunca funcionava. Nathan estreitou seus lindos olhos e um sorriso molha calcinha se espalhou por seu rosto.

— Não! — uma pontada de decepção correu pelo meu corpo — A não ser... Que você me peça! Aí terei o prazer de me exhibir para você. — seria muito safado da minha

parte pedir para vê-lo nu?

— Não tenho nada contra. — dei de ombros e tentei parecer indiferente, mas falhei miseravelmente.

— Sabia que você era tão pervertida quanto eu. — Nathan mal conseguia fechar a boca, com seu sorriso largo — Sente-se ali... — falou, apontando para o sofá branco em formato de L — Volto em cinco minutos. — o vi subir as escadas e sumir logo após, cinco minutos seriam uma eternidade e eu morreria de curiosidade durante esse tempo. Como disse, voltou em cinco minutos, não que estivesse cronometrando... Mentira! Estava contando... Em sua mão segurava uma caixa retangular, preta.

— Levante... — pediu quando desceu o último degrau e assim eu fiz, ficando de pé

na sua frente. Ele deixou a caixa próxima a minha bolsa — Tire o vestido.

— Tirar o vestido? — perguntei confusa.

— Você prefere que eu o rasgue? — arqueou a sobrancelha de maneira divertida — Posso fazer isso com o maior prazer.

— Não vou tirar o vestido até que me fale o porquê de ter que tirá-lo.

— Não seja difícil... — brincou — Se começar a ficar difícil, vamos ter que conversar de outra forma.

— Não vou tirar... — falei fazendo beicinho de menina teimosa — Quero ver você me obrigar! — foi o suficiente para ele ficar a menos de dez centímetros do meu corpo, o que me fez paralisar; nenhum músculo do meu corpo se moveu, exceto os

músculos dos meus órgãos, que funcionavam a todo vapor, principalmente o coração acelerado.

— Espero que não goste desse vestido... — abaixou-se e pegou a barra do vestido próximo à costura, sem tocar em mim. Eu gostava muito do vestido, mas estava gostando ainda mais de Nathan. — Por que ele vai se tornar um pedaço de tecido inútil — avisou e partiu para o ataque, rasgando-o com apenas três puxões na costura, o que me fez sacudir e jogar meu corpo em cima do sofá. — Tire o resto! — sua voz assumiu um tom mais profundo.

— Que resto? Quer que eu fique pelada? — fiz uma pausa e engoli com certa dificuldade a saliva — Na sua sala?

— Prefere que eu vá até aí e termine o

que comecei? — começou a abrir os botões de sua camisa e a tirou, expondo cada pedaço de carne perfeita que o tecido escondia — Acho que não... — zombou já sem camisa e então começou a tirar os sapatos, os jogando para bem longe — Hoje vamos começar o nosso próprio processo de enfoque comportamental. — nosso próprio processo de enfoque comportamental? Fiquei confusa. — Pare de pensar, Liz, e tire o resto. — um pouco sem jeito retirei o que sobrou do vestido, como ele pediu, retirei o sutiã lentamente e deixei que deslizesse por completo sobre os meus braços, caindo no chão. — Tire bem devagar... — pediu enquanto tirava o cinto, depois abriu o botão e desceu o zíper da calça, para enfim ficar apenas de cueca.

Estava duro, apenas me olhando!

Não iria questionar, mas estava confusa. Não iríamos transar, porém não estava entendendo nada, ou não queria entender.

— Faça o mesmo com essa peça minúscula que está cobrindo a minha paisagem preferida. — ainda bem que não optei pela calcinha-depressão bege, isso seria um desastre. Estava usando um conjunto rosa-bebê com renda azul, um dos poucos conjuntos bonitos que eu tinha. Enquanto tirava lentamente o último pedaço de tecido do meu corpo, ele, sem tirar os olhos de mim, foi até a cadeira e pegou a caixa — Agora deite e abra suas pernas. — sem questionar, me deitei e abri as pernas; acho que Nathan tinha razão... Eu era pervertida. Foi tão evidente que a vergonha evaporou e deu lugar a uma depravada, que estava com as

pernas escancaradas para o homem mais gostoso que já existiu no mundo. Nathan G. Fox.

Ele sentou-se ao meu lado, quase entre minhas pernas e retirou a cueca, expondo sua grande, grossa e perfeita protuberância de cabeça rosada. Quando estava sem nada se pôs de joelhos em minha frente, mas sempre mantendo distância. Abriu a caixa, retirou um objeto de dentro e depois virou para o meu campo de visão; foi somente aí que percebi que era... Um vibrador! Aquele homem queria me matar? Só podia ser isso! Por mais que fosse muito excitante, não era aquilo que eu queria que entrasse na minha vagina quase virgem. O queria... Duro, liso e quente, bombeando com toda sua glória dentro da minha boceta, me fazendo uma mulher completa.

— Nathan... — ponderei um pouco triste e olhei para ele.

— O que foi? — perguntou preocupado.

— Não quero isso dentro de mim. — o olhei profundamente — Quero que seja você... — no mesmo instante deixou o brinquedo de lado e apreendi o brilho em seus olhos — Quando estiver pronta... Quero fazer com você.

— Lizzie... — senti a ternura em seus olhos — Vou fazer amor com você, vou amar cada pedaço do seu corpo, pois a única coisa que quero é que você seja minha. Minha! — enfatizou a última palavra com paixão.

— Você é tão lindo! — foi a primeira vez que falei aquelas palavras — Tão

perfeito... Tão tentador... — quase não consegui terminar de falar.

— Oh! Merda... — gemeu entre os dentes. Nathan seria a visão perfeita entre minhas pernas — Se você continuar me olhando desse jeito eu vou perder a cabeça! — seu gemido saiu mais denso, enquanto revirou os olhos, jogou a cabeça rapidamente para trás, e, em seguida, voltou a me olhar com mais ardor — Me deixe ver você gozar... Toque seu corpo, por mim, e depois quero provar seus dedos para sentir o sabor dessa delícia rosada.

Será que existe algo mais erótico que isso? Um homem olhando no meio das suas pernas e querendo chupar os dedos que estavam acariciando sua boceta?

Iria me tocar. Sim... Iria tocar meu

corpo como se fosse ele, com suas mãos grandes e fortes, que agora seguravam seu pau duro e magnífico, acariciando-o para cima e para baixo, já exibindo o líquido do seu desejo por mim. Será que um dia iria me cansar de vê-lo com aquele olhar de paixão? Querendo meu corpo, mesmo que não pudesse tocar ainda?

— Vamos lá, meu doce... — incentivou — Quero gozar na sua barriga e sentir o quão gostosa é essa sua boceta. — seus olhos começaram a ficar mais pesados, por causa da excitação — Passe a mão por seu corpo e o amasse, como se fosse eu, tocando você.

Fechei os olhos e comecei a passar a mão esquerda pelo meu pescoço, descí até que toquei em meus seios; a direita estava apertando e alisando minhas coxas e meu corpo começou a quase entrar em colapso.

— Nathan... — gemi ainda de olhos fechados, arfando de prazer.

— Caralho! — murmurou um gemido tão devasso quanto o meu — Você gemeu tão gostoso... — continuei a viagem pelo meu corpo e cheguei até meus mamilos, apertei e puxei entre os dedos — Olhe para mim, Liz! — pediu — Deixe-me ver a excitação em seus olhos. — quando abri os olhos, percebi que ele havia mudado completamente, seu rosto e seu maxilar estavam mais rígidos — Goze, Liz... Goze para mim! — foi o suficiente para eu descer os dedos entre minhas pernas, encontrar o ponto mais sensível e, logo em seguida, acariciar com movimentos circulares rápidos — Coloque o dedinho lá e mexa o quadril bem gostoso... — obedeci, incapaz de argumentar qualquer coisa, já que as únicos

sons que conseguia proferir eram gemidos incoerentes e quase abafados pela excitação. Nathan alisava com rapidez a longa extensão dura e esplendorosa do seu pau, indo da base até a cabeça; me toquei seguindo o ritmo que ele ditava com suas mãos.

— Oh! — gemeu profundamente quando o primeiro jato, quente e grosso saiu, atingindo o meio dos meus seios, não suportei e me entreguei por completo, explodindo em um orgasmo que me partiu em mil pedaços enquanto sentia os jatos mornos diminuírem e meus olhos se fecharem — Isso, meu doce... Minha Jessi Rabbit gostosa do caralho! — resmungou entre os dentes — Estenda o dedo que você usou, meu bem. — falou e se inclinou para frente. Sem muita força, ergui o dedo indicador em sua direção, abri os olhos e a

imagem de Nathan chupando meu dedo me fez perder o resto de força que ainda existia no meu corpo — Como imaginei... Tão deliciosa quanto sua boca! — franziu as sobrancelhas, me olhou com luxúria e deu uma última lambida no meu dedo.

— Em um futuro bem próximo... — o lembrei — Ela será sua. Completamente sua!

— Minha! — enfatizou ao se afastar.

Capítulo 18



Uma cama macia, quente e com o seu cheiro, era tudo que eu precisava. Mesmo não dormindo comigo, senti como se estivesse ao meu lado. Depois de um jantar maravilhoso com mais uma de suas sacanagens, na qual ele queria me dar de presente um vibrador, acho que minha noite terminou de forma perfeita. A sensação de algo se renovando dentro do meu corpo me fez entender que tudo poderia ser diferente se ele estivesse ao meu lado. Meu vestido não servia para mais nada, assim, Nathan me deu

para vestir uma de suas camisas – depois de um banho quente –, e, com muita briga, uma de suas cuecas. Tivemos intimidades demais para uma noite, não queria que arrancasse os botões daquela camisa macia, que tinha o seu cheiro magnífico.

— Você é linda dormindo — entrou no quarto com um sorriso escandaloso e satisfeito. Segurava uma bandeja de café da manhã com torrada, queijo, maçã, pêssego e mamão cortados, ao lado de uma xícara com café. Nathan estava sem camisa, mostrando todo seu peitoral musculoso. Sua pele perfeita, seu cabelo bagunçado, seu sorriso magnífico me fizeram ficar completamente sem ar; usava apenas uma calça de flanela azul, com caimento perfeito em seu quadril, de modo que o deixava ainda mais tentador.

— E você, visivelmente gostoso. —

soltei sem pensar, o que antes era apenas um sorriso se tornou uma gargalhada sensual.

— Ainda bem que compartilhamos da mesma opinião — disse e pousou a bandeja ao meu lado, sentou-se na beirada da cama, ficou de lado e colocou as duas mãos para trás, o que flexionou cada centímetro dos músculos dos seus braços.

— De que você é gostoso? — perguntei e encolhi na cama, incapaz de colocar freio na minha língua.

— Não! — virou o rosto e me encarou — A mesma opinião, mas no sentido de que também a acho muito gostosa. — lambeu os lábios, contornando-os com a língua rosada e tentadora.

— Você sempre foi assim? — arqueei a sobrancelha, peguei o copo de suco de

laranja e observei que não pegou nada da bandeja para ele. — Não vai tomar café?

— Já tomei meu café — continuou olhando para mim, enquanto eu tomava o suco — E não... Não fui sempre assim, até conhecer você e meu pau não parar de se remexer dentro da calça. Toda vez em que olho para sua boca e a imagino chupando ele... — em câmera lenta o suco de laranja saiu da minha boca, cuspi todo o líquido e quase me engasguei.

— Merda! Você me imagina chupando o quê? — olhei para ele quase sem fôlego e olhei o estrago que fiz por causa do susto.

— Se imagino você me chupando? — perguntou com um ar de incredulidade disfarçada de divertimento — A cada cinco segundos, e piora quando olho para essa sua

boca vermelha gostosa. Mas não se preocupe, também quero te chupar até que suas pernas não aguentem mais e você gritar como uma louca, enquanto puxa meu cabelo pedindo por mais.

— Mas, para que isso aconteça, precisamos sair da sessão masturbação — droga! Minha mente e minha boca que não conseguiam ficar conectados — Desculpa, não sei o que me deu... — pedi e coloquei o copo na bandeja.

— Gosto do seu jeito... — sorriu, se aproximou mais um pouco e se sentou de frente para mim — Gosto de tudo em você. — senti carinho em sua voz, um carinho que fez meu sorriso ficar ainda maior. Com certeza, várias outras mulheres tiveram aquele sorriso, aquele corpo.

— Quantas mulheres você já... —
coloquei a mão na boca e evitei a última
palavra. Merda!

— Eu já o quê? — perguntou franzindo
o cenho. Caralho! Me fodi.

— Ah! — cantarolei, querendo parecer
indiferente, mas falhei drasticamente —
Você sabe...

— Não... Não sei! — apertou os lábios,
reprimiu um sorriso e logo em seguida falou:
— Vamos, me explique.

— Transou... — suspirei e me encolhi
ainda mais — Pronto! Satisfeito?

— Ainda não estou satisfeito, mas,
respondendo sua pergunta... — falou, curvou
e ficou ainda mais próximo — Não foram
muitas.

— Em uma escala de um a cem,

quantas Nathan?

— Não acho que você vai querer saber sobre isso... — estava pairando sobre mim, com seu rosto próximo ao meu, me fazendo inalar seu cheiro perfeito e perder o fôlego ao mesmo tempo.

— Tudo bem! — certo, não queria saber, pois se passasse das cem iria ficar sem saber onde enfiar minha cabeça. — Então, quantas namoradas? — Torceu a boca para o lado, como se estivesse calculando, por um momento achei que teria um treco.

— Duas! — respondeu, para minha surpresa. Meu queixo caiu significativamente, ele só poderia estar de brincadeira. Apenas duas? Espere... Se eu era sua namorada, quem foi a outra antes de mim? — E antes que me pergunte, minha

jornalista, não foi uma coisa séria, apenas um namoro rápido, hoje somos amigos e sócios — a julgar pela perfeição do homem que estava na minha frente, a ex-namorada só podia beirar a perfeição, assim como Nathan. O fato de ser sócia e amiga me deixou com ciúmes. Senti vontade de matá-la, mesmo sem conhecê-la, vontade de pegar a cara dela e esbofetear, como um João-teimoso ou um saco bem pesado de areia — O que foi?

— Com que frequência vocês praticavam sexo? — minha pergunta o pegou em cheio.

— Lizzie, isso não vem ao caso. — suspirou e passou a mãos nos cabelos bagunçados — Só quero você e de preferência, para sempre. Quantas vezes transei, ou quantas mulheres tive, não importa. Sou seu agora, e espero que, em

NACIONAIS - ACHERON

breve, você seja minha.

— Estou apenas insegura, Nathan. —
confessei sinceramente — Você parece que
está sempre com as bolas pegando fogo, e
seu... — fiz uma pausa procurando outro
sinônimo para o pau dele, já que o que queria
falar era pau mesmo — Pênis, parece estar
sempre armado. Tenho medo de um dia não
conseguir ser tocada plenamente e ainda tem
o fato de tudo ser muito recente entre nós
dois.

— Meu pau, se era como você ia
falar... — sorriu irônico, quando começou a
explicar — Não vai a lugar nenhum, e meu
desejo por você não pode ser explicado,
apenas demonstrado, assim como meus
sentimentos. Estou apaixonado e nada nesse
mundo vai mudar isso, mesmo sendo algo tão
recente.

— Deus... — choraminguei sorrindo —
Tirando a parte em que você fala do seu pau
com tanta naturalidade, o resto foi lindo.

— Vamos lá, meu doce, — levantou,
ficou de costas para mim e foi para o enorme
closet — o doutor Stevenson vem nos fazer
uma visita. — percebi, no modo como falou,
que a visita tinha mais jeito de sessão.

— Como assim? — questionei — Não
vou descer e ficar na frente dele vestida
assim.

— Foi isso mesmo que você escutou.
— explicou, enquanto revirava algo no closet
— E não, realmente não dá para você ficar
com essas pernas deliciosas na frente dele. —
quando voltou, trouxe consigo umas sacolas
— Vista o que tem aqui dentro — sorriu —
Tenho certeza que vai servir perfeitamente

em você. — disse isso e seguiu para o closet novamente.

— Devo perguntar como você sabe o que gosto? — paguei a sacola, retirei de dentro uma blusa de mangas lilás, calça jeans azul, calcinha e sutiã. Todos no tamanho exato para meu corpo.

— Deve! — senti que estava sorrindo, mesmo não podendo vê-lo.

— Certo... — levantei da cama e tirei a camisa dele — Como sabia o tamanho das roupas?

— Não tinha como não saber. — falou bem atrás de mim, me assustando — Deus! Não me canso de olhar seus seios. São incríveis... — Nathan olhava fixamente para os meus seios, enquanto mordida os lábios — Só de olhar para você sei o tamanho de cada

pedaço do seu corpo — ele já estava vestido, com uma calça jeans preta e camiseta polo branca, com as mangas contornando os músculos dos seus braços.

— Você falando desse jeito, — peguei rapidamente o sutiã e coloquei logo em seguida — fico parecendo um pedaço de carne.

— O melhor e mais suculento pedaço de carne, que apenas eu posso comer. Você me entendeu? — se aproximou e parou a poucos centímetros do meu corpo, me deixando fraca — Eu como você e você me come. Seremos a refeição um do outro.

— A ideia de comer você, ou você me comer, não inclui canibalismo, certo? — brinquei vestindo a blusa e me distanciei um pouco dele.

— Se você quiser que eu coma você, em todos os sentidos e de todas as maneiras possíveis, até pode incluir. — aproximou-se novamente, quando terminei de vestir a blusa — Agora, faça um esforcinho e me dê um beijo. Estou ficando louco só de pensar no gosto da sua boca — esforço? Será que realmente estava tendo que me esforçar para beijar aquela boca incrível? Não! Não estava me esforçando, pois a queria beijar.

O beijo de Nathan estava me curando, ou quase isso. Quando me beijava, tudo parecia que parava de existir, tudo se tornava poeira ao vento. Apenas com um beijo ele fazia com que me sentisse única. Dele.

Quando me aproximei, ele pôs as mãos para trás e inclinou a cabeça para frente. Nathan era alto, forte e dono do seu mundo, mas, ao mesmo tempo, era delicado e

NACIONAIS - ACHERON

sensível com meu estado nada aceitável. Se fosse outro homem, isso se tivesse aceitado outro, jamais teria permitido tal aproximação, ou até mesmo que esse sentimento se tornasse tão intenso, poderoso e avassalador em tão pouco tempo. Era como se ele sempre estivesse ali, e que em seus lábios eu encontrasse a mais pura libertação. Não sei o que faria se, de repente, ele me deixasse, percebendo que era um erro ficar comigo e assumir os riscos de um relacionamento assombrado por meu passado tenebroso. Com o simples toque dos seus lábios nos meus, aquela sensação de estar onde sempre deveria estar me tomou, me preencheu. O gosto da sua boca, o jeito como me beijava intensamente sem ao menos me tocar, era algo sem explicação.

— Vou amar cada pedaço do seu

corpo, meu doce... — sussurrou ainda me beijando, enquanto me fundava em sua boca macia e quente. — Vou adorar cada centímetro e mostrar como se ama de verdade.

— Eu sei... — estava sem fôlego, resultado de um beijo intenso, cheio de promessas e muita paixão — Prometo que vou amar cada pedaço do seu corpo, assim como vai fazer com o meu. — fechei os olhos quando falei cada palavra. Tudo tinha se intensificado, bem como todos os meus sentidos perto dele.

— Minha! — murmurou com a voz baixa, ainda perto da minha boca.

— Sua! — afirmei. Abri os olhos e me deparei com o brilho perfeito dos seus olhos. Ali era o meu céu... Meu pedaço de céu na

terra, onde me perderia ou me encontraria, no modo profundo que ele me transmitia isso. O encanto só acabou quando seu celular tocou; o pegou no criado-mudo, olhou o visor da tela e logo atendeu.

— Stevenson. — o cumprimentou polidamente — Certo... Estamos descendo. — disse por fim, desligou o celular e o guardou no bolso da calça — Espero você, ou desço? — estreitou os olhos e colocou um sorriso safado no canto da boca, me fazendo entender o que queria dizer.

— Fique e assista ao show. Se quiser, é claro. — dei de ombros, peguei a calcinha na sacola, tirei a cueca de maneira lenta, olhei para ele de maneira provocante e fiquei nua da cintura para baixo.

— Agrade esse homem aqui e vire-se

quando for colocar a calcinha, inclinando bem essa bunda. — pediu e colocou as mãos nos bolsos da calça. Obedeci, estava gostando da brincadeira; virei-me, inclinei bem a bunda em sua direção e vesti lentamente a calcinha, flexionando os joelhos, alternando entre uma perna e outra.

— Assim? — perguntei querendo parecer inocente, já me sentindo uma pervertida perto dele.

— Você não me engana com essa sua cara de inocente. — sua voz estava rouca, com uma pontada de divertimento — Safada! — rosnou suspirando com sua voz sedutora — Minha safada!

— Eu não era assim... — falei assim que terminei de vestir a calcinha, me virei e coloquei as mãos no quadril — A culpa é

sua.

— Meu doce, — seu olhar estava ainda mais intenso de que sua voz — ninguém se torna pervertido, todos nós temos um lado safado. Só depende de quem usa ou desperta esse nosso lado de luxúria. E no seu caso, é algo que já está fluindo naturalmente.

— Ainda assim é sua culpa, — retruquei, me divertindo — o meu lado ou meu sentido pervertido só foi despertado com você.

— E o meu lado pervertido vai entrar em ação se você não colocar a merda da calça, vou até fechar os olhos. Juro que esquecerei que temos uma visita lá em baixo, abro suas pernas e chupo você, se não for rápida.

— Está certo... — sorri — Nós dois

sabemos que isso não pode acontecer, —
peguei a calça e me vesti rapidamente —
pronto. Agora pode abrir os olhos.

— Ora... — falou Ian, quando viu
Nathan e eu descendo a escada — Vejo uma
aparência maravilhosa em você, Lizzie. —
fiz apenas um aceno com a cabeça, sabendo
que não apertaria a sua mão — Nathan. —
estendeu a mão para Nathan e a apertou
firme, com um olhar profissional.

— Nathan me falou que você nos faria
uma visita. — fui direto ao ponto da
conversa — Mas... Nós sabemos que essa sua
visita nada mais é que uma sessão.

— Percebo que sua parceira é bem
parecida com você, Nathan. — lançou o
mesmo sorriso enigmático para Nathan,

como se fosse uma brincadeira interna.

— E você pode, por favor, parar com isso? Como se estivesse passando algum tipo de mensagem para ele nesse sorrisinho? — soltei, tive que falar.

— É muito perceptiva também... — ampliou o sorriso ainda mais para Nathan — Praticamente almas gêmeas.

— Deixe de baboseiras, Stevenson, — retrucou Nathan — você não está sendo pago para ficar fazendo observações se ela é ou não parecida comigo. Você está sendo muito bem pago para tratar da minha namorada. — o tom gélido de Nathan fez com que eu sentisse um pouco de pena de Ian, mas logo passou quando o olhei e percebi que estava vermelho, sufocando o riso; aquilo claramente era uma brincadeira entre eles.

— Me desculpe, Lizzie! — pediu se recompondo e voltou ao seu lado profissional — Nathan, preciso que você me deixe a sós com Lizzie, preciso fazer algumas perguntas para ela.

— Não! — olhei para Nathan, que de imediato recebeu meu olhar — Quero que ele fique. Não sei se notou, doutor Stevenson, mas não quero que ele fique de fora, ou sem qualquer tipo de informação sobre mim.

— Ian, você sabe que não vou sair de perto dela. — Nathan falou com firmeza.

— Se é assim que o casal quer... — suspirou e seguiu de maneira elegante para uma das cadeiras perto do sofá, que ficava próximo da enorme janela — Mas, vamos assinar um termo onde sua namorada vai segurar a língua dentro da boca, caso algo dê

errado entre vocês.

— Nada vai dar errado, Stevenson — rebateu Nathan, com uma pitada de irritação, mas Ian não parecia se preocupar com isso.

— Mesmo assim, — Ian olhou para Nathan e abaixou um pouco os óculos — o seguro morreu de velho. Agora deixa de ser rabugento e sente-se aqui ao meu lado enquanto sua namorada, que é minha paciente, se senta nesse incrível sofá branco e me fala mais sobre o que aconteceu.

Nathan se acomodou na cadeira e manteve contato visual sobre mim. Percebi que ele estava tão nervoso quanto eu. Mesmo sendo muito difícil abrir minha boca e revelar tudo o que aconteceu, precisava começar. Saber que Nathan estava ali e que iria me apoiar no início era o mais

importante. Eu nunca havia me exposto a ninguém. Olhei para aqueles olhos azuis e me deixei mergulhar no mais profundo sentimento que existia entre nós dois.

— Quando você estiver pronta... — Ian disse ao cruzar suas longas pernas, pegou um bloco de notas com a caneta em uma de suas mãos — Quero que você se sinta à vontade para falar tudo o que puder. Tudo bem?

— Tudo! — falei, sentei no sofá, abaixei a cabeça e senti um nó se formar em minha garganta. Certas coisas não são fáceis de digerir, mesmo com o passar do tempo. E aquelas lembranças ainda eram uma ferida exposta, que me fez sofrer durante anos.

— Estou do seu lado... — a voz de Nathan me chamou de volta à realidade, seus olhos carinhosos e ao mesmo tempo

preocupados. Ele estava se tornando meu porto seguro. Uma pilastra, que sem medo, estava segurando com todas as minhas forças — Sempre! — enfatizou, e, com aquelas poucas palavras, entrou ainda mais no meu coração, aquecendo meu corpo e minha alma.

Naquele momento não queria estar em outro lugar, a não ser ao lado dele. Daquele homem forte, dono de um coração enorme e paciente.

— Nathan... — o tom de censura na voz de Ian, fez com que ele ficasse sério e, mesmo não respondendo, pude ver o quanto aquilo o aborreceu — Vamos prestar atenção no que Lizzie tem a dizer.

Respirei fundo, olhei para Nathan com ternura e medo. Se depois de falar tudo ele quisesse me deixar, meu mundo não seria

mais o mesmo, eu seria apenas uma carcaça, vagando, robotizada e seguindo a vida, sem muitas expectativas. Sabia que não era saudável me apegar a ele como um meio de sustentação, de ter alguém para chamar de meu e poder contar com essa pessoa, sem medo ou resistência; era perigoso demais para o meu coração. Aquilo estava sendo um tiro no escuro, mas, ainda assim, queria tentar.

Por mim!

Por nós dois!

— Quando tinha oito anos... —
comecei e abaixei a cabeça novamente —
Minha mãe, Salomé Dickson Radzimierski, saiu da vida que levava no subúrbio do Queens. Antes, havia se casado com o meu pai, Marcus Karzus Radzimierski, que nos

deixou sozinhas no mundo e nunca mais deu notícias... — respirei profundamente antes de continuar, retorci os dedos das mãos em nervosismo — Minha mãe se viu perdida, tinha uma criança para alimentar, e, como era muito bonita, chamava bastante atenção. Ela usou isso para buscar outros meios de conseguir o que queria, e começou a se prostituir... — senti meus olhos arderem, mas não queria chorar, não iria chorar, pois boa parte do meu sofrimento tinha sido causada pelas escolhas erradas dela — Depois, quando ela apareceu em casa com o... — era muito difícil falar o nome do homem que causou tantos traumas na minha vida, me impedindo de ser uma mulher plenamente feliz e aberta para a possibilidade de amar — Theodor O’Connell, ou Teddy, como ela o chamava. — o gosto amargo do álcool

chegou à minha boca e me fez ficar um pouco enjoada com a lembrança do gosto da saliva dele rolando dentro da minha boca — Um frio percorreu minha espinha, sabia que era perigoso assim que coloquei os olhos nele. Mesmo não tendo idade suficiente para entender o porquê daquele arrepio, um dia ele entrou no meu quarto e... — virei o rosto, ainda de cabeça baixa, para que pudesse continuar a falar; estava cada vez mais difícil me abrir — Começou a me olhar de maneira estranha e se masturbar. — engoli o nó que se formou e reuni todas as minhas forças para poder continuar a história da minha vida — Fingi que estava dormindo, mas a partir daquele dia, soube que minha vida seria um inferno. E assim foi.

— Filho de uma puta! — resmungou Nathan, com ódio latente em sua voz.

Quando virei e levantei a cabeça, ele tinha os punhos cerrados, em uma postura rígida. Seu rosto estava tão transtornado que por um momento não reconheci o homem que se mostrava perfeito e dono de um controle irrevogável — Juro que mato esse desgraçado, filho de uma cadela...

— Nathan! — o mesmo tom de advertência na voz de Ian apareceu, para lembrar que ele deveria se controlar, mas a maneira como disse que mataria Theodor me fez estremecer, havia um ar de perigo em sua voz — Guarde seus comentários para si. Prossiga, Lizzie... — Ian me olhou de modo profissional e compenetrado — Depois daquela noite, o que houve? — Nathan fuzilou Ian, mas calou-se, de maneira desconfortável, e irritado.

— As noites foram se repetindo com
NACIONAIS - ACHERON

frequência, mas até então ele não havia tocado em mim. Eu o evitava constantemente, até que... — se era para terminar de revelar o que tinha se passado comigo, faria isso de uma vez por todas. Meu passado não iria assombrar meu futuro. Meu futuro com Nathan, um futuro que queria para mim, com todas as minhas forças — Minha mãe começou a trabalhar como garçonne em uma cafeteria próxima a nossa casa, sempre chegava cansada, nunca tinha tempo para mim e enfim minha mãe engravidou...

— Aquele merda teve a coragem de procriar? Aquele monstro! — de repente Nathan estava gritando. Levantou da cadeira, passou a mão no cabelo de maneira exasperada e andou de um lado para o outro.

— Assim fica complicado trabalhar,
NACIONAIS - ACHERON

com você atrapalhando a cada cinco segundos. — Ian olhou para Nathan — Se não ficar em silêncio, vou ter que remarcar a sessão para outro dia. Entendeu? — Ian falou com firmeza.

— Como quer que eu não fique puto com essa situação? — Nathan indagou e apertou as mãos em punhos até que os nós de seus dedos ficassem brancos.

— Nathan... — meu tom de voz era baixo — Tudo bem, consegui passar pelo pior, só quero continuar e me curar.

— Me desculpe, meu doce! — a voz de Nathan estava mais calma quando voltou a olhar para mim — É tudo novo para mim, e é difícil aceitar que tenha passado por isso tudo.

— Apenas a deixe terminar de falar.

Acalme-se e fique quieto. — pediu Ian, mas dava para notar o quão irritado estava com as constantes interrupções de Nathan. Conseguia entender o lado dele, aquilo era algo muito difícil de escutar e ter que manter o sangue-frio até o final de toda a história — Prossiga, Lizzie! — contra sua vontade, Nathan voltou a se sentar.

— Sei que é difícil de escutar, mas quero continuar... — Nathan assentiu com a cabeça, sabia que estava se controlando — Quando ela engravidou eu ia completar dez anos e a cada dia meu corpo estava mudando, me desenvolvia mais rápido que as meninas da minha idade e os olhares de Teddy se tornaram cada vez mais indiscretos e ousados. Não vou mentir que na época do nascimento da minha irmã a amei assim que a vi, mesmo que fosse filha daquele homem

asqueroso. Chloe foi a única coisa boa que ele fez de certo na vida. Prometi que assim que minha vida melhorasse, ela moraria comigo; a tiraria daquele inferno — tudo que tinha dito sobre Chloe era a mais pura verdade, amava minha irmã com todas as minhas forças, e, por ela, mudaria tudo na minha vida — Chloe completou oito anos e eu completaria dezoito, foi quando recebi a carta de admissão da universidade...

Nathan sabia que essa era a parte mais difícil a ser dita, seus olhos emanavam compreensão e carinho. E foi aquele olhar que me incentivou a continuar. Buscando forças para terminar, eu disse:

— Minha mãe tinha saído para trabalhar e eu fiquei cuidando da minha irmã. Foi quando ele apareceu no meu quarto com a carta nas mãos e com o rosto vermelho de

raiva, gritando que eu era dele, que pagava minha comida e tudo mais, e que por isso tinha direitos sobre mim. Minha mãe sabia, e muitas vezes ignorava, que ele deliberadamente passava as mãos no meu corpo, mas nada foi pior do que saber que ela não se importava com isso. E tudo porque ela não queria ficar sozinha e com outra filha para criar... — balancei a cabeça negativamente, com aquela lembrança inescrupulosa e suja — Fiquei em pânico, sem saber o que fazer quando ele me pegou à força; estava cheirando a bebida e a suor, e me deixou completamente sem reação. — fiz uma pausa relembrando todo o horror que vivi e aquilo me consumia por dentro, mas continuei, mesmo que doesse muito. — E foi através da força que ele me domou, me espancou, me estuprou e ainda fingiu que

nada tinha acontecido. Mas, na primeira oportunidade que tive, roubei as poucas economias que eles tinham e fugi. Passei fome, e, por muitas vezes não tive onde dormir; foi quando consegui um estágio no The Poster. A única coisa que sempre evitei foi um relacionamento ou qualquer homem tocando meu corpo; todas as vezes que algum homem me tocava eu sentia todo o medo voltar. E Deus sabe que tentei seguir em frente sem ajuda, mas não deu certo.

— Você não pensou em chamar a polícia, ou denunciar tal atrocidade? — perguntou Ian.

— Por mais que tivesse a oportunidade, ele nunca olhou para Chloe da mesma forma que olhava para o meu corpo, e não queria minha irmã enfiada em orfanatos, sendo adotada por algum casal onde o

NACIONAIS - ACHERON

padrasto abusasse dela e a fizesse passar por tudo que passei. Achei melhor trabalhar, juntar uma grana e comprar um apartamento para nós duas... Sei que essa minha linha de pensamento pode ter ido parar no ralo. — olhei para Nathan e seus olhos estavam úmidos e vermelhos — Mas, uma coisa boa aconteceu na minha vida. Quando Nathan apareceu, estava disposta a vender a história da vida dele para os tabloides e faturar o suficiente para realizar meu sonho, porém, não contava com o fato de ele ser tão encantador.

— Meu doce... — as lágrimas cederam e Nathan começou a chorar de forma contida — A maneira como me aproximei de você foi tão estúpida, que não sei como você não fugiu; eu praticamente a encurralei.

— Foi como você se aproximou que

NACIONAIS - ACHERON

despertou algo que não sabia que poderia sentir. — sorri para ele e percebi que também estava chorando — Quando me beijou pela primeira vez me senti completa, me senti pronta para deixar você entrar na minha vida. Precisava me dar essa oportunidade.

— O que sentiu quando Nathan se aproximou de você? — Ian prestava ainda mais atenção em cada palavra — O que realmente sentiu?

— Pânico... — respondi, ainda olhando para o rosto de Nathan — Raiva, incerteza... Mas, depois me senti segura, apesar de nunca conseguir deixá-lo passar mais de dois segundos tocando minha pele. Ele me quis mesmo assim, toda quebrada e quase estragada para qualquer tipo de relacionamento. E isso me fez querê-lo ainda mais, em tão pouco tempo.

— Ao que percebo, Nathan se tornou seu catalisador de emoções, mesmo sem que você soubesse disso, canalizando o seu desejo e suas emoções de forma incrível, já que é muito difícil uma pessoa na sua situação conseguir que outras pessoas a toquem. — foi então que Ian perguntou — Isso acontece com todos, quero dizer, você não consegue ser tocada por ninguém?

— Isso é apenas com homens, Ian. — aquilo pareceu intrigar Ian, mas, ao mesmo tempo, fascinar — Consigo ter contato com mulheres... Abraçar e ter uma amizade normal.

— Você já teve algum relacionamento, ou pensou ter relações amorosas com mulheres, Lizzie? — Ian perguntou sem a menor cerimônia, o que fez Nathan arregalar os olhos, surpreso.

— Nunca quis, e nunca pensei na hipótese de um relacionamento com uma mulher, por mais solitária que minha vida fosse. — respondi com sinceridade — Acho que sempre soube que o homem que seria meu estava me esperando, era apenas uma questão de tempo e destino.

— Sei como se sente... — Nathan me presenteou com o mais lindo sorriso que uma pessoa normal pode suportar. Tão doce... Não tinha como não amar aquele homem, que, por trás da máscara de fodeador lascivo, também escondia seus medos — Sabia que você seria minha na primeira vez em que a vi.

— Tenho uma proposta e sei que não é nada ortodoxa, mas é a ideia que me veio à cabeça, já que existe uma tensão sexual palpável entre vocês. — aquele comentário

NACIONAIS - ACHERON

me deixou de bochechas vermelhas e fez com que Nathan prestasse mais atenção no que Ian tinha a falar — Use essa tensão a favor de vocês... — começou — Lizzie, quero que você se permita sentir todos os dias o toque das mãos de Nathan, pelo tempo que conseguir, e anote em um diário as sensações, assim como seus medos. Sei que isso pode ser um pouco difícil para você, mas analisei bem o seu caso. Acredito que você vai conseguir ter uma relação saudável e plena muito em breve, agora tudo depende da sua determinação. Teremos uma sessão por semana, e em cada consulta quero que me fale mais sobre seus medos e o que você espera para o seu futuro. — avisou ao se levantar — Quero analisar a sua evolução como prioridade em seu tratamento. Tudo bem? Acha que consegue realizar isso?

— Tudo bem. Eu consigo. — mais um desafio entrava no meu caminho, e não iria fugir. Eu lutaria com todas as minhas forças.

— Juntos. — Nathan enfatizou — Vamos fazer isso juntos.

— Muito bem. — disse Ian, e tirou um envelope amarelo da sua bolsa de couro marrom — Agora... — se virou e o entregou para Nathan junto com uma caneta — Quero que você assine isso Nathan, para a segurança de Lizzie e para sua própria segurança. — Nathan o pegou, retirou o documento de dentro e leu atentamente cada linha.

— Tudo por ela. — pegou a caneta da mão de Ian e assinou com o sentimento de firmeza no que estava fazendo. Olhou para mim assentindo e logo após me passou para

que eu assinasse e entreguei para Ian assim que terminei. — Agora saia daqui! Quero terminar meu sábado ao lado dela.

— Como quiser... O que não faço pelos amigos. — pacientemente, Ian balançou a cabeça com aquele sorriso enigmático nos lábios, guardou o envelope e a caneta em sua bolsa e seguiu para a porta.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntei a Nathan.

— Psicólogos não atendem em casa, mas no seu caso, era algo especial. Algo que senti que deveria pedir a ele.

— Obrigada, por querer me ajudar... — tudo que poderia fazer naquele momento era agradecer a ele por querer ficar ao meu lado.

Nathan não se deu ao trabalho de segui-lo até a porta, ficou me encarando em

silêncio.

Minutos depois, ainda estávamos no mesmo silêncio apenas nos observando. Parecia que Nathan ainda estava digerindo cada palavra que eu havia exposto, mas, mesmo assim, permanecia ali, parado, me observando.

— Não vou deixar que nada de ruim aconteça em sua vida novamente. — falou e me pegou de surpresa, me presenteando com o timbre maravilhoso da sua voz — Vamos fazer isso juntos... Quando estiver pronta, buscaremos a sua irmã. — aquilo me emocionou profundamente — Agora você tem a mim, e ninguém... Eu disse *ninguém* vai magoar você. Vou dar a você o mundo e tudo que eu puder, porque você é minha. Minha! — Nathan levantou-se e sentou-se ao meu lado, apoiou os cotovelos nos joelhos,

NACIONAIS - ACHERON

entrelaçou seus dedos e me olhou — Isso tudo porque quero construir uma vida ao seu lado.

— Mesmo não podendo me tocar? — murmurei olhando para ele, com os olhos ardendo e as lágrimas descendo.

— Não preciso tocar você para poder sentir o quanto é perfeita... — sorriu — Quero que sinta o quanto desejo que seja feliz ao meu lado!

— Você vai foder meu juízo, falando essas coisas — sorri para ele e enxuguei as lágrimas.

— Não é bem o seu juízo que quero foder. — piscou para mim, fazendo com que todo o meu corpo ficasse aceso — É algo mais embaixo, bem entre suas pernas, que desejo com todas as minhas forças saborear

cada pedaço... — mordeu o lábio inferior de maneira sugestiva.

— Perverso! — resmunguei sorrindo.

— Safado! — rebateu com humor.

Capítulo 19



Quando subi, Nathan estava na sala ao telefone falando com o seu assessor algo sobre a sua campanha. Deixei-o em uma conversa quase no estilo UFC e segui para seu quarto. Verifiquei meu celular e havia cinco mensagens de texto de Tati, desesperada em busca de ajuda ou conselho. Tecnicamente não era a melhor pessoa para ela pedir conselhos, mas se minha amiga precisava de mim, ajudaria no que fosse possível.

“LIZ! :’/ Preciso de ajuda, me ligue assim que puder”

“Ah Deus! Você deve estar com seu gato lindo de morrer! HUUUU LOL, mas, ainda assim, preciso de ajuda. Me ligue”.

“Liz... Se Elijah quiser algo mais, o que devo fazer? E se ele quiser... Ah! você sabe o que quero dizer :(...”

“Lizzie Radzimierski! Saia de onde estiver e responda as merdas das mensagens, AGORA! Preciso de ajuda... Adoro Elijah e não quero que nada dê errado”.

“Se você não me responder, vou me afogar na ricota... Isso é uma ameaça. Juro por Deus que me mato no pé de picles”.

Tati conseguiu me tirar alguns sorrisos naquela manhã, mesmo depois de ter passado pelo que passei me sentia livre agora. Um peso dos meus ombros foi removido.

Isso era o que eu achava!

“Não se preocupe com nada. Se Elijah quer sair com você, é porque existe algo de especial acontecendo entre vocês. E respondendo a mais uma pergunta sua: se ele a beijar, siga o seu coração, e se acontecer algo a mais, você saberá se deve ou não aceitar esse algo a mais. Pensamento positivo. Sei que tudo vai dar certo. Bj :*”

Estávamos junto há duas semanas e mantínhamos um relacionamento complicado. Estava em minha quarta sessão com Ian, e em todas precisava contar partes do meu trauma. Era muito difícil ter que reviver as lembranças, porém necessário. Na noite anterior, Nathan foi até meu apartamento e me levou para dormir no seu, o que eu gostava muito, pois tinha a oportunidade de ficar sentindo o seu cheiro.

Já passava das onze da manhã quando levantei, era minha folga e Nathan havia sumido. Não tentei procurá-lo, então resolvi ir para a cozinha. Ele preparou o almoço e nós ainda não tínhamos tomado café; eu não era a melhor pessoa para ficar em uma cozinha, principalmente sozinha, com panelas, facas e até mesmo um fogão, já que a maioria das comidas que existem no meu apartamento eram, de preferência, congeladas. E ainda assim, em um futuro bem próximo sonhava em ter uma cozinha espaçosa; talvez um dia realizasse aquele desejo. O almoço seria peixe grelhado com finas rodellas de cebolas, batatas temperadas com ervas e um arroz grego, receita toda preparada por ele.

Resolvi que aquele era um bom momento para conhecer melhor seu

NACIONAIS - ACHERON

apartamento. Olhei para as duas portas que ficavam próximas à escada e abri a primeira, atrás da qual havia uma academia enorme e bem equipada. É lógico que ele teria uma academia dentro do apartamento. Com um corpo daquele, seria uma doida se imaginasse o contrário, já que tinha ao meu lado um dos homens mais importantes e ocupados do mundo político, além de ser dono de quinze boates espalhadas pelo Brooklin e muito cobiçado pela mídia e pelas mulheres. O que me lembrou de que ainda existia Isaäk no meu caminho e ele também estava no caminho do homem que havia me transformado em tão pouco tempo.

Isaäk era meu novo alvo, mas não passaria por ele sem passar primeiro por Nathan... O que Nathan sabia sobre Markov?

Quais os negócios que mantinha com

Markov? E quais Isaäk mantinha fora do círculo de negociações com Nathan? E o principal, o quanto Nathan estava envolvido nas merdas de Isaäk? Sabia que Nathan não chegou ao poder com sua idade sendo um bom moço, ou sendo candidato ao prêmio Nobel da Paz. Nathan tinha um olhar de quem já fez muita coisa errada, inclusive o olhar de quem já matou alguém, o que esperava, desesperadamente, ser apenas algo da minha imaginação fértil e perturbada, da minha mente de jornalista investigativa.

Deixei a primeira sala e segui para segunda. A porta também estava destrancada e quando a abri vi um escritório moderno e amplo; o toque de antiguidade se dava por conta dos móveis de madeira escura e bem trabalhada, com detalhes de linhas retas e rústicas. Na parede do escritório tinha uma

janela enorme que ligava uma ponta à outra da sala. Do lado direito havia uma estante com vários livros sobre a constituição e alguns clássicos da literatura americana, assim como alguns clássicos da cultura inglesa. Do lado esquerdo havia uma mesa de vidro, muito bem organizada; no centro tinha três cadeiras de madeira, iguais às da sala, sobre um tapete, que mesmo não entendendo muito de antiguidades ou peças caras, podia jurar que era um famoso persa. Então foquei no computador; Nathan não seria tão ingênuo a ponto de deixar seu computador sem senha.

Seu computador estava dançando *Macarena* e me chamando de um modo absurdamente grosseiro. A qualquer momento, Nathan poderia entrar por aquelas portas e me flagrar bisbilhotando sua vida, mas a minha curiosidade foi maior... Muito

maior! Corri, olhei pela porta e ele ainda estava sumido, rapidamente fui em direção ao computador, que estava ligado, mas precisava de uma senha para acessar. Digitei as poucas opções que conhecia, mesmo sabendo que Nathan não seria tão previsível. Com a adrenalina correndo solta pelo meu corpo, digitei meu sobrenome e fiquei sem ar quando a tela abriu na área de trabalho com uma foto minha toda descabelada. Uma foto recente. Agora vejo o quanto Matt tinha razão por chamar minha atenção, eu parecia um lixo nas cores preto e bege, apenas dando destaque aos meus cabelos ruivos avermelhados. Meus olhos verdes pesados e minha cara amarrada deram a impressão que o dia em que aquela foto foi tirada era o mesmo dia que ele havia... Deus! Aquele homem estava fritando meu cérebro. Ele

tirou uma foto minha no dia em que foi ao jornal, visitar seu novo investimento, e foi quando o vi de gravata e terno aberto, deixando à mostra a camisa de um fino tecido que marcava seu peitoral, junto com o incrível abdômen escondido.

Um homem que dava água na boca só em sentir, de longe, o cheiro do seu corpo. Que chupou aquela maldita colher quando apareceu no meu apartamento e que entrou na minha vida sem avisar e me tirou do sério, roubando toda a minha atenção.

Parecia errado!

E era errado!

Desisti de fuçar suas coisas assim que olhei para minha foto no monitor.

— Achou o que precisava? — sua voz me deu um susto daqueles! Como sou a

pessoa mais propícia a desastres no planeta, caí quando tentei levantar da cadeira rapidamente. Uma queda vergonhosa, na qual senti vontade de esconder minha cara em um buraco enorme e bem fundo, depois jogar terra por cima e nunca mais sair de lá.

— Merda! — xinguei enquanto tentava levantar — Nathan, posso explicar... — comecei a falar pelos cotovelos — Juro que já estava saindo, e que... — coloquei as mãos no rosto para esconder a vergonha de ser flagrada — Desculpe! — pedi sinceramente — É que sou curiosa e ainda não sei muito sobre você, — respirei um pouco antes de continuar — mas aí vi minha foto no monitor, e... Deus! O que estou falando? Vi minha foto e desisti. — fechei a boca, mordi os lábios, coloquei as mãos na cintura e abaixei a cabeça para não olhar para ele.

— O que você quer saber, exatamente?
— seu tom não mostrava qualquer inclinação para irritação, era algo neutro, mas que me deixou alerta. Mesmo não o encarando, sabia que estava me olhando; quase me senti sufocar, era uma bandida sendo pega em flagrante e estava prestes a ser julgada — Vamos, meu doce, o que quer saber? Pode perguntar qualquer coisa.

— Por que sua irmã é sua motorista?
— perguntei ainda sem olhar para ele, parada e quase sem respirar.

Nathan respirou fundo, tentando processar a pergunta. Mesmo que tivesse prometido explicar essa relação esquisita com a irmã quando achasse que era a hora certa, não consegui me segurar. Gretha era motorista de Nathan, era negra, alta e de traços fortes, era de tirar o fôlego, não só por

NACIONAIS - ACHERON

seu encanto extraordinário, sua beleza exótica, mas também por seus olhos azuis exuberantes, como os de Nathan.

— Liz, olhe para mim... — pediu com carinho, mesmo sabendo que poderia estar chateado com a minha invasão... Oh, inferno! Ele também xeretou meu computador e não tinha o direito de ficar de bico por causa do que fiz. Obedecendo, ergui a cabeça e olhei para aqueles olhos magníficos. — Quero que saiba que não vou esconder nada de você... — chegou mais perto e não me mexi — O que vai fazer com as informações que eu fornecer, é escolha sua. Mas, acredito que o sentimento que temos um pelo outro será mais forte do que qualquer coisa, ou curiosidade, que venha a ter.

— Nathan, eu...

— Eu... — ele estava lutando com todas as suas forças contra algo que eu ainda não sabia o que era, até abrir sua boca e falar as palavras que fizeram meu mundo explodir — Eu amo você! — meus batimentos aceleraram de forma quase absurda. Escutei-o dizer que me amava e estava paralisada, não pelo medo de ser tocada, mas por suas palavras. Nunca, jamais, alguém falou que me amava. Não com aquela profundidade — Entendo que é tudo novo, mas não consigo explicar de outra forma que não seja falando que a amo.

— Nathan... Isso é mais do que eu poderia esperar. — meus olhos começaram a arder, uma avalanche de sentimentos tomou conta do meu corpo, da minha mente e principalmente da minha alma.

— Você não precisa dizer que me ama

NACIONAIS - ACHERON

também. — estava ainda mais próximo, dava para sentir o cheiro maravilhoso que vinha dele. Daquele homem que me olhava com esperança de algo que não conseguia compreender. Não naquele momento — Só prometa que não vai embora quando descobrir tudo sobre mim. Por favor, eu imploro que não me deixe...

— Eu prometo... — as palavras saíram da minha boca, antes de serem processadas por meu cérebro — Se você não desistir de mim, eu prometo. Não fugirei! — ele fechou os olhos e por um momento deixou-se ser absorvido pelas poucas palavras que pronunciei. Palavras que estavam carregadas de sinceridade. Eu já o amava, mas não conseguia dizer isso naquele momento.

Quando abriu os olhos, me afoguei na imensidão e na profundidade do azul perfeito

NACIONAIS - ACHERON

de seus olhos. Nathan era de tirar o fôlego e, mesmo que não quisesse, virava meu mundo, só me olhando com desejo, paixão, luxúria, carinho e amor. Tudo isso e muito mais, em um único olhar.

— Vamos nos sentar e explico tudo a você. — indicou as três cadeiras que ficavam no centro do escritório, sentou, puxou uma delas para ficar de frente para mim enquanto me acomodei e o esperei abrir a boca para explicar como sua irmã se tornou sua motorista — Primeiro, quero explicar que não a obrigo a trabalhar como motorista. Entendeu?

— Sim! — respondi, querendo que começasse mesmo a explicar tudo.

— Segundo, ela faz isso porque quer. — arqueou a sobrancelha e se ajeitou na

cadeira — Somos irmãos, mas apenas por parte de pai. Meu pai teve um romance com a mãe de Gretha há vinte e oito anos atrás, minha mãe não suportou muito a falha, ou melhor, o desvio de percurso do meu pai, e mesmo assim o aceitou com a condição dele apenas oferecer assistência à filha. A mãe de Gretha faleceu quando ela estava com quinze anos, que teve então que se mudar e morar com o pai, no caso, nosso pai e a minha mãe.

Quando olhei para Gretha, me apaixonei. Um amor incondicional, que sabia que ela também sentia. Eu fiz de tudo para ela ser a mulher que é hoje, forte, determinada e objetiva em suas escolhas. No começo, minha mãe não conseguia suportar olhar para o erro que meu pai havia cometido.

— Isso explica o fato dela ser linda. —

sorri com o mais puro afeto — É sua irmã.
— o fiz sorrir também.

— Gretha é a melhor irmã que poderia desejar, apesar de ter apenas ela. — era evidente o jeito carinhoso e amoroso com que dizia o nome dela — Com o passar dos anos, minha mãe viu que Gretha não tinha culpa dos erros que meu pai cometeu, e começou ali um laço de amor; hoje elas são como mãe e filha. Quando tinha vinte e um anos, eu protegia Gretha de qualquer coisa que a fizesse sofrer e foi assim até ela se formar na academia e ser aceita em um programa de segurança do governo. Gretha é praticamente uma arma letal, só que é minha irmã. Escolheu ficar ao meu lado, e, por mais que não goste da ideia, tenho que aceitar que ela quer me proteger. — Nathan fez uma pausa e essa pausa me disse que havia algo

mais. Algo que estava escondendo.

— Sei que você é uma pessoa pública, mas porque precisa de uma “arma letal” o protegendo? Tem mais coisas a serem reveladas, Nathan. Sei que existe algo que não quer me contar. — me olhou com cautela, mas suas mãos mostravam o quanto estava nervoso.

— Não preciso, mas ela quer ficar perto e me proteger. — de repente, se levantou e seguiu em direção à janela, espalmando as mãos no vidro, na altura dos seus ombros.

— Se não quiser falar agora, vou entender. — murmurei e compreendi que poderia ser difícil para ele se abrir ou se expor, não que não tenha sido difícil me expor também, mas acho que cada um tem o

seu limite. Nathan conseguiu derrubar o muro que cercava meus medos e me colocou em modo de batalha. Uma luta que teria que travar com todas as minhas armas para superar e seguir em frente para poder ter um futuro ao seu lado.

— Três dias depois que você apareceu na boate, recebi ameaças de morte — engoli o nó que se formou em minha garganta com dificuldade — Apenas os mais próximos sabem, e não poderia deixar você desinformada, já que estamos namorando.

— Meu Deus! — exclamei horrorizada com o que tinha acabado de escutar. Se Nathan havia sido ameaçado, não poderia deixar nada de mal acontecer a ele. Mas o que eu poderia fazer para protegê-lo? — Isso é terrível.

— Você também está exposta a isso tudo, Liz. — os músculos de seus braços se contraíram com tanta intensidade que deu para notar sua irritação — Não sei o que farei se algo acontecer com você. Não vou suportar! — virou-se, mostrando o quanto a ideia de algo, ou alguém, me machucando o deixava descontrolado — Quero que você receba a mesma proteção que tenho, a partir de agora.

— Seguranças? Todos os dias?

— Vinte e quatro horas por dia, quando eu não estiver por perto. — uma linha rígida se formou em sua mandíbula, mostrando que seria impassível e irredutível com relação à sua ordem — Vou proteger você de tudo ou de qualquer pessoa que tentar te machucar, meu doce.

— E você, quem vai proteger? — senti um nó na garganta se formar e esse seria complicado de engolir.

— Não preciso de proteção. Só preciso saber que você está segura e nada mais.

— Isso não está certo, Nathan! — minha segurança também não importava, se a dele estava ameaçada.

— Não se preocupe com isso, meu doce. — sorriu sem jeito. Nathan estava escondendo coisas de mim, sentia isso. — Sei me cuidar. — essa era a frase que eu sempre falava para os outros, mas quando saiu da sua boca, parecia uma frase superficial.

Olhei para ele, o medo de que algo ruim pudesse acontecer me fez querer protegê-lo de qualquer um que tentasse tocar

em um fio de seu cabelo. Nathan era meu. Meu para amar e cuidar, mesmo que isso fosse custar a minha privacidade ou até a minha vida.

— Sei que você já me revelou muito, sei que existem mais coisas. Porém, não vou forçar, ou exigir que fale mais; quando estiver pronto, o escutarei. E prometo não fugir.

— Você não sabe o quanto me faz feliz, — falou inclinando a cabeça para frente, e entendi o que ele iria fazer. Me beijar. Não me mexi, fechei os olhos e esperei o toque macio de seus lábios nos meus — e vou fazer de você a mulher mais feliz do mundo só para poder receber todos os dias esse olhar apaixonado que me deixa sem chão, Liz.

— Você também me deixa sem chão, Nathan. — sussurrei sentindo o seu hálito delicioso — Não me reconheço mais. Sinto que só existe um homem no mundo capaz de me fazer sentir o amor. Você! — quando terminei de falar, senti Nathan chupar os meus lábios com avidez, sua língua entrou na minha boca, procurando a minha sem pedir permissão, tomando para si o que já era dele. Por completo... Um beijo mais que apaixonado. Um beijo quente e ao mesmo tempo cheio de carinho; me perdi e me encontrei no sabor do seu beijo, nos seus lábios macios e firmes.

Capítulo 20



— Apenas não me deixe... — não tinha intenção de deixá-lo, mesmo que me pedisse. Nathan se afastou do nosso beijo e me encarou. Por um momento fiquei sem entender o motivo, até sentir o calor de suas mãos no meu rosto — Sua pele é tão macia! — não durou muito aquele toque, ele sabia que ainda existiam limites entre nós dois e respeitava isso.

— Queria poder fazer esse toque durar... — sorri, deixando as lágrimas descerem — Mesmo que seja por tão pouco tempo, é em seus braços que quero estar. — ele me observou com paixão.

— Queria poder tocar e abraçar você, quando e como eu quisesse... — suspirou pesadamente, olhando bem no fundo dos meus olhos — A cada minuto e a cada segundo que quisesse. Quero amar você, Liz. — seu polegar acariciou meus lábios e um arrepiou tomou conta do meu corpo, acendendo todas as minhas terminações nervosas.

Não foi um arrepio de repulsa, mas um arrepio bom, que eu queria mais do que qualquer coisa na vida, mais que o ar, que a água, ou o alimento para meu corpo. Nathan traçou a linha do meu maxilar com a ponta dos dedos; fiquei entorpecida quando um dos seus dedos tocou o lóbulo da minha orelha e agradei por ainda estar sentada, caso contrário teria caído, minhas pernas estavam trêmulas como gelatina, e seu gesto fez com

que me derretesse por inteiro. Só esperava que seu toque não derretesse minhas expectativas e eu caísse sem ter em que me salvar.

— Me abrace! — pedi, vendo aos poucos o espanto tomar conta do seu rosto — Se é isso que você quer, é o que eu quero também.

— Liz... — murmurou — Não precisa fazer isso por minha causa! — Me afastei do seu toque, levantei, tirei a blusa e a joguei bem longe. Nathan pareceu ainda mais assustado do que antes, mas aquele era o momento. Meu corpo estava tomado por uma coragem que nunca havia sentido e não deixaria essa adrenalina desaparecer junto com minha coragem recém-adquirida.

— Também quero sentir você,

Nathan... — o olhei com o mais puro sentimento de amor. Mesmo com medo de que minha atitude pudesse ser perigosa, queria saber se era capaz de suportar seu toque por mais tempo do que apenas o roçar de seus dedos sobre meu rosto — Tire sua camisa... — Nathan estava sem saber o que fazer. — Por favor! — estava quase suplicando. Nathan, sem pensar duas vezes, segurou a barra da camiseta, puxou, tirou e a jogou no mesmo lugar que estava minha blusa.

— Quero que diga quando for demais para você suportar... — seu tom de voz cauteloso mostrou o quanto estava preocupado comigo, caso algo desse errado — Tudo bem? — perguntou e assenti em resposta.

Nathan foi se aproximando e me
NACIONAIS - ACHERON

olhava com tanto amor que não consegui parar de chorar. Um choro diferente, talvez por ser a primeira vez que ele me tocaria com o meu consentimento, ou porque era ele quem iria me tocar. O homem que se dizia meu... Meu Nathan! Homem de personalidade forte e dominante, dono de um charme magnético que fazia com que as pessoas fossem puxadas para seu mundo, de maneira avassaladora e explosiva. E o queria mais ainda por isso. Seus dedos tocaram os meus, fechei os olhos para absorver cada sensação, seguiu pelo meu braço direito, até chegar ao meu ombro; Nathan repetiu o processo duas vezes, de maneira lenta, quase dolorosa para mim. Porém, eu sabia que ele queria guardar aquele momento para sempre em sua memória, assim como em seu corpo.

— Não existe nada, nem ninguém,

mais perfeito que você, Liz... — sua voz grossa e quase rouca mostrou o quanto aquilo — aquele toque — era importante para ele também — Sua pele... — respirou mais perto do meu pescoço — Seu cheiro delicioso... — suas mãos estavam em meus ombros — Você, minha Jessi Rabbit, é tudo que mais quero agora. — quase soltei um gemido com aquelas palavras; ele era intenso, profundo e perfeito. Suas mãos deslizaram para as minhas costas e abriram o fecho do meu sutiã; fiquei mais exposta ao seu toque quando a peça deslizou pelos meus braços, caindo junto aos meus pés. Nathan acariciou meus mamilos com as pontas dos dedos, me deixando sem ar.

— Nathan... — era um alerta. Um alerta de que a qualquer momento poderia não suportar e me afastar dele. Um alerta de

que aquela atitude era mais do que podia imaginar. E foi quando falei seu nome que me tomou em seus braços, me encostando contra seu peitoral rígido e definido. Senti cada músculo se contrair, um efeito único; sua pele incrivelmente macia, quente e cheirosa, me fez suspirar. Uma explosão de sensações tomou conta do meu corpo junto com a sensação de estar protegida, amada e adorada, quando seus braços envolveram minha cintura, em um aperto mais urgente.

Nathan parecia desesperado por cada centímetro da minha pele.

— Deus! — gemeu. — Você é ainda mais gostosa do que imaginava, meu doce... — repousou a cabeça na curva do meu pescoço e senti o ar quente de sua boca, junto com seus lábios macios, percorrerem a pele daquele lugar, que eu nem sabia que era tão

sensível — Delicada... — sussurrou e passou os lábios lá, chupou e mordiscou minha pele sensível — Muito suave... — com um de seus braços livres começou a acariciar minhas costas, me deixando ainda mais seu rumo. Nathan desceu ainda mais a mão que acariciava minhas costas, até chegar à minha bunda, me puxando para que nossos corpos ficassem mais próximos, a ponto de me fazer sentir a sua ereção. Duro e poderoso.

— Nathan... — gemi quase sem voz seu nome e arfei em seus braços. Não tínhamos muito tempo, sabia que meu corpo o queria, mas ainda existia algo errado comigo, mesmo com nossos corpos colados, e sentindo o desejo que ele tinha por mim.

— Shhhhh... — pediu com carinho. Beijou meu pescoço, meu ombro e voltou até chegar à minha orelha; fez com que me

NACIONAIS - ACHERON

derretesse ainda mais, quando chupou o lóbulo dela — Me deixe aproveitar o calor do seu corpo. — ele parecia uma armadura, me envolvendo, duro como uma rocha, mas carinhoso ao mesmo tempo. Não conseguia mexer os braços e isso era frustrante. Então, ele continuou e, quando nossos olhares se encontraram, ele não pediu permissão para me beijar, apenas me tomou, sem medo. Um beijo longo e com tanto ardor que feriu meus lábios; Nathan queria me devorar, e me entreguei ao seu beijo por inteira.

Bastou um beijo mais forte e meu mundo começou a escurecer. Os tremores surgiram mesmo que não sentisse medo, mesmo que quisesse aquilo, mesmo que desejasse estar em seus braços, o sentindo junto ao meu corpo, com seu cheiro magnífico. Aos poucos, fui me

desmanchando nos braços de Nathan, e as últimas palavras que escutei foram de desespero, chamando meu nome. Até que não consegui voltar e apaguei.

Queens — janeiro de 1997

O escutei abrir a porta do meu quarto, foi a primeira vez que ele fez isso. Mas, o que ele queria entrando no meu quarto a essa hora da noite? Teddy era nojento, fedorento e feio. Encolhi-me na cama e fingi dormir, mas sabia que ele não prestava, abri os olhos apenas um pouco, e o vi. Estava ao lado da porta e tinha a calça aberta, segurava uma parte do seu corpo para cima e para baixo, enquanto olhava se ela apareceria; quando acelerou os movimentos, um líquido saiu na ponta daquela parte que estava alisando,

enquanto me olhava de um jeito esquisito. Não gostava de Teddy, ele era mau, eu sabia. Eu sentia... Quando fechou a calça e andou mais um pouco até minha cama, gelei... Sentou na beirada e descobriu minhas pernas, mas não me tocou. Eu tinha apenas oito anos, mas sentia que meu inferno começaria ali mesmo.

— Theodor... — minha mãe chamou no corredor, mas abriu a porta e parou — O que você está fazendo?

— Nada! — disse dando de ombros, na posição em que estava não tinha como conseguir ver claramente o que ele estava fazendo. Mas o tom de voz quando falou com ela o entregou; levantou da cama e saiu, deixando-a sem saber o que fazer. Minha mãe se aproximou, cobriu as minhas pernas e também saiu do quarto logo em seguida.

Queens — junho de 2003

— Izzi! — era assim que minha mãe me chamava — Volto às três... Chloe está com a vizinha e Theodor chegará logo, quero que você busque sua irmã e sirva a cerveja dele.

— Merda! — gemi sem vontade — Droga!

— Não reclame, é ele quem paga as suas contas! — advertiu severamente — Deus sabe o que tive que suportar até o encontrar! — ela não ligava para o que eu passava, sabia que quase todas as noites ele ia ao meu quarto para fazer sempre a mesma coisa.

— Um dia... — olhei para ela, sem o menor remorso em dizer aquelas palavras.

Tinha quatorze anos, mas já estava de saco cheio de tudo aquilo — Vou embora desse inferno que você chama de família! — quando terminei de falar isso, senti o ardor e a dor do tapa que ela me deu. Com os olhos cheios de lágrimas corri para meu quarto e pedi a Deus forças para sair daquele lugar nojento. Aquela não era a vida que queria, merecia mais... Minha irmã merecia mais e um dia daria o melhor a ela, mesmo que isso demorasse décadas.

— Cadê minha cerveja, sua putinha?
— berrou, sabia que se não me levantasse para pegar a merda da cerveja e deixasse Chloe brincando, ele viria até mim. E isso eu não queria — Vagabunda igual à mãe! — gritou sem paciência. Corri, fui até a geladeira, destampeei a garrafa de cerveja,
NACIONAIS - ACHERON

segui até a sala e a entreguei, virei as costas em seguida para cuidar de Chloe — Ei... — chamou — Onde você pensa que vai?

— Teddy, tenho que cuidar da Chloe. — queria mandá-lo para o inferno, de preferência uma viagem completa só de ida.

— Besteira! — começou a dar tapinhas em sua coxa direita — Venha, sente aqui. — pediu e tomou um gole da cerveja, enquanto o suor do seu pescoço escorria até chegar à camiseta amarelada e suja.

— Não! — minha voz saiu mais firme do que poderia imaginar.

— Não? — perguntou debochando, colocou a cerveja no centro da mesinha ao lado da poltrona — Vou dizer os motivos pelos quais você vai vir sentar no meu colinho, e ainda vai ficar calada e grata. —

fez uma pausa e coçou a barba rala do seu queixo — Primeiro motivo: vou encher a cara da sua mãe de porrada e quebrar todos os dentes dela... Segundo motivo: se não vier sozinha, vou até você e a forço a fazer o que quero... Terceiro e último motivo: fujo logo depois de fazer tudo isso e levo Chloe comigo. E sei que você não quer isso, quer sua putinha? — balancei a cabeça negando, incapaz de falar qualquer coisa. Se ele fizesse algo comigo ou com minha mãe, eu suportaria, mas perder Chloe... Isso nunca. Jamais permitiria que fizesse algo de errado com ela.

— Liz, meu doce... — era a voz de Nathan me chamando, mesmo tendo Teddy na minha frente — Por Deus, Liz, acorde!

— Nathan! — meus olhos começaram a arder e as lágrimas saíram como uma cachoeira — Nathan... — soluçava, sentindo todo meu pesadelo pesar em meu corpo — Ele estava lá... Ele me tocou...

— Shhhhh... — Nathan queria chegar mais perto, mas não fez, apenas ficou ao meu lado. Porém, a sensação de abandono estava lá, queria abraçar Nathan, queria me sentir segura. Segura da maneira como minha mãe não tinha conseguido me proteger das barbaridades daquele monstro — Estou aqui e vou cuidar de você, meu doce.

— Me abrace de novo, Nathan! — pedi chorando e me aproximei, mas ele se afastou. Estava cauteloso — Nathan, por favor!

— Não posso! — quando falou isso, seu rosto se contorceu com o desgosto e a

impotência — Você desmaiou por causa disso, Liz. A abracei e você apagou. Não podemos ficar arriscando dessa maneira, não quando a faz lembrar tudo que aconteceu.

— Você não me quer? — estava em pedaços.

— É claro que a quero — saiu da cama e percebi que não estávamos mais no escritório, eu estava vestida apenas com uma de suas camisetas — Mas não assim, não depois que vi o quanto ficou perturbada por causa do meu abraço.

— Você quer que eu implore? — perguntei e saí da cama, indo em sua direção — Eu imploro Nathan: me toque. Me faça esquecer aquele maldito pesadelo.

— Liz, por favor, não quero ver você se contorcendo novamente. — sua voz estava

mais baixa, ainda mais frustrada.

— Droga, Nathan! — gritei o mais alto que pude — Você diz que me ama, mas não cede ao meu pedido. — estava muito magoada. Demorei muito até encontrá-lo, o homem dos meus sonhos, e agora ele não queria me tocar. Olhei furiosa, queimando cada pedaço do seu corpo, como as bruxas de Salem.

— Como pode olhar nos meus olhos e não conseguir ver o que sinto por você?! — perguntou gritando e passou a mão no cabelo, exasperado — Como pode duvidar que eu a queira?

— Acho que tudo isso foi um erro, Nathan... — abaixei a cabeça, cruzei os braços e me abracei — Tudo isso foi um maldito erro!

— Não! — disse desesperado — Por Deus, não! O que sinto por você não é um erro. — a agonia tomou conta do seu rosto perfeito. — Sei que é difícil, mas vamos conseguir isso juntos.

— Finalmente quero que me toque, e você não quer! — o olhei impassível, apesar das lágrimas quentes que insistiam em atrapalhar minha visão — Que merda estamos fazendo?

— Você prometeu não fugir de mim! — os olhos de Nathan estavam vermelhos e marejados, seu maxilar tinha uma linha rígida, assim como seus lábios.

— Você prometeu amar o meu corpo, Nathan! — rebati.

— Mas eu a amo! — suas mãos foram até seu rosto, escondendo-o — A desejo com

todas as minhas forças... — afastou as mãos do seu lindo rosto e percebi que havia enxugado as lágrimas que escorreram quando se escondeu de mim — O que mais você quer de mim?

— Quero apenas que me abrace, Nathan... — minha voz saiu quase em um sussurro lamurioso — Quando você me abraçou, não senti medo! — seu olhar tornou-se algo inexpressivo, o pressionei além de seus limites e, vendo o seu rosto sem mostrar qualquer emoção, senti o meu coração apertar — Me senti protegida! Era isso que queria, sentir a sensação de ser protegida pelo homem que amo. — aquilo o pegou de surpresa, assim como a mim mesma.

— Foi isso que você sentiu? — perguntou com cautela — Segura em meus
NACIONAIS - ACHERON

braços? — assenti, impossibilitada de controlar as lágrimas — Nada de angústia ou medo, apenas a sensação de segurança em meus braços, porque me ama?

— Não apenas segura, Nathan... — suspirei olhando a perfeição parada na minha frente — Você não entende o que isso significa para mim, me senti completa!

— Sei o que você significa para mim, Liz! — falou com tanta intensidade, que meu coração se encheu de amor. Mesmo com todo seu ardor, sua força e seu poder sexual, ainda encontrava uma forma de me amar, me respeitar, ser carinhoso e paciente — E a ideia de ver você completamente mole em meus braços, que não seja por prazer, não me deixa confortável. Ainda mais sabendo o que você sente por mim, não posso suportar a ideia de te fazer sofrer.

— Só quero que me abrace, Nathan! —
implorei, me aproximando — Cuide de mim,
como disse que faria... — seus olhos se
arregalaram quando segurei firmemente sua
mão, a elevei e coloquei acima do meu seio
— Você já é dono do meu coração, agora
quero que seja dono do meu corpo, mesmo
que eu desmaie mil vezes. Por que quando
você afasta o calor do seu toque, eu sinto
falta. — não era medo o que sentia, não
quando o tinha próximo a mim.

— Liz... — deu para notar o quanto
aquela confissão foi uma surpresa para ele.
— O que você está me pedindo?

— Me toque, Nathan... Não quero
apenas que me abrace, quero que me toque.
Que me dê prazer com o seu toque — com
minhas mãos segurando a sua, a fiz deslizar
até o meu seio; um tremor gostoso brotou em

NACIONAIS - ACHERON

meu ventre e me fez criar mais coragem para fazer o que pretendia.

Ainda segurando sua mão, a apertei contra meu seio e meu mamilo ficou rígido. Rígido de um desejo que desconhecia, mas que queria conhecer e aprender a domar. Por um momento, Nathan fechou os olhos e respirou profundamente, seguiu meu toque, apertou e acariciou com o polegar meu mamilo por cima do tecido com firmeza, de forma desconhecida para mim, mas, ao mesmo tempo, cheia de sensações novas e deliciosas.

— Toque o que é seu... Toque meu corpo, que pertence a você — pedi e vi quando engoliu aquela nova informação.

Sim, eu era dele! Completa e irrevogavelmente dele, e ninguém mais tocaria em mim. Apenas ele! Meu Nathan!

homem que exalava confiança, poder e sexo, e ao mesmo tempo carinho, amor e compaixão. — Nathan, abra os olhos e me deixe ver o quanto me deseja.

Quando abriu os olhos, senti o calor que vinha deles me queimar de uma forma que jamais senti. Seus olhos estavam vidrados nos meus, com tanta intensidade, que me perdi neles enquanto as chamas me consumiam. Ele me observou quando segurei sua mão com a minha e o fiz descer mais, até estar na minha barriga.

— Me toque... — repeti sem tirar os olhos dos dele, e descii a mão ainda mais — bem aqui! — quando sua mão chegou onde queria, um rugido forte saiu a plenos pulmões, e vi o quanto me desejava. Sua mão envolveu meu sexo e o apertou, enquanto a outra mão foi parar em minha nuca e me

NACIONAIS - ACHERON

puxou para ficar mais perto dele. Nathan enfiou os dedos no meu cabelo e segurou com força, fazendo com que minha cabeça permanecesse imóvel. Seu quadril estava pressionado ao meu, o que me fez sentir toda a extensão do seu pau, até mesmo seu pulsar coberto pelo tecido.

— Vou beijar você com força, enquanto coloco meus dedos dentro da sua boceta e mexo bem gostoso. Quero ouvir você gemer... — sussurrou mais perto da minha orelha, passou a língua no contorno dela até chegar ao lóbulo e mordiscar, me fazendo praticamente explodir — Se isso faz você feliz, vou ficar feliz, pois não há nada nesse mundo que me faça desejar outra coisa que não seja você... Gozando enquanto grita meu nome — sua mão aliviou o contato e seguiu para baixo, subiu a barra da camiseta,

e quando dei por mim, os dedos de Nathan estavam circulando meu clitóris, separando os lábios inchados da minha boceta com seus dedos habilidosos e carinhosos. Esfregou e acariciou de forma poderosa — Meu doce, isso vai ser rápido, não quero que seja doloroso para você. — disse, circulando sem parar os dedos na minha parte hipersensível; quando uma sensação dolorosamente deliciosa apontou no meu ventre, soube que gozaria ali, o olhando, enquanto me devolvia a mesma intensidade e paixão de cada vibração através do seu olhar.

— Me beije... — gemi incapaz de pedir qualquer outra coisa, a não ser sua língua buscando a minha — Beije minha boca, como se estivesse... Ah, Deus! — gritei quando introduziu dois dedos em mim, fazendo minhas pernas tremerem.

— Você é tão quentinha, macia e apertadinha... — murmurou e mordeu minha orelha antes de investir novamente, com mais força, me deixando ainda mais trêmula.

A sensação de que meu mundo apagaria começou a alertar o meu sexto sentido, mas não me importei, não quando Nathan me preenchia com seus dedos generosos e magníficos, mostrando o quanto me queria e, apenas com seus dedos dentro de mim, me deixou maluca de prazer. Um desejo descomunal se apoderou da minha mente, e tudo que queria era gozar como jamais havia gozado, nem mesmo com meus próprios dedos, quando me masturbei vendo-o parado na minha frente, se tocando de forma devassa e carnal.

— Você tem uma delícia de boceta, meu doce... — aproximou sua cabeça e pude

NACIONAIS - ACHERON

sentir o hálito delicioso da sua boca gostosa quando tomou a minha, me fazendo perder os poucos sentidos que ainda existiam no meu corpo. — Delícia! — disse contra meus lábios, dando o prazer que tanto queria — É isso que você é, uma delícia sendo fodida por meus dedos.

A língua deliciosa de Nathan invadiu minha boca, tomou e explorou cada espaço, chupou com avidez e firmeza meus lábios, alternando os movimentos dos dedos em sincronia com sua língua, que entrava e saía da minha boca. Não era apenas um beijo, parecia que estava trepando com minha boca enquanto enfiava sua língua dentro dela, de forma predominante, confiante e deliciosamente magnífica. Chupava meus lábios de uma maneira completamente indecente. Mordia, passando a língua ao

redor e chupando várias vezes, até que não aguentei e gozei com seus dedos entrando e saindo da minha boceta enquanto chupava meus lábios.

— Nathan... — foi a última coisa que saiu da minha boca, antes de apagar novamente em seus braços fortes. Sabia que era ali a minha segurança, o meu porto seguro.

Já era noite quando acordei. Estava deitada em sua cama e senti seu cheiro tomar cada pedaço do meu cérebro e do meu corpo. Um sorriso se espalhou pelo meu rosto, enquanto me espreguicei e me envolvi nos lençóis macios de sua cama. Nesse momento percebi que não havia comido nada. Sentei-me ainda sentindo a força do orgasmo sobre meu corpo. Passei os dedos de forma involuntária na minha boca, lembrei o gosto

do beijo de Nathan, sentindo o inchaço nos meus lábios devido à intensidade do seu beijo.

Era dele que eu precisava, senti que era ele que faria meu corpo se transformar, só não tinha ideia que isso seria mais rápido do eu que imaginava. O beijo de Matt era uma lembrança a qual queria esquecer, riscar da memória para a terra do nunca e que ficasse por lá pelo resto da eternidade. Ainda não tinha certeza se poderia falar sobre Matt com Nathan, sei que seria um assunto delicado e que precisaria de muita calma, já que meu namorado possuía uma personalidade muito forte.

Levantei e percebi que ele, educadamente, vestira uma calcinha em mim. Caminhei até a porta à procura de Nathan, mas parei assim que vi a imagem de uma

NACIONAIS - ACHERON

mulher de bochechas rosadas e completamente feliz refletida no espelho da parede do seu quarto; aquele era o efeito que ele tinha sobre o meu corpo. A felicidade de finalmente poder me sentir completa estava ali, mesmo que eu tivesse desmaiado de novo. Se fosse para poder experimentar novamente o que senti no momento em que me tocou daquela forma, entraria em coma. Sentir seus dedos dentro de mim enquanto sua língua entrava na minha boca foi totalmente desconcertante, e quando chupou meus lábios, me perdi, saí da terra e fui parar no céu.

Olhei para meu reflexo e percebi que não queria flores ou chocolates: queria apenas ele na minha vida, queria as carícias, os seus beijos distribuídos pelo meu corpo da forma depravada como havia chupado meus

lábios, queria dar-lhe o mesmo prazer que me fez sentir quando me tocou. Queria fazer Nathan se sentir amado também, pois era assim que eu me sentia: amada por ele.

— Você está bem? — perguntou de repente, me assustando. Há quanto tempo estava me observando? Será que tinha visto o quanto estava satisfeita comigo, e com o meu reflexo, por ter conseguido algo tão complicado para mim? Que meu sorriso e minha nova tonalidade na pele eram por causa dele?

Nathan havia tomado banho e estava usando um terno preto de risca de giz, emoldurando divinamente cada contorno do seu corpo, combinando com o sapato preto brilhoso e refinado. Os botões do terno estavam abertos e suas mãos estavam dentro dos bolsos da calça, seu cabelo estava

NACIONAIS - ACHERON

penteado todo para trás, sem deixar nenhum fio sair do lugar. Nathan era devastadoramente perfeito e fazia meu coração apertar de uma forma boa, que agora entendia o que era: *amor!*

— Acho que sim! — a felicidade em minha voz foi algo patético. O semblante de Nathan estava carregado e sabia que tinha algo de errado.

— Liguei para Stevenson, temos uma consulta marcada para segunda, na hora do almoço. — ele estava preocupado, o tom em sua voz evidenciava ainda mais isso.

— Nathan... Eu... — comecei a falar, tentei explicar algo que nem eu mesma sabia o que era. Então, ele retirou a mão do bolso direito e veio em minha direção, parou a poucos centímetros do meu corpo, levou seu

polegar até meu lábio inferior, contornou, massageou e o acariciou.

— Liz, Ian me explicou que o que fizemos hoje poderia ter causado um efeito contrário. — começou a falar, e minha felicidade começou a escorrer por entre meus dedos — Foi algo muito arriscado, seu corpo e sua mente poderiam agir de forma negativa e, em vez de prazer, você poderia sentir repulsa do meu toque, e isso... — virou a cabeça e retirou o dedo que massageava minha boca.

— Mas não senti repulsa, — falei encurtando os centímetros que existiam entre nós — foi único, Nathan... O seu toque está curando as feridas deixadas pelo tempo. — as minhas palavras fizeram com que olhasse novamente para mim, um pouco confuso, mas ele precisava saber.

— Não vou fazer isso novamente! — a firmeza em sua voz disse que realmente estava falando sério e isso me magoou profundamente. Quando consigo ser tocada, amada e finalmente realizada, ele vem e joga um balde de água fria. — Não posso correr o risco de te perder... — sua respiração pesada e sua voz rouca me deixaram ainda mais tristes — Não posso tocar mais em você, sem que esteja totalmente...

— Curada? — perguntei irritada. Caralho! Tudo de novo? — Acha mesmo que vou conseguir me curar sem você? Foi você quem correu atrás de mim! — gritei, quase chorando — Eu estava confortável na minha bolha do nada e do esquecimento, pronta para adotar alguns gatos e deixá-los morrer de fome. Droga, Nathan! Qual é o seu problema? Tudo que eu queria era que você

me tocasse. Porra!

— Acha que é apenas você que está sofrendo? — Nathan não esboçou nenhum tipo de expressão em seu rosto esplendoroso — Também estou sofrendo... Sofrendo porque a mulher por quem me apaixonei não pode ficar mais de cinco minutos nos meus braços sem que isso a faça desmaiar.

— Eu avisei! — retruquei ainda mais irritada — Eu disse que tinha medo de me apaixonar por você... Avisei que era quebrada, Nathan! Que não era a mulher certa para você, e é isso que me diz?

— O que mais você quer de mim, Liz? — perguntou ainda mais sério — Me fale, o que mais quer que eu faça? Faço qualquer outra coisa, menos tocar você. Não enquanto não se sentir bem, meu doce. — cada palavra

que saía da sua boca, era um passo que ele dava para ficar longe de mim.

— Nathan, o que você está fazendo? — realmente estava assustada.

— Tenho que permanecer longe do seu corpo, Lizzie. — aquilo era demais para suportar; não o queria longe, o queria ao meu lado, me amando, assim como queria amar loucamente cada pedaço daquele homem maravilhoso.

— Por Deus! — falei e senti uma pontada dolorosamente triste no meu coração — Não faça isso, Nathan. Por favor, não se afaste de mim!

— Você é o meu abrigo, Liz! — ele pareceu estar tão cansado, que me esqueci de pensar apenas em mim, quando olhei para ele ali, parado na minha frente — Não quero

perder o que demorei tanto para encontrar. —
aquelas palavras me tocaram profundamente.

— Me desculpe! — pedi, sentindo as
lágrimas escorrerem na minha bochecha —
Dei uma de louca.

— Não! — rebateu no mesmo segundo
— Você estava com medo, queria algo para
se sentir segura, queria mostrar que estava
disposta a arriscar tudo para demonstrar que
está lutando.

— Não quero algo... — ele não era
apenas algo em minha vida, Nathan era mais.
Muito mais na minha vida — Quero você!
Desde a primeira vez que toquei em sua mão,
sabia que era você... Que me faria sentir o
que era ser amada! Pelo amor de Deus, não
deixe de querer me tocar, o quero de todas as
formas possíveis. Eu amo você, Nathan. O

amo tanto, que tenho medo de te perder.

— Sou seu, Liz. — o jeito como falou me deixou ainda mais sem chão — Acredite no que digo quando falo que a amo com todas as minhas forças.

— Eu acredito. — sorri e ele retribuiu se aproximando, o que me fez fechar os olhos, e beijou meus lábios com doçura — Obrigada por me fazer conhecer o que é o amor. — agradei sinceramente. Nathan se afastou e olhou no fundo dos meus olhos.

— É você... Quem está me fazendo conhecer o verdadeiro amor, meu doce!

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 21



— Tem certeza que não quer ficar comigo, só mais uma noite?

— Não, Nathan — sorri da forma mais carinhosa que pude. Mesmo querendo passar cada segundo ao seu lado, precisava voltar para meu apartamento. — Hoje ultrapassamos os nossos limites. — fiz uma pausa absorvendo o que havia dito.

— Posso dormir com você? — tinha os olhos mais lindos que já vi em toda a minha vida — Quer dizer, no seu sofá?

— Não pode! Vai tirar minha

concentração, tenho que trabalhar e você tem uma campanha eleitoral, sabia? — sorri como uma boba.

— Sou lindo! — deu de ombros. — Ganho apenas com uma piscadela.

— Tenho medo do que vai acontecer com as suas eleitoras, se além da piscadela você resolver sorrir. — brinquei.

— Vou dizer o que acontece... — sorriu maliciosamente para mim. — Todas gozam. Simples.

— Nathan! — olhei para Gretha e ela parecia se divertir com o nosso papo sem noção.

— Ciúmes? — perguntou.

— Sempre! — falei um pouco séria e isso o fez gargalhar.

— Sou seu, meu doce!

— Espero que sim. Suas bolas têm algum tipo de seguro?

— Não. Por quê?

— Sugiro que faça um, caso pense em me trocar por outra. — a conversa estava tão boa que nem percebi quando chegamos ao prédio onde morava.

— Não vou precisar, minhas bolas são suas. Boa noite, meu doce. — disse, se aproximou e me beijou. Não foi um beijo longo, mas foi o tempo suficiente para fazer com que me lembrasse dele pelo resto da noite. Quando desci, Gretha gentilmente me lançou um sorriso e antes de entrar no carro, disse:

— Vou cuidar dele. Pode deixar comigo!

— Obrigada Gretha. — agradei, sabia

que ele estava ao lado de uma pessoa na qual confiava: sua irmã. Fiquei parada por alguns segundos, vendo o carro desaparecer no horizonte.

A sensação de filme de terror aconteceu quando as luzes do corredor começaram a piscar e a imagem da porta do meu apartamento aberta. O pânico se espalhou dentro de mim, minhas mãos estavam tremendo e o medo crescendo cada vez mais. Não podia entrar, e se o bandido estivesse lá ainda e me atacasse? Ainda com as mãos trêmulas, peguei o celular na bolsa, segui para a escada de emergência e disquei o número da polícia.

— *Nove, um, um. Em que posso ajudar?* — a voz masculina e firme

perguntou do outro lado da linha.

— Preciso de ajuda! — falei um pouco nervosa, quase não consegui ouvir o som da minha própria voz — Invadiram meu apartamento, a porta está aberta, e-e-e... — gaguejei e percebi que não era apenas a minha mão que estava tremendo, a minha voz também estava — Sempre me certifico que está tudo fechado antes de sair de casa...

— Senhora, peço que se acalme e se afaste do local até que uma viatura chegue. Por favor, não entre em seu apartamento até que os policiais estejam aí. Tudo bem?

— Tudo! — minha voz saiu quase sem som. Depois de informar o endereço, em menos de dez minutos os policiais chegaram.

Uma morena de estatura baixa – um metro e sessenta –, com suas curvas bem

definidas, apesar do uniforme azul-marinho muito masculino as esconderem um pouco, seu cabelo preto preso em um coque bem penteado acentuava ainda mais o seu rosto de linhas firmes, assim como seus olhos castanhos e a boca carnuda bem desenhada. Ela tinha um ar de profissional estampado no rosto calmo e seu parceiro era enorme, uma montanha de músculos bem definidos e cabeça raspada. Um homem de dar medo se olhasse diretamente em seus olhos; era o que podemos chamar de Hércules do século XXI, com traços latinos, postura quase militar e ainda usava óculos escuros... Em plena noite! Tem que ser muito confiante e egocêntrico para usar óculos escuros à noite, ou então muito... Muito tapado.

— Boa noite. — disse estendendo a mão para mim — Sou a policial Isabella

NACIONAIS - ACHERON

Lackin e esse é meu parceiro, Henrique Murdok.

— Lizzie Radzimierski. — apertei sua mão, e evitei o apertar a do policial.

— Ouve alguma movimentação desde a hora que a senhorita chegou ao local? — ela perguntou e se posicionou na entrada do apartamento, com cautela.

— Não. — respondi um pouco confusa — Até agora.

— Vamos entrar e averiguar se está tudo bem. — acenou com a cabeça para Murdok e ele entrou na frente.

— Limpo! — gritou minutos depois com a voz firme, passando segurança para que nós entrássemos em seguida. Acho que qualquer bandido se borraria de medo daquele homem.

— Senhorita Radzimierski, poderia me dizer o que exatamente foi furtado do seu apartamento? — com aquela pergunta, observei atentamente cada objeto. Não guardava nenhum valor alto no meu apartamento, a não ser apenas cem pratas no pote de biscoitos na cozinha, que guardava para comprar a comida do Eddei. Tinha poucos objetos de valor, e só restava meu notebook, que por sinal não valia muita coisa. A não ser pelo conteúdo que existia nele. Meu corpo congelou em segundos e precisei sentar no meu velho sofá por alguns instantes.

— A porta não foi arrombada. — informou Murdok — A pessoa tinha acesso ao seu apartamento! — afirmou e andou até a minha direção, ficando ainda maior do que já era — Quais pessoas têm acesso ao seu

apartamento, senhorita Radzimierski? — perguntou me pressionando, mas minha cabeça estava um lixo; uma pressão começou a se formar em minhas têmporas, seguindo para meus olhos e isso tirava a minha concentração de qualquer coisa.

— Não! Não existem muitas pessoas com acesso livre ao meu apartamento — informei massageando minhas têmporas, mesmo sabendo que era inútil fazer aquilo. A única pessoa que havia entrado no meu apartamento foi Nathan, mas ele não seria capaz de fazer uma coisa daquelas novamente. — Ou melhor, quase ninguém tem acesso.

— Certo, senhorita Radzimierski... — disse a policial Lackin e olhou para o grandão, de quase dois metros de altura —

Murdok, poderia me dar só alguns minutos

com a senhorita Radzimierski? — ele assentiu, foi para o lado de fora e ficou de prontidão na porta — Se sente mais à vontade assim, apenas nós duas?

— Sim. Muito melhor! — suspirei, me acomodando melhor no sofá.

— Você já sabe o que levaram?

— Já! — foi a única coisa que respondi, pois não conseguia me concentrar em nada.

— Poderia me informar qual foi o objeto furtado?

— Meu notebook... — murmurei sem ação em minha voz.

— Senhorita, existia algo de importante ou alguma informação que possa comprometer a sua imagem? — continuou a perguntar.

— Não tenho nada que possa me comprometer. Mas sou repórter investigativa no The Poster. Acho que pode ser um dos motivos para o meu notebook ter sido roubado — falei sem paciência, até escutar vozes do lado de fora. Não conseguia me concentrar, nem a voz que conhecia muito bem fez com que parasse de pensar em todo o material que existia lá dentro e que agora poderia estar em mãos erradas. — Preciso recuperar o meu material de trabalho o mais rápido possível...

— Você conhece o senador Fox? — questionou a policial, que se levantou e foi em direção à porta, mas não antes que eu respondesse.

— Sim, conheço! — respondi e saí do meu estado confuso — É meu namorado. — ela arqueou a sobrancelha levemente, em

surpresa. *Ah, qual é? Quer dizer que não tenho competência para namorar um dos caras mais fodões da cidade?*

— Tudo bem, Murdok. Pode deixar que ele entre. — falou alto o suficiente para o policial escutar. Percebi que com Murdok não tinha essa de ser senador, ou até mesmo o presidente dos Estados Unidos; se ele estava incumbido de proteger algo, o faria. — Você não quer receber outra suspensão por desacato à autoridade... — advertiu ela quando Murdok pareceu querer resistir, e balançou a cabeça para o gênio difícil do parceiro.

— Tudo bem! — disse aborrecido e abriu espaço para Nathan entrar. — Agora pode entrar, senhor senador.

— Lizzie, você está bem? — Nathan

entrou, mostrando calma, apesar da pequena discussão com o policial Murdok. Quando chegou perto de mim, esqueci-me do mundo e de tudo que aconteceu naquela noite. Apesar de parecer frio, ele estava ali como o senador, não como meu namorado. Isso poderia ter me magoado, mas sabia que ele tinha esse ar de autoridade que precisava manter.

— Agora está. Só quero que essa noite acabe. — falei com a voz visivelmente cansada. Minha única preocupação era saber quem foi o filho da puta que me roubou.

— Podemos voltar amanhã, mas você não pode deixar de prestar seu depoimento. — disse a policial Lackin, quase esboçando um sorriso — Não esqueça que precisa informar que seu notebook foi furtado, assim ficará mais fácil rastrear pelo IP da máquina,

caso seja conectado com a internet.

— Tudo bem! — falei ainda mais cansada, tudo que queria era dormir, de preferência com um calmante que derrubasse um cavalo de grande porte — Amanhã, assim que resolver o que fazer, prometo comparecer à delegacia.

— Você não vai dormir aqui! — não foi uma pergunta, Nathan praticamente ordenou e isso eu não iria aceitar.

— Não... Vou dormir aqui sim! — percebendo a guerra que estava prestes a se travar, os policiais se entreolharam e falaram:

— Bom, temos que ir. — disse Lackin, já na porta.

— Boa noite! — falou Murdok a acompanhando.

— Agora que estamos sozinhos, —

disse e cruzei os braços, ainda sentada no sofá — que história é esse de que não vou ficar no meu apartamento? Estamos praticamente morando juntos, Nathan.

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara... — rebateu Nathan exasperado, passando as mãos várias e várias vezes no cabelo, o deixando completamente bagunçado — Um doente entra no seu apartamento e você ainda quer dormir aqui? — perguntou de forma sarcástica e esboçou um sorriso no canto da boca.

— Por que não? — o atrevimento na minha voz era nítido, passei a maior parte da minha vida cuidando de mim sozinha. Mas espera... Agora tinha ele para cuidar de mim, e por que estava dando uma de difícil, depois de tudo? Por que não queria perder o controle sobre mim mesma. Não queria perder o

NACIONAIS - ACHERON

controle sobre as minhas escolhas, assim como não perdi o controle quando pedi para ele me tocar, exceto pelo fato dos constantes desmaios.

— Liz, meu doce... — Nathan falou mais calmo, com a voz rouca e sedutora, mas eu sabia que era apenas um artifício para mudar meu comportamento, e nessa eu não cairia tão fácil... Mentira! Se ele chegasse mais uns dois centímetros perto de mim, me derreteria. Corpo traidor! — Minha noite não foi nada razoável e posso dizer com toda categoria que foi uma merda completa. A única coisa que queria era sair daquela maldita boate e vir para perto de você, beijar essa sua boca atrevida e dormir tranquilamente no seu confortável sofá.

— Não quero que você tome decisões por mim. — abaixei a cabeça, não conseguia

NACIONAIS - ACHERON

encará-lo e muito menos olhar para aqueles olhos azuis perfeitos e magníficos.

— Liz, só quero proteger você. — se aproximou mais e sentou-se ao meu lado no sofá — Entendo que não teve esse tipo de proteção na sua vida, mas acho que está na hora de compreender que posso fazer isso. Não conseguiria mais viver em um mundo no qual você não existisse.

— Nathan... — suspirei, olhei para ele e me entreguei à imensidão daqueles olhos ternos e carinhosos — eu...

— Não vamos discutir... — falou — Não quero que você corra qualquer tipo de perigo de forma tão desnecessária.

— Roubaram o meu notebook, Nathan! — falei logo de uma única vez, mas ele pareceu não ter se abalado com isso.

— Tudo bem... — disse calmamente.

— Nathan, existem artigos, arquivos, processos contra você. Entre outras coisas.

— Mas, não existe nada que possa ser provado, meu doce. — seu tom foi mais sério e isso me deixou um pouco preocupada.

— Não? Então por que me disse para parar de investigar você, mesmo depois que olhou os arquivos?

— Você é muito boa no que faz, Liz, e com mais um pouco de pesquisas, descobriria. — começou a explicar — Uma hora ou outra você vai descobrir o que fiz e o que sou. Por isso, pedi para não fugir de mim quando souber toda a verdade. Não tenho medo dos arquivos que você tinha, tenho medo de perder você quando finalmente souber do que sou feito.

— Me explica, Nathan... — virei para o olhar melhor e sentei sobre minhas panturrilhas — Explica quem é você de verdade e o motivo pelo qual fugiria de você!

Capítulo 22



Nathan tinha algo em seu passado, algo que poderia me afastar, mas não me importava. Tudo que queria era ficar ao lado do homem que me fez conhecer um novo mundo e começado a construir uma nova história, que me fez superar meus medos e receios em tão pouco tempo. Vendo o quanto estava preocupado, com medo que eu pudesse fugir dele, decidi que não importava qual fosse seu segredo, ficaria ao seu lado. Se ele não fugiu e nem desistiu de mim, também não desistiria dele.

— Não vou contar agora. — sua voz

estava carregada de medo — Não agora. Quero ter certeza que não vai fugir de mim.

— Nathan... — suspirei o mais fundo que pude, antes de abrir minha boca para falar qualquer coisa — Não importa o que você fez no passado, ou no presente. — vi o quanto aquelas palavras o deixaram confuso. Logo eu, que passei um bom tempo investigando e tentando, sem muito sucesso, descobrir seus podres, estava parada olhando no fundo dos seus olhos e falando que não precisava se preocupar com o que tinha feito no passado, ou no que ainda estava fazendo — Não vou fugir de você, não importa o que me diga.

— Já disse que não vou falar sobre isso agora. — o modo como falou me magoou profundamente. Tinha exposto meus medos, confiado a ele meu corpo e ele ainda não

NACIONAIS - ACHERON

confiava em mim. Sabia que em tão pouco tempo aquela situação parecia surreal. Porém, ninguém pode mandar no coração, e no meu caso, no meu coração e no meu corpo. Meu corpo era seu e apesar de todo meu esforço, ele ainda não se sentia à vontade para se abrir comigo — Não quando quero passar mais uma noite ao seu lado.

— Quero que você saia do meu apartamento... — falei e me afastei de perto dele. Nathan arregalou os olhos em surpresa com meu pedido — Se não confia em mim, não existe motivo para ficarmos juntos.

— Liz... — aos poucos Nathan fechou os olhos e levou a mão direita para massagear as têmporas — Você não quer que eu vá embora, não quando tem algum babaca por aí, que entrou no seu apartamento e que pode voltar para fazer algo errado com você.

— Eu sei me cuidar, Nathan! — estava começando a ficar irritada. E uma mulher irritada e magoada não é algo bom para se enfrentar, nem o diabo fica perto de uma mulher assim. O próprio diabo teria juízo para se manter longe, de preferência jogando damas com os ceifeiros, ou pulando corda — Fiz isso minha vida toda, só quero ficar um pouco sozinha e refletir sobre o fato de que você não quer se abrir comigo.

— Liz, não quero perder você... Será que não consegue entender isso? Por favor, pare de dizer que pode se cuidar sozinha, agora tem a mim, para cuidar e proteger você. Não vou te deixar sozinha, mesmo que queira arrancar minhas bolas. — disse, abriu os olhos e jogou as mãos para o alto, com a voz exasperada — Depois que provei de você, não conseguirei provar mais nenhuma

outra mulher. — o jeito como avançou e segurou meu rosto entre suas mãos me fez perder o ar completamente — Por isso tenho medo que fuja de mim, e se isso acontecer, prefiro... — sua boca estava próxima da minha, tão próxima, que senti seu hálito gostoso — Pare de querer me afastar, assim você me deixa ainda mais louco.

— Me desculpe... — pedi sinceramente — Mas, quero que você entenda que vou ficar ao seu lado, seja lá qual for seu segredo. — quando dei por mim, a sua boca estava na minha. Não era possessiva, e sim carinhosa.

Um beijo de amor que tinha o sentimento do desespero de modo subliminar, sua língua procurando a minha de um jeito quase suplicante. O gosto do beijo dele agora tinha a marca registrada na minha memória e na minha boca. O melhor

NACIONAIS - ACHERON

beijo do mundo era o dele. O meu corpo não aceitaria outro beijo que não fosse o dele. Seu polegar acariciava a linha do meu maxilar, enquanto ele me envolvia ainda mais com o seu beijo quente e seus lábios macios, mostrando o quanto aquele toque era urgente e necessário.

— Você me deixa sem saber o que fazer. — Nathan falou, se afastou e olhou no fundo dos meus olhos. Seu toque não me fez perder os sentidos e isso foi uma vitória. Mesmo sendo um beijo breve, deu para notar minha evolução ao ser tocada — Além de linda, tem plenos poderes sobre mim, e isso me deixa completamente vulnerável.

— Não consigo entender como foi que você se apaixonou por mim, sendo assim tão perfeito...

— Você que é perfeita, e eu sou apenas um cara que teve a sorte de ter encontrado alguém que faz com que o meu coração queira sair pela boca, só em sentir seu cheiro. E não sou perfeito, meu doce, tenho muitos defeitos, mas sabe o que é perfeito? — Nathan se dizia imperfeito? Isso era impossível! — Perfeito é esse seu cheiro doce, gostoso e irresistível.

— Não quero que vá embora... — murmurei me sentindo culpada por discutir com ele — Só não quero que se esconda, não quando me abri para você, me expus... Expus meus medos, minha vida e o meu passado.

— Não ia embora mesmo! — deu de ombros, espalhando o sorriso mais lindo do mundo em sua boca bem desenhada e deliciosa — Só peço que me dê um tempo, para que consiga reunir coragem, — pediu

NACIONAIS - ACHERON

ainda olhando no fundo dos meus olhos —
você não tem ideia do quanto posso ser... —
no momento em que ia terminar a frase seu
telefone tocou. Ele o retirou do bolso, olhou
o visor e o seu rosto mudou completamente,
transformando-se em uma carranca —
Merda! — xingou baixinho antes de atender
— O que foi, Harper? Não... Droga! Você
pode resolver isso sem mim... Não me
provoque, Harper, não estou de bom humor...
— saí de perto e fui até a cozinha; ele não
tirava os olhos de mim, parecia me vigiar
para ter certeza que não fugiria. Mesmo
visivelmente irritado com a ligação do tal
Harper, Nathan era lindo, um deus grego
personificando a beleza perfeita e gloriosa,
bem na minha frente — Isso pode esperar!
Tenho um assunto mais importante... Qual o
nível da importância? Não é da sua conta...

Volte para seu trabalho! Você está ganhando muito bem para resolver os meus problemas... — eu era mais importante? Peguei-me dando um leve sorriso de canto de boca para ele, satisfeita em saber que eu era muito importante. — Boa noite, Harper!

— Tudo bem? — perguntei, peguei um copo e enchi com água.

— Tudo! — respondeu, colocou o celular na mesa, tirou o terno e jogou na cadeira perto da mesa — Vou ligar para Gretha e avisar que tivemos uma visita indesejada.

— Nathan... — tomei a água, deixei o copo na bancada e fui até ele — Não precisa se preocupar tanto.

— Como assim não preciso me preocupar tanto? — arqueou a sobrancelha

enquanto afrouxava o nó da gravata, retirou e a jogou sobre o terno — Um merda entra no seu apartamento, rouba seu material de trabalho e não preciso me preocupar? — sorriu de maneira quase perversa — Não se preocupe digo eu... Vou encontrar esse filho de uma puta e ele vai ter o que merece.

— Meu Deus! — coloquei o meu melhor tom de perplexidade fingida e revirei os olhos — Me sinto tão segura... Agora tenho meu cavaleiro da armadura reluzente.

— Está zombando de mim, senhorita Radzimierski?

— Eu?! Nunca seria capaz de tal coisa, senhor Fox. — sorri mostrando o quanto estava me divertindo com a mudança de clima entre nós — O que me faz lembrar que você ainda tem uma ligação a fazer.

— Não abuse muito da sorte, Radzimierski. Uma hora serei o lobo mau e não terá nada que me impeça de comer você.
— Jesus Cristinho! Ele, um lobo mau, me comendo? Seria um sonho se tornando realidade.

Nathan foi para perto da janela, pegou novamente o celular, discou os números na tela luminosa e andou elegantemente com uma das mãos no bolso da calça. Passou instruções para Gretha, que o interrompia apenas quando tinha uma pergunta relevante.

— O bastardo entrou e roubou seu notebook, nele continha algumas informações sobre mim... Não... Não tinha nada que a maioria não tenha. Mas devo confessar que ela é muito boa no que faz. — sorriu para mim e voltou a sua atenção para a ligação — Isso mesmo... Dois? Está bem.

Tudo bem... Certifique-se que nada mais saia do nosso controle. — Os dois pareciam se entender muito bem e isso me fez lembrar Chloe — E Gretha... Tenha cuidado! Certo. Boa noite! — desligou o telefone.

Depois de sete anos, como Chloe estaria? O que deveria estar fazendo? E o principal, será que era feliz? Apostava a minha vida que ela jamais se sentiria feliz morando com aquele porco. Chloe era uma menina boa e doce, e sempre pedi a Deus que não tivesse se tornado um ser igual a eles. Minha cabeça estava dando voltas e mais voltas, ainda precisava me preocupar com o roubo do meu notebook, o que me deixaria bastante atrasada nas investigações sobre Isaäk Markov; isso era um assunto delicado e ainda tinha que conversar com Nathan.

Nathan não era só um homem que
NACIONAIS - ACHERON

cuidava dos interesses da cidade, ou dos seus negócios, que por sinal eram bastante suspeitos. Nathan era o homem que meu corpo escolheu para pertencer, um homem forte, decidido e dono do seu mundo, além de ser um homem carinhoso, paciente e gostoso, e que ainda me amava. Nada mudaria o que tinha começado a brotar dentro de mim, não depois de passar o que passei, sendo abusada durante anos.

Agora era minha vez de ser feliz, mostrar que eu conseguiria dar a ele o amor que tão lindamente me oferecia. Não conhecia muito sobre Nathan, conhecia a pessoa pública e algumas coisas sobre sair com modelos e que sua irmã era uma máquina letal, como segurança. Pouco sabia sobre sua família, mas nunca poderia imaginar que sua irmã, da qual nunca tive

nenhuma informação, pudesse ser o que era. O fato de Gretha ser sua motorista e sua segurança não me incomodava, pois sabia que, por esse motivo, ela o protegeria com sua própria vida. Meu foco sempre foi a vida política e seus negócios, que mostravam indícios de envolvimento com a máfia e ligações com o tráfico de mulheres, drogas e armas.

— Pronto! — disse me tirando dos meus devaneios — Agora podemos descansar um pouco... — seu rosto relaxou mais um pouco, desabotoou a camisa, mostrando parte do seu peito e abdômen generosamente definidos — Temos dois seguranças disfarçados na entrada do prédio e Gretha está cuidando das investigações do seu notebook.

— Deus! — soltei sem pensar e ele

NACIONAIS - ACHERON

abriu um sorriso safado de torrar o cérebro.

— Não! — brincou e tirou o resto da camisa — Mas, posso ser o que você quiser, senhorita Radzimierski. Basta pedir. — falou mordendo o lábio inferior de maneira sugestiva. A pele magnífica dele era um convite para a perdição; Nathan parecia uma estátua esculpida por Michelangelo, só que com o pênis maior. Era enorme, na verdade. Chamá-lo apenas de perfeito era um crime — E posso ser seu deus...

— Você é muito convencido, isso sim, — rebati — e um puta de um pervertido.

— O que é isso? — perguntou arqueando a sobrancelha, com o mesmo sorriso presunçoso na boca.

— Isso o quê? — não entendi o motivo da pergunta.

— Isso escorrendo no canto da sua boca! — brincou abrindo o cinto — Juro que vi a saliva escorrer, bem aí no cantinho.

— Você é um filho da puta mesmo... Arrogante e convencido — não deveria ter dito isso. Em questão de segundos Nathan estava do meu lado, me fazendo perder o ar e toda a força que existia nas minhas pernas.

— Adoro essa sua boca suja, sabia? — sua voz ficou rouca e firme, e fez com que todo meu corpo pedisse por ele — Fico imaginando do que vai me chamar, no momento em que estiver comendo você, explorando cada pedaço da sua boceta com meu pau duro, entrando e saindo bem gostoso. E lembre-se... — o tom de advertência era divertido e cheio de promessas pervertidas — Quando me chama de filho da puta, dá vontade de rasgar você

em mil pedaços, e não estou falando da sua roupa. — disse segurando a ponta do meu queixo. Deu um beijo de leve nos meus lábios sedentos pelos seus, depois se afastou, chutou os sapatos para longe, tirou as meias, depois a calça, ficou apenas de cueca e foi em direção ao banheiro.

De costas para mim, Nathan parecia ainda mais com uma das estátuas de Michelangelo, só que bem mais perfeito. Ombros e costas definidos, coxas grossas e panturrilhas proporcionais e uma bunda de fazer qualquer mulher sentir vontade de morder.

— Só para avisar... — falou mostrando que estava se divertindo — Deus está vendo esse seu olhar cheio de luxúria para meu corpinho.

— Ah! — comecei a falar quando ele segurou a barra da cueca com a ponta dos dedos, tirou e ficou nu na minha frente. *Ai, meu Jesus... Que bunda! Que corpo e que homem!* — Não faz mal, a vista vale a pena — quando virou, fixei meu olhar nos seus. Uma labareda completamente tórrida, do tipo que derrete o cérebro, começou a brotar — Por você, vale a pena ir para o inferno...

— Nunca permitirei que isso aconteça, seu lugar é ao meu lado. — seu rosto ficou sério, mas, ainda assim, era a sensação mais quente que senti em toda a minha vida.

— Meu lugar também é ao seu lado. — afirmei olhando para o homem que me fazia sentir borboletas no estômago e uma pontada de dor no coração, mas uma pontada boa — Agora, por favor, você pode ir para o banheiro?

— A faço perder a concentração? — debochou.

— Você está me fazendo perder o resto de vergonha na cara que ainda me resta. Seu idiota!

— Essa minha namorada é tão romântica. — suspirou, virou e foi para o banheiro, mas parou na porta — Não quer tomar banho comigo?

— Não! — arregalei os olhos — Nem pensar!

— Está com medo de não conseguir se controlar e me atacar? — gargalhou de maneira gostosa e descontraída, me fazendo esquecer como o clima estava tenso.

— Eu, com medo de você? — estiquei o dedo indicador em sua direção, arqueei minha sobrancelha e mostrei meu

PERIGOSAS

atrevimento natural — Vai sonhando, senhor
Fox!

— Pode ter certeza que vou sonhar.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 23



Minha manhã de segunda-feira se resumiu a contemplar a beleza que era Nathan só de cueca, esparramado no meu sofá. *Até dormindo ele dominava o ambiente!* Era uma visão magnífica; estava deitado de bruços, com aquela bunda coberta pelo tecido da cueca preta e cada músculo do seu corpo relaxado, apesar de dormir no pior sofá da face da terra. Ainda era cedo, então o deixei dormir mais um pouco. Tivemos muitas emoções em menos de três semanas e isso era algo que sobrecarregava muito nossas mentes e nossos corpos. Escovei meus

dentes, tomei meu banho e pela primeira vez, me senti realmente feliz e relaxada, mesmo passando pelo arrombamento do meu apartamento e o furto do meu notebook. Sabia que Nathan estava ali comigo, me fazendo feliz e deixando o sentimento de proteção tomar conta do meu corpo.

Sequei os cabelos e, ainda enrolada na toalha, preparei o café e fiquei admirando o homem arrebatador que dormia lindamente, com sua respiração suave e calma. Fiz torradas e coloquei o suco de laranja nos copos, deixei tudo na mesa para, assim que ele acordasse e fosse tomar seu banho, finalmente pudéssemos desfrutar do café da manhã, olhando um para o outro.

Quando abri meu closet, quase tive uma síncope. Não conseguia acreditar no que estava vendo, juro que precisei esfregar os

NACIONAIS - ACHERON

olhos mil vezes, só para ter certeza que aquilo estava acontecendo. Do lado esquerdo na parte superior, ternos, camisas e calças, os sapatos no canto inferior. Abri a gaveta onde normalmente guardava calcinhas, e me deparei com cuecas e gravatas de Nathan organizadas entre as minhas peças íntimas. Deveria ter me sentido violada, mas já tinha feito tantas outras coisas, que, de certa forma, não chegava nem aos pés de suas roupas no meu closet. Então, respirei fundo, voltei para a sala e congelei. Nathan se espreguiçando... Nathan se alongando... Nathan de cabelo bagunçado... O homem era um crime para a saúde mental de qualquer mulher, principalmente quando estava com aquela ereção magistral, ou melhor, majestosa. Cada músculo se contraía, mostrando toda sua rigidez, mas, ao mesmo tempo, toda a sua

flexibilidade. E que flexibilidade!

— Bom dia, meu doce! — quando abriu a boca, e falou “bom dia, meu doce” derreti, ou melhor, desmanchei no chão da sala como manteiga. Sua voz era ainda mais sensual ao acordar, mais rouca, mais forte e mais arrebatadora — Feliz em me ver assim? — questionou olhando para sua própria ereção; sorriu e mostrou os dentes mais que perfeitos em um sorriso safado.

— Sempre... — me senti a mulher mais ridícula do mundo. Suspirei, quando era para estar fervendo de raiva por não ter dito que fez uma pequena mudança no meu closet. Balancei a cabeça e voltei ao normal, decidida a não me deixar cair na tentação de ficar admirando e salivando por aquele babaca gostosamente perfeito. — Quer dizer... — limpei a garganta — Gostaria de

NACIONAIS - ACHERON

saber por que não fui avisada que trouxe seus trapos para meu apartamento. Quer explicar como você faz essas coisas, Mister M.?

— Você já respondeu, sou o Mister M., e não são trapos... Assim você me magoa, sabia? — deu de ombros, passou por mim debochando, entrou no quarto e foi em direção ao closet — Vamos lá, meu doce, do jeito que estamos indo, era só uma questão de tempo eu me apossar de um pedaço do seu closet.

— Sem nem me consultar?

— Você não gostou?

— Não é isso... — respirei fundo — Eu gostei, mas acho que estamos...

— Indo rápido demais? — disse mordendo os lábios e segurando o riso.

— O que foi, por que está rindo?

— Só acho que passamos da fase do “indo rápido demais” — se aproximou, segurou meu queixo e disse: — Não se preocupe, não vou a lugar algum, meu lugar é ao seu lado. E sempre vai ser. — me deu um beijo leve e rápido.

— Eu sei... — sussurrei e fechei os olhos — Não vou a lugar algum, meu lugar, também, é ao seu lado. Você precisa entender isso.

— Só mais um pouco, meu doce... — se afastou e abri meus olhos — Quero ter certeza que está curada e pronta para ter uma vida plena comigo. — era comovente o jeito que falava e como queria que me curasse. — Mas, até lá, minhas roupas permanecem aqui.

— Tudo bem! — sorri, e de repente ele pareceu ficar um pouco distante. Vi em seus

olhos que seu passado, assim como o meu, o atormentava. Mas, ele precisava entender que não importava o que ele era, ou o que acontecesse, seria sempre dele, não apenas de corpo, mas de alma — Vá tomar banho e eu vou me vestir. Você tem um estado para representar e eu um jornal para fazer pessoas como você tremerem na base. — o olhei de maneira maliciosa.

— Meus colegas do congresso vão gostar de ter as bases estremecidas. — gargalhou e mudou completamente de humor — Assim como quero balançar seus alicerces, sua estrutura óssea e apertar cada pedaço de carne existente no seu corpo.

— Meu Deus! — resmunguei, revirando os olhos — Você pode, por favor, tomar seu banho e parar de tirar minha concentração? Precisamos de um pouco de
NACIONAIS - ACHERON

espaço aqui, sabia? — gesticulei delimitando um círculo e arqueando as sobrancelhas.

— Espaço é a última coisa que pretendo dar, senhorita Radzimierski. — piscou, saiu do quarto e tirou a cueca bem na minha frente, novamente.

— Você realmente fará isso todas as vezes que for tomar banho aqui? — gritei e coloquei as mãos no rosto, deixando um espaço entre os dedos para apreciar a vista.

— Todas! — respondeu em um tom divertido, sumindo do meu quarto — Pode ir se acostumando, gosto bastante de andar com as bolas ao ar livre.

Quando saiu me peguei sorrindo, todos os músculos do meu rosto estavam esticados por sua causa. *Estava sorrindo mais!* Mais do que de costume, e isso me fazia sentir algo

bom. Olhei as horas e estava ficando tarde, corri, peguei meu conjunto “grudou-colou”, ou melhor, meu uniforme quase militar, e vesti. Calça preta e blusa de mangas sem decote; arrumei o cabelo, mas o deixei solto, passei um pouco de maquiagem, não muito, mal usava quando ia para o trabalho. Nesse meio tempo, Nathan apareceu pelado e despreocupado com a sua nudez, ainda se enxugando, entrou no closet e pegou seu terno azul-marinho. Sorriu ao passar por mim, vendo minha reação todas as vezes que ia e voltava para pegar algo que supostamente havia esquecido, se arrumou sem pressa na minha frente. E, para ser bem sincera, ele poderia ter pego tudo de uma única vez, porém, uma criatura exibida como ele adorava fazer seu show particular de como era ser sexy, até mesmo ao se vestir.

Precisava sair dali e ir para a sala tomar meu café, ou não responderia por meus atos.

— Pronto! — disse arrumando o nó da gravata. Ele apareceu na sala e quase cuspi o café.

— Adoro quando veste terno, fica ainda mais gostoso... — Droga! Filtro, por favor, funcione quando é necessário.

— Hummm... — esboçou um sorriso presunçoso — Vou lembrar-me de sempre usar ternos em sua presença, já que só sou atraente aos seus olhos quando os visto. — sentou na cadeira, pegou o copo de suco e tomou quase todo o líquido.

— Ora... — tentei rebater o que falou, dizendo que ele era sexy até com uma folha de parreira, mas aí o deixaria ainda mais pomposo de si. Então, resolvi que era melhor

não o deixar com o ego inflado demais, mudando de assunto para um muito importante — Que horas será a consulta com o doutor Ian? — estava olhando as mensagens no celular e havia mais de dez mensagens da Tati, além das ligações; me senti a pior amiga do mundo em não dar atenção a ela, mas tinha problemas que precisavam ser resolvidos.

— Infelizmente, Ian não poderá nos atender no horário do almoço, então deixaremos para depois do seu expediente. Tenho que ir para Washington e temo que só consiga voltar às seis da tarde, por isso, se comporte e não fique xeretando a vida dos tubarões. — disse mordiscando uma torrada — Gretha escolheu a dedo um segurança para você. Ele vai ficar no seu pé até que eu volte.

— Oi? — perguntei um pouco irritada
— Agora vou ter uma babá? Nem pensar!

— Não gosto de ser controlador, meu doce. — sua voz estava despreocupada com relação a ter alguém seguindo minha sombra
— Mas, você é prioridade na minha vida e não estou a fim de ter uma discussão em uma manhã tão linda como essa. Isso me dará a sensação de que ficará segura, enquanto estarei no meio daqueles senhores respeitáveis do congresso.

— Que tal me consultar antes de fazer algo que envolva meu corpo? — coloquei meu melhor tom de sarcasmo — Primeiro as roupas e agora esse segurança, vou jogar suas roupas na lixeira e tacar fogo nelas, não duvide.

— Não vou retirar minhas roupas do

seu apartamento, se você as jogar no lixo e queimá-las... — limpou a boca com o guardanapo e levantou da mesa, se agigantando bem na minha frente — Trago o dobro de roupas e assim sucessivamente. Em relação ao segurança...

— Já entendi! — resmunguei irritada — Com você é tudo “*Hi, hidra!*”, não é?

— Adoro o seu senso de humor. — balançou a cabeça achando graça da minha referência, fechando o botão do terno — Agora vamos! Não a quero chegando atrasada quando está trabalhando para mim. — droga! Além de ser meu namorado, ainda era meu chefe. Mundo cruel! — No caminho compramos um novo notebook.

— Você quer dizer que eu vou comprar, não é? — perguntei, peguei minha

bolsa e guardei o celular, depois de levar toda a louça suja para a pia. Queria meu notebook roubado, mas sabia que se fosse um roubo comum, nunca mais o veria, seria formatado, desmontado e teria as peças vendidas.

— Que seja! — se ele comprasse ou pagasse mais alguma coisa para mim, teríamos um *street fighter* no nosso lindo relacionamento.

Quando descemos, Nathan seguiu para a garagem e o segui. Ele olhava para os lados como se estivesse perdido ou procurando algo.

— Qual é o seu carro?

— Bateu as botas por causa da idade.

— brinquei, olhei e apontei para meu Ford.

— Você dirigia isso? — perguntou

perplexo.

— Ei! — exclamei ofendida — Não fale mal do meu Escort, saiba você que tivemos ótimos momentos juntos.

— Vamos resolver isso. — disse seguindo na direção oposta, onde estava parado seu Jaguar preto sedã.

— O que você quer dizer com “vamos resolver isso”?

— Que vamos comprar um carro decente para você...

— Se você me comprar um carro, juro por Deus que o quebro em mil pedaços. — sibilei e estreitei os olhos de maneira ameaçadora para ele — E não estamos discutindo sobre um notebook, e sim sobre um carro. Pense bem se me quer irritada, senhor Fox.

— Veremos! — rebateu e abriu a porta do carro para que eu entrasse, deu a volta e entrou, ligou o carro e apertou o controle do portão.

Assim que o portão foi subindo, flashes das câmeras tomaram conta da garagem. Mais de uma dúzia de repórteres se espremia para ver quem conseguiria a melhor foto; alguns daqueles repórteres eu conhecia e já tinha feito parceria, mas agora eu era a notícia que vendia para os tabloides. Quem era a ruiva com quem Nathan Fox passou a noite? E considerando seu histórico, não poderia ser uma das modelos com quem saía habitualmente. Não que eu tivesse um ego no núcleo da terra, mas sabia que seria vista como algo anormal em sua vida, tanto política quanto pessoal.

— Merda! — lamentei, quase gemendo

NACIONAIS - ACHERON

— Agora estou fodida.

— Não! Com toda certeza, você não está fodida. — falou, achando tudo aquilo engraçado — Quando isso acontecer, não vai ser por causa dos repórteres e, pelo amor de Deus, tire a mão do seu rosto. Quero que todos saibam que você é minha namorada.

— Nathan... — choraminguei, enquanto baixava o vidro do carro. — O que está fazendo?

— Mostrando a todos o que é meu! — disse simplesmente.

— Senador Fox, Thiffany da DNY... Essa é sua nova conquista? — perguntou uma repórter com um tom amargurado, os outros esticavam as mãos munidas com seus gravadores e celulares para ter o depoimento do magnata político, e eu seria levada à

chacota por eles. *Logo eu!*

— Não, Thiffany... — respondeu calmo e mostrou firmeza em sua voz. — Essa, ou ela, não é minha mais nova conquista.

— Senador Fox, Peter do Time... Então seria ela seu novo caso?

— Nem uma coisa, nem outra... — gesticulou com o dedo indicador para que aproximassem ainda mais seus gravadores e celulares — Lizzie Radzimierski é minha namorada! — me encolhi no meu canto e escondi ainda mais meu rosto. *Inferno!*

— Lizzie Radzimierski, a repórter do The Poster? — perguntaram espantados, enquanto Nathan fechava o vidro do carro, satisfeito com o que tinha feito. Acelerou e os repórteres se afastaram, dando espaço para

que passássemos.

— Você não presta! — fechei a cara e descobri o rosto.

— Sou seu... Então, nada mais justo que as pessoas saibam que estamos namorando. Quem sabe eu perca essa fama de pegador, que por sinal... — argumentou fazendo cara de inocente — É uma calúnia contra minha pessoa.

— Você é safado! — rebati e revirei os olhos — Idiota, cavalo... Isso sim.

— Mas, sou *seu* safado, idiota e cavalo. — girou a cabeça para olhar para mim de uma maneira que fiquei sem saber o que fazer ou dizer.

— Meu e das modelos da Victoria's Secret... — cruzei os braços, virei a cara e observei as ruas de Nova Iorque.

— Isso é mais um resquício de ciúmes que tanto amo em você, meu doce!

— Não... — cantarolei — Isso é quase um aviso, de que, se andar fora dos trilhos, seu olho vai ficar roxo.

— Já estou ficando de pau duro imaginando você em cima de mim, tentando me bater.

— Você é um puta de um doente ninfomaníaco mesmo. — olhei para ele fingindo estar ofendida, mas, na verdade, queria muito estar em cima dele e fazer outra coisa. E não era para bater.

— Apenas quando se trata de você, minha Jessi Rabbit — em questão de minutos estávamos na frente do The Poster e Gretha esperava Nathan quando desci do carro. Ela era tão linda que parecia muito injusto que

trabalhasse para o próprio irmão, como segurança. Gretha cultivava curvas escandalosamente perfeitas, combinando com seu rosto firme e os *dreadlocks* de seu cabelo.

— Bom dia, Lizzie! — sorriu e apertou minha mão.

— Bom dia, Gretha! — falei sem jeito.

— Aquela montanha de músculos de terno preto é o Lucius... — lembrei-me dele assim que o olhei. O segurança negro do tamanho de uma montanha era de arrepiar até os cabelos do orifício circular traseiro. — É ele que vai fazer a sua segurança durante o período que Nathan e eu estivermos fora.

— Tudo bem... — falei desanimada, se era necessário um segurança para mim, aceitaria. Afinal, não era apenas o perigo de

ter tido o meu apartamento arrombado, o senador Fox cultivava alguns inimigos e, depois que nos vissem em algum jornal, poderiam muito bem usar aquilo contra Nathan.

— Lizzieee! — gritou Tatiane da entrada, parecia estar impaciente, acenando freneticamente na minha direção.

— Não se esqueça de ir até a delegacia prestar depoimento sobre o roubo, aproveite o horário do seu almoço para fazer isso. — falou Nathan tomando minha atenção — Volto em um abrir e piscar de olhos. — segurou meu rosto entre suas mãos, beijou de leve minha boca, me fazendo querer mais do seu gosto, e depois se afastou — Comportese! — sussurrou olhando no fundo dos meus olhos, entrou no carro do lado do passageiro e Gretha assumiu a direção.

Tati já estava perto de mim falando algo, mas prestei atenção apenas no Jaguar preto partindo. Um vazio começou a tomar conta do meu corpo, um vazio que só seria preenchido quando ele voltasse para ficar perto de mim. Estava completamente dependente dele, do seu cheiro, do seu beijo e do jeito que me irritava.

Capítulo 24



— Quando quiser me escutar, eu agradeço! — disse Tati um pouco irritada.

— Me desculpa, Tati... — suspirei e entrei no prédio onde trabalhávamos. — Tive muitas emoções nesses últimos dias.

— Podia passar por essas emoções e, ainda assim, atender ao telefone.

— Meu apartamento foi assaltado ontem à noite. — ela congelou no momento em que dei a notícia — Minha vida está uma bagunça.

— Liz, me desculpe! — suspirou —

Queria contar como foi o jantar com Elijah e contar isso... — pegou seu celular, desbloqueou a tela, passou o dedo várias vezes e me mostrou.

— Mas, essa aqui sou eu... — droga! Já estava na maioria dos sites de fofoca, sendo detonada por namorar o cara mais foda de Nova Iorque.

— Você já é notícia e devo avisar que Elijah está...

— Furioso?

— Existe outra palavra para defini-lo neste exato momento. — coitada da minha amiga, amava meu querido chefe, que por sinal queria arrancar meu fígado. E o dia nem havia começado — Acho que possuído pelo demônio é bem melhor.

— Você viu Matt?

— Cristo! — bufou revirando os olhos — Esse é outro que amanheceu com o diabo no corpo. — suspirou e respirou profundamente, arrumou seu vestido preto de bolinhas brancas, com a cintura marcada por um cinto vermelho. Depois de ter passado o momento suspirando pelo “namorado gato”, conseguia enxergar o quanto minha amiga estava fofinha com aquelas bochechas rosadas, que dava uma vontade louca de apertar até que toda minha força se esvaísse. Era uma linda boneca no tamanho plus-size. — Agora, me explique quem é o armário de terno preto bem ali, que não para de nos seguir.

— Hummm... — torci o canto da boca e tentei encontrar uma maneira melhor de explicar que Nathan me impôs a condição de ser vigiada por um segurança até que ele e a

irmã voltassem de Washington — Digamos que é culpa de Nathan. Pelo que aconteceu, achou melhor que eu tenha um segurança. Mas, Lucius é um cara gente fina.

— Sei... — olhou de lado, meio desconfiada — O cara dá arrepios!

— Deixa de bobagem, Tati. — sorri, já chegando ao meu cubículo que chamava de mesa — Ele é praticamente um poodle fofinho de pelo preto e macio. — brinquei.

— Está mais para um *pitbull* raivoso. — enquanto ela falava, Lucius se posicionou na lateral da entrada, próximo a minha mesa, com uma postura impecável. — Bom, agora vou para meu posto, se Elijah me ver conversando com você, perco o emprego e ainda ganho bronca do namorado...

— Espera... — fiquei chocada com a

confissão que Elijah era seu namorado —
Vocês estão namorando?

— Acho que deveria falar um pouco mais alto! — senti o sarcasmo misturado à felicidade em sua voz; uma felicidade que era refletida na pele, no sorriso e no brilho de seus olhos verdes. — No almoço conto mais.

— Tenho que ir à delegacia, mas podemos fazer isso e depois almoçar. Quer ir comigo, apenas apoio moral? — esbocei um sorriso de esperança — O que acha?

— Bom... — disse pensativa — Nunca entrei em uma delegacia, acho que vai ser excitante e chocante. Eu topo! — gargalhou, piscou para mim e foi para seu cantinho, perto da sala do nosso chefe.

— Adrenalina pura. — revirei os olhos.

Enquanto organizava a minha mesa,

liguei o computador e o cheiro familiar de vadia invadiu as minhas narinas: Zoey, com seu jeito malicioso e desdenhoso de me olhar. Não que não fosse uma profissional conceituada, mas usava meios errados para conseguir o que queria. Ainda bem que ela não era da investigação, caso contrário a mataria, arrancaria a cabeça e cortaria a língua comprida, mandando um pedaço para o Japão e outro para a Antártida. Se existia pessoa mais peçonhenta que ela, ainda estava para conhecer.

— O senador é mesmo bom de cama como dizem por aí? — perguntou e sentou na ponta da minha mesa.

— Não sei o que dizem por aí. — respondi com tranquilidade — Mas, o que sei é que minha vida pessoal não é da sua conta e, pelo amor de Deus... — fiz minha melhor

cara de nojo — Vá tomar um banho, esse cheiro de puta está acabando com você.

— Hummm, sei... — arqueou a sobrancelha e me olhou de maneira debochada — Vá tomar no...

— Zoey! — ela não terminou de falar a famosa frase “vá tomar no cú” — Vamos? — Matt a chamou e, quando virei, ele não olhou para mim. Não era mais meu amigo e isso me deixava muito triste.

De repente uma suspeita veio à mente: e se foi ele que entrou no meu apartamento e furtou meu notebook? Mas não... Não o Matt que conhecia! Quer dizer, que um dia conheci. Não acreditei que seria capaz de tal coisa, mas pensando bem, poucas pessoas sabiam que eu mantinha as minhas pesquisas sobre Nathan em casa. Olhei para o loiro de

olhos verdes acinzentados, com bolsas de olheiras escuras e me dei conta que ele não era mais meu amigo. Agora, Matt fazia parte da repartição dos homens magoados por não ter o amor correspondido.

— Matt... — murmurei, enquanto Zoey tirava a bunda de cima da minha mesa — Posso falar com você um minuto?

— Querido, — a forma como ela o chamou fez embrulhar meu estômago — a reportagem com o prefeito está marcada para as nove, temos que sair em meia hora.

— Um minuto? Certo! — disse levantando a mão para que ela parasse de falar. Isso me surpreendeu. E muito — Zoey, pode esperar na van, chego em cinco minutos.

— Certo! — retorceu a boca ao falar e

saiu pisando duro, ele se aproximou da minha mesa.

— Oi...

— Oi! — respondeu seco — Já passaram vinte segundos, fale logo o que quer.

— Olha, — comecei, tentando buscar as palavras certas para falar — sei que ainda está magoado, eu disse umas coisas nada boas e você também... — respirei puxando todo o ar para os pulmões — Pretende continuar com a ideia de investigar a vida de Nathan?

— O que foi? — desdenhou; acho que estava aprendendo com Zoey isso de parecer um idiota — Está preocupada com o que posso achar sobre o seu namoradinho, é isso? Acha que apenas você pode investigar a vida

dele? Sabe que também tenho diploma de jornalista, e pode ter certeza que vou jogar o nome dele na merda, como você queria fazer, antes de abrir suas pernas para ele.

— Matt...

— Matt é o caralho! — explodiu, chamou a atenção dos outros e de Lucius, que se não pedisse para permanecer onde estava com um simples aceno de mão, o teria partido em cinco — Vou foder a sua vida e a dele... — murmurou com ira — Ainda me veio com aquela conversa de não ser namorável, essa palavra nem existe!

— Então foi você, não foi? — perguntei exasperada, sem aumentar o tom de voz.

— Do que você está falando?

— Foi você que arrombou meu

apartamento e roubou meu notebook.

— Lizzie, posso ser seja lá o que for, mas não sou ladrão e não aceito de maneira alguma ser chamado dessa forma. — respondeu visivelmente irritado, passou a mão no cabelo e no rosto de maneira agitada — Depois desse acontecimento, tenho certeza que será mais um motivo para que eu continue na sombra do seu namoradinho, e o mais longe de você.

— Só existe uma pessoa bastante puta da vida comigo para ter feito isso. — estiquei meu dedo, quase o esfregando em seu rosto — E essa pessoa é você!

— Não passa pela sua cabeça que seu namorado é um bandido e por isso tem vários inimigos? — e lá estava o grande “x” da questão. Matt estava com raiva de mim e não

aceitava a rejeição, mas Nathan tinha inimigos dos quais não sabia como me proteger, e nem quando atacariam — Acho que seu silêncio, responde as acusações que você fez, agora se me der licença, tenho um trabalho sério a fazer. — não tinha como rebater o que acabou de falar, a única coisa que poderia fazer era ficar calada e vê-lo sumir da minha frente.

Estava iniciando minhas pesquisas sobre as perspectivas do novo comércio exterior, como Nathan havia pedido, quando o telefone da minha mesa tocou e logo pressenti quem seria.

— Oi, Elijah! — atendi ao telefone no segundo toque.

— Quero a sua sombra na minha sala

em menos de dois minutos, serei breve. — antes que pudesse dizer algo ele desligou o telefone.

Saí da minha mesa e segui para sala de Elijah, recordei minha manhã perfeita e, se melhorasse mais um pouco, estragaria. Tati, sempre com um sorriso estampado no rosto, esticou os polegares para mim, me desejando sorte quando passei por ela.

— Obrigada! — sussurrei, respirei fundo e abri a porta.

Elijah era um cara decente e era também o meu chefe. Tinha profundo respeito por ele, pois foi quem me deu a primeira oportunidade e acreditou no meu trabalho, mesmo sendo uma estagiária e sem qualquer preparação para fazer parte da equipe do The Poster. Ele construiu uma

carreira promissora e ainda existem pessoas que se deixavam enganar por seu sorriso carismático. Era obstinado no que queria.

— Sente... — estava de pé, de costas para mim, olhando a cidade. Eu meio que pisei em ovos e me sentei. — Você lembra quando chegou aqui?

— Sim! — respondi sem entender e o esperei falar mais alguma coisa.

— Quando olhei para você, — balançou a cabeça, ainda de costas para mim — disse a mim mesmo: “essa garota tem potencial, nunca levará desaforo para casa”. O mais engraçado é que nunca erro.

— Você quer dizer que errou comigo? — perguntei confusa, tentando entender o que estava acontecendo.

— Não! — virou-se e olhou nos meus

olhos — Estou dizendo que não me arrependo de ter dado uma oportunidade a você.

— Não estou entendendo, Elijah. — estava ficando impaciente, será que iria me demitir?

— Tatiane me falou sobre o que aconteceu no seu apartamento... — fez uma breve pausa, passou as mãos nos cabelos, que já estavam um pouco grisalhos, mas ainda assim parecia impecável. — Estou preocupado com você e receio que não seja seguro continuar no mesmo lugar. Talvez Isaäk já saiba que você pretende investigar o mundo dele. E, não sei...

— Elijah, — esbocei um sorriso, era muito bom saber que ele, que raramente demonstrava afeto, estava tão preocupado —

estou bem, vou me cuidar.

— Sabe Lizzie, não tenho filhos... — ele realmente estava se abrindo comigo — Mas, a considero como uma filha. Sei o que passou e quantos sapos teve que engolir para ser a jornalista incrível que é.

— Muito obrigada, Elijah — foi bom saber que meu círculo de amizades não estava restrito apenas à ausência que Matt havia deixado com seu ato impulsivo. Agora sabia que existiam pessoas que se importavam comigo.

— O Fox já sabe que você vai cutucar o leão com vara curta?

— Não! — confessei um pouco desconfortável — Mas, estou procurando um jeito de falar isso para ele.

— Lizzie... — Elijah se aproximou e

sentou na ponta da mesa — Fox é o único que pode proteger você contra Markov. — respirou fundo e soltou o ar lentamente — Detesto admitir e você sabe que ele tem condições para fazer isso, mas é a pura verdade. Não quero você na próxima manchete, tachada como mais uma jornalista imprudente, que não soube fazer seu trabalho e acabou morta.

— E não estarei. — deu para notar que não acreditou nas minhas palavras, mas até eu não tinha certeza se elas eram verdadeiras.

— Vou precisar conversar com Fox?

— Não... — franzi o cenho, achei aquilo demais para seu estado paterno. — Acho que posso cuidar disso sozinha.

— Certo! — falou formando uma linha fina e firme entre os lábios. — Agora pode ir.

— Obrigada! — levantei, fui em direção à porta e, quando a abria, ele disse:

— Se o Fox não cuidar bem de você, eu mesmo o mato.

— E se você não for bom para a minha amiga, eu mesma o castro. — sorri de maneira infantil, piscando várias vezes — Com uma faca bem cega...

— Pode deixar! — rebateu sorrindo. — Ela é meu segundo tesouro agora.

Sabia que Nathan cuidaria de mim, afinal, não desistira de mim, mesmo quando soube de tudo pelo que passei. Outra questão que precisava resolver, além de contar para Nathan sobre Isaäk, era a parte da minha irmã. Para isso, teria que comprar meu novo apartamento e ainda colocar na caneta e papel o valor que gastaria nas sessões com

Ian Stevenson.

Ian Stevenson era o psicólogo que estava resolvendo o meu caso e tinha quase certeza que Nathan e ele eram amigos de longa data, a julgar pelos risinhos irônicos, que sempre pareciam esconder uma piada secreta entre eles. Era especialista no meu caso e estava satisfeita com ele; esperava que, em breve, pudesse ter mais do toque de Nathan sem que terminasse desmaiando. Ao menos, já conseguia receber os beijos do meu amado.

Capítulo 25



O dia foi fácil... Delegacia, almoço às pressas e trabalho que não acabava mais. Esse tinha sido meu dia: virado, pisado e surrado; estava um pouco irritada por causa da discussão com Matt e ainda tive que olhar para a cara daquela vaca da Zoey “cheiro de puta”. Quando chegou a hora de ir embora estava exausta, louca para tomar um banho e dormir. Porém, ainda havia a consulta com Ian. Assim que Gretha abriu a porta do carro para mim e deu seu sorriso incrível, me senti um pouco melhor. Adorava aquela mulher e, por mais que não conversássemos, ou

tivéssemos um relacionamento de amizade, sentia muito carinho por ela.

— Liz! — cumprimentou e abriu a porta, não estava acostumada com aquilo e acho que nunca conseguiria.

— Gretha! — acenei sem graça e entrei no carro.

— Oi, meu doce...

— Oi... — falei simplesmente e fiquei calada por um tempo. Quando não suportou mais o silêncio, disse:

— Você está calada. — sua voz mostrou preocupação com meu silêncio — Aconteceu algo? — perguntou e sentou ao meu lado, enquanto Gretha dirigia com eficiência pelas ruas abarrotadas de outros carros.

— Hoje na redação tive um dia

daqueles, comecei a pesquisar sobre as perspectivas do novo comércio exterior, saí para realizar uma entrevista com o cara que anda vestido de Mulher Maravilha e depois fui até a delegacia. O delegado disse que vai tentar descobrir quem invadiu o apartamento, mas para ele, isso parece ser apenas mais um caso de furto simples.

— Ele sabe quem é você? — falou irritado e o olhei sem entender o que queria dizer com aquilo.

— E por que ele deveria saber quem sou eu?

— Liz, meu doce. — respirou fundo antes de continuar, e pelo jeito o seu dia também não tinha sido nada bom. — Você é minha namorada, e a essa altura, o país inteiro sabe disso. Por isso, todos devem

tratar você com respeito, presteza e estrita cordialidade.

— Sou sua namorada, apenas isso. — comecei mostrando calma — E seu trabalho não deve interferir na minha vida, isso inclui ser tratada como todo mundo. — rebati de cara fechada. Nathan devia achar que, só por que era sua namorada, as pessoas deveriam se jogar aos meus pés? Não aceitaria aquilo, não era o que queria para mim.

— Você não é apenas minha namorada. Você é mais que isso... — disse afrouxando o nó da gravata, retirando-a logo em seguida; deixou-a de lado e depois passou a mão no cabelo — Você é a mulher da minha vida, e quero que as pessoas a trate como uma rainha.

— Nathan! — fiquei sem saber o que

falar. Ele era tão intenso que meu coração doía quando falava essas coisas — Isso é...

— Não precisa falar nada, meu doce.
— Nathan de cabelo bagunçado, sem gravata e com os dois botões da camisa abertos, exibindo uma parte generosa de sua pele magnífica e com um olhar profundo, do tipo que alcança a alma, era praticamente irresistível. — Entendo que não esteja habituada com esse tipo de tratamento mais carinhoso.

— Não é isso. — reuni um pouco de coragem para pode falar — É que, às vezes, você é muito intenso, parece que vai arrancar meu coração quando fala essas coisas. Principalmente quando diz que sou mais que uma namorada, mesmo em tão pouco tempo.

— Não duvide... — sua voz ficou séria

e mais grossa — Nem por um momento dos meus sentimentos por você. Isso acontece raramente entre duas pessoas que, apenas com um olhar, sabem que passarão o resto da vida um ao lado do outro.

— Você acha que é isso vai acontecer com nós dois? Que iremos passar o resto de nossas vidas juntos?

— Não acho... — sorriu e mostrou convicção no que dizia — Tenho certeza que vamos ficar juntos.

— Se você diz... — dei de ombros, me divertindo um pouco — Quem sou eu para dizer o contrário!

Quando chegamos ao consultório não estava mais nervosa. Algo em mim me fez querer ter mais coragem e seguir ainda mais em frente com o tratamento. E ficar curada.

Era tudo o que mais queria. Às vezes, um passado pode estragar seu futuro, mas sempre existe a possibilidade de ter um novo começo para mudar e essa era minha escolha naquele momento: seguir e superar meu medo. Depois disso, enfrentaria as pessoas que me fizeram passar por todo aquele pesadelo para finalmente ter o amor de Nathan e minha irmã ao meu lado. Tudo ficaria perfeito.

Isso era o que eu pensava.

— Boa noite! — cumprimentou Ian e apontou as cadeiras para que sentássemos — Você está com a aparência um pouco cansada, Liz. Mas está diferente da última vez que a vi.

— Aconteceram inúmeras situações durante essa semana. — Nathan falou e

cruzou as pernas, um pouco desconfortável. O jeito que Ian ficou mais sério me deixou intrigada e alerta com o comportamento dos dois; pareceu-me que estavam trocando informações apenas com o olhar e isso me irritou bastante. Qual era o problema daqueles dois em usar a boca para dialogar?

— Se quiserem dividir as informações que os dois pombinhos estão trocando com esse olhar, agradeço. — falei colocando todo meu sarcasmo para fora, não ficaria sem saber o que estava acontecendo. Não mesmo!

— Sua garota é boa, Nathan... — Ian sorriu ironicamente — Uma mulher muito observadora, por sinal.

— Ian... — o tom de alerta na voz de Nathan apenas acentuou a ironia no rosto de Ian, o que me deixou mais irritada — Faça

seu trabalho e nada mais que isso.

— O que você quer dizer com isso, Nathan? — me virei e o encarei.

— Senhorita Radzimierski, não prenda sua atenção em algo tão insignificante, vamos começar nossa sessão. A propósito, o que está achando do processo? Fui informado que você foi mais persistente e pediu de livre vontade para ser tocada.

— Verdade! — voltei minha atenção para Ian — Não me senti mal como antes, acho que estou me saindo muito bem. Nathan vem se mostrando muito paciente comigo, e se não fosse por isso, não melhoraria.

— Certo! — disse Ian se posicionando próximo à poltrona — Vamos iniciar nossa sessão, estou muito entusiasmado sobre o tempo que você levará para ter uma vida

mais livre.

— Você acha que vai dar certo? —
perguntei sentindo um fio de esperança se
tornar uma corda grossa e resistente.

— Lizzie... — afirmou com
determinação — Não podemos ter certeza de
nada, mas a julgar por sua determinação e
pelo avanço que já podemos observar,
acredito que veremos maiores resultados em
breve.

— Espero que você esteja certo. —
murmurei ao me sentar na poltrona.

— Tudo depende de você e da sua
força de vontade. Hoje, vamos conversar
sobre suas expectativas e o que quer dessa
nova vida... Nathan... — Ian falou
arqueando a sobrancelha, para que ele
entendesse que precisava sair da sala, mesmo

contra sua vontade — Conversamos hoje e você concordou em aceitar minhas condições. Espero que não tenha esquecido.

— Não... — retrucou Nathan, um pouco aborrecido — Não esqueci! — completou e levantou para sair da sala, mas antes disse: — Cuide dela. Ela vale mais para mim do que você pode imaginar.

— Eu sei! — rebateu Stevenson acenando com a cabeça. Quando Nathan saiu me senti completamente sozinha.

— Lizzie... — Ian assumiu uma postura compenetrada, que o fazia ser o tipo de profissional que era — Quero que me diga: o que mais deseja?

— Ter uma vida...

— O que pretende alcançar para considerar que está tendo essa vida?

— Liberdade sobre meu corpo; acho que esse é o meu principal desejo.

— E como seria essa “liberdade” da qual você fala?

— Principalmente poder ser tocada...

— Por Nathan?

— Primeiro por mim e depois por ele, só por ele — soltei sem pensar e mesmo que tivesse pensado na resposta antes de abrir a boca, aquela ainda seria a resposta a ser dada. Não havia outro homem na minha vida e apenas Nathan fazia com que me sentisse completa.

— Não acho saudável que queira somente o toque dele, seria muito mais saudável para você se conseguisse estabelecer um contato físico, mesmo que mínimo, com outras pessoas também, apenas

por ocasiões do dia-a-dia, mas devo admitir que já estou confiante sobre as etapas do seu tratamento. No final, podemos esperar que você tenha uma vida tranquila ao lado de Nathan, assim como deseja.

— É isso que quero, Ian. — não queria ser tocada por outro homem. Meu corpo escolheu Nathan e sabia que não era só o meu corpo: minha mente, meu coração e minha alma tinham escolhido ele, nada mais mudaria isso.

— Tudo bem! — concordou, mas sabia que não por vontade própria. Nathan, com certeza, fez algo para que ele tenha aceitado meu caso, e mesmo assim não me importava. Talvez fosse esse o motivo dos olhares irônicos e a maneira que sorria para Nathan — Vamos falar um pouco mais sobre sua infância e sobre sua família. Tudo bem?

— Sim! — respondi, fechei os olhos e respirei fundo para poder começar a falar.

— Existia algo bom em conviver com sua família, mesmo com tudo que aconteceu?

— Os melhores momentos eram quando não havia ninguém em casa. Não tinha Teddy para ficar me olhando daquela maneira nojenta. Não tinha minha mãe para fingir que se importava comigo, quando na verdade se importava somente com ela mesma. Só existia eu e minha irmã. Apenas nós duas.

— Pelo modo como fala de sua irmã, vocês parecem próximas. Você gosta da sua irmã, mesmo sabendo que ela é filha do seu agressor?

— Infelizmente estamos afastadas devido a tudo que me aconteceu, e isso não

diminuiu o meu amor por ela. Sei que minha irmã não tem culpa do que houve, talvez seja tão vítima quanto eu. Não sei, mas não consigo vê-la como sendo parte dele; para mim, ela é a minha irmã, apenas isso. Minha irmã, que deixei sozinha com aqueles dois.

— Você diz que a deixou sozinha com os dois, isso lhe causa algum sentimento? Arrependimento, talvez?

— Não... Ela foi um dos motivos de eu ter saído de casa e começar a querer uma vida melhor. — falei, pensando no dia em que fugi de casa.

— Seu plano de uma nova vida a inclui? — perguntou com curiosidade.

— Sim, meu plano de vida é tirá-la daquela casa, e então morarmos juntas.

— E por que acha que ela vai escolher

morar com você?

— Porque sei que ela nunca será como eles, que detesta aquele lugar. Porque ela é a única coisa boa que existe vindo dos dois e uma das coisas que mais quero é tê-la ao meu lado. No fundo, acredito que ela quer ficar comigo. Fiz uma promessa de voltar e tirá-la de lá e vou cumprir com minha palavra.

O cheiro da comida estava ótimo, mesmo sendo pizza, e meu estômago entendia que a comida estava a maravilha dos deuses. Terminei de tomar meu banho e enrolei uma toalha no corpo e outra no cabelo; ao passar pela sala parei e apreciei a visão de Nathan, que tomava conta de todo o espaço da minha pequena cozinha. Ele estava sem camisa e com uma calça de flanela preta,

se movimentando com elegância e firmeza. A cada movimento me deliciava ainda mais com seu corpo, me apaixonando ainda mais por ele.

— Peladinha e me olhando desse jeito... — ele sempre sabia quando o estava olhando — Sei não, hein... Vou começar a achar que você só quer meu corpinho gostoso. — falou com a cara mais safada que um homem pode ter, enquanto colocava um pote de sorvete na geladeira.

— Nunca passou pela minha cabeça possuir seu corpo, senhor Fox — debochei, observando que o sabor do sorvete era — Chocolate?!

— Chocolate. — a malícia com que pronunciou a palavra me deixou curiosa.

— O que você tem com sorvete de

chocolate? O jeito como fala parece algo perverso.

— Meu doce, imagine que... — começou a falar, vindo em minha direção — Você está nua e que só existem eu, você, um pote de sorvete, uma colher e meu pau duro. O que acha que vamos fazer com o sorvete?

— Não!!! — soltei um gritinho, arregalando os olhos para ele — Você só pode estar brincando!

— Ah... — mordeu o lábio maliciosamente — Posso brincar também e fazermos isso simultaneamente.

— Deus... — gemi quando chegou onde eu estava e tirou a toalha do meu cabelo — Vou acabar me tornando uma tarada e vai ser sua culpa.

— Assumo totalmente a culpa. —

sussurrou e inclinou a cabeça para me beijar.

— Você não presta mesmo — me deixei levar pela maciez de sua boca, invadindo e tomando posse da minha língua, me deixando sem ar. Segurou meu rosto entre as mãos e foi me conduzindo até me encostar na parede, continuou segurando somente meu rosto. Mas, sabia que queria mais que apenas segurar meu rosto, então segurei a toalha e, com ele ainda me beijando, a deixei cair no chão.

— O que você está fazendo? — perguntou surpreso.

— Aceitando incluir alimento gelado em nossa vida sexual. — o queria, e não importava o jeito ou a forma, mesmo que incluísse algo que, com certeza, ficaria pegajoso depois.

— Você realmente entendeu o que eu quis dizer com relação a usar o sorvete? — sua respiração estava cada vez mais rápida, seu rosto mostrava que tinha medo que algo desse errado.

— Meu doce... — usei suas palavras a meu favor, com minha melhor voz sedutora — Passou quase um mês que estamos no tratamento, nos masturbamos tempo suficiente para uma vida inteira. Acho que tenho ideia para quem vai servir o sorvete, você só precisa me ensinar... — não me envergonharia e nem desistiria de desfrutar, de receber e dar prazer.

— É muito arriscado...

— Não é arriscado quando tenho certeza que quero fazer isso com você! — falei diminuindo o espaço entre nós dois,

ficando colada ao seu corpo, completamente nua — E sei que você quer... — arrisquei passar o dedo, contornando sua ereção por cima do tecido da calça, o deixando sem reação — Sei que me quer, assim como desejo cada molécula do seu corpo.

— Eu... — falou reprimindo um gemido; deixou-o preso na garganta, fechou os olhos e jogou a cabeça para trás. Quando tomei a iniciativa de segurá-lo na minha mão, senti toda sua rigidez e magnitude.

Quando Nathan voltou a me olhar, havia tanta intensidade que consegui entender o que era todo aquele sentimento. Ele sentia o mesmo que eu... E isso me deixou ainda mais confiante e determinada a ser dele e ter o calor do seu corpo no meu, sentir o seu sabor, sentir seu cheiro delicioso.

Acreditava no meu tratamento e acreditava
NACIONAIS - ACHERON

no resultado que estava tendo. Algum tempo atrás, jamais tocaria em um homem da maneira que toquei Nathan, absorvendo toda sua força e poder de amar, ou melhor, compartilhando a força e o poder do amor.

Vendo-o daquela forma percebi que era doce, mas ao mesmo tempo majestoso e imponente, como todo macho alfa deve ser. Eu estava deixando de ser uma mulher com defeitos, sendo consertada aos poucos, e ele era uma parte importante na minha vida. Uma parte que jamais apagaria, mesmo que escondesse algo de mim. Algo que poderia nos afastar, e, talvez até fugir dele.

— Você consegue sentir, meu amor?
— permanecia parado na minha frente, sem se mexer ou fazer qualquer outra coisa —
Consegue entender o quanto te amo?

Raramente falava que o amava, tudo isso era mais forte do que apenas um olhar ou um sorriso. Amar Nathan era como estar no céu e ir ao inferno em menos de trinta segundos, era um sentimento intenso, devastador e avassalador. Esse sentimento só me fazia sentir mais vontade de tê-lo todos os dias ao meu lado.

— Repete... — pediu, me olhando de maneira intensa, com aqueles olhos azuis mais perfeitos do mundo, onde sempre encontrava meu refúgio. — Repete que me ama.

— Eu te amo! — sorri ao repetir e olhei para ele da mesma forma, ainda o segurando firme em minha mão, até o maldito telefone tocar. Puta que pariu! Aí já era sacanagem com a minha cara.

— Merda! — resmungou — Tenho que atender... Harper — seu rosto desfigurou em raiva, sabia que não era com raiva de mim e sim do tal Harper, que administrava suas casas noturnas e, mesmo sendo capaz de cuidar dos problemas, insistia em ligar para Nathan quase todas as noites. Isso o deixa muito irritado.

— Tudo bem... — ergui minha cabeça, ainda o tocando e beijei sua boca — Quando aceitei namorar você, sabia que isso me daria dores de cabeça mesmo! — brinquei e o liberei da minha mão — Podemos continuar quando terminar sua ligação. — pisquei e saí, sem me importar que estivesse nua.

Estava me tornando uma versão feminina de Nathan; em outras palavras, estava me tornando a mulher perfeita para meu homem perigoso. Vesti-me colocando

NACIONAIS - ACHERON

apenas uma camiseta larga dele e nada mais, pude escutá-lo quase gritando ao telefone e, se eu fosse a outra pessoa, teria medo.

— Certo Harper! — disse friamente — Em cinco minutos estarei aí para resolver esse problema... Não... Classificaria isso como incompetência... — disse por fim e desligou o celular. Teria pena do tal Harper, eu disse que *teria*, mas *ele* estava tirando meu Nathan de mim, exatamente na noite que decidi ser mais ousada. Nathan estava visivelmente irritado com aquele telefonema, porém aquele era seu trabalho, e mesmo me matando por dentro, sabia que ele precisava resolver aquele problema — Meu doce, não quero deixar você sozinha aqui, vamos...

— Tudo bem... — abri meu melhor sorriso, disfarçando o que realmente sentia: frustração. — Não é tão tarde, posso ligar

NACIONAIS - ACHERON

para Tati! Ela não tinha programa marcado, já que Elijah trabalhará até tarde.

— Elijah e Tatiane? — perguntou surpreso.

— Longa história, depois, quando estiver com tempo, eu conto.

— Você tem certeza que não quer ir comigo?

— Tenho! — na verdade meus almoços com Tati estavam ficando cada vez mais rápidos e praticamente não tínhamos tempo para conversar, então a recompensaria. Teríamos uma noite apenas nós duas, fazendo coisas de garotas, quem sabe sair para tomar um drinque e conversar melhor sobre seu relacionamento com Elijah e o progresso dos dois.

— As duas podem ir, posso ficar perto

de você, mesmo resolvendo os problemas da boate. — ofereceu com carinho. Nathan foi até o closet, pegou seu terno cor chumbo — Pegue isso! — disse retirando dois cartões do bolso interno com o nome “Heated Fox” em letras fortes e com uma raposa desenhada delicadamente, mas, ao mesmo tempo, agressiva na borda — Apresente na entrada e vocês entrarão facilmente.

— Ligarei para ela primeiro, depois que confirmar, verei você, Fox. — o beijei, saí do quarto para poder telefonar e o deixei se vestindo.

— Não brinca! — gritou Tati do outro lado da linha, me forçando a afastar o celular da orelha, Nathan saiu às pressas — Diz que eu não estou sonhado? — ela estava muito

contente — Mentira! Se disser que estou sonhando, mato você. — falou e deu outra sequência de gritos. — Estamos falando da “Heated Fox”, porra!

— Sim, Tati! — também estava bem animada com a hipótese de me divertir ao seu lado; não estava lhe dando atenção suficiente, já que as sessões, o trabalho e o próprio Nathan me consumiam por completo. Era bom ter um tempo só para nós duas, assim fortaleceríamos o laço de amizade que tínhamos — Acha que fica pronta em quanto tempo?

— Já estou pronta! — enfatizou de maneira engraçada — “Heated Fox” cacete!!! Oh meu Deus! Liz? — fez uma pausa — Quero sua bunda branca em cinco minutos na frente da minha casa. Isso é uma ameaça! — definitivamente não era uma boa influência

para ela e ri comigo mesma com a situação.

— Linguagem bonita para se usar... —
Tati era o tipo de pessoa que você sempre queria por perto, mesmo que fosse para ficar em silêncio. Só quem tem uma amizade assim entende a conexão que existia entre nós duas.

— Fazer o quê? — desdenhou brincando — Aprendi com a melhor.

Capítulo 26



Quando desliguei corri para o closet e peguei o vestido que usei na noite em que fui entrevistar Nathan: o vestido vermelho com brilhos nas pontas. Fui rapidamente para o banheiro, joguei toda maquiagem que tinha sobre a pia, passei a base cobrindo as minhas sardas, contornei os olhos com sombra preta e muito rímel. Soltei meus cabelos ruivos, deixando-os cair sobre os ombros e passei o batom mais vermelho que tinha na minha frente. Estava começando a gostar da imagem no espelho, parecia mais decidida – não que não fosse antes –, e mais cheia de

vida. Deixaria de lado a Lizzie do passado e me agarraria à Lizzie do futuro. Ao sair do banheiro, peguei meu celular e liguei para Nathan.

— Estou pronta! — avisei alegremente — Vou passar na casa da Tati e iremos de lá, está bem?

— Tudo bem, Lizzie — disse um pouco frio e isso não me agradou muito. Raramente me chamava de Lizzie, era sempre “meu doce” ou Liz. Havia algo errado e se o meu faro não estava me enganando, não era coisa boa.

— Tudo bem? — perguntei incerta se queria ouvir a verdade.

— Tudo! — sua voz realmente estava fria e distante — Preciso desligar. Vejo você daqui a pouco. — e assim o fez, desligou o

telefone e fiquei com cara de merda boiando na água. Não desmarquei o programa com Tati porque ela estava muito feliz com a ideia de ir para a Heated Fox, caso contrário, nem meu pensamento chegaria lá. Decidida a não ser teimosa e ficar pensando bobagens, coloquei o salto vermelho que me deixava ainda mais sensual e com a bunda empinada, imaginei que ele poderia estar passando por algo complicado e não queria misturar as coisas, ou demonstrar qualquer tipo de fraqueza perto de outras pessoas.

Olhei a bolsa de mão preta e a lembrança de Matt me veio na mente, ganhei a bolsa na noite em que fomos entrevistar Nathan. Mas, aquele não era o momento certo para lembrar-me dele; estava prestes a me divertir e a lembrança de Matt não iria assombrar minha noite. Coloquei meu celular

dentro da bolsa, junto com o batom e outras coisas, alisei o tecido do vestido no meu quadril, dei uma última olhada no espelho e observei o quanto meu rosto estava mais cheio e mais rosado. Respirei profundamente, soltei o ar bem devagar e me animei mais um pouco; parecia mais viva, não a *noiva cadáver* que se olhava todos os dias antes de ir trabalhar e se isolava em casa.

Ao fechar todas as portas, como de costume, senti o celular vibrar na bolsa. Olhei o visor e vi que era um número diferente. Para minha surpresa, uma voz feminina tão conhecida me fez sorrir.

— Oi Liz, seja uma boa cunhada e desça. — disse divertida, mas algo estranho estava na voz dela.

— Tudo bem... — disse deixando de lado aquela sensação de que algo errado aconteceria naquela noite — Dois minutos.

Gretha estava parada ao lado da porta, usando seu habitual terninho preto, que a deixava ainda mais profissional. A cada dia, a achava mais parecida com Nathan, e sua postura acentuava as características mais evidentes entre eles. Fiquei me perguntando, enquanto a observava de longe, se tinha namorado ou namorada, marido ou esposa. Vai saber, né?! O mundo é tão aberto a opções, que toda forma de amor é válida. O importante é amar e ser amado.

— Você será a salvação dele essa noite. — disse quando cheguei perto — A coisa não está boa... — opa! A cunhada dos meus sonhos entregou o ouro e nem precisei persuadi-la para falar — Não posso falar

NACIONAIS - ACHERON

mais nada! — disse entendendo o meu olhar. Tinha que me conformar com a pouca informação. O humor de Nathan parecia não estar muito bom, e eu iria descobrir o motivo naquela noite.

A noite não estava fria, mas estaria ainda mais agradável se não fosse a sensação térmica de -100°C que se formava na minha barriga. Acho que era a expectativa pelo modo como me tratou, e aquela maneira foi apenas um reflexo do momento que estava passando. Na última vez que fui naquela boate o encontrei lindo e dono de si, enquanto eu não me sentia desse mundo. Bastou o olhar que meu subconsciente registrou e soube que seria dele.

A fila para entrar na Heated Fox dava várias voltas. Muitas mulheres usavam roupas que mais pareciam *band-aids*, todos

NACIONAIS - ACHERON

falavam alto de como era badalada a casa noturna e me encaminhei para a entrada, com Tati ao meu lado, catatônica. A imagem da minha amiga emocionada por ter sido convidada para uma das boates mais caras e mais faladas de Nova Iorque, era praticamente cômica. Porém, ela estava feliz, e isso me deixou feliz também.

O galpão da Heated Fox estava começando a parecer mais amistoso aos meus olhos e eu sabia o porquê disso. Porque aquilo fazia parte do mundo de Nathan e tudo que fazia parte do seu mundo me interessava. Cheguei à entrada e apresentei os dois cartões com o nome da boate. A música abafada que saía de dentro deu uma dica de como seria a noite, e, pela primeira vez, me jogaria na pista e dançaria como uma louca, mesmo que não soubesse dançar muito bem.

Percebi que todos na fila olhavam para mim, mas dessa vez entendia o motivo: o simples fato de ser a namorada do dono. Dois seguranças negros enormes, com cara de quem comeu jiló, faziam a segurança da entrada ao lado de uma recepcionista negra com cabelos *black power* perfeitos, que estava vestindo uma blusa branca de mangas, calça de linho azul-marinho boca de sino e saltos com brilhos nas tiras. Lembrava-me dela perfeitamente, mas em vez de um olhar irritado como da outra vez, abriu um sorriso e mostrou todos os seus dentes brancos, que contrastavam com sua boca marcada por um batom roxo.

— Boa noite, senhorita Radzimierski
— acenou educadamente para mim e para Tati, que estava parecendo aqueles *emoicons* chorosos; deu até vontade de rir da cara que

fazia — Você e sua amiga ficarão na área privativa do bar.

— Muito obrigada! — sorri e puxei Tati pelo braço — Tati, você está bem?

— Você só pode estar louca... — assim que entramos ela parou na porta — CA-RA-LHO... — dava para entender o que estava sentindo. A boate era ampla e com decoração parecida com a de um teatro, na parte de cima ficavam os camarotes, se assim poderia ser comparada.

— Jason Derülo? Want To Want Me! — falou em êxtase.

— Jason quem? Do que você está falando? — perguntei arqueando a sobancelha, pois não fazia a mínima ideia quem era esse tal de Jason sei lá o quê.

— Vou desculpar você só por essa

noite. — disse fingindo estar ofendida —
Preciso de tequila!!! — gritou. Aquele ser
fofinho e meigo mudou completamente:
estava possuída pelo demônio do rebolado.
Deus! Ela estava louca! — É uma mulher
naquele tecido?

— É! — respondi contendo o riso.

— Maluco... A mulher é doida! — Tati
parecia estar em um parque de diversões —
Por que você está me olhando assim?

— Ah... — dei de ombros e passei
pelas mesas — Só estou achando você
surtada, mas só um pouquinho!

— Você não tem ideia de como é
difícil entrar nessa espelunca, filha. — tive
que rir. A boate, com toda certeza, não
parecia uma espelunca. — Senti inveja
quando veio entrevistar o senhor Fox fodão.

Mas, é claro que não ia te contar isso. *Putá merda! Aquela mulher vai cair!* — Tati quase gritou, quando em uma parte da performance, a moça deslizou rapidamente pelo tecido, quase tocando o chão.

— Entendi, só não surta. — brinquei e passei ao lado da pista de dança lotada e olhei para cima, na esperança de ver a sala que tinha vista privilegiada do ambiente, mas me deparei com vidros escuros.

— Procurando ele? — perguntou me tirando a concentração.

— Tá tão na cara assim?

— Não... — respondeu sarcástica — Só está estampado em letras enormes no meio da sua testa.

— Droga!

— É... — suspirou profundamente

quando chegamos à área privativa — Entendo o que você quer dizer com “droga”.

— Boa noite! — disse a *bartender* de cabelos cacheados afro. Uma mulher muito bonita e de corpo escultural, vi na plaqueta que seu nome era Gabriela. Alta, boca carnuda e de postura profissional, gostei dela assim que abriu o sorriso em nossa direção — Hoje está tudo por conta da casa, com os cumprimentos do senhor Fox. O que vão querer? — perguntou simpática.

— Oh! Adoro! Vantagens de ter uma amiga que namora o dono da espelunca. Quero tequila. — Tati apressou-se em responder — E de preferência a garrafa cheia, por favor.

— Tudo bem! — acenou Gabriela e saiu para pegar a nossa garrafa de tequila.

— Tati, você tem certeza que quer beber logo tequila?

— Tequila é vida... A bebida perfeita para esta noite!

— Vou avisando que não sou do tipo que aprecia tequila. A bebida não me ajuda muito.

— Pode deixar... — disse piscando — Bebo por nós duas. Hoje teremos a noite perfeita e você vai beber nem que seja um pouco.

— Vamos! — falei mais animada.

Isso era o que eu pensava.

A cada cinco minutos, uma garrafinha de água chegava à nossa mesa; não era *expert* em como se deve beber, mas tinha certeza que Tati já havia passado da conta. Minha

experiência com a tequila foi de amor ao primeiro gole; apesar de ter descido quase rasgando minha garganta, adorei como o gosto ficou na boca. Tati, sozinha, bebeu mais da metade da garrafa de tequila e estava doidona.

A área privativa era mais reservada; apesar da visão que tínhamos da pista ser privilegiada, de onde estávamos também se podia observar a sala em que tinha entrevistado Nathan e os camarotes. Nos meus planos, minha prioridade era me divertir, não que não estivesse me divertindo, mas precisava tomar conta da loira de cabelos cor de ouro, olhos verdes e bochechas vermelhas, que não parava de falar das maneiras que imaginava como Elijah a tomaria pela primeira vez, o que me deixou surpresa por eles começarem o

namoro no mesmo período que Nathan e eu. Estava ficando constrangedor até para mim, que estava me tornando uma cópia de Nathan; hora eu era a safada, hora era ele que me mostrava que, apenas com um olhar, era possível chegar a um orgasmo. Havia noites, em que ele não estava comigo, que eu tinha “quase” pesadelos. Pesadelos eróticos, com ele me possuindo das formas mais intensas e de um jeito que me deixava ainda mais maluca. O imaginar nu, com toda aquela força, tocando meu corpo... Apenas o pensamento de ser lambida ou chupada... Era torturante.

— Eu... — Tati disse com a língua já enrolando e falando engraçado — Adoraria ver ele... — gesticulou com as mãos, formando as curvas imaginárias — Pelado...

Todo durinho... Acho que deve ser beem

grosso! — ficou ainda mais vermelha — Grosso... Grande e gostoso, a julgar pelo tamanho do homem. E que homem! — riu mordendo os lábios, eu tive que me segurar para não rir do jeito alucinado dela — Ou melhor... O ver de pau duro, dizendo “vem meu *cupcake*! Vou te comer todinha”... — não aguentei e gargalhei da forma quase indecente que ela falava.

Nunca a tinha visto daquela forma, mas deu para perceber o quanto queria muito Elijah, e de todas as formas possíveis.

— E por que você não diz isso a ele? — abafei o riso e de uma única vez, tomei a tequila que estava há décadas no copo — Quem sabe ele faz uma coisa melhor do que chamar você de “*cupcake*”?

— E se ele, lá na hora... — fez um

muxoxo e depois torceu o nariz — Você sabe... — deu de ombros e movimentou as mãos sobre o seu corpo — Não sentir que está no clima?

— Não acredito que está preocupada com isso! — realmente estava incrédula com a falta de confiança dela sobre si — Ele ama você e, me desculpe, mas se ele não quisesse namorar você, estaria sozinho. — quando falei isso, Tati deixou os ombros caírem pesadamente e ficou com o rosto um pouco triste — Ei... — segurei sua mão, passando mais confiança e força para ela — Será lindo! — dei meu sorriso mais sincero, pois era verdade, conhecia Elijah e sabia muito bem que a faria muito feliz — Vai se sair bem. Você o ama... Ele a ama e é assim que as coisas funcionam.

— Isso mesmo! — disse mais

NACIONAIS - ACHERON

confiante — Vou ser seu *cupcake* gostoso e vou trepar tanto que ele vai precisar de uma semana para se recuperar. — a bebida não estava fazendo muito bem para ela.

Eu ria a cada segundo e isso estava me tirando um pouco a preocupação sobre Nathan. Ainda assim, a cada minuto que se passava, mais nervosa ficava; me peguei várias vezes olhando para a escada de acesso aos camarotes e que também levava até sua sala.

— Vou subir naquele tecido. — Tati levantou da mesa com o olhar determinado, mais bêbada que nunca. Ela recusou todas as vezes que o garçom trouxe uma garrafa com água, ou algum petisco; apenas bebeu e mais nada.

— Não! Você não vai! — tentei

persuadi-la.

— Vou sim... — caminhou decidida para o cordão de acesso à pista e, antes que eu pudesse reagir, passou pelo segurança do tamanho da muralha da China.

Quando fiz menção de ir atrás dela, uma moça alta, de cabelos pretos presos em um rabo de cavalo, vestida em um terninho preto justo ao seu corpo, me barrou. Tinha os traços menos femininos e as orelhas um pouco desgastadas, acho que passou muito tempo praticando algum tipo de arte marcial. E, assim como a maioria dos outros funcionários, era negra e apesar da cara de má, ainda tinha delicadeza.

— Senhorita Radzimierski... — Deus! A voz da mulher era mais grossa que a de Nathan! — O senhor Fox deseja que

permaneça na área privativa. Hoje sou eu quem vai guardá-la, Lucius foi requisitado para essa noite pelo senhor Fox. — Oi? Como assim ele queria que eu ficasse olhando minha amiga tentar acabar com sua dignidade subindo naquele tecido? — Estou apenas cumprindo ordens. — filho de uma puta! Quem ele achava que era? Por tinha que ficar presa ali? Não, não ficaria nem mais um segundo ali, vendo Tati praticamente se estatelar.

— Só um minutinho. — me afastei para pegar minha bolsa e a de Tati, tirei o celular da bolsa e liguei para a única pessoa que poderia me ajudar naquele momento, e a única para quem não queria ligar: Elijah... Tati não me perdoaria por chamá-lo, porque a veria daquela forma. Desbloqueei a tela, deslizei meu dedo até chegar ao seu número

e liguei.

— Lizzie? — estava com uma voz de sono, misturada com espanto e preocupação — O que houve? Você está bem?

— Oi, Elijah... — estava sem graça, mas era um caso de vida ou morte — Preciso da sua ajuda. — contei brevemente o que aconteceu, ocultando as partes do “cupcake gostoso”.

— Isso eu quero ver! — fiquei surpresa com sua voz, ele parecia achar aquela situação engraçada.

— Ah... Meu Deus! — quase gritei, quando Tati se pendurou completamente no pedaço de tecido, desequilibrando a acrobata que, com muita paciência, desceu e ficou ao seu lado, esperando alguém tomar providências para retirá-la dali. — Você tem

dez minutos, ou ela vai achar que é o Homem-Aranha.

— Certo! — riu — Em dez minutos estarei aí... — fez uma pequena pausa, antes de desligar — Mas, como é que entrarei?

— Vou falar com a *Arnold Schwarzenegger* de saias que está aqui na minha frente. — olhei para mulher que estava apenas seguindo as ordens do senhor Fox.

— *Arnold Schwarzenegger* de saias?

— A segurança da boate, lembra? — expliquei.

— Chego já! — desligou o telefone.

— Olha... — puxei toda paciência que existia em mim, que era muito... Muito pouca e falei: — Sabe aquela moça ali? — apontei para Tati, que tinha chamado a atenção de

todos e estava sendo aplaudida — O namorado dela vem buscá-la e precisa de autorização para entrar.

— Tudo bem... — disse olhando na direção que apontei — Qual o nome dele?

— Elijah Aiden Hunter. — respondi — Sabe... Tipo assim, ele é do tamanho de uma montanha e parece com aqueles lenhadores sexys das revistas masculinas.

— Só preciso saber o nome, senhorita Radzimierski. — rebateu de forma dura, sem mostrar qualquer sinal de fraqueza — Byonda... — segurou um fio que levava até a orelha — Inclua na lista Elijah Aiden Hunter... Certo. Obrigada. — porra! Qual era o problema daquela mulher sair e ir até lá? Tinha que usar um comunicador?

— Posso ao menos ir ao banheiro? —

tentei colocar a melhor cara de inocente, mas não estava funcionando.

— Segunda porta à esquerda. — seus olhos eram pretos. Olhos de quem era esperta e não se deixava enganar por qualquer um. — Vou acompanhá-la.

— E o que mais? — o sarcasmo e a irritação na minha voz mostravam que não estava para aquelas frescuras. — Enxugará as últimas gotinhas também?

— Se for necessário, limpo até outros lugares... — debochou, mesmo com o ar profissional — Você pode andar por toda a área privativa, desde que se mantenha bem no meu campo de visão. — esboçou um sorriso que mais parecia uma careta.

— Jesus! — resmunguei e fui para o banheiro.

Nathan, com toda certeza, informou que eu era um pouco geniosa e que de alguma forma, se a noite não estivesse boa, iria atrás dele. Mesmo estando acompanhada, ou quase isso, não tinha com que me preocupar, Elijah levaria Tati para sua casa e depois eu entregaria sua bolsa. Mas, para aquela noite terminar bem, precisava ver Nathan e saber o que havia de errado com ele; aquilo estava me incomodando a noite toda e, mesmo que estivesse me divertindo com minha amiga, todo meu pensamento estava com ele e era com ele que queria estar.

A caminho do banheiro, um garçom que levava uma bandeja com martinis estava passando bem ao meu lado e fez questão de esbarrar nele de uma forma que todas as bebidas caíssem sobre ela. Vi o quanto ficou furiosa. Toda bebida caiu sobre ela,

ensopando seu terno e a deixando puta da vida. Eu precisava sair dali e encontrar Nathan, ele havia me tratado de um modo estranho e colocou uma quase *Ronda Rousey* na minha cola.

— Ops! — coloquei minha cara mais deslavada e sem escrúpulos. Não tinha como correr com os saltos e, em menos de três segundos, os tirei e corri. Na área privativa havia uma parede de vidro e por ela descia água, quase como uma cascata, mas era apenas uma parede central, com as laterais de livre acesso a qualquer lugar da boate. Sempre fui boa em esportes – especificando melhor, sempre fui boa nas corridas e saltos –, e correr não seria tão difícil assim. Ela era grande, mas eu tinha a vantagem de ser leve. A boate estava cheia, então resolvi passar pelas laterais, evitando o aglomerado de

pessoas.

Subi as escadas e não foi difícil identificar sua sala, lembrava perfeitamente do corredor e da porta. Se ele não estivesse lá, estaria na sala do tal Harper e mesmo que não soubesse onde ficava, a encontraria. Coloquei novamente os saltos e andei apressada, antes que me pegassem e me isolassem novamente na bolha de proteção de Nathan “O Fodão” Fox.

Preferia não ter aberto aquela porta!

Preferia não ter sido tão precipitada!

Preferia não ter feito nada e ficado no meu canto!

A imagem que tive de Nathan me deu a certeza de que aquele não era o homem que conheci. Aquele era outro Nathan.

— Nathan! Não! — gritei quando vi o

PERIGOSAS

que havia acabado de fazer, mas era tarde.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 27



Vi o homem da minha vida de uma maneira que nunca passou em minha mente. O rosto, que antes era de puro amor e puro desejo por mim, agora estava desfigurado pelo ódio e pela insensibilidade. Não era meu Nathan... Era um homem com o olhar frio, completamente implacável... ASSASSINO.

Estava com a arma apontada para o homem que havia acabado de matar, com três tiros seguidos. Sua postura era de alguém que tinha prática em fazer tal serviço, o que me deixou ainda mais perplexa pela naturalidade com que executou o homem de cabelos
NACIONAIS - ACHERON

pretos, rechonchudo e de estatura baixa. Percebi que seus músculos, mesmo por baixo das camadas do tecido, estavam rígidos e que os seus ombros também estavam tensos. Porém, aquilo pareceu algo tão simples para ele. Não conseguia controlar meus pensamentos, ou minhas ações, quando estava perto dele, mas naquele momento... Meu coração partiu. No fundo, não queria aceitar o fato de ele ser algo que não apenas o Nathan que eu amava.

Desde o início, sabia que estava me envolvendo com alguém perigoso. As células do meu corpo sentiam o perigo, porém era ao seu lado que essas mesmas malditas células queriam estar. Até a minha alma queria ser dele... Nathan estava parado – quase em transe –, completamente brutal no seu modo de agir, sua boca tinha uma linha rígida,

demonstrando o quanto era destemido. Mas, quando percebeu minha presença, tudo mudou... Menos o medo que crescia dentro de mim.

— Liz... — disse em choque, se virou para andar até minha direção, ainda segurando a arma, mas recuei. Das sombras saiu Gretha, com um olhar apreensivo, o que me deixou ainda mais chocada. Não conseguia acreditar, mesmo que estivesse vendo toda a situação. Era demais para mim.

Se aquele era seu segredo, um assassino a sangue-frio, não teria estômago para ficar parada olhando tirar vidas, fosse ela a mais insignificante do mundo.

Isso era o que eu pensava.

— Lizzie... — o tom de voz de Gretha era baixo, como se eu fosse um animal

acuado, e era isso que eu era naquele momento. Um animal acuado, que tinha acabado de presenciar a morte de um homem — Preciso que você fique calma e nos deixe explicar.

— Liz, meu doce... — quando me chamou de meu doce, nada mudou dentro de mim, sabia que precisava fugir dali, não queria fazer parte de uma coisa como aquela — não...

— E-e-u... — gaguejei — Não consigo, Nathan! — senti as lágrimas quentes descerem pelo meu rosto — Isso é demais... — me virei para ir embora, mas em menos de meio segundo ele estava do meu lado, segurando meu braço. Um toque tão conhecido e tão bem recebido, entretanto, não ficaria ali, naquela sala com dois assassinos e um cara morto.

— Não fuja... — sua voz era doce. Tão doce, que contradizia com o rosto impetuoso de quem acabara de matar um homem — Posso explicar tudo! — era tarde para explicações, não as queria, fossem elas minimamente aceitáveis. Livrei-me do seu toque, incapaz de fazer outra coisa a não ser correr. Correr para bem longe daquilo. Tudo que consegui ouvir, antes de disparar pelo corredor e descer as escadas da Heated Fox foi: “deixe-a ir...”. E assim ele fez.

Cada passo que eu dava, enquanto corria, sentia o efeito de correr com salto alto. Todos os meus músculos estavam rígidos e doloridos, com a sensação de que meus tendões estavam se rasgando; era insuportável a dor de correr daquela forma. Normalmente, gostava da cidade de Nova Iorque, mas naquela noite, tive uma surpresa.

Algo que mudaria meu modo de pensar e sentir as coisas, ou até mesmo de amar. A noite parecia ter esfriado mais, o que deixou o clima abafado, dificultando ainda mais a respiração. Como sempre, as pessoas estavam indiferentes: cada uma vivendo em seu mundo de faz-de-contas, enquanto eu... Sofria por ter presenciado o homem que eu amava agir de uma forma tão bruta e carregada de ódio.

Me senti tão perdida, que sequer fazia ideia para onde estava indo, ou para que lado ficava a direção do meu apartamento. O celular estava descarregado, e de repente me vi em um beco escuro, ouvindo apenas o gotejar da água em algum canto, com o cheiro de musgo que vinha dos esgotos. Uma mulher de salto e vestido curto em um beco escuro! Isso não podia terminar bem, não

quando se tem a sensação de que alguém está seguindo a sua sombra. Se eu soubesse que essa sensação era pior do que ver Nathan apontando e disparando uma arma para a cabeça de um homem, teria ficado no meu canto.

— Delícia! — alguém gritou de longe, com a voz abafada por algo. O medo percorreu toda minha espinha, e posso dizer com categoria que não existia nenhum pelo do meu corpo que não estivesse eriçado, sentindo o perigo.

O medo!

O que uma mulher faria em um beco escuro, com um cara a seguindo, se não seguir o instinto de correr para longe do perigo? Foi exatamente o que fiz, joguei os saltos para longe e corri. Porém, o homem

que me seguia também correu para me pegar. Se o desgraçado de um vidro quebrado não estivesse no meu caminho e se não tivesse cortado meu pé, estaria a quilômetros de distância dele. Mancando, ainda tentei inutilmente correr, mas fui pega e jogada com toda a força contra a parede de um prédio qualquer; bati forte a cabeça e caí no chão. Recebi um forte golpe e foi praticamente de alguém profissional, pois o joelho foi direto para o meu estômago, fazendo com que as lágrimas saíssem ainda mais penosas e meus olhos ardessem. A pessoa era grande e forte e senti que aquilo não terminaria bem.

— Quem disse que era para você correr, sua vadia? — ele gritava — Vou te ensinar que não se deve andar sozinha. — desdenhou com uma risada fria cheia de

rancor. Sua voz estava abafada, o que a deixou mais rouca e profunda. O jeito como me chamou de vadia... Deus... Aquilo me deixou em pânico! Quando se aproximou mais, senti um soco direto no rosto e não tive como me livrar, a dor da joelhada ainda percorria meu corpo e me deixou impossibilitada de reagir. Não conseguia ver seu rosto e nem prestar atenção em seu cheiro. Estava ficando cada vez mais difícil aceitar o que estava me acontecendo.

Ele deu o primeiro, segundo, terceiro, quarto e o quinto socos, já não sabia mais o que era dor, ou o que era apenas alucinação. Estava quase tudo ficando escuro, pude sentir o gosto ferroso do sangue, mas ainda deu tempo de ver o que queria fazer comigo, quando se posicionou no meio das minhas pernas e fez a coisa que mais temia.

Apaguei... Mesmo querendo ficar e lutar para me proteger, aquilo que me fez reviver momentos de horror e completo desespero. Era tarde para lutar.

Tudo doía!

Tudo estava diferente!

Tudo havia mudado dentro de mim!

Sabia o que tinha acontecido, só não queria aceitar que tudo de errado tinha acontecido em uma única noite. Sempre sofri, sempre fui pisada e subestimada no passado, toda minha infância foi de sofrimento e dor... Dor por não poder me defender, ou proteger minha irmã, e agora tinha sido violentada. O cheiro de hospital chegou ao meu nariz, assim como o cheiro dele... Meu Nathan! Queria abrir os olhos,

mas não conseguia... Pude sentir que estavam inchados, a dor ainda estava lá; não era apenas a dor do estupro, era também a dor de não ter sido capaz de me defender.

— Nathan... — minha voz saiu fraca, sentia a presença dele, mas não tive retorno ou esboço de qualquer reação sua — Nathan... — queria chorar, queria lavar meu corpo, se possível arrancar toda a pele. Sentia-me suja! Completamente suja! — Fala comigo... — um soluço saiu junto com as lágrimas, que fizeram meus olhos doloridos arderem.

— Eu... — sua voz estava carregada de raiva, mas não estava alterada — Vou matar esse desgraçado! — o tom impetuoso me fez lembrar a maneira que havia tirado a vida de um homem, sem o menor remorso — Juro por Deus que ele vai se arrepender do dia em

NACIONAIS - ACHERON

que nasceu. — o calor das suas mãos envolveu a minha.

— Me desculpa! — pedi com a voz falha.

— Não precisa pedir desculpa por algo que não fez, meu doce — e lá estava novamente a voz do homem que fazia meu corpo reagir e parecia algo tão errado. Tão contra a ordem natural das coisas; me puni internamente por sentir o desejo de querer seu toque.

— Eu... — mas nada de coerente podia sair da minha boca naquele momento, a dor estava voltando com força total, sabia que precisava de algo para passar a dor. Seu cheiro ficou mais intenso, soube que estava se aproximando ainda mais de mim.

Com um beijo, Nathan fez todo meu

corpo se remexer, não de prazer. Sempre gostei dos seus beijos, mesmo que na maioria das vezes me fizessem desmaiar. Porém, naquele momento, não era somente isso que queria... Queria que me abraçasse com força. Apenas isso: um abraço.

— Você vai se recuperar logo. — disse contornado meu queixo com seu polegar — E quando isso acontecer...

— Senhor Fox? — uma voz feminina, com tom calmo, o chamou — Tem dois detetives do FBI do lado de fora, querem falar com vocês. — Oh meus Deus! E se não fosse por causa do estupro, se fosse por terem descoberto o que Nathan fez? Pude ouvir minha respiração ruidosa, com a preocupação de que algo pudesse acontecer com Nathan. Estava praticamente quebrada em cima de uma cama, sem poder fazer nada.

Mas, oras... O que poderia fazer afinal, se ele estivesse passando por algo? Estava inválida, com os olhos do tamanho de uma melancia e o pé cortado por aquele vidro dos quintos dos infernos. Se aquele vidro não estivesse no meio do caminho... Teria conseguido, sei que teria conseguido me defender. Meu soco de direita era melhor do que um taco de beisebol, minhas pernas eram mais rápidas do que as do *Usain Bolt*: teria conseguido.

— Pode deixar que entrem. — Nathan pediu calmamente. Mais calmo do que o de costume.

— Nathan! — senti o pânico — E se...

— Não se preocupe... — ainda segurava minha mão, acariciando com ternura — Não é por minha causa que

vieram.

— Boa tarde, senhor Fox. — aquela voz eu já conhecia, era a da policial que atendeu ao chamado no dia em que o meu apartamento foi assaltado. Eles eram do FBI? — Queremos colher o depoimento da senhorita Radzimierski, se estiver melhor, é claro.

— Sim. — respondi antes que Nathan abrisse a boca para falar por mim — Estou... — respirei fundo antes de terminar — Quer dizer, posso responder as suas perguntas. — precisava tomar cuidado com o quealaria, pois se algo estivesse fora do lugar, complicaria a vida de Nathan.

A vontade de protegê-lo era mais forte do que o pânico que senti naquela noite... Mas, se agora era de tarde, então quantos

dias tinham se passado? Não fazia a mínima ideia.

— Senhorita, a última vez em que nos encontramos foi por causa do furto que ocorreu no seu apartamento. Como vê, agora somos do FBI e esse é o nosso primeiro caso, devido à importância... Sua importância — temperou a garganta antes de continuar. — Sei que pode não agradar, mas você lembra algo que possa identificar o responsável pelo que aconteceu?

— Não! — me forcei a abrir os olhos, porém as únicas coisas que conseguia enxergar eram imagens embaçadas — Ele era grande, forte e tinha a voz abafada por algo, acho que isso não ajuda muito.

— Nenhuma parte do corpo dele? — perguntou a voz de trovão, aquela eu também

conhecia. Então os dois tinham subido de nível?

— Senhor Murdok, — fui bem direta — acho que o senhor não prestou muita atenção no meu rosto. Eu estava muito ocupada, sendo socada e estuprada, para poder prestar atenção em qualquer detalhe que possa ajudar na investigação... Acho que o senhor não sabe a sensação de ser violado desta maneira, sabe?

— Não... Não sei, senhorita... — respondeu.

— Me desculpe por isso. — falou Isabella Lackin. — Murdok não é muito sensível.

— E sem cérebro também. — soltei ainda irritada.

— A equipe forense ainda não

conseguiu achar nada que possa ser usado como meio de descobrir quem fez isso. Mas, tenho esperanças de que em breve teremos boas notícias, estamos com a melhor equipe forense do estado. — a convicção na voz dela me fez acreditar que a justiça ainda existia e que o monstro que fez aquilo comigo seria pego. Isso se Nathan não o achasse antes.

Naquele momento não importava mais que ele fosse assassino, queria justiça, e de preferência com o sangue do desgraçado pintando as paredes de um beco qualquer, depois de uma boa surra. Queria justiça e, se não conseguisse pelos meios certos, não iria me opor ao uso de meios mais violentos.

— Sei que farão o melhor trabalho possível. — disse Nathan tirando as mãos da minha — Acho que ela já se esforçou o

NACIONAIS - ACHERON

suficiente por hoje, está a mais de dois dias sedada... — dois dias? Aquele filho de uma cadela me pagaria, fosse quem fosse.

— Melhores, senhorita Radzimierski — desejou a agente com o tom de voz mais gentil — Em breve, traremos notícias sobre o andamento das investigações.

— Tenho certeza que sim... — falei um pouco cansada — Obrigada! — e escutei a porta do quarto sendo fechada.

Depois de um silêncio quase cruel, ouvi Nathan suspirar pesadamente.

— Tudo isso foi culpa minha...

— Não foi culpa sua. A culpa foi minha, por não conseguir ficar quieta no meu canto.

— Se você ficasse quieta no seu canto e não gostasse de xeretar as coisas, — sua

voz era como música para meus ouvidos —
Não seria você.

— Me sinto tão suja... — confessei
segurando o choro o máximo possível.

— Não! — falou incisivamente — Não
se sinta assim.

— Mas eu me sinto... — continuei —
Não me sinto digna do seu amor. Não agora,
depois de tudo o que aconteceu!

— Deus! — quase berrou, porém se
conteve — De que diabos você está falando?

— Eu... — engoli em seco, aquilo doía
demais dentro de mim — Acho que não
mereço você, não sirvo mais...

— Isso é ridículo, Lizzie!

— Você não deveria me querer, não
depois de outro cara ter abusado de mim, me
deixando suja.

— Esse é seu medo? — perguntou irritado, irradiando o ódio que estava sentindo naquele momento — Medo de que não sinta mais desejo por você? Que não a ame, mesmo depois de tudo? — a cada pergunta seu nível de irritação aumentava. — Que tipo de homem você acha que eu seria se deixasse o amor da minha vida passar por isso sozinha?

— Nathan... — queria poder não o amar tanto assim, seria mais fácil escutar aquelas palavras serem ditas com tanto amor, mas, ao mesmo tempo, com tanto ódio.

— Eu amo você, Liz! Meu desejo por você não vai mudar nunca. Jamais! Se você quiser se afastar de mim pelo que viu, vou entender. Mas se quiser *me* afastar, porque acha que não me merece, então você não sabe de nada. Por que na verdade, sou eu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

quem não merece o seu amor.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 28



Em uma tarde de sexta-feira fui liberada. O dia estava calmo, mesmo com toda a agitação de Nova Iorque. Tudo que eu queria era me livrar do cheiro de hospital e ter uma boa noite de sono. Depois de jantar ao lado de Nathan, que mesmo sendo cuidadoso comigo, não se aproximava além de um toque em minha mão, ou segurar meu queixo com as pontas dos dedos para me dar um beijo rápido. Até quando eu ainda estava internada no hospital, Nathan cuidou para que todos da equipe fossem mulheres, não por ciúmes, mas por medo. E eu agradei e o

amei ainda mais por esse cuidado, mas ele se culpava, via em seus olhos que se sentia muito mal pelo que aconteceu.

— Posso ficar no meu apartamento...
— reclamei olhando feio, Nathan fez questão de me levar para seu apartamento e depois de uma longa discussão, ele venceu — Posso cuidar de mim. Você tem vários compromissos e uma campanha... E isso é importante.

Nem eu e nem ele tínhamos forças para ficar brigando por coisas tão insignificantes, sem falar que bastou ele me olhar como se não existisse outra mulher no mundo, que me derreti. Esse maldito corpo, que mesmo passando pelo que passou, ainda se derretia por ele.

— Não... Nada é mais importante que

você. E não... Não vai ficar sozinha, quando tem a mim para cuidar de você.

— Sabe o que acho? — coloquei meu melhor tom de sarcasmo — Que você quer mesmo é me enjaular. — falei desconfortável, ainda sentindo dores nas costelas.

— Acho que vou realmente fazer isso. — disse com um sorriso malicioso — De uma maneira que você nem pode imaginar. — meu corpo estava dolorido e com marcas roxas em quase todas as partes, mas o calor que sentia por ele ainda estava lá. Só precisava de um pouco mais de tempo.

Isso era o que eu achava.

— Preciso de respostas... Depois... Veremos o que vamos fazer. — brinquei, mas ali tinha um pouco de verdade, para não

dizer uma verdade completa.

Não que tivesse aceitado o fato de ele ter estourado a cabeça de um homem a sangue-frio, apenas não conseguia me ver separada dele, e se isso incluía ficar ao seu lado, mesmo sendo do jeito que era, ficaria com ele. Sabia o que havia me acontecido, a lembrança de outro tomando meu corpo dava calafrios, nojo... Me fazia sentir completamente impura. Tudo que eu queria era encontrar o filho de uma cadela que me fez passar, e reviver, o pesadelo de ser abusada e fazer com que a justiça fosse feita.

— Sempre vou me culpar por isso... — falou abrindo a porta, o tom triste em sua voz fez meu coração ficar pequeno, se eu ficasse no meu canto e não tivesse fugido da mulher *Bruce Lee*... — Eu... Tenho uma surpresa para você — quando terminou de falar quase

caí dura, Elijah e Tati estavam na sala, me esperando. Por alguns segundos, tentei... Tentei com todas as minhas forças não chorar, mas a emoção foi mais forte quando Tati deu um sorriso de “vai ficar tudo bem” e abriu os braços, e então eu desabei.

— Tati... — choraminguei, atravessando a imensa sala em sua direção.

— Sinto muito, amiga... — me abraçou com um pouco mais de força, senti as costelas doerem fazendo com que soltasse um gemido de dor — Desculpe! — falou e se afastou — Ficarei com você essa noite. Se você quiser... — fiquei agradecida por querer ficar comigo, mais eu queria Nathan ao meu lado.

— Tudo bem Tati, — agradei e olhei para ela, dando a entender que precisava falar

com Nathan — ficarei bem. — sorri para não ficar preocupada.

— Lizzie... — a voz grossa e carinhosa de Elijah preencheu minha alma, vi tanta compaixão em seus olhos, que por um momento me esqueci de que ele era só meu chefe e senti um amor de pai, que nunca tive — Também sinto muito pelo que aconteceu... — fez uma pausa, com o rosto mostrando seu desconforto por estar ali — Você vai ficar aqui, até que se sinta pronta para voltar ao trabalho.

— Obrigada, Elijah! — falei enxugando as lágrimas. Estava tão agradecida por eles estarem ali e ainda mais apaixonada por Nathan, por ter feito uma surpresa tão linda... Ter os meus amigos ao meu lado naquele momento tão difícil.

— Ainda bem que Nathan encontrou você a tempo... — soltou Elijah.

Como assim Nathan me encontrou? Viu-me toda arrebitada e não disse nada? Quando virei, seu rosto era uma máscara, sabia como ficava seu rosto quando estava com raiva, agora posso dizer que realmente sabia, e aquele olhar impassível era bem melhor. Chegou até ser meigo da parte dele.

— Quando você ia me contar? — perguntei mostrando seriedade e que não me sentia confortável com o fato de estar escondendo mais coisas.

— Na hora certa contaria tudo. — Nathan andou até a cozinha, com elegância, sem esboçar qualquer preocupação por ter escondido aquele fato — Aceitam um café, suco ou quem sabe um chá? — perguntou

como se nada tivesse acontecido.

— Suco! — respondeu Tati um pouco sem graça.

— Para mim, não precisa preparar nada. — Elijah respondeu seriamente.

— Quer algo, meu doce? — virou e colocou as mãos nos bolsos da calça jeans azul surrada; estava lindo, ou melhor, magnífico, vestindo uma camisa branca com mangas dobradas até os cotovelos, com formato V na gola e tênis. Observei seu rosto melhor e percebi que olheiras contornavam a parte de baixo dos seus lindos olhos azuis; os cabelos arrumados de maneira impecável e a barba feita mostravam que estava tentando manter a casca de homem todo poderoso, mas eu o conhecia bem e sabia que tinha algo errado ali, ainda havia mais coisas a serem

ditas, ou melhor, reveladas.

— Água! — mesmo querendo o chamar para ter uma bela conversa, fiquei quieta. Não seria bom ter uma discussão sobre o que ele tinha escondido, ou não, na frente dos meus amigos. Quando Nathan foi para cozinha, Tati disse:

— É impressão minha ou o clima está tenso entre vocês dois?

— O clima não está tenso, Tati... — disse — O clima está vulcânico — fechei a boca, pois Elijah estava bem ao seu lado e não queria entrar em detalhes.

— Não sei o que ele fez, mas não gosto desse cara, Lizzie. — Elijah olhou para mim e vi em seu semblante o ar de preocupação.

— Prometo que vai ficar tudo bem. — sorri, mesmo que por dentro os números de

incertezas fossem catastróficos na minha cabeça e no meu coração.

— Não quer mesmo que eu durma hoje com você? — Tati ofereceu, com o mesmo semblante preocupado.

— Não, obrigada! — respirei fundo, sentindo minhas costelas doerem — Preciso de um tempo com ele... Acho que vai me fazer bem. — se minha conversa com ele não fosse a melhor coisa a ser feita, estaria perdida. O amava mais que tudo e não pretendia deixá-lo sair tão fácil da minha vida. Sem ele, não poderia ficar.

Depois que Elijah e Tati foram embora, Nathan e eu ficamos em um silêncio torturante. Ele sumiu e se trancou em seu escritório, enquanto eu... Fui para seu quarto, me deitei em sua cama enorme, que tinha o

cheiro mais gostoso e fascinante do mundo: o dele.

— Chamei Ian. — disse aparecendo de repente no quarto, me assustando — Acho bom ter sua opinião profissional sobre como isso pode afetar você.

— Você acha que vou ter medo do seu toque, é isso?

— Liz, ninguém passa pelo que você passou e fica de boa com tudo. — Nathan parecia exasperado, mas, ainda assim, se manteve calmo. Será que ele não percebia que era dele que eu precisava? Teria que implorar para que ficasse ao meu lado?

— Nathan... — levantei e fui em sua direção, mas ele percebeu minha intenção e se afastou; se tivesse estourado meus miolos não teria doído tanto. A dor em seus olhos

refletia a maneira como me olhava e a dor que senti foi pior do que qualquer coisa que já tivesse me acontecido.

— Não! — sua voz firme e ríspida me fez recuar e a dor no meu peito apenas aumentou — Não faça isso... Não quero que desmaie e se machuque ainda mais, já basta tudo que você passou na sua vida e naquela noite. Sei que sou culpado por tudo, então, não dificulte as coisas.

— Você não precisa se sentir culpado, Nathan. — tentei parecer calma, mas estava ficando irritada — Se eu...

— Se eu... — desdenhou impaciente — Se eu o quê, Liz? A culpa foi minha, se eu tivesse contratado uma pessoa competente, você agora estaria em meus braços. — abaixou a cabeça e passou as mãos no

cabelo.

— Mas, ainda posso ser sua. —
murmurei olhando para ele.

— Não assim! — falou, levantou a cabeça e me olhou de volta — Quando vi você jogada naquele chão frio, sujo, molhado e com a cara toda arrebitada... — balançou a cabeça tentando expulsar a lembrança — Minha vontade foi cortar o infeliz que fez isso em mil pedaços.

— Nathan... — não queria que continuasse com aquela tortura, estávamos nos machucando com as lembranças daquele pesadelo.

— Seu corpo estava frio... Tão frio que imaginei o pior! — o sofrimento estava estampado no rosto dele — Não sei o que faria sem você, Liz.

— Estou bem, Nathan... — tentei novamente me aproximar com passos cuidadosos — Estou viva... Você me encontrou e me salvou!

— Nunca senti tanto ódio em toda minha vida por um ser humano quanto estou sentindo agora. — confessou, fechando as mãos em punho — Juro que vou encontrar quem fez isso e vou fazer ele se arrepender do dia em que nasceu.

— Me beije... — pedi corajosamente, me aproximando.

— Oi? — vi a perplexidade em sua voz e em seu rosto — Não... Não vou beijar você, meu doce. Isso pode ser muito arriscado.

— Estou pedindo um beijo. — desafiei — Você não escutou? Só estou com algumas costelas doloridas, olhos roxos e a cara

triturada. Mas, nada me impede de ter o que quero... E eu quero você!

— Você só pode estar louca... — arregalou os olhos, com irritação. — Não vou fazer isso!

— Tudo bem! — dei de ombros e fui em direção à porta do quarto.

— Onde pensa que vai?

— Embora! — falei decidida.

— Liz, você não está bem... — Nathan começou a falar e soltou um suspiro longo e cansado. — Acho que não é prudente ficar arriscando, machucada do jeito que está.

— Seu... — respirei fundo, juro que tentei não xingar, mas quando dei por mim saiu: — Seu filho de uma puta! Desgraçado! — gritei o mais alto que pude. — Se estou dizendo que quero você, é porque quero... Se

eu desmaiar, que desmaie... Não percebeu que preciso de você? Mas, fica aí, fazendo cú doce para o meu lado! Ah... Vá para o inferno! — o olhei furiosa — Sim, alguém abusou do meu corpo... Sim, alguém se aproveitou do meu momento de fraqueza. Mas, é por isso que quero que você fique ao meu lado e me beije para que eu possa me sentir sua novamente! Seu bosta!

— Liz... — murmurou surpreso com a minha explosão.

— Liz é o caralho! — estiquei o dedo do meio em sua direção. — Se está com nojo de mim, é só avisar que pego minhas coisas e vou embora da sua vida. Nunca mais saberá que existo... Lizzie Radzimierski será apenas poeira que passou por sua vida, se depender de mim.

— Você sabe que não tenho nojo. — quando disse isso, os pelos do meu corpo se arrepiaram — Que desde o momento em que a vi não penso com o cérebro, penso com a cabeça do pau... Só em sentir seu cheiro, olhar sua boca... Me imaginar beijando todo seu corpo... — aquela voz, aquela boca... Dizendo o que faria, me fez derreter. Mas, ainda assim, precisava mostrar que o que aconteceu não me impediria de seguir em frente com minha vida e de querer algo bom: de querer o meu Nathan.

— Quando o Ian chega? — perguntei sem fôlego.

— Antes do jantar. — respondeu confuso.

— Vamos fazer um teste, na frente dele, e se eu desmaiar, faremos o tratamento

mais pesado que existe.

O olhar intenso de Nathan estava lá... Aquele sorriso de canto, malicioso, contornando sua boca, ainda estava lá... Só precisava ser forte e conseguir seguir em frente, conseguir convencê-lo que eu estava bem. Que ficaria bem.

— Mas ainda assim... Não vou beijar você! — Meu Deus, como era frustrante ficar implorando pelo gosto do beijo daquele homem — Não agora... Vamos esperar só um pouco, já que sei que você não quer um beijo, e sim o “beijo” — Nathan sorriu e naquele momento seu rosto lindo e magnífico demonstrou que ainda existia desejo.

Passava de cinco da tarde quando Nathan foi para a cozinha e começou a preparar o jantar. Meus dedos coçaram com

vontade de beliscar o que ele estava cozinhando; Nathan tinha dom para muitas coisas e mesmo que não tivesse me explicado, ou me dito o que tinha de errado em sua vida, sabia que ele seria perfeito em tudo que fizesse. Antes de tomar banho separei um vestido de algodão leve, cor-de-rosa, com alças finas que deixavam boa parte dos meus seios à mostra e segui para o banheiro enorme.

O tempo que passei no hospital evitava me olhar no espelho, para não ter que ver as marcas que aquele filho do diabo havia deixado no meu rosto e no meu corpo. E mesmo não querendo ver, os espelhos do banheiro não me deixaram outra opção.

Meu rosto estava marcado de roxo mesclado com verde nos hematomas, contrastando com o branco da minha pele.

Peguei-me passando os dedos em cima de cada um, para sentir o que aquele desgraçado tinha feito comigo. Fosse quem fosse, saberia quem era assim que sentisse sua presença. Meu corpo o reconheceria, mesmo que nunca tivesse sentido, ou lembrasse, do seu cheiro; me lembraria dele por que tinha me tocado, e o único que podia me tocar era Nathan.

Tirei a blusa e observei minhas costelas, que estavam ainda mais marcadas que o rosto. Entendia o que me acontecera, mas como passei boa parte da minha infância sofrendo e lutando para ter uma vida digna, não iria permitir que um caralho qualquer fizesse meu mundo ruir novamente. Não... Eu lutaria! Buscaria ter uma vida normal, como sempre quis. Havia abdicado por anos da minha felicidade: *agora chega!*

— Você ainda é, e sempre será linda...

— me assustei quando Nathan entrou no banheiro, estava suado e completamente lindo, com os cabelos bagunçados, vestido apenas com uma calça de ginástica preta, exibindo seu peitoral musculoso — Terminei o jantar e aproveitei para suar um pouco.

— Não sou bonita! — retruquei tentando pegar minha blusa, mas ele foi bem mais rápido e pegou na minha frente. — Não quando estou roxa como uma berinjela.

— Adoro comer berinjela, sabia? — falou faceiro e mordeu o lábio de maneira sugestiva, ou melhor, bem direta. Meu medo? Meu medo era que tivesse nojo quando olhasse para mim e lembrasse que, além do Theodor, fui abusada por outro cara, mas lá estava ele... Completamente lindo na minha frente, flertando e me olhando como sempre.

— Deus... — gemi sentindo toda a força que aquelas poucas palavras traziam com elas. — Você é...

— Gostoso? Perverso? Ou um filho da puta? — brincou, dando um sorriso encantador e perturbador.

— Não era isso que ia falar...

— Então, me diga o que sou.

— O homem que escolhi para amar! — seus olhos tomaram um brilho diferente, cheio de amor e carinho.

— E você é a mulher que escolhi para amar... — sua voz rouca e completamente sedutora espalhou um arrepio pelo meu corpo, me fazendo esquecer que tinha mais hematomas que um lutador do *The Ultimate Fighter* — Prometo que nada mais vai machucar você. Nem que eu tenha que perder

minha vida por isso!

— Só você pode me machucar, Nathan... — sorri um pouco triste. — Só você pode arrancar meu coração e fazer com ele o que bem quiser. Porque ele é seu!

— Liz, eu a amo mais do que a mim mesmo. Nunca se esqueça disso. — seu rosto se transformou e ficou mais sério — Hoje à noite, depois que jantarmos, vou contar tudo sobre mim. Espero que fique comigo, mesmo sabendo toda a verdade.

— Nathan... — temperei a garganta para poder explicar — Vi você estourando a cabeça de um cara e fugi. Bom... — dei de ombros — Se ainda estou aqui, é porque não me importo com o quer que seja. A não ser em ficar do seu lado.

— Mas, você disse que não fugiria e

acabou fugindo. — lembrou-se do momento em que me pediu para não fugir quando soubesse da verdade.

— Vamos lá, me dê um pouco de crédito. Não é todo dia que você vê o homem da sua vida matando um cara a sangue-frio. — Bom, pensei... Se já o vi matar um homem, o que mais de ruim poderia vir dele?

— Bem, crédito concedido. — brincou. O Nathan que estava na minha frente não parecia nem um pouco com o Nathan que vi naquela noite. O que estava na minha frente era o homem por quem me apaixonei e com quem queria dividir minha vida. — Vou esperar que termine de tomar banho... — encerrou a conversa por ali e mudou de assunto — A não ser que queira uma ajuda com o sabonete...

— Por que não? — me insinuei piscando o olho e com a voz atrevida, sabia que não era a mulher mais sexy do mundo naquele momento, mas ele fazia me sentir assim. Não entendia o motivo do desejo por ele não ter sumido; mesmo com tudo que passei, o desejo ainda estava lá.

— Lizzie Radzimierski, ainda vou enfartar com você me olhando desse jeito. — brincou balançando a cabeça — Mas, desista... Não será dessa vez!

— Bom... — dei de ombros — Não foi dessa vez, mas adoraria ver você tomar banho. Seria um espetáculo à parte.

— Seu desejo é uma ordem. — jogou minha blusa no chão e levou os dedos da mão até a barra da calça, brincou e me provocou — Mas, também não será dessa

vez. Na próxima me exhibo um pouco para você. — sorriu descaradamente. Qual é? Ele só podia estar de brincadeira com a minha cara mesmo.

— Poxa, — brinquei ao falar, fazendo bico. — você não sabe brincar, hein!

— Não... Não sei! — falou segurando o riso — Vou esperar você terminar seu banho e depois tomo o meu — disse e saiu do banheiro.

Um dia ele me faria enfartar!

Capítulo 29



Quando descí, Nathan estava ao telefone, falando com alguém e quase não dava para escutar sua voz, pois estava sussurrando. Depois de alguns minutos, desligou e ficou olhando e contemplando por um bom tempo a cidade iluminada e linda no horizonte. Nathan ainda estava sem camisa, com toda a sua magnitude de homem predominante e com cada pedaço de músculo à mostra. Estava completamente irresistível, com as mãos nos bolsos da calça de ginástica preta que me dava o privilégio da visão incrível de sua bunda. Tinha uma postura de

quem sabia o que queria para si, uma postura de quem sabia mandar e sabia que tudo estava a seu favor. Com os ombros largos, quadril estreito, era ainda mais sensual com aquele olhar pensativo. Observei os cabelos negros, um pouco grandes para sua posição social e a barba, que já dava sinais de que precisava ser feita. A única coisa que pensei foi que ele era o meu Nathan.

Como não amar aquele homem, que fazia com que me sentisse melhor apenas com sua presença?

— Pronto... — rompi o silêncio — Terminei! — quando se virou, seu rosto tinha assumido novamente o semblante de preocupação. — Nathan, aconteceu algo de errado?

— Tenho que confessar que fiz uma

coisa... — disse, ponderando seu tom de voz para então prosseguir. — Espero que o que tenho para mostrar seja, enfim, uma coisa boa.

— O que você fez? — perguntei aflita.

— Eu... — fez um suspense e veio em minha direção, deixando o celular na mesinha ao lado do sofá. — Pedi para Lucius ir até o Queens. — meu coração acelerou, quase tive uma taquicardia, meus olhos se arregalaram na expectativa. Só existia um motivo para ele falar daquela maneira: notícias de Chloe.

— Chloe... — murmurei tentando manter a calma. Eu já tinha contado toda a história para Nathan e como me senti em ter partido sem levar minha irmã comigo.

— Ele vai chegar daqui a pouco com as

informações que você precisa. — não conseguia mais puxar o ar para meus pulmões de tanta ansiedade. Finalmente teria notícias da minha irmã e, com aquelas informações, daria mais um passo para recuperá-la. Para tê-la ao meu lado — Vou tomar um banho, quando voltar conversaremos melhor. — percebi o quanto ele parecia cauteloso. — Quero que mantenha a calma. Tudo bem?

— Tudo! — respondi no automático.

Nathan passou por mim e tocou minha mão com as pontas dos dedos, mostrando que estava ali comigo. O olhei por um tempo, tentando encontrar uma maneira de não o amar, mas era difícil encontrar algo que me fizesse frear aquele sentimento. Nem mesmo um mísero resquício de defeito, nem mesmo o fato de conseguir matar um cara a sangue-

NACIONAIS - ACHERON

frio, sem ao menos piscar os olhos.

— Ficarei bem... — o tranquilizei —
Sei que vou!

— Volto em dez minutos. — sorriu
meio de canto, se afastou e subiu as escadas.

Ainda um pouco aérea, segui para o
sofá em forma de L e sentei, tentando
assimilar tudo que estava acontecendo
comigo de uma única vez. Seria incrível
finalmente ter minha irmã ao meu lado, para
eu cuidar e finalmente ter uma *família*.

Isso era o que eu pensava!

Precisei de alguns segundos para
perceber que a campainha estava tocando e
levantei no modo robótico para ir atender.

— Boa noite, Lizzie! — cumprimentou
Ian com um sorriso amigável, quando abri a
porta.

— Ah... — me forcei a voltar para terra
— Oi, Ian! — me olhou de uma maneira que percebi que tinha começado a me avaliar.

— Não se preocupe, — disse lendo meus pensamentos — não vim como psicólogo. Estou aqui mais para saber como você está.

— E sou o Papai Noel? — soltei com um humor ácido. — Conta outra!

— Como sempre... — assentiu concordando, em um sorriso largo. — Perceptiva.

— Vamos entre. — falei e dei espaço para ele passar.

— Ian. — Nathan cumprimentou quando ele entrou e apertou sua mão. Não me cansava de olhar para aquele homem, Nathan vestia uma camiseta azul de mangas

compridas, que iam até acima dos cotovelos e uma calça de moletom cinza. Ian também estava informal, usando calça jeans preta e camiseta social branca, mas sem perder o ar profissional que carregava consigo.

— Nathan. — retribuiu ele.

— Vamos fazer logo o teste, assim posso comer e esquecer o gosto daquela comida horrível de hospital — não fui hostil... Mentira! Fui hostil sim, mas foi só porque realmente queria que Ian fosse embora.

— Impaciente, Lizzie? — questionou com um arzinho irônico de quem sabia o que eu realmente queria. *Ian... Ian...* Esperava que não resolvesse me testar, ou iria acabar sendo mandado ir tomar naquele lugar... Um lugar bem específico.

— Como sempre. — retruquei e mostrei minha hostilidade mascarada de gentileza.

— De que teste ela está falando, Nathan? — Ian perguntou e se virou para ficar de frente para Nathan.

— O teste mais absurdo que já imaginei. Ela quer, depois de tudo que passou, que nos abracemos... Se é que você me entendeu. — filho de uma puta! Agora, eu estava parecendo uma louca tarada com ele falando daquela maneira.

— Ela quer isso? — perguntou Ian. Eles agiriam como se eu não estivesse lá? Ah! Qual era a deles?

— Oi? — chamei atenção para mim — Para que saibam, eu existo, e... — respirei bem fundo — Meu Deus... Escutem, sei falar

também, então não ajam como se eu fosse uma sombra.

— Funcionou muito bem... — Ian se virou novamente para Nathan, que ficou calado. Mas o quê tinha funcionado muito bem? — Posso tocar em você, Lizzie? — quando fez essa pergunta os pelos do meu corpo se eriçaram em modo de defesa. Meu corpo só aceitava o toque de um homem, e esse homem era Nathan.

— A resposta é não! — falei irritada, recuando — Ou vocês me falam o que funcionou, ou vou pegar o primeiro jarro e jogar em suas cabeças. Entenderam, ou querem que eu desenhe? — desafiei colocando as mãos na cintura e bati o pé de maneira teimosa e irritada.

— As sessões ajudaram a fortalecer o

seu emocional, o que é muito bom... E essa sua vontade reflete o seu desejo de querer progredir, e não regredir, como nós dois achávamos que aconteceria. — explicou e arrumou a armação dos óculos. — O mais impressionante é que seu corpo reage de maneira visivelmente natural à ameaça do toque de outro homem.

— Você tem certeza, Ian? — Nathan o olhou severamente — Tem certeza que ela não vai perder o controle? Ela reviveu tudo o que aconteceu em seu passado.

— Acho melhor pararmos com isso aqui, Nathan. — advertiu Ian, retribuindo o olhar severo que Nathan tinha lançado — Lizzie está se mostrando forte com tudo que está acontecendo, é uma mulher de grande coragem e não podemos duvidar que pudesse ser capaz. Vamos continuar com as sessões.

— ainda não sabia o que falar sobre tudo o que Ian disse, no fundo sabia que era algo bom — Quero você duas vezes por semana no consultório. Tudo bem?

— Tudo bem! — concordei diminuindo a tensão que se formava dentro de mim.

— Você... — disse com a voz firme e olhando nos meus olhos — Se tornou única e fascinante. De uma determinação emocional inacreditável. Como disse das outras vezes, tudo depende de como enfrenta seu trauma. Mas agora, será também como vai usar isso a seu favor.

— Ande... — resmungou Nathan — Você deixou uma mulher em casa e quero cuidar da minha — eu... Mulher de Nathan? No sentido homens das cavernas? Estava

começando a gostar do jeito que se referia a mim como “minha mulher”.

— Sei que sua irmã é paciente... — brincou Ian. Oi? Como é que era a conversa? Ian... Gretha... Eles eram casados? — Longa história. — falou percebendo minha surpresa, isso explicava os sorrisinhos que trocava com Nathan. Estava tudo em família. Nathan tinha usado Ian para avaliar sua futura namorada doida e cheia de complexos.

— Vocês... — tentei falar, mas a língua não deixou. Lizzie Radzimierski sem palavras? A coisa estava séria.

— Boa noite! — disse Ian partindo, antes que começasse a fazer perguntas.

Quando Nathan fechou a porta, ainda estava procurando o que fazer com todas aquelas informações.

Tudo tinha explodido de uma única vez!

— Ian e Gretha... São um casal?

— São... — respondeu com cautela —
Farão seis anos de casados.

— Você pretendia me contar?

— Na hora certa, sim. — se aproximou um pouco mais; seu cheiro era tão bom, tão específico, singular e único, que fazia minhas pernas tremerem, tomava completamente conta da minha mente, como cocaína, que consome por completo um viciado, o deixando incapaz de querer outra coisa que não seja sua droga como alimento.

— Esta era a hora?

— Sim, essa é hora de dizer o que realmente faço da vida, meu doce. — levou sua mão direita para acariciar com as pontas

dos dedos o contorno do meu maxilar — Nosso relacionamento depende da maneira como aceitará isso. — nesse momento seu celular, que estava em cima da mesinha tocou e ele foi atender.

— Lucius... — falou em tom profissional — Sim... Como sempre... Passe o envelope por baixo da porta. E Lucius... — fez uma pausa — Obrigado! Espero você amanhã para fazer sua segurança. Boa noite! — quando desligou segundos depois, o som de algo passando por baixo da porta chamou minha atenção. Um envelope preto. O envelope que continha as informações sobre Chloe.

— Vá em frente... — encorajou me olhando com ternura. — É seu.

A cada passo que dava, as emoções

afloravam e a expectativa sobre como minha irmã estaria me deixava ainda mais tensa. E se ela tivesse se tornado uma deles? E se tivesse absorvido o coração seboso do pai e sucumbido à genética podre dos dois? Não... Não aceitaria que tal coisa pudesse acontecer, precisava pensar no melhor, tinha que a imaginar forte, lutadora e cheia de sonhos para realizar, pois sabia que plantei uma semente do bem em seu coração antes de sair daquele inferno.

Com as mãos trêmulas me agachei para pegar o envelope. Quando olhei para trás, Nathan estava me incentivando com seu olhar carinhoso, me dando força para seguir em frente e abrir aquele envelope. Chloe e Nathan eram as pessoas mais importantes na minha vida e disso eu tinha certeza.

— Não tenho coragem de abrir

NACIONAIS - ACHERON

sozinha... — falei assim que peguei o envelope e virei para encará-lo. — E se ela...

— Vamos, meu doce... — sorriu e piscou para mim — Vai gostar de abrir e saber o que tem dentro.

Se estava dizendo que iria gostar, só poderia ser coisa boa. Não conseguia esperar mais para saber o que havia acontecido, ou como estava minha irmã. Relutante, abri a aba do envelope e puxei o conteúdo... A imagem da loira de cabelos cacheados, com um sorriso fácil, me deixou emocionada. Ela parecia feliz, como sempre desejei que fosse. Os olhos não eram verdes como os meus e nem tampouco tinha sardas no rosto, mas sua beleza era incrível e, mesmo sendo parecida comigo, achei-a ainda mais bonita. Na foto estava parada olhando para um lago, sorrindo, estava alta e tinha curvas singelas,

mas que saltava aos olhos. Aquilo realmente fez meu coração bater acelerado, mas de felicidade plena.

— Ela está linda... — murmurei ainda admirando a foto em minhas mãos.

— Se parece muito com você... — senti quando se aproximou. — Sei que a vida dela não é fácil, mas está seguindo pelo bom caminho, apesar de ainda morar com sua mãe e seu padrasto.

— Isso vai mudar! — falei decidida. — Vou tirá-la daquele lugar sujo.

— Tenho que avisar que sua mãe...

— Não quero saber nada sobre ela. — interrompi antes que terminasse o quealaria, não queria estragar meu momento feliz falando da minha mãe. Não da mulher que ignorou os meus pedidos de socorro por

várias e várias vezes. — Não me importo com ela, apenas com Chloe. Foi por nós duas que fugi e busquei algo melhor. Só por Chloe.

— Entendo, meu doce, e não vou pressionar você. — suspirou — Só espero que dê tudo certo e que no momento que os encontrar, não sinta as suas estruturas abaladas por seu passado.

— Você sabe... — dei de ombros e guardei a fotografia — o que não me mata, me fortalece... Sou forte o suficiente, já que agora tenho você ao meu lado.

— Sempre, meu doce!

— O que teremos para o jantar? — mudei de assunto. Estava muito feliz, mas meu estômago tinha outras prioridades e isso incluía comida.

— Você... — o olhei depressa e espantada com a malícia repentina em sua voz — Vai gostar... — suspirei, não de alívio, mas de decepção por estar fazendo joguinhos comigo. Tudo que queria era sentir o calor dos seus braços me segurando com força, enquanto me amava loucamente — Mas antes, uma surpresa.

— Me deixe adivinhar... — brinquei — Teremos sorvete de chocolate como sobremesa?

— Não... — disse sorrindo da minha reação. — Hoje não!

Perto da escada ficava a sala de jantar, que dava para ter a visão da amplitude do seu apartamento. Vasos com rosas brancas estavam na mesa de centro. Ele havia retirado da parede os quadros de pinturas

abstratas e substituído por fotos. *Fotos enormes...* Nossas!

— Você sabe como me deixar sem palavras. — aponte para as fotos.

— Na verdade, era essa a intenção mesmo. — sorriu debochando e seguiu para a cozinha.

— O que teremos hoje, *chef*? — perguntei me acomodando na cadeira e estiquei o guardanapo de tecido sobre o colo.

— Bracciola com purê de batata — gabou-se ao falar — e vinho tinto da melhor qualidade.

— Não me explique sobre o vinho, só responda se esse tal de Bracciola tem carne vermelha. — brinquei, passando a língua na boca, mostrando que o que realmente queria era qualquer coisa que tivesse carne.

— Juro que se fizer isso novamente eu morro... — quando virei a cabeça, Nathan estava parado segurando os dois pratos com o olhar fixo em algum lugar, que não conseguia entender... Ou que queria fingir não entender.

— Fazer o quê? — me fiz de inocente, o olhei e pisquei — Isso? — provoquei, passando a língua novamente sobre os lábios.

— Lizzie... — seu tom era de advertência, com a voz rouca e cheia de malícia — Não me provoque!

— Ou fará o quê? — desafiei semicerrando os olhos de maneira atrevida — Você anda prometendo muito, senhor Fox. Estou começando a duvidar do seu potencial. — desdenhei arqueando as sobrancelhas e inclinei a cabeça um pouco

para frente.

— Porra, Liz! — xingou baixinho, exasperado; andou até a mesa, colocou os pratos nos sousplats de cerâmica com força, o que me assustou por um momento, e senti seus olhos me queimando. Queimando meu corpo... Minha alma. Cinicamente, peguei o garfo e comecei a saborear a comida deliciosa que estava na minha frente, gemendo cada vez que levava um pouco até a boca.

— Hummm... — lambi os lábios, umedecendo e contornando com a língua — Ficou nervosinho? Vai ficar mesmo aí parado, olhando para mim? Ou vai sentar e comer a refeição que você preparou com todo carinho para nós dois? — falei e peguei o garfo para continuar a comer minha refeição; precisava me manter no jogo, só

NACIONAIS - ACHERON

assim me daria o que tanto queria: ele...
Completa e incondicionalmente entregue a mim, assim como eu, completamente entregue a ele.

— Engula essa comida e suba! — disse com a voz rouca. Não quis demonstrar que apenas com aquela ordem me fez estremecer.

— Não! — disfarcei meu nervosismo, querendo prolongar a excitação e o calor que estava se formando entre nós dois. — Não vou.

— Isso não foi um pedido, meu doce. — a maneira como falou me fez olhar novamente para ele e larguei o garfo ruidosamente no prato. Havia mais coisas na ordem que tinha dado e deixou subtendido que não aceitaria ser contrariado.

Ali estava o desejo se tornando

realidade, ele me comendo com os olhos e por Deus... Se era assim apenas com os olhos, fiquei imaginando como seria quando finalmente me fodesse com toda sua força... Com toda a força que aquele olhar transmitia... Meu corpo ficou em chamas e cheio de esperanças.

— Nathan... — minha voz saiu esganiçada.

— Você queria um beijo, meu doce, e é isso que você vai ter, ou melhor... — lembrou, com a voz rouca e olhos vidrados nos meus — Vai ganhar mais que um beijo. Vamos lá, meu doce... Agora é você que está começando a me fazer duvidar do seu potencial. — sorriu maliciosamente e mordeu o lábio inferior, me deixando de boca seca, doida para lambar e chupar aqueles lábios generosos e deliciosos — Quem quer beijar

você sou eu. E não estou falando da sua boca... — quanto terminou de falar, quase engasguei com o pouco de comida que ainda tinha dentro da minha boca. — O meu beijo inclui provar essa delícia que você tem entre as pernas, que me deixa de pau duro o dia inteiro.

— E-e-u... — gaguejei atordoada. Merda! Me dei mal na brincadeira, com isso até esqueci que ainda sentia dores nas costelas.

— O que foi, minha Jessi Rabbit, o gato comeu sua língua? — estendeu a mão para mim. — Do jeito que estou, não precisará terminar esse jantar. Serei seu jantar e você será minha sobremesa...

— Deus! — gemi, fechei os olhos e afastei a cadeira, ainda segurando sua mão.

— Não se preocupe com os gemidos...
— franziu os olhos e sorriu com a mesma malícia — Deixarei que você grite o que bem entender... Esqueça a porra da comida e suba. Vamos, ande. Quero ter a visão da sua bunda ao subir a escada.

Estava muito nervosa, minha respiração era ruidosa, sentia meus pulmões doerem todas as vezes que puxava o ar. Mas, ali estava ele, atrás de mim, subindo as escadas em direção ao seu quarto. Olhando-me e me comendo com os olhos. Não tinha nojo ou qualquer coisa parecida no olhar do homem que eu amava, na verdade, era um olhar sensual e completamente devastador. Havia apenas o desejo, a força e o poder da luxúria... Aquela boca, com aquele maldito sorriso malicioso no canto, de quem sabia o que ia fazer e de como me deixaria depois do

seu ataque. Não era apenas apaixonada por Nathan, era louca por ele.

— Visão privilegiada essa minha... — murmurou de maneira sedutora — Que bunda gostosa você tem, senhorita Radzimierski. — sentia seu sorriso através do som da sua voz, mas não me atrevi a olhar para trás.

Ao chegarmos no quarto ele abriu a porta e me deu espaço para entrar, foi até a cômoda que ficava ao lado da porta, retirou de lá um papel e me entregou.

— O que é isso? — perguntei confusa, totalmente sem ar.

— Isso... — começou a explicar tirando a camisa e a jogando no chão — É um teste, que diz que nós dois somos saudáveis para as práticas orais e não orais

também. Ou seja, vou chupar sua boceta até você não aguentar mais. — sorriu se aproximando — Queria que você tivesse a segurança que sou seu e que você pode ser minha. Minha e de mais ninguém. Mesmo depois de tudo que aconteceu, achei que você merecia saber que está tudo bem com seu corpo.

— Você pensou... — olhei para o papel, que afirmava estarmos negativos para doenças sexualmente transmissíveis, e depois para ele. — Em tudo.

— Tudo... — disse segurando meu rosto entre as mãos — Por que é isso que você merece! — foi aproximando mais o rosto do meu e meu corpo todo se acendeu — Tudo... — em menos de um segundo, perdi o chão que segurava os meus pés —

Quero que você entenda que, mesmo que
NACIONAIS - ACHERON

tivesse algo de errado no seu exame, jamais deixaria de te amar.

— Nathan... — sussurrei, olhando para ele.

— Shhhhh... Agora somos nós dois, começando a nos amar de verdade. — disse me beijando. Não foi um beijo rápido, foi um beijo calmo, delicado e loucamente doce, sua língua buscava a minha, acariciando, chupando e sugando cada gemido que seu toque arrancava de mim. Saboreei cada momento, registrei cada movimento que fazia com a língua.

Que boca...

Que sabor...

Que beijo!

— Tire o vestido... — pediu ao se afastar, sua voz estava carregada de desejo

— Deite-se na cama e abra bem as pernas. Quero ter outra visão privilegiada, agora da sua boceta vermelhinha e louca por mim... — assim como pediu, tirei o vestido, me deitei no meio da cama macia de lençóis brancos, com cuidado para não sentir as costelas doerem. — Você sabe o que vou fazer, Liz?

— Não... — respondi sentindo meu peito subir e descer com a respiração acelerada, e o vi se posicionar entre minhas pernas.

— Não...? — sorriu — tem certeza que seu corpo não sabe? — se aproximou olhando para mim — Vou chupar você, mas não será de qualquer jeito... — começou a explicar, segurando nas laterais da minha calcinha com as pontas dos dedos — Vou fazer amor com você, apenas com a boca.

Entendeu? — um arrepio tomou conta do

NACIONAIS - ACHERON

meu corpo, quando senti o tecido raspar minha pele sensível. — Não vou tocar em qualquer outro lugar que você não queira. Vou apenas chupar você...

— Nathan... — gemi, fechei os olhos e ergui o quadril para ajudá-lo a tirar o único pedaço de tecido que existia no meu corpo.

— Isso, meu doce... — pude sentir que estava sorrindo, mesmo com os olhos fechados, na expectativa de sua boca me tomando — Você está linda... Gostosa... Deliciosa... Pronta — quando mudou seu peso na cama, para ajudar a retirar por completo a calcinha, pude ouvir um gemido rouco e pesado — Foi amor à primeira vista, sabia? Quando suas pernas se abriram para mim a primeira vez? Fiquei louco quando vi sua boceta.

— Nathan... — implorei me contorcendo por dentro, quase choramingando.

— E olhe agora para você... — ouvi sua respiração pesada e senti o calor do seu hálito sobre minha pele, quando se posicionou melhor — Rosada, carnuda e linda. Toda molhadinha, esperando minha boca chupar cada pedaço dessa maravilha ruiva... — o poder da expectativa foi superado. Quando sua língua tocou minha pele sensível e úmida, quase gritei, sentindo apenas a ponta dura da língua dele, entrando e saindo, e depois se espalhando por toda minha boceta. Ele subia e descia, me dando um belo banho de gato, e quando chupou a parte inchada do meu clitóris, senti todo meu corpo responder ao seu estímulo poderoso.

— Droga! Por deus, Nathan! Merda!

— gritei morrendo de excitação, sentindo sua língua quente chupar e brincar na minha parte mais sensível.

— Gostosa... — rugiu, com a cabeça ainda entre minhas pernas, e voltou a trabalhar com sua língua, me torturando a cada chupada que dava com força. Eu arqueava o corpo e quadril em sua direção, querendo mais daquela boca incrível, que estava me fazendo perder por completo meus poucos sentidos. — Doce... — chupou, como se estivesse beijando minha boca.

A imagem de sua cabeça ali, lambendo e chupando a minha... Deus! Aquele homem estava virando minha cabeça, tirando meu juízo e ainda consumindo minha alma. Tudo que eu queria era ser consumida por ele. Por seu pau glorioso, me possuindo, me reivindicando.

— Ah! — gritei quando chupou mais forte, fazendo os músculos do meu ventre se retorcerem de desejo por mais... Por mais dele, por mais de toda sua extensão, me dando prazer, me amando, assim como havia prometido, que faria amor. Que me daria amor. — Nathan... — implorei, sabia que meu amor por ele era forte e não me deixaria ser vencida pelo medo de não conseguir amá-lo plenamente e irrevogavelmente a cada segundo — Quero você, meu amor... — pedi com todas as minhas forças — Quero você dentro de mim, Nathan... Me ame, por completo! — o pedido desesperado o fez parar e quando abri os olhos, tive a visão mais erótica que um dia poderia ter. Seus lábios brilhando, molhados com minha excitação, inchados de tanto trabalhar generosamente entre minhas pernas.

— Liz... — sussurrou com a voz rouca.

— Me ame como se não existisse um amanhã... — implorei novamente. — Sou sua!

Mesmo com as incertezas, percebi que ele queria me amar, me tomar em seus braços e me fazer sua. Completamente sua! Não me importava com o fato de poder desmaiar, ou qualquer outra coisa, pois meu mundo era dele e o dele era meu.

Naquele momento me vi inteiramente envolvida.

Nathan se afastou e sem nenhum pudor tirou a calça, exibindo todo o seu corpo nu. Meus olhos percorreram seu corpo e pairou em seu membro. Vê-lo totalmente nu em minha frente era um colírio para meus olhos e a salvação para meu corpo, que ansiava por

ele como nunca imaginei ser possível.

Sentir seu corpo colado ao meu, seu toque e o que fosse capaz de me fazer sentir era mágico.

Cada célula do meu corpo o queria, pedia... Implorava por ele. Depois de ter passado por tudo que passei em minha vida, sentir isso era algo muito bom, era um sentimento que pensei que nunca existiria em mim e, por mais que parecesse estranho, estava gostando.

Meus medos estavam indo embora e meu desejo por ele crescia cada vez mais.

E lá estava ele, se posicionando mais uma vez entre as minhas pernas, o calor emanado do seu corpo me superaquecia instantaneamente. Seu membro duro e grosso bem perto da minha intimidade. Algo dentro

de mim esperava por aquele momento: o momento em que me preencheria e finalmente faria com que eu me sentisse mais amada.

— A qualquer sinal que você não esteja se sentindo bem... — sua voz era baixa e terna quando se debruçou, pairando o corpo sobre o meu — Me avise que paro imediatamente. — foi bom ouvir aquilo, saber que se importava comigo e que não era apenas um momento de sexo para sua satisfação.

Precisei afastar ainda mais as minhas pernas, levantando-as um pouco. Era como se fosse a minha primeira vez... Na verdade, *era* a minha primeira vez com o homem que tinha escolhido para amar, para me proporcionar esse momento que desde o início deveria ser prazeroso. Ele me olhava

NACIONAIS - ACHERON

com desejo e sem julgamentos, um olhar que sempre esperei verdadeiramente ver nos olhos de alguém.

— Só quero ser sua... — repeti transmitindo sinceridade, não apenas na forma de falar, mas também na forma como olhava dentro de seus olhos.

— Minha! — disse com tom possessivo e pressionou seus dedos contra minhas coxas.

Nathan me beijou docemente, mordiscou meus lábios e quando seus lábios se afastaram dos meus, ansiei por mais. Seu membro roçava em minha entrada, me fazendo estremecer e ao mesmo tempo querer mais.

— Vou amar você. Amar muito... — murmurou com a voz pesada e me penetrou

vagarosamente. — Cada pedaço do seu corpo. — falou entre um gemido reprimido, enquanto começava suas investidas lentas, que aumentavam meu prazer cada vez mais.

Era inevitável não tocar nele.

Era inevitável ele não tocar em mim.

Ainda o olhando, levantei minha mão e acariciei seu rosto, sentindo as sensações mais prazerosas passarem pelas minhas terminações nervosas. Acariciei seu rosto com desejo e também com amor. O mesmo amor e cuidado que ele tinha sobre meu corpo, tomando cuidado para não me machucar.

— Meu doce... — gemeu entre seus movimentos de entrada e saída, me deixando cada vez mais louca.

— Meu amor... — puxei seu rosto para

mim delicadamente e o beijei com ternura, sentindo meu corpo relaxar. Meu corpo já o reconhecia. Já sabia que era dele — Me faz completamente sua... — senti toda a emoção e a força do amor que tínhamos um pelo outro se transformando em um orgasmo devastador, que estava tomando conta dos nossos corpos de uma maneira surpreendente.

Separando nossos lábios Nathan me olhou, havia algo em seu olhar, algo diferente e novo.

— Casa comigo? — disse respirando ofegante, acelerando mais seus movimentos, dando a última estocada. Gozei junto, me levando por aquele pedido inesperado.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Rendida

Segundo livro da duologia Envolvida



Queens —

Dezembro de 2007

Era madrugada e minha mãe estava dormindo. Eu estava arrumando a minha mochila e peguei apenas o essencial, já que teria que morar na universidade enquanto ainda estivesse cursando Jornalismo. Aproveitei que aquele porco estava no trabalho e ninguém iria me descobrir; resolvi que era melhor sair na calada da noite, sair daquele inferno e buscar minha felicidade. A única pessoa que me fazia falta era minha irmã Chloe, de sete anos, a luz da minha vida. Deixá-la era doloroso demais, mas era

um mal necessário. Ainda tinha leves hematomas no rosto da surra que levei daquele monte de bosta asqueroso.

— Izzi... — me chamou a voz doce ao entrar no meu quarto. Chloe tem o mais lindo rosto do mundo, quase um anjo, para ser mais exata, e é a única coisa boa que aquele cachorro fez — Você vai sair?

— Oi, Chloe... — sorri para ela e fui em sua direção, me ajoelhei e a abracei.

— Izzi tem que ir embora! — Deus sabe como me segurei para não chorar enquanto a olhava.

— Não vai, Izzi... — choramingou apertando os bracinhos ao redor do meu pescoço. — Não me deixa sozinha aqui, me leva com você.

— Izzi não pode. — me afastei e passei

a mão em seu rosto, gravando cada traço delicado da menina que me fazia tão bem. — Prometo que um dia eu volto e levo você comigo.

— Promete? — percebi seus olhos marejarem e aquilo me cortou o coração. — Promete que vem me buscar?

— Sim, meu amor... Prometo que volto e nós duas vamos ficar juntas. Juntas para sempre.

— Vou sentir sua falta... — a olhei e as lágrimas já escorriam por sua bochecha rosada. Chloe não era ruiva como eu, era loira com cabelos longos e levemente cacheados. Ela se parecia muito comigo quando era mais nova, mas a achava mais linda do que eu.

— Promete uma coisa para mim? —

pedi segurando a ponta do seu queixo.

— Prometo! — soluçou baixinho, me olhando.

— Promete que vai estudar e se tornar uma boa menina?

— Sim... — disse me abraçando novamente. — Prometo ser uma boa menina.

Aquela foi a última vez que a vi, antes de partir.

PERIGOSAS

Rendida

Duologia Envolvida

Debby Scar
AUTORA BEST-SELLER AMAZON

II

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Queens — Dezembro de 2007

Já era madrugada, e minha mãe estava dormindo. Eu estava arrumando a minha mochila, pegando apenas o essencial, já que eu teria como morar em um pequeno apartamento próximo à faculdade enquanto cursava jornalismo. Aproveitando que aquele porco estava no trabalho, e ninguém iria me descobrir, resolvi que era melhor sair na calada da noite. Era a hora de sair daquele inferno e buscar a minha felicidade. A única pessoa que me fazia falta era a minha irmã Chloe, de sete anos, a luz da minha vida. Deixá-la era doloroso demais, mas era um

mal necessário.

— Izzi... — me chamou a voz doce ao entrar no meu quarto. Chloe tem o mais lindo rosto do mundo. Quase um anjo, para ser mais exata, e a única coisa boa que aquele cachorro fez na vida. — você vai sair?

— Oi, Chloe — sorri para ela, indo na sua direção, me ajoelhando e a abraçando. — Izzi tem que ir embora...

— Não vai, Izzi... — choramingou apertando os bracinhos ao redor do meu pescoço. — não me deixa sozinha aqui... Me leva com você. — pediu, me abraçando mais forte.

— Izzi não pode — me afastei, passando a mão em seu rosto, gravando cada traço delicado da menina que me fazia tão bem. — mas prometo que um dia eu volto e levo você comigo.

— Promete? — percebi que os olhos dela estavam marejados, e aquilo me cortou o coração. Nunca me passou pela cabeça que seria tão dolorido deixar minha irmã ali. — Promete que vem me buscar?

— Sim, meu amor. Prometo que volto e nós duas vamos ficar juntas. — respondi lhe dando um sorriso fraco.

— Eu vou sentir sua falta... — olhei para ela, e as lágrimas já escorriam por sua bochecha rosada. Chloe não era ruiva, o seu cabelo era castanho, longo e levemente cacheado, e se parecia muito comigo quando eu era mais nova, mas eu a achava mais linda.

— Promete uma coisa para mim? — pedi, segurando o seu queixo.

— Prometo. — ela soluçava baixinho, enquanto me olhava.

— Promete que vai estudar, e se tornar uma boa menina?

— Sim. — disse ela, me abraçando novamente — prometo ser uma boa menina, Izzi.

Capítulo 1



A manhã de quarta-feira foi diferente. Eu me sentia diferente. A última coisa que eu lembrava era de Nathan me segurando em seus braços enquanto entrava em mim, me preenchendo como eu nunca havia sido. Amando-me e amando cada parte do meu corpo como se fosse única. Nunca pensei que fosse tão bom ser amada daquela forma tão linda como ele fez. Nathan tinha entrado na minha vida, na minha alma, mas tudo se resumia em como ele permaneceria para sempre, apenas sendo ele mesmo.

Abri os olhos e percebi os raios do sol tomarem conta do amplo quarto, ainda deitada na cama de lençóis brancos e macios,

completamente nua. Tateei o lado da cama procurando vestígios dele, mas não encontrei. A única coisa que tinha era o cheiro magnífico dele, impregnando cada percal daqueles lençóis. Eu me sentia muito feliz, completa, realizada e, apesar de ter desmaiado, fiquei com a ligeira impressão de que ele havia falado algo. Coisa que eu queria muito poder lembrar, porém, depois do orgasmo, eu não conseguia recordar de nada. Nada além dele, entrando grosso e poderoso em mim.

Sentando na cama tentei me espreguiçar, mas os machucados ainda estavam lá para lembrar-me que tudo havia sido real, que apesar dos hematomas sumirem as marcas de um pesadelo ainda existiam em minha vida. A única coisa que me deixava confortável era saber que ele, Nathan, o homem que o meu

corpo havia escolhido para ser seu dono, estava ali para me amar. Independentemente do que me aconteceu, Nathan estaria sempre presente, me lembrando de que nunca sentiu nojo ou medo de amar uma mulher cuja alma estava despedaçada e completamente sem rumo.

O gosto do beijo dele, o toque de suas mãos fortes e firmes me acariciando e a forma como ele me olhou foram as únicas coisas que me vieram à memória. Foi quando me peguei passando o dedo no contorno dos meus lábios, desejando que ele ainda estivesse ao meu lado na cama para poder me amar novamente, como tinha feito tão lindamente e de uma forma tão carinhosa. Ele cuidou de mim. Era isso que me fazia o amar ainda mais. Aqueles olhos penetraram a barreira e resgataram minha alma, minha

vida e tudo o que poderia ser valioso dentro do meu coração. Sorri com a ideia de ter ele mais uma vez. E como eu queria aquele homem forte, gostoso e sedento de amor, beijando e me chupando como ele havia feito...

— Bom dia, meu doce. — me assustei quando percebi que ele estava parado no canto da porta, sem camisa e vestindo apenas uma calça de flanela azul-marinho, me dando a visão privilegiada dos seus músculos bem definidos e gloriosos. Nathan estava me observando com o olhar apreensivo, e, apesar da voz rouca e incrivelmente sedutora, seus olhos me mostravam que havia algo errado com ele. — como dormiu?

— Muito bem — senti meu sorriso se alargar, mostrando que eu realmente me sentia bem — fica difícil não dormir bem

quando se é amada de verdade. — me levantei da cama indo em sua direção completamente nua, demonstrando que meu corpo estava aceso e louco para recebê-lo. Eu só queria me deleitar com o gosto do beijo dele, como se não houvesse um amanhã.

— Tem certeza que não machuquei você? — perguntou se aproximando e passando a mão no meu braço.

— Por que você me machucaria? — levei minha mão até seu cabelo molhado e um pouco bagunçado — você nunca me machucaria, Nathan...

— Você sabe que sim — falou um pouco mais duro, enquanto virava o rosto e retirava a sua mão do meu braço — sabe do que eu sou capaz de fazer, Liz — baixou a cabeça, ainda com o rosto virado, cerrando os punhos.

— Eu pelada na sua frente depois de tudo que passamos e você está preocupado com o fato de eu não ter medo de você? — ele não percebia que o jeito como estava agindo estava começando a me magoar? Tinha algo de errado com ele, mas eu não sabia o que era exatamente.

— Eu sou um homem perigoso, meu doce... — o rosto dele havia se transformado de terno a furioso com algo.

— O que você tem? — de repente, a vergonha tomou conta do meu corpo, e eu me sentia mais nua ainda do que já estava, se isso fosse possível.

Um sentimento de angústia tomou conta do meu coração e me fez ter a certeza que havia algo errado. A maneira que estava me tratando, querendo de alguma forma me distanciar ou fazer com que eu sentisse medo

dele, só estava me deixando ainda mais triste. Esse sentimento me fez voltar para a cama e me enrolar no lençol.

— Por que você quer estragar uma noite tão linda, tão cheia de amor, Nathan? — olhei para ele, que ainda permanecia parado ao lado da porta, de cabeça baixa e rosto virado para o lado — Nathan, me responda. Por quê?

— Não é nada, Lizzie. — virou a cabeça, de repente, me dando a visão do seu rosto tensionado, com o maxilar formando uma linha rígida.

— Deixe de ser um filho da puta e abra a merda de sua boca para falar. Porque eu não tenho uma bola de cristal e muito menos sei ler mentes, seu babaca! — falei quase gritando, sentindo as minhas costelas doerem pelo esforço de ter que falar com ele daquela

forma.

— Você não respondeu — foi a única coisa que ele disse. Mas, o que eu não tinha respondido? Não fazia sentido ele falar e agir daquela forma, sem que eu soubesse o motivo pelo qual me tratava quase frio, querendo me afastar dele.

— Respondi a quê, Nathan? — perguntei ainda mais irritada com ele.

— Não lembra, não é? — ele parecia confuso, mas o vestígio de irritação ainda estava lá.

— De quê? De que foi a melhor noite da minha vida, ou a melhor coisa que já me aconteceu ter você me amando? — permaneci com o tom de irritação, deixando claro que se ele não explicasse o que estava acontecendo, a coisa ficaria ainda mais feia para o lado dele, e que Deus me perdoe, eu

comeria seu fígado se ele não falasse algo que fizesse sentido.

— Você não respondeu quando eu a pedi em casamento — quando ele falou isso meu coração quase saltou pela boca.

Nathan havia me pedido em casamento e eu não me lembrava, pois já estava quase apagada; era a única coisa que eu não conseguia me lembrar. Por isso ele estava com aquela cara de bunda azeda para mim, me tratando daquela forma esquisita.

— Eu não respondi por que não lembro essa parte, Nathan. — fechei a cara e, puxando o lençol para ficar mais junto ao corpo, deixei de olhar aquele pedaço delicioso de homem parado na minha frente para ir tomar um banho.

— Meu doce... — ele pegou no meu braço, antes mesmo de eu conseguir chegar à

porta do banheiro, me virando e me devorando com aquele olhar quente e carinhoso ao mesmo tempo. Tive que me controlar para não fazer uma besteira e me jogar naqueles braços fortes, entregando meu corpo... Ou melhor, atacando-o, sem lhe dar a chance de se defender — me desculpe — o tom de voz dele mostrou claramente que não pensou na hipótese de eu não me lembrar do que tinha acontecido segundos antes de apagar, depois do orgasmo colossal que ele me proporcionou — eu...

— Eu preciso de um banho, Nathan — tentei parecer indiferente, mas o meu corpo sempre me traía quando estava próxima a ele.

— Eu vou junto — falou pegando as bordas do lençol que estava me cobrindo e jogando para o lado — você não sabe o quanto tive que me controlar para não atacar

você quando saiu da cama pelada — como ele conseguia fazer aquilo? Meu cérebro fritava a cada palavra emitida por aquela voz rouca — e eu não quero estragar mais do que já estraguei a nossa manhã — as mãos de Nathan estavam no elástico da calça, e, em segundos estava completamente nu, parado bem na minha frente... De dar água na boca — prometo que vai ser apenas um banho inocente — sorriu maliciosamente, mordendo o lábio e me olhando da maneira mais safada.

— Nathan... — soltei o nome dele, sem saber o que realmente queria falar. Será que eu poderia me casar com ele, ainda estando tão vulnerável? Tão cheia de problemas e coisas se passando em minha mente? — você já tomou banho...

— Vou dar banho em você agora — disse

acariciando o meu rosto com as pontas dos dedos de forma carinhosa — Eu sei, meu doce — ele compreendia que eu não tinha uma resposta. Não naquele momento — eu consigo esperar — segurou meu rosto entre suas mãos e olhou no fundo dos meus olhos — eu tenho que esperar, pois não sei mais ficar sem você. Não depois de ter entrado em você e provado do sabor do seu corpo.

— Você nunca vai fazer as coisas do jeito certo, não é? Isso não é jogar limpo. — eu podia sentir minha respiração falhando e minhas pernas fracas com apenas o toque daquelas mãos quentes em meu rosto.

— Jogar limpo eu sempre vou jogar, mas parar de demonstrar o quanto sinto tesão por você, jamais — acariciou a linha do meu maxilar, até chegar a minha boca e passar o polegar no contorno do meu lábio inferior —

fica impossível não sentir desejo por você a cada segundo que passa — os olhos dele eram quentes e cheios de uma promessa que eu queria que se cumprisse.

— Me ame, Nathan — pedi me entregando ao desejo que eu podia sentir em sua voz, seu olhar e sua boca, enquanto estávamos parados, olhando um para o outro.

— Case-se comigo, Liz? — pediu ele me encarando, ainda contornando minha boca com o seu polegar — seja minha mulher, por toda a vida.

— Nathan, você disse que esperaria...

— Basta você me dar um talvez, meu doce — ele parecia tão angustiado, esperando uma resposta, que eu tinha medo de falar que ainda não me sentia pronta para tomar essa decisão.

Não naquele momento. Não assim, tão de

repente. Não depois de tudo que passei, tendo que organizar minha vida e seguir em frente com o tratamento, e ainda tinha que tirar minha irmã, Chloe, daquele cativeiro. Mas, pensando bem, um talvez não era um sim e nem um não... Era uma possibilidade, a qual eu queria amadurecer.

— Se eu der um talvez como resposta você espera mais um pouco?

— Não — sorriu mostrando aquele sorriso perfeito, que me fazia perder o controle sobre o meu corpo — mas, já é uma garantia que você não vai fugir de mim.

— Nathan — falei séria — eu sei de coisas que faria qualquer um perder o pouco de cabelo que existe no orifício circular traseiro, e você ainda me vem com essa de garantia para que eu não fuja de você?

— Ainda existem mais coisas, meu doce

— disse ele, ainda parado na minha frente, pelado, cheio de desejo.

— Agora, nada pode me fazer fugir de você. Não quando o meu amor por você cresce a cada dia, como se apenas você fizesse meu mundo girar, Nathan. — assegurei — Eu amo você. Amo com todas as minhas forças, mas esse talvez seja uma prova que eu o amo mais que tudo no mundo, e que não digo um sim por que eu preciso de um tempo para organizar a minha vida — eu não queria magoar Nathan, porém, como minha vida estava eu não poderia aceitar o pedido de casamento. Ver o rosto dele, triste, foi o que mais doeu no meu coração.

— Eu já fico muito feliz com um talvez...

Vi em seus olhos o brilho da esperança, e, por um segundo, imaginei minha vida ao lado de Nathan, em um futuro bem próximo,

onde teríamos filhos... Me imaginei segurando uma menina com o mesmo azul dos olhos de Nathan, mandando e desmandando, brincando e me dando a alegria de ser mãe.

— Não posso viver sem ter você ao meu lado, meu doce — ele se aproximou e baixou um pouco a cabeça, na direção da minha boca, me dando o prazer de sentir o seu hálito gostoso e completamente viciante — já sou dependente desse teu amor, dependente desse teu corpo e irrevogavelmente louco por você — falando isso, senti a boca dele tomar conta da minha, invadindo e reivindicando cada pedaço da minha alma com aquele beijo delicioso.

Nathan não beijava com calma, era algo mais urgente, cheio de puro fogo e muito desejo. Quando suas mãos seguraram meu

rosto entre elas com um pouco mais de força, e ele apoiou uma delas na minha nuca, me puxando ainda mais para junto do seu corpo, senti o volume duro sobre a pele da minha coxa. Ele estava rijo e deliciosamente perfeito ao me beijar, mostrando o quanto me queria mesmo eu não tendo aceitado o seu pedido de casamento.

— Nathan... — gemi entre seus beijos e carícias.

O desejo apenas aumentava à medida que eu sentia o calor tomar conta de nós dois. O quarto parecia ficar cada vez menor diante aquele poder de magnetismo que existia em nossos corpos. Tomando coragem, o segurei em minha mão e o senti grosso e molhado. Saber que eu tinha o poder de fazê-lo ficar daquela forma me fez gemer com satisfação.

A cada movimento e a cada gemido de

desejo, eu ficava ainda mais louca e cheia de vontade de poder sentir o sabor dele.

Eu movia minha mão, para cima e para baixo, em toda sua extensão, sentindo Nathan perder o controle de sua respiração. Vi o homem da minha vida se sentir mais desejado por mim quando segurei seu pau com mais vontade e acelerei os movimentos, enquanto ele me beijou com mais força ainda, impetuoso, sua língua entrando na minha boca, depois sua boca chupando meus lábios e puxando meu corpo para ficar ainda mais colado no dele.

— Liz, meu doce. Pare — pediu, quase implorando entre meus lábios, com a respiração acelerada — assim eu vou gozar na sua mão... — bastou ele pedir, que eu parei.

Parei por que eu queria fazer outra coisa.

Algo que já vinha imaginando há muito tempo, e, devido à intensidade do momento, o desejo apenas cresceu de forma colossal, me rasgando por dentro.

— Nathan... — falei ofegante, afastando a minha cabeça um pouco e olhando em seus olhos — posso pedir uma coisa?

— O que você quiser, meu doce — ele me olhava com expectativa e lascívia.

— Me ensine a dar prazer a você — pude ver o brilho de seus olhos mudarem, de lascívia para calor vulcânico.

— Mas, você já me dá prazer — me envolveu em seus braços, dando mais um pouco do seu corpo duro e grosso — sente só a pressão — brincou pressionando o seu quadril em direção ao meu, e pude sentir o pulsar do seu pau contra minha pele.

— Eu quero... — por que eu, de repente,

comecei a sentir as minhas bochechas ficarem vermelhas de vergonha por fazer aquele pedido? Eu queria sentir. Queria dar a ele um pouco do que tinha me dado. Sentir que o meu Nathan era mesmo meu de todas as formas.

— Vamos lá, meu doce. — sua voz rouca e grossa, me deixava excitada e me dava mais força para prosseguir com o meu pedido.

— Eu quero que você me mostre, ou melhor — falei sem jeito, mas, sem perder o contato visual, entrando mais no azul dos olhos de Nathan — me ensine como chupar você...

— Puta que pariu! — gemeu alto, arregalando os olhos — repita o que acabou de pedir. — ele parecia fascinado com o que eu tinha acabado de pedir.

— Nathan... — resmunguei, querendo fugir dali e me esconder.

— Liz, você falando que quer aprender como me chupar... — fechou os olhos e respirou fundo — me deixa ainda mais duro, sabia? Agora, vamos lá meu doce — pediu, abrindo os olhos — peça o que quiser, e eu darei a você.

— Eu quero que você me diga como devo chupar você — mordi o lábio inferior, tentando diminuir o sorriso de satisfação por ver o rosto dele se transformar em um completo tarado.

— Eu mostro como você deve fazer, mas qual parte em especial você quer chupar?

E lá estava ele de volta à ação, sendo o mesmo Nathan descarado e safado. Mas era o meu safado. O homem que deixava todo o meu corpo aceso, e nem precisava estar

muito perto. Ele era o centro do meu orbe e esse sentimento tomava conta da minha alma, me fazendo querê-lo mais e mais.

— Seu pau, Nathan — eu tive certeza que ele achava que eu não teria coragem de falar o que eu queria com tanta naturalidade, apesar de estar morrendo de vergonha por dentro e querendo cavar um buraco para enfiar a minha cabeça — quero você dentro da minha boca, para chupar você bem gostoso.

— Oh! Merda! — rosnou entredentes — se você falar isso de novo, juro que gozo agora mesmo e você nem vai precisar tocar no meu pau.

— Você já tinha insinuado algo parecido, se não estou enganada — o fiz lembrar que muitas vezes falava em usar soverte, só não entendia o motivo — e nunca entendi até

você poluir minha mente com seus pensamentos safados, e nem o motivo de você querer usar o sorvete...

— Você já chupou, Liz?

— Não. Nunca — respondi sinceramente.

— Eu tinha certeza disso — falou convencido. — o sorvete vai te ajudar a se acostumar com o volume dentro da sua boca, e fica melhor quando é um sabor que você gosta.

— Chocolate — gemi com a imagem de Nathan inteiramente entregue, me deixando sentir o prazer de tê-lo em minha boca ao sabor de chocolate.

— Vamos tomar logo esse banho, quero dar a você o seu café da manhã, que de início não inclui comida.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 2



Entrando na banheira, Nathan me olhava como se não existisse mais nada no mundo, era tão bom ser desejada, mesmo marcada pelos hematomas. O olhar dele sobre o meu corpo era de veneração e desejo puros. Isso era evidente no seu corpo, com aquela visão dos deuses na minha frente, e que horas atrás tinha me tornado a mulher mais feliz do mundo.

— Não vai entrar comigo? — perguntei confusa, olhando-o parado na minha frente, enquanto eu apoiava minha cabeça na borda, de maneira confortável.

— Não — falou com a voz rouca e baixa, me olhando... Me comendo com os olhos.

— Você disse que ia tomar banho comigo...

— Na verdade, mudei de ideia — pegou uma toalha que estava pendurada e trouxe para perto da banheira, colocando ao lado — eu vou dar banho em você e depois vamos descer para nossa primeira aula.

— Banho...

— Vou deixar você bem limpinha, e, depois da nossa aula, vou chupar você toda.

— Isso me parece muito bom... — falei ofegante, sentando dentro da banheira de água morna e com o aroma delicioso de rosas.

— Bom? — brincou. — isso é o máximo que você consegue?

— O que mais você quer que eu diga?

— Vamos lá, meu doce, eu sei que você vai saber ser bem generosa com essa sua

boca atrevida... — se debruçou pegando a esponja, me fazendo perder o pouco de sentido que ainda existia em mim quando vi que ele ainda estava de pau duro. Se ele se aproximasse mais um pouco, eu conseguiria colocá-lo na boca e começar ali mesmo minha aula. Minha boca ficou seca, o desejo por ele era tão grande que eu mal me lembrava de respirar ou de pensar em outra coisa que não fosse possuir Nathan.

— Você não presta...

— Isso eu sei — gargalhou, olhando da maneira mais descarada para o meu corpo nu e molhado dentro da banheira — mas é desse jeito safado que você gosta. Seu corpo me diz isso a cada meio segundo — submergiu a espoja na água e ficou brincando com ela; sentou-se na borda da banheira, bem ao meu lado.

— Não é justo, você sempre sabe me fazer perder a cabeça.

— O que eu mais quero é que você seja minha.

— Nathan...

— Calma... — sorriu, levando a esponja até os meus seios e esfregando-os com ela — só quero que você se sinta feliz...

— Eu já me sinto feliz — fechei os olhos, absorvendo o toque áspero da esponja. Ele ainda não tinha tocado a minha pele, no entanto, era como se estivesse tomando cada pedaço para si.

— Está sentindo? — perguntou, observando o meu corpo reagir a ele — está sentido como eu toco seu corpo com desejo, mesmo que eu não encoste minha pele na sua?

— Sim... — respondi com a voz baixa,

sentindo a esponja descer até o meu abdômen, com movimentos circulares, e passear pelo meu corpo, me lavando.

— Você não tem ideia do quanto é gostosa. — não era uma pergunta — o quanto seu gosto é delicioso e praticamente viciante — eu me contorcia com a expectativa dele tocar meu corpo com suas mãos firmes e me tirar dali para me comer, tornando-me novamente dele — o que você quer que eu faça, meu doce?

— Me toque... — murmurei, ainda de olhos fechados, arfando por mais dele.

— Tocar? — eu podia sentir o sorriso malicioso em sua boca, mas eu estava incapacitada de abrir meus olhos. Eu o queria tanto que não estava me importando como meu pedido desesperado sairia — onde exatamente você quer que eu a toque? —

meu subconsciente, mentira, meu consciente, automaticamente abriu minhas pernas — ora, senhorita Radzimierski, você vai ter que ser mais direta, já que as suas pernas sempre fazem isso. Pegue a minha mão e leve para onde você quer ser tocada — abri meus olhos, e vi.

Vi o fogo em seus olhos, me consumindo e queimando a minha alma.

Eu seria Ícaro voando de encontro ao sol?

Sem pensar duas vezes, e quase sem ar, peguei sua mão livre e a guiei para entre as minhas pernas, enquanto olhava da mesma maneira para ele. Nós nos completávamos. Ele tinha sido moldado para mim, e eu, eu tinha sido transformada para ele.

— Aqui... — antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, ele já estava entrando com os seus dedos, me preenchendo, me

fazendo gemer de prazer e, quando passou o seu polegar no meu clitóris, senti que o mundo não existia mais — Nathan...

— Shhh — ele pediu, colocando a esponja de lado e segurando em meu seio, se inclinando, levando a boca até ele, sugando com sua boca quente o bico intumescido pelo desejo. Ele era implacável, com seus dedos na minha boceta e sua boca em meu seio.

— Nathan... — gemi, arqueando as costas para ficar mais perto da boca dele. — eu quero tanto você...

— Droga! — gemeu libertando meu seio de sua boca — saia dessa banheira. Agora — tinha sido uma ordem, que o meu corpo acatou de imediato.

Quando seus dedos saíram me senti abandonada. Entretanto, eu sabia que ele me completaria de outra maneira. Me

preencheria com seu pau, me dando o prazer que eu tanto queria. Assim que saí da banheira tentei pegar a toalha, mas ele segurou minha mão e me puxou.

— Não temos tempo para isso — falou saindo do banheiro e me levando junto. De início, achei que ele iria me deitar na cama e me comer ali mesmo, e eis que ele abre a porta do quarto.

— Nathan... Estamos pelados... — falei espantada, sem entender.

— Só existe eu e você aqui. E quero ensinar a você como se toma o sorvete de outra forma, e isso vai ser agora — já tínhamos descido as escadas e passado pela sala, indo em direção à cozinha — vou sentar bem ali — ele apontou para a cadeira, próxima ao sofá — e você vai pegar o sorvete e a colher... — eu mais parecia uma

barata tonta.

Eram muitas informações para assimilar, mas a única informação que eu conseguia processar era aquele monumento duro... grosso e pronto para ser devorado, eu só não sabia que iria ser tão bom.

— Estou esperando, meu doce — sorriu de modo que me derreteu, ou melhor, fritou meu cérebro.

Antes de me virar, para ir em direção à cozinha, ele me puxou novamente e segurou meu rosto entre suas mãos, me beijando de uma forma muito indecente, enfiando a língua dentro da minha boca, explorando e chupando a minha língua, deixando minhas pernas bambas e fazendo com que eu gemesse, quando na verdade, eu queria mesmo era que ele me fizesse gritar o nome dele enquanto gozava como uma louca.

— Agora se apresse que eu ainda quero chupar você — segurou meu rosto com força, me fazendo fechar os olhos por causa da intensidade do seu desejo que refletia no meu corpo — delícia...

Era impossível não se sentir fora de órbita com aquele homem. Ao abrir meus olhos, me afoguei no mar dos seus lindos olhos e na firmeza como ele me olhava com luxúria avassaladora.

— Vamos lá, meu doce. Você me olhando assim não ajuda muito — como era que eu olhava para ele?

Será que era com a mesma intensidade que ele me olhava? Eu achava muito difícil ser da mesma forma quente, cheia de desejo e com aquele olhar que me deixava molhada.

Eu poderia estar a quilômetros de distância.

Quando ele me soltou, eu quase tropecei em meus próprios pés por sentirem minhas pernas fraquejarem pela necessidade que eu tinha de um pouco mais do gosto de sua boca, de seu toque... talvez apenas de seu toque...

Nathan virou de costas para mim, me dando mais um pouco da tentação que ele era... com aquela bunda perfeita, com aquelas coxas definidas, e muito... gostoso. E só em pensar no momento de passar a língua naquele corpo, eu sentia meus pelos arrepiarem com a sensação de que seria a coisa mais maravilhosa do mundo. Ele tinha no seu andar o poder. Era exatamente isso, eu tinha certeza que ele era o dono do poder absoluto sobre tudo ao seu redor. Dono de um magnetismo sem igual, e antes que ele falasse mais alguma coisa, ou da forma como

eu estava olhando para ele, praticamente babando, comecei a organizar as ideias na minha cabeça, lembrando que ainda existia um sorvete para seu uso e um pau para ser chupado.

Corri para a geladeira e retirei o pote de sorvete, logo depois peguei a colher na gaveta do armário da cozinha, já com o coração e a respiração acelerados. Assim que voltei para a sala, vi que ele estava sentado com as pernas um pouco separadas. Com o dedo indicador me chamou, mordendo o lábio inferior, destruindo as minhas estruturas e acabando com o pouco de vida que eu tinha.

— Vem aqui... vem... — morri e fui para o céu com aquela visão deliciosa de Nathan, nu e ainda me chamando daquela forma.

Nathan estava completamente à vontade e

me chamando, não só como o olhar, mas com o pulsar do seu membro duro, que mirava bem na minha direção. No chão, entre suas pernas, estava uma almofada à minha espera. Aquele homem iria me matar, mesmo que fosse apenas de amor por ele e de desejo pelo seu corpo. Eu já não me importava mais, se significasse eu ter que morrer ao lado dele, morreria feliz.

— Abra o pote de sorvete — ordenou, com a voz carregada de malícia — e ajoelhe bem aqui — apontou para a almofada no chão, no meio das suas pernas. Assim como ele pediu, eu fiz. Minhas mãos tremiam e só em ter que encarar tudo aquilo, minha boca ficava completamente seca, e eu louca para saborear toda a extensão e magnitude daquele homem irresistível.

— E agora? — eu perguntei quase sem

NACIONAIS - ACHERON

fôlego.

— Agora, você vai retirar um pouco do sorvete com a colher e colocar na boca — sorriu, se acomodando melhor na cadeira, vindo com o quadril um pouco mais para frente, ficando mais acessível para mim — vai deixar o sorvete na ponta da língua e depois vai começar por aqui... —: ele afastou o pau para o lado, segurou as bolas e levantou-as na minha direção — até aqui, e depois vai chupar todo, engolindo com calma e sem pressa — passou a mão no membro, mostrando meu objeto de desejo.

— Você quer que eu passe a língua aí? Gelada? — eu podia sentir meu rosto ficar vermelho e quente.

— Ainda dá tempo para você desistir... — brincou, ainda segurando as bolas e o pau.

— Não vou desistir. — como eu poderia

desistir com aquela tentação bem na minha cara, pedindo para ser provada? Peguei a colher e retirei um pouco do sorvete, colocando na ponta da língua, e olhando para ele, fui ao ataque.

Sem pressa era o caralho, eu queria era ele todo na minha boca.

O som mais gostoso saiu bem do fundo da garganta dele. Um gemido forte e rouco, que invadiu o meu corpo, me deixando ainda mais molhada.

Quando passei a ponta da língua com o sorvete, e as bolas dele encolheram, Nathan pediu por mais da minha boca. Comecei passando a língua, e depois que o sorvete derreteu, chupei. Chupei com gosto, me perdendo, e quando dei por mim, estava segurando o pau dele firme e o colocando dentro da boca, chupando e sugando toda

extensão intumescida, sem precisar de sorvete para que eu me adaptasse ao gosto pelo simples fato dele ser gostoso do jeito que era. Eu contornava a cabeça com a língua e tornava a sugar.

Meu ventre estava dolorido, mas era por vontade de não apenas chupá-lo, mas também de tê-lo dentro de mim. Ele era tudo que eu imaginava ser quando estava na minha boca, e ainda melhor quando estava me comendo, tomando meu corpo para si e me fazendo dele. O quadril de Nathan subia e descia, com a minha mão e minha boca acompanhando o seu ritmo, fazendo com que ele entrasse mais na minha boca, e quando, em um momento de loucura, enterrei-o completamente na boca, o gemido foi mais profundo. As estocadas eram cuidadosas, mas sem perder o ritmo. Nathan se segurava

nos braços da cadeira com tanta força, que podia ver os nós dos seus dedos ficarem brancos. Estava claro que ele tentava se controlar e continuava subindo e descendo com o seu quadril, me fazendo sentir mais do seu sabor, que por sinal, era fantástico.

— Você... — ele começou a falar, mas eu engoli seu pau como uma leoa faminta, sugando e passando a língua ao redor da cabeça, e depois lambendo as bolas, voltando a chupar como uma louca.

Eu não estava me reconhecendo. Eu estava no comando. Era eu quem controlava a situação... e vê-lo daquela forma, tão entregue, me deixou ainda mais confiante. As costelas poderiam doer, mas o prazer de ver Nathan se contorcer na minha boca era melhor do que qualquer coisa no mundo.

— Oh! — fechou os olhos, estocando

mais rápido — é a melhor chupada que já tive... — aquilo era muito bom de ouvir — na vida! Porra! Chupa gostoso demais! Pare meu doce, por favor, pare... — ele pedia, mas o seu corpo mostrava que eu estava no caminho certo — assim eu vou gozar na sua boca, e não... — senti as pernas dele tremerem ao mesmo tempo em que seus olhos abriram e me encararam, cheios de admiração, lascívia e muito fogo — e não quero gozar na sua boca...

— É assim? — perguntei, quando me afastei um pouco, fazendo-o parar de meter na minha boca.

— Essa boca atrevida ainda vai me deixar maluco — o tom de voz dele era baixo, como se eu fosse a sua presa e ele fosse meu caçador, prestes a me atacar — outro dia eu gozo na sua boca, mas agora eu quero comer

você — Nathan se levantou, enquanto eu permanecia ainda ajoelhada no chão — levante.

— O que você vai fazer? — eu estava sem fôlego, suada e com o coração praticamente saindo pela boca.

— Vamos lá, meu doce. Levante-se, incline esse corpo gostoso na cadeira e abra bem essas pernas — fiquei louca para saber o que ele queria fazer. E se ele resolvesse me comer por trás? Não estava pensando na minha boceta, mas no meu...

Oh! Deus!

Porém, quando me levantei e fiz o que ele pediu, tive uma surpresa. Nathan se ajoelhou entre as minhas pernas, quando eu empinei a bunda e segurou firme em minhas nádegas, abrindo-as para dar um melhor acesso a minha boceta, que estava muito molhada e

sedenta por ele, chupando e fazendo as minhas pernas virarem gelatina.

— Gostosa! — ele praticamente rugia enquanto enfiava a língua na minha entrada, e logo depois sugava os lábios inchados e úmidos de desejo.

— Nathan... — eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse ele me chupando.

— Tão quente e macia — sugava com força meu clitóris, e depois passava a língua fazendo círculos pesados e firmes com a ponta da língua — delícia... — ele disse abrindo mais os lábios inchados e parando para observar minha intimidade — fique bem assim — pediu, ao se levantar — quero absorver essa imagem perfeita da sua bunda na minha direção e a sua boceta bem molhadinha pedindo por meu pau...

Eu estava praticamente convulsionando, louca para ter o corpo quente dele, me pegando por trás, me preenchendo. Me tornando sua. Quando ele se aproximou, se posicionando no meio, senti-o passar a cabeça do seu pau na minha boceta, gemi, e, quase de modo involuntário, comecei a rebolar, tentando encontrar uma maneira de amenizar aquela ansiedade.

— Por favor... — implorei, quase choramingando para sentir o calor do seu corpo.

— Por favor? — ele era muito mau. Sabia que era bom em me manter bem onde ele queria, e sabia que o meu corpo era um traidor, que sempre buscava mais dele — o que você quer, meu doce? — perguntou roçando mais uma vez, deslizando de leve e se afastando, me fazendo ir de encontro a ele,

empinando mais a bunda.

— Você — mais uma vez, me senti incapacitada de falar mais alguma coisa.

— Eu? — eu sentia o divertimento misturado com o desejo em sua voz.

— Seu filho de uma puta, eu quero que você me coma. Agora! — resmunguei, gemendo alto.

— Era disso que eu estava falando — Nathan segurou meu cabelo, enrolou-o na mão e o puxou quando entrou profundamente em mim, sem pressa alguma em seus movimentos. — tão doce...

— Nathan... — era um aviso. Um aviso que eu não conseguiria aguentar mais e gozaria.

— Vamos lá, meu doce — pediu com a voz rouca, estocando mais rápido e com mais força — goze. Grite. Sinta — não demorou

muito para que eu gozasse, fazendo minhas pernas tremerem e fraquejarem quando ele gozou comigo.

As coisas começaram a girar um pouco e minha cabeça estava em outro lugar. Não senti que desmaiaria, senti apenas o desejo que tinha por Nathan tomar conta do meu corpo.

— Isso foi... — desabei na cadeira, ficando de joelhos, de costas para ele — foi... — eu me sentia muito bem, e nem tinha me lembrado de que existiam costelas machucadas.

— Incrível — ele completou, tomando cuidado, me levantando e me virando, me deixando ser sustentada em seus braços, fazendo com que ficássemos nos encarando, ofegantes — você está bem? — vi em seus olhos que estava preocupado com o que

poderia ter acontecido, já que eu estava tonta, um sinal claro para ele que eu poderia desmaiar.

Foi algo novo que me fez acreditar que o amor dele por mim poderia continuar a me curar e me fazer ser uma mulher feliz, mesmo depois de tudo. Eu não estava ligando se ele era ou não um assassino ou sei lá o quê. Tudo o que eu queria era ele ao meu lado. E se fosse para tudo funcionar como deveria, deveríamos abrir mais o coração e mostrar o que ainda tínhamos a revelar.

— Eu preciso de mais, Nathan — falei baixinho, quase como um sussurro.

— Eu sei — seus olhos penetravam a minha alma — e você vai ter o que quiser, é só pedir.

— Então — ainda em seus braços e olhando para ele, fiz a pergunta que me

PERIGOSAS

atormentava. — quem é você de verdade?

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 3



Eu estava esperando.

Eu estava esperando que Nathan abrisse a boca e me falasse o real pretexto dele precisar matar aquele homem, ou do motivo dele sempre parecer que estava me escondendo algo. Vi em seus olhos a sombra da preocupação e meu coração ficou apertado, mas era necessária aquela conversa. Eu já o tinha visto matando um homem a sangue frio e como o seu rosto ficou. O brilho nos olhos de Nathan, naquela noite, não era o mesmo que tinha quando me olhava, e não havia possibilidade de ele ser tão impetuoso, não o homem por quem eu tinha me apaixonado.

— Já está na hora de contar tudo a você, mesmo que vá contra o regulamento.

— Que regulamento? Do que você está falando? — o que será que Nathan escondia de tão grave?

— Vamos terminar de tomar o nosso banho... E com calma eu explico tudo — não que eu estivesse assustada, mas, a forma como ele me olhava já me dava uma ideia do que estaria por vir. E o meu pressentimento dizia que era algo além da minha compreensão.

Nathan subiu bem atrás de mim, sem falar ou esboçar qualquer palavra, totalmente diferente do homem de minutos atrás, antes de eu pedir para ele revelar o motivo de todo aquele segredo. Não me esperou para terminar o banho, pegou a toalha, enrolou na cintura e saiu, me deixando sozinha no

banheiro. Eu queria falar, tentar lhe dizer que tudo ficaria bem. No entanto, como poderia assegurar isso se eu mesma não estava me sentindo bem, com receio do que poderia acontecer depois da revelação que ele queria me fazer?

Contudo, era eu quem queria saber, e mesmo que fosse algo pior do que vê-lo matando uma pessoa, não teria como fugir dele. Ele já estava no meu corpo, na minha mente e no meu coração. Agora era tarde demais para voltar atrás. Tarde demais para voltar no tempo e não me apaixonar perdidamente por ele, mesmo que custasse a minha sanidade.

Terminei de tomar banho sentindo um vazio por ele ter saído e me deixado sozinha. Era possível sentir o gosto do seu beijo na minha boca, a sua voz dentro da minha

cabeça me chamando de gostosa, ele dentro de mim me preenchendo e me fazendo completa e irrevogavelmente dele. Pois era isso que eu era: só dele e de mais ninguém. Quando terminei de me enxugar, fui para o closet, peguei uma de suas camisetas brancas e largas, vestindo logo em seguida e absorvendo seu cheiro. Peguei a primeira calcinha que vi e coloquei.

Sorri ao lembrar quão possessa fiquei quando descobri que ele tinha ocupado uma parte do meu closet do tamanho de uma caixa de fósforos, e me lembrei de quão feliz eu fiquei por ele ser tão mandão e ter entrando na minha vida e tomando conta dela para si. Arrumei meus cabelos em uma trança e coloquei de lado, deixando-a cair sobre o ombro. Me olhei no espelho e procurei não enxergar os hematomas, forçando um sorriso

no rosto, tentando amenizar toda tensão e aquele maldito frio na barriga que insistia em me deixar ainda mais nervosa do que já estava. Respirei fundo, tentando encontrar a coragem que precisava naquele momento. Inspirei, reforçando aquela busca por coragem.

— Vamos lá, Lizzie... — me encarei no espelho — o que pode ser pior do que vê-lo matando alguém? — seria loucura minha pensar que teria algo pior? Algo pior do que ver a raiva na sua pura e rica essência? Eu queria acreditar que nada poderia ser pior que isso.

Decidida, endireitei os ombros e ergui a cabeça, e já que eu não poderia viver sem ele, o que fizesse ou deixasse de fazer seria parte do pacote “Nathan G. Fox”, e eu teria que aceitar.

Quando desci, vi Nathan sentado no sofá, cabisbaixo e com as mãos apoiadas nos joelhos. Me apertou o coração vê-lo daquela forma, o que fez com que o medo que estava percorrendo o meu corpo se intensificasse ainda mais, junto com o medo de perdê-lo. Ao lado dele tinha uma pasta com o símbolo da segurança nacional dos Estados Unidos. Quando ele sentiu a minha presença, levantou a cabeça para me olhar. Seu rosto não era mais daquele homem cheio de desejo por mim... Era um rosto triste e de olhar perdido.

— Nathan... — eu queria falar algo, porém seriam apenas palavras vagas e sem sentido algum diante aquela situação.

— Pegue — segurou a pasta e estendeu para que eu pegasse — esse sou eu. E se, depois de tudo que você ler, quiser ir

embora... — uma dor fina dentro do meu peito surgiu quando ele falou — Eu vou ter que aceitar e deixar que você viva a sua vida em paz, sem qualquer interferência minha.

— Esse é um documento confidencial — então aquele era um documento oficial. Tudo que eu pressentia era que aquilo tinha se tornado algo além da minha compreensão. — Nathan, eu o amo. Não vou deixar você...

— Lizzie — suspirou levantando do sofá, vindo na minha direção — suas pesquisas estavam próximas de descobrir algo sobre minha missão, mas isso, isso vai além do que suas investigações apuraram. Isso... — apontou para pasta — é o que eu sou. Acho melhor você sentar, porque o conteúdo desse relatório pode mudar a forma como você vai me olhar.

— Seja lá o que for, eu amo você Nathan.

Amo com todas as minhas forças.

— Você não sabe o que está falando... —
Nathan precisava entender que eu não fugiria dele. Que eu o amava e que ele era o homem da minha vida.

— Eu vou ler, e depois de tudo que passamos juntos, se isso for insuportável de tragar, ainda assim daremos um jeito de ficarmos juntos. — eu não desistiria dele.

Não desistiria do homem que tinha tomado minha alma e o meu amor para ele. Nathan se afastou, seguindo para a janela enorme da sala, virando de costas e abaixando a cabeça, espalmando as mãos no vidro enquanto eu abria a pasta e começava a ler.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY



WASHINGTON, DC

NOVEMBER, 2005

Agente: Nathan Gregory Fox
Status: Ativo.
Classe: Confidencial
Qualificações adicionais: Confidencial.
Habilidades: Krav Maga; Muay Thai;
Kung Fu; Karate; Submission.

Missões:

Paquistão
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 23

Dubai
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 17

Iraque
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 100

Afganistão
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 146

Rússia
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 80

Marrocos
Status: Completa
Alvo: Eliminado
Civis: 46

Estados Unidos
Missão atual:
Investigar e eliminar.
Alvo: Isaäk Markov.

TOP SECRET

[REDACTED]

A inteligência encontrou pistas sobre o atual paradeiro do alvo. O Agente será infiltrado e habilitado para execução direta. Missão nível máximo, sendo de essencial importância, a execução e eliminação de provas e testemunhas.

TOP SECRET

TOP SECRET

— Nathan — eu estava assustada. Muito assustada para ser mais sincera — você...

— Um agente infiltrado do governo... — disse se virando para me olhar. Um olhar frio e sem vida.

— Mas, por quê? Como? — eu já estava começando a ficar sem saber o que pensar.

— Essa é a minha última missão, Lizzie — falou dando um passo na minha direção, mas eu recuei — e é agora que você foge da minha vida...

— Porra! Nathan... — gritei furiosa. — eu não vou fugir, isto é, se esse for mesmo o seu nome... — levei as mãos até a cabeça, me sentindo tonta e um pouco desorientada.

— Esse é o meu nome. Isso eu não tinha como mudar. — a sua voz era distante, totalmente indiferente.

— Que tipo de agente secreto usa o próprio nome? — aquilo era ridículo, e completamente absurdo, que eu tive que me sentar na cadeira para não cair.

— Do tipo que teve sua identidade apagada de todos os sistemas de busca e que apenas a inteligência sabe. O Nathan Gregory Fox que foi criado pela inteligência, não tem pais. Eu não existo. — exatamente isso. Nathan Fox que eu conhecia não existia.

— Então, você precisou de seis anos para conseguir chegar até o Isaäk? — soltei, antes que eu pudesse controlar minha boca.

— Lizzie, não foram seis anos... foram dez anos — começou — você não sabe quem é o Isaäk Markov. — dez anos? Puta merda! A coisa era muito séria mesmo.

— E nem ao menos sei quem é você, Nathan — suspirei antes de continuar a falar

— quer dizer, agora sei.

Será que as coisas poderiam ficar piores?
Ah! Sim. Podia! Meu namorado era apenas um agente da inteligência. Pisei na merda quando nasci ou dancei pole dance na cruz.

— Agora você me conhece, Lizzie. — ele disse sem muito ânimo — eu poderia ser um terrorista... — ainda tentou brincar. Ah! Se ele fosse um terrorista, aí sim, as coisas não seriam boas. — e ainda dá tempo de desistir...

— Ah! vai tomar nesse... — calei, mas a última palavra ficou na ponta da língua — olha, eu vou repetir... Eu amo você. Sério. Amo muito mesmo, e acho que você é a melhor coisa que já me aconteceu...

— Pergunte o que são os civis, Lizzie...
— senti algo estranho com o seu rompante.

— O quê? — do que ele estava falando?

— Você me ouviu. Pergunte o que são os civis para mim — Merda! Ele estava me olhando com o olhar na temperatura de um iceberg.

— Nathan... — choraminguei, pois eu já sabia que não seria uma coisa boa.

— Que merda, Lizzie! — esbravejou, socando um dos vasos da mesinha que ficava perto do sofá — pergunta logo! — a forma como ele estava agindo não era nem um pouco parecida com aquele Nathan. Não o meu Nathan.

Os olhos dele ainda estavam sobre mim, me avaliando e ao mesmo tempo furiosos com algo. Comigo? A respiração dele estava acelerada e era visível a forma como ele estava alterado.

— O que são os civis, Nathan? — perguntei com a voz fraca e baixa, sentindo

uma lágrima descer quente sobre o meu rosto.

Quando eu terminei de falar, pude ouvir um rugido abafado vindo de sua garganta. Nathan permaneceu parado perto do vaso estilhaçado. Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Quatrocentos e doze, Lizzie — permaneceu imóvel e de olhos fechados, enquanto falava — esse é o número de pessoas que tive que matar. Esse é o número de pessoas, inocentes, que eu tive que matar para poder chegar até Isaäk Markov. Você não faz ideia do que é ter que matar quatrocentas e doze pessoas para poder chegar até ele...

— Você matou todas essas pessoas... — não era uma pergunta, era mais uma coisa que eu tinha que colocar na mente, e depois

fingir que não escutei. Eu estava ainda mais chocada. Ainda mais tonta. Ainda mais sem chão — isso faz de você um...

— Assassino — terminou abrindo os olhos e a dor em sua voz chegou à minha alma.

— Espera... — falei sentindo o ar dos meus pulmões — então, naquela noite, você estava...

— Eliminando uma testemunha do grupo de Isaäk — ele parecia mais tranquilo, mas seus olhos tinham aquela irritação misturada com indiferença, que eu nunca conseguia diferenciar em qual momento se encontrava — quando você chegou, acho que o meu mundo parou — confessou — eu não tinha ideia que você seria capaz de passar tão fácil pela segurança...

— Sério? — perguntei incrédula —

aquela mulher não sabia nem cuidar daquele bigode... — bufei sem paciência.

— Agora eu sei que ela não soube cuidar do meu bem mais precioso — Merda! Por que ele tinha que ser fofo em um momento que era para ser de pura tensão? — quando Gretha disse que deixasse você ir, achamos que estaria segura com ela. Eu sabia que não era para eu ter escutado e ido atrás de você. Mas, tínhamos um corpo para nos livrar, limpar o local e fingir que nada daquilo tinha acontecido...

— Não sei o que dizer Nathan, é muita informação para assimilar, e agora neste exato momento — tentei parecer calma — era para eu surtar, ou melhor, gritar, mas não consigo. Não consigo falar nada.

— Eu achei que seria pior — o vi esboçar um sorriso triste — achei que você sairia por

aquela porta e nunca mais olharia na minha cara.

— Mesmo com o risco de que eu divulgasse tudo? — perguntei, olhando para ele — a missão da sua vida?

— Tudo isso perdeu a razão quando vi você naquela noite. Eu nunca tinha sentido nada parecido por alguém e quando beijei você... — aí ele abriu um sorriso, bonito... perfeito — soube que tinha que ser minha.

— Eu preciso de água — minha cabeça girava e eu não me sentia bem. Tudo estava ficando escuro e...

— Lizzie! — ploft! — Droga! — o som do meu corpo já batendo no chão e a voz de Nathan foram as últimas coisas que escutei antes de apagar.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 4



Eu sentia seu cheiro e sabia que ele estava ao meu lado, esperando o momento exato da minha fuga. Porém, como eu poderia ficar longe dele? Longe do homem que me fez a mulher completa e feliz? Será que eu suportaria a ideia de ele ter matado tantas pessoas para poder chegar até Markov? De uma coisa eu sabia, Nathan não era como os outros homens. Com certeza, ele era diferente em todos os sentidos.

Abrindo meus olhos, vi Nathan me observando. Seu rosto estava inexpressivo, mas não durou muito. Quando eu me sentei no sofá e respirei fundo, percebi que ele se moveu com expectativa naqueles olhos azuis

provocantes e penetrantes, que invadiam a minha alma e me preenchiam com um sentimento maior do que qualquer coisa que um dia poderia sentir.

Eu tinha mais perguntas. Eu precisava fazê-las, para ter certeza. Certeza de quê? De que ele não estava mentindo? Merda! Eu o tinha visto matar o cara. Do que mais eu precisava para ter certeza de quem ele era e o que fazia?

— Oi meu doce. Que bom que acordou.

— Nathan... — eu queria dizer a ele que nada tinha mudado entre nós dois, mas a verdade era que mudou.

— Eu sei que você vai precisar de um tempo... — a melancolia em sua voz fez o meu coração apertar.

— Ainda preciso saber mais, Nathan... — ele tinha que abrir a boca, mesmo que isso

custasse a minha sanidade.

— Tudo que você quiser saber — a voz dele tinha mudado. Estava mais rouca e baixa, me deixando em alerta. Aquele que estava falando comigo era um agente treinado.

— Você me disse que seria sua última missão... — última missão não soava muito bem aos meus ouvidos — o que você quis dizer com isso?

— Que vou me aposentar... — Nathan... Aposentar com aquela idade? Será que ele tinha mesmo trinta e seis anos? Ah! Deus! Nem isso eu poderia ter certeza!

— Vai para algum asilo para ex-agentes que se disfarçam de políticos? — brinquei sentindo um gosto amargo na boca, por não saber de verdade quem era o homem que estava ali ao meu lado! — você tem mesmo

a idade que diz ter?

— Acho que isso eu tenho certeza... —
esboçou um sorriso no canto da boca —
venha — disse ele ao se levantar. Naquele
momento, eu percebia o quanto Nathan
parecia cansado. Ainda mais cansado do que
antes. — quero que você veja algo. E o
mínimo que eu posso fazer, já que não fugiu
quando tinha tempo.

— O que é? — perguntei confusa, sentido
uma pontada de medo brotar no meu coração.

— Nada que possa machucar você. —
sorriu, enquanto estendia a mão para mim —
confia em mim?

Eu confiava nele? Sim. Essa era a resposta
para essa pergunta.

Eu o amava e ele tinha meu coração em
suas mãos.

Confiava e não pretendia ficar longe dele.

Eu tinha que me manter firme e confiante, pois só assim poderíamos ficar juntos, mesmo depois de tudo. Eu não me importava mais com os machucados, não naquele momento em que ele tinha a mão estendida para mim, esperando que eu desse o próximo passo. E assim fiz. Peguei a sua mão como se fosse meu bote salva-vidas, porque tinha sido por aquele homem que eu tinha mudado tudo na minha maneira de ver a vida e encarar o mundo. Segurando sua mão firme e quente, eu sabia e entendia que o meu lugar era ao lado dele.

— Confio. — minha voz saiu firme e sincera quando me levantei, segurando a mão do homem da minha vida.

Nathan parecia que tinha prendido a respiração durante o tempo em que esperou uma resposta, e quando voltou a respirar,

aquele brilho em seus olhos, que eu tanto amava, estava mais vivo.

Ele me conduziu pela sala enorme até chegarmos à porta do seu escritório, e então ele a abriu, dando espaço para que eu passasse. Eu não sabia o que esperar. Nathan estava se tornando algo impossível de se decifrar. Fiquei parada, enquanto ele arrastava uma das cadeiras até o meio e depois voltava para trancar a porta. Foi até as janelas, de onde dava para ver a maravilhosa Nova Iorque, fechou as persianas, e nesse momento tudo ficou escuro. Enfim, senti as mãos firmes de Nathan segurando a minha cintura. Meu coração disparou e minha respiração só Deus sabe onde foi parar.

— Lizzie, neste momento, minha vida, tudo, depende unicamente de você. — falou quase sussurrando, perto da minha orelha —

vou ajudar você a se sentar naquela cadeira e mostrar mais uma parte da minha vida para você. Tudo bem? — Deus! Ele estava tão perto que ficava difícil me concentrar em qualquer outra coisa que não fosse aquela voz rouca e perigosa, e o fato de ele segurar a minha cintura daquela maneira.

— Tudo — respondi quase como num sussurro. Ele tirou a sua mão da minha cintura e levou-a até chegar a minha mão, me conduzindo novamente até chegar à cadeira que ele tinha colocado no meio do escritório. Já não ligava mais para minhas costelas doloridas e nem para os arrepios de alerta que surgiam a cada segundo.

Depois de alguns segundos de silêncio, pude ouvi-lo pegar algo, caminhar até mim e ficar ao meu lado, colocando uma de suas mãos sobre o meu ombro, fazendo com que

uma onda de calor tomasse conta do meu corpo.

— Pronta?

— Não. — tentei controlar o nervosismo em minha voz — mas agora já é tarde demais.

Quando um painel se abriu a minha frente, congelei. Uma luz azul saiu de dentro daquele lugar e vários compartimentos começaram a se abrir, e eu vi. Vi que o que ele falava era ainda mais verídico. O que ele tinha guardado ali dava para iniciar mais duas guerras mundiais e ainda sobrava para exterminar os sobreviventes. Nathan estava armado até os dentes. Armas de vários calibres, sem falar de outras coisas que eu não fazia a mínima ideia para o que serviam. Não sei explicar o motivo de não ter ficado ainda mais assustada com tudo aquilo, mas

sei que o meu corpo reagiu de uma forma que jamais pude imaginar.

— É aqui que vamos continuar a nossa conversa — quando dei por mim ele estava na minha frente e de costas para o seu armamento, e nem percebi quando ele tinha puxado outra cadeira e sentado — Lizzie, pode perguntar o que você quiser que eu vou responder.

— Merda... — soltei sem querer, já que o maldito filtro tinha ido pros quintos dos infernos — quantas armas... — eu realmente estava surpresa — você já usou a maioria? — eu não conseguia me concentrar e sentia que minha boca estava aberta como uma idiota.

— Sim. — respondeu, e pude notar pelo tom da sua voz que estava achando graça naquela minha atitude. — A maioria em missões oficiais. — eu mal conseguia ver o

seu rosto, mas tinha certeza que ele estava esperando mais.

— Nossa... você deve ficar gostoso usando aquela roupa ali — mais uma vez o filtro não funcionou e eu me peguei apontando para uma roupa preta, com colete à prova de balas e coldre de couro preto.

— E eu achando que você gostava dos meus ternos — brincou, se acomodando melhor na cadeira; quando fez isso, um feixe de luz atravessou o seu rosto e seu peito nu, mostrando a firmeza e o poder estampados em seus olhos — depois eu visto ela para você. No entanto, eu sei que existem outras perguntas aí nessa sua cabecinha.

— Certo. Claro que tenho. — falei fechando a boca e limpando a imagem dele naquela roupa.

Que diabos eu tinha? Aquilo não era

norma, não mesmo. Não quando era para eu estar completamente apavorada e sem querer ver ou tocar nele... Mas havia algo diferente dentro de mim.

— Como a sua irmã se encaixa nisso tudo...? — questionei, raciocinando e tentando formar as palavras, antes de prosseguir para a próxima pergunta — isso se ela for mesmo sua irmã.

— Ela é o meu apoio... — fez uma pausa — e ela é sim minha irmã — disse antes mesmo que eu perguntasse —, e mesmo que eu não a quisesse nessa missão, não tenho controle sobre ela.

— E sua família — fiquei curiosa — onde eles se encaixam nisso tudo?

— Nossos pais morreram em um acidente de carro há onze anos. Depois disso me tornei responsável por ela, ou seja, Gretha é a

única família que tenho — Deus! Ele era praticamente sozinho no mundo, assim como eu ele só tinha a irmã — ainda não me habituei em falar dos meus pais como se fosse algo do passado, e por isso não falei deles com mais detalhes quando contei sobre Gretha.

— O que vai acontecer, depois que isso tudo acabar?

— Eu serei o próximo presidente dos Estados Unidos. — Oi!? Como assim ele se tornaria presidente dos Estados Unidos?

— Mas, esse não é um disfarce? Você quer mesmo continuar na política, mesmo depois de tudo?

— Meu doce, esse já é o início da minha aposentadoria, mas vai ser para o serviço da inteligência. Lembra? Eu não tenho registro algum, e as informações que existem sobre a

minha vida, depois de tudo isso, foram implantadas, menos o meu nome — explicou calmamente, com o tom de voz baixo — é isso que acontece quando se termina uma missão como essa. Minha imagem foi criada para ficar na política, desde o momento em que recebi a missão.

Então era assim que os outros tinham realmente se tornado presidentes? Será que eram, na verdade, agentes do governo que tinham recebido suas “aposentadorias” depois de missões de alto risco?

— Onde exatamente o Ian entra? Ian sabe sobre você e Gretha?

— Sim, ele sabe que ela é uma agente. — ele começou a explicar — Ian é o analista comportamental, quase um detector de mentiras ambulante, e um ótimo agente de campo. É ele quem cuida dos acessos e

invasão dos sistemas de informações codificados e criptografados.

— Ficou bem explícito agora — assenti tentando entender, ou melhor, sintetizar mais uma informação.

— Eu entendo que você não consegue expressar exatamente o que sente, por causa do impacto que as informações causaram em você, mas, se não conseguir assimilar, e quiser ir embora, eu vou entender...

E lá estávamos novamente na questão onde ele achava que eu não conseguiria suportar e que eu era feita de porcelana. Na verdade, eu não era feita de porra nenhuma além da vontade de querer justiça.

As coisas estavam muito estranhas na minha vida, e eu entendia que precisava dar um jeito de resolver isso tudo, e só assim poderia ter uma vida feliz e plena ao lado

dele. Isso se não acontecesse algo que destruísse os meus sonhos. Porém, ter fé também fazia parte da minha alma. Eu tinha uma vida de merda antes de conhecer Nathan, e depois dele, apesar do que tinha me acontecido, eu sentia meu corpo e minha alma mais leves. Eu ainda tinha fé que tudo se resolveria.

Meu amor por ele estava fazendo isso, e eu não tinha condições de me afastar nem um segundo sequer daquele homem, mesmo ele tendo matado quatrocentos e... puta que o pariu... ele tinha matado mais gente que o próprio Jack, o estripador. Está certo que o Jack era um assassino impetuoso e Nathan tinha motivos... ou não?

— E as pessoas inocentes... — quando comecei a falar, vi que ele ficou ainda mais quieto. Eu mal podia ouvir a sua respiração

— realmente foi necessário, você sabe... matá-las?

— Matei mulheres... que eram mães, Lizzie — meu coração parou de bater e eu me esqueci de respirar com aquela revelação — mulheres que se jogaram na frente de seus maridos e filhos para que não fossem mortos, e depois disso algo dentro de mim mudou. A culpa de aquilo tudo ter acontecido foi de Isaäk... se ele não fosse um merda, e não conseguisse encontrar maneira de fugir, essas coisas não teriam acontecido. Eu sempre terei pesadelos com os rostos das pessoas que matei, mas Isaäk não se arrepende dos milhares que já matou...

— Eu não sei o que dizer... E nem o que fazer. — Nathan tinha um grande peso em suas costas, e esse peso era consequência das investigações que ele tinha que fazer para

poder chegar até Markov.

— Basta você saber toda a verdade sobre mim, e não fugir — dava para sentir a dor em sua voz — Casando comigo, se tornando minha mulher.

— Nathan... — suspirei tentando encontrar as palavras certas — eu disse o que você queria ouvir. Um talvez. Lembra? Não posso prometer nada, além disso. Por enquanto, você tem a mim e já sabe que eu sou sua. Completamente sua e não vou a lugar algum, mesmo que o meu corpo diga o contrário. Eu só preciso de um tempo para digerir tudo e organizar a minha vida...

— Então, se você é minha, você tem que usar algo no seu dedo, para que todos vejam que estamos juntos — quando dei por mim, Nathan estava ajoelhado bem na minha frente, todas as luzes começaram a acender e

eu vi.

— Nathan... — o que ele estava fazendo? Mesmo depois de tudo que conversamos ainda estava tentando me convencer a dizer “sim”?

— Lizzie, meu amor... Passei uma vida inteira de sofrimento e dor procurando e tentando encontrar alguém que fizesse o meu coração voltar a bater mais forte, que fizesse os meus dias mais iluminados e minha alma livre de culpa. E enfim, encontrei você. A mulher de atitude e coragem, que fez meu mundo virar de ponta-cabeça com apenas um toque. Seja minha, Lizzie.

Nem em um milhão de anos eu conseguiria me recuperar daquele acontecimento. Meu pulso estava acelerado e tudo que eu conseguia fazer era olhar para ele e escutar cada palavra que dizia.

— Não fuja de mim, mesmo que eu tenha feito coisas das quais não me orgulho nem um pouco. Hoje, quando completamos um mês, quero que você aceite ser minha, não apenas por um instante, mas para a vida toda — ele tinha uma caixinha em sua mão. Uma caixinha de couro preto, com forro azul por dentro e um anel. Não tinha brilhantes e nenhum tipo de pedra preciosa, apenas o anel de prata com uma fina linha dourada adornando, mas que aos meus olhos era o anel cravejado de diamantes mais caro do mundo. E como dizer apenas um talvez, quando ele estava bem ali, ajoelhado aos meus pés e me pedindo em casamento com aquele olhar apaixonado?

— É lindo... — murmurei, olhando para ele, amando ainda mais aquele homem, que mesmo tendo feito o que fez, deixava meu

coração aquecido e ainda mais louca por ele.

— Apenas diga que aceita ser minha, e eu espero o seu sim. Espero por você — eu não respondi, apenas estendi a minha mão para ele, que com muito amor, colocou o anel no meu dedo, dando um beijo carinhoso e sorrindo — minha.

— Sua — era assim que eu me sentia. Dele. Eu era dele e nada nesse mundo ia me impedir de ser feliz ao seu lado...

Isso era o que eu pensava.

Capítulo 5



Então era assim que minha vida ao lado dele começaria. Eu tinha aceitado uma aliança dele, mas ainda teria que esperar um pouco até que finalmente casássemos. Como seria minha vida sem que ele estivesse nela? Já não conseguia me ver sem ele. Nathan tinha retirado um pequeno controle do bolso da calça e apertou o botão, fazendo o painel se fechar, mas antes de fechar completamente algo me chamou atenção, fazendo meu coração bater mais rápido e uma sensação estranha correr por minhas veias. Não era algo ruim, mas do tipo que me fazia ficar fascinada, mesmo sendo absurdo aquele sentimento. Foi a primeira vez que senti algo

assim, apesar de não chegar nem perto do meu amor por Nathan.

— Nathan, espera — não consegui me controlar.

Aquele sentimento... Aquela vontade... Eu sabia que não podia ser natural. Não para mim, que de certo modo não estava familiarizada com aquele mundo.

— O que houve? — ele perguntou, me olhando confuso.

— O que é aquilo? — obviamente eu já sabia o que era, mas perguntei mesmo assim.

Eu apenas não sabia que ficaria maravilhada ao olhar uma. Ele imediatamente virou o rosto para poder entender a minha pergunta e precisou de alguns segundos para processá-la.

— Lizzie... — foi só o que ele conseguiu falar, já que não estava entendendo o que eu

queria com aquela pergunta. Mas, eu sabia que ele era inteligente o suficiente para ligar uma coisa à outra — de qual delas você está falando? — ele tinha entendido.

A sua voz tinha um tom de surpresa e seu rosto assumiu uma linha mais firme diante do feixe de luz que iluminava o seu rosto magnífico.

— A dourada...— me peguei sussurrando e até mesmo gostando da ideia de tocar. Estranho. Muito estranho.

Eu normalmente gostava muito do spray de pimenta, mas aquilo fez com que os pelos dos meus braços se arrepiassem e tentei me convencer que era apenas a adrenalina de ter um namorado/noivo agente. Vi Nathan apertar novamente o controle e as portas do painel se abriram, mas a única coisa para a qual eu conseguia olhar era ela. Nathan foi

até lá, pegou-a nas mãos e travou, retirando o pente...

— Essa é uma Glock... Onze milímetros... — disse ele, vindo em minha direção.

— Ela é... — que tipo de sentimento uma arma poderia me trazer? — linda. — foi o que saiu da minha boca, antes mesmo de eu conseguir assimilar o que tinha acabado de dizer.

Nathan me observava, intrigado com o meu comportamento. Mas, fazer o quê... Eu não era normal mesmo, e mais uma esquisitice na minha vida não faria diferença.

— Eu acho que não foi uma boa ideia mostrar isso a você — falou se virando, indo em direção ao compartimento, porém, eu me apressei e me ouvi pedido algo ainda mais estranho.

— Me deixe tocá-la... — meu pedido o fez ficar de olhos arregalados.

Eu vi a expressão no seu rosto sob a luz azul que saía do compartimento. Ele tinha a incredulidade estampada em cada músculo do seu lindo e perfeito rosto.

— Por favor... — implorei ao me levantar da cadeira, indo na sua direção. Antes de ele pensar em ceder ao meu pedido, o maldito telefone tocou, me fazendo tomar um susto e nesse meio tempo, ele a guardou e fechou o compartimento rapidamente.

Será que eu tinha feito algo de ruim, pedindo para segurar uma arma? Nathan passou por mim e logo atendeu a chamada.

— Fox. — disse simplesmente com aquele tom superior, que me deixou preocupada — não... Pode deixá-los subirem... Certo, suba com eles também, e

Gretha... A Lizzie... Isso mesmo. Tudo bem. Esperamos vocês na sala... Até daqui a pouco — quando ele desligou olhou para mim e passou a mão no cabelo, como se fosse algo bastante sério.

— A agente Lackin este aí, com o seu parceiro Murdok. Gretha informou que existem novas pistas sobre quem fez isso com você — por um momento meu mundo parou.

Ali havia uma esperança de que a justiça seria feita e eu finalmente ficaria livre daquele pesadelo. Assim, depois que tudo se resolvesse, eu finalmente traria a minha irmã para morar comigo no meu novo apartamento.

— Vamos meu doce... Você precisa vestir algo que não revele tanto a sua pele. — ele me olhou de cima a baixo e o meu corpo

pegou fogo no mesmo momento em que percebi que nada tinha mudado entre nós dois.

No entanto, meu coração estava ainda acelerado e um sentimento diferente corria por minhas veias, talvez por causa daquele estranho fascínio despertado quando olhei para... Lizzie!

Subi rapidamente, indo ao closet retirar a camisa de Nathan e colocar um dos poucos vestidos que eu tinha. Corri para o banheiro e passei um pouco de água no rosto, tentando amenizar aquela cara de bunda que eu estava vendo na frente do espelho.

— Certo. Vai dar tudo certo — resmunguei para mim mesma.

Endireitei os ombros e ergui a cabeça, mostrando que estava pronta para receber os agentes e sua notícia sobre as novas pistas do

cara que tinha feito aquilo comigo. Eu sabia. Eu tinha certeza que meu corpo o sentiria no exato momento em que ele chegasse perto de mim. Seria impossível aquilo acontecer, pois eu sabia que meu azar não era para tanto... Ou era?

Quando desci, Nathan já estava de camisa esperando sentado no sofá, cabisbaixo e pensativo. Será que ele tinha se arrependido de tudo e agora pensava em um jeito de me eliminar? Ah! Lizzie... você é tão ridícula! Se ele não me amasse é claro que não teria me revelado tudo. As batidas na porta fizeram com que Nathan suspirasse pesadamente antes de levantar para abrir, e os deixar entrarem.

— Tudo bem? — perguntei, fazendo-o olhar para mim.

— Vai ficar — a sua voz tinha algo...

mais um segredo? Eu tinha que saber.

Eu precisava que ele continuasse confiando em mim, assim como eu confiava nele. Vi ele se mover pela sala com elegância enquanto me peguei absorvendo cada movimento que fazia.

— Boa noite senhor, Fox — Lackin estendeu a mão para cumprimentar Nathan de forma profissional. — espero não ter atrapalhado o dia de vocês, mas como eu tinha informado a sua segurança, se trata de algo sobre as investigações.

— Entre — Nathan pediu, dando espaço para Lackin, Murdok e... Gretha.

Olhando para irmã dele, senti meus olhos arderem com vontade de chorar assim que ela olhou para mim. Não podia demonstrar na frente dos policiais que ela era irmã dele, já que para todos os efeitos era apenas sua

motorista e segurança.

— Como vai, senhorita Radzimierski? —
Isabella seguiu até onde eu estava,
estendendo a mão para mim e eu apertei,
forçando um leve sorriso que acho que mais
pareceu uma careta.

— Acho que melhor. — respondi, me
sentando ao lado de Nathan quando ele
voltou.

Sabia que Murdok não conseguia
socializar, sempre tinha aquela cara de quem
tinha comido jiló com sal. Ele permaneceu
em pé, ao lado dela, que estava sentada em
uma das cadeiras que ficavam perto do sofá.

— Vou direto ao ponto — começou
Isabella. — encontramos roupas a dois
quarteirões de distância do ocorrido, a equipe
está analisando as amostras juntamente com
as que foram encontrados no vestido que

você usava naquele dia.

— O que isso quer dizer? — olhei para ela e senti a mão de Nathan na minha cintura. Um contato bem-vindo.

— Quer dizer que o cara que fez isso com você era um tremendo de um filho da... — freou a língua antes de completar a frase, parecendo realmente estressada com o meu caso, mas de uma maneira positiva — me desculpem. — pediu e continuou — isso quer dizer que ele não contava com o fato de ser tão burro — eu a encarei franzindo o cenho, me sentindo um pouco aborrecida e ela percebeu — calma, não estou falando isso de maneira que pareça que eu fiquei triste com isso. Na verdade, eu vi que isso é uma oportunidade de ouro e fiquei muito feliz por saber que ele é burro.

— O que mais você tem sobre o caso? —

Nathan ainda tinha sua mão na minha cintura. — encontraram alguma outra coisa que ajude na identificação do suspeito?

— Sim, encontramos uma câmera de segurança apontada para o beco onde tudo aconteceu, mas ela apenas gravou o início da chegada dele. As imagens não estão muito boas, contudo a equipe de vídeo está trabalhando nas imagens obtidas. — respondeu ela, completamente satisfeita por sua eficiência — ele não é muito forte e temos certeza que tem quase um metro e oitenta de altura, mas por enquanto é só isso. Já pegamos imagens das câmeras de vigilância da prefeitura e dos estabelecimentos próximos ao local do crime.

— Gostaria de ver essas imagens, junto com a minha equipe — não foi um pedido.

Deus! Ele era incrível quando vestia a capa

do homem-senador e colocava aquela cara de “Eu posso por que eu sou eu”.

— Senhor Fox... — Isabella começou a falar, mas Nathan levantou a mão fazendo com ele se calasse e Murdok de mexesse desconfortável, olhando feio para Nathan.

— Não me leve a mal, senhorita Lackin, mas acho que esse favor você vai ter que fazer — ele olhou de uma maneira gélida para Murdok, que mesmo com o clima estranho não se deixou intimidar.

Nathan era treinado, então eu comecei a entender que ele sabia o que estava fazendo. Isso se ele mesmo já não tivesse todas as gravações possíveis e impossíveis.

— Sei que o secretário de segurança não vai me negar esse pedido, e espero que entenda que é da minha mulher — minha mulher! — que estamos falando.

— Eu até posso entender que o senhor possa pedir esse favor ao secretário, mas não acha que seria muito arriscado se envolver no caso dessa maneira...? — ela o questionou, olhando duramente para ele.

— Por que seria? — arqueou a sobancelha para ela de maneira autoritária.

— Não podemos deixar que os familiares ou amigos das vítimas se envolvam desse jeito no caso, senhor Fox. Isso pode comprometer as investigações e pôr tudo a perder.

— Agente Lackin, eu não vou estragar as suas investigações, apenas quero acompanhar de perto. Tenho uma equipe de segurança capacitada para ajudar e não hesitarei em usá-la — bem, exceto pela moça de bigodes, o resto estava na linha de seguranças capacitados, mesmo que eu tenha tido uma

parcela de culpa por ter fugido daquela maneira.

— Faça como desejar, senhor Fox —
Isabella respondeu com um tom irritado, olhando para ele.

Depois que eles foram embora parecia que um peso tinha ganhado mais uma tonelada nas minhas costas. Eu não conseguiria relaxar enquanto não soubesse quem era o merda que tinha feito aquilo comigo. Ele poderia facilmente ter feito isso com outras mulheres e tinha que pagar por isso. Gretha estava no escritório com Nathan, com certeza encontrando um jeito de ajudar a polícia a pegar aquele safado. Por mais que aquele momento fosse tenso, a minha barriga roncou estrondosamente, me assustando. Fui até a cozinha e preparei algo para eu, Nathan e Gretha comer, mas é claro que eu tinha quase

certeza que ela não ficaria para almoçar. Já passava do meio dia e nada deles saírem daquele escritório. O jeito foi correr até o quarto e verificar meu celular, e como eu pressentia, Tati tinha deixado mensagens, assim como Elijah.

“Saudades de você Liz. Olha, espero que esteja tudo bem entre você e Nathan. O jornal não é a mesma coisa sem você gritando palavrões – Tati”.

“Você está de licença por tempo indeterminado Lizzie, aproveite esse tempo para relaxar – Chefe”.

As outras mensagens eu não li, e por mais que o que tivesse me acontecido fosse aterrorizante, tudo o que eu queria era voltar a trabalhar o mais breve possível. Eu ainda tinha a ideia fixa de investigar Isaäk, já que Nathan não seria tão imprudente a ponto de

me ceder informações. Sentei na cama com o celular nas mãos, fitei a cidade pela janela e não consegui parar de pensar na minha vida. Seria tão mais fácil se eu tivesse nascido em outra família. Uma família que não fosse tão descompensada quanto a minha.

— Lizzie, você está bem? — perguntou Nathan, me fazendo voltar para terra.

— Não sei dizer... — suspirei, ainda olhando para a cidade — acho que sim.

— Eu estou preocupado com você — eu tive que virar o rosto e encarar Nathan. Ficamos nos olhando por alguns minutos até ele abrir a boca e continuar: — conversei com Ian, e acho uma boa ideia você falar sobre tudo o que aconteceu hoje...

— Tudo bem — concordei.

— Eu tenho uma reunião em duas horas com o chefe do partido... — fez uma breve

pausa e desviou o olhar — não quero deixar você sozinha aqui. Eu queria adiar, mas é algo muito importante para manter a fachada de candidato...

— Entendo, Nathan — ele estava distante. Mas, o que será que tinha acontecido para ele ficar daquela forma?

— Elijah ficou contente em poder liberar a sua amiga para vir aqui — Nathan não tinha sentado ao meu lado. Na verdade, parecia desconfortável no seu próprio quarto e aquilo me incomodou.

— O que você tem? — atirei as palavras, fazendo ele se surpreender.

— Nada, Lizzie. — Lizzie? Tá, o meu nome saindo da boca dele já estava começando a me deixar irritada.

— Nada, Lizzie. — imitei o tom de voz dele — caralho! Diz logo o que você tem.

Ele finalmente andou até mim e se sentou ao meu lado, apoiando os cotovelos nas coxas sem olhar para mim.

— Vai chegar o dia — começou — em que você vai precisar ainda mais de força e coragem — como assim, ia chegar o dia... coragem... força? Do que ele estava falando? — e...

— E?

— E eu quero estar ao seu lado. Sempre.

— Nathan... olha para mim — pedi, segurando uma de suas mãos, mas ele não olhou. Sem pensar duas vezes, me levantei deixando o celular sobre a cama, ficando de frente para ele — meu amor... olha pra mim — murmurei com carinho e finalmente ele me olhou. Não me contive. Soltei a sua mão, levei as minhas até o seu rosto, segurando-o entre elas, me aproximando para provar da

boca dele, porém, ele segurou minhas mãos e se afastou um pouco. — Nathan, você não quer me beijar, é isso?

— Não é isso... — ele virou o rosto, olhando para o outro lado do quarto.

— Então, o que é? — perguntei magoada. No entanto, ele não me respondeu. Fiz a minha última tentativa, e se ele me rejeitasse novamente, eu manteria distância dele — o que houve?

— Nada — ele suspirou, mas não se afastou de mim — acho que devem ser os problemas, tirando um pouco o meu foco — disse por fim. Nathan se aproximou mais, tocando meu rosto com a ponta dos dedos, seguindo a linha do meu queixo e me olhando profundamente — me desculpe por isso. — como ficar pensando em mais alguma coisa, quando ele estava ali, tão lindo

e me olhando com amor? Se bem que, às vezes, Nathan mais parecia uma mulher com síndrome da TPM constante.

— Achei que queria um pouco de espaço quando se afastou — falei, enquanto sua mão quente ainda estava no meu rosto — achei que não queria me tocar...

— Isso nunca. — disse firme, com aquela voz rouca — tocar você é o que mais me faz feliz — então, por que ele tinha se afastado de mim daquela forma?

Antes que eu continuasse me questionando, senti sua boca tomar a minha em um beijo calmo e carinhoso, enquanto suas mãos seguravam meu rosto. Sua língua acariciava a minha e a minha a dele, em um ritmo lento, porém delicioso. Eu fechei os olhos, absorvendo cada momento, cada movimento e cada sensação que aquele beijo

me proporcionou.

— Promete que vai continuar me amando, mesmo que tudo pareça perdido? — pediu, quando se afastou um pouco, me forçando a abrir os olhos, encostando sua testa na minha e me olhando com aqueles olhos azuis perfeitos.

— Sempre vou te amar, Nathan — sussurrei apaixonada. — sempre.

— Te amo, Lizzie — a voz dele me pareceu tão sofrida — te amo como nunca amei ninguém — mesmo sentindo que ainda tinha algo estranho, fiquei feliz por ele me amar, por estar ali ao meu lado. — te amo mais que a minha própria vida.

Quando Nathan saiu, fiquei esperando Tati chegar. Seria muito bom ter um tempo com ela, já que era a minha única amiga.

Pensei em como minha vida tinha mudado e

em como a amizade com Matt tinha ficado diferente. E só em pensar nele, meu corpo reagia de um modo diferente... estranho. Ainda sentia os calafrios pelo meu corpo quando lembrava o beijo dele e as suas mãos segurando minha cintura quando me pegou à força na frente do prédio onde eu morava. Seria tão mais fácil se ele apenas fosse como o antigo Matt, que implicava com as minhas roupas e com o meu cabelo estilo palha de aço.

— A Mag estava falando sobre uma matéria, onde dizia que tomar água meia hora antes de comer algo pela manhã sem escovar os dentes, emagrece... e sabe, eu não acredito nisso, mas vou tentar... Liz, você está me escutando? — eu estava escutando. Bem, apenas o final da conversa.

— Desculpa, Tati. — pedi honestamente e

NACIONAIS - ACHERON

ela apenas deu de ombros e sorriu.

— Tudo bem — disse — você passou por muita coisa, então, acho que deve ser normal que fique voando assim.

— Que tal falarmos um pouco sobre você? — eu realmente queria saber sobre ela e como tinha sido sua noite com Elijah, depois que ele a levou da boate. O rosto dela ficou vermelho e sabia que estava com vergonha.

— Na verdade — começou um pouco nervosa — eu não lembro muito bem o que aconteceu, mas quando acordei estava deitada na cama dele...

— Ah! Claro... Cupcake gostoso! — não segurei a vontade de rir. Ao menos, ainda tinha uma boa lembrança daquela noite horrorosa.

— Me diz que eu não fiz nada

vergonhoso! — choramingou, escondendo o rosto com as mãos.

— Além do fato de você querer ser acrobata e ficar falando a cada meio segundo que queria provar do gosto dele... — gargalhei pela primeira vez, com vontade. — acho que nada mais.

— Ele não me disse nada. Como ele pôde?

— Ele ficou muito feliz em poder cuidar de você, Tati — vi o quanto ela ficou surpresa quando eu falei aquilo — na verdade, ele ficou rindo como um bobo quando eu disse que você tentava subir no tecido...

— Não era para você ter dito isso... — fez uma careta, ao mesmo tempo em que os seus ombros caíram e ela fechou os olhos — mas, pensando bem... Acho que foi a melhor noite

da minha vida... — suspirou — acordei com ele ao meu lado e a minha cabeça no seu ombro.

— Então, pense — ponderei — se você acordou com a cabeça no ombro dele, não rolou nada além de carinho... — ela me olhou por alguns segundos, entendendo o que tinha acontecido.

— Verdade, mas, ainda assim eu queria ter sentindo o beijo dele... de novo — esmoreceu e ficou triste.

— Eu tenho certeza que ele gosta muito de você — eu falei firme — a forma como ele te olhou foi tão linda. — quando dei por mim, Tati estava segurando minha mão direita, com os olhos arregalados.

— O. Que. É. Isso? — uma hora ou outra, todos iriam saber que Nathan tinha me dado um anel, eu apenas precisava explicar que

não era o que eles pensariam.

— Calma. — sorri, vendo-a mudar de cor, do vermelho para o branco e do branco para o quase transparente. — é apenas um anel de compromisso, ou noivado... ainda não decidi. Porém, ainda é muito cedo para casar.

— Ah! Deus do céu! — resmungou. — e eu achando que você estava grávida... — brincou. Seria impossível eu ficar grávida naquele momento.

— Não é para tanto e fico muito feliz em saber que você acha que ele apenas se casaria comigo se eu estivesse grávida. — fingi ficar ofendida e ela começou a rir. — e eu achando que era pela minha beleza ruiva...

— Ah! Vai saber né... Há louco para tudo nesse mundo. — se levantou indo em direção à janela — a vista é linda daqui, você não acha?

— Sem chance. — comecei a rir.

— Por que sem chance? Você e ele...
tipo... Deus! Ah! Você sabe...

— Claro que sim...

— Você anda tomando alguma coisa, ou
usa camisinha?

Droga! Merda! Merdinha! Merdão!

— Lizzie, você está roxa. — disse ela
alarmada, voltando a sentar ao meu lado.

— Roxa eu já sabia... — murmurei.

— O que foi?

— Não usamos nada...

— Mas que merda! Você não pensou que
poderia engravidar? — perguntou
preocupada. Na verdade, eu não me
preocupava com nada quando ele aparecia na
minha frente, e nem pensei que, mesmo ele
me mostrando exames, eu poderia
engravidar. Isso não poderia acontecer.

— Não foram tantas vezes assim — tentei me convencer que precisaria mais do que algumas trepadas com ele para poder engravidar.

— Bom, de qualquer forma, eu quero que você se cuide melhor. — era tão bom ver minha amiga cuidando de mim, que fez o meu coração a amar ainda mais.

— Eu vou. — prometi.

Quando Nathan chegasse, teríamos uma conversa séria sobre isso. Não seria bom para o nosso relacionamento ter um filho, ou uma filha, com os nossos mundos completamente bagunçados.

Capítulo 6



Já tinha anoitecido e eu esperava Nathan sentada no sofá da sala. Quando ele entrou, com a gravata frouxa e o cabelo bagunçado, percebi que o seu dia tinha sido muito ruim. Ele não tinha sorrido, ou mesmo esboçado qualquer reação de que estava bem.

— Nathan... — tentei perguntar, mas ele já estava segurando meu rosto entre suas mãos e me beijando.

Era um beijo de desespero, e eu poderia até estar imaginando, mas acho que tinha medo. Eu queria conversar com ele sobre um assunto que requeria mais da nossa atenção, no entanto, no momento em que ele me beijou, meu cérebro entrou em curto-circuito

e eu me esqueci até de respirar.

Nathan afastou as mãos do meu rosto e retirou o terno, jogando-o de lado. Ele não tocava em mim de maneira agressiva, ou bruta, mantinha o cuidado que sempre tivera comigo, porém, de um jeito diferente. Cheio de desejo e puro fogo. A respiração dele estava acelerada e um gemido rouco e profundo saiu da sua garganta enquanto tirava a camisa. O calor do seu corpo tomava conta do meu, me queimando por inteira. Eu sempre soube que era dele, mas nunca pensei que seria de uma forma tão intensão e tão cheia de tesão.

Quando ele se afastou, retirou o cinto da calça e depois a desabotoou, descendo o zíper e levando junto a cueca quando abaixou a calça por completo. E lá estava ele, lindo e completamente duro, parado na minha frente.

Isso era uma coisa da qual eu nunca me cansaria: vê-lo daquela forma, tão gloriosa e majestosa, com cara de fodedor, porém, ao mesmo tempo, de homem apaixonado. Ele não queria conversar, na verdade, a conversa que ele queria ter não incluía isso de diálogos. Apenas gemidos e palavrões faziam parte do que ele queria, e era o que eu queria também. Ter Nathan duro, crescendo e metendo cada vez mais fundo dentro de mim.

Não foi preciso ele pedir para que eu tirasse a roupa. Só aquele olhar profundo e completamente penetrante já me fez entender o que tinha que fazer. Tirei a minha roupa, ficando completamente nua.

— Hoje você vai aprender a cavalgar no meu pau... — Deus!!! Com aquela voz, aquele olhar e aquele pau gostoso parado bem na minha frente, é claro que eu ia

obedecer e ser uma boa aluna — vou ficar paradinho enquanto você me come com essa bocetinha apertada e gostosa. Entendeu? — não sei o que tinha acontecido com ele, porém, falando daquela maneira, eu deixei para perguntar depois que terminasse de comê-lo, e bem comido.

Nathan sentou no sofá, de frente para mim, e eu pude admirar ainda mais todo o seu corpo musculoso, sua pele perfeita e aquele sorrisinho safado, que eu tanto queria ver, no canto da sua boca.

— Está esperando o quê para brincar de cavalinho, meu doce?

Nathan estava segurando a base do seu membro com a mão direita, alisando, subindo e descendo em torno daquele monumento de dar água na boca. Ele estava bem à vontade sentado naquele sofá e nem parecia aquele

Nathan que tinha entrado tão carregado de preocupação.

— Vem me fazer feliz me fazendo gozar, enquanto faço você pedir mais de mim dentro de você — não pensei duas vezes.

Subi no sofá, ficando com as pernas abertas sobre o corpo de Nathan, que me olhava como se fosse me comer. Levou sua mão livre até a minha intimidade e arrastou o seu dedo indicador preguiçosamente no contorno, espalhando minha umidade, enquanto eu fechava os olhos e pendia a cabeça para trás. Seu dedo fez círculos firmes no meu clitóris, e escorregou lentamente pela minha entrada, até ser introduzido em mim, me fazendo gemer sem um pinga de vergonha na cara, já que isso — com ele —, eu nunca tive.

— Isso é que é uma visão maravilhosa...

— murmurou, e eu tive que voltar a olhar para ele.

— Nathan... — minhas pernas já estavam tremendo pela expectativa de tê-lo por completo em mim, me fodendo como só ele poderia fazer.

— Eu sou seu, meu doce — sua respiração estava tão alta quanto a minha — você é quem vai fazer todo o trabalho pesado... — e realmente, ele era pesado... — deixe de pensar muito e sente nele. Aproveite sem moderação.

Eu me agachei, segurando no encosto do sofá, me deixando levar pela sensação de ter ele.... Oh! Deus! Como era que um homem poderia ser tão gostoso daquela forma? Bem, se eu fosse pensar direito, apenas ele era daquela forma. Duvidava muito que existisse outro homem tão perfeito quando ele no

mundo. Mesmo escondendo tantos segredos, ele ainda era meu porto seguro. O homem de braços fortes, que me fazia sentir protegida e que era apenas meu e de mais ninguém. Perdida nesse pensamento eu me vi cavalgando como uma louca, gemendo, chamando seu nome, enquanto ele me olhava praticamente me venerando, como só ele sabia fazer. Ele não segurou meu corpo, me deixou livre para que eu mexesse o quadril, rebolando quando era necessário e voltando a subir e descer. Eu me sentia contrair em torno dele. E a cada gota de desejo que ia sendo acrescentada, eu contraía mais.

— Oh! Você é tão gostoso... — praticamente gritei, quando ele foi de encontro aos meus movimentos, elevando o seu quadril, enterrando mais fundo.

— Seu, meu doce — estocou novamente,

sem tocar no meu corpo. E isso estava me matando por dentro. Eu queria sentir seu toque nos meus seios... o calor da boca dele percorrer cada pedaço do meu corpo — seu...

— Meu... — gemi alto, implorando silenciosamente por seu toque. Meus olhos foram se fechando, novamente, para absorver tudo que ele tinha para me dar — me to... — não precisei terminar. Senti a sua boca no meu seio, chupando e lambendo enquanto estocava e gemia — eu vou...

— Gozar — ele terminou minha frase, se afastando apenas para olhar nos meus olhos quando voltei a olhar para ele — goza vai... goza bem gostoso, minha Jessi Rabbit do caralho... — aquele comando foi o suficiente para que eu explodisse e me desmanchasse, cavalgando no seu pau, sentindo ele se entregar, gozando forte com a estocada final.

Naquela noite não falamos mais nada, apenas subimos para o quarto. Eu estava esgotada e cansada. Não cansada apenas do sexo gostoso, mas de tudo. Parecia que o peso de tudo que tinha acontecido só surtiu efeito quando o corpo pesou e precisou recarregar as energias.

Bom, nada como uma noite de sono ferrado para melhorar meu corpo, mesmo que as minhas costelas ainda estivessem doloridas. Quando acordei, Nathan estava descoberto, completamente nu, com aquela bunda linda me chamando para apertar, mas não fiz mesmo que a tentação fosse grande. Não tinha se passado nem uma semana desde que tudo tinha me acontecido, e ainda assim, eu queria sair de casa e ir trabalhar. Queria voltar a fazer todas as coisas que eu fazia antes de tudo ser transformado em um borrão

de merda na minha vida. O mais estranho era que eu me sentia bem para voltar a ter a minha rotina. O sentimento de sujeira e corpo podre parecia não existir mais.

Nathan resmungou algo ainda dormindo, quando eu me levantei da cama e foi em direção ao banheiro. Queria tomar um banho, me arrumar e fazer algo útil. Útil não, algo produtivo, e isso incluía fazer pesquisas e digitar um texto enorme. Com certeza, todos da redação já estavam sabendo sobre o ocorrido e eu já previa uns olhares de “Coitadinha”, e “Ah! Ela não deveria ter passado por isso”, e mais um “Que crueldade fizeram com ela”. Porém, eu não queria que pensassem dessa forma. Eu já tinha padecido a minha carga de sofrimento o suficiente para o resto da vida e mesmo assim eu queria mudar a minha forma de pensar. Passei boa

parte da minha vida sem procurar ajuda, e enfim, eu encontrei. Com Nathan ao meu lado, nada mais importava. Com Nathan me desejando, mesmo depois de tudo, eu seria forte.

Nenhum homem iria tocar novamente no meu corpo daquela forma. Não mais. Se o desgraçado do vidro quebrado não tivesse aparecido no meu caminho e cortado meu pé, eu teria me defendido à altura e chutado as bolas daquele desgraçado, ou até mesmo castrado ele com a ponta do meu salto. Fiquei alguns segundos, acho que minutos, pensando em uma forma coerente de arrancar as bolas do homem que tinha me perseguido no beco escuro e frio. O pensamento de vingança percorreu todo o meu corpo com a imagem da ponta do meu salto sendo enfiada nas bolas dele e o sangue escorrendo por

entre suas pernas. Eu podia até ouvir os seus gritos e até senti um sorriso se formar no canto da minha boca.

Terminei meu banho ciente que o mundo precisava economizar água, e, se fosse depender da minha imaginação para sair daquele chuveiro, a água do mundo estaria acabada. Escovei meus dentes e sequei o cabelo com a toalha, indo logo em seguida para o closet, onde peguei uma calça jeans azul escura, uma blusa regata, meu conjunto de calcinha e sutiã e os vestindo apressada, sempre olhando se ele estava perto de acordar. Eu senti que a noite passada tinha sido bem pesada e talvez ele quisesse conversar sobre o que tinha acontecido quando acordasse e se sentisse bem melhor.

Corri do quarto para a cozinha preparar uma boa dose de café bem forte e algo para

comer quando ele acordasse. Coloquei a jarra com o suco de laranja fresquinho na mesa, junto com as panquecas e os ovos mexidos. Aproveitei para preparar algumas deliciosas torradas com recheio de geleia de morangos e outras com nutella. Se eu estivesse certa, ele já tinha sentido o cheiro da comida e a necessidade de repor energias. E eu esperei. Esperei mais um pouco, até que a pouca paciência que eu tinha foi embora e eu subi. Bom, eu não queria acordá-lo quando tinha fugido do quarto para preparar o café da manhã e pensar mais um pouco nas mil formas de se estourar um testículo, mas ele estava demorando muito para descer. Quando entrei no quarto ele já não estava mais na cama e o barulho da água do chuveiro anunciou que estava tomando banho. Segui até o banheiro e lá estava a visão perfeita de

um deus grego do pau grande tomando banho. Com certeza eu precisaria de um bom tempo para me acostumar com aquela maravilha de homem.

— Vai ficar só olhando ou vai me ajudar a tirar a espuma? — eu era tão previsível assim? Ou ele sempre esteve um passo à frente de tudo que eu pensava que sabia, ou até tentava entender? Mas é claro que sim. O homem era altamente treinado. Praticamente uma arma em forma de músculos e um corpo bem-dotado.

— Não vou ajudar você em nada, seu pervertido. — resmunguei, fingindo ficar chateada pelo fato dele ter me pego olhando-o. Eu era completamente louca por aquele homem e ele nem precisou se esforçar muito para entrar no meu coração.

— O que seria do mundo sem mim, meu

doce? Seria um mundo sem ar... — disse desligando o chuveiro, e saindo para pegar a toalha... e puta merda, ele estava completamente duro!

Só não entendia aquele sentimento de vergonha tomar conta do meu rosto, me fazendo sentir o sangue esquentar por todo o meu corpo. Logo eu, que já tinha provado o gosto que ele tinha de forma tão deliciosa.

— Você me olhando desse jeito não ajuda muito, sabia? — arqueou a sobrancelha para mim, tentando esconder o sorriso safado que se formava no canto da sua boca.

— Se ao menos tivesse a decência de se cobrir com algo, não me faria ter pensamentos obscenos e completamente devassos... — dei de ombros, querendo parecer indiferente com aquela situação, mesmo sabendo que olhando para ele nada

no mundo poderia ser indiferente.

— Vou me lembrar de perguntar depois quais são esses pensamentos, senhorita Radzimierski — disse ao enrolar a toalha na cintura e aquele volume ficar ainda mais chamativo.

Nathan se aproximou, segurou meu rosto entre as mãos e me beijou. Fechei os olhos e senti cada fibra do meu corpo reagir a ele. Ele me beijou completamente diferente da forma como tinha beijado na noite passada. Era algo mais carinhoso e cheio de paixão. Sua língua acariciando a minha e me fazendo querer ainda mais o calor da sua boca. Ele contornava meu lábio inferior com a ponta da língua e depois sugava e a enfiava na minha boca, sempre procurando a minha língua, e assim, todo o ar que existia em mim estava se extinguindo.

— Vou pedir de novo — se afastou um pouco para poder falar — se case comigo, meu doce....

— Nathan... — abri os olhos, fitando aquele rosto de traços fortes e completamente hipnotizante — você sabe que o que eu mais quero é ficar com você pelo resto da minha vida. Mas, eu quero... — ele colocou o dedo indicador nos meus lábios, me fazendo ficar em silêncio.

— Eu sei — resmungou, forçando um sorriso — eu sei. Chloe.... Investigação....

— Isso mesmo. — eu tentei sorrir, mas o meu sorriso saiu ainda mais forçado que o dele — preciso tirar a minha irmã daquele lugar, e tentar aproveitar um pouco o tempo ao lado dela.

— É o certo a ser feito — ele disse, beijando de leve meus lábios — mas não vou

desistir de perguntar todos os dias se você aceita se casar comigo.

— Lembre que você já conseguiu um talvez. Agora é apenas uma questão de tempo, até você conseguir um sim.

— Ah! Essa é a minha esperança. Nem que eu tenha que torturar você, usando o sexo como uma arma fundamental para obter o resultado desejado — sorriu, mas não foi um sorriso forçado como antes. Foi um sorriso largo... safado — senti o cheiro daqui... — se afastou mais um pouco, seguindo para o closet.

— Você estava dormindo...

— Pois é... — ouvi a sua voz enquanto ele se trocava — você pensou que eu estava dormindo, mas na verdade, fiquei quieto no meu canto, observando essa sua bunda maravilhosa quando foi tomar banho e

enquanto se trocava....

— Então, gostou? — provoquei.

— Ah! Você sabe... nada mal — brincou, dando de ombros.

Quando ele saiu do closet já estava devidamente vestido para matar... espera, que matar não caiu muito bem, pronto para caçar, seria o certo. Ele estava usando um lindo terno preto risca-de-giz, que eu tinha certeza ter sido feito sob medida para ele, e sapatos pretos brilhantes. Nathan seguiu para o enorme espelho e terminou de arrumar a gravata, me dando um incrível espetáculo de beleza masculina! Ele era uma delícia, todo coberto por aqueles pedaços de tecido e sem eles também.

— Adoro quando você me olha assim. Nunca vou me cansar disso.

— Tá! Pronto, parei. Isso é constrangedor,

sabia? — sentei na beira da cama cruzando os braços — você poderia fingir que não percebeu.

— Impossível, meu doce. — se virou, colocando as mãos nos bolsos da calça — como estou?

— Você sabe... — dei de ombros — nada mal. — soltei com uma boa dose de sarcasmo.

— Já sei que estou muito gostoso — riu, se aproximando e me beijando — bom, tenho uma reunião com o pessoal que vai “financiar” a minha campanha, e vou ter que deixar você por duas horas. Lucius vai ficar encarregado da sua segurança, caso deseje sair. Eu sei que deve ser um saco ficar trancada aqui. Então, se quiser, pode sair e fazer umas compras....

— Não vou sair para fazer compras —

fechei a cara — não com o seu dinheiro. Você já está me ajudando demais.... Eu vou trabalhar hoje... — eu podia sentir o chão começar a tremer, mas.... Que se fodesse. Eu não estava nem aí. Eu tinha que voltar a fazer o que eu mais gostava, que era trabalhar no The Poster.

— Você o quê?! — quase estourou meus tímpanos com o grito que deu — nem pensar. Elijah disse que você está de licença...

— Licença é o cacete! — falei alto, me levantando — Nathan, eu o amo mais do que a mim mesma, mas você não ouse me impedir de trabalhar. E não estou nem aí para o quão perigoso você é.... eu posso ser mais — franzi o cenho de maneira ameaçadora.

— Merda! Lizzie — resmungou, passando as mãos de modo exasperado no cabelo enquanto olhava para mim — não faz nem

uma semana que você passou...

— Eu sei. E não quero ficar aqui, ou em uma loja qualquer, tentando não pensar no que me aconteceu. Quero voltar a trabalhar, Nathan.

— Lucius... — ele começou, mas eu o interrompi.

— Entendi — suspirei pesadamente — vai ficar na minha cola.

— Seria muito azar nosso se algo de ruim acontecesse, de novo, com você — proferiu irritado.

— Não vai acontecer nada. — assegurei — até porque Lucius vai cuidar bem de mim.

— E aí dele se não cuidar — assim que ele falou me veio o pensamento sobre o que ele poderia ter feito com a mulher que fez a minha segurança na noite em que vi Nathan disparando contra a cabeça do homem.

Quando relembrei tudo, estremei.

— Não vamos discutir. Isso está acabando comigo....

— Você vai acabar me fazendo perder o juízo, meu doce.

— Café, Nathan... Vamos tomar café, que é bem melhor.

Capítulo 7



Foi estranho não ter Nathan ao meu lado quando o carro parou. Foi estranho eu não ter Gretha me olhando com um olhar de censura quando abria a porta e eu reclamava. Foi estranho ter Lucius abrindo a porta do carro e me seguindo como uma sombra. Não que eu não gostasse de Lucius, na verdade eu gostava do grandão. Entretanto, aquela sensação de ficar perto de homens estava ainda mais insuportável. Até cheguei a pensar que tinha sido uma péssima ideia voltar a trabalhar. Eu sabia que ele estava ali para me proteger e faria isso muito bem. Ele parecia entender de alguma forma o meu desconforto e mantinha uma distância bem

significativa de mim. E eu agradecia a Deus por ele perceber.

E lá estava eu na frente do The Poster, pronta para trabalhar. Não vesti minhas habituais roupas. Decidi usar uma saia preta, que ia até os joelhos e tinha uma cintura marcada, junto com uma blusa branca de mangas e um lindo... tênis. Eu poderia não ser a mulher mais bem-vestida do mundo, mas eu tinha tênis estilosos nos meus pés. Acho que salto alto, naquela situação, não cairia bem. Não quando o meu pé ainda não estava cicatrizado por completo. Quando passei pela recepção lotada todos se viraram para me olhar. Eu até que estava com a cara boa... quer dizer, eu não fiz questão de esconder os hematomas roxos e esverdeados que decoravam meu rosto e, para falar a verdade, não estava querendo me importar

com aquilo e também não queria que as pessoas me vissem como a “coitadinha”. Eu estava pronta para matar um leão, e esse leão era o meu medo. Não era hora de retroceder, e sim de erguer a cabeça e mostrar para o mundo que eu era capaz de enfrentar meus monstros.

— O que você pensa que está fazendo aqui? — pensando bem, um leão seria melhor do que enfrentar o meu chefe.

Virei-me, olhando para ele que estava visivelmente irritado com a minha presença. Elijah era do tipo bom moço, mas no tamanho de um lenhador, daqueles livros eróticos de banca... com direito a sorrisinho fofo e cativante misturado com uma beleza incrível. No entanto, isso era apenas uma máscara para esconder o lado Darth Vader que existia dentro dele.

— O que você acha? — não era porque ele era o meu chefe que eu baixava a cabeça para ele.

— Qual a parte do “você está de licença” não entrou na sua cabeça? — perguntou aborrecido.

— Lizzie... — a coisa mais linda e de bochechas rosadas saiu de detrás daquele homem enorme, por quem ela era apaixonada. Tati, com seus cabelos longos e loiros, em um vestidinho verde que combinava com os seus lindos olhos — o que você... — ela se calou, quando olhou para Elijah, que estava a ponto de explodir — Ah... — sussurrou, se afastando um pouco dele.

— Ah... mesmo — explodiu Elijah, chamando a atenção de todos. Como se isso fosse possível, já que eu tinha um letreiro

luminoso na testa “fui estuprada”, bem grande e chamativo — olha para você, ainda está toda roxa. Que merda Radzimierski!

— Eu... — quando abri a boca para falar, ele me olhou como se eu fosse um bicho de sete cabeças. — não posso ficar em casa, Elijah... então, eu resolvi trabalhar — quando terminei de falar o telefone dele tocou e irritado, o atendeu.

— Hunter — eu tinha certeza que ele estava procurando variadas formas de me queimar apenas com aquele olhar — mas... — soltou ríspido. — não acho isso certo... eu vou fazer isso. Pode deixar, eu cuido dela. Bem melhor do que você — desligou. Merdaaaa! Eu já tinha uma ideia de quem estava do outro lado da linha pela forma como ele falou.

— Nathan.

— Isso — confirmou. — você não vai mais ficar na sua mesa.

— Oi?

— Você é surda? — merda, duas vezes!
— agora você está sendo promovida. Ordens do Fox. Trate de ir direto para a sala que era...

— Era? — como assim? Eu tinha sido promovida? Isso não estava certo...

— Lizzie, converse com o seu namorado. Apenas concordei com ele e agora vou poder ficar de olho em você. Eu já estava pensando mesmo em promovê-la... Fox apenas adiantou os meus planos. — Ah! Deus... tinha como não gostar de Elijah? Claro que não. Desde o começo, ele sempre foi como um pai para mim, ou o mais próximo de um. Adorava brigar com ele, e adorava poder ter um chefe tão cuidadoso.

— Adoroooo.... — Tati soltou sem querer, escondendo o risinho mais lindo do mundo.

— Cupcake... — oi? Ele a tinha chamado de “Cupcake”? E aquilo no rosto dela era vergonha? — hoje você está livre para ficar com a Radzimierski. — A voz dele ficou tão doce com ela que até tive vontade de sair dali com o meu namorado, quase noivo.

Em todos os anos que trabalhei naquele jornal, nunca tinha visto ele tão derretido por uma mulher como estava por Tati. Apesar de estarem namorando, ele mantinha o profissionalismo e sabia que só a tinha chamado daquela forma porque estava na minha frente.

— Tudo bem. — ela disse olhando com carinho para ele.

— Já que você quer trabalhar, Radzimierski... — falou ao se virar — mova

essa bunda e comece agora mesmo. — e sumiu, indo em direção a sua sala.

—Tênis? — perguntou Tati, arqueando a sobancelha — e um Men In Black bem atrás de você?

— Pois é.... — suspirei — era isso ou ficar em casa olhando para o teto e pensando... — bom, eu não poderia dizer a ela que existia outra coisa com a qual eu tinha que me preocupar... ou seja, essa outra coisa era o fato do meu Nathan ser um agente secreto do caralho e uma máquina de matar.

— Então... — saltitou até ficar bem ao meu lado, passando o braço no meu e me puxando — vamos trabalhar. Tem uma matéria sobre um homem que está dormindo com a primeira dama... melhor, a mulher do prefeito — eu odiava ter que escrever sobre esse tipo de matéria, mais ainda quando não

envolvia coisas realmente importantes — e tem um texto sobre drogas, seus usuários e as famílias do Queens... — essa, no entanto, era uma matéria que me chamava atenção.

Quem sabe existisse algum informante no meio que me fizesse chegar um pouco mais perto de Isaäk? Porém, eu sabia que não poderia sair dali. Não quando eu tinha prometido a Nathan que ficaria quieta no meu canto. Lucius era tão silencioso que até chegava a ser invisível... Tati tagarelava sem parar e meus olhos varreram a redação, procurando Matt e ignorando os olhares e os rostos chorosos das pessoas.

Ele não estava lá.

— Liz, você não me ouviu! — resmungou Tati, fechando a porta da sala.

Eu tinha uma das minhas melhores lembranças de Nathan ali. Assim que nos

conhecemos e ele não sabia o que tinha me acontecido e nem o quanto nos apaixonaríamos um pelo outro. Nathan estava tão... gostoso com aquele terno azul-escuro e a camisa definindo seu abdômen... com aquela calça apertada e aquele ar de confiança e poder que só ele tinha. E a forma como ele tinha falado comigo... Ah! Como eu já sentia saudades daquele homem e da forma como ele me tratava.

— Desculpa — pedi, sorrindo sinceramente.

— Já sei quem é o culpado disso — ela foi até a cadeira, pegou uma revista como se fosse a coisa mais natural do mundo e disse: — ainda bem que eu já tenho o meu, caso contrário.... Você não teria chances — brincou, e eu tive que rir junto com ela.

— É — falei enquanto caminhava em
NACIONAIS - ACHERON

direção à enorme janela de vidro que dava para apreciar a vista da minha amada Nova Iorque — ele mudou a minha vida.

— Deu para perceber — eu sabia o quanto ele tinha mudado a minha vida. O fato era que eu não poderia contar tudo a Tati, mesmo que isso me fizesse sentir culpa. O assunto era bem mais sério do que uma fofoca de escritório ou uma simples conversa sendo jogada fora.

— Ele é o motivo pelo qual ainda estou de pé... — ele e a minha irmã, Chloe.

— É bom saber que você gosta dele — senti tanto carinho em sua voz que, com apenas aquele gesto, Tati fez o meu dia ficar ainda melhor.

— Acho que é mais que isso, Tati — sorri para ela ao me virar — acho que o amo mais do que poderia amar uma pessoa na terra. Ele

é....

— Gostoso — brincou, gargalhando logo em seguida — Ah! O cara é surreal de tão gostoso que é.... é óbvio que você tem que amar.

— Droga! — entrei na brincadeira — eu sabia que ele tinha um defeito... só não sabia que era esse.

Passamos uma parte da manhã analisando os textos, revisando e separando os melhores. Tati sabia da minha aversão à comida japonesa ou chinesa, por isso, quando saiu para comprar o almoço, ficou decidido que seria salada com frango. Por causa do grande volume de trabalho ficaríamos presas na minha sala. Fiquei tanto tempo avaliando textos que já estava enxergando as letras duplicadas. Minha atenção apenas foi desviada pelo meu celular, que vibrou

indicando que havia chegado mensagem.

“Espero que o seu dia esteja melhor que o meu, meu doce”.

Quase desequilibrei da cadeira quando olhei a mensagem no celular, apenas imaginando a voz dele me chamando de “Meu doce”.

“Não tanto quanto eu imaginava. Estando longe de você, tudo perde a cor, meu gostoso”.

Sorri quando o celular vibrou, mostrando que tinha chegado outra mensagem dele.

“Hum... Gostoso?”.

Como ele conseguia fazer com que o meu corpo ficasse todo aceso com apenas aquela insinuação na mensagem?

“Sim. Meu delicioso Nathan Fox”.

Esperei.

“Não faz isso mulher! Ou eu vou aí, trepo

com você para todos escutarem os seus gemidos e depois você gritando meu nome!”.

Aquilo eu queria. Queria Nathan e suas mãos quentes, me apertando, sugando e.... Que homem dos infernos! Em pleno horário de trabalho eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse ele.

“Ah! Se você tivesse toda essa coragem... :)!”.

— Não me diga que vocês estão fazendo sexo... — Tati entrou na sala segurando as sacolas do nosso almoço — por mensagens. O nível de safadeza está bem alto entre vocês.

— Não.... Claro que não — dei de ombros, pegando a sacola com o meu almoço.

— Amiga... — balançou a cabeça, segurando o sorriso — você está com a cara

mais safada do mundo...

— Sabe de uma coisa — eu disse dando uma garfada na salada e levando até a boca — vamos terminar isso e voltar ao trabalho.

Infelizmente, eu tive que esperar até seis horas da tarde para poder pegar meu celular. Achei estranho não ter nenhuma mensagem de Nathan rebatendo aquela provocação, mas achei melhor seguir para casa e esperar por ele. Lucius e eu já estávamos no estacionamento do jornal, e por falta de notícias de Nathan, a única pessoa que poderia me fornecer tal coisa seria Lucius, mesmo sentindo desconforto em ficar perto dele.... Na verdade, esse desconforto tinha tomado conta de mim todas as vezes que um homem, que não fosse Nathan, se aproximava de mim.

— Lucius... — olhei para o enorme
NACIONAIS - ACHERON

segurança que mantinha a distância necessária de mim— Nathan deu algum sinal de vida?

— Sim, senhorita Radzimierski — ele não queria me dar mais nada, falando daquela forma, mas eu sou Lizzie Radzimierski e quando quero algo, eu consigo.

— E o que mais, Lucius? — franzi os olhos de maneira ameaçadora — ou me diz, ou... apronto alguma coisa, da qual ele não vai gostar nem um pouco — e pela primeira vez, eu vi um largo sorriso naquele homem, que daria medo em qualquer outra pessoa.

— Eu sei que sim, senhorita — o tom debochado dele também me fez achar graça no que eu tinha acabado de falar.

— Ah! Qual é Lucius... — arqueei a sobrancelha para ele — você pode falar mais do que “sim, senhorita Radzimierski” e me

falar exatamente o que ele disse?

— Que era para eu ser a sua sombra e não deixar você fora do meu campo de visão.

— E?

— Não estou entendendo, senhorita — Ah! Paizinho do céu. Acho que Lucius pensava que era algum tipo de retardada. Nathan estava aprontando alguma coisa.

— Lucius — eu comecei, mostrando o quanto a minha paciência era infinita — eu sei que você é um homem muito inteligente, então, não insulte a minha. Nathan falou com você hoje à tarde. Se ele não falou comigo, então...

— Meu doce... — aquela voz era tudo o que eu queria escutar. Virei-me, vi Nathan ao lado do carro e Gretha com um olhar cuidadoso para mim. Acho que ela também se sentia culpada pelo que tinha me

acontecido — Lucius, você pode seguir para casa, ou tire a noite de folga, se quiser.

— Obrigado, senhor Fox — a voz daquele homem era de dar medo mesmo. Lucius sumiu em segundos, como a sombra que era.

— Oi, Lizzie — sorriu Gretha, e senti o quanto ela me fez falta, mesmo que não fossemos melhores amigas. E o que fiz logo em seguida não estava sendo planejado na minha cabeça. Foi puro instinto.

— Senti sua falta — disse a ela, enquanto a abraçava. Se ela ficou surpresa eu também fiquei com aquela minha atitude.

— Me desculpe por... — eu me afastei dela, dando o melhor sorriso que poderia dar.

— Não precisa pedir desculpas. Você não tinha como prever o que ia me acontecer.

— Nathan me falou que essa seria a sua reação quando eu me desculpasse — como

Nathan poderia saber? Será que ele me conhece tão bem?

— Bom — disse Nathan se colocando ao meu lado e me puxando pela cintura. Como eu tinha sentido falta daquele toque... O mais estranho era que o meu corpo pedia cada vez mais pelo toque... pelo gosto...pelo cheiro de Nathan — hoje, temos uma surpresa para você...

— Espero que goste, Lizzie — falou Gretha, abrindo a porta do carro para que eu e Nathan entrássemos; sorri, mesmo não gostando que ela fizesse isso — juro por Deus que chuto essa sua bunda branca se não entrar agora mesmo nesse carro. — ela estava linda. Aliás, ela sempre estava estonteante, mesmo vestindo aquele terno preto horroroso.

— Pedindo com tanto carinho assim,

quem é que resiste a essa doçura de pessoa que é você — brinquei e vi o quanto Nathan estava feliz, muito diferente do homem que tinha me possuído na sala, como se estivesse me pedindo algo a mais...

— Foi o que eu imaginei. — ela disse ao fechar a porta e dar a volta no carro, entrando e tomando o seu lugar como motorista.

— Senti sua falta. — eu falei quando olhei para Nathan, que estava me olhando com aquele olhar profundo e intenso.

— Eu também senti a sua. — ele se aproximou, segurando meu rosto entre suas mãos e me beijou carinhosamente; ainda assim conseguiu tirar de mim um gemido de puro desejo por aquele homem — bem mais do que você possa imaginar. — terminou de falar, quando se afastou.

— Chegaremos ao local em dez minutos.

— informou Gretha enquanto entrava em uma rua movimentada.

— Aonde vamos? — perguntei curiosa. Não que eu não gostasse de surpresas, mas era bom ter uma ideia do que seria.

— Surpresa. — disse ele apenas, e se acomodou ao meu lado, colocando a mão na minha e entrelaçando nossos dedos.

A cidade estava linda, apesar do clima não ajudar muito às vezes. Sempre gostei de Nova Iorque e do que ela me proporcionou. Olhando pela janela do carro, percebi que não existia outro lugar no meu coração que não fosse aquela cidade maravilhosa. Quando comecei a reconhecer o conjunto habitacional do Queens, onde eu havia crescido e passado boa parte da minha vida, senti meus olhos se arregalarem. Sete anos passados e nada tinha mudado. Nada naquele lugar mostrava

qualquer sinal de evolução, ou era eu que não queria estar ali. O mesmo conjunto de apartamentos pintados de branco onde eu tinha passado boa parte da minha vida, sofrendo abusos e apanhando. Do mesmo lugar onde eu tinha fugido e deixado a minha irmã para trás. Eu queria pedir para Gretha dar meia volta e nos tirar dali, mas por fim, eu entendi qual era a surpresa que Nathan queria fazer, ou parte dela...

— Pare aqui na esquina — pediu a Gretha e ela fez, mas, ainda assim, chamávamos atenção por causa do Jaguar.

— Vamos entrar lá? — a aflição na minha voz mostrava que, mesmo ao lado dele, a minha insegurança ainda existia, e ao mesmo tempo eu lutava querendo ter forças para seguir em frente, por causa de Chloe.

— Apenas se essa for a sua vontade —

falou Nathan, segurando a minha mão com força — eu queria mostrar algo a você. Algo além de fotos e relatórios... Chloe.

— Chloe... — fiquei mais atenta e desviei o olhar, olhando para o lado de fora.

— Ela vai passar por aquela esquina — ele apontou para o outro lado da rua — em cinco minutos...

— Como... — eu ia perguntar, mas seria estúpido da minha parte indagar como ele sabia daquilo.

— Chloe sempre passa por ali quando volta da aula de dança — ela dançava? Como eu não me lembrava daquela informação? Acho que eu estava tão emocionada que não prestei atenção em outra coisa que não fosse apenas a sua foto — e ele...

— Theodor — ele confirmou, e um ódio fez o meu corpo todo tremer.

— Sempre aparece na porta e...

— “E” o que Nathan? — perguntei, voltando a olhar para ele.

— Ele a agride constantemente, Lizzie — Deus! Aquele porco encostava aquelas mãos imundas na minha irmã? Uma vontade estranha de matá-lo substituiu a raiva e foi a sensação mais intrigante que me passou pela cabeça. Eu já tinha imaginado várias formas de matar Theodor, mas aquela que me veio à mente não chegou nem perto do nível das outras.

— Lizzie, ela está apontando na esquina nesse exato momento — avisou Gretha, e minha atenção se voltou por completo para aquela menina que tinha já corpo de mulher. Chloe era alta e de curvas singelas. A loira de cabelos cacheados, que não tinha os olhos verdes como os meus, mas castanhos escuros

e nem sardas no rosto como as minhas.

A sua beleza era incrível. Éramos bem parecidas, mas sua beleza era única e magnética. Chloe usava uma calça preta larga, de dança, e uma blusa azul-marinho. Tinha em seu ombro esquerdo uma mochila e nela estava pendurado um par de sapatilhas. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e cumprimentava com um lindo sorriso cada pessoa que encontrava no caminho, até que a visão dos infernos apareceu na entrada do prédio onde passei boa parte da minha vida, e o seu rosto assumir uma carranca de raiva, deixando seu rosto distorcido.

— Se ele encostar um dedo sequer nela... eu saio e pego a primeira barra de ferro que encontrar no meio do caminho e mato ele — não olhei para Nathan, mas sabia que ele

estava me observando. Para felicidade de Theodor, ele não encostou em nenhum fio de cabelo de Chloe, mas falou algo que a fez olhar duramente para ele, e rebater.

— Estou tomando algumas providências quanto às agressões que ela vem sofrendo, mas a sua mãe... — ele fez uma longa pausa, enquanto eu observava de longe a minha irmã discutindo com aquele monstro.

— O que tem aquela... — não valia a pena falar o que eu achava dela e nem o seu nome.

— Sua mãe voltou a se prostituir. — aquela revelação foi um balde de água fria.

Eu achava que minha mãe deixara aquela vida nas ruas depois do casamento com Theodor, já que foi por causa dela que ele abusava de mim. E com o consentimento de minha mãe. A raiva que nutria por ele se tornou maior naquele momento. Eu tinha

ódio. Ódio dos dois. Se ela tivesse sido uma boa mãe, mesmo sendo uma prostituta, teria querido o melhor para mim, me incentivando sempre a buscar o melhor para minha vida. Talvez, se seu coração fosse humano, ela pensaria assim.

Aquilo não era minha mãe.

Eu tinha sido gerada por um protótipo de mulher, que achou que seria legal ser mãe e colocar uma filha no mundo para sofrer. Não isentava meu pai disso, pois ele também tinha culpa sobre tudo o que me aconteceu, contudo, minha mãe superava qualquer coisa que ele pudesse ter imaginado.

Senhor Marcus Karzus Radzimierski não fazia parte do que tinha me acontecido. Ele apenas tinha ido embora e me deixado com aquela mulher desprezível, que era dona Salomé Dickson.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 8



Não seria o momento certo para tirar Chloe daquele lugar. Nathan apenas tinha me levado para reforçar a vontade de seguir em frente, e, por outro lado me fazer aceitar novamente o seu pedido de casamento. Não que eu não o amasse, pois eu o amava mais que a minha própria vida e seria capaz de qualquer coisa por aquele homem que fez a minha vida mudar da água para o vinho. Eu sentia que existia algo estranho dentro de mim e que esse ‘algo estranho’ iria me consumir. Existia aquele sentimento diferente querendo se apoderar do meu corpo e da minha mente, como se eu estivesse sendo possuída por um demônio ou algo pior.

Aquela vontade... aquele desejo que me consumiu quando olhei para Theodor não era de prazer. Não existia a mínima possibilidade de sentir alguma coisa boa por aquele homem desprezível e nojento. Nunca senti uma raiva desse nível por uma pessoa como eu sentia por Theodor. Nem pelo homem que havia me estuprado em um beco escuro e me esmurrado até que eu perdesse completamente a consciência.

— Lizzie — a voz de Ian tomou conta da minha mente quando ele saiu novamente da sua sala — podemos conversar antes de você ir embora?

Eu sabia que Ian era um agente treinado para observar e reconhecer o comportamento de seu oponente apenas analisando o jeito de olhar, de falar e até mesmo de respirar. Ele sabia tudo sobre mim e mesmo que eu não

tivesse revelado que algo estava errado comigo, ele enxergava minha alma através daqueles profundos olhos castanhos amarelados. Tinha certeza que Gretha sabia que o seu marido enxergava tudo a sua volta e ela não precisava se preocupar com ele além do normal.

— Claro — falei sem entender. O desconforto por estar perto de Ian fazia meu corpo a cada segundo ficar em alerta, apesar de sentir que ele estava ali para me ajudar.

— Conte para Nathan — o que ele queria dizer com isso? — isso pode destruir vocês dois, e eu nunca o vi tão feliz e tão perturbado por uma mulher. Nem quando... — ele pensou um pouco e calou-se.

— Nem quando...? — arqueei a sobrancelha para ele, questionando o que mais poderia ter naquela frase inacabada.

— Apenas converse com ele — Deus! É obvio que Ian sabia o que se passava.

— Sobre o que vocês estão falando? — a voz de Nathan percorreu meu corpo e fez o meu coração acelerar. Ele não poderia saber. Não quando existiam tantas outras coisas para ele se preocupar.

— Sobre como a senhorita Radzimierski é um milagre — Ian retirou os óculos e o limpou, mantendo o mesmo ar profissional de sempre, sem deixar transparecer que percebera a existência de algo errado comigo. Ainda assim, Nathan não poderia saber do crescimento daquele desejo em minha mente.

— Você conseguiu convencê-la a se casar comigo? — Nathan parecia sério com aquela sua pergunta, e isso fez com que Ian esboçasse um sorriso enigmático antes de responder.

— Eu não sou pago para coagir a sua namorada a tentar se matar, Nathan — o sorriso de Ian se espalhou pelo rosto, mostrando todos os dentes perfeitos, claramente se divertindo com o sofrimento de Nathan — e ela vai aceitar, quando quiser aceitar — agora eu entendia o motivo de Gretha ter casado com Ian.

Ela era uma mulher decidida e ele um homem que sabia muito bem o que queria. O casamento dos dois parecia baseado no fato de que apenas ela compreendia o funcionamento da cabeça de Ian, o que o fazia considerá-la seu par perfeito.

Eu sabia, em parte, como funcionava a cabeça de Nathan. E mesmo sentindo que existia algo mais a ser dito, eu precisava buscar a mesma confiança que Ian e Gretha demonstravam como casal. Mesmo eu

escondendo algo de Nathan. Mas, a quem queríamos enganar? Estávamos completamente perdidos em segredos e outras coisas que faziam o nosso relacionamento parecer mais um campo de guerra, com minas espalhadas estrategicamente para, quando pisássemos em cima, tudo explodisse, fazendo a nossa vida voltar a ser arruinada novamente.

— Não vamos entrar em detalhes — disse Nathan irritado com o sarcasmo de Ian, que ainda estava se divertindo com a cara feia que ele fazia — vamos, meu doce — Nathan estendeu a mão para mim e eu a peguei, segurando firme. O toque dele era diferente de tudo que eu já sentira.

Ele era a única pessoa que me fazia esquecer que ainda tinha uma vida de merda para resolver. Minha vontade era de gritar

um belo “Caralho!”, seguido de outros palavrões cheios de um poder libertador. Já que um bom palavrão bem gritado liberta a alma. Durante os anos em que trabalhei no The Poster, tentei ser a mulher mais civilizada possível, mudando o famoso “vai tomar no cu”, por um menos agressivo “vai tomar no orifício circular traseiro”, e com Nathan ao meu lado, a mulher civilizada aparecia de uma maneira tão natural e harmônica, que mesmo sentindo isso, pressentia que seria meu maior pesadelo quando essa mulher civilizada fosse morta pela que queria se libertar e mostrar o lado negro adormecido, que tinha acabado de acordar.

— Algo diferente hoje na consulta? — eu sabia que Ian não falaria para Nathan o que tinha se passado na consulta, e que Nathan

era profissional demais para invadir o sistema e tentar encontrar algo que lhe desse a resposta para aquela pergunta. O pior foi ter que mentir para ele com a cara mais descarada que existia na face da terra.

— Nada — ele sabia que eu estava mentindo, mesmo assim ficou calado e virou o seu lindo rosto para olhar pela janela do carro, vendo a cidade de Nova Iorque a pleno vapor.

As pessoas lá fora não sabiam que ele estava a serviço delas. Não com o que ele realmente trabalhava. Meu coração ficou em pedaços quando ele não voltou a segurar a minha mão durante o trajeto de volta para o seu apartamento. Não falou comigo quando entrou no elevador, e, apesar de não ter me tratado mal, tinha me ignorado desde o momento em que a palavra “Nada” saiu da

minha boca.

Inspirei quando subimos para o quarto e ele ficou pelado bem na minha frente, e respirei quando ele se virou me dando a bela visão das suas costas musculosas e da sua bunda perfeita. O pior foi ter que ficar olhando com água na boca e não poder ir com ele para o banheiro, já que ele não tinha soltado nem um resmungo desde que tínhamos chegado.

Ele estava me maltratando.

Eu sabia que estava errada em guardar segredos... Espera! Porra! Eu não tinha que contar tudo a ele, já que nem ele me contava tudo. Nathan era um agente treinado e ainda assim era um homem que escondia segredos. E homens não sabem segurar a onda quando estão escondendo algo. Ele tinha um jeitão de supermacho alfa que eu adorava e também

aquele poder de sedução misturado com um mar de luxúria disfarçada de gentileza que fazia dele uma arma fatal. Estava usando o seu corpo gostoso e esculpido para tentar me castigar por algo que ele também estava fazendo. Assim, nosso relacionamento estava rodando em círculos e parando no mesmo ponto inicial. Nathan tinha segredos e não ia me contar. Eu descobria um segredo e tentava assimilar, ou sintetizar as informações, e logo depois Nathan aparecia com outra bomba estourando bem na minha cabeça.

Polônio. Se Nathan fosse definido por uma substância letal essa seria a que combinaria com ele. Ele entra no seu corpo e lentamente mata cada célula, e nem precisa de uma dose muito grande, basta um pouco para ser letal. Eu já entendia como as coisas

com ele iriam funcionar depois que me revelou ser o que era. Seria difícil e ficaria cada vez mais complexo o nosso relacionamento.

Quando ele saiu do banheiro foi que eu senti o peso do veneno percorrer meu corpo. O desgraçado dos quintos dos infernos estava espetacular e sem toalha. Se aquilo não era tortura não sei mais o que pensar. As minhas costelas estavam começando a ficar melhores e o que não ficava bom era o meu pulmão queimando todas as vezes que eu inspirava e respirava o cheiro do corpo daquele homem. Despreocupado, ele seguiu até o closet e vestiu sua calça de moletom preta, e notei que não tinha nada além do tecido da calça cobrindo seu... Aquele... Deus! Que inferno!

— Algum problema, meu doce? — eu me sentia órfã sem o som da voz dele, e quase

derreti quando o som grave e profundo entrou na minha cabeça com aquela pergunta.

— Desgraçado... — resmunguei, pisando duro em direção à janela do quarto, que tinha uma vista quase panorâmica da cidade.

— Você vai me falar a verdade? — não dava para acreditar que logo ele estava me fazendo aquela pergunta e isso me deixou ainda mais irritada. Porém, o poder de Deus foi maior e fiquei em silêncio. Caso contrário, eu teria voado em cima dele e o estrangulado sem remorso.

Em questão de segundos ele estava ao meu lado, arrastando o seu dedo pelo meu braço e fazendo com que o meu corpo traidor me entregasse de bandeja para ele. A pior coisa do mundo é você ser dependente de algo, pois o vício tortura você, te consome por dentro e a abstinência toma conta da sua

alma. Esse era o meu caso e nem precisou de muito tempo longe da minha droga.

Fechei os olhos, me afastei dele e isso fez o meu corpo todo tremer.

— Estou cansada Nathan. — se eu olhasse para ele não aguentaria e voltaria para receber o seu toque — eu vou tomar um banho e não precisa me esperar para dormir.

Pude ouvir o som dos ossos das mãos de Nathan estralando quando ele as fechou com força, deu meia volta sem falar nada e seguiu para cama. Fui para o banheiro, fechei a porta e me sentei na borda da banheira, chorando. Existiam muitas coisas erradas e uma dessas era eu. Sempre tinha que ser eu a esquisita? Ou um ímã para coisas ruins?



Eu achava que o meu dia não poderia piorar quando cheguei ao trabalho. Lucius ficou onde sempre ficava, enquanto eu já tinha dado início às revisões dos textos e verificava se havia algo novo nas pesquisas sobre Isaäk quando escutei a voz dele. Nathan parecia furioso quando entrou na sala que era dele. O seu rosto estava lívido e tinha uma fina linha rígida em seu maxilar quando fechou a porta e as persianas. Merda!

Não tínhamos falado muito naquela noite e ele estava muito apressado pela manhã, quando saiu com Gretha para uma reunião com os assessores da sua campanha. Nos jornais não se falava em outra coisa: Nathan e sua namorada fora de moda e a sua meteórica subida ao sucesso como político, que eu sabia ser parte de um plano. Ele tinha os ombros tensos e uma postura rígida. Ele

estava quinze pontos à frente do seu opositor e isso não era apenas um feito, já que Jeremy Collins era o favorito até Nathan G. Fox aparecer em seu caminho.

Meu todo poderoso estava segurando em sua mão um monte de papéis e me olhando furioso, mas não da maneira que tinha olhado para aquele homem quando, sem a menor misericórdia, atirou em sua cabeça, espalhando massa encefálica para todos os lados. Eu sabia que ele poderia tentar me intimidar, no entanto, mesmo sendo o que era eu não tinha medo. E é claro que isso era pura burrice minha. Fazer o quê, se ele era gostoso até de mau humor?

— Você pode me explicar o que é isso?
— ele chegou mais perto da mesa, jogando os papéis em cima dos textos que eu estava revisando.

— Como eu posso explicar algo que nem sei o que é? — arqueei a sobrancelha, desafiando. Aquele homem enorme que eu amava estava visivelmente fora de si.

— Lizzie Radzimerski, não teste a minha paciência. — esbravejou, mas sem mudar a postura. O rosto dele ficava cada vez mais lívido e vermelho à medida que os seus olhos se arregalavam.

— Lizzie Radzimerski? Sabia que esse é meu nome, senhor Fox? — eu estava provocando. Na verdade, eu estava com muitas saudades de provocá-lo, mesmo que minha cabeça fosse rolar pela sala.

— Eu sei o que você está querendo fazer, meu doce. Mas não vai conseguir. Não é hoje que você conseguiu me tirar de uma reunião muito importante por estar fazendo merda...

— a voz dele saiu mais calma e isso não era

um bom sinal. Jesus Cristinho! Eu estava muito ferrada, mas e daí...

— Não sei do que você está falando... — disse ao me levantar para pegar a pasta com os arquivos da próxima matéria.

— Eu sei que você é muito esperta, esse foi um dos motivos que me fez ficar louco por você... — ele fez uma longa pausa, e eu já estava novamente me sentando e folheando os papéis da pasta, deixando de lado os dele — Lizzie, que diabos você vai fazer querendo pegar Markov? — Puta que pariu! Fodeu tudo..., mas é claro que ele iria saber. Eu apenas achei que isso demoraria um pouco mais, mesmo ele sendo o agente “pica das galáxias” do governo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 9



Não tinha como fugir dele, e pior, ele nem me deixaria pensar em tentar algo do tipo. O homem parado na minha frente fitava meus olhos com tanta profundidade que parecia ler a minha alma. Lentamente, observei ele abrir os dois botões do terno e sentar na cadeira em minha frente, cruzando as pernas. Seu rosto tinha assumido um semblante mais sereno, que eu tinha percebido ser uma tática dele para esconder o que realmente se passava em sua mente. Até que eu pegava as coisas rápido.... Eu não comia capim e sabia que tudo tendia a ficar mais difícil naquele momento.

— Nathan — a minha voz saiu estranha

quando comecei a falar. Parecia que eu estava tentando acalmar um animal — mantenha a calma...

— Olhe para mim, eu estou gritando com você? — droga! Aquele tom de voz cínico matava qualquer pessoa. E quando ele abriu um sorriso, que mais pareceu uma careta, eu entendi que vinha chumbo grosso — eu apenas quero saber o que a minha namorada, com a qual eu quero passar o resto da minha vida, anda fazendo cutucando e perguntando sobre Isaäk Markov.

— Meu gato — tentei parecer calma, mas estava falhando terrivelmente — eu sou uma jornalista “investigativa”. Se você não lembra, faço questão de relembrá-lo disso.

— Você quer morrer, ou melhor dizendo... Você quer ser morta? — o sorriso cínico dele desapareceu completamente,

dando espaço para um rosto sério e um olhar duro na minha direção — quer ser picada em vários pedacinhos e depois jogada no mar, meu doce? — ele era bom, mas eu sabia que não estava mostrando nem um por cento do seu poder de persuasão sobre o assunto em questão, o que me deixou ainda mais em alerta.

— Meu amor — respirei profundamente — me responda, se tirassem de você o que mais gosta de fazer, o que aconteceria? — ele não piscou e nem esperou para responder.

— Passaria por cima de tudo e de todos. — como ele conseguia ser tão tentador com aquela voz grave, mesmo no meio de uma discussão? — Mas... — eu sabia que viria um “mas” ou um “porém” ou um “entretanto”... — eu sou treinado para passar por cima dos outros, meu doce, — exibido.

Ele tinha que jogar na minha cara que era muito bem treinado e uma arma mortal? Frustrante! — eliminar pessoas como Markov é o meu trabalho. Se você expor um homem como ele na mídia... você não vai saber se defender.

— Eu sei me defender, Nathan — rebati fechando a cara para ele.

— Minha Jessi Rabbit — os ombros dele relaxaram visivelmente antes de abrir a boca — sabemos onde isso pode levar...

— Olha, eu sei que pode parecer que não sei me defender... — baixei a cabeça, olhando para minhas mãos — mas eu sei. Sempre soube me defender, e o que aconteceu naquela noite foi uma desgraça do destino. E se não tivesse cortado o pé, o cara precisaria de um bom dentista, um urologista e um excelente cirurgião plástico para

consertar o estrago.

— Liz... — Nathan se levantou da cadeira e foi até a janela, ficando de costas para mim e passando as mãos no cabelo, deixando-o completamente bagunçado — eu sei que você fez a porra de um curso de autodefesa e sabe correr, saltar e o caralho a quatro. Mas, o que você não sabe é que nisso em que você está se metendo não permite espaço para erros. Não estou duvidando do seu potencial de destruição... — ele fez outra pausa demorada antes de continuar — eu mesmo já fui vítima do peso da sua mão, mas eu não quero ter que matar mais duzentas pessoas para poder vingar a sua morte.

— Você não vai precisar fazer isso, meu amor — me levantei indo até ele e ficando ao seu lado, olhando em direção à cidade — você apenas precisa entender que isso é mais

forte do que eu. Isso é o que eu sou, assim como o que você faz é o que você é.

— Acho que você não entendeu — ele virou-se para me olhar e nesse momento senti o peso do seu olhar sobre o meu corpo — eu não sou isso. Não mais. Eu... Eu sou o que você quiser que eu seja.

— Assim você faz com que eu me sinta culpada, Nathan. — suspirei. — Você nunca joga limpo, não é?

— Isso não é um jogo, meu doce — sorriu, mostrando o quanto ele era encantador — isso é uma corrida contra o tempo. E acho que eu... — apontou para si, com seu dedo indicador — estou ganhando. — ele estava cada vez mais próximo de mim e eu sentia falta do perfume, da boca, do corpo e das mãos dele no meu corpo.

Ele sabia que tinha esse poder sobre mim

e estava usando isso para me torturar novamente. Quando suas mãos grandes, fortes e macias tocaram meu rosto, eu gemi miseravelmente com apenas o calor dele no meu rosto. Nathan segurou meu rosto com uma das mãos e me puxou para junto de si enquanto segurava minha cintura com a outra.

— Sabe o quanto é difícil me segurar perto de você? — o seu rosto aos poucos foi se aproximando do meu — Sabe o quanto é difícil me manter parado, vendo você querer se matar?

— Nathan... — eu estava ofegante e inebriada com toda aquela energia que vinha dele.

— Você não tem a mínima ideia do quanto eu preciso me segurar para não agarrar você agora mesmo, e.... — sua boca

já estava pairando sobre a minha, enquanto eu sentia seu hálito delicioso — trepar com você até prometer que vai parar com o que está fazendo... — tarde demais. Sua boca atacou a minha em um beijo que poderia acabar comigo.

Um beijo não apenas quente, mas avassalador e que fez com que as minhas pernas tremessem. Sua mão ainda estava na minha cintura, me apertando junto ao seu corpo e a mão que estava no meu rosto foi parar em minha nuca, intensificando o beijo. Em outros tempos, apenas o toque de um homem faria minhas carnes tremerem, porém não de desejo e sim de medo. Mas, com Nathan me segurando daquela forma, a única coisa que eu senti foi segurança. Ainda me segurando, ele me levou até a beira da mesa; soltou a minha cintura, e com a mão livre

afastou os papéis e objetos que tinha pelo meio do caminho, voltou a colocar a mão na minha cintura, começando a subi-la até chegar aos botões da blusa, desabotoando-a lentamente enquanto afastava as minhas pernas com as suas, levantando a minha saia até o meio das minhas coxas com a mão que estava na minha nuca.

— Nathan — tentei falar — a porta... — mas ele não estava se preocupando com isso.

— Você anda sendo uma menina muito má, Lizzie — Droga! Quando ele disse isso, chupando e enfiando a língua na minha orelha, revirei os olhos e gemi — e esse mau comportamento eu não vou tolerar — a voz de Nathan denunciava perigo, mas era o tipo de perigo que eu queria — sabe o que eu faço com garotas que se comportam desse jeito?

—N-n-não — gaguejei, sentindo todo o

meu corpo ficar excitado quando a sua mão passou por cima do tecido do sutiã e segurou o bico do meu seio com as pontas dos dedos e apertou, massageando.

— Eu faço os outros saberem que está sendo fodida... Ou melhor, sendo bem comida. De preferência gritando para todos escutarem que eu sou o responsável por isso — eu não conseguia enxergar mais nada e não era pelo fato de um possível desmaio, e sim por ele ter tomado conta até dos poucos sentidos que eu achava que ainda era dona.

Quando ele terminou de desabotoar a blusa e a tirou, senti suas mãos nas minhas costas desabotoando o sutiã. Sua boca abandonou a minha e seguiu pelo meu pescoço até chegar ao meu seio, passando a ponta da língua ao redor do bico e chupando.

— Tão gostosa, minha doce e perfeita

Lizzie... — murmurou, enquanto voltava a chupar meu seio, me castigando da pior maneira que conseguia. Eu não pensei em nada além de puxar os seus cabelos e aproveitar cada sensação, com ele me preenchendo... Entrando na minha alma e me possuindo como só ele sabia fazer.

Nathan segurou na barra da minha saia e terminou de subi-la até a minha cintura, deixando minhas pernas expostas. Com uma das suas mãos deslizou seu dedo sobre a linha da renda até chegar entre as minhas pernas, me fazendo arfar e gemer ao mesmo tempo. Seu dedo permaneceu lá, seguindo a linha da renda quando afastou o rosto e puxou a calcinha para o lado, entrando com o seu dedo em mim.

— Nathan... — juro que tentei avisar sobre a camisinha, mas aí... já era tarde

também.

Seu dedo já tinha me abandonado e ele já estava dentro de mim. A cada estocada, um grito reprimido. A cada estocada, mais perto do gozo eu ficava. Seu corpo duro, suas mãos firmes, seu cheiro de homem que sabe mandar e sabe o que faz me levava ao ápice. Eu me segurava a ele como uma louca. Foi diferente de tudo o que já fizemos. Nada tinha sido tão intenso do que tê-lo com toda aquela força e poder. Do que ter seu pau duro e grosso entrando e saindo como se o mundo fosse acabar naquele minuto. Ele segurava minha bunda, fazendo com que o meu quadril fosse de encontro ao dele, metendo cada vez mais fundo. Sua respiração estava acelerada, assim como a minha. O desejo entre nós dois era algo que queimava, mas existia amor ali. Eu sabia que aquela era a

forma que ele tinha para demonstrar que me amava ainda mais. Como se fosse possível ele não conseguir demonstrar seu amor a cada manhã.

— O que eu faço com você? — eu podia sentir que ele queria uma resposta.

Mas era uma resposta que eu não poderia dar. Não enquanto ele estava me comendo na mesa do escritório, com várias pessoas do lado de fora, que, com certeza, gostariam de saber o que eu e ele estávamos fazendo naquele exato momento.

— Droga! Lizzie... — da minha boca saiu outro grito incoerente quando ele gozou, me levando junto.

— Desculpa... — foi tudo o que saiu.

Não tinha sido um pedido de desculpa por não ter falado para ele, e sim, um pedido de desculpa porque eu continuaria com a

investigação, mesmo que ele não me ajudasse. Ele entendeu. Quando se afastou e arrumou a roupa, tinha entendido o meu pedido.

Muito gentilmente ele me ajudou a me limpar e vestir a minha roupa, mas permaneceu calado durante todo o processo.

— Nathan — me virei para olhar para ele, mas seu rosto estava inexpressivo — eu sinto...

— Não termine de falar, porque eu sei que você não “sente muito” — disse abotoando os dois botões do seu terno, indo em direção à porta sem olhar para trás — Lucius ainda vai ser a sua sombra. Tenha um bom trabalho, meu doce — com isso ele fechou a porta, me deixando sozinha.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 10



Já tinha anoitecido e o trabalho havia me consumido. Foi a única forma que encontrei para não ficar pensando no que tinha acontecido. Preparei o planejamento dos stands boards e deixei toda a matéria da redação pronta antes das sete, assim o jornal seria impresso e distribuído por toda Nova Iorque. Elijah andava planejando e estudando a possibilidade de um jornal online; não seria como um jornal impresso sendo distribuído na internet, mas era a forma mais prática e rápida de chegar até o leitor em tempo real, ou seja, transmissões ao vivo. Eu sabia que ele gostava da forma antiga de jornalismo, mas os tempos mudaram e o The Poster

precisava se adequar para eliminar essa deficiência. Agora, com Nathan sendo o seu sócio, achei que as coisas melhorariam, e ele, Elijah, iria relaxar mais um pouco... Isso era o que eu pensava. Ainda estava arrumando minha bolsa e desligando o computador quando alguém bate na porta.

— Entre — pedi desligando o monitor — Tati... — eu achava que era minha amiga, mas quando levantei a cabeça para olhar em direção a porta vi uma morena.

Ela transpirava confiança no jeito que me olhava. Tinha um corpo perfeito e seus cabelos cacheados e pretos iam até a cintura. Seus olhos eram castanhos, quase cor de mel... Uma negra linda, que com toda certeza fazia os homens babarem por ela.

— Desculpa, mas o horário de expediente já acabou... — olhei o relógio em cima da

minha mesa — mais de sete e meia... — quando ela começou a anda pela sala, conseguiu chamar a minha atenção. Eu estava alerta.

— Hmmm... — ela resmungou, mas parecia mais um ronronado do que um resmungo e seguiu até a janela com elegância — ainda assim, acho que você pode me ajudar — a voz era firme e sensual ao mesmo tempo... O que ela estava pensando? Que eu gostava de aranhas brigando com aranhas?

— Sério — falei colocando a alça da bolsa no ombro e saindo da sala. É claro que eu chamaria a segurança para aquela doida metida a mulher-gato. Nunca tinha visto uma mulher ficar tão bem vestindo couro sem parecer vulgar. — não acho que eu possa ajudar você. — tentei ser o mais gentil possível. Juro que tentei.

— Lizzie... Lizzie — ela estalou a língua e ao mesmo tempo cantarolou meu nome de maneira ameaçadora. Os pelos do meu corpo se eriçaram no mesmo momento.

— Acho que eu estou em desvantagem — tudo que eu queria saber era onde Lucius tinha ido parar quando uma doida tinha entrado na minha sala. Ótimo, mais uma coisa louca para minha lista — Você sabe o meu nome, mas eu não sei o seu, querida — coloquei todo o sarcasmo na última frase, sorrindo falsa e carinhosamente para ela.

— Agora eu entendo — ela disse cruzando os braços, olhando ao redor da sala e depois pousando os olhos em mim — o que ele vê em você... O que eu não entendo é o que ele ainda está fazendo ao seu lado. Você parece ser tão... fraca — desdenhou com ironia — tão... nossa, está sendo difícil

detalhar o que você é.

— Oh! Nossa... — respirei fundo me controlando — vai me falar ou não quem diabos você é? Caso contrário, a convido para se retirar da minha sala antes que eu perca o pouco de paciência que ainda me resta — de onde eu estava dava para ver o sorriso dela se ampliar. A mulher podia ser doida... e metida, mas eu tinha que reconhecer que ela era determinada.

— Mas, a sala não é sua, é? — provocou ainda sorrindo.

— Também não é sua, é? — eu não sairia por baixo, nem cagando.

— Não — respondeu desfazendo o sorriso do rosto e ficando séria — mas vamos deixar de joguinhos...

— Que eu saiba — provoquei — é você que está tentando jogar, mas vou logo

avisando que não sei jogar para perder.

— Eu também não sei jogar para perder, querida — ela estava ficando irritada e eu estava amando isso — Harper — quando ela disse seu nome meu sangue gelou. Passei esse tempo todo achando que Harper era um homem e que nunca iria conhecê-lo. Eis que o tal Harper vem até a mim e ainda por cima tinha peitos... Peitos maiores que os meus. Pode isso? — Charlotte Harper.

— Bom — olhei para ela e me mantive firme — já que a sombra tem nome, poderia me dizer o que quer, senhorita Harper? Você falou tantas coisas sem sentido, que suspeito da sua sanidade...

— Uma coisa bem simples — ela deu de ombros, como se aquilo fosse uma simples negociação — saia do meu caminho e você não vai sair machucada — juro que tentei

não rir da situação, mas não aguentei e caí na risada — o que tem de tão engraçado no que eu acabei de dizer?

— Você — me recompondo e sentindo a minha barriga doer, assim como as minhas costelas. Voltei a olhar para ela um pouco mais séria — acho que você deve ser muito confiante para me pedir isso, mesmo que não saiba do que se trata. Olha, sugiro que você procure um analista e resolva esse seu problema o mais breve possível.

— Nathan é meu — ela solta com raiva. E eu também fiquei com raiva quando ela falou isso. A minha vontade de voar no pescoço dela e estrangulá-la até a morte veio com força. Estava claro que ela o queria, o problema era que ele já tinha dona — temos uma longa história juntos e tenho certeza que você não vai fazer parte dela, além do

simples fato de você ser ninguém.

— Bom, não é com você que ele anda dormindo e nem acredito que seja você que esteja usando um anel dado por ele — levantei a mão para mostrar a ela o anel em meu dedo. Eu sabia que não era um anel de noivado, mas, ainda assim abalou a confiança estampada em seu rosto — nem acho que ele se importe muito com você, além do simples fato de você ser ninguém. — de onde tinha saído tanto veneno? Não me importava, eu estava adorando — ele não estava com você, quando me fez gozar a duas horas nessa mesa — fui até a mesa e passei a mão, dando dois tapinhas em seguida — então, Nathan ainda é seu?

— Ainda — ela disse com a mesma confiança, mas percebi que ficou bem mexida com tudo que eu disse — aliás, seria

mais prudente que você tomasse mais cuidado com as suas coisas, ainda mais quando se trata de pesquisas sobre ele — do que ela estava falando? Ela percebeu que eu tinha ficado confusa e seu sorriso voltou a se ampliar — foi bom conversar com você, Lizzie querida. Espero que você não fique no meu caminho e tenha um lapso de consciência, deixando Nathan livre ou você vai saber com quem está se metendo e acho que não vai ser bom — eu ainda estava maquinando sobre “mais cuidado com as suas coisas” quando ela saiu pela porta e nem me preocupei em rebater o que tinha dito.

Quando saio da sala, Lucius estava ao lado da porta com o semblante preocupado.

— Que diabos aconteceu que você não entrou para tirar aquela mulher da sala? — não fui agressiva com ele, mas bem que eu

queria dar um soco na cara dele.

— Senhor Fox me avisou que ela viria e disse que não fizesse nada, senhorita — O QUÊ? Ah! Eu ia matar Nathan e jogar o corpo da ponte. E se essa louca fosse algum tipo de agente rancorosa porque o ex-namorado resolveu arrumar outra namorada? E se ela estivesse armada?

— Obrigada Lucius — falei fechando a porta e pisando duro até chegar à garagem.

O problema não era ela ter aparecido no meu trabalho, e sim o fato de ele já estar prevendo que isso poderia acontecer e não fazer nada, e nem ter se dado ao trabalho de me alertar. Eu teria uma conversa muito séria com Nathan quando chegasse ao seu apartamento, mas de repente pedi para Lucius desviar a rota e seguir para o meu apartamento. Não sabia de onde tinha

surgido aquela vontade de voltar lá, mesmo depois do arrombamento.

Nada parecia diferente quando entrei. A mesma parede do fundo pintada de vermelho e as outras de branco. A mesma cozinha pequena e a mesma sala minúscula com aquele sofá que só me fazia ficar pensando nele. Segui para o meu quarto, olhei minha cama arrumada e fui até o meu closet. Nele ainda tinha os objetos e as roupas de Nathan ao lado das minhas. Por um momento comecei a sentir falta daquele lugar. Não que eu quisesse que ele fosse me procurar, no entanto, eu sabia que se eu demorasse a voltar para o apartamento de Nathan, ele saberia exatamente onde me procurar.

Saindo do quarto, fui até a cozinha e preparei um café bem forte, já que a minha noite tinha sido bem diferente. Ultimamente,

minha vida andava mais agitada que puta de beira de estrada no Texas em dia de rodeio. Terminei de preparar meu café, coloquei em uma caneca bem grande, mas não adocei. Segui para sala me sentando no sofá onde Nathan tinha dormindo e esperei. Não precisei esperar muito e vi a visão perfeita de Nathan invadir meu apartamento. Ele usava calça jeans azul escura e uma camisa branca de mangas e estava descalço!

— Acho que você esqueceu os sapatos, meu gato — articulei soprando a fumaça do café e olhando para ele de maneira inocente.

— O que você está fazendo aqui? — vi a linha do seu maxilar ficar rígida e seus músculos tencionarem.

— Boa pergunta — bebi um pouco do meu café, mantendo o olhar fixo nele — sabe que nem eu sei...

— Vamos embora. — disse ele, com o tom autoritário.

— Eu não vou a lugar nenhum — ele me olhou por um instante, antes de dar um suspiro bem profundo e vir até a minha direção e sentar ao meu lado — eu estou na minha casa.

— Desculpa... — pediu, mas eu sabia que não era de verdade... Não era sincero aquele pedido.

— Por que você deixou-a ir lá? — tomei mais um pouco do meu café e permaneci quieta no meu canto — o que você achou que eu faria? Desviar o foco da minha investigação e me concentrar em uma briga com uma galinha?

— Não era isso... — ele tentou falar, mas eu o interrompi, dizendo:

— Você sabia que ela tinha entrado aqui,

ou mandou alguém entrar. Estou errada, Nathan? — pedi a Deus com todas as minhas forças que ele não mentisse para mim. Preferia-o com seus segredos a mentindo para mim com a cara mais lisa do mundo.

— Eu suspeitava — ele ainda não tinha me convencido.

— Suspeitava? — perguntei sorrindo irônica, terminando de beber meu café.

— Eu tinha certeza — finalmente ele falou a verdade.

Olhei para ele, que estava com a cabeça baixa e os cotovelos apoiados nas coxas. Ele era tão lindo e eu o amava tanto que chegava a doer, mas aquele joguinho me deixou magoada com ele... Fora o fato de que ele ainda estava escondendo algo de mim...

— A Harper... — não esperei ele continuar suas explicações, já que a última

coisa que eu queria era acabar transando com ele no sofá. Coisa que andava acontecendo com frequência quando brigávamos.

— Por hoje, chega. — suspirei me levantando — vou dormir na minha cama e você... — ele arqueou as grossas e bem contornadas sobrancelhas para mim com expectativa — vai dormir no sofá. O meu castigo foi sexo, o seu vai ser dormir no sofá velho, frio e fedido. Amanhã conversamos sobre tudo o que aconteceu hoje. — sorri seguindo para o meu quarto, fechando a porta.

Tomei um banho e fui me deitar, tentando tirar da cabeça o que tinha acontecido. Bom, pior não poderia ficar, e se ficasse, eu já estava na chuva de merda mesmo. Adormeci pensando também em Nathan naquele sofá, contudo aquele seria o castigo por ele ter

deixado a ex, ou seja lá o que ela era dele, ir até o meu trabalho e falar aquelas merdas todas. Eu ia perguntar o quanto ela sabia da vida dele e o quanto ela fez parte. Eu queria, como sempre, respostas sobre o que estava acontecendo, mas é claro que eu sabia que correria o risco dele nem abrir a boca e tentar trepar com... Puta que pariu! Eu tinha transado de novo com ele sem camisinha. Um filho não ajudaria muito e para ser bem sincera comigo, eu não queria ter um filho no estado em que me encontrava. Primeiro motivo para não querer filho: eu ainda tinha que terminar o meu tratamento. Segundo motivo: planejar a minha vida para que um filho se encaixasse nos planos. Terceiro motivo: não achava que merecia ser mãe, não quando minha vida estava uma merda e virada de cabeça para baixo.

Como fugir de Nathan quando ele queria me pegar? Como fugir quando tudo nele me chamava como um ímã? E se eu engravidasse, será que ele iria querer ter um filho comigo? Idiota! É claro que eu era uma idiota por estar me questionando e sonhando na possibilidade de tudo mudar, minha vida melhorar e eu... Bem, eu me tornar mãe de um filho do homem que eu amava. Com esses pensamentos, peguei no sono. Não foi o melhor sonho que tive. Foi, outra vez, um dos pesadelos que deixava rastros de desespero. Isso me matava por dentro.

— Tá achando que eu vou te deixar em paz, sua putinha? — Theodor tinha bebido de novo e minha mãe tinha saído para trabalhar, me deixando sozinha com Chloe, como sempre fazia.

— Theodor, por favor, não... — eu sentia

o cheiro de cerveja barata e o fedor do seu suor — me deixa em paz... — choraminguei, acuada no meu quarto. Chloe tinha pegado no sono e eu fazia de tudo para ela permanecer acordada até a hora da minha mãe chegar, mas ela estava muito cansada, além de um pouco resfriada.

— Que tal você chupar meu pau, putinha ruiva — abriu um sorriso medonho, mostrando aqueles dentes amarelados — eu enterro ele todo na sua boca enquanto meto o dedo em você.

— Você não vai encostar a mão em mim, seu porco filho de uma vaca! — berrei o mais alto que pude, porém seria em vão. Ninguém entraria ali, com medo de Teddy — eu juro que mato você! Não encoste a mão em mim, seu merda! — no mundo dos indefesos, os fortes se aproveitam de suas fraquezas. Não

deu tempo de me esquivar e quando dei por mim, a mão de Theodor já estava esmagando meu rosto e as lágrimas escorrendo. Não apenas por causa da dor, mas também pelo ódio que me consumia por dentro.

— Olha o que você me fez fazer, sua putinha de merda! Agora, eu vou ter que gozar no meio das suas pernas para você aprender...

— Não... — chorei baixinho. “Deus, por favor, me tire desse inferno!”

— Theodor — ouvi a voz da minha mãe — trouxe aquele frango frito que você tanto gosta — ele xingou baixinho, com o rosto repleto de raiva.

— Me aguarde — ele disse com um tom de ameaça antes de sair do quarto e me deixar ali, chorando baixinho.

— Deus... — eu olhava para o teto do

meu quarto, enquanto seguia em uma oração silenciosa.

Isso tinha acontecido três noites antes dele abusar de mim e eu nunca mais ser uma mulher acessível para outros homens, nem para um amor.

— Lizzie — a voz de Nathan me acordou — meu Deus... — disse ele espantado e com um semblante de preocupação estampado em seu rosto — com o que você estava sonhando?

— Sonho? — graças a Deus tinha sido um sonho, ou melhor, um pesadelo.

— Não vou sair de perto de você — falou puxando o lençol e deitando ao meu lado na cama — prometo ficar parado, calado, enquanto olho você dormir.

— Tudo bem — eu disse ainda atordoada.

Nem sei bem o que tinha acontecido

enquanto eu estava sonhando, mas sabia que tinha dito algo e que ele estava ao meu lado — só me abraça — pedi, sentindo o meu rosto úmido. Eu estava chorando? Não eram minhas lágrimas, era apenas suor.

— Claro que sim, meu doce — Nathan passou o braço em volta da minha cintura, me puxando para o calor do seu corpo e eu apoiei a cabeça em seu ombro.

Não me lembro em que parte, entre ele beijando meu cabelo ou a minha boca, eu dormi, mas sei que estava do meu lado. O filho da puta era bom no que fazia e ainda por cima era bom em me fazer dormir no calor dos seus braços e esquecer que o mundo lá fora existia.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 11



Não tinha percebido que o alarme havia tocado. Eu chegaria atrasada ao jornal e ainda bem que esse não seria um problema, já que eu tinha adiantado boa parte do trabalho antes daquela vadia aparecer com seu ego de merda. A pior parte era observar o homem da minha vida deitado ao meu lado, dormindo lindamente e ainda assim saber que ele me escondia tantas coisas. Tentava me segurar para não cair na tentação de subir em cima dele e arrancar o resto de roupa que tinha por baixo dos lençóis. Eu tinha muitas outras coisas para serem resolvidas, mesmo que isso me doesse. Esse era o meu maior receio. Levantei da cama o deixando dormir

mais um pouco, parando apenas para observar as olheiras que eram quase imperceptíveis, mas estavam lá. Sabia que ele estava passando por algo que estava tirando seu sono, mesmo com tudo o que vinha acontecendo – minha decisão de seguir em frente no caso Isaäk – eu sabia que tinha um furacão por vir.

Segui para o banheiro para tomar um banho e depois iria para o meu trabalho. Teria que ir até o apartamento que eu planejava comprar, apenas para fechar negócio com o corretor. Eu tinha um plano e seguiria com ele. Continuaría com o meu desejo de tirar a minha irmã daquele lugar e das mãos daquele porco; buscaria novas pistas – já que eu sabia que Nathan nunca me ajudaria – para desmascarar Markov. Esse seria o meu maior desafio, então não pensei

muito em como faria isso. Não queria que Nathan pensasse que eu seria um alvo fácil e tomaria minhas providências, já que um curso de autodefesa não era o suficiente para ele. E ainda tinha outra coisa que eu teria que resolver, já que grávida, problemática e com o mundo desabando na minha cabeça, não era o que eu queria para minha vida.

Saí do banheiro e segui para o closet, pegando minha calça preta, uma blusa marrom de mangas e vesti. Prendi meu cabelo em um rabo de cavalo e coloquei as minhas argolinhas de ouro. Aquela era eu. Eu não tinha porte de mulher de um senador, e, ainda assim, tinha me pedido em casamento, mas eu me lembrei de que ele era e não era um senador. Nathan era um agente do governo com tendência a ser um belo filho da puta, sem falar no fato de ser muito

perverso.

— Essa sua bunda — disse ele se alongando na entrada do closet — ainda vai me matar... — o desgraçado ainda teve a coragem de abrir aquele maldito sorriso depois de tudo que aconteceu?

— Não. Não. Não e não... — saí pisando duro e passando por ele.

Mas seria muito fácil apenas passar por ele sem que não fizesse nada. Nathan segurou meu braço e me puxou, quase me jogando contra a parede. Não tinha como não ficar com a respiração acelerada, quando eu tinha a visão dele apenas de calça, sem camisa, segurando meus braços nas laterais do meu corpo e me olhando daquela forma que apenas ele sabia.

— Você não está fugindo de mim, está?

— arqueou a sobrancelha e se aproximou

mais de mim, ainda segurando as minhas mãos.

Eu mal conseguia respirar e precisava me controlar ao máximo para poder enfrentar Nathan. Não seria dessa vez que ele iria me submeter a um dos seus joguinhos, usando aquele corpo espetacular que tinha. Eu não cederia ao seu cheiro magnífico e nem ao seu olhar penetrante. Queria honestidade em nosso relacionamento e eu tinha que ser forte. Forte como eu nunca tinha sido.

— Não estou fugindo, Nathan — eu disse tentando controlar minha respiração — apenas não vou mais cair nessa de “vou foder você se aprontar comigo” — eu queria muito que a minha voz tivesse saído mais firme, assim eu teria conseguido tirar aquele sorrisinho presunçoso que ele tinha na boca.

— Não tinha nem pensado em foder

você... — ele ergueu a cabeça um pouco, pendendo para o lado, como se estivesse pensando em algo — não nos cinco segundos que já se passaram... — voltou a me olhar — e olha como eu já estou animado — inclinou a cabeça para frente, indicando que eu olhasse para baixo. Filho da puta! Nathan não venceria essa. Não quando ele tinha me feito passar pelo que passei.

— Não vai funcionar — sorri, quando o seu rosto assumiu um semblante mais sério — não quando eu estou realmente puta da vida com você...

— Hmmm — resmungou ainda olhando para mim como se esperasse que eu prosseguisse.

— Hmmm? — o imitei um pouco irritada — é isso que você tem para me dizer, ou melhor, me explicar como é que a morena

gostosona foi parar na minha sala? — eu não me exaltei, mas refleti o que se passava dentro de mim — o que é agora, vai tentar me levar à câmara de tortura ou me enjaular como um bicho para que eu não saia investigando Markov?

— Te amo, Lizzie — Inferno! Ele tinha que me dizer as duas únicas palavras que mexiam comigo. Mas, ele continuou: — não mandei Harper ir lá, mas foi inevitável...

— Inevitável! — explodi — Inevitável é o caralho com asas! — suas mãos começaram a apertar mais o meu pulso, à medida que eu ficava vermelha. Eu sabia que estava ficando vermelha. Sentia o meu sangue ficar ainda mais quente — se você pensou em usá-la como um meio de me distrair e não seguir com os meus planos...

— Eu não podia fazer nada — ele soltou

minhas mãos e virou de costas para mim tão rápido que tomei um susto não apenas com a rapidez, mas pela forma brusca de agir — ela anda fazendo negócios com ele — vi quando ele passou a mão nos cabelos, claramente irritado — ela acha que eu não sei...

— Do que você está falando? — perguntei muito confusa.

— Eu sei que você lembra que um dia me apaixonei — ele começou com a voz irritada, por ter que me explicar aquilo — ela foi a mulher antes de você — eu sabia, apenas queria escutar da boca dele. Se eles não tivessem tido nada, ela não teria ido até lá com aquele ar de “sou dona dele” — ela fez parte da minha vida quando essa missão me levou a me tornar um senador... — respirou fundo para poder terminar — não posso fazer nada que possa estragar a relação dela com

ele — o que ele queria dizer com isso? Que não podia estragar a relação deles? — essa é a missão da minha vida.

— O que você quer dizer com isso?

— Farei o que for preciso para que nada dê errado — a sua voz soou dura e seus olhos ainda mais quando ele se virou e me encarou.

— Eu sei disso — falei derrotada — mas não entendo o motivo dela ter ido lá.

— Depois de uma pequena investigação, eu soube que ela era a mandante da invasão ao seu apartamento. Ela acha que você está comigo para poder colher as informações necessárias e jogar na mídia.

— Ela deixou isso bem claro nas entrelinhas — eu já estava atrasada mesmo e minhas pernas começaram a ficar fracas. Então, resolvi me arrastar e me sentar na beira da cama e esperar que ele abrisse a

boca.

— Nunca pensei que diria isso — Nathan veio na minha direção, sentando ao meu lado — mas eu quero que você tome cuidado com ela.

— Como você sabe, eu não estou realmente investigando você, ou melhor, me aproximando para colher informações — ele me olhou atentamente por alguns segundos, avaliando a situação, e falou:

— Não me importo com isso — disse ele com convicção — sei que você não faria isso comigo. Não depois de tantas coisas pelas quais passamos. Não depois de dizer que me ama e me dar um talvez quando te pedi em casamento.

— Isso não tem como negar — eu respirei fundo, deixando o peso dos meus ombros caírem junto com o meu cansaço.

— E, além disso — deu de ombros — eu saberia se você não me amasse de verdade, já que eu tive o privilégio de ter você em meus braços.

— Certo — meu sorriso saiu fraco. Era verdade. Se eu não o amasse, ele não teria nem chegado a trezentos metros de mim — por que, exatamente, eu tenho que tomar cuidado com ela?

— Apenas tome cuidado e não se preocupe com o fato de ela ter ido lá ao jornal. Eu vou dar um jeito nisso. Eu não tive como pará-la, já que duvida que você me ama — sorriu, olhando de lado — e você ainda foi falar que fodemos na sua mesa?

— A vaca provocou. — dei de ombros — mais um pouco, e eu não responderia por mim.

Ele desviou o olhar para frente, pensativo.

— Tem uma coisa que precisamos falar
— comecei com cautela.

— Sim... — incentivou, mas sem olhar para mim.

— Tenho percebido que não transamos com camisinha, e isso eu entendo já que você me mostrou os exames. Mas ainda assim eu não estou tomando nenhum tipo de remédio e eu não quero ter filhos...

— Você não quer ter filhos... — sua voz tinha um tom de tristeza. Isso doeu em mim, mas era verdade.

— Não agora, com a minha vida assim...
— não queria que ele pensasse que eu não queria filhos, mas ele tinha que entender. Eu não tinha aceitado o pedido de casamento dele por motivos explícitos e um filho seria um tsunami em nossas vidas. — já conversamos sobre tudo isso, meu gato. Eu

vou aceitar seu pedido de casamento e vamos ter filhos lindos, assim como você. Mas eu preciso primeiro organizar minha vida.

— Você tem medo de mim, Lizzie? — o que ele queria com aquela pergunta?

— Por que eu deveria ter medo de você? — questionei, ainda sem entender o que ele queria dizer ou insinuar.

— Às vezes acho que é por causa do que eu faço o motivo de você não aceitar o meu pedido de casamento ou como agora, de ter filhos... — de onde ele tinha tirado aquela pérola?

O pânico tomou conta do meu corpo. Ele não poderia achar que eu tinha medo dele. Seria impossível ter medo do homem que eu amava com todas as minhas forças. Se eu tivesse com medo não estaria disposta a passar o resto da minha vida ao lado dele.

— Nathan, não. Não é por isso, eu já expliquei — comecei — eu amo você, muito. Você e Chloe são as pessoas mais importantes na minha vida...

— Eu também te amo — sorriu e aproximou o rosto do meu, beijando minha boca com tanta doçura que esqueci os meus problemas por alguns segundos. Quando ele se afastou ficou me encarando com aqueles olhos azuis irresistíveis de uma maneira tão intensa, tão profunda — hoje sou todo seu — disse de repente — o que você vai fazer na hora do almoço?

— Hoje, como já me atrasei mesmo, vou ao apartamento fechar negócio com o corretor e depois...

— Tenho uma surpresa para você — falou ao se levantar. Ele seguiu até o closet e pouco tempo depois voltou já vestido com

sua calça de linho preta e sua camisa branca de mangas, dobrando-a até os cotovelos.

— Nathan... — não sabia o porquê, mas aquela surpresa não estava me fazendo sentir algo bom.

Eu tinha consulta marcada à tarde, sabia que seria difícil encarar Ian e dizer a ele que não tinha contado nada para Nathan apenas por ele não se abrir comigo. Sabia que isso era infantil da minha parte, mas algo em mim tinha mudado. Como dizer para Nathan que eu sentia vontade de bater e até desejo de matar alguém? Não era um desejo superficial, era um desejo real.

Ele me olhava com tanta expectativa com relação ao presente, que deixei esses pensamentos de lado e o segui até o estacionamento.

Ele não deveria ter feito aquilo...

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 12



Parada, ao lado dele, pensei em várias maneiras de matar Nathan sem parecer culpada. De qualquer forma, não adiantaria muito. A minha raiva, se bem que não era bem isso, mas ainda assim era um sentimento que fez a minha cara se fechar completamente. Ele sabia que não eu queria que me comprasse mais nada, já que estava me ajudando no tratamento. Eu tinha dito que não aceitaria mais nenhum presente, mas acho que o ouvido dele era nas bolas, ou no cu mesmo. Será que ele não entendia os meus motivos? Será que ele não enxergava que eu precisava conseguir atingir meus próprios objetivos? Cresci no Queens, passei

por coisas que até o diabo teria pena e era por esses motivos que eu queria me superar.

Um carro era a última coisa que eu queria. Eu estava me virando bem, pegando táxi, ônibus ou até mesmo com ele me deixando no trabalho. Um New Beetle amarelo. Bom, o carro era uma gracinha mesmo e bem a minha cara, mas... Eu não poderia ficar com ele e nem ficaria. Que Deus tivesse piedade do carro, porque eu não teria sequer uma gota de pena dele. Olhei para um lado, nada. Olhei para o outro lado, e bang! Era o que eu precisava para ele aprender a me escutar e a perceber que não era pelo fato de ele ser o que era que eu teria medo de agir da forma que eu queria. Ele já tinha meu corpo, meu coração, mas a minha independência? Isso ele não ia me tirar.

— Lizzie...? — perguntou ele, confuso

quando me afastei dele.

— Quando foi mesmo que você disse que compraria um carro para mim? — a barra de ferro brilhava na minha frente, quase como se fosse cromada.

Barra de ferro no momento certo e na hora certa.

— Meu doce... — ele suspirou, quando me viu agachando e pegando a barra de ferro — o que você vai fazer com isso?

— Oh! Meu gato, você não me respondeu — sorri, já me posicionando ao lado do carro, jogando a barra de uma mão para a outra, brincando com ela.

— Não posso deixar você andando de ônibus, ou de táxi quando... — ele parou de falar assim que levantei o braço como um habilidoso jogador de beisebol para acertar o retrovisor direito do carro fofinho. Só tinha

um problema... ele era mais rápido, mais forte e sabia como me segurar — o que você pensa que está fazendo? — perguntou furioso, segurando meu pulso.

— Sou eu quem deve fazer essa pergunta — rebati, olhando no mar azul daqueles olhos furiosos e sensuais — o que você pensa que está fazendo?

— Droga! Lizzie — vociferou — você está me tirando do sério... — a linha fina e rígida em seus lábios demonstrava o quanto ele estava se segurando para não falar outro tipo de palavrão — você... você...

— Não quero o carro — falei mais calma — eu já tinha falado para você que não queria.

— Você pode ao menos ficar com ele por um tempo? — pediu com a voz baixa, fazendo o meu corpo inteiro se arrepiar com

o calor que ela provocava — se depois desse tempo você decidir que não o quer mais, pode fazer o que quiser... pode até quebrá-lo que eu ainda te ajudo a fazer isso... — eu odiava e amava a cara dele de cachorro que caiu do caminhão de mudança.

— Merda! — esbravejei, cedendo. E ele soltou meu pulso, satisfeito, me dando um de seus sorrisos largos e sedutores.

No caminho até o outro apartamento, o qual eu iria comprar, Nathan permaneceu calado. Deus sabe que foi o silêncio mais constrangedor da minha vida, perto dele. Será que eu estava sendo muito dura em não aceitar seu presente? Não. Eu não amoleceria.

O apartamento ficava localizado próximo ao centro da cidade, e por mais incrível que parecesse, estava com um preço ótimo e que

cabia no meu bolso. Ele tinha uma vista ampla para a cidade movimentada, era perto do jornal, mesmo que eu ainda precisasse acordar um pouco mais cedo. Tinha uma sala ampla apesar de ser pequeno, mas não tão pequeno como a caixa de fósforos que eu morava, e também uma cozinha linda e dois banheiros. Ao lado da cozinha, perto de um corredor pequeno, dois quartos. O menor me fez vir à mente a imagem de Chloe escutando música ou lendo um livro da Jane Austin... Uma fantasia que me fez sorrir. Fazia muito tempo que eu não sorria daquela maneira, apenas por tentar imaginar algo bom. Meu quase noivo estava satisfeito com o local e ficou ainda mais satisfeito quando viu o meu sorriso. Estávamos como cão e gato, mas ainda assim eu não deixava de amá-lo.

— Daria tudo para poder ler o seu

pensamento... — disse ele ao se aproximar mais.

— Fora o fato de ainda querer matar você — falei dando de ombros — eu estava pensando em como será minha vida, depois que Chloe entrar nela...

— Tenho certeza que sua vida vai ficar melhor — era tudo o que eu queria — com relação ao carro... — começou a falar com a voz rouca e provocante. Nathan não tinha limites — espero que saiba aproveitá-lo...

— Prometo não quebrar ele em mil pedaços, mas... — sorri de maneira sarcástica e completamente maldosa — não quer dizer que eu não vá achar uma maneira de me livrar dele.

— Ainda não entendo o porquê de você querer se livrar dele. — ele arqueou a sobrancelha e me fitou com aquele olhar

profundo, querendo entrar na minha alma.

— Nathan — suspirei profundamente, antes de fazê-lo entender os meus motivos. Bem no fundo eu sabia que ele tinha uma ideia, apenas não queria ver — eu tenho que conseguir superar, ou melhor, me superar. Não posso ficar aceitando presentes caros seus e ficar satisfeita com isso. Se eu quero um carro, eu vou trabalhar e comprar um. Se eu quiser alcançar meus objetivos, eu tenho que lutar para que eles se concretizem. Eu o amo muito e se eu não o amasse tanto, você saberia e é por isso também que eu não quero que você fique comprando coisas caras para mim.

— Às vezes você me irrita muito, sabia? — disse ele abrindo um sorriso que poderia molhar qualquer calcinha — mas, eu entendo. Porém, não vou aceitar o carro de

volta. Eu dei. Ele é seu.

— Ai! Pai celestial, o Senhor sabe que tenho que me segurar para não estrangular esse homem — falei revirando os olhos — ele me tira do sério e ainda diz que sou quem tira o juízo no nosso relacionamento... E logo eu, meu bom Senhor, o irritado.

— Que tal — senti suas mãos na minha cintura — inaugurarmos o apartamento trepando em todos os cômodos, tipo... batizando... — aquela voz baixa, rouca e profunda, somada ao calor da sua boca próximo da minha orelha me deixando toda arrepiada, não era um bom sinal — eu estou com uma vontade louca de esconder minha cobra no seu buraco... — ele tinha mesmo dito aquilo? Deus! Ele tinha dito. Que merda!

O calor já estava começando a ficar mais intenso que o deserto do Texas no verão. Eu

tinha que fazer aquilo parar. Eu tinha que me afastar dele. É que, por mais que eu o amasse, ele estava me escondendo coisas, coisas das quais eu queria saber. Não queria ficar no “Nathan me conta um segredo e esconde mil”. A minha salvação foi o fato de não ter almoçado e ainda ter uma consulta com Ian. Na verdade, a consulta com Ian era o que mais me deixava perturbada e foi o suficiente para me fazer voltar à realidade e me afastar dele.

— Não — minha voz saiu firme, bem do jeito que eu queria. Mas eu não contava com aquele sorriso dele. Idiota! Babaca! Gostoso! Definitivamente, ele sabia o que estava fazendo. Como se ele nunca soubesse o que fazer. Pensamento estúpido esse meu, naquele momento — seu... seu...

— Continue... — se aproximou

novamente, me desafiando a terminar a frase. Parecia que ele ficava ainda mais excitado quando eu o xingava. Era isso ou ele era mais louco que eu.

— Não vou lhe dar esse gostinho, nem aqui e nem no inferno — me afastei mais dele, indo em direção à porta.

— Nossa! — exclamou mordendo aquele lábio perfeito. — você fica ainda mais gostosa assim... — provocações... não ceda... não ceda... Caralho!

— Seu filho de uma puta — rosnei, mas não foi com raiva. Vi os olhos dele se iluminarem e era definitivamente o desejo dele explodindo, bem como a satisfação por ter conseguido o que queria.

Foco, Radzimierski.

Respira e sai desse apartamento.

Graças a Deus, uma única vez, meu corpo

atendeu ao chamado do meu cérebro. Não que eu tivesse saído correndo... mentira. Eu saí correndo, deixando-o lá, e esperei-o na entrada do prédio, me dando conta que não estávamos sozinhos. A todo tempo o Jaguar preto nos seguia. Gretha é claro. Não demorou muito até que ele descesse com aquele maldito sorriso no canto da boca. Babaca convencido.

— Ela não vai vir até aqui? — perguntei quando ele se aproximou. O seu sorriso sumiu.

— Ela não pode — respondeu de forma inexpressiva.

— Por que não?

— Complicado, meu doce... — forçou um sorriso, mas estava claro que tinha algo errado. Eu gostava tanto da irmã de Nathan, que me sentia mal por, talvez, aquela

situação ter sido provocada por minha causa.

— Nathan, eu... — eu não sabia o que exatamente falar, naquele momento.

— Depois conversamos sobre isso. — aquela era a deixa para não tocar mais no assunto.

Duas horas depois eu estava na sala de Ian, fitando o teto enquanto ele terminava de fazer suas anotações. Em algum momento, eu tinha que falar com ele sobre o que tinha sentido quando olhei para...

— Vamos, Lizzie — a voz grossa e autoritária de Ian invadiu meus pensamentos.

Ajeitei-me no sofá, deixando meus ombros rígidos e ficando um pouco mais cautelosa. O que pediria a ele com certeza não era uma das melhores ideias que já tive, no entanto, sabia que não teria tratamento que me fizesse esquecer aquela sensação de

prazer. Acho que se era uma droga eu estava viciada, o problema era que nunca tinha provado.

— Como vou ajudar se você não fala o que a incomoda?

— Eu ainda não contei para Nathan — minha boca estava seca. E eu não queria que Nathan ficasse sabendo daquilo e nem sabia o porquê de não querer.

— Imaginei que não tivesse feito isso — disse cruzando as longas pernas e tirando os óculos do rosto, pousando a mão que o segurava na perna.

— Ian — comecei e com o nervosismo me levantei, começando a andar de um lado para o outro — para isso, eu não quero tratamento...

— Como vou saber se você precisa de ajuda com isso, se nem ao menos sei o que é?

— Quero ser treinada — assim que terminei, vi os olhos de Ian se arregalarem.

— Como... — começou, mas antes que ele continuasse comecei a explicar.

— Nathan me mostrou uma das armas — ele ficou atento e não falou nada, apenas me incentivou com um aceno de cabeça — sei que vai parecer loucura, mas senti algo diferente... Queria apenas saber como é segurar uma e...

— Matar quem fez mal a você e a sua irmã no passado? — aquela pergunta me pegou um pouco de surpresa.

— Na verdade eu queria saber me defender mais. Tenho certeza que me sairia bem.

— Você tem ideia do que está me pedindo?

— Não, mas quero tentar — falei me

sentando novamente no sofá — eu estou investigando Markov — nesse momento, ele arqueou uma das sobrancelhas, um pouco irritado — eu sei o que você, talvez, esteja pensando: ela quer ser o próximo assunto dos jornais, só que estampada na primeira página como a jornalista morta. É por isso que eu quero ajuda. Eu sei o básico. Chuto bem melhor do que parece e tenho um bom gancho de direita...

— Nathan precisa saber disso, Lizzie. — respirou profundamente.

— Não. — falei determinada — ele anda escondendo muitas coisas de mim, mesmo depois de tudo, ele continua escondendo. Às vezes acho que ele sabe algo sobre mim que eu não sei. Sei que parece besteira, mas é o que sinto. Você é o único que pode me ajudar e ainda tem recursos suficientes para isso, já

que você é...

— Você sabe que, se eu fizer isso, estou colocando minha amizade com Nathan em jogo e ainda o meu casamento com a irmã dele... Sem contar o fato de arriscar minha carreira se alguém descobrir.

— Você quer que eu me ajoelhe e implore? — perguntei com sarcasmo e vi um lampejo de sorriso no canto da boca de Ian.

Ele sempre soube de algo e talvez fosse por causa da sua especialidade. Ele sabia analisar o comportamento de um inimigo, e mesmo que eu não fosse seu inimigo, ele tinha me analisado e estava me ajudando com meu trauma.

— Não precisa. — disse descruzando as pernas e se levantando, colocando os óculos no rosto — mas... — sempre tinha um “mas” — você tem que me prometer que não vai

usar para se vingar e sim apenas para sua defesa. Prometa Lizzie, que não vai usar o que eu vou lhe ensinar para vingança e eu a treino.

— Prometo. Juro pelo amor que sinto pela minha vida que só usarei o que você me ensinar para me defender. — falei, porém não foi uma verdade completa.

Capítulo 13



Minha noite foi terrível. Não consegui dormir direito e quando os primeiros raios de sol despontaram no teto eu me vi exausta. Nathan tinha dormido tranquilo e completamente sereno. Não queria acordá-lo quando me levantei da cama e sorrateiramente fui até o banheiro lavar meu rosto e escovar os dentes. Minha cabeça estava pegando fogo de tanto pensar em como seria o treinamento. Em como seria saber me defender melhor...

— Alguma coisa está errada, meu doce, o que é? — soltei um gritinho devido ao susto. Não esperava que ele estivesse acordado e nem percebi que ele havia levantado — você

não dormiu.

— Não é nada. — menti, tentando soar o mais verdadeiro possível. Na verdade, duvidava muito que Nathan acreditasse, mas tinha esperança que ele achasse que era frescura de mulher ou coisa do tipo. — outra coisa que eu duvidava muito.

— Hoje tenho que ir à reunião do Senado — começou a falar e se aproximar de mim, envolvendo minha cintura com suas mãos quentes e firmes — tenho apenas uma reunião sobre a campanha e para saber como andam os números à tarde. Queria poder ficar com você hoje pela manhã, mas tenho que dar uma entrevista para o New York Times.

— Tudo bem. — sorri e ele arqueou a sobrancelha, preocupado.

— Tem certeza que não tem nada de errado?

— Tenho — era claro que ele não acreditou em mim — acho que vou ficar resfriada... — Nathan assumiu uma expressão séria e uma linha fina e rígida surgiu em seus lábios, no entanto, apenas balançou a cabeça concordando e saiu para o banho.

Nathan, apesar de não ser um senador e ao mesmo tempo ser um, estava subindo nas pesquisas, e com isso, suas obrigações em comparecer em eventos políticos estavam na sua rotina. Isso não tinha me incomodado até o momento em que ele apareceu com um convite para acompanhá-lo. Não queria ser grossa e recusar, mas não me sentia confortável sendo uma das atrações. Depois do almoço, tendo a guarda de Lucius sempre a minha disposição, recebi uma mensagem dele.

“Hoje teremos um evento de última hora e preciso da mulher da minha vida junto a mim. Será um evento Black-tie e espero que você aceite, pois quero mostrar a todos a mulher exuberante que dorme comigo e que eu amo. Por favor, diga que sim”.

Ele tinha que ser mesmo muito charmoso e carinhoso para me fazer aceitar algo que estava fora dos meus hábitos.

“Será um prazer ficar ao seu lado. Aceito”.

“Casar?” — ele sabia que isso iria me fazer sorrir. Teimoso.

“Talvez”.

“Ansioso pelo SIM. Te amo e tenha um ótimo dia”.

“Te amo e em breve você terá um sim”.

Alguém bateu à porta. De repente, um calafrio tomou conta do meu corpo e todos os

pelos se eriçaram. Ele tinha aqueles olhos verdes, quase acinzentados, que no momento em que eu os encarei me deu vontade de vomitar. Não sabia direito o que tinha de errado, mas o meu cérebro mandava mensagens de que era para eu correr. Mas, eu o encarei, ergui a cabeça e endireitei os ombros, sem dar o menor sinal de que tinha algo errado. Não existiam motivos para eu me sentir daquela forma. Aquele era o Matt, que mesmo depois de tudo ainda o considerava amigo, ou achava que era, ou queria acreditar que era. Mas isso era o que eu queria pensar. Matt usava uma calça desbotada jeans azul, uma camiseta quase colada ao corpo e um par de tênis preto. Ele parecia não dormir bem há dias e isso estava evidente em suas olheiras, quase arroxeadas, ao redor de seus olhos.

— Oi. — disse ele, colocando as mãos nos bolsos da calça e me olhando por baixo dos grossos cílios loiros. Tinha que ser coisa da minha cabeça aquela sensação ruim que tomava conta do meu corpo.

— Oi. — falei tentando colocar um sorriso no rosto, mesmo que parecesse uma careta.

— Eu... — balançou a cabeça e fechou os olhos com força — eu soube do que aconteceu com você. Você está bem?

— Eu estou bem. — não sabia que minha voz tinha saído ríspida até o momento em que vi os vincos nos cantos dos olhos dele.

— A polícia já sabe quem é o cara? — droga! Por que a vontade de vomitar tinha ficado maior? Mesmo tendo algo eu não falaria para ele.

— Não sei de nada até o momento. — ele

chegou mais perto da mesa e eu senti o cheiro dele. Não era normal os pelos do meu corpo ficarem eriçados daquela forma por causa dele, mesmo ele tendo me beijado à força.

— Lizzie... — ele olhou na minha direção, bem no fundo dos meus olhos — eu queria que tivesse dado certo. Nós dois.

— Não mando no meu coração, Matt — falei de forma inexpressiva, mas ainda sentindo que havia algo errado.

— Nem eu mando no meu. Não tenho culpa de ter me apaixonado por você. — o olhar dele ficou frio e tinha algo errado com a forma que ele me olhava. Graças a Deus, o telefone tocou.

— Matt... — não tinha mais nada para falar para ele. Naquele momento percebi que tinha perdido um amigo.

— Eu entendi. — assentiu ainda me encarando de modo estranho. Eu tinha que atender ao telefone e ele precisava ir embora.

— Oi... — olhei para ele indicando que já era hora dele sair da sala. Não sabia de onde tinha saído aquela Lizzie arrogante, mas pareceu que com ele era a coisa certa a ser feita. Assim que ele saiu da sala parecia que tudo estava fedendo.

— Alô?

— Senhorita Radzimierski, aqui quem fala é a agente Lackin. Espero não incomodar.

— Claro que não. Em que posso ajudar?

— Teria dez minutos para me receber hoje em seu escritório? — achei estranho o pedido dela, mas parecia algo importante.

— Tenho, porém por que você não espera até o final do expediente? Poderíamos ir até o

apartamento do senhor Fox para conversarmos melhor...

— Não. — interrompeu rapidamente — o que tenho para falar gostaria que fosse apenas entre nós duas — por que ela queria uma conversa apenas entre nós duas? — daqui a uma hora estarei aí. Obrigada.

— Tudo bem, então. — falei desligando o telefone.

É claro que Lucius iria informar a Nathan sobre a visita inesperada da agente Lackin em meu trabalho, no entanto, eu esperava que ele estivesse muito ocupado com a reunião que teria à tarde. Se ela não queria falar perto de Nathan, era algo muito sério. Minha cabeça estava em outro lugar. Não estava conseguindo revisar e nem analisar os textos. Não conseguia me concentrar na minha amiga Tati que já tinha colocado várias vezes

a cabeça pela porta para me olhar, e nem mesmo quando ela, carinhosamente, me trouxe um café extraforte, consegui me concentrar.

Quando a agente chegou, sem a sua montanha de músculos a tiracolo, fiquei realmente preocupada, e quando Lucius arqueou a sobrancelha para mim, fiquei mais preocupada ainda. Estava claro que ele já estava com o celular grudado no ouvido quando eu fechei a porta e me certifiquei que não seríamos incomodadas.

— O que houve agente? — me sentei, oferecendo a cadeira para ela se sentar também. Ela colocou o distintivo e a arma ao lado e desabotoou o blazer; parecia séria e eu tinha um mau pressentimento com relação ao que ela iria me falar...

— O exame da perícia chegou. — ela

NACIONAIS - ACHERON

estendeu um envelope amarelo — antes, quero fazer uma pergunta. Tudo bem? — eu assenti e incentivei-a a continuar — há quanto tempo a senhorita conhece o senhor Matt Brown? — meu coração disparou no mesmo momento.

Parecia que um buraco tinha sido aberto bem abaixo dos meus pés e estava prestes a me engolir. Senti os batimentos do meu coração e a minha respiração ficar cada vez mais ruidosa. O sangue que existia no meu corpo tinha sumido.

Há quanto tempo a senhorita conhece Matt Brown? Era a pergunta que nunca pensei em escutar da boca de um policial.

— Senhorita, é muito importante que me diga há quanto tempo o conhece. — falou com calma, porém, tinha um tom de firmeza em sua voz que me fez acordar.

— Matt é, ou era, meu amigo. Faz uns dois anos que trabalhamos juntos... — eu tentava assimilar o que, possivelmente, estava acontecendo — cobrimos algumas matérias e viajamos juntos de modo profissional.

— O senhor Brown já demonstrou algum tipo de comportamento suspeito? — Droga! Merda! Puta que pariu! Caralho de asas! — alguma vez ele demonstrou querer invadir o seu espaço ou tentar algo além da amizade?

— Uma vez... — me remexi desconfortável na cadeira.

— O que exatamente ele fez e como aconteceu?

— Bom, foi um beijo — olhei para ela, que parecia absorver as informações e os movimentos que eu fazia, como uma águia — Tínhamos que ir a Washington cobrir uma

matéria. Era o tipo de matéria que eu normalmente não cobriria. Naquele dia eu tinha notado algo estranho nele. Mas, deixei de lado e segui o trabalho. Depois de um leve acidente, onde eu caí e machuquei a mão, ele ficou carinhoso, mas irritado logo em seguida. Quando voltamos, eu estava cansada e tínhamos discutido. Eu suspeitava que ele gostava de mim, e, naquela noite, ele tentou me beijar à força e eu soquei a cara dele. Tenho um problema com toques...

— Problemas com toque? — a vi aos poucos se inclinar para frente, mas seu rosto mantinha a expressão de águia.

— Sofri abuso por um tempo e desde então tenho fobia a ser tocada por homens...

— Mas, não o senhor Fox, suponho?

— Não. — sorri para ela, mesmo que tivesse saído no automático — ele é

diferente.

— Certo. — ponderou o que eu tinha acabado de falar, com um leve aceno de cabeça e continuou — voltando, o que aconteceu depois que ele tentou beijá-la?

— Ele tentou se aproximar e pedir desculpas — parei um pouco tentando esquecer que ele tinha me beijado à força, mas era impossível. — foi quando conheci Nathan. Eu tinha que entrevistá-lo para uma matéria especial e acabamos nos apaixonando. Quando Matt ficou sabendo não aceitou muito bem, no entanto, achei que estávamos indo bem...

— Senhorita, não vou ficar dando voltas na nossa conversa — ela, de repente, assumiu uma postura mais reta e um tom de voz cautelosa — os exames mostraram uma prova que incrimina o senhor Brown. O

esperma dele foi encontrado dentro de uma camisinha a cinco metros do local do crime e tinha os seus fluidos nela. O mandato de prisão já foi expedido para o senhor Brown. Ele se demitiu ontem...

Ontem... Esperma... Camisinha...
Fluidos... Matt. Inferno.

— Ele veio aqui hoje — sentia meus pulmões queimarem. Meus olhos ardiam e eu sentia todo o meu corpo tremer — droga! — esbravejei, levantando da cadeira e jogando-a para trás com força.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu passava as mãos pelo meu cabelo, tentando entender o porquê de tudo aquilo. Por que Matt tinha feito aquilo comigo? Por que tinha voltado? Eu sabia. Meu corpo tinha sentido que era ele o culpado. Eu não queria me escutar.

— Lizzie — a voz dela ficou mais baixa e ainda mais calma. Eu parecia uma leoa e ela era quem tinha que domar a fera irritada e frustrada — eu quero que você mantenha a calma e me diga exatamente o que ele disse a você.

— Merda! Aquele filho de uma puta! — eu já estava andando de um lado para o outro, sem saber ao certo o que fazer. Eu queria matá-lo. O desejo de matar alguém tinha surgido quando Theodor abusava de mim, porém naquele momento, eu queria matar Matt. Queria encontrá-lo e arrancar a cabeça daquele desgraçado — ele veio aqui, disse que sentia muito pelo que tinha me acontecido, perguntou sobre o caso e se já tinham novidades, e...

— E...?

— E ele disse que queria que tivesse dado

certo, seja lá o que imaginava que poderia ter acontecido entre nós dois. Eu disse que ninguém mandava no coração, ele falou que me amava... e...e... — levei as mãos até o rosto, tentando bloquear as lágrimas que insistiam em cair, mas não consegui. Eram lágrimas de ódio. Enquanto eu chorava, a agente pegou o celular e ligou para alguém.

— O Senhor Brown esteve aqui... — fez uma pausa e escutou com atenção — ela tem um segurança, parado na porta... Não, achei melhor deixá-lo na entrada... Sim senhor. Não, ela não falou com o senhor Fox. Sim senhor, capitão. Pode deixar. — com isso ela desligou o celular, pegou o distintivo e a arma, levantou e seguiu na minha direção — preciso que vá para casa e fique lá, até que tenhamos novas notícias. Avise ao senhor Fox sobre o ocorrido e mantenha o segurança

do lado. Uma viatura ficará fazendo a ronda no prédio do senhor Fox, apenas por segurança. Entendeu?

— Entendi. — assenti freneticamente.

Não era para eu chorar como uma louca, era para estar com uma arma na mão seguindo aquele merda! Droga! Porém, eu não poderia fazer isso. Eu não tinha condições de fazer isso.

Capítulo 14



Matt Brown

Matt era um cara legal; formado em jornalismo, gostava mesmo era de ficar atrás das câmeras. Ele não gostava de ser subjugado ou rejeitado. Na verdade, o maior defeito dele era ser direto demais no que falava. O problema em ser direto demais era que normalmente ele ganhava um tom rosado no rosto. Um tapa de todas as mulheres com quem ele resolvia ser direto e muitas vezes honesto demais com relação aos defeitos dos outros sem olhar para o próprio umbigo. Até que um dia ele resolveu ter a brilhante ideia de que eu era a escolhida dele. Nem por um segundo achei que ele fosse o tipo de homem

que mostrou ser. A caminho de casa, ou melhor, do apartamento de Nathan, me peguei pensando nas vezes em que ele brincava comigo, se insinuando, mas sempre mantendo distância. Das vezes em que rimos e dos momentos de total descontração.

Tudo mentira. Tudo era a porra de uma mentira! Matt era um doente, que merecia morrer pelo que fez. E se ele tivesse feito isso com outras mulheres? Aquele monstro asqueroso.

Ele tinha me beijado à força, mas daí querer me ferir daquela forma... eu não queria aceitar. Não tinha como acreditar que ele tinha feito aquilo.

Não tenho culpa por ter me apaixonado por você. Essas foram as palavras dele. Que tipo de amor faz o que ele fez comigo? Nunca tinha nutrido qualquer tipo de

sentimento por ele e nem tinha dado a entender que poderia se aproximar de mim. Eu queria chorar, entretanto as lágrimas não vinham. Parecia que tinham secado, mesmo com a vontade de derramá-las.

Quando entrei no apartamento, de repente, não queria estar ali. Não queria ficar sozinha mesmo com Lucius do lado de fora, na porta, e mais três seguranças na entrada do prédio. Relutante e cansada, fui andando para me sentar no enorme sofá e imediatamente o apartamento amplo e arejado não era mais tão amplo e arejado, quando eu me encolhi na posição fetal, perdida em pensamentos. Parecia que ficar ali me sufocaria.

— Lizzie! — aquela voz eu conhecia. O calor daquela mão eu conhecia. Nathan estava ao meu lado, afagando meus cabelos enquanto eu permanecia de olhos fechados.

Sua voz era calma, porém, preocupada.

— Ele era meu amigo... — murmurei com a voz triste e angustiada, ainda de olhos fechados.

— Sinto muito.

— Eu nunca alimentei nada... — minha voz saiu quase sem som — nunca. Nem quando ele tentou me beijar...

— Ele tinha tentado beijar você? — Droga... eu não tinha contado para Nathan que ele havia me beijado dias antes de me encontrar com ele na Heated Fox, uma de suas casas noturnas.

O que mais me deixou alarmada foi como o tom de voz de Nathan mudou de calmo para estranhamente frio. Foi isso que me obrigou a abrir os olhos para olhar o seu rosto com as linhas rígidas e seu maxilar tenso. Seus olhos azuis assumiram um fogo

que eu nunca tinha visto na minha vida. Era algo perigoso. Nada parecido como quando eu o vi atirando a sangue frio na cabeça de um homem, na noite em que eu fui estuprada. Seus olhos brilhavam, ou melhor, cintilavam de puro ódio.

— Ele me beijou... — vi aos poucos os olhos de Nathan se arregalarem e depois se fecharem lentamente, enquanto ele passava a mão pelo cabelo com muita força.

— Preciso de uma bebida... — quando ele se afastou de mim, senti medo. Aquele medo de ser rejeitada. À medida que ele se afastou, me senti sozinha.

O corpo grande e musculoso de Nathan andou até o bar que tinha perto da grande janela de vidro, que dava para ter uma vista panorâmica da cidade. Ele apoiou as mãos sobre a bancada e abaixou a cabeça

respirando fundo. Ainda de cabeça baixa, pegou a garrafa de uísque e despejou uma quantia considerável do líquido no copo, bebendo tudo de uma única vez, pousando-o ruidosamente sobre a bancada. Nathan repetiu isso quatro vezes. Eu já estava sentada no sofá quando o vi arremessar o copo contra a parede com força, fazendo pedaços de vidro se espalhar para todos os lados. Aquilo não me assustou...

Me apavorou.

— Aquele monte de merda! — o rosto dele ficou vermelho e pude ver as veias do seu pescoço pulsarem. Nathan estava transtornado — não era para você ter escondido isso de mim! — esbravejou e, se eu já estava assustada, fiquei ainda mais. Mais um pouco e eu sairia correndo — eu não sou onisciente, porra!

— Nathan...

— Não me venha com essa sua voz macia! — falou virando e olhando na minha direção — hoje, eu vou encontrar aquele merda e que Deus tenha piedade da alma dele, porque eu não vou ter! — rosnou de forma ameaçadora.

— Não me trate como se eu tivesse culpa! — não sabia de onde tinha surgido aquela força para enfrentá-lo, mas era como se algo me fizesse querer reagir à forma como falou comigo. Porém, de nada adiantou eu me manifestar. Ele não tinha me escutado. Quando dei por mim, tinha tirado o terno e já estava subindo as escadas — onde você pensa que vai?

— É bem melhor você não ficar sabendo — falou sumindo do meu campo de visão.

Eu não sabia o que fazer. O pior era que

estava começando a me sentir culpada por não ter contado nada a ele.

Em menos de cinco minutos ele desceu correndo as escadas. Estava vestindo uma calça preta, uma camisa preta de algodão estrangulando seus músculos e seus sapatos pretos de cano longo. Meus neurônios só perceberam para onde ele estava indo quando minha respiração voltou ao normal. Ele tinha se vestido para fazer o que sabia de melhor.

Caçar.

Matar.

Mas ele estava agindo sem pensar. Nathan estava cego de ódio.

Eu o segui até o seu escritório, o painel já tinha sido acionado e ele já estava pegando a arma, ou melhor, as armas. Ele já tinha colocado o colete e mesmo que eu quisesse controlar meus olhos, não dava. Além de

incrivelmente perigoso, ele estava incrivelmente gostoso.

— Nathan — tentei chamar a sua atenção apenas com a minha voz, coisa que não estava adiantando muito — pare! — implorei.

Não queria que ele se arriscasse e perdesse o rumo. Mesmo que eu quisesse com todas as minhas forças que ele pegasse Matt, não queria que corresse o risco de se machucar. Era um pensamento tolo da minha parte, mas era assim que eu senti que deveria agir.

— Droga, Nathan! Pare!

— Me dê um motivo para não ir atrás daquele merda e eu paro — enquanto falava comigo, ele terminava de ajustar as armas no coldre e os pentes carregados de balas.

Respirei fundo, passando as mãos no rosto e

no cabelo tentando encontrar algo que o fizesse parar...

— Droga! — resmunguei colocando as mãos na cintura, de forma impotente — eu caso com você amanhã, se não sair por aquela porta e fazer algo que não foi planejado. — Nathan congelou. Suas mãos ficaram paradas no ar, segurando algo que parecia uma faca e quase não respirava.

— Você não quer que eu o mate para te vingar? — perguntou ele, depois do que pareceu uma eternidade.

— Prefiro que você fique comigo — falei me aproximando devagar — prefiro que você me abrace e diga que vai ficar tudo bem. Prefiro que você olhe para mim e diga o quanto me ama. — quando, enfim, me aproximei dele, toquei seu braço com carinho — prefiro que você cure minha dor a sair de

perto de mim.

— Você tinha que aceitar o pedido logo quando eu estou com o sangue fervendo de raiva? — sorriu com ironia. — garota esperta você, hein? — foi tão rápido, que nem deu tempo de tampar os ouvidos com as mãos quando ele tirou a arma do coldre e disparou.

Ele atirou cinco vezes contra o vidro da grande janela do seu escritório, que logicamente era à prova de balas. Vi os músculos do braço de Nathan, o que segurava a arma, relaxarem baixando-a e aos poucos o seu corpo foi girando e pegando o celular que estava ao lado da bancada do painel de armamento. Não diria que poderia ficar mais assustada do que já estava, mas se existia algum cabelo no meu... eles tinham acabado de cair todos, apesar da adrenalina que percorreu todo o meu corpo.

— Gretha — fez uma pausa respirando bem fundo. — quero a cabeça de Matt Brown... Isso mesmo. Foi ele quem atacou Lizzie naquela noite. Não, quero eu mesmo cuidar dele — dava para escutar os estalos dos ossos da mão de Nathan se fechando com força — você já sabe o que fazer. — ele afastou o telefone e ficou segurando-o por um longo tempo, apertando com força até finalmente colocar todas as armas de volta no lugar. Era óbvio que eu queria matar Matt, no entanto, eu precisava mais de Nathan naquele momento. Precisava dele mais do que qualquer coisa no mundo. Mais do que o ar que eu respirava.

— Nathan?

— Você vai se casar comigo amanhã. — falou devagar, se virando para olhar para mim — então é bom cumprir o que acabou

de falar... — e lá tinha ido por água abaixo tudo que eu planejava. Eu ia me casar com Nathan, porém, esperava organizar tudo na minha vida com relação à Chloe e ao treinamento, com relação a tudo. Pelo tom de voz firme e grave ele não estava de brincadeira quando afirmou o “você vai casar comigo amanhã”.

O que mais eu poderia fazer para ele ficar perto de mim? Mesmo com mentiras, era ele o dono do meu coração e o amor da minha vida. Eu não me via e nem me imaginava ao lado de outro homem que não fosse o imponente, magnífico, poderoso e irresistível...

Nathan G. Fox.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 15



Não tinha mais saída. Eu tinha que me casar ou ele iria fazer algo sem pensar. Não tinha como não aceitá-lo como meu marido. Eu seria a Sra. Fox em algumas horas, já que não tinha como voltar atrás. Como eu explicaria para os meus amigos, no caso Tati e Elijah, que eu tinha acordado solteira e à noite já estava com o casamento em andamento?

— Vamos fazer assim, — Nathan começou a falar terminando de fechar o painel de armas — casamos e em dois dias vamos pegar a sua irmã. Depois da minha eleição, vamos “casar” novamente depois de seis meses — ele foi até a sua mesa, ligou o

computador, digitou algo e voltou a olhar para mim — a... — elevou o pulso até que ele pudesse olhar o relógio — a exatamente um minuto estamos legalmente casados. — Oi?

— Você disse que íamos casar amanhã — o pânico estava tomando conta de mim, mesmo sabendo que seria em vão.

— Hoje — aquela voz de predador saiu daquela boca perfeita de Nathan, quando ele me olhou tão profundamente, que quase derreti ali mesmo na sua frente. Olhei para o monitor e já havia passado da meia noite. Aquele desgraçado pensava em tudo — já é o seu amanhã. Hoje... — Deus! Como ele podia ser tão sedutor e ao mesmo tempo tão mandão — já é a nossa lua de mel e eu pretendo consumir o direito de foder a minha esposa, até que a cabeça do meu pau chegue

ao cérebro dela.

A soma de Nathan falando em pau, mais aquela roupa preta colada naquele corpo magnífico, mais aquele olhar de quem quer comer gente, ou melhor, foder fodendo, era de acabar com qualquer mulher sã. O calor do corpo dele junto ao meu foi o suficiente para fazer os meus batimentos cardíacos irem às alturas. Quando as pontas dos dedos de Nathan tocaram meu queixo, um gemido involuntário saiu da minha boca e ele nem tinha me tocado de verdade.

— Você me queria ao seu lado. Aqui estou eu e agora é para sempre, Sra. Fox — e mais uma vez meu corpo não obedeceu meus comandos e se entregou a ele, da maneira mais safada que já existiu na história da humanidade. Ouvi-lo me chamando de Sra. Fox foi a última gota d'água. E o que não

ajudou muito foi quando os dedos dele assumiram um rumo diferente no meu corpo, indo em direção aos meus seios, passando pela minha barriga até chegar onde queria.

— Nathan...

— Shhh... Calma, estamos apenas começando — disse ele quando se aproximou mais, sussurrando em meu ouvido, chupando o lóbulo da minha orelha e a contornando com a língua molhada, fazendo todo o meu corpo se arrepiar de desejo e querer mais do seu corpo quente. — vamos fazer amor na mesa, ou melhor, vamos foder nela, fazendo desse momento a nossa primeira vez. Depois, vamos foder na banheira. Depois, no chão... na poltrona... na cama, na escada... — quando Nathan enfiou a ponta da língua no meu ouvido, eu já estava me contorcendo e quase o rasgando em dez

pedaços — hoje você não irá dormir; vai gozar tão alto que precisará de um mês para se recuperar.

Ele estava me punindo por não o deixar ir atrás de Matt. E por mais que eu estivesse querendo me vingar, não queria perder o Nathan que eu tinha na minha frente. Não queria ter que presenciar ou sentir aquele Nathan raivoso, pronto para atirar na cabeça de alguém sem o menor remorso. Na verdade, eu o queria daquele jeito, e se todas as vezes que ele estivesse frustrado daquela forma quisesse me punir com sexo... Eu não reclamaria. Eu não era submissa a ele, porém, tinha que dar o braço a torcer: quando um homem gostoso e de pau duro está querendo trepar comigo em todos os cômodos da casa, eu me tornava a senhora Putinha Fox.

Eu não tinha muita força para pensar. Na verdade, eu não tinha nem força para respirar quando ele me ergueu e me colocou sentada na mesa. Não tinha notado que eu estava apenas de calcinha e sutiã. Onde minhas roupas tinham ido parar, eu não sabia, mas eu não estava ligando a mínima para mais nada. Apenas para ele.

— Aconselho que se segure firme — murmurou na minha orelha — quando terminar eu prometo que passo um gelinho nessa boceta deliciosa — Nathan começou a acariciar minhas pernas, fazendo-as se abrirem para receber seu corpo — olhe para mim — quando olhei seus olhos pareciam duas bolas azuis de fogo, prontas para me queimar — agora você é minha. Entendeu?

— S-sim — eu não tinha condições nem de abrir a boca para responder qualquer

pergunta dele, então, gaguejei, sentindo suas mãos quentes e firmes nas minhas coxas, indo na direção do meu quadril, passando por baixo, segurando firme a minha bunda e puxando para sentir o quanto ele estava duro.

Eu estava apoiando meus cotovelos na mesa enquanto ele me castigava com o calor do seu corpo. Com uma das mãos ainda no meu quadril, ele levou a outra até a minha nuca, enterrando os dedos no meu cabelo e segurando com força, puxando minha cabeça para perto da dele, encostando sua testa na minha, respirando fundo e ainda olhando nos meus olhos.

— Eu... — senti seus dedos afastando minha calcinha para o lado — Nathan Gregory Fox — ele não estava fazendo aquilo... — recebo você, Lizzie Radzimierski — ele estava fazendo, e ainda por cima

acariciando minha boceta e o meu clitóris enquanto falava — prometo ser fiel, amar e respeitar...

— Nathan, esper... — gritei quando ele introduziu dois dedos em mim — droga!

— Ainda não terminei — eu mal conseguia ficar de olhos abertos quando ele começou a movimentar os dedos, me levando à loucura — na alegria e na tristeza, na saúde e na doença... — quando dei por mim, não eram mais os dedos dele que estavam me invadindo e me preenchendo. Era Nathan, ou melhor, o pau dele.

Ele mantinha um ritmo lento. Entrando e saindo devagar, me matando por dentro e fazendo com que eu pedisse mais.

— Por todos os dias de nossas vidas. — sussurrou, olhando para mim. A forma como ele me olhava, enquanto falava e me

penetrava, era profundo e parecia que aquele era o nosso último momento juntos — sua vez, meu doce — incentivou com aquela voz rouca e sedutora.

— Eu... — não deu tempo de abrir a boca para falar o resto, pois assim que saiu a primeira palavra, Nathan estocou com força, se movimentando mais rápido e me penetrando fundo.

Meu corpo inteiro tremia, mas não era por medo do seu toque, era exatamente o contrário. Eu o queria, e muito. A cada investida, um gemido acompanhado do nome dele. A sua mão que estava no meu traseiro foi parar na minha nuca. Agora Nathan a segurava firme com as duas mãos, os dedos enterrados no meu cabelo, me fitando com aqueles olhos azuis penetrantes e irresistíveis.

— Termine, meu doce — como eu terminaria de falar qualquer coisa com aquele homem me possuindo por completo? — fale, ou não vamos sair daqui hoje.

— Eu, Lizzie... — eu sentia os músculos do corpo dele, eu sentia o calor do corpo dele, eu sentia o cheiro gostoso que tinha e isso não fazia meus neurônios funcionarem como deveriam funcionar — Amar... Ser fiel... Respeitar — que fosse para o inferno a ordem daqueles votos, eu não conseguiria dizer eles da maneira certa com ele me fodendo daquele jeito — Alegria... Tristeza... Doença... Droga Nathan! Até na porra da saúde eu vou te amar — não consegui ficar de olhos abertos.

Quando os fechei, senti a boca de Nathan sobre a minha, com a sua língua invadindo e explorando a minha boca com sofreguidão.

Eu já não conseguia me apoiar na mesa com os cotovelos devido aos movimentos intensos e firmes de Nathan. Me agarrei a ele, arranhando suas costas por cima do tecido da camisa, deslizando uma das mãos para o seu quadril e puxando-o para mais perto. Como se isso fosse possível.

E naquele momento, nós nos entregamos um ao outro por completo.

Quando acordei naquela manhã eu mal sentia as minhas pernas. Ele não tinha brincado, quando disse que íamos fazer sexo na escada... Na poltrona... No chão... Na cama... Na mesa do escritório dele... Bem devagar, fui saindo da cama e seguindo para o banheiro, parando apenas por um motivo. Eu. Eu estava pelada, com os cabelos desgrehados e a cara amassada. Uma imagem digna de filme de terror.

— Meu Deus... — gemi, passando as mãos no meu rosto — eu estou horrível...

— Não, não está. — eis que surge a perfeição de homem na porta do banheiro, segurando duas xícaras de café fresco e fumegante — está linda — sorriu, andando na minha direção, deixando os cafés na mesinha ao lado da porta.

Ele estava sem camisa, vestindo apenas uma calça de moletom preta, com o cabelo molhado e despenteado. Uma visão dos deuses, com alto teor de pecado. Eu não senti vergonha por estar pelada e muito menos parecendo uma das bruxas de Salem. O jeito que ele me olhava fazia com que me sentisse dele.

— Bom dia, Sra. Fox... — droga! Eu ia ter que aturar ele me chamar de Sra. Fox pelo resto do dia, ou das nossas vidas. Não que

isso me incomodasse, porque não me incomodava. O que me deixava furiosa era o sorriso presunçoso dele.

— Nathan... — respirei fundo, antes que minha boca fosse dominada pela minha mente e eu falasse o que não deveria falar. — eu preciso de uns minutos, se é que isso eu posso ter.

— Quando você me chamar de marido... ou esposo, eu saio — cruzou os braços e alargou ainda mais aquele sorriso.

Ele não ia me tirar do sério. Não quando eu tinha um milhão de coisas para resolver, incluindo ir até a delegacia para saber mais sobre Matt. Porém, eu tinha uma suspeita de que a polícia não chegaria até ele a tempo. Nathan tinha acionado Gretha para rastrear Matt, ou seja, seria impossível que a polícia o encontrasse, ou que nas mãos de Nathan ele

permanecesse vivo. Sem falar que eu tinha que estar no jornal às...

— Merda! A hora Nathan! — falei correndo para dentro do box, ligando o chuveiro e tomando meu banho na velocidade da luz. Peguei a toalha e me enrolei, mas quando eu ia saindo do banheiro, ele segurou meus braços, me fazendo parar.

— Estou esperando — ele não ia me soltar. Isso estava escrito na testa dele.

— Bom dia... — fiz uma pausa antes de erguer a cabeça e ficar nas pontas dos pés — marido. Meu marido. — e dei um beijo em sua boca com carinho.

Capítulo 16



Nathan retribuiu o beijo segurando meu rosto entre suas mãos, fazendo com que eu me esquecesse de que o mundo existia.

— Assim é que eu gosto — sorriu me dando espaço para que eu passasse, mas quando eu comecei a andar me puxou, me beijando novamente — quero almoçar com você hoje e pode convidar Elijah e Tati, se quiser é claro...

— Seria maravilhoso. Vou falar com eles e envio uma mensagem para você.

— Eu tenho que resolver o problema com o Brown e quando achá-lo... — o jeito que ele me olhou demonstrava exatamente o que ele faria com Matt.

Tudo que eu conseguia pensar era em como resolver todos os problemas sem perder o Nathan que eu tanto amava. Eu queria saber o que a agente Lackin tinha e como estavam indo as buscar para prender Matt, mesmo sabendo que no dia seguinte ele estaria morto, pois eu tinha certeza que Nathan faria isso.

— Prometa que vai voltar para mim, Nathan — olhei no fundo de seus olhos — prometa que vai se cuidar. Não quero perder você... — minha voz falhou e eu comecei a sentir os meus olhos arderem por causa das lágrimas que queriam cair. Eu não entendia o porquê de sentir o coração apertar, mas eu sabia que tinha de fazê-lo prometer que iria voltar para mim.

— Eu já era seu, agora sou ainda mais. — disse com ternura.

Nathan se aproximou de mim, diminuindo a distância entre nossos corpos e me envolvendo em seus braços. O melhor lugar no mundo era aquele, no calor dos seus braços fortes e sua pele cheirosa. Nathan sempre teve cheiro de homem e isso fazia com que eu me sentisse ainda mais segura. Nada poderia tirar aquilo de mim. Nada.

— Prometo voltar sem nenhum arranhão no corpo e até duvido que vá estragar meu cabelo... — disse ele fazendo charme e um pouco autoconfiante. Mas era assim que ele era... O todo poderoso Nathan G. Fox. Meu marido e dono do meu corpo, assim como o dele era meu.

Naquela manhã tudo estava diferente. O jornal estava em silêncio e ninguém olhava para mim. A única coisa que me surpreendeu foi Elijah segurando dois copos de café, já

que café era meu segundo vício e quanto mais forte, melhor. Não era porque minha vida fosse amarga, eu simplesmente apreciava o gosto do café forte. Ele me olhava preocupado e mesmo com seus 1,88 cm de altura, parecia pequeno. Eu sabia que ele se preocupava comigo, o que me fazia amá-lo como a um pai, coisa que nunca tive de verdade, já que não se pode considerar pai um reles doador de espermatozoide.

Como sempre, o grande lenhador estava vestido de modo casual, com sua camisa de flanela xadrez azul de mangas dobradas até a altura do cotovelo, calças jeans preta, um all star e aquele sorriso carismático, que mesmo diante da situação, era de derreter o coração.

— Oi, chefe. — forcei um sorriso. Quando me aproximei ele me estendeu o café e eu sabia que tínhamos que conversar. Sobre

Matt.

— Vamos até a minha sala — disse ele já se afastando. Senti todos os olhares me seguindo enquanto andava. Eles tinham pena de mim e eu tinha raiva de Matt; e uma raiva maior ainda por ter confiado nele como um amigo.

Elijah abriu a porta, deu espaço para que eu passasse e a fechou atrás dele, seguindo para sua mesa.

— Sente-se. — ofereceu uma das cadeiras, eu sentei e permaneci calada.

— Eu gostaria de saber o que, exatamente, aconteceu entre você e Matt... — disse segurando o copo de café, como se a sua vida dependesse daquele gesto — sei que existia algo de errado, mas estou preocupado...

— Foi ele quem me estuprou no beco, Elijah. — como em câmera lenta, vi o café

escorregar de suas mãos e cair, se espalhando para todos os lados. De repente, ele parecia mais velho. Suas linhas de expressão apareceram de uma forma que nunca tinha visto na minha vida.

— E-e-u... — por alguns segundos eu achei que ele não conseguiria falar, mas por fim abriu a boca e disse — se eu soubesse...

— Não tinha como adivinhar, Elijah. — ele olhava para o café derramado no chão sem mover um músculo. — acho que nem mesmo ele poderia imaginar que faria uma coisa dessas...

— Eu sinto muito. — senti que ele realmente estava sentindo a minha dor e quando ele fez menção de se aproximar eu me afastei. Graças a Deus ele não aparentou ficar magoado com o meu gesto brusco.

Eu sabia que ele era amigo e que estava

namorando a minha melhor amiga, mas, ainda assim, eu não me sentia confortável e o meu corpo ainda demonstrava sinais claros que não aceitaria ser tocado por outro homem que não fosse Nathan, mesmo Elijah sendo amigo.

— Olha — comecei a falar, alisando o tecido da saia risca-de-giz preta que ia até acima dos joelhos e dando uma olhada nas mangas da minha blusa branca sem decote — eu gostaria muito que você e Tati aceitassem almoçar comigo e com Nathan... Na verdade, ele os convidou — enquanto eu esperava que ele desse a resposta, senti que os meus pés pareciam chumbo quando eu tentava passar o peso do meu corpo de um para o outro. Queria que ele se entendesse com Nathan, fazendo com que a paz reinasse entre nós — eu não tenho muita coisa para fazer hoje e

vou precisar ir até a delegacia saber mais sobre o andamento do caso e depois poderíamos nos reunir...

— Tudo bem. — se pôs de pé, passando a mão nos cabelos grisalhos — eu só não sei como você consegue.

— Como assim? — perguntei sem entender.

— Não sei como consegue, depois de tudo, ser forte. — o tom de voz dele mostrava o quanto aquilo era verdadeiro. Eu tinha que ser forte.

— Eu tenho que seguir em frente, Elijah. Não posso deixar que a tristeza e a mágoa tomem conta da minha alma. Se eu permitir, sei que não vou conseguir suportar. — dei um sorriso fraco para ele antes de seguir para porta — obrigada por se preocupar comigo, é bom saber que existem amigos como você. É

quase como se fosse um pai para mim... — eu sabia que Elijah sempre ficava mexido quando lhe dizia o quanto o considerava.

— Você vai sozinha?

— Não. Depois do que aconteceu, Nathan não me deixar andar sem segurança...

— Espero que ele cuide bem de você.

— Ele está cuidando. Obrigada e até daqui a pouco — saí da sala, mas quando olhei para a recepção Tati não estava lá. O que era estranho, já que todas as vezes que chegava ela já estava pronta para me falar sobre os acontecimentos da redação.

Eu olhava todos aqueles policiais enquanto a agente Lackin estava ao telefone, praticamente aos berros. Eu nunca a tinha visto tão alterada, e pensando bem eu nunca a tinha visto alterada de qualquer forma. Ao lado estava seu parceiro, que mais parecia

uma montanha de puro músculo. Quando ela desligou o telefone, com muita força, vi quando olhou para mim e sussurrou algo para ele, que o fez virar a cabeça para me olhar também.

— Senhorita Radzimierski, me desculpe pela demora — estava claro que não tinha sido a ligação que ela esperava — vou direto ao assunto, encontramos o corpo de um homem com as mesmas características do senhor Brown... — meu coração queria saltar pela boca. Eu podia ouvir o quanto a minha respiração estava ruidosa e meus olhos arregalados — o carro encontrado perto da baía é de uma mulher chamada Tatiane... — não consegui ouvir o resto. Eu sabia no meu íntimo a quem a agente Lackin se referia, mesmo sem saber o sobrenome.

— Oh! Meu Deus! — comecei a chorar.

— Lizzie... — quando me virei vi Tati, com seu rosto de anjo e suas bochechas adoráveis, assim como seu cabelo loiro formando cascatas de cachos nas pontas. Em segundos, senti meus pulmões voltarem a funcionar. Graças a Deus ela estava bem. Corri e a abracei com força — Opa! Assédio é crime, hein... — brincou retribuindo o abraço — o que houve...?

— Bom, resumindo tudo, Matt é o culpado pelo que me aconteceu... e possivelmente está morto e o seu carro está próximo de onde ele foi encontrado...

— Babaca! — resmungou Tati, ficando vermelha. — aquele idiota estuprou você! E ainda teve a ousadia de roubar o meu carro para fugir?

— Eu fiquei tão preocupada com você — funguei, tentando não chorar. A ideia de

perder Tati foi horrível e completamente traumatizante.

— Meu amor, quando ele conseguisse fazer algo eu já estaria segurando as bolas dele, fazendo malabarismo com elas. — aquilo me fez rir e diminuir um pouco toda tensão que estava no meu corpo.

— Senhorita — pigarreou a agente, chamando minha atenção — como eu estava dizendo, o carro dela — apontou para Tati, me olhando logo em seguida — está próximo de onde o corpo foi achado. Agora precisamos dos resultados dos exames para saber se é realmente ele, já que o corpo que encontramos teve o rosto desfigurado por completo. — merda! Certo, eu não poderia entrar em pânico e demonstrar que já sabia que algo ruim havia acontecido com Matt. O mundo tinha se livrado de mais um

estuprador e eu estava começando a me sentir mais aliviada...

— O laudo pericial vai indicar o que causou a morte e se é mesmo o senhor Brown, já que vamos fazer a comparação com o DNA que temos dele em nosso banco de dados. — em parte, ela parecia chateada com alguma coisa, mas resolvi não perguntar. Vi quando respirou profundamente antes de continuar: — ainda não sei quem poderia fazer algo do tipo com ele... — Murdok se prontificou ao lado dela, fazendo que calasse a boca, já que estava falando mais do que deveria.

— Algo do tipo? — e era claro que eu não ficaria calada. Eu tinha que perguntar, mesmo sentindo os olhos do grandão pairar sobre mim.

— Como eu disse, o rosto do homem

encontrado está desfigurado. Segundo as imagens que recebi, ele talvez tenha sido espancado até a morte... Possivelmente com uma barra de ferro ou um taco de golfe...

— Meu Deus! — exclamou Tati, levando a mão até sua boca, em choque.

Eu não conseguia sentir nada com aquela revelação. Na verdade, até me senti bem. Esse sentimento era por causa da possibilidade de Matt não pisar mais no chão dos vivos, e tomara que tenha ganhado um ingresso direto para se tornar a vadia particular do diabo.

— Em dois dias entraremos em contato; pedimos que não se ausente da cidade...

— Não vou me ausentar, eu quero saber o final dessa investigação tanto quanto vocês — minha voz soou um pouco ríspida. Era claro que eu não ia sair da cidade. Eu tinha

PERIGOSAS

que ver para crer.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 17



Tudo que eu queria era que as coisas se resolvessem. Mas, com a minha taxa de azar em alta, o máximo que poderia acontecer era tudo voltar à estaca zero. Depois da conversa esclarecedora com a agente Lackin, tive que juntar minha bunda branca com a da Tati e seguir para o restaurante perto do parque. Se não fosse por ela, acho que nem tinha chegado até lá.

— Liz... — ela suspirou, colocando o copo com suco de laranja de volta à mesa — estou há horas querendo que você volte para o mundo dos vivos e deixe essa cara de zumbi de lado... — vi quando os olhos dela se arregalaram para mim; pensando melhor

não era para mim, e sim para o que estava atrás de mim — Deus está sendo mais que generoso com os meus olhos...

— Do que vo... — não precisava nem perguntar o motivo.

Até mesmo eu fiquei sem palavras. Na entrada do restaurante elegante estavam os dois homens que chamavam a atenção de todos. Elijah com seu porte estilo lenhador, rude, mas ao mesmo tempo charmoso, e meu Nathan... de terno cinza, sapatos pretos brilhosos e a sua autoconfiança no jeito de agir e até mesmo de falar. Eu fiquei com pena da moça da recepção, que nem conseguiu abrir a boca para falar com aqueles homens perfeitos.

— Acho que estou tendo um pouco de dó da moça...

— Eu não — rebateu Tati com firmeza —

se ela olhar mais um pouco para o “meu homem”, juro que arranco os olhos dela. — quando me virei, Tati tinha assumido uma expressão soturna, fixada no rosto da moça que não sabia para qual dos dois homens perfeitos devia olhar.

— Tati com ciúmes? — abri um sorriso escancarado. — essa é nova — comecei a rir — olha, eu já disse a você que se ele te escolheu é com você que vai ficar.

— Fica de boca fechada e depois eu converso com você. Acho que tem algo errado com ele, só não quero falar sobre isso agora — o tom da voz dela era triste e eu já estava começando a ficar preocupada com isso.

Não tinha ideia sobre o que estava acontecendo com eles, até porque eu estava passando por uma turbulência na minha vida

e mal tinha tempo para conversar com ela. Isso fez com que me sentisse culpada. O que será que Elijah estava fazendo de errado? Se fosse algo ruim eu teria que arrancar as bolas dele e servir em uma bandeja de ouro para ela. Não queria ver a minha amiga sofrer. Não quando ela parecia começar a ter uma vida feliz e mais aberta.

— Tati...

— Shhh — ela disse se endireitando na cadeira, assumindo uma postura mais tensa — eles estão vindo. Depois falo com você — apenas assenti e voltei a prestar atenção.

O ambiente era calmo, cheio de pessoas sentadas em suas mesas cuidando de suas vidas. O restaurante era do tipo que se via em filmes dos anos 60. Cada mesa ficava posicionada em um quadrado desenhado no chão e existiam lustres triangulares em cada

uma, dando um ar moderno e ao mesmo tempo sofisticado. As grandes janelas ofereciam uma visão ampla do parque, assim nos proporcionando mais luminosidade, mesmo com os lustres.

— Oi, meu doce. — disse Nathan no meu ouvido e dando um beijo na orelha, me deixando vermelha.

— Oi. — respondi sem jeito, sentindo os olhos de Tati e de Elijah nos observando. Nathan desabotoou os dois botões do terno e elegantemente se sentou à mesa; com um leve aceno chamou a garçonete, que por sinal, usava um vestido preto lindo. Ela tinha aparência muito bonita, com seus cabelos pretos e pele branca. Simpática, até.

— O que desejam?



Horas antes...

Matt se preparava para ir embora. Tinha cometido um crime. Mas para ele, tinha sido um crime por amar demais Lizzie. Na verdade, ele passara boa parte do seu tempo pensando nela e em como seria o dia em que ela lhe revelasse o seu amor por ele. Porém isso não tinha acontecido. Na noite em que ele a beijou teve que se afastar dela. Ela tinha socado o seu olho e brigado com ele. Desde esse dia ele passou a ter uma obsessão por Lizzie. Naquela mesma noite em que ela socou seu rosto, ele foi atrás de alguém para saciar o seu desejo. O desejo que vinha guardando e nutrindo por ela assim que a viu pela primeira vez no jornal. Fez de tudo para ficar perto dela. Naquela noite, ele procurou o calor dos braços de uma puta, colocando

uma peruca de mechas avermelhadas, assim como os cabelos de Lizzie. Ele sabia que aquela mulher não chegava nem perto da perfeição que era o corpo de Lizzie, mesmo que ela usasse aquelas roupas pavorosas.

O seu mundo virou de cabeça para baixo quando ficou sabendo que ela, que tinha lido que não era namorável, começara um relacionamento com certo senador, de quem ela dizia querer colocar toda a merda da vida no ventilador. No começo ele achou que era um jogo para se aproximar do grande Senador Nathan G. Fox, mas depois viu que não era isso. Ela estava ficando apaixonada por quem deveria investigar. E isso ele não aceitava. Dias antes, enquanto trepava com a sua colega de trabalho, Zoey, ele se viu maquinando um plano diabólico. Na verdade, esse plano o consumiu e tudo em que ele

conseguia pensar era no momento em que estivesse dentro dela. Da mulher que deveria ser sua.

Ele não conseguiu pensar em mais nada.

Certa noite ele se viu seguindo Lizzie até uma das boates de Nathan. Ele ia entrar lá, fingir que estava bêbado e ela o levaria para casa. Não era um plano muito brilhante, diga-se de passagem, mas era o que ele tinha naquele momento. Porém, parecia que a sorte sorriu para ele, que viu a sua chance ali mesmo, com ela correndo pela rua, e a seguiu. Quando ela entrou em um dos becos escuros e sem iluminação, teve a chance de colocar seu plano em prática.

— Ei, delícia? — ele tinha a voz abafada pela touca do capuz que usava naquela noite.

Não iria desistir de segui-la. Pelo contrário,

iria até o fim. Até que enfim ele saciaria o desejo de possuir o seu corpo. Ah sim, isso era o que ele mais queria na vida. Sonhava noites e noites com o calor da pele dela sobre o seu corpo, beijando e acariciando seu pau enquanto lhe dizia que o amava. Ele já a tinha convidado para morar com ele, porém ela se recusava e preferia morar naquilo que chamava de apartamento.

Quando ela retirou os saltos, apressada, ele teria que agir mais rápido, e foi quando a sorte lhe sorriu de novo.

Ela caíra e se machucara.

Aquela era a sua chance.

— Puta! — ele esbravejou, não com ódio, era mais que isso. Sentia-se traído por não ter merecido a chance de ter o seu amor, mas mal sabia ele que ela não poderia amá-lo, pois seu coração já tinha dono: Nathan. —

vou ensinar que não se deve andar sozinha...
— disse ele com uma risada fria cheia de rancor.

À medida que ele agia, sentia mais raiva. Raiva de si mesmo, dela e do homem que tinha lhe tirado a oportunidade de ser feliz ao lado do seu amor. E tudo isso, toda essa raiva, foi descontada em Lizzie.

Ele não pensou duas vezes antes de começar a chutar e socá-la. Quando viu que ela não tinha mais forças para lutar, fez o que tanto queria. Abriu as pernas dela e se saciou. Ele não queria que a polícia o descobrisse, então usou camisinha. Quando terminou, se sentia eufórico e incrivelmente satisfeito. Olhando para o corpo dela, mole e ensanguentado, tinha que se certificar que ninguém o veria sair daquele beco. Ele sabia que se saísse da cidade seria um suspeito,

mas não poderia olhar para ela. Sabia que o desejo voltaria, mais forte do que nunca. Vários metros depois, descartou a camisinha e seguiu para casa, onde pegou as roupas que tinha usado e as queimou no terraço, fingindo ser uma fogueira que aquecia seu corpo, lembrando-se de como tinha sido bom entrar no corpo de Lizzie. Ele não se arrependera do que fez, na verdade se sentia até feliz. Ele era um monstro.

Depois disso, o tempo passou, mas ele sentia que a qualquer momento o seu mundo ruiria. Então, em uma manhã, depois de falar com Lizzie e se certificar que ela não sabia de nada, pegou tudo que tinha, ou o que podia colocar em sua mochila, roubou o carro de uma de suas colegas do trabalho, deixando em um lugar qualquer e seguiu para o metrô, comprando uma passagem de modo

aleatório, porém para bem longe dali. Mal sabia ele que ela sabia de tudo e a polícia estava atrás dele.

Não tinha deixado nada importante para trás, a não ser o desejo que ainda sentia por Lizzie. Já era noite quando se sentou em um banco próximo ao embarque. Pegou a sua mochila e deitou no banco, fazendo-a de travesseiro e fechou os olhos, lembrando-se do sabor do beijo dela. Tudo que ele queria era ficar sozinho, mas o destino não estava sorrindo para ele naquela noite. Não quando uma morena muito atraente sentou ao seu lado e ele foi obrigado a abrir os olhos. Ele teve uma visão de contemplação. Era linda, lógico que não tão linda quanto a sua Lizzie, mas era estonteante. Pele escura, cabelos trançados, um corpo de curvas perfeitas, e, o que mais lhe chamou a atenção foram os

lindos olhos azuis da morena. O que era muito raro, por assim dizer.

Ele se pegou imaginando como seria trepar com ela, de quatro, com sua bunda empinando enquanto a comia com força. De repente percebeu que estava sorrindo e flertando com a moça, que, sem que soubesse, seria sua perdição. O brilho do olhar dela era diferente de tudo, parecido com fogo ardendo sobre ele. Quando desviou os olhos de seu rosto prestou atenção no vestido, curto demais e que deixava à mostra uma pele incrivelmente macia e excelente para lambar.

— Vai ficar apenas me olhando? — perguntou a morena de maneira atrevida. A sua voz era como seda em seu ouvido e isso respondeu em mais algum canto do seu corpo.

— Direta, hein? — sorriu descaradamente para ela, passando o dedo em seu braço, acariciando sua pele. — estou perto do meu horário e não tenho como dar uma atenção generosa para você, morena...

— Pode ser aqui mesmo. — ele sentiu uma adrenalina percorrer o seu corpo e o seu sorriso se ampliar ainda mais.

— Gosta do perigo. — disse ele se sentando no banco; ela montou em seu colo, prendendo-o com força.

— Você não faz ideia — ela sorriu, mas em seu sorriso tinha algo estranho e quando percebeu isso, já estava sendo espetado no pescoço. Em questão de segundos, sentiu suas pálpebras pesarem e o seu mundo escurecer.

O azar dele foi ter pensado com a cabeça de baixo e ter se deixado levar pela bela

morena de pele escura, pernas grossas e olhos azuis.

Quando acordou, sentiu uma forte dor se espalhar sobre o seu corpo. E quando finalmente abriu os olhos, sentiu o peso da mão da morena do metrô. E lá estava aquele brilho que ele tinha visto. Ela segurava um bastão de beisebol e usava luvas em suas mãos.

— Sabe, nunca pensei que seria tão fácil encontrar um filho da puta como você — com muita satisfação, ela desferiu o primeiro golpe bem nas pernas dele, que estavam amarradas à cadeira, assim como suas mãos; sua boca estava amordaçada.

O grito dele satisfazia os ouvidos de Gretha; a cada golpe, mais raiva ela sentia por aquele homem ter feito mal à sua cunhada. Gretha amava Lizzie desde a

primeira vez em que a viu. Nathan tinha escolhido Lizzie para ser a sua mulher e Gretha faria tudo por seu irmão. Nathan merecia sua total lealdade e nunca pensaria duas vezes antes de ajudar o seu irmão, e agora, a sua cunhada.

— Sabe o que eu gostaria de fazer com você de verdade? — perguntou ela, depois de descansar os braços — queria meter uma bala na sua cabeça e apagar qualquer registro ou pista de que um dia você existiu. — esgarrou puxando todo o catarro do peito e cuspiu no rosto dele.

Matt não sabia onde estava, ou o que estava acontecendo, até que uma porta se abriu e ele se deu conta que estava em um contêiner, e já era de manhã. Mas, o que mais o assustou foi a imagem de um homem alto e forte seguindo em sua direção. Por alguns

segundos, ele não acreditou que aquilo estava acontecendo. Nathan, o senador Nathan, estava parado bem na sua frente e parecia ter se agigantado ainda mais. Ele estava usando terno cinza e sapatos pretos brilhosos, e seu rosto estava inexpressivo. Ele parou a alguns metros de Matt e olhou para ele. O encarou por minutos e depois seguiu para perto da morena, em quem agora conseguiu perceber os olhos azuis idênticos. Ele prestou bastante atenção nesse detalhe, pois a comunicação visual entre os dois era incrível. Sem pressa, Nathan pegou o taco da mão da irmã, que fuzilava Matt com os olhos, e tornou a encará-lo. Ele balançava o bastão de uma mão para outro, voltando a ficar perto de Matt.

— Sabe o que é mais incrível? —
perguntou o senador, visivelmente irritado.

Mas Matt ficou em silêncio. Não tinha como falar, já que sua boca estava amordaçada — eu fiz uma pergunta, seu merda! Responda! — gritou Nathan, com os olhos arregalados. Naquele momento, Matt sentiu algo escorrer entre suas pernas e percebeu que tinha urinado nas calças, de medo.

— Além de filho da puta, você é um mijão? — debochou o homem alto e imponente, olhando para o líquido que escorria entre as pernas de Matt — quando você abusou da minha mulher eu fiquei puto da vida, aliás, não sei se existe no mundo algo parecido com o que sinto agora — Nathan continuou a balançar o bastão na mão — a verdade, e o que é incrível nisso tudo, é que não posso matar você — soltou uma risadinha desconfortável aos ouvidos de Matt — minha esposa, sim, minha esposa Lizzie

não gostaria de saber que matei você.

Matt não tinha mais saída.

Além do choque de saber que Lizzie estava casada com Nathan, ele soube que a tinha perdido definitivamente.

— Então, ao invés de matar você, eu vou apenas amassar a sua cara com esse bastão — sorriu, terminando de dar a volta ao redor da cadeira onde Matt estava preso — mesmo que a minha vontade seja torturar você pelo resto da sua vida. Antes que seja morto, você vai receber a mesma cortesia à qual submeteu a minha mulher, mas não se preocupe, quem fará isso não vai ser tão gentil. Não tão gentil quanto você foi com ela — Matt de repente entrou em pânico, e, mesmo naquela situação, sua virilidade já estava jogada no lixo no momento em que mijou nas calças de tanto medo ao ouvir a voz de Nathan.

Ainda olhando para Nathan, ele viu os raios de sol penetrarem o contêiner novamente e nele outro homem entrou, segurando uma barra de ferro roliça e grossa nas mãos; tinha um sorriso travesso nos olhos de cor amarelada diferente de tudo que já vira na vida. Ele tinha um jeito sofisticado e Matt tinha certeza que já o tinha visto antes, em algum jornal.

Matt não se lembrava de Ian, e mesmo que lembrasse, já estava perdido.

Distraído, não viu quando Nathan desferiu outro golpe em sua cabeça. Isso virou uma sequência de golpes para aliviar a dor que Nathan sentia por aquele monte de merda ter abusado da sua linda e adorada esposa, Lizzie.

Horas depois, Nathan estava no almoço agradável com a sua linda esposa e seus

amigos. Enquanto Matt estava na sala de necropsia, com a causa de sua morte sendo estudada e sem qualquer pista do agressor, já que quem o tinha matado não era qualquer pessoa, e sim a agente mais treinada e habilitada para realizar esse tipo de serviço, Gretha.

Capítulo 18



Naquele almoço, fiquei preocupada com Tati, pois ela parecia triste e distante, diferente da que eu estava acostumada. Seu rosto, que sempre corava quando Elijah estava por perto, parecia pálido e abatido. Eu tinha que saber o motivo daquela tristeza, meu mundo não eram apenas os meus problemas e tinha que me preocupar com a minha amiga também. O almoço foi um total fracasso, pois Nathan estava de bom humor e muito atencioso aos assuntos relacionados ao jornal, já que ele tinha parte das ações.

Quando voltamos para o trabalho, parei para pensar no quanto eu estava negligenciando minha amizade com ela. Em

parte, eu realmente tinha problemas e um deles era tirar minha irmã de perto do Theodor e fazer dela e de Nathan a minha família. Coisa que nunca tive, quando tentava sobreviver com eles. Olhei para os papéis na minha mesa e já que estávamos próximo do final do expediente, fui procurá-la. Aqueles malditos olhos me seguindo no jornal era o que mais me incomodava, no entanto, preferi não dar mais gasolina ao fogo e segui andando até a mesa dela.

Acho que a cena mais melancólica da minha vida foi vê-la com o cotovelo apoiado na mesa, a cabeça sustentada pela mão e o olhar perdido.

— Certo... — respirei fundo, colocando as mãos na cintura e olhando para ela seriamente — você vai ou não me contar o que está acontecendo? E nem vem com essa

de que não pode falar, porque Elijah saiu para uma reunião com o contador e agora não existe mais a merda de qualquer desculpa...

— Acho que ele não me quer mais. — Tati levantou a cabeça, olhou para mim e tive a sensação de que meu coração se despedaçaria. Eu mataria Elijah, arrancaria as bolas cabeludas dele e jogaria o corpo em um lugar onde ninguém o encontrasse se ele estivesse brincando com Tati. Deus! Eu estava furiosa com ele.

— Por que você acha isso? — me sentei na cadeira para conversar melhor. A última coisa que eu queria era que algum dos fofoqueiros daquela empresa escutasse algo sobre eles e depois fizessem insinuações maldosas.

— Sei lá... — deu de ombros, tirando uma barra de cereal da gaveta, abrindo e

começando a comer.

— Ai! Tati, você nunca diz “*Sei lá*” quando acha que tem algo errado com o seu namorado... — revirei os olhos para ela, mostrando que tinha que ser mais específica.

— Eu sou feia? — pronto... ela deveria ser internada com urgência no hospital das pessoas com os parafusos soltos. Tati era linda, parecia uma boneca, olhos verdes, cabelos loiros, rostinho de anjo e o caralho todo. Louco seria o homem que não se apaixonasse por ela. E se Elijah fosse louco, eu faria com que aprendesse uma lição.

— Aí, cristinho... — respirei fundo novamente antes de começar a falar, ou teria que bater na cara dela — preste bem atenção, certo? — ela concordou com a cabeça — você é linda, e... — fiz uma pausa, apontando o dedo indicador para ela — eu acho que o

homem que não a acha bonita é um louco.
Um completo filho da puta. Entendeu?

— Olhe bem para mim... — gesticulou para o corpo dela — eu sou...

— Pelo amor de Deus, não diga o que eu estou pensando que você vai falar. — problemas com a autoestima é um pesadelo na vida de qualquer mulher, e eu sabia por experiência que isso não faz bem algum — é por isso que você acha que ele está estranho?

— Sabe... — começou, me chamando para ficar mais próximo a ela — ontem, nós tipo... Ah! Você sabe. — finalmente o rosto dela tinha voltado a ficar vermelho.

— Treparam... — bufei de forma dramática. — e o que tem isso a ver com o fato dele não querer mais você?

— Ele meio que ficou estranho quando terminamos... — Tati franziu o cenho,

formando ruguinhas fofas entre as sobrancelhas enquanto terminava de comer a barra de cereal.

— Olha, ele pode estar passando por algum problema aqui...

— Se ele estivesse passando por algo aqui eu saberia, Lizzie. — a sua voz ficou triste — só pode ser comigo...

— Quem sabe ele está escondendo algo bom de você? — nesse exato momento lembrei-me de Nathan. Será que ele poderia esconder algo de mim, mas que não fosse de todo mau? Não sabia o que pensar, já que eu tinha colocado isso em pauta.

— Não sei. Mas espero que seja mesmo algo bom — deu para notar os seus olhos ficarem vermelhos e marejados. — não posso viver sem ele, Lizzie. Demorei tanto para me abrir e contar que gosto dele...

— Chega — falei um pouco ríspida, mas não era o que eu queria fazer — desculpa... — pedi mordendo o lábio, me autoflagelando por dentro por falar com ela daquela forma. Estava claro que ela estava sofrendo e eu tinha que ser ponderada no que falaria — ele ama você, e que eu saiba, ele só tem dois amores na vida. O primeiro é você e o segundo é o jornal. Não vejo motivo para...

— O que você tem, Tati? — estávamos tão concentradas na conversa que não notamos a presença de Elijah. Quando me virei, ainda sentada na cadeira, ele estava visivelmente preocupado com ela — Tati, meu... — ele fez uma pausa, já que ele também sentia os olhares dos abutres — venha na minha sala, por favor. — se virou e olhou para mim. Coloquei uma expressão interrogativa com uma pitada de “*vou te*

matar” — você também vem... — apontou para mim com um leve aceno. Bom, se ele a tratasse diferente da forma como merecia, eu pegaria a primeira cadeira e quebraria na cara dele.

— Certo... — disse ela ao se levantar da cadeira, com a voz baixa e triste.

Ela seguiu na frente e eu fiquei esperando-a entrar para fazer contato visual com ele, gesticulando os dedos da minha mão de forma ameaçadora.

— *Tô* de olho em você, senhor Elijah. — a coisa mais improvável aconteceu naquele momento tenso: ele sorriu. Aquilo me desarmou por completo. Então, não era uma coisa ruim. Talvez fosse mesmo algo bom e estivéssemos fazendo tempestade em copo d’água. Eu pedi com todas as minhas forças que fosse realmente algo bom.

Quando finalmente entrei, ele me seguiu fechando a porta atrás de si. Andou até a sua mesa e abriu a gaveta, tirando algo de dentro que não deu para enxergar.

— O que você estava falando com a Radzimierski? — perguntou Elijah, colocando as mãos para trás e assumindo uma postura mais rígida, fazendo Tati se encolher. Aquele não era ele.

Não o Elijah que a tratava como a sua *Cupcake*!

— Olha, você não pode tratar... — comecei, mas logo senti o peso da situação quando ele olhou para mim e abriu a boca para falar:

— Calada Radzimierski, meu papo não é com você. — onde é mesmo que a minha voz tinha ido parar, hein? — eu fiz uma pergunta, Tati. — Deus, ela não tinha nem forças para

levantar a cabeça. Eu olhava para Elijah e depois para Tati, buscando o que tinha de errado ali.

Tati tinha as mãos junto ao corpo e ficava alisando o tecido nervosamente, cabisbaixa.

— É que... — a voz dela era quase um sussurro — você está diferente e eu fiquei preocupada... fiquei com medo de que você não me quisesse mais...

— Não quero mais você, Tatiane... — se o meu mundo tinha parado, o dela desabou naquele momento.

Ela levantou imediatamente a cabeça e arregalou os olhos para ele. Ele tinha um misto de dor e vergonha no rosto, que eu não sei o porquê de eu não ter aberto a boca e falado algo nas fuças dele.

— Entendo — o que ele estava fazendo?

Estava deixando o amor da sua vida ir

embora e tinha me chamado para assistir o sofrimento dela? — realmente, você não deveria me querer. Como um cara como você desejaria algo com uma pessoa como eu? — ela tinha uma amargura tão profunda na sua voz e ele parecia tão... espera, aquilo era um sorriso? O filho da mãe estava sorrindo? — eu sou gorda, flácida e ainda tenho mais celulite que a casca da laranja...

— Você é perfeita, Tati. — Oi? Minha cabeça parecia uma bola de pingue-pongue. Hora eu olhava para ela, que estava com o rosto contorcido e com a expressão de que não estava entendendo porra nenhuma, hora eu olhava para ele, que tinha um sorriso cada vez maior do que o normal.

— Gosto do seu corpo do jeito que é e adoro o jeito quando você fica vermelha de vergonha... E eu não quero mais você, Tati.

Não como apenas namorada... Quero você para a vida toda.

Estava acontecendo? Sim, estava sim.

Não era para eu estar naquele lugar, não mesmo. Aquilo deveria ser algo particular e tinha uma intrusa no “*momento*” deles. Eu não sabia se continuava olhando ou se me escondia atrás dos stands boards. Talvez um vórtex no chão já ajudaria.

— Você é quem faz os meus dias mais completos. Não tenho outra razão para querer amar outra mulher que não seja você... — a ficha estava começando a cair feito uma bomba na frente dela. Ela não sabia se sorria ou se ia até ele e lhe batia. Eu teria batido nele, mas ela era romântica demais para cogitar fazer isso no lenhador dela.

Elijah era romântico? Sim, ele era. E dos bons.

Ele levou as mãos até a frente e abriu uma delas, onde tinha uma caixinha quadrada pequena verde como os olhos dela. Ele não se ajoelhou, apenas seguiu até ela, que estava congelada, segurou uma de suas mãos, olhou em seus olhos já marejados de emoção.

— Meu Cupcake, quer casar comigo? — a voz dele era grave e carregada de sentimento. Um sentimento que transbordava de alegria naquele pedido.

Em *slow motion*, Tati abriu um sorriso deixando as lágrimas caírem. Na verdade, parecia mais uma represa se rompendo. A única coisa que ela sabia fazer era assentir freneticamente a cabeça enquanto ele retirava o anel com um diamante... Porra! Aquilo era um diamante grande e bonito.

Emocionada, Tati enxugou as lágrimas e sem medo de ser feliz, beijou-o na minha

frente. Tá, eu realmente não queria estar ali.

— Oi? Podem me dar uma licencinha? Desculpa atrapalhar vocês, mas eu acho que vou sair. Assim, vocês têm um minutinho “a sós”... Se é que me entendem...

— Você fica... — ralhou Elijah, colocando Tati de lado. A mulher estava mais feliz que pinto no lixo.

— Sério, eu não curto essa de...

— Você vai ser a madrinha. — disse ele com categoria. Ele nem a consultou, mas, ela não estava na terra mesmo. Não sabia o que fazer. Eu tinha sido chamada para ser madrinha dos meus dois melhores amigos e não tinha como dizer não. Eu os amava e queria a felicidade deles.

— Você está me pedindo para ser a madrinha de vocês? — eu realmente estava me sentindo emocionada.

- Não. Estou afirmando que você será.
- Chefes, nunca mudam! Mandões até mesmo na hora do glitter do momento.
- Certo. — brinquei, abrindo um sorriso para os dois — pedindo assim com jeitinho, quem se atreve a dizer não?

Capítulo 19



Sim, eu estava muito feliz por minha amiga e feliz também por Elijah. Nunca tinha visto algo tão inocente e ao mesmo tempo tão cheio de paixão. Depois de passada toda aquela euforia de sentimentos eu voltei para minha sala para pegar minha bolsa e tive uma grande surpresa. Lucius estava parado ao lado da porta, mas não era ele a surpresa já que eu estava tão habituada com sua presença que muitas vezes esquecia que ele me seguia dentro da empresa.

A surpresa era o homem alto e de ombros largos que estava de costas para mim e admirava a cidade através da janela da minha sala. Tinha uma postura dominadora e o

queixo erguido mostrava o quanto ele era imponente, mesmo que absorto das coisas ao seu lado. Uma visão incrível para meus olhos, perfeita para ficar horas e horas admirando.

— Ele não precisa trabalhar, não é Lucius? — perguntei abrindo um sorriso. Eu sentia a presença de Nathan no ambiente e não era apenas a energia dele, era também o cheiro de homem que tomava conta do departamento.

— Não, senhora. — ele deu um leve aceno com a cabeça e esboçou um sorriso. Ele nunca sorria e quando o fazia, parecia que tinha que fazer muito esforço, devido à careta.

— Obrigada, Lucius. — devolvi o sorriso, e ele abriu a porta para eu entrar, fechando assim que entrei.

— Oi — disse a ele ao me aproximar —
que surpresa boa.

— Eu queria passar aqui e levar você para
jantar — tinha algo de errado na voz dele.
Estava um pouco irritada e ao mesmo tempo
triste — mas antes preciso te contar algo...

— Que você matou Matt — soltei
simplesmente, sem me preocupar. Na
verdade, eu estava mais aliviada, já que o
mundo tinha se livrado de mais um panaca
— Tudo bem. — eu não queria que ele fosse
o assassino, no entanto se já tivesse matado,
o que eu poderia fazer? Nada. O jeito era me
conformar e seguir em frente, já que tudo que
eu queria era o homem que estava parado ao
meu lado, admirando a cidade.

— Eu não o matei. — revelou, e
instantaneamente meus olhos se arregalaram
em choque. Se ele não tinha matado, quem

foi? Ele virou a cabeça para olhar para mim e tinha uma expressão muito séria no rosto. Suas sobrancelhas estavam unidas em um franzido preocupado e seus lábios formavam uma linha rígida.

— Q-quem o matou? — gaguejei incapaz de perguntar qualquer outra coisa. Nathan tinha as mãos guardadas nos bolsos da calça e estava com seu terno cinza aberto, mostrando a camisa de um branco impecável.

— Gretha — eu não sabia se falava, respirava ou piscava os olhos, já que nenhuma dessas funções parecia funcionar no meu corpo ao mesmo tempo. De início, o choque foi imediato, mas depois foi passando. Era estranho me sentir bem? Era estranho ter gostado da notícia? — Lizzie, meu doce... Tudo bem?

— Na verdade... — comecei a falar e me

afastei dele para pegar a minha bolsa — fico aliviada que não tenha sido você, mesmo que eu já tivesse me conformado no momento em que o vi parado olhando a cidade. Não sei explicar, mas... Posso resumir que gostei. Isso parece estranho para você?

— Então, você não teria se importado se eu o tivesse matado? — arqueou as sobrancelhas num misto de questionamento e surpresa.

— Não. Depois de tudo, não.

— Você está falando sério?

O que mais ele queria que eu falasse? Que eu teria levado até pipoca para assistir a maneira como Matt tinha sido morto?

Peguei minha bolsa, colocando a alça sobre o ombro e voltei a andar na direção dele.

— Nunca falei tão sério em toda a minha

vida, Nathan — olhei no fundo dos olhos dele para mostrar o quanto eu estava sendo sincera. — Eu o amo acima de tudo. Nunca se esqueça disso.

Era a pura verdade. Mesmo que ainda estivéssemos guardando muitos segredos um do outro, era ele o homem da minha vida.

Meu marido.

Meu amante.

Meu cúmplice.

Tudo.

— Ian pediu para avisar que você tem consulta amanhã, às 6 horas — Nathan retirou as mãos dos bolsos e as levou até o meu rosto, segurando-o entre elas e olhou no fundo dos meus olhos. — estou preocupado com você, meu doce.

— Estou bem. — menti da maneira mais convincente que pude.

— Eu quero que você seja sincera comigo, caso tenha algo de errado acontecendo com você — sua voz estava mais calma e mais carinhosa. Ele acariciava meu rosto com os polegares e isso me causava arrepios deliciosos, me fazendo fechar os olhos — você é minha esposa.

— Eu estou bem — sorri para ele. Mesmo que mentir cortasse meu coração, era o que eu faria.

Nathan mentia...

Eu mentia...

E estávamos em uma teia de mentiras.

— Hoje o Elijah pediu a Tati em casamento — falei no intuito de desviar da conversa — o que acha de chamarmos eles, quer dizer, se você quiser, é claro...

— Ótima ideia. Assim coloco os assuntos da empresa...

— Não. — sorri para ele — nada de conversar sobre o jornal ou sobre política — me aproximei dele e passei a mão sobre seu peito — hoje vamos apenas nos divertir...

— Tenho uma ótima ideia de onde podemos ir depois do jantar.

— Aonde?

— Heated Fox... — falou com calma, observando se eu teria algum tipo de reação ruim — tudo bem? — o nome da boate me fez lembrar a visita da sua amiga Harper. Seria um ótimo motivo para mostrar àquela vadia que ele era meu. Apenas meu.

— Perfeitamente bem — não me importei que os recentes acontecimentos que me atingiram tão duramente tivessem ocorrido a poucas quadras dali. Era estranho, mas eu estava começando a sentir que as coisas estavam começando a se ajeitar.

Isso era o que eu pensava.

— Acho que eles ainda não foram embora, eu faço questão de dar um presente ao casal — e abriu um lindo sorriso que fez o meu corpo todo derreter.

Nathan estava mais relaxado e alegre.

— Depois, vai ser a sua vez de ganhar presentes. — Deus! Lá estava aquele sorriso safado e aquele olhar cheio de promessas.

— Hmmm... — mordi o lábio inferior e olhei para ele, segurando sua gravata. O desejo entre nós dois nunca acabaria. Era uma chama que a cada dia parecia crescer mais e mais — presente...

— Deixe de ser pervertida, senhora Fox — gargalhou, me deixando vermelha. Ele ficava lindo sorrindo e mais jovem até. Perfeito.

Lentamente, ele se inclinou e me beijou

com força, puxando meu corpo para ficar mais próximo ao dele. Envolveu minha cintura com uma das mãos e levou a outra até minha nuca, segurando-me a cabeça para intensificar o beijo. Sua língua invadia a minha boca com ferocidade ao mesmo tempo em que intercalava mordidinhas deliciosas nos meus lábios, me deixando completamente sem fôlego. Nathan começou a esfregar o seu quadril contra o meu, deslizando a mão que estava na minha cintura até chegar a minha bunda, me segurando firme e fazendo com que entrasse no ritmo provocante dele. Intenso. Assim eu poderia definir o meu marido. Eu nunca iria me cansar da forma como ele me pegava ou como me beijava.

Com a boca ainda colada na minha, Nathan me conduziu até me deixar presa com

o seu corpo, de costas para o vidro da imensa janela e começou a passar as mãos no meio das minhas pernas, subindo e descendo, mas nunca passando a mão onde eu queria. Mal tinha fôlego e nem raciocinar nem respirar estavam incluídos nas minhas funções. As mãos de Nathan eram pesadas, porém, ao mesmo tempo carinhosas; ele sabia exatamente onde me tocar, na verdade sabia tudo sobre o meu corpo. Quando finalmente tocou onde queria, apenas passou um dos dedos por cima do tecido molhado da minha calcinha e simplesmente se afastou.

Filho de uma puta! Ele estava sorrindo descaradamente para mim e ainda teve a ousadia de colocar a mão na barriga enquanto ria. Ria não, Nathan gargalhava! E eu, como uma idiota que era, fiquei ali parada, apenas tentando encontrar meu cérebro frito. Ou

melhor, esmagado por ele.

— Você é um babaca... — rosnei, ajeitando a alça da bolsa e passando por ele de cara fechada. No entanto, fui puxada pelo braço e tive que me segurar para não cair de novo nos seus joguinhos.

— Um babaca que você ama, que deseja e que vai passar o resto da vida ao lado — Porra... Como ele conseguia me fazer ficar extremamente molhada em menos de um minuto? — Vamos lá, meu doce... A noite só está começando e ainda quero dar o meu presente. Ao contrário do que essa sua cabecinha pervertida pensa, não vai envolver sexo. Não na hora da entrega, mas depois... Vou chupar você até que não tenha mais forças para andar... Depois, vou beijar você enquanto fazemos amor, venerando cada pedaço da sua pele, dizendo sempre o quanto

a amo.

— Você ainda vai para o inferno, sabia?
— resmunguei sem ar.

— Antes eu queimo você com o meu fogo
— ele dizer aquilo com sua voz rouca, o pau duro contra meu quadril e aquele olhar penetrante... Não tinha me feito bem. Eu já estava em chamas. Ensandecida para rasgá-lo em cinco e trepar com ele ali mesmo — Porém, temos compromissos — e lá vinha ele com outro balde de gelo...

— Você quer mesmo é me matar — falei tentando me afastar dos braços dele.

— Pelo menos, vai morrer gozando — sorriu, me dando um beijo leve nos lábios.

Tati aceitou de cara quando a convidamos para ir com Elijah à Heated Fox. De alguma forma, ela o convenceu. Eu não sabia como, mas tinha. Da última vez que Elijah tinha

posto os pés lá, Tati estava bêbada e queria transar com ele, enquanto o chamava de “Meu Cupcake” ou alguma coisa do tipo. O começo da noite tinha sido engraçado, já que ela ficara tão bêbada que queria ser a garota que ficava pendurada nos tecidos fazendo malabarismo. No entanto, depois daquela agitação e de tentar saber lidar com o que tinha visto, a minha vida se tornou um inferno. Era melhor não ficar pensando naquilo. Matt já estava morto e eu tinha que seguir em frente.

Heated Fox ficava no Brooklin e era uma boate muito movimentada. Seus frequentadores estavam sempre buscando aventura por uma noite e também se divertir. Ninguém poderia se enganar pela pintura desgastada e por ficar em um galpão. Heated Fox era uma boate luxuosa por dentro, com o

estilo e a estrutura de um teatro e uma pista de dança centralizada, de onde se via a mulher que fazia acrobacias no tecido ao ritmo da música. Quase todas as paredes daquele lugar eram cinza chumbo, o que deixava o ambiente mais parecido com o habitat de um caçador.

Aos poucos, Elijah foi relaxando e começou a se divertir com Tati, que por sinal, estava proibida de beber. Ela ficou puta da vida por ter que tomar suco de morango com o copo decorado com guarda-chuvinhas coloridos. Eles formavam um belo casal, isso não se poderia negar. Ela toda fofinha, com o seu jeito meigo, e ele com aquele aspecto de macho das montanhas, alto, forte e que cuidava da família. Dava gosto ficar observando e rindo quando ele conseguia deixá-la vermelha, sem ao menos abrir a

boca.

Uma música gostosa começou a tocar. Eu não saberia dizer quem era a cantora, mas que era completamente sensual, isso era. Olhei para Nathan, que estava me encarando com aquele olhar profundo, cheio de uma luxúria avassaladora, me queimando por dentro.

— Aceita dançar... Senhora Fox? — Nathan perguntou quando se aproximou de mim, para que apenas eu pudesse escutar o que ele tinha para falar. Sem hesitar, estendi a mão. E daí que eu não soubesse dançar? Ele estaria no comando mesmo. E em suas mãos eu era o que ele bem quisesse.

Já no meio da pista de dança, ele apoiou uma das mãos na base na minha cintura e segurou a minha mão com a outra. O ritmo começou lento, com ele dando apenas alguns

passos de um lado para o outro. Porém, nossos corpos foram ficando cada vez mais colados, e quando percebi, já estávamos chamando a atenção de todos. Nathan remexia o quadril contra o meu no ritmo da música que tinha uma pegada de blues e jazz totalmente sensual, movendo os pés bem devagar. Sua mão que estava na base da minha cintura, tinha começado a se mover pelo meu corpo, traçando um caminho lento pela minha espinha até chegar a minha nuca. Nathan soltou a minha mão e segurou minha cintura com ela, enquanto a outra permanecia na minha nuca, ele então jogou o meu corpo para trás de forma graciosa e tornou a me colocar na posição inicial, sempre mantendo o ritmo sensual e lento.

Em um giro rápido, eu estava de costas para ele, sentindo o seu peito rígido e a

minha bunda se encaixando perfeitamente em seu quadril, me fazendo sentir o volume dentro da sua calça. Era impossível ficar de olhos abertos, enquanto ele se esfregava em mim de uma forma tão sensual.

Nathan começou a passar as mãos nos meus ombros, mantendo o ritmo da música no quadril e teve a feliz ideia de colocar a boca na minha orelha. Sentir a sua respiração quente, seu corpo rígido e toda a sua força estava acabando comigo. Era ele, apenas ele, que tocaria no meu corpo daquela forma.

Ele deslizou suas mãos pelos meus braços até chegar as minhas mãos, as segurou colocando-as junto ao seu quadril, me fazendo rebolar descaradamente contra seu quadril e pousando as dele na minha barriga. Sem tirar a boca da minha orelha, traçou a linha do meu lóbulo com a ponta da sua

língua, enfiando-a logo em seguida. Eu poderia morrer naquele momento, mas morreria feliz. Eu já tinha ficado frustrada mais cedo no meu escritório e agora o mesmo acontecia, com ele se afastando de mim em um dos melhores momentos da música. Foi então que abri os olhos, percebendo que tínhamos realmente chamado a atenção de todos. Nathan, de repente, apareceu na minha frente, segurando minha mão novamente, inclinando meu corpo para o lado, enquanto me segurava pelas costas com a outra, voltando logo em seguida, rodopiando duas vezes, e colocando meu corpo no dele, me beijando na frente da nossa enorme plateia.

“Porque você é minha” — ele cantarolou acompanhando a cantora.

Para os outros, aquela tinha sido apenas

uma dança apaixonada. Para mim, ele tinha testado os meus limites. Tinha testado os limites do meu autocontrole e ainda terminou de fritar meu cérebro, que já não era saudável.

Capítulo 20



Nathan ficou parado ao meu lado enquanto as pessoas nos aplaudiam e ovacionavam por causa da nossa dança, que tinha sido o máximo, além do fato de ter sido altamente erótica. Senti meu rosto pegar fogo e a culpa disso era dele.

Eu conhecia aquele olhar penetrante. Sabia o que aquela postura firme significava, e mais ainda, eu também sabia o que meu corpo queria. Aos poucos, ele foi se aproximando, me envolvendo em seus braços e me beijando com delicadeza. Seus lábios eram macios e ao mesmo tempo firmes. Sua língua procurava a minha sem pressa e pude sentir os braços dele me apertando mais

contra o seu corpo.

Tudo ficaria perfeito com os dois ao meu lado: Nathan e Chloe. Ian me treinaria e eu conseguiria controlar aquele desejo que tinha de sair matando qualquer coisa que respirasse pedofilia ou abuso sexual.

— Você consegue perceber como é forte o que sinto por você? — sua voz era rouca e sedutora quando afastou a sua boca da minha e olhou em meus olhos.

— Deve ser o mesmo que sinto por você — sorri para ele, vendo o quanto seus olhos brilhavam de puro êxtase — conseguiu até mesmo que me casasse com você — brinquei — o que mais você quer de mim? Que eu rasgue você na frente de todos?

— Sabe que não é uma má ideia... — mordeu o lábio inferior quando se aproximou para me dar outro beijo, como só ele

conseguia fazer.

Sexy, predominante e arrebatador.

— Pai eterno... — resmunguei ainda em seus braços, sentindo os olhos das pessoas a nossa volta querendo mais um pouco do nosso show. Que mulher em sã consciência não gostaria de ter um homem passando a mão pelo seu corpo em uma dança quente, sensual e ainda por cima sedutora? — Tati e Elijah... Lembra? Ainda estão na mesa nos esperando — eu não queria me libertar dos braços quentes e fortes do meu marido, mas era necessário.

— Vamos falar com eles, deixar o melhor champanhe na mesa como presente... — fez uma pausa, inclinando a cabeça, aproximando a boca da minha orelha — e depois vou mostrar o seu present...

— Nate! — eu conhecia aquela voz:

Harper.

Bem que poderia, tipo do nada, aparecer um buraco no chão, sugá-la e ainda por cima quebrar seu pescoço. Uma vantagem que eu tinha, e que ninguém me tiraria, era que eu era a Sra. Fox e sentia meu peito inflar de orgulho. Ao mesmo tempo, fiquei me perguntando por que não tinha aceitado o pedido antes? Não tinha mudado nada entre nós dois. Eu continuava no apartamento dele e tinha praticamente abandonado o meu. Eu ainda teria que resolver meus problemas, mas agora o teria ao meu lado. Só existia uma resposta para a minha pergunta: eu era burra. Ela, Harper, achava que eu estava com ele para enganá-lo e divulgar informações. Ela não acreditava no que tínhamos e nem que o amava. Pobre Harper, eu sabia e tinha mais informações do que ela jamais poderia

imaginar.

Eu, por alguns segundos, senti o corpo de Nathan retrair. Não era normal ele fazer aquilo, mas quando prestei atenção, vi que o brilho dos olhos dele tinha assumido um sentimento completamente diferente, era algo feroz e rígido.

— Harper... — disse ele de maneira fria, ao se virar e encará-la.

Sua pele morena aparentava ser sedosa e macia. Seu cabelo estava liso e com cachos nas pontas. Seu rosto estava com uma maquiagem mais escura, com os olhos marcados com delineador e lápis preto e um batom cor de vinho na boca. Usava um vestido preto, com um decote chamativo e sem mangas, que era tão colado no corpo que estava me causando claustrofobia só de olhar.

— Algum problema? — Nathan nem

sequer se abalou pela escultura perfeita da morena parada na sua frente. Pelo contrário, me envolveu apenas com um de seus braços, apertando minha cintura e me puxando para mais perto dele.

— Na verdade, não — sorriu ela da maneira mais descarada, piscando o olho direito para ele enquanto mordida o lábio inferior. Aquela vadia estava flertando com meu marido, na minha cara? — não vai apresentar a... — o meu instinto assassino apitou com força quando ela deliberadamente me olhou de cima a baixo. Cadela — sua amiga? — aquela cínica, filha de uma puta. Não esperei ele me apresentar, eu já estava em ponto de atacar o pescoço da vagabunda mesmo.

— Lizzie F... — sorri maliciosamente para ela, dando uma piscadela atrevida —

Radzimierski, mas creio que não precisemos de apresentações... — senti meu sorriso se ampliar ainda mais — já que ela foi ao meu escritório discutir sobre negócios, ou melhor, sobre quem deveria ficar com você — olhei para ele, que tinha um misto de perplexidade e orgulho ao mesmo tempo. — mas é claro que chegamos a um denominador comum... Não estou certa, Harper?

Harper ficou congelada no mesmo canto. Acho que ela não sabia se arrancava a minha cabeça ou se me fritava com os olhos. Até parece que eu tinha medo daquela vaca. Ninguém diz como devo tratar meu homem e nem me diz para me afastar dele. Nathan era meu e aí da vadia que chegasse perto dele. Ela achava que eu ficaria calada, e se pensou isso não sabia com quem estava se metendo. Não mesmo.

Ciúmes? Não. Era apenas um modo de cuidar do que era meu.

Meu.

— Nate... — ela começou a falar, na tentativa de querer se explicar, mas ele a interrompeu.

— Depois conversamos sobre isso... — a voz de Nathan tinha mudado de fria para ameaçadoramente sedosa — hoje você não me viu aqui. Até porque você é muito bem paga para cuidar de tudo. E ainda não sei o que veio fazer aqui, já que deveria estar no escritório...

— Então você vai escolher essa... — aquela vadia estava pedindo uma surra. Ah! Se estava — daí. — terminou a frase com um tom de desdém, me olhando com desprezo.

— Charlotte — Nathan respirou fundo, esfregando os olhos com a mão livre e

voltando a encarar a vadia — volte ao seu trabalho, e, por favor, devolva o computador da minha noiva — Pelo modo como os olhos dela se arregalaram, ela ficou verdadeiramente surpresa com ele. Segundos se passaram e ainda estávamos no meio da pista de dança. As pessoas já tinham esquecido que estávamos lá e voltaram a dançar loucamente.

— Nate... E-eu... N-não... — gaguejou encarando ele, que já estava olhando para a cara daquela vadia de saltos caros e vestido de marca como quem queria esganar o pescoço dela.

— Shhhh... — interrompeu ele, pedindo para ela se calar — está vendo aquela mesa perto do bar? — inclinou a cabeça de leve na direção de onde Tati e Elijah sorriam um para o outro de maneira apaixonada — pegue

o champanhe mais caro que tivermos e deixe na mesa deles. Com os cumprimentos meu e da minha noiva, Lizzie. Aproveite e diga que tivemos um assunto urgente para tratar fora da boate. Entendeu ou eu preciso enfiar nessa sua cabeça vazia? — Nathan estava sendo não apenas ignorante, como também, autoritário. E eu? Eu estava amando. Claro que eu sentia uma ponta de... Pena? Não. Não era pena, com toda certeza.

— Certo, Fox — rangeu ela entre os dentes, com uma postura mais firme — como você quiser. — dava para sentir a ironia tomar conta na última frase que ela pronunciou.

— Sem gracinhas, Charlotte. — disse ele em tom ameaçador — e quero o computador dela pela manhã no meu apartamento. Não abuse, pois não estou com muita paciência

para suas piadas. Tenha uma boa noite — Nathan me puxou pelo braço e deixou Charlotte Harper para trás, que não sabia onde enfiar aquela cara de vaca vadia. Pela forma como ela me olhou, enquanto saíamos de lá sem nem ao menos nos despedirmos de Tati e Elijah, vinha chumbo grosso por aí.

Cara feia para mim era falta de uma trepada bem dada.

E tinha certeza que ela não tinha uma boa trepada na vida há muito tempo.

— Precisava de tudo aquilo? — perguntou ele irritado, segurando meu braço de maneira firme, mas não machucando.

— Nathan, por favor... — revirei os olhos, achando aquilo um absurdo — vamos colocar na balança. O que era mais importante? O arrombamento do meu apartamento ou essa vadia comendo você

com os olhos? — bufei sem paciência e ele parou. Encostou-me à parede do corredor e segurou meu rosto entre suas mãos.

— Ciúmes? — debochou enquanto passava o nariz pelo meu pescoço, de maneira lenta e torturante — porque é disso que eu sinto o cheiro nesse exato momento... — deu para sentir o seu sorriso presunçoso na forma de falar.

— É mais do que natural que eu sinta ciúmes de você. — falei com dificuldade.

— Natural? — perguntou mordiscando o meu pescoço. — estou gostando disso...

— Nathan...

— Gosto bastante da Lizzie ciumenta. Porém, gosto ainda mais quando estou dentro dela... — mordiscou outra vez a pele que já estava começando a ficar sensível — Sentindo... Amando... Saboreando... —

terminou de falar passando a língua do meu pescoço até o lóbulo da orelha, chupando e me deixando arrepiada.

— Nathan... — eu estava completamente sem ar — alguém pode aparecer... — minha voz era quase um gemido e meus olhos estavam fechados, absorvendo aquele momento.

— Hmmm... — gemeu passando os dentes na minha garganta — plateia...

— Senador... Controle-se — reuni todas as minhas forças para poder falar aquilo. Nathan podia ser um agente do governo, mas ainda era uma pessoa pública. Se algum paparazzo nos pegasse ali, daquela forma, no mesmo dia estaríamos estampando a primeira página dos jornais de Nova Iorque.

— Normalmente, não deixaria essa chance de comer você em um corredor

deserto passar em branco. No entanto, tenho o seu presente esperando. — se afastou e me deu o melhor sorriso no estilo Nathan de ser.

Ele tinha mudado sua postura novamente. Parecia mais calmo e menos tenso. Harper não tinha tirado o seu bom humor, mas o havia provocado. Era visível como os ombros dele estavam relaxados e a sua respiração tinha voltado a um ritmo tranquilo. O que era muito frustrante era o fato de ele ter me deixado em frangalhos e ainda se manter calmo.

Meu corpo estava pegando fogo.

Quando saímos, parei de repente. Gretha estava esperando por nós na lateral do prédio. Eu queria correr e abraçá-la. Dizer o quanto sentia sua falta, mas parecia que Nathan sabia que eu queria fazer isso. Ele me segurou junto a si enquanto andávamos e

aproximou a boca da minha orelha.

— Depois você conversa com ela — sussurrou, beijando o canto da minha orelha — ela também quer muito conversar como você — afastou a cabeça e continuou a me conduzir. Eu adorava a irmã dele e era uma tortura para eu ficar tanto tempo sem nem ao menos dar um “oi”. Fazia muito tempo que não conseguia nem sentir o cheiro da sombra dela e, depois do que fez por mim, meu amor por ela apenas aumentou.

— Senhor Fox. — ela sorriu para mim — Senhora Fox. — balançou a cabeça como se estivesse feliz em falar aquilo — boa noite.

— Boa noite, Gretha — disse Nathan entendendo o sorriso da irmã e devolvendo o gesto.

— Gretha... — eu tive que me controlar muito para não abraçá-la ali mesmo — boa

noite.

— É sempre um prazer revê-la, senhora — ela, elegantemente, foi até porta do Jaguar e a abriu para que eu e Nathan entrássemos no carro. Eu particularmente não gostava que ela fizesse isso, porém, se era necessário para manter o disfarce deles, eu teria que aturar.

— Para onde vamos? — perguntei me acomodando melhor no carro, dando espaço para ele e me aconchegando no braço que tinha me estendido, ouvindo Gretha dar partida no carro.

— Queens.

Capítulo 21



Será que eu escutei direito? Ele disse que íamos para o antigo bairro onde eu morei?

Olhei para o homem sentado ao meu lado e ele não demonstrava qualquer expressão sobre o que tinha acabado de falar. Estava confortável, com o seu terno cinza aberto e as pernas cruzadas. Parecia satisfeito com a minha cara de espanto, esboçando um sorrisinho no canto da boca enquanto olhava para a movimentação das ruas. Eu tinha que perguntar...

— Por que vamos ao Queens? — tentei não transparecer meu nervosismo, mas era muito difícil naquela situação. Se fosse realmente o que eu estava pensando.

— Buscar seu presente — sorriu ao virar o rosto e olhar para mim — já estamos perto, Gretha?

— Em cinco minutos chegaremos lá — ela disse um pouco animada demais.

— Relaxe, meu doce. — Nathan pegou minha mão direita e a levou até seus lábios, beijando logo em seguida — digamos que isso é o meu presente de casamento...

— Nathan... É o que eu estou pensando? — eu estava quase chorando. Meus olhos ardiam e eu ficava cada vez mais emocionada.

Ele não me respondeu e eu não conseguia falar nada. Apenas olhava para o homem que amava. Sabia que era especial na minha vida, porém, não sabia o quanto ele fazia da minha vida algo além do especial. Concentrei-me em sorrir para ele, que me olhava com

carinho enquanto segurava minha mão de maneira firme.

Olhando as ruas com pouca iluminação, fiquei pensando no dia em que saí de casa para poder conseguir algo melhor na minha vida e poder tirar a minha irmã de perto daqueles dois. Tudo que eu queria era que ela fosse feliz. Lembrei-me das vezes que cuidei dela. Mesmo depois de tanto tempo, Chloe era a minha princesa. Eu não era apenas irmã dela, me sentia como uma mãe, mesmo a tendo deixado com aqueles dois montes de bosta.

Para minha surpresa, não paramos na frente do apartamento e sim na esquina.

— Fique aqui mesmo, Lizzie — antes de sair, me puxou dando um beijo leve na minha boca. Foi então que vi algo na sua cintura, quando seu terno afastou do seu corpo: ele

estava armado. Por instinto, arregalei os olhos e voltei a olhar para ele um pouco assustada. — não se preocupe — sorriu de maneira tranquila — é apenas por prevenção. Nunca se sabe o que vamos enfrentar. Fique aqui e seja uma boa menina. — falou acariciando meu rosto, beijando minha boca novamente.

— Nathan, mas se você precisar de ajuda...?

— Gretha vai ficar aqui e não fique esquentando essa sua cabecinha linda — levou a mão até o meu cabelo, acariciando — minha Jessi Rabbit.

Fiquei no carro vendo-o seguir até o prédio. Ele abotoou o terno e caminhou com passos firmes e determinados. Para mim, nenhum homem tinha aquela confiança, apenas ele.

— Não precisa ficar preocupada — Gretha tentou me tranquilizar, mas, mesmo sendo a irmã dele e agente também, não tinha como não me preocupar. Ele era meu marido e o amor da minha vida. Seja lá qual fosse a situação, eu sempre iria me preocupar com ele — já o vi cuidar de dez homens ao mesmo tempo — brincou com malícia e tive que rir do duplo sentido da frase. — não diga a ele que brinquei com isso, ele arrancaria meu fígado e o comeria ainda quentinho. Vai por mim.

— É bom poder conversar com você — vi quando ela me olhou pelo retrovisor e me deu uma piscadela — e eu queria agradecer por ter cuidado daquele assunto... — minha voz sumiu no exato momento.

— Não precisa agradecer — ela se virou para me encarar — você faz parte da minha

família. Eu arrancaria o coração de qualquer um que tentasse machucar você ou meu irmão. Família serve para isso, para proteger uns aos outros e dar amor incondicional...

— Gretha... — aquilo tinha sido a coisa mais linda que eu já tinha ouvido dela — você é a minha família também — sorri tentando não ficar mais emocionada do que já estava.

De repente, as luzes do apartamento ao lado do que Theodor e minha mãe moravam se acenderam. Ouviu-se algo quebrando e uma mulher gritando. Não pensei duas vezes. Abri a porta do carro e corri. Gretha correu atrás e quando estava prestes a abrir o portão, um homem negro, alto e muito forte estava lá. Lucius.

Parei.

— Garota — disse Gretha quando se

aproximou — como você corre! Agora vamos voltar para o carro...

Outro grito.

— Me deixe passar! — pedi desesperada.

— Não vou poder fazer isso, senhora Fox
— Lucius não moveu um músculo do lugar e nem os músculos do rosto dele, quando falou, se moveram.

— Lizzie — pediu Gretha com paciência
— vamos voltar para o carro. Nathan vai saber cuidar das coisas...

— Me deixe passar, porra! — gritei.
Aquela autoconfiança dos dois estava me irritando. Eu sabia que Nathan era treinado, mas se algo tivesse dado errado... Sei lá...

Lucius permaneceu parado. O defeito dos homens é achar que mulher gosta de obedecer a ordens. Avaliando a situação, Gretha estava a poucos metros de mim;

Lucius bem na minha frente... de pernas abertas, com aquela postura de segurança e superioridade de que sabia que era maior que eu.

Chutei.

Chutei com gosto e tive o prazer de o ver cair no chão. Nada mau para uma mulher que não era treinada.

— Desculpa... — pedi com educação e passei por cima dele, que estava se contorcendo no chão. Gretha ficou me olhando boquiaberta, em estado de choque. Não tinha tempo para ficar olhando para trás e dar tempo dela me pegar. E tinha certeza que iria me pegar se eu não corresse. Larguei o salto no meio do caminho e segui pelas escadas agradecendo a Deus pelo ferimento do meu pé já ter sarado. Corri o mais rápido que pude até chegar ao conhecido corredor.

Autoconfiança é uma desgraça na vida de um homem do tamanho de uma montanha.

A porta do apartamento estava aberta e dava para ouvir o barulho que vinha dele. Quando cheguei à porta, só deu tempo de eu me abaixar para o abajur não acertar a minha cabeça.

— Ninguém vai tirar minha filha de mim!
— gritou a mulher magra com um lenço amarrado na cabeça. Sua pele era pálida, com olheiras de panda.

— Mãe, não. Eu quero ir... — disse a moça, olhando para ele e segurando suas mãos — me deixe ir. Eu quero a Izzi!

Nathan estava parado, com as mãos nos bolsos da calça e parecia ter uma paciência infinita, mas dava para ver o desprezo que ele sentia pela mulher magra. Aquela mulher... Aquela mulher era a minha mãe.

Salomé Dickson Radzimierski.

Ela conservava o nome de casada do meu pai, Marcus Karzus Radzimierski. Na época, ele tinha fugido e deixado nós duas para trás. Ela não tinha emprego e a única solução que encontrou foi se prostituir. Se fosse apenas ela se sacrificando para cuidar de mim, tudo bem. Porém, ela conheceu o maior pesadelo da minha vida: Theodor O'Connell. O homem que deu início aos meus traumas e que a única coisa boa que fez no mundo foi a minha irmã Chloe.

A loira de cabelos cacheados e corpo singelo segurava o braço da nossa mãe com firmeza. Dava para ver as lágrimas que começavam a escorrer. Ela era parecida comigo, mas era ainda mais semelhante à nossa mãe. Não tinha olhos verdes, eram castanhos na verdade. Era alta e parecia forte.

Muito forte.

Eu precisei de alguns segundos para me lembrar de que eu precisava me movimentar.

— Chloe... — sussurrei.

Ao ouvir minha voz, Nathan se virou e veio na minha direção. Entretanto, foi muito rápido. Minha mãe largou o que tinha na mão e Chloe soltou o braço dela. As duas me olharam como se eu fosse um fantasma e ficaram imediatamente pálidas, se é que a minha mãe pudesse ficar mais pálida do que já estava.

— Izzi... — Chloe veio andando na minha direção e quando olhei Nathan já estava ao meu lado, me olhando com preocupação.

— Eu consigo — murmurei para ele, que apenas assentiu e sussurrou de volta:

— Estou ao seu lado. — era sincero.

Aquelas palavras me transmitiram a

confiança que precisava. Dei o primeiro passo, seguindo na direção dela.

— Meu Deus... Izzi — foi emocionante. Nós nos abraçamos com tanta força que podíamos escutar os ossos estralando — você voltou... — Chloe começou a chorar, e eu também.

— Eu prometi, não foi? — perguntei a ela, segurando seu rosto entre as minhas mãos quando nos afastamos — vamos. Você não fica aqui nem mais um minuto...

— Lizzie... — a voz de Salomé era fraca naquele momento. O que antes eram gritos desesperados, para que não tirasse Chloe dali, agora era apenas um fio de voz. Um sussurro que me doía os ouvidos.

— Izzi... A nossa mãe está... — Chloe tentou falar, mas eu logo a interrompi.

— Não vim aqui fazer as pazes com ela.

Vim para buscar você. Apenas isso — eu sentia os olhos de Nathan sobre mim. Sabia que a qualquer sinal de algo errado ele entraria em ação, me tirando daquele lugar — você consegue entender isso?

— Eu vou com você, mas você vai ter que fazer uma coisa... — ela olhou angustiada na direção da nossa mãe e depois tornou a me encarar — me ajude a cuidar dela e eu vou com você. Era isso que eu estava falando para o seu marido... — olhou na direção de Nathan.

— Não é com ela que eu me preocupo — falei passando as mãos no cabelo cacheado dela — é com você. Sempre foi com você que eu me preocupei. Foi para conseguir uma vida melhor e fazer você ter uma que fugi, trabalhei e comprei um apartamento para nós duas...

— Mas você se casou... E sei que vou ser feliz ao seu lado — ela me encarou — eu sei que você teve que fazer sacrifícios. Eu sempre soube que você viria me buscar. Sempre. Nunca duvidei por um segundo da sua promessa, mas quero que faça mais esse sacrifício por mim.

— Meu doce... — a voz de Nathan soou atrás de mim, chegando aos meus ouvidos como um carinho — escute o que sua irmã tem a falar. É algo muito importante sobre a sua mãe...

— Nada que venha dela — olhei com desprezo para a mulher parada a poucos metros de mim — é importante...

— Eu estou com AIDS — revelou cabisbaixa — há três anos venho lutando contra a doença... — eu fiquei congelada como uma estátua — sinto que fui castigada

por tudo que deixei você passar...

— Izzi... Ela precisa da nossa ajuda... —
Chloe segurou minhas mãos, no entanto eu não conseguia sentir nada. Quando eu digo nada, era absolutamente nada. Nem um pouco de pena ou qualquer coisa que chegasse perto daquele sentimento.

— Ela já tem a ajuda que precisa — rebati com sarcasmo — se precisa de ajuda, chame o seu Theodor. Deixe-me em paz...

— Meu amor... — Nathan começou a falar, mas eu explodi.

— Não! — berrei com toda a minha raiva — Não me peçam para ter algum tipo de piedade dela. Por mim, ela pode ir para o inferno... e virar churrasquinho por lá mesmo. Ela e aquele monstro — tornei a olhar para Chloe — se você quiser vir comigo, venha. Mas não peça nada em favor

dela. Nada.

— Eu mereço. — nossa mãe levantou a cabeça e olhou para mim — eu sei que estou colhendo todo o mal que plantei.

— Isso mesmo. — ralhei com amargura — agora, vá atrás do seu marido e me deixe em paz...

— Izzi — choramingou Chloe.

— É com você... É por você... que eu voltei — falei firme — e eu vou levar você daqui. Hoje. Estou esperando do lado de fora — dei meia volta e segui para a porta, onde Nathan estava. Ele me olhou com amor e apesar da minha irritação, não tinha saído de perto de mim.

Não olhei para trás. Aquela seria a última vez que pisaria ali. Nunca mais sentiria o cheiro daquele lugar. Nunca.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 22



— Desculpa, Lucius. — baixeí a cabeça para o lado dele, me sentindo envergonhada por ter feito aquilo no calor do momento. Gretha me olhava sem acreditar que eu tinha chutado o saco do grandão.

— Você merece o meu respeito — Gretha assentiu me dando um dos seus belos sorrisos — chutar as bolas desse aí... Não é fácil não hein! Sei não Lucius, mas acho que você está perdendo o jeito. Ou é isso, ou é confiante demais.

— Não foi nada, senhora Fox — Lucius assumiu uma postura mais rígida. Ele estava sério e não tinha gostado muito da brincadeira de Gretha, mas ainda assim não

rebateu o comentário dela.

— Então? — perguntou Gretha, mudando de assunto — como estão indo as coisas lá em cima?

— Complicadas... — suspirei irritada, me lembrando do pedido de Chloe. Eu a amava, porém, aquele pedido tinha sido demais.

— Ele vai resolver tudo — Gretha falou convicta, com o tom de irmã orgulhosa. Um dia, eu escutaria como tinha sido a vida dela. Um dia, me sentaria com ela e falaríamos sobre como a sua vida teria sido difícil. Sobre como ela conheceu Ian, o especialista em comportamento e treinado para agir em combate, assim como ela.

Ficamos parados na frente do prédio esperando que Chloe e Nathan descessem.

Para mim, pareceram séculos.

A visão de Nathan saindo do elevador fez

meu coração disparar. Aqueles milésimos de segundos foram os piores para mim. Mil coisas se passaram na minha cabeça. Será que ela tinha resolvido ficar com Salomé e desistido de mim? Sentia minha respiração ficar cada vez mais pesada. Meus olhos estavam tão arregalados que não existia a mínima possibilidade de eles piscarem. Primeiro foi o pé dele que eu vi, depois o resto do corpo e bem atrás dele estava ela, com uma única mochila nas costas.

Algo molhado e morno escorreu pelas minhas bochechas e foi aí que me dei conta de que já estava chorando. Meu choro era de alegria. Queria há muito tempo ter a minha irmã ao meu lado, e naquele momento, com a ajuda do meu marido, tinha conseguindo. Minha vida estava completa, Nathan como meu marido, minha irmã ao meu lado.

Achava que mais nada poderia estragar aquela felicidade que brotava dentro de mim. Na verdade, era uma doce ilusão...

Porque eu sonhava muito sobre um final feliz.

E eu estava tendo o meu.

Mas isso... era o que eu achava.

— Izzie — ela correu na minha direção — finalmente juntas.

— Para sempre — segurei o seu rosto entre as mãos e beijei sua bochecha — sempre unidas — beijei novamente o rosto de Chloe e virei a cabeça para olhar o homem imponente que nos olhava fascinado. Ele sorriu para mim e olhou com carinho para a maneira como eu e Chloe estávamos nos tratando. Não tinha como não amar aquele homem. Ele era tudo para mim. O homem que me ensinou a amar. Que me ensinou que

eu poderia ser amada... Como não agradecer a Deus por tudo que eu estava recebendo?

— Gretha — olhei para minha cunhada, que estava com os olhos brilhando e eu achava que já estava quase chorando — você pode acompanhá-la até o carro? — sorri para ela, achando lindo como estava emocionada.

— Mas é claro que acompanho — deu uma leve fungada — e só para vocês ficarem sabendo, estou com um olho no meu cisco. — falou, passando a ponta dos dedos nos olhos para enxugar as lágrimas — apenas isso...

— Como foi que você conseguiu passar? — perguntou Nathan desabotoando o terno e colocando as mãos nos bolsos da calça, enquanto olhava de soslaio para Lucius, que esboçou um leve, quase imperceptível sorriso no canto da boca — Lucius?

— A senhora Fox... — fez uma pausa, pensando em como falar para o seu chefe, que eu, uma mulher de estatura baixa, tinha chutado as suas bolas — me abateu com um movimento muito eficaz na região íntima senhor — Nathan, que já estava olhando diretamente para ele, virou a cabeça para mim, um tanto surpreso.

— Ela chutou... — o silêncio pairou por alguns segundos — e você não conseguiu prever isso?

— Bom, vamos Chloe... — Gretha estendeu o braço, indicando que minha irmã fosse caminhando na frente.

— Minha irmã chutou as bolas do grandão? — perguntou Chloe em choque — mas... mas... ele tem o triplo da altura dela...

— Vamos querida, não quero problemas com ela agora — gargalhou Gretha e Chloe a

acompanhou até o carro.

— Amor, é que eu escutei os gritos... Aí depois outro — tentei me explicar — depois eu corri... Ele não queria me deixar passar... Então... — dei de ombros, como se aquela fosse uma explicação lógica por ter agido daquela maneira.

— Deus... — resmungou Nathan balançando a cabeça — o que eu faço com você, Lizzie? — me olhou sério — eu tinha tudo sob controle.

— Mas se tivesse acontecido algo com você... — minha voz saiu fraca — e se Theodor...

— Eu tinha tudo sob controle. Tiraria a sua irmã de lá, nem que eu precisasse colocar ela sobre os ombros à força — disse ele de maneira firme — e se aquele monte de bosta estivesse em casa, eu mesmo teria me

encarregado de fazê-lo sofrer um pouco... — sua voz saiu ameaçadora.

— Me desculpe... — pedi cabisbaixa, olhando para os meus pés.

— Doeu? — perguntou Nathan a Lucius, e eu tive que olhar para o meu marido, que sorria debochado para o lado do seu segurança.

— Muito senhor — assentiu Lucius, tentando manter a postura e não rir — a sua esposa tem um chute muito potente.

— Obrigado por me avisar — Nathan tornou a olhar para mim — vou me lembrar disso quando ela estiver com raiva — sorriu, mostrando o quanto ele era encantador — agora vamos — falou entendendo a mão para pegar a minha — sei que você quer ter um momento com a sua irmã.

— Espere — puxei a mão dele para que

parasse — eu tenho uma coisa para você... — Lucius percebeu que era algo íntimo e andou um pouco mais, parando de costas para nós dois e de frente para a rua como se estivesse sempre alerta — eu ainda não agradei por tudo...

— Não precisa me agradecer, meu doce — seus olhos ganharam um brilho mais bonito e ele abriu novamente seu sorriso encantador, destruindo minha respiração — você é tudo na minha vida. Tudo.

— Não. Eu tenho que agradecer sim — fui mais firme ao falar, porém com todo carinho que tinha dentro de mim — além de ser perdidamente apaixonada por você, sou eternamente grata por tudo. Eu o amo com todas as minhas forças Nathan, e independente de tudo que aconteceu, e mesmo com segredos, sempre vou amar

você. Sempre.

— Lizzie eu... — não deixei que ele terminasse de falar. Segurei o rosto dele entre as mãos e beijei. Beijei com tanto amor que achei que explodiria.

Explorei cada espaço saboroso da sua boca com a minha língua. Acaricieei seu rosto enquanto o beijava e ele me correspondeu, segurando minha cintura e me puxando para ficar mais junto ao seu corpo. Nathan me envolveu em seus braços enquanto nos beijávamos de maneira apaixonada. Eu me sentia amada e protegida quando estava em seus braços. Ele era a melhor coisa que tinha acontecido na minha vida e sem ele não me sentia completa.

— Eu te amo mais que tudo na vida, senhora Fox — Nathan declarou quando paramos de nos beijar, encostando sua testa

na minha, fechando os olhos e me beijando novamente. — tudo na minha vida. Tudo — se afastou um pouco para poder falar. Olhei para aqueles olhos azuis perfeitos e vi o que nunca encontraria em outra pessoa: o amor, a admiração e aquela devoção.

Enquanto andávamos, fiquei pensando onde estaria o verme que Chloe chamava de pai.

— Nathan, antes de irmos embora... — ele me interrompeu, colocando o dedo indicador sobre os meus lábios para que eu não fizesse a pergunta. Ele já sabia o que perguntaria.

— Quando estávamos vindo para cá, tomei o cuidado para que você não o encontrasse em casa — sorriu com uma malícia diabólica.

— O que você fez?

— Digamos que ele vai chegar um pouco

quebrado em casa — deu de ombros, abrindo a porta do carro para que eu entrasse, e sorriu. Chloe ainda olhava para mim um pouco assustada pelo fato de eu ter chutado as bolas do homem que tinha três vezes o meu tamanho e cem vezes a minha força.

— Fiz um acordo com a mãe de vocês — anunciou para mim e senti Chloe se encolher um pouco.

— Você fez o quê?! — perguntei em choque.

— Isso mesmo que você escutou, meu doce... — meu jovem marido tinha assumido a capa da inexpressividade enquanto falava — fiz um acordo com ela — enfatizou, olhando para mim.

— Ela não merece que se tenha nem um pouco de misericórdia... — reclamei, olhando para ele com raiva. Não que eu não o amasse,

e era claro que eu o amava muito, mas ele não devia ter sentido dó daquela mulher.

— Ela vai morrer mesmo, Lizzie — me olhou de maneira fria e eu quase estremeci — nada mais justo que dar a ela um pouco do que não deu a você.

Aquilo tinha sido um tapa com luva de pelica no meu rosto.

Nathan era um agente treinado, e eu já o tinha visto em ação. Implacável e sem remorso algum. Ao ouvir aquilo, vi que ele era muito mais do que apenas aquele agente impiedoso, que tinha um olhar mortal e uma postura digna de um assassino sem alma. Nathan tinha tudo sob controle. Ele sempre sabia o que fazia.

Em minha raiva, não conseguia enxergar que ajudar era uma forma de vingança por tudo que ela tinha me feito. Porém, era muito

difícil estender a mão para uma pessoa que tinha visto todo o meu sofrimento e não feito nada. Ela sabia que Theodor abusava do meu corpo e que tinha me estuprado. Salomé não tinha feito nada para detê-lo, pelo contrário, ficou calada e aceitou.

Mães deveriam ter permanentemente em sua genética o instinto de proteção em relação a seus filhos. Entretanto, existem algumas que não nascem para gerar um filho e nem para amar. No meu caso, a minha tinha vindo com esse defeito de fábrica e ainda era uma filha da puta de uma mãe perversa.

Com o argumento de Nathan, eu fiquei calada, porém, não concordava que tínhamos que ser bonzinhos com ela. Eu estava no meio dos meus dois amores e naquele momento tinha que viver para eles. Cuidar do meu marido, da minha irmã e recuperar o

tempo perdido.

Naquele ano completaria oito anos que não via minha irmã. Chloe tinha dezesseis anos e eu faria vinte e sete. Meu aniversário... Faltava apenas uma semana para o meu aniversário. Tinha me esquecido, já que nunca comemorava aquela data.

Quando estávamos chegando perto do prédio, Chloe olhou através do vidro do carro um tanto quanto impressionada com o tamanho da estrutura do edifício onde Nathan morava. Era grandioso e demonstrava a força que Nathan possuía. Eu achava que Nathan era tudo e mais pouco.

— Tudo bem? — perguntei olhando para o rosto envergonhado da minha irmã.

— Tudo... Eu acho — respondeu ela sem jeito — você é casada com o senador Fox e só agora que me dei conta disso...

— Não se preocupe com isso — Nathan sorriu para ela, enquanto Gretha estacionava o carro ao lado do meu — isso não vai influenciar na sua vida, caso não goste de atenção. Prometo proteger você e sua irmã com a minha vida se for o caso — tinha a mais pura verdade em sua voz. Eu sentia isso em cada palavra firme que ele falava — nunca vai faltar nada para você e nem para minha amada esposa.

— Nossa... — murmurou Chloe quase chorando, olhando para mim e para Nathan — é muito bom ter uma família de verdade agora — sorriu e seu rosto começou a ficar vermelho — me desculpem por isso... É que... — respirou fundo e se calou, começando a chorar. Naquele momento, Gretha já tinha estacionado e aberto a porta do lado de Nathan, esperando com paciência.

— Eu sei, Chloe. Eu sei exatamente o que está sentindo — falei emocionada, abraçando minha irmã. — agora somos uma família — me afastei dela, enxugando as lágrimas — vamos...

— Já foi reservado um dos quartos para a senhorita Dickson — informou Gretha de maneira carinhosa. Eu tinha a melhor cunhada do mundo. Reconhecia o seu valor e tinha verdadeira adoração pela mulher que ela era. Gretha não era apenas a irmã de Nathan, era quem fazia com que as coisas funcionassem do jeito que era para ser.

Ela tinha tomado cuidado em não pronunciar o sobrenome de Theodor.

O'Connell.

Tudo estava indo do jeito que eu imaginava.

Chloe ficou boquiaberta com o quarto

dela. Era amplo e tinha uma cama box king-size, coberta com uma colcha branca e detalhes dourados nas bordas. Nathan tinha tomado cuidado para que tudo fosse delicado e aconchegante para ela.

— Obrigada por tudo — ela nos olhou realmente agradecida. Nunca tinha visto um brilho tão alegre nos olhos de Chloe.

— Vou deixar você descansar um pouco — caminhei em sua direção — amanhã conversamos sobre tudo. Sobre o que você quer para o futuro e sobre... sei lá — sorri e abracei minha irmã com força — sobre qualquer coisa que você queira conversar. Eu te amo, Chloe. — me afastei apenas para olhar em seus olhos.

— Também te amo, Izzi — seus olhos ainda tinham aquele brilho incrível — você nunca desistiu de mim...

PERIGOSAS

— Nunca.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 23



O dia ainda não tinha começado exatamente. Eu tinha consulta com Ian às seis horas da manhã e isso incluía acordar bem cedo e seguir para o consultório dele, sem ao menos ter acordado direito. Olhei para as costas espetaculares do homem que estava ao meu lado e fiquei admirando por um bom tempo. Era muito difícil olhar para o corpo dele e não querer tocar. Traçar cada pedaço dele com os dedos e depois deixá-lo tomar conta do meu corpo.

Ele era quente, intenso e muito carinhoso comigo.

Eu não poderia me atrasar e com muito esforço levantei para tomar meu banho. A água era uma bênção escorrendo quentinha pelo meu corpo. Eu estava mais feliz. E toda minha felicidade tinha sido proporcionada pelo meu incrível! Super! Mega! E extraordinário marido, vulgo agente mais foda que o mundo não conhecia.

Terminei meu banho, escovei os dentes e sequei o cabelo. Quando dei por mim, estava cantarolando alegre indo na direção do closet, separando a minha roupa para o dia. Desde que comecei meu relacionamento com ele, tinha começado a melhorar um pouco meu guarda-roupa. Teria que me vestir melhor, já que eu era a “namorada/noiva/esposa” do senador Fox. Escolhi uma calça social marrom com a cintura marcada e uma blusa de seda branca

com mangas até os cotovelos. Durante o tempo em que me arrumava, pensei que não faria sentido eu casada (mesmo que o mundo não soubesse disso), ficar longe dele.

Quando terminei de me arrumar, me olhei no grande espelho que tinha ao lado do closet e gostei bastante do resultado. Antigamente, eu não me preocuparia com isso, com o fato de estar ou não bem-arrumada. Mas, eu me sentia tão bem que queria me arrumar. Eu estava feliz e desejava que isso transparecesse em tudo.

Andei com cuidado na direção da cama e vi que ele tinha mudado de posição. Estava com o peitoral descoberto, assim como seu abdômen definido e magnífico. Tinha a respiração calma e ritmada. Ao me sentar na lateral da cama, onde ele estava, tomei cuidado para não o acordar. Mas... Nathan

era Nathan.

— Me avise quando for para eu mudar de posição... — sorriu da maneira mais safada que existe no mundo, ainda de olhos fechados — aí você pode admirar mais um pouco do meu corpo... Só que do outro lado também, para não ficar com ciúmes... — falou abrindo os olhos lentamente, ainda com o sorriso estampado no rosto. Ele ficava lindo com aquela cara de sono. Na realidade, ele ficava lindo de qualquer maneira. Ele era perfeito.

— Isso é o que dá... — resmunguei de maneira divertida ao me aproximar dele — dar muita confiança. Você está muito convencido...

— Eu sei — deu de ombros e logo em seguida se esticou na cama, se espreguiçando. Seu cabelo estava lindamente

bagunçado, e parecia que tínhamos feito algo. Não foi por falta de desejo, mas ele achou melhor não fazer. Ele queria me dar apenas carinho — sou gostoso mesmo... — falou ao terminar de se esticar todo e me puxou para um beijo leve nos lábios — e tenho a mulher mais gostosa do mundo. — disse em tom de orgulho.

— A sua mulher... gostosa aqui — comecei a falar e tentar me levantar, mas ele não deixou — Nathan! — soltei um gritinho, quando ele me puxou completamente, me fazendo deitar na cama — tenho consulta...

— Não sou tão rápido quanto um coelho, mas posso fazer você gozar em trinta segundos... — brincou, roçando a ponta do nariz na minha orelha, fazendo todo o meu corpo ficar aceso por ele.

— Fico imaginando se fosse... — rebati,

adorando a atenção que ele estava dando naquela região tão erógena do meu corpo.

Se bem que, com ele, todas as partes do meu corpo eram erógenas. O homem não tinha nem mau hálito pela manhã. Era todo cheiroso, carinhoso e forte, tudo isso ao mesmo tempo. Uma tentação, e ainda por cima mais quente que o verão do deserto do Texas.

— Você nunca facilita... — gemi quando ele soprou levemente dentro do meu ouvido, fazendo com que os pelos do meu corpo se arrepiassem.

— Você me ama... Eu te amo — sussurrou com a voz macia — e olha o que está te esperando — roçou o quadril contra o meu, me fazendo sentir o volume do seu pau. E que volume! — mas... — se afastou subitamente — você tem consulta e eu vou

para uma reunião daqui a pouco.

Ele atiçava, esquentava e depois me deixava na mão. E era assim que a minha vida ficava insuportável pelo resto do dia.

— Seu... Seu... — me levantei depressa, fingindo estar indignada com ele — argh! Não posso nem ficar com raiva de você...

— Eu sei — falou novamente com aquela ironia safada dele — eu sou gostoso — deu de ombros e foi se levantando. Ele se sentou na beira da cama e olhou para mim com uma das sobrancelhas arqueadas — ainda está parada na minha frente? Eu devo ser muito gostoso mesmo — gargalhou charmosamente — vem cá. Me dá um beijo e vá para sua consulta...

— Fazer o quê? — fui até ele, me inclinei e aproximei meu rosto do dele — você é gostoso mesmo — ele abriu outro sorriso, do

tipo que destrói qualquer mulher e segurou a ponta do meu queixo com as pontas dos dedos da mão direita.

— Um gostoso apaixonado pela sua linda esposa — disse isso e me beijou. Quando nos afastamos, fiquei admirando mais um pouco os olhos dele. Eram tão sinceros e apaixonados. Eu tinha sido agraciada por Deus.

— E Chloe? — perguntei por que eu tinha que me preocupar com ela. Ela estava, tecnicamente, na casa de uma pessoa estranha. Mesmo que eu fosse casada com Nathan — acho que vou ligar para Ian e remarcar a consulta... — eu já estava indo na direção do telefone que estava no criado-mudo quando ele me segurou pelo braço e me puxou para junto dele.

— Vai ficar tudo bem — Nathan tinha um

timbre tão macio e calmo que me deixava tranquila — e não. Você não vai remarcar a consulta. Gretha pode ficar aqui com ela e eu coloco outra pessoa para substituí-la durante minha reunião. — beijou o topo da minha cabeça, me fazendo suspirar.

— Não sei o que seria da minha vida sem você... — fechei os olhos e o abracei. Estava ficando cada vez mais fácil ter aquele tipo de intimidade com ele. Mesmo depois de tudo que aconteceu. Era nos braços dele que eu encontrava a paz que precisava.

— Eu não sei o que vai ser da minha vida sem você... — senti quando ele respirou mais profundamente e liberou o ar lentamente. O que ele queria dizer com aquilo? Eu estava ao lado dele... Tudo, mesmo nas mentiras, era por nós dois. Podíamos esconder verdades, mas não escondíamos o que

sentíamos um pelo outro — ande, ou você vai se atrasar — Nathan afastou seu corpo do meu e parou um pouco apenas para ficar me olhando — saiba que não existe homem mais apaixonado no mundo do que eu. Sou louco por você, senhora Fox.

— Nathan... — murmurei emocionada — isso foi lindo... — nossos olhares se encontraram e eu vi o brilho incrível que existia nele com mais paixão — eu também sou louca por você...

— Eu sei — sorriu convencido — eu já disse hoje que sou gostoso? — perguntou se afastando e gargalhando, seguindo para o banheiro... e retirando a cueca no meio do caminho, mostrando aquela bunda perfeita que tinha.

— Ah... Isso é covardia senhor Fox! — gritei quando ele sumiu do meu campo de

visão — Covarde!

— Você me ama — berrou ele, ligando o chuveiro.

— Amo mesmo — sorri, pegando minha bolsa e balançando a cabeça.

Quando saí do quarto, segui para o de Chloe. A porta estava destrancada e então resolvi dar um beijo de bom dia nela antes de sair. Já estava atrasada mesmo e alguns minutos não matariam Ian.

— Izzi? — perguntou ela com a voz um pouco rouca e abrindo os olhos para mim.

— Vou ter que sair por algumas horas, mas quando eu voltar conversaremos sobre tudo — falei beijando seu rosto — vamos passar o resto do dia tentando atualizar as coisas. Nossas vidas. Está bem?

— Tudo bem. — respondeu ela, ainda sonolenta e bocejando.

— Gretha vai ficar aqui com você — sorri passando a mão nos cachos do cabelo dela — o que você precisar pode pedir a ela.

— É bom ter você cuidando de mim — aquilo foi de cortar meu coração. Mesmo tendo passado tantos anos, eu sabia que ela sentia falta do meu colo. Ela era a minha família antes de Nathan entrar nela e fazer o estrago que tinha feito.

Agora eu tinha a minha família.

Saí do quarto ainda emocionada por ter a minha irmã junto a mim. O meu carro estava lá, estacionado. Eu tinha um destino melhor para ele. E mesmo sendo presente de Nathan, eu sabia que ele gostaria do que eu estava prestes a fazer.

Entretanto, era divertido ver Lucius se espremendo no meu New Beetle e ainda manter a pose de profissionalismo que ele

tinha.

Quando chegamos ao consultório de Ian fiz o pedido a Lucius. Pedi que nada do que acontecesse ali fosse dito a Nathan. Ele me olhou torto e por um instante achei que fosse pegar o celular e ligar para Nathan avisando do meu pedido.

— Senhora Fox... — o tom de voz de Lucius era como se fosse um pai repreendendo a uma filha pela sua travessura.

— Lucius... — comecei a falar com calma. — olha, eu sei que você não está aprovando, mas é para uma boa causa... no final de tudo, quero fazer uma linda surpresa ao meu marido. Entende?

— Sim, senhora.

— Obrigada, Lucius.

— Sempre às ordens, senhora Fox.

— Não se esqueça de fazer o que pedi,

aquela outra coisa...

— Não esquecerei, senhora.

Ótimo, já tinha passado das sete e meia.

Ian tinha que ser bonzinho comigo...

Isso era o que eu queria.

Na verdade, queria não ter levantado da cama naquele dia. Teria sido mais fácil ficar lá, apenas deitada ou olhando para o teto.

A consulta se tornou treino. E dos pesados.

Capítulo 24



Eu tinha certeza que nada do que já sabia chegaria perto do que Ian ia me ensinar. Só tinha um fator preocupante: ele era homem, e apesar de confiar nele, não queria arriscar. Queria saber como faríamos aquele treino dar certo, já que eu não queria que ele tocasse em mim.

Ian era treinado, assim como Nathan tinha sido. Ele era inteligente e perspicaz no que fazia, sabia os meus pontos fortes e os fracos também, e tudo que eu queria era camuflar os fracos. Eu queria controlar aquela raiva que tinha dentro de mim e fazer com que ela abrandasse apenas para que eu pudesse ter uma vida digna ao lado das pessoas que

amava.

Ele me explicou que o que me ensinaria não era apenas autodefesa, era o controle sobre o meu corpo. Corpo e mente, conectados de maneira tal para que a mente controle o corpo por completo. Não estava falando das coisas básicas e sim do controle da dor. Se a mente consegue controlar o nível de dor, no momento de um golpe, o seu corpo estará protegido.

Tudo que ele sabia, em parte, me ensinou. Na verdade, ele ficou completamente surpreso por eu correr e saber saltar. Eu era uma atleta muito boa nos tempos de escola e faculdade, então os esportes que não precisavam de contato físico direto eram os meus favoritos.

Eu aprenderia rápido e assim foi. No primeiro dia, ele me explicou os tipos de

artes marciais e algumas técnicas, e apesar de aprender rápido, era muita informação para assimilar de uma única vez, mas prestei atenção em tudo.

No giro de sua perna, quando ele a ergueu e chutou o saco de areia.

No giro e no chute que deu, quando pulou, girou e caiu no chão já de joelhos.

No movimento calculado do seu punho, quando me demonstrou que tinha que dar um leve giro na mão, antes de socar, para não me machucar.

No poder da mente e seus benefícios quando se medita.

Ele era o senhor Miyagi e eu Daniel San, do Karate Kid dos anos 80, a única diferença era que ele não era japonês e eu tinha peitos maiores do que o do Daniel. Ian estava se arriscando para me ajudar, já que de qualquer

maneira, eu estava escondendo de Nathan que tinha começado a treinar. Só tinha medo dele não conseguir entender, mas ainda assim, eu não contaria nada a ele. Não quando ele estava escondendo coisas de mim, mesmo depois do casamento.

Eu o amava mais que tudo no mundo, mas não ficaria parada. Se ele tinha os segredos dele, eu teria os meus. Eu já tinha tudo o que queria mesmo, só me restava continuar treinando e me consultando com Ian para seguir a minha vida.

Chloe era uma boa menina. Nathan e eu estávamos casados. Nada mais de ruim poderia acontecer.

Isso... Era o que eu pensava.

O treino me trouxe uma sensação de bem-estar muito grande e o cansaço me deixou quase nocauteada.

— Você me surpreendeu como sempre, Fox — sorriu satisfeito enquanto enxugava a testa com uma toalha branca — Lizzie, você sabe que Nathan precisa saber disso, não sabe? — eu sabia que sim, só não queria contar naquele momento.

— Eu sei — falei pegando a squeeze e bebendo toda água que tinha — só preciso de um tempo. Quero que ele sinta orgulho de mim...

— Lizzie — o seu tom de censura me chamou atenção — não é por isso que você está guardando segredo. Você sabe os motivos, e eu também.

— Sabe, às vezes é um saco conversar com uma pessoa que tem uma bola de cristal bem no meio da testa — resmunguei enquanto pegava a toalha para enxugar meu rosto também. Não era fácil esconder as

coisas de Ian, e não seria daquela vez que eu conseguiria. Pelo amor de Deus! O cara tinha sido treinado para extrair informações dos terroristas mais temidos do mundo, e eu pateticamente tentando esconder os motivos pelos quais estava treinando. Era burrice minha.

— Lizzie — respirou Ian pesadamente — você me pediu para te treinar, mas sei que isso não é o certo a ser feito. Mas, se vamos fazer isso... eu quero que você entenda o conceito do treinamento. Isso não é para tornar você uma pessoa agressiva, e sim uma pessoa que estará preparada para enfrentar os perigos sem perder o controle. — ele veio andando na minha direção e apontou para a área de tiro — quero que você pegue aquela arma e mire no alvo. Antes do disparo, prenda a respiração. Entendeu?

— Entendi — assenti e segui para a área de tiro. O alvo tinha o formato do corpo de um homem e estava a quase cem metros de distância. Tinha uma nove milímetros do lado da bancada junto com um pente carregado de balas — o que eu faço agora?

— Coloque os óculos de proteção, encaixe o pente e destrave a arma — ele segurou a própria arma, demonstrando como eu deveria fazer.

Assim que encaixei o carregador ele me mostrou como destravar. Antes, me explicou o sistema de mira, de segurança com o registro de trava e por onde os cartuchos saiam: da câmara, que ficava entre a massa de mira e a alça de mira.

— Pegue a sua arma e faça da mesma forma que a ensinei... — falou ao me entregar — agora você vai mirar. Cuidado...

— Ian advertiu quando deixei a arma próxima ao meu corpo — não a deixe muito próxima. No momento do recuo, você pode se machucar. Mantenha as mãos firmes no cabo e olhe através daqui. — ele me mostrou a linha da mira — é por ela que você vai se orientar. Entendeu?

— Ian... — bufei olhando de cara feia para ele — acho que consigo assimilar novas informações...

— Eu sei que você é inteligente, Lizzie — debochou olhando para mim — mas gosto de irritar você e Nathan.

— Isso vai acabar com a minha audição? — no momento que virei para perguntar ele se esquivou. Foi então que percebi que tinha virado o corpo todo.

— Eu não sou o alvo, Lizzie — gargalhou — agora, mire no alvo e não em mim. E não.

Não vai acabar com a sua audição.
Concentre-se.

— Você sabe que foi o meu subconsciente
que queria acertar a sua cabeça. —
provoquei.

— Prefiro que o seu subconsciente... mire
no alvo bem ali — brincou — se posicione
assim — explicou ele colocando o pé
esquerdo um pouco para frente e o outro para
trás, se apoiando melhor e mantendo uma
postura impecável — agora, estique os
braços para frente e mire.

— Certo... E agora?

— Atire o mais próximo do alvo central
— assim como ele me orientou, eu fiz. Me
posicionei e mirei, mantendo uma postura
quase parecida com a dele, já que igual seria
impossível.

— Se eu acertar de primeira... — comecei,

já com a arma apontada para o alvo.

— E não vai acontecer... — cantarolou ele com ar de superioridade.

— Se — enfatizei — se eu acertar vou raspar a sua cabeça, Ian — eu sabia que não existia a possibilidade de eu acertar de primeira, mas, ainda assim, brinquei.

— Se você não acertar — a voz de Ian ficou mais dura e rígida — vai contar tudo para o Nathan e rezar para ele não me matar depois. Entendeu? — por que eu tinha apostado mesmo? Seria uma desgraça. Eu erraria e ainda por cima, enfrentaria Nathan. Seria o fim do mundo.

O apocalipse. A terceira guerra mundial. Eu estava muito fodida.

Prendi a respiração, me posicionei melhor, mirei e atirei.

Não fechei os olhos, não tive medo e não

fiquei surda com o barulho.

Ian ficou do meu lado, parado como uma estátua sem acreditar no que tinha acabado de acontecer. Eu tinha acertado bem na cabeça do alvo, ou melhor, bem no meio. Ele apertou um botão e o alvo veio em nossa direção. Eu não tinha nem piscado no momento que disparei. Não respirei e nem pensei em fazer isso.

— Droga! — resmungou ele, passando a mão no cabelo — não vou raspar a minha cabeça. Melhor de três. Se você acertar os três, eu corto o meu cabelo mais baixo, agora raspar, nunca.

— Gretha vai gostar. — debochei — um visual novo vai apimentar o relacionamento dos dois...

— No mínimo ela vai pegar pimenta e passar nos meus olhos, isso sim — sorriu,

ligando novamente a esteira, fazendo o painel de tiro voltar para o lugar dele — dispare mais três...

Não o deixei terminar. Disparei já posicionada.

Três disparos certos.

— Acho que você é boa nisso — disse com o tom de voz impressionado.

— Tenho quase certeza que sim — eu estava espantada comigo. Com certeza era sorte de principiante...

— Amanhã, você vai treinar os saltos e alguns golpes com uma agente iniciante — sorriu, como sempre, parecendo que estava escondendo algo.

— Odeio quando você sorri assim — reclamei, travando a arma e a colocando de lado na bancada — sei que vai aprontar, ou sabe de algo que mais ninguém sabe.

— Não se preocupe com isso, Fox — balançou a cabeça, achando aquilo tudo engraçado — se tudo acabar na merda, eu vou ser morto e não você. Então relaxe e volte para sua rotina.

Já estava quase no meio do dia quando segui para o jornal. Para todos os efeitos, estava em uma consulta e não haveria suspeita sobre o que eu andava aprontando. No The Poster estava tudo voltando ao normal. Depois da morte de Matt poucas pessoas sentiram falta dele, afinal, quem sentiria falta de um homem como aquele? Ainda não tinha saído o laudo exato da autópsia, mas eu já tinha tido a confirmação e justo quando estava pensando nesse assunto meu telefone tocou.

— Senhorita Radzimierski. — eu já conhecia aquela voz feminina, que tinha um

tom de superioridade e autoridade quando abria a boca.

— Senhorita Lackin. — eu sabia o motivo da ligação, mas não poderia falar para ela que já tinha conhecimento — alguma novidade?

— Sim — ela pareceu um pouco desconfortável — os resultados deram positivo para os exames das amostras que extraímos do senhor Brown. Agora temos outra investigação que vai se iniciar. Sei que você vai compreender que precisamos encontrar o assassino dele...

— Eu não tenho mais nada relacionado ao senhor Brown — rebati rispidamente — o que ele era para mim não interessa mais. Ele morreu, assim como a lembrança dele na minha vida, assim como a minha amizade e meu respeito.

— Eu entendo, senhorita — ouvi quando

ela respirou fundo, fez uma pausa e tornou a falar: — a família dele pediu por isso. Sei que pode ser doloroso para a senhorita saber disso...

— Doloroso foi o que ele fez comigo — falei secamente. Não me importava com ele. Matt tinha sido morto, e por mim iria para o inferno com uma passagem na primeira classe, com direito à mesma tortura que me fez passar — isso é tudo?

— Me desculpe — ela parecia sincera no pedido, mas não amoleceu meu coração — a ligação foi para avisar mesmo. Tenha um ótimo dia.

— Desejo o mesmo para você, agente.

O que Matt fez comigo não tinha perdão. A família dele tinha todo o direito de querer saber quem foi seu assassino, mas eu sabia que nunca o encontrariam. Quem tinha feito

o serviço fez muito bem. Gretha não era qualquer agente. Era treinada e tinha o mesmo gosto pela adrenalina que o irmão, por isso formavam uma equipe. Uma equipe eficiente e preparada para o perigo.

Minha amiga Tati estava flutuando pelos corredores e exibindo seu anel de diamantes. Nunca tinha visto ela tão feliz. Nem quando ficou bêbada na boate e queria subir no tecido, ou quando queria que ele a chamasse de cupcake na hora que estivesse fazendo amor com ela. Elijah não conseguia esconder a felicidade também. No fim das contas, eu estava feliz pelos dois e por mim.

Tudo estava indo bem.

Não me faltava mais nada.

— Vai ficar aí com essa sua bunda sentada o dia todo, ou vai tomar um café rapidinho comigo? — Tati era um

acontecimento da natureza, mas eu a amava cada dia mais pelo jeito meigo que tinha. Aquele sorriso e aquelas bochechas rosadas me diziam que ela tinha acabado de sair de um amasso bem-feito ou de uma trepada bem dada.

— Você trepou? — perguntei de repente. Ninguém poderia me culpar por aquilo, eu não tinha filtro mesmo.

— Lizzie... — me repreendeu ficando ainda mais vermelha.

— Meu Deus! — brinquei levantando da cadeira e seguindo na direção dela — onde foi? — perguntei colocando as mãos na cintura.

— Eu não vou dizer... — ela ia explodir. Já estava ficando completamente vermelha de vergonha.

— Na mesa! — quase gritei — Deus! Foi

NACIONAIS - ACHERON

na mesa!

— Lizzie! — ela olhou para os lados, preocupada com os curiosos, entrou e fechou a porta logo atrás dela — merda! Poxa... Foi o nosso momento... Você sabe...

— Não... Não sei — gargalhei alto. — mas, isso é uma coisa de vocês apenas. Só não vou mais colocar minha mão naquela mesa... — vi quando ela me olhou de lado e baixou a cabeça — sério... não quero ter o suor dos dois em minhas mãos. Você me traumatizou pelo resto da vida — brinquei.

— Foi um sexo selvagem, gata — falou ela soltando uma piscadela para mim — e... Ele me chama de cupcake — o tom convencido dela me fez rir no exato momento.

— Eu estou feliz por você... — fui sincera. Eu a amava muito e queria que ela

tivesse toda a felicidade do mundo.

— E você? — ela estava preocupada comigo, e eu sabia o motivo.

— Eu e Nathan estamos bem, mesmo depois de tudo — fiz uma pausa e comecei a falar novamente: — a agente ligou...

— Era mesmo aquele safado? — Tati raramente tinha ódio em sua voz, mas quando o assunto era o que tinha me acontecido, ela era possuída pelo instinto protetor.

— Sim — assenti olhando para ela — mas a família quer investigar quem o matou...

— Eles não poderiam apenas deixar aquele vírus morto e pronto?

— Eu também queria, mas...

— Eu sei — disse ela pesadamente — eles não sabiam o monstro que era o filho...

— Eu sei que é errado, Tati... — respirei

fundo, soltando o ar logo em seguida — mas eu quero que ele queime no inferno.

— Ruiva — sorriu ela — eu quero que ele vire torresmo...

Tudo que eu queria era chegar em casa, tomar um banho e conversar com a minha irmã. Esquecer tudo o que eu tinha passado por algumas horas e depois deitar no calor dos braços do meu marido.

Lucius tinha ido me buscar no trabalho em um dos carros de Nathan, que também era um Jaguar luxury preto. Não poderia ser diferente, já que tudo que ele possuía tinha um toque da sua personalidade refinada e imponente. Lucius tinha feito exatamente o que eu tinha pedido pela manhã, quando me deixou no consultório de Ian, e assim que chegamos ao jornal fez questão de me avisar.

Eu sei que eu não deveria ter feito o que fiz,

mas eu não ligava. Era para um bem maior e ajudaria muitas pessoas, assim como eu.

Eu queria fazer a diferença, e faria essa diferença.

Dizem que querer é poder. Então eu faria valer esse ditado.

Capítulo 25



A noite tinha chegado finalmente. Minha vida estava toda resolvida. Eu tinha o casamento quase perfeito, exceto pelo fato de ser e não ser casada com Nathan. Mas aquela questão burocrática não me preocupava. Se o meu medo era que eu não conseguisse forças para continuar, ele estava bem ao meu lado passando a segurança que eu precisava. E sempre nos momentos mais difíceis, Nathan era o meu porto seguro.

Entrando no apartamento, pude sentir o cheiro gostoso que vinha da cozinha. Aquilo me fez sorrir, já que ele sempre gostava de cozinhar. Na minha mente, a primeira lembrança que veio foi a do dia em que ele

estava preparando molho de tomate e resolveu lamber aquela colher dos infernos, me fazendo perder completamente a cabeça. Aquele era Nathan: o homem provocante da minha vida.

O cheiro estava divino e pude escutar os risos de Chloe. Quando fui entrando mais um pouco, vi quando ela começou a colocar os pratos na mesa. Nathan contava algum tipo de piada, que não deu para escutar. E nem tinha como escutar. Eu não prestava atenção em mais nada, enquanto observava os dois interagindo. Por um instante, aquela pareceu ser a imagem de uma família perfeita para mim.

Nathan estava informal, usando uma calça jeans preta, camiseta mais larga no corpo, descalço e com um pano de prato no ombro.

Mesmo simples, ele era avassaladoramente

perfeito, com aquele cabelo bagunçado e um sorriso delicioso... Olhando para mim? Droga! Eu tinha ficado tão distraída, que não tinha percebido que ele já estava olhando para mim e que Chloe estava com um sorriso enorme no rosto.

— Se quiser, pode ficar aí... — sorriu ele, andando na minha direção — ou pode subir, tomar um banho e aproveitar a noite com um jantar feito especialmente para a ocasião — quando ele já estava próximo a mim, segurou em minha cintura e me puxou para ficar mais junto do seu corpo — adoro quando você fica me olhando assim! — cochichou, aproximando a boca da minha orelha e depois beijando minha boca de leve.

— Cof-Cof... — tossiu Chloe, brincando — eu estou aqui. — dei outro beijo nele e desviei para ir abraçar a minha irmã.

— Vou tomar banho e volto já, já. —
informei ao passar por Nathan, que me
presenteou com um dos seus sorrisos
maravilhosos.

Subi as escadas quase correndo. Não tive
tempo de olhar para onde eu tinha
arremessado minhas roupas, mas entrei no
chuveiro e saí praticamente na velocidade da
luz. Não queria perder um minuto sequer
daquele momento. Coloquei o primeiro
vestido que tinha na minha frente quando
entrei no closet. Olhei-me no espelho,
arrumei meu cabelo de qualquer jeito e desci.
Nathan estava em pé, ao lado da cadeira em
que eu normalmente me sentava. Ele estava
me esperando com um brilho nos olhos que
me fazia ficar ainda mais apaixonada por ele.
Era um presente de Deus ele existir na minha
vida. Chloe estava do outro lado da mesa ao

lado de uma cadeira, em pé, me olhando com um sorriso lindo no rosto.

Eu parei.

— Espere... — ergui o dedo indicador em modo de questionamento — o que está acontecendo aqui?

— Do que você está falando? — eu conhecia aquela cara de sonso de Nathan. Sabia que ele estava aprontando alguma coisa e fiquei ainda mais alerta.

— Chloe...? — arqueei a sobrancelha para ela.

— Não sei de nada — deixei minha irmã algumas horas ao lado dele e ela já estava unindo forças para aprontar? Puta que pariu! Nathan era foda! Ela permaneceu sorrindo, deu de ombros e ficou me encarando.

— Nathan... — respirei fundo — o que você aprontou?

— Eu? — aquela cara de inocência fingida que ele fazia quando levava a mão até o peito, simulando não ter culpa de nada, não me enganava. — Nada — disse ele simplesmente.

— Te conheço, Fox — tentei parecer ameaçadora, mas não estava funcionando nem um pouco.

— Está bem... — suspirou ele de maneira dramática. Achava lindo quando ele fazia aquilo — vai ser muito duro ouvir o que tenho para dizer e você tem que entender que é um sacrifício enorme para eu fazer isso...

— Desembucha logo — falei ansiosa, colocando as mãos na cintura.

— Anunciei nosso casamento hoje — Nathan sorriu e Chloe quase entra em convulsão de tanto pular. Fiquei lá, parada, olhando para ele. Não que eu não tivesse

gostado da notícia, mas é que as coisas estavam indo tão bem que eu não consegui me segurar e comecei a chorar.

Finalmente.

Finalmente eu iria ser feliz. Feliz ao lado do homem que eu amava loucamente. Sim, ele tinha segredos? Tinha. Mas ele era um agente do governo infiltrado no próprio governo para investigar o envolvimento de Markov com outros ligados ao poder e seus aliados. Eu estava começando a pensar na situação dele com outros olhos. Se ele era um agente, era óbvio que tinha segredos que não poderia me contar, e não que eu gostasse disso, mas aquela era a sua vida. No final de tudo, ele se tornaria presidente dos Estados Unidos e ficaríamos bem. Era isso o que acontecia com os agentes de alta patente.

Tornavam-se presidentes.

Se Nathan conseguisse capturar Isaäk Markov, tudo que ele precisaria fazer era entregar todas as provas ao governo, e se aposentar, ou melhor, recomeçar. Eu ali, parada e chorando, o imaginei comandando uma das maiores potências mundiais com toda sua desenvoltura e imponência.

Ele não deixaria de ser o meu Nathan. Ele não deixaria de ser o amor da minha vida.

Ele não deixaria que nada, e nem ninguém, me machucasse.

Pelo simples fato dele ser forte.

— Liz... Meu doce... — o semblante dele era de preocupação por causa do meu choro.

Aquele rosto de traços fortes e bem desenhados era tudo o que eu queria ver ao acordar pela manhã. Era aquela boca perfeita que eu queria beijar e eram aqueles braços quentes que eu queria que me abraçassem

todas as noites, quando eu chegasse de um dia cansativo.

— Tudo bem? — Nathan já estava do meu lado, segurando meu rosto entre as mãos e me avaliando com aquelas duas safiras maravilhosas.

— Sim — assenti quase freneticamente para ele, tentando enxugar as lágrimas — tudo está perfeito — abri um sorriso para ele e vi o quanto relaxou quando percebeu que o meu choro não era de tristeza, mas de alegria — se eu não digo que o amo todos os dias, farei isso. Se eu não sou carinhosa como você merece, farei isso. Você é o homem mais maravilhoso do mundo, e não vejo a hora de poder dizer sim na frente de todos, com Deus abençoando a nossa união...

— Com direito a vestido... bolo... E uma lua de mel digna de uma rainha — me beijou,

ainda segurando meu rosto entre as mãos — sem contar que, — se aproximou da minha orelha para sussurrar — vai ter um cara bem gostoso te esperando no altar...

— Te amo — ele não escutava muito um “te amo” da minha boca, e a forma como eu falei desarmou-o por completo — sempre vou te amar...

— Ei!!! — Chloe resmungou de onde estava — tem algo de errado com a minha barriga, está fazendo um barulho estranho... — ainda bem que ela chamou a nossa atenção, eu quase tinha esquecido que ela estava ali. Se ela não tivesse feito aquilo, eu teria arrancado as roupas dele e trepado com ele ali mesmo no chão — existem aliens na minha barriga, Izzi... — ela ficava linda resmungando.

— Eu sei o que essa sua mente pervertida

estava imaginando, senhora Fox — ele sussurrou antes de nos separarmos e seguirmos para a mesa.

Depois do jantar, onde Nathan fez questão de servir a mim e a Chloe, sentamos no sofá da sala e apreciamos a vista incrível que tínhamos da cidade. Depois de um tempo em um silêncio confortável, Chloe foi até a janela, enquanto eu e Nathan permanecemos sentados. Ele me envolvia em seus braços fortes e eu podia sentir o seu inigualável cheiro de homem. Chloe tinha uma expressão pensativa, enquanto admirava a cidade dali de cima.

— Eu estou feliz de estar aqui... — disse ela por fim, e tinha uma dor em sua voz.

— Mas? — eu sabia que existia algo a mais ali.

— Acho que só estou preocupada com ela

— ela... Mesmo depois de tudo, Chloe ainda se preocupava com a nossa mãe. Eu não conseguia entender isso, mas não queria discutir com ela sobre o assunto.

— Venha aqui — chamei-a — sente-se e me fale do seu futuro. Não tivemos muito tempo para conversar...

— Bom, eu vou ser dançarina — Chloe tinha aquele mesmo brilho nos olhos de quando eu falava do jornalismo. Era nítido o seu amor pela dança — vou me formar em artes cênicas e depois vou conseguir meu primeiro papel em algum filme de Hollywood.

— Fico muito feliz em saber que você deseja algo com tanta paixão — eu sentia orgulho naquele momento — e... — fiz uma pausa, pois não sabia ao certo se fazer aquela pergunta tão pessoal seria correto. Porém, a

fiz mesmo assim — você tem algum namorado? — ela ficou vermelha por um tempo. Nathan parecia se divertir com as minhas perguntas.

— Tenho — confirmou ela, de cabeça baixa — ele e eu estudamos dança. Ele também quer tentar a carreira de ator ou de dançarino em algum musical. Henry é muito dedicado e acho que um dia vai me pedir em casamento...

— Chloe — não queria que a minha voz tivesse saído em tom de censura, mas saiu — você ainda é muito jovem para pensar em se casar...

— Izzi — falou ela com o tom firme e decidido — ele é quem eu quero. Quando eu tinha problemas, era ele que enxugava as minhas lágrimas — aquilo me pegou em cheio, como um soco na boca do estômago

— nos conhecemos há cinco anos, e sempre foi meu amigo. Eu sei que vou ter algo parecido com isso — gesticulou na direção onde eu e Nathan estávamos abraçados — entende o que eu quero dizer?

— Entendo sim — abri um sorriso para ela. Eu tinha que entender que ela não era mais aquela garotinha que eu tinha deixado há quase oito anos. Agora era uma mulher que estava tomando suas próprias decisões, mesmo tendo a idade que tinha — que tal ir amanhã conhecer onde eu trabalho? — perguntei mudando de assunto — sei que deve ser chato ficar trancada em uma masmorra o dia todo e por isso faço questão de vir lhe buscar depois do almoço para conhecer meus amigos também. Tudo bem?

— Vai ser ótimo — respondeu ela, contente.

Eu estava feliz.

A única coisa que faltava era eu terminar a minha investigação. Eu a tinha deixado de lado, devido a tudo o que me aconteceu, mas não abria mão de pisar no calo de Markov. Nathan ficaria puto da vida e eu sabia que teria um grande problema enfrentando aquela investigação sozinha.

— Lizzie? — ouvi a voz de Nathan bem ao fundo, me distraíndo dos meus pensamentos — tudo bem? — nós já tínhamos subido e dado boa noite a Chloe.

— Tudo — menti, com um sorriso fraco — acho que estou cansada. Só isso.

Nathan já tinha tirado a camisa, escovado os dentes e deitado na cama.

— O que acha de uma massagem? — perguntou com aquela voz maliciosamente sedutora enquanto abria um sorriso perfeito.

— Massagem...? — fingi não ter percebido aquelas segundas intenções na voz dele e nem no olhar.

Ele não estava apenas apetitosamente convidativo, estava perigosamente delicioso. Aquele corpo perfeito, com os músculos todos à mostra, era uma visão e tanto para os meus olhos mortais. Nathan tinha um dos braços atrás da cabeça, apoiando-a, e a outra mão alisava seu abdômen contraído, com um sorriso travesso nos lábios.

— Que tal você tirar esse vestido... — disse ele com a voz rouca — bem devagar e depois subir aqui na cama para receber a sua massagem?

— Você tem certeza que é uma massagem que vou receber? — arqueei uma das sobrancelhas brincando com ele — acho que você está me enganando e quer usar esse

truque para conseguir sexo.

— Sexo não. — abriu ainda mais o sorriso — apenas a sua boceta molhadinha, com a cabeça do meu pau entrando nela. Essa é a massagem, senhora Fox. Só que do meu jeito...

O sol do meio dia no deserto do Texas não chegava nem perto do calor que aquele homem provocava em mim.

— Você é um filho da puta mesmo, senhor Fox — franzi as sobrancelhas, fingindo estar constrangida.

— Não diga isso — falou ele mordendo o lábio inferior e fechando os olhos por alguns instantes — Olha só o estado que você me deixa quando fala assim... — sem cerimônia, ele abriu a calça e colocou aquele pau majestoso para fora. Se existia um pau mais bonito que aquele eu não queria saber. Ele

era perfeito demais. Gostoso demais.

Era meu.

— Então para que eu receba a massagem tenho que tirar o meu vestido? — falei com malícia, andando na direção dele — e se eu não quiser mais essa massagem?

— Ah! Você quer sim. — afirmou ele sorrindo para mim, segurando seu pau, alisando para cima e para baixo e de vez em quando passando as pontas dos dedos na cabeça — vamos lá meu doce... facilite minha vida...

Eu era fascinada pela forma como ele sabia me atrair, e não era apenas algo sexual, era mais... era algo magnético, que me fazia esquecer que o mundo existia.

Que tudo mais existia.

— Vamos fazer assim... — Nathan começou a falar ao mesmo tempo em que

tirava o resto de suas roupas — você massageia ele por mim e eu faço o mesmo com essa maravilha que você tem entre as pernas... — tudo aquilo era demais para um ser humano normal.

— Você está falando disso aqui? — perguntei sentando na beira da cama, me virando para o seu lado e abrindo as pernas, afastando a calcinha e alisando minha boceta para ele. Os olhos de Nathan brilharam de excitação, puro fogo e luxúria.

— Agora sim... — disse ele com satisfação — estamos falando a minha língua... ou melhor, minha língua vai fazer outra coisa e não é me ajudar a falar...

Eu me tocava sem um pinga de vergonha na cara. Se bem que, com ele, eu não tinha isso de vergonha. Para ficar juntos tinha que ser o que ele precisava e ao mesmo tempo o

que eu precisava ser para mim. Ser safada era um requisito muito importante para conviver com ele, e isso eu aprendi muito rápido.

— Você está gostando do que vê? — sem pressa, fui introduzindo dois dedos e mexendo, fazendo movimentos de vai e vem bem devagar, enquanto olhava para ele com a cara mais descarada que eu tinha.

— Quando eu digo que você é minha Jessi Rabbit, existe um motivo claro... — sorriu quando se sentou na cama e engatinhou até estar no meio das minhas pernas.

Nathan passou a língua por cima dos meus dedos e permaneceu olhando para mim. Eu tinha uma bela visão das suas costas e da sua bunda perfeita, assim como das suas pernas musculosas.

— Continue, meu doce... você está linda — segurando por trás dos meus joelhos, ele

abriu mais as minhas pernas e afastou ainda mais a calcinha, olhando fascinado para os movimentos dos meus dedos.

Eu gemia quase desesperada pelo toque dele. Ele pareceu entender os meus gemidos cheios de súplica. Minha respiração estava pesada, assim como as minhas pálpebras, que teimavam em querer se fechar para apreciar os meus movimentos.

— Não... — ele me repreendeu, tomando o controle da minha mão e lambendo os meus dedos.

Nathan segurou com força meus joelhos para que as minhas pernas não se fechassem para o que vinha adiante. Foi como sofrer um ataque cardíaco, só que era a melhor coisa que eu já tinha sentido. Ele não lambia minha boceta, ele a venerava, chupando e enfiando a língua, voltando a chupar logo em seguida,

dando uma atenção especial ao meu clitóris.

Sua boca era quente e habilidosa.

No calor do momento, me agarrei ao seu cabelo, puxando com força e isso o fez gemer alto. Um gemido rouco e profundo. Eu não mandava no meu corpo mesmo. Ele poderia fazer o que bem entendesse que eu não me importaria.

Senti quando ele se afastou, pois me senti abandonada. Mas durou pouco tempo. Nathan segurou minha cintura e me moveu para ficar mais no centro da cama com um único movimento. Ele não rasgou minha calcinha, apenas a manteve afastada, subindo o restante do vestido. E me invadiu com todo o amor que tinha. Era delicioso ter ele daquela forma, tão plena e tão apaixonada.

Eu me sentia segura no calor do seu corpo. Me sentia única quando estava em

seus braços.

Os movimentos que ele fazia eram de tirar o fôlego. Nathan não se contentava em apenas fazer vai e vem, ele tinha que rebolar e meter ao mesmo tempo, intensificando ainda mais os movimentos e o contato com o meu clitóris. Aquilo era de revirar os olhos e mais um pouco. A união do conjunto da obra com a eficiência era mais que espetacular...

Ainda mexendo daquela maneira tão gostosa, ele segurou minha nuca, apoiando os cotovelos no colchão e me beijou logo depois. Sua língua estava em sincronia com o seu quadril. Era alucinante e viciante ter aquele homem me possuindo daquela forma.

Não tínhamos pressa. O mundo não acabaria em segundos, e se fosse acabar, estaríamos unidos em completo êxtase.

Ele era meu. Somente meu.

— Você me faz o homem mais feliz do mundo — disse ele com a voz rouca e a respiração pesada.

Tinha tanta intensidade naquelas palavras que eu não me segurei. Gozei o nome dele com a sua boca grudada na minha, abafando um grito maior. Senti quando suas mãos seguraram minha nuca com um pouco mais de força e seus movimentos ficaram mais rápidos. Aquele era o momento dele e ergui meu quadril, ajudando-o a chegar mais rápido ao seu orgasmo.

— Só para você saber... — falei ofegante e segurando o seu rosto entre as mãos — você me faz feliz também... — camisinha... camisinha... camisinha...

— O que foi? — ele parecia muito preocupado, e por que não estaria? Com certeza eu estava pálida.

— Nathan... — eu comecei a falar, mas já era tarde demais para pensar em algo. Para pensar em me prevenir de ter um filho. O jeito era consultar um médico e depois... Se tudo estivesse bem, começaria a tomar remédio — não é nada... — dei um beijo de leve nos seus lábios e ele arqueou uma das sobrancelhas. Ele ainda estava dentro de mim e a julgar pelo que eu sentia, estava pronto para outra rodada de sexo bem feito. Era eu quem deveria tomar a iniciativa de não querer ter filho naquele momento. Mesmo que nossas vidas finalmente tivessem tomado o rumo certo — quer tomar um banho...? — parecia que eu tinha conseguido me esquivar, já que ele sorriu sedutoramente para mim, movimentando o quadril.

— Banho? — perguntou com aquele sorriso maroto nos lábios — apenas daqui a...

— balançou a cabeça de leve, como se estivesse calculando algo — duas horas...

Ele não tinha brincado quando falou que eu só estaria livre dele depois de duas horas. Naquela noite, tive o melhor sono de toda a minha vida, sentindo o calor dos braços e o cheiro delicioso dele; depois que tomamos banho juntos, adormecemos.

Eu me sentia realizada.

— Para onde você vai? Está muito cedo...
— resmungou ele pela primeira vez desde que começamos a ficar juntos.

— Tenho consulta marcada hoje —
informei colocando o salto nos pés, um pouco apressada.

— Duas consultas seguidas? — perguntou ele, ao se sentar na cama e se espreguiçar, bagunçando o cabelo.

— Se Ian falou e se eu não for... — me

aproximei dele, beijando seus lábios de leve — você arranca o meu fígado, Nathan. E está tudo indo tão bem, que eu não ligo em ter que acordar cedo e olhar para a cara do seu cunhado. — sorri. Ótimo. Eu estava conseguindo mentir como ninguém. Acho que até melhor que um agente do governo.

— Tudo bem — disse ele se espreguiçando novamente, me dando uma bela demonstração de como era ser perfeito ao extremo. — vou tomar banho e seguir para uma reunião. Pego você às sete horas para irmos jantar, já que estou devendo uma noite para minha esposa gostosa — Nathan se levantou da cama e seguiu para o banheiro. Completamente nu — aprecie a vista, senhora Fox — realmente, não era todo dia que se via algo tão magnífico.

Se eu fosse catalogar Nathan, iria colocá-

lo na lista das espécies em extinção. O que teria de mulheres caçando e enjaulando aquele homem... era melhor nem pensar em outra mulher tocando o corpo do meu marido. Só em pensar, já ficava possuída pelo ódio.

Harper... Aquela puta de beira de estrada.

Nem para ficar na beira da estrada do deserto do Texas ela prestava.

Ian fez um treino diferente. Ele queria eu saltasse e girasse várias vezes e depois corresse para chutar o saco de areia. Segundo ele, era para liberar todo o meu potencial e explorar as habilidades adquiridas no tempo de escola e universidade. Eu tinha agilidade, força e elasticidade, mas tinha que saber como utilizar isso a meu favor. Ele me deixou quase esgotada, o problema era que eu não poderia aparentar estar cansada.

Depois de uma introdução sobre como trabalhar corpo e mente, Ian fez questão de que treinasse com uma agente recém-contratada. Segundo ele, ninguém saberia que ela estaria treinando comigo, já que era ele quem a estava treinando para se infiltrar em uma gangue que distribuía drogas aos comerciantes das casas noturnas, o que me fez lembrar Nathan. Porém, Ian me garantiu que Nathan nunca tinha se envolvido diretamente com nenhum dos negócios ilícitos. Todos eram resolvidos através da Harper, para que descobrisse quem eram os chefões. Aquela vaca.

Meu treino foi: Chute. Soco. Saltos. Mais chutes. Mais socos. Mais saltos.

A moça, que era quase do meu tamanho, tinha um corpo mais cheio que o meu, era mais forte, mais ágil e bem treinada. Mas

isso não diminuiu o seu espanto ao saber que fazia apenas dois dias que eu estava treinando. Era claro que eu não tinha a técnica certa ainda e que eu tinha gostado bastante do Krav Maga, mas isso não me deixava envaidecida... Mentira. Deixava sim.

A concepção do Krav Maga revela um caminho que permite qualquer um exercer o direito à vida, mesmo no cenário violento que nos rodeia. Mesmo sendo uma luta de autodefesa, e não uma arte marcial, eu gostei da intensidade que ela trazia aos meus movimentos.

Sua técnica visa impedir que o ataque atinja o alvo e ao mesmo tempo simplifica e aumenta a força dos movimentos do contra-ataque. Racionaliza matematicamente os movimentos de ataque e defesa, utilizando a transferência de peso e a força de explosão,

potencializando a ação livre da força física.

O movimento do golpe funciona como uma mola contida que é liberada: a velocidade não vai aumentando durante o percurso, ela já sai com velocidade máxima. É a força de explosão. Os golpes visam atingir pontos sensíveis do corpo, o que iguala qualquer adversário, independentemente de sua força física.

Todos os movimentos do Krav Maga são montados sobre a motricidade natural do corpo humano e é muito simples, o que facilita a ativação de uma reação em situação de perigo e surpresa. Os movimentos são curtos e, por consequência, rápidos.

Eu queria me tornar a Xena, a princesa guerreira, em menos de três segundos, mas algo deu errado.

Eu fiquei tonta, sentindo o meu mundo

girar e caí com todo o meu peso no chão. Ainda era cedo, e por mais que eu quisesse continuar, Ian não permitiu. Segundo ele, eu tive uma queda de pressão. Ian verificou meus sinais vitais e insistiu para me levar ao médico, mas eu não quis. Apenas tomei um banho e troquei de roupa, guardando a roupa do treino dentro de uma sacola preta para entregar a Ian, e depois segui para o meu trabalho. Às onze horas liguei para Chloe, avisando que a buscaria e que ela se preparasse. Lucius estava ao lado da minha porta, com aquela postura impecável e com o olhar atento de um gavião quando saí da minha sala.

— Deseja alguma coisa, senhora? — antes que eu pudesse falar alguma coisa, escutei o grito praticamente histérico da minha amiga Tati.

— Radzimierski! — droga! Ela estava pegando o hábito do Elijah. Tinha até a entonação parecida quando ele gritava meu nome — o que é isso? — perguntou ela com aqueles olhos verdes faiscando para o meu lado. Na sua mão esquerda estava um exemplar da famosa revista Times. Ela praticamente me fez engolir a revista quando chegou perto de mim, aí sim, deu para notar o motivo da sua indignação — e por que eu não fui a primeira a saber?

“Anúncio Bombástico! — Vou me casar — afirmou o senador Fox”.

Nathan estava totalmente poderoso na foto da capa, com aquele olhar de predador. Abaixo tinham os dizeres:

“Senador Nathan Fox vai se casar com a jornalista Lizzie Radzimierski, do The Poster”.

Um sorriso enorme se espalhou no meu rosto enquanto eu olhava para aquele par de olhos azuis perfeitos. Nathan era incrível.

— Quando eu ficaria sabendo? — adorava aquela mulher e quase todas as vezes que ela ficava com raiva e vermelha, dava vontade de apertar com força aquela bochecha fofinha.

— Agora — menti, mas mantendo o sorriso no rosto — mas já que você está aqui... quero que me acompanhe até a farmácia.

— A senhorita está passando mal? — se prontificou Lucius, ficando ao meu lado. Ele tinha o cuidado de me chamar de senhora quando os outros não estavam por perto, e de senhorita quando estavam.

— Não Lucius — o acalmei — só preciso de uma daquelas pastilhas de hortelã... —

nem de hortelã eu gostava, mas era necessário mentir.

— Eu vou... — antes que ele continuasse, eu o interrompi.

— Olha — falei com calma — não existe perigo, certo? E eu só vou até a esquina. É apenas uma pastilha de hortelã e nada mais. Estou cansada de ficar sentada... — joguei essa, já que ele achava que eu tinha passado boa parte do meu tempo sentada, enquanto falava dos meus problemas com Ian naquela manhã.

— A senhorita tem certeza que não quer que eu vá junto?

— A Tati está comigo — Tati parecia não entender o que estava acontecendo, mas permaneceu calada e se dignificou em apenas assentir com a cabeça. Como se ela fosse a minha segurança — e eu volto logo. Vinte

minutos — falei com convicção — se em vinte minutos eu não aparecer, você poder ir atrás de mim.

Ele ficou calado e ponderou o que eu tinha dito, me liberando para sair com Tati.

Assim que deixamos o prédio eu corri até a farmácia.

— Calma... — pedia Tati quase sem ar — parece até que o mundo está desabando...

— Ainda não — eu disse abrindo a porta da farmácia. Aquela era a abençoada farmácia que me tiraria do sufoco.

— Por que você está escolhendo teste de gra... — ela se calou e arregalou os olhos — Você está grávida?!

— Que tal um alto-falante? — perguntei com sarcasmo, pegando o teste da caixa azul.

— O banheiro é logo ali... — apontou a atendente antipática de cabelos enebados

para o banheiro no fundo da loja.

— Você está grávida? — Tati repetiu a pergunta, agora com o tom mais baixo. Mas ainda tinha os olhos arregalados.

— Vou saber agora — respondi seguindo para o banheiro — se eu não sair em dez minutos, chame a Swat... — não era hora de fazer gracinhas, entretanto, eu tinha que fingir que era apenas coisa da minha cabeça.

Eu não estava grávida!

Quando eu vi o resultado, depois de fazer xixi no potinho e esperar alguns minutos, eu quase desmaiei.

Eu estava grávida!

Como eu tinha deixado aquilo acontecer?

Aquela era a pergunta mais idiota que eu poderia me fazer. Depois de todo aquele sexo intenso e gostoso com Nathan, era óbvio que tinha que sair, ou melhor ainda, acontecer

algo parecido.

Certo, eu só tinha que me concentrar e esperar até a noite. Eu não me sentia apavorada como tinha imaginado que ficaria. Sim. Eu estava feliz. Estava grávida do homem da minha vida e tudo estava indo às mil maravilhas.

Isso era o que eu pensava.

Quando saí do banheiro, Tati estava literalmente roendo as unhas.

— E aí? — ela estava muito ansiosa pela resposta — vou ter uma sobrinha?

— Segundo o teste... — respirei fundo — vai sim — vi os olhos de Tati brilhar e um sorriso lindo se abrir em sua boca. Sem hesitar, ela me abraçou com força. Sentia-me tão bem ao lado da minha amiga, que eu respirava aliviada por ser ela a pessoa que estava ali comigo naquele momento.

— Vai ligar pra Nathan agora?

— Não.

— Por quê?

— Quero fazer uma surpresa. E sabemos que esses testes não são totalmente confiáveis...

— Tipo — desdenhou ela de maneira sarcástica — 99% não é um bom motivo para você ter certeza — de repente ela deu um pulo — Ei! Que tal se você colocar o teste em uma caixinha e entregar para ele? — aquela era uma boa ideia, eu só tinha que passar um álcool, pois seria nojento ele segurar na parte onde o teste tinha mergulhado no meu xixi.

Quando voltamos, Lucius já estava preparado para irmos buscar Chloe. Eu tinha avisado a Elijah sobre a visita dela ao jornal, que pareceu feliz em saber que eu levaria a

minha irmã para conhecer ele e Tati, as duas outras pessoas importantes na minha vida. Deixei Chloe e Lucius esperando na porta da sala e corri para quarto, seguindo até o closet para ver se encontrava uma caixinha de presente, e, por sorte, achei uma muito comprida. Quando abri tive um ataque de risos. O tal vibrador estava nela, e apesar de aquela caixa não ser nem um pouco discreta, serviria para o que Tati havia proposto. Guardei o vibrador e levei a caixa comigo.

O almoço foi tranquilo. Tati e Chloe se entenderam logo de cara, mas quando foi para conhecer Elijah, Chloe tomou o maior susto. Elijah era bonito e simpático, mas brincou com ela, deixando a cara fechada, cheia de um mau-humor fingido. Logo passou, quando ela percebeu que ele era um amor, e que a todo custo tentava mostrar as

maravilhas de ser um jornalista. Até Chloe se ofereceu para ajudar Tati nos preparativos do seu casamento.

Foi uma das tardes mais agradáveis que tive.

O dia tinha passado tão rápido, que nem tinha notado que já eram quase seis horas. Chloe voltou para casa com Lucius, enquanto eu arrumava o teste na caixa, que era muito extravagante para aquele pequeno teste. No máximo, o que poderia acontecer, era Nathan ter a mente tão suja, que pensaria que lá estaria o vibrador.

Naquela manhã, eu tinha optado por uma blusa de mangas que ia até o cotovelo, na cor branca. Uma calça preta risca-de-giz marcada na cintura e um salto preto. Meu cabelo estava impecável, solto e com cachos leves nas pontas e minhas bochechas estavam

coradas. Eu não estava nada mal. Elegante, coisa que eu não era antes de conhecer Nathan, e ao mesmo tempo casual. Dava para frequentar qualquer ambiente que ele quisesse me levar. Mesmo que fosse para uma caverna escura.

Às sete horas em ponto meu celular tocou. A voz macia e rouca do meu amado esposo encheu meus ouvidos. Era incrível como ele conseguia fazer aquilo com tanta facilidade: me deixar arrepiada apenas com a sua voz.

— Estou esperando você, meu doce — ele só precisou falar essas cinco palavras. Eu já estava no elevador, apertando o botão com tanta força, que achava que se aplicasse um pouco mais ele desceria com mais velocidade.

Gretha estava ao lado dele, sorriu, acenou levemente com a cabeça e abriu a porta.

Nunca me acostumaria com ela abrindo portas para mim. Nunca.

Nathan entrou logo em seguida, reparando na caixa que eu tinha em minha mão direita. Colocamos o cinto de segurança e nos demos as mãos. E como eu tinha imaginado, ele me olhou com aquela cara de safado que fazia as minhas pernas ficarem bambas e minha respiração acelerada.

— Então teremos festa depois do jantar?
— sorriu, mordendo o lábio inferior e arqueando uma das sobrancelhas.

— Não é isso que você está pensando, seu pervertido — resmunguei, mas logo tive que sorrir. Ele não imaginava o que tinha lá dentro.

Gretha seguiu pela rua principal, pegou alguns atalhos e logo eu não sabia onde estávamos. As ruas estavam um pouco

movimentadas, e quando paramos no sinal, fiquei inquieta demais e Nathan percebeu.

— Tem algo de errado? — peguei a caixa e coloquei em seu colo. Ele me olhou sem entender nada, já que na cabeça dele aquela era a caixa do vibrador.

— Abra — falei simplesmente.

— Mas... — ele tentou avisar que se tivesse o que ele estava pensando, não queria compartilhar aquele momento tão íntimo.

— Apenas abra — o encorajei — não se preocupe. Não ainda — sorri para ele, que pareceu relaxar.

A sequência dos fatos foi assim:

Nathan abriu a caixa, retirou o que tinha nela e abriu um sorriso. O sorriso mais lindo que eu já tinha visto ele me dar.

Ele gritar que ia ser pai me deixou emocionada, e a Gretha também.

— Eu vou ser pai!

O sinal abriu.

E tudo que antes era felicidade se tonou uma tragédia.

A única coisa de que me lembrava era de um carro ter se chocado bem do lado em que Gretha dirigia, enquanto outro batia na traseira do nosso carro, onde Nathan estava. Tinha sido um choque violento. Depois disso, tudo era vulto. Eu estava quase inconsciente, quando vi de relance alguém abrir a porta do lado de Nathan e o arrastar. Eu não tinha forças para gritar, e tinha quase certeza que Gretha estava inconsciente.

A última coisa que escutei foi Nathan gritar meu nome. Depois, tudo se tornou apenas uma nuvem negra bem na minha frente.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Nova Iorque – Junho de 2015

— Você entende que eu não posso tratar todos os nossos negócios com a senhorita Harper, não é? — Markov e eu tínhamos negócios importantes, e tudo era de suma importância para a operação que investigava seu grupo mafioso.

— Me desculpe por isso, Isaäk. Tive um pequeno imprevisto — informei estendendo a mão para indicar a cadeira e ele voltasse a se sentar.

O motivo pelo qual eu tinha atrasado a nossa reunião não era uma coisa ou uma pessoa qualquer. O motivo era Lizzie Radzimierski.

Uma jornalista do The Poster, que me deixou completamente sem ação.

A primeira visão incrível que tive foi ela parada de costas, com aquele cabelo ruivo e curvas maravilhosas. Tinha sido o suficiente para tirar o pouco de concentração que me restava. Ela era a minha Jéssica Rabbit. Curvas deliciosamente na medida e uma pele cor de pêssego perfeita. Daria tudo para comê-la, sem direito a intervalos. Ela precisaria ir até ao hospital depois que eu a pegasse de jeito.

Mas, ela simplesmente tinha me rejeitado.

Nenhuma mulher havia me rejeitado ou o que eu podia oferecer. Eu sabia o poder que exercia sobre as mulheres, mas nunca imaginei que uma mulher teria poderes sobre mim.

— Não me diga que é algum rabo de saia? — perguntou Markov com malícia — você sabe que eu tenho as melhores garotas da cidade e

NACIONAIS - ACHERON

não tenho ressalvas em oferecer uma delas para que você possa se divertir...

— Não. Não quero as suas garotas. Eu quero a mulher perfeita que eu tive o prazer de conhecer — peguei o telefone e pedi para que uma das garçonetes trouxesse nossas bebidas.

— Bom, deixando essa mulher de lado... — começou mostrando estar preocupado — soube que o FBI anda querendo fazer uma operação surpresa...

— Mas é óbvio que você e os seus contatos já resolveram isso — eu tinha que colher o máximo de informações possíveis. A CIA não seria tão descuidada quanto o FBI tinha sido. Principalmente eu, que desperdicei dez anos da minha vida perseguindo esse bosta do Isaäk. Não quando eu havia matado pessoas inocentes para chegar até ele. Não deixaria que a incompetência dos outros fosse o meu fracasso.

— Digamos que estou com alguns homens vigiando a família de quem vai comandar a operação — falou ele como se não fosse nada demais.

Isaäk nunca teve coração ou alma. Ele cultivava a fama de homem impiedoso e todos o temiam. Menos eu. Eu não tinha medo dele e queria que fosse para o inferno, passar o resto da sua vida na cadeia. O problema era que ele sempre se safava de alguma acusação com a ajuda de amigos influentes que estavam no governo.

Minha missão: conseguir provas e prender o safado do Markov.

— E o carregamento de drogas? Chega a que horas no porto? — me levantei assim que a garçonete chegou com as bebidas, dispensando-a com um aceno e um belo sorriso.

— Max está cuidando disso — sorriu com ironia. Ele era um belo de um bosta mesmo,
NACIONAIS - ACHERON

colocando o seu cão de guarda para rastrear o carregamento e se encarregar da distribuição — algum problema? — eu sabia que há algum tempo ele andava estranho com relação aos negócios, o que me deixou em alerta.

— Não — respondi de maneira convincente, tomando minha bebida. Um rum delicioso — Max é o cara certo para fazer isso. Na verdade — levantei o copo — isso merece um brinde. Por mais um negócio bem-sucedido.

— Por mais um negócio bem-sucedido. — disse ele alegre demais para o meu gosto.

Eu sabia que tinha algo errado, só precisava saber o quê.

Então brindamos.

Nova Iorque – Julho de 2015

Eu tinha que pedir a mulher da minha vida em casamento. Eu sabia que era cedo, e que ela ainda precisava resolver os seus problemas, mas o desejo era maior que tudo. Todas as vezes que eu fechava meus olhos podia imaginar o gosto do seu beijo, o seu cheiro incrível e o seu gênio difícil.

Um dos motivos que me fez amá-la ainda mais era a forma como encarava a vida. Mesmo depois de tanto sofrimento, devido ao abuso que tinha sofrido, ela não perdia aquele fogo. Não perdia aquele brilho nos olhos. Eu tinha que ter calma com ela. Sabia

que o meu jeito direto muitas vezes a deixava constrangida, porém eu sabia que ali, por trás daquele constrangimento, existia a mulher que eu tanto tinha esperado. Uma mulher sedutora e apaixonada.

Tudo nela estava se tornando minhas partes preferidas. Ela era tão doce, e ao mesmo tempo tão forte. Nunca tinha sentido algo parecido. Nunca tinha olhado para uma mulher como eu olhava para ela.

Lizzie tinha algo magnético e eu sabia que ela era minha. Desde a primeira vez que coloquei os olhos nela, sabia que era com aquela mulher de boca suja e voz macia que eu passaria o resto da minha vida.

Só de pensar em trepar com aquela mulher, a cabeça do meu pau já detectava a localização exata da sua boceta.

Eu nunca enviei rosas ou chocolates,

como os homens normais fazem. Eu era diferente. O meu jeito de conquistá-la era usando o que eu tinha de melhor, e eu não estava falando do Thor – sim, o nome que eu dei ao meu pau foi Thor, mas isso ela nunca saberia –, estava falando da verdadeira arte da conquista: a sedução.

Meu coração estava em suas mãos, assim como a minha alma.

— Hmmm... — eu já sabia quem era que estava bem ao meu lado. Gretha não precisava ser anunciada, simplesmente entrava na minha sala quando não tinha ninguém. — alguém anda sonhando acordado... — sorriu ao se aproximar de mim, me dando um abraço caloroso — a ruiva anda mesmo mexendo com você, não é mesmo?

— Se eu dissesse que não, estaria

mentindo — suspirei sem perceber.

— Droga... — ela gargalhou — você realmente está apaixonado. Acho isso maravilhoso — Gretha e eu tínhamos uma relação tão unida que era difícil ficar sem ela por perto. E era ela quem segurava as pontas quando tudo estava próximo de dar errado.

Um protegia o outro, não importava o que acontecesse.

— Acho que é bem mais que isso... — falei afrouxando o nó da gravata e olhando para ela. Sua opinião era a mais valiosa para mim.

— Espero que ela não se torne uma vaca, como a última. Eu gosto dela. Ela anda fazendo bem ao meu irmão — aquele comentário me fez sorrir. Era verdade que Harper e eu tínhamos tido uma aventura, mas não tinha passado disso. Naquele momento

eu podia ver que não era nada além de sexo mal feito.

— Essa é diferente... E sim, ela tem me feito muito bem. Estou amando — fomos interrompidos por batidas na porta, e logo em seguida Gretha foi averiguar quem era. Como era de se esperar, Harper entrou na minha sala sem ao menos saber se poderia. Ela olhou com aquele arzinho de superioridade para minha irmã, e quando tornou a olhar e andar na minha direção, Gretha revirou os olhos. Eu sempre tinha que me controlar para não rir quando ela fazia isso pelas costas de Harper.

— Você pode me... — ela virou a cabeça para olhar, novamente, para Gretha e arqueou a sobrancelha — dar licença... — Gretha olhou para mim completamente séria e eu assenti, pedindo a ela que saísse — ótimo —

resmungou Harper, com tom autoritário, quando Gretha saiu fechando a porta — você pode me explicar o que é isso? — perguntou jogando o jornal na minha mesa, com força.

— Um jornal — odiava ter que me explicar para as pessoas, principalmente para Harper, que não era nada além da pessoa que gerenciava minhas casas noturnas, sobre o que acontecia na minha vida.

— O que tem escrito nele, Nathan? — perguntou irritada. Harper era uma mulher muito bonita, ou melhor, muito atraente. Morena, não muito alta e tinha aquela personalidade que colocava qualquer dúvida sobre a sua autoridade no lixo. Menos comigo. Eu não aceitaria piti de uma mulher que achava que era minha dona.

— Que eu estou namorando. E daí? — dei de ombros, me levantando e indo até a janela,

ficando de costas para ela.

— Era para você estar comigo, Nathan. Comigo — murmurou chorosa, com aquela voz doce demais. Tão doce que me causava enjoo.

— Harper — não me virei para falar com ela — faz muito tempo desde que tudo entre nós acabou.

— Nate...

— Chega! — gritei com raiva, me virando para encará-la — você está ganhando muito bem e não é para ficar no meu pé choramingando. Trate de fazer o seu trabalho, e faça bem feito — os olhos dela estavam marejados e vermelhos, e uma linha fina e rígida apareceu em seus lábios, mas eu pouco me importava se ela estava com raiva de mim. No caso dela, raiva era melhor do que aquela obsessão.

— Muito bem — rebateu com amargura, enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto — depois não se arrependa por ter me dispensando.

— Isso não vai acontecer — falei friamente, sem demonstrar qualquer emoção — nunca. Nem nos seus sonhos.

— Veremos — disse ela me dando as costas de maneira teatral e saiu da minha sala.

Capítulo 26



Eu não sabia como conseguiria abrir os meus olhos. Minha cabeça doía. Meu corpo doía. Tudo se resumia a dor. Eu podia sentir o cheiro daquele lugar, mas não sabia onde estava. Estava complicado até para tentar me mexer. Eu sabia que tinha algo de errado. As imagens bombardearam minha cabeça como flashes. Em um momento, eu via o sorriso do meu marido segurando o teste de gravidez, em outro, o carro sendo atingido, os vidros das janelas explodindo e Nathan sendo levado.

Quando finalmente abri os olhos, me dei conta que estava no quarto de um hospital. Aparelhos estavam monitorando minha

frequência cardíaca e eu estava sendo hidratada com soro. Aos poucos, fui me mexendo até ficar sentada na cama. Minhas mãos, assim como boa parte dos meus braços, tinham leves arranhões. O que tinha me deixado preocupada não eram os arranhões, e sim o bebê na minha barriga. O presente que Nathan me deu estava crescendo ali, no meu ventre, e tudo que eu precisava saber, antes de tudo, era se estava bem. Assim que apertei o dispositivo ao lado da minha cama uma enfermeira apareceu, com Ian ao lado dela. Ele estava com o olhar cansado, assim como a sua postura. E logo me lembrei de que Gretha deveria estar muito mal. Não queria que nada de ruim acontecesse a ela. Eu a amava como uma irmã, e ela era a irmã do homem que eu amava incondicionalmente.

— Ian, o que aconteceu? — perguntei, ainda sentindo os efeitos dos medicamentos. — O meu bebê? Nathan? Gretha? — eu já começava a pensar o pior. E isso fez com que as lágrimas comesçassem a sair sem que eu permitisse.

— Seu bebê está bem. — informou a enfermeira negra, de traços delicados. Quando ela falou que o meu bebê estava bem, uma tonelada de pedras saiu das minhas costas e o alívio pelo meu pequeno anjinho estar bem veio de imediato. — você só precisa de repouso — sorriu — muito repouso. O médico virá orientar você sobre os cuidados durante o período gestacional.

— Cyntia... — Ian olhou para ela — você poderia me deixar sozinho com a senhora Fox? — pediu tirando os óculos e esfregando as pálpebras, deixando ainda mais evidente o

seu cansaço.

— Sim senhor — respondeu ela prontamente e saiu.

— Ian... — eu não consegui me segurar. Já estava chorando muito antes deles entrarem no quarto, e naquele momento eu estava desabando por completo. A represa tinha rompido e eu não parava de chorar. — Nathan... — eu soluçava — Gretha...

— Lizzie — disse ele com calma — Gretha está bem — me tranquilizou um pouco saber que a minha cunhada estava bem, mas ainda tinha uma angústia que não saía do meu coração: Nathan. — Nathan vai voltar... — como assim? Ele tinha sido levado. Tinham armado para Nathan?

— Eu vi Ian — eu falava soluçando — alguém o levou.

— A CIA sabe onde Nathan está, mas não

podemos fazer nada para ajudar — como eles não podiam fazer nada para resgatar Nathan? Aquilo era um absurdo.

— Merda! Ian, do que você está falando?
— gritei histérica. Eu queria comer o fígado de alguém, e iria ser do responsável pelo que estava acontecendo. — que ele não pode ser resgatado? Sabe de uma coisa, quero que todos da CIA tomem no orifi... Ah! Que todos tomem no cu com essas regras. Por que não podem resgatar o meu marido?! Nathan precisa de ajuda, seus merdas! — não sabia de onde tinha surgido aquela força, mas eu me levantei e quase esfreguei o dedo na cara de Ian. Ele apenas me olhava, sem falar nada.

— Vai com calma garota... — eu conhecia aquela voz. Eu sabia que nela eu poderia confiar a minha vida. Gretha, mesmo com aquela roupa de hospital, parecia estar pronta

para uma batalha. — se estirar o dedo na cara do meu marido, eu juro que... Droga! Nem bater em você eu posso, porque está carregando meu sobrinho aí, nessa barriga branca — sorriu — então... vá em frente. Eu deixo, mas só por isso.

Eu realmente amava aquela mulher.

Foi impossível me segurar. Eu fui até ela e a abracei com força, ou melhor, com o pouco de força que me restava. Ela estava bem melhor que eu. Sem nenhum arranhão que parecesse mais grave.

— Gretha... — comecei a falar — eles não querem ajudar Nathan...

— Eu sei — ela sussurrou, me tranquilizando. — mas vamos dar um jeito nisso. Prometo.

— Preciso saber se ele está bem de verdade. Preciso saber... — eu não conseguia

terminar de falar.

— Ele está bem, mas não podemos estragar o disfarce dele... — então era aquilo? Ele não tinha sido resgatado ainda por se tratar de estragar ou não o seu disfarce?

— Mas... — eu não conseguia entender. Quem faria... Droga!

Era óbvio que um dia alguém, ou alguma facção criminosa, faria mal a ele. Ele era famoso por saber esconder seus podres do meio jornalístico, e se eu conhecia bem esse meio naquele exato momento tinham vários jornalistas atrás dele. Eu tinha certeza que existiam testemunhas do que tinha acontecido.

— O que saiu nos jornais? — perguntei preocupada.

— Nada. — disse Ian, me fazendo virar

para encará-lo sem entender.

— Como assim nada? — franzi o cenho para ele.

— Somos da CIA, Lizzie — respondeu ele, com o ar de cansado, mas tinha um pouco de irritação em sua voz. — compramos e matamos as pessoas. Apagamos evidências. É óbvio que ninguém viu nada.

— Então, quem o levou? — olhei para Gretha, que já estava sentada na poltrona branca ao lado da minha cama.

— Tudo indica que tenha sido a mando de Markov. Na noite que você fugiu e aconteceu aquele trágico acidente com você, Nathan tinha acabado de matar um informante de Isaäk. — disse Ian e eu respirei fundo à medida que sentia os meus olhos se arregalarem.

— Nathan vinha recebendo ameaças de morte, e ultimamente estavam constantes — falou Gretha — sabíamos dos riscos. O presidente já sabe do que aconteceu e vai tomar as devidas providências, já que é Nathan quem assumirá o seu cargo.

— O serviço de informações já sabe a localização exata dele. Mas não podemos mandar uma equipe tática para resgatar Nathan porque ele não é prisioneiro.

Oi? Ele tinha sido levado contra a vontade dele. Ele era prisioneiro sim.

— Isso é uma...

— Merda...? — Gretha concluiu o que eu ia falar. — eu sei.

— Tudo o que você vai fazer agora é ir para casa e repousar — Ian disse, olhando para Gretha. Uma merda que eu ficaria parada sem fazer nada. — eu tenho que levar

minha esposa para casa, cuidar dela, e depois passamos no apartamento. Quero ter certeza que você vai se cuidar, ou Nathan pode achar que não tomo conta das joias dele quando ele não pode fazer isso. Vamos, meu amor... — falou com carinho para Gretha. Era a primeira vez que eu os via de modo tão íntimo. Gretha abriu um sorriso perfeito para ele e piscou o olho para mim, quando ele se virou para abrir a porta.

— Vejo você mais tarde — tinha algo mais na voz dela quando me falou aquilo. Eu sabia que tinha. Gretha não ia permitir que Nathan ficasse nas mãos daqueles bandidos, e muito menos eu.

Lucius tinha ido me buscar no hospital, que mais parecia um prédio comum, quando saímos de lá. Era evidente que o hospital tinha que ser tão discreto quanto os agentes.

A pior parte foi entrar no apartamento e não encontrar Nathan e nem a minha irmã, Chloe. Liguei para ela, mas o telefone caiu na caixa postal, então deixei um recado e enviei uma mensagem de texto.

“Estou preocupada com você. Me ligue”.

Subi para o quarto e tudo tinha o cheiro dele. Cada pedaço daquele quarto me lembrava dos momentos felizes que tínhamos passado juntos. Não era o sentimento de que ele estivesse morto, era apenas o desejo de que voltasse são e salvo para mim, e que pudéssemos continuar nossas vidas.

— Seu papai já, já vai voltar bebê — falei passando a mão na barriga com carinho. — e ninguém mais vai nos separar. Eu prometo.

Meu celular tinha mensagens preocupadas de Tati e algumas ligações de Elijah. Eu sabia que tinha que ligar para eles, mas a

única coisa que eu consegui fazer foi ir até o closet e pegar uma das camisetas de Nathan. Tirei a minha roupa e a vesti, para poder sentir o cheiro dele. Daquela forma, me senti mais próxima a ele. Tudo que eu queria era vê-lo saindo do banheiro, fazendo alguma gracinha, ou falando do quão sexy era, andando pelado pelo quarto. Eu queria o meu homem de volta. Eu teria o meu homem de volta, mesmo que eu ariscasse a minha vida...

— Desculpa bebê, mas vamos ter que encontrar o papai.

Só existia uma maneira de conseguir isso, e eu iria até o inferno se fosse necessário. Eu mataria se fosse necessário.

Eu não precisava mais ficar pensando em nada.



Gretha estava sentada na sala, e já tinha anoitecido. Ian estava ao telefone, falando com tanta autoridade para alguém, que comecei até a ter dó da forma grosseira como ele falava. Ela, Gretha, por outro lado, estava sentada rabiscando uma revista velha, que depois colocou de lado.

— Como se sente? — perguntou ele, se aproximando mais um pouco de mim. Ian fixou o olhar em nós duas, enquanto falava ao telefone. Ele parecia preocupado que Gretha me falasse, ou fizesse algo perto de mim. Eu não comia capim. Tinha algo de errado com aquele comportamento de Ian.

— Agora? Como se tivessem tirado um pedaço do meu corpo — respondi com um pouco de sarcasmo, e ela sorriu.

— Eu sei como você deve estar se

sentindo — tinha um pouco de dor em sua voz — só quero que saiba que eu estou do seu lado — Eu sabia que poderia contar com ela.

— Eu sei que sim — devolvi o sorriso.

— Como estava indo o treinamento? — meu Deus! Porque ela estava me perguntando sobre uma coisa que não deveria saber? Fiquei assustada. — Ora... — disse ela dando de ombros — Nathan adora a parte em que você dá uma surra na agente treinada — Nathan sabia? Como assim ele sabia? — pelo amor de Deus Lizzie, respire mulher. É claro que ele sabia.

— Seu marido é um mentiroso. — fuzilei Ian apenas com os olhos, mas ele não estava se importando com o que tinha feito. Na verdade, parecia bem confortável. Traidor. Eu fiz um pedido simples. Eu apenas pedi

que ele não contasse nada para Nathan, mas era óbvio que ele não conseguiria manter aquela boca fechada.

— Não fique com raiva de Ian, Lizzie — disse ela de maneira carinhosa — mas ele foi encurralado pelo meu irmão depois de perceber suas mudanças de comportamento. Então obrigou Ian a instalar câmeras para acompanhar o seu desenvolvimento.

— Precisamos ir. Lucius e mais cinco agentes estão na segurança agora — Ian mantinha o mesmo comportamento distante, mesmo que em parte eu tivesse tido a ousadia de querer esfregar o dedo na cara dele.

— Você deveria ler aquela revista — disse Gretha antes de acompanhar Ian — tem uma matéria incrível sobre gravidez. Acho que deve ser interessante — piscou o olho e me abraçou. Ela queria que eu lesse uma

matéria na revista? Isso fazia algum sentido?

— Prometo que vou — respondi sorrindo, porém, sentindo o meu coração a cada minuto apertar mais e mais. Quanto mais tempo se passava, mas eu sentia falta de Nathan. Tudo que eu queria era ter o meu marido de volta.

— Durma um pouco — sugeriu Ian — isso vai fazer bem para o seu bebê — terminou de falar olhando para Gretha — boa noite, Lizzie.

— Boa noite, Ian e Gretha.

A única coisa que eu conseguia pensar era: se Nathan não era prisioneiro, porque ainda não tinha entrado em contato comigo?

Essa era a pergunta que não saía da minha cabeça.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 27



Eu me sentia impaciente, e em hipótese alguma, conseguiria dormir. Não quando precisava fazer alguma coisa. Saí da cama procurando alguma solução, enquanto andava de um lado para o outro. Nathan deveria ter entrado em contato. Ele não poderia me deixar no escuro, e ainda grávida. Deus... Como eu queria aquele homem ao meu lado. Abri as cortinas do nosso quarto, e olhando para o céu e o brilho das estrelas, pedi a Deus uma luz...

“Você deveria ler aquela revista”.

Gretha! Sim! Sim! Sim! Ela devia ter deixado algo para mim. Eu sabia que ela não concordava com o fato de Nathan “ser e não

ser” prisioneiro de Markov. Desci as escadas correndo e já localizando a revista, que ainda estava no mesmo local que ela deixará. Tudo que eu tinha que fazer era respirar fundo e prestar atenção na pista que ela, possivelmente, tinha deixado.

Eu conseguiria tirar meu marido das mãos de Markov, mesmo ele sendo o agente pica das galáxias que era. Folheei as páginas com cuidado, na verdade, com tanto cuidado, que eu tinha medo de deixar alguma parte despercebida. Eu era jornalista, mas de nada adiantavam todos os anos de atenção a matérias e revisão de textos quando se tratava de algo tão grandioso quanto a informação contida naquele exemplar.

Se existia algum motivo para amar menos a minha cunhada, ele desapareceu. O meu amor por ela continuava aumentando. O que

me fez lembrar que Chloe não tinha voltado para casa. Peguei o telefone e liguei para Lucius. Eu sabia que já era um pouco tarde, mas precisava contar com ele naquele momento. Além do mais, quem iria tentar algo contra mim, quando eu estava protegida ali, onde um grande agente do governo morava... Algo desagradável se passou pela minha mente. E se ele tivesse se deixado levar?

— Sim, senhora Fox — atendeu Lucius, pronto para ação.

— Lucius, preciso que você localize Chloe. Ela não voltou para casa, e nem atendeu ao telefone — fiz uma pausa, tentando organizar mais um problema na minha cabeça. Chloe deveria estar em casa. A não ser que... Deus! Não. Eu não pensaria o pior. Não quando tinha tantos enigmas

tirando o resto da minha paz — tente tudo que estiver ao seu alcance. Não meça esforços para localizá-la — eu me peguei falando igual à Nathan. A convivência fazia isso. E eu estava gostando de tudo, até que o filho da puta do Markov estragou a minha felicidade. Mas aquela merda não sabia com quem estava se metendo. Eu, agora, era a senhora Fox. Já me sentia tão confiante que nada iria me tirar a satisfação de sentir orgulho em poder dizer:

Eu sou Lizzie Fox.

— Vamos tentar localizá-la pelo GPS do telefone e pelas câmeras de segurança da cidade. Qualquer novidade entrarei em contato com a senhora — disse ele visivelmente preocupado. Tínhamos negligenciado a segurança de Chloe. Eu sabia disso e já começava a me sentir culpada. Não

tínhamos pensado que poderia acontecer algo com ela, já que tudo parecia estar calmo e se normalizando até acontecer aquele desastre em nossas vidas.

— Obrigada Lucius, é sempre gratificante contar com você.

— Eu que agradeço senhora Fox.

Não era que eu não estivesse tão preocupada com minha irmã, mas eu tinha o meu marido também para me preocupar. Parecia um sentimento egoísta, mas, ainda assim, eu tinha uma missão: achar a pista que Gretha tinha deixado na revista. Quando cheguei à página onde tinha a matéria sobre os exercícios que uma grávida deveria fazer, eu soube que estava ali. E não foi apenas pelo fato da dica, ela também tinha deixado vários riscos nas palavras, destacando algumas letras...

*“s...e...n... h... a... p... a... i... n... e... l...
r...a...d...z...i...m...i...e...r...s....k...i”*.

Segurei a revista por alguns segundos, sintetizando a informação, até cair na real. Ela tinha deixado a senha do painel de armas de Nathan.

— Bebê, mamãe vai chutar umas bundas. Papai vai voltar.

Segui para o escritório de Nathan, já digitando a senha no painel, em seguida vendo-o se abrir. O arsenal dele dava para devastar Nova Iorque inteira. De bombas até fuzil de uso restrito do exército americano. E quando meus olhos bateram nela, eu sabia que deveria ser minha. A arma que tanto me fascinou. Uma linda Glock onze milímetros. Eu já tinha uma ideia do estrago que ela poderia fazer, eu apenas precisava usá-la da maneira certa... Metendo uma bala bem no

meio da cabeça daquele desgraçado. Eu tinha deixado a Lizzie frágil para trás. Nunca mais a veria novamente, e se dependesse de mim, apenas a Lizzie forte e determinada permaneceria para sempre. Caminhei até o painel e peguei a arma, sentindo o peso dela e gostando de como encaixava perfeitamente na minha mão. Com toda certeza tinha sido feita para mim, mesmo que Nathan não soubesse... Deveria ter mais alguma coisa que eu precisava saber, e se tinha, estava no computador de Nathan.

Digitei a mesma senha do painel e consegui acessar o computador. Verifiquei todos os documentos existentes, mas nada que fosse aproveitável. Me sentindo um pouco cansada, desabei na cadeira e comecei a observar melhor o escritório de Nathan.

Cada pedaço daquele lugar tinha o cheiro

maravilhoso dele. Tudo, naquele apartamento, tinha o jeito perfeito de Nathan. Quando tornei a olhar a tela do computador, vi que não tinha nada além da lixeira e algumas pastas nomeadas como assuntos de sua campanha; ele como bom agente, não deixaria informações tão valiosas em casa, e se deixasse, não seria fácil de achar. A pessoa teria que pensar e agir como um agente, ou melhor, ser tão bem treinado quanto Nathan era. De certa forma, eu pressentia que ele sabia de tudo, ou quase tudo. O que ele não sabia, dava um jeito de ficar por dentro do assunto em menos de dez segundos. Tinha sido assim, quando achei que estava escondendo dele o meu treinamento com Ian. Era óbvio que ele saberia...

De repente uma janela se abriu na tela e

eu me assustei.

— Gretha?!

— Droga garota! Sabe o quanto é difícil invadir esse sistema que o próprio Nathan programou? — Mas como? Não estava entendendo nada — Feche essa boca. Isso eu explico melhor depois. Vi a sua evolução no treinamento, e de acordo com a atual localização de Nathan, ele se encontra em um hotel cinco estrelas no centro, onde haverá um grande evento beneficente, e sei que você pode entrar no hotel sem ser barrada. Eu não posso deixar que você vá sozinha, mas não posso aparecer. Por isso, eu vou ser seu apoio. Pegue a arma e deixe o resto comigo. Espero você no estacionamento do prédio... Agora... — ela fez uma pausa, olhando sério na direção da câmera — levante essa bunda branca da cadeira! E... Lizzie, vista algo

provocante.

Ela estava me esperando no estacionamento?

Eu ainda não conseguia acreditar no que tinha acabado de acontecer.

Se ela tinha entrado em contato por uma chamada de vídeo, era bem possível que o meu celular estivesse grampeado. Ian devia monitorar tudo enquanto Nathan não voltava. Ele só não conseguia monitorar sua própria mulher, que por sinal, era muito inteligente.

Eu precisava agir. Já era tarde da noite e a cidade ainda assim estava um formigueiro, com as pessoas procurando aventuras para se divertir ao máximo. Se Gretha tinha dito para eu me vestir de maneira provocante, era porque tinha deixado algo para mim. Ela, assim como Nathan, sempre pensava em tudo. Minha preocupação agora era como

sair daquele apartamento sem ser notada pelos cinco seguranças e pelas câmeras no corredor. Algo super fácil.

Peguei a minha Glock e segui para o meu quarto, jogando a arma na cama e entrando no closet. Ela só poderia estar de brincadeira com a minha cara... Aquele vestido era mais que provocante. Era chamativo, vermelho e brilhoso. Meia-taça, sem alças e com uma fenda que, pelos meus cálculos, ia de um pouco acima do meio da coxa até embaixo. Ainda era marcado na cintura, com pedras pretas e brilhosas dando o contorno na parte de cima. Além de ser chamativo, e quase não poder respirar nele, era simplesmente divino, sem contar os sapatos de salto alto, de cor preta, que deixava o visual ainda mais charmoso. Claro que eu tinha gostado, apesar de não ter sido escolha minha. Quando

peguei o vestido, um pedaço de papel caiu no chão e me agachei para pegar.

“Vamos. Tic-tac-tic-tac... Olhe o tempo. As câmeras não vão ficar repetindo a sequência para sempre. Saia pela saída de emergência”.

Ela, como sempre, tinha razão. Eu não poderia mais perder tempo. Tirei a roupa que eu usava e coloquei o vestido. Soltei meu cabelo, deixando as pontas cacheadas, e preendi no alto com um lindo broche de brilhantes, combinando com o vestido. No meu pescoço não coloquei nada, e arrematei o visual com um par de brincos simples.

Quando terminei e me olhei no espelho, fiquei admirada do quanto eu estava bem-arrumada. Elegante e sofisticada. O único problema era... Onde eu colocaria aquela onze milímetros? O meu vestido era tão

justo, que eu mal conseguia respirar, e com certeza, eu não ia tentar arrumar um canto para ela ali... Naquela roupa apertada.

Pensa... Pensa... Pensa...

Não podia esperar mais, o tempo estava passando. Com certeza, Gretha tinha pensado num lugar para eu colocar a minha preciosa.

Assim como Gretha instruiu, eu fiz. Desci pelo elevador e segui pelo estacionamento, à espreita. Eu já tinha feito algo parecido quando tentava descobrir o que o prefeito de Nova Iorque estava fazendo com a sua secretária, até altas horas da noite, enquanto a sua mulher cuidava do seu filho deles, que estava com câncer. Homem desprezível, que não tinha coração. Mas, eu o coloquei no seu canto, mesmo que indiretamente. Ou ele parava com aquilo, ou no dia seguinte a notícia estaria estampada na primeira página

do The Poster, entre outros. Tomei bastante cuidado ao me aproximar do carro, que eu sabia que era onde Gretha estaria. — Pronto — eu disse sussurrando ao abrir a porta e entrar no carro.

— O que você pensa que está fazendo, sentada na frente? — ela arqueou uma das sobrancelhas bem desenhadas, me questionando.

— Eu pensei... que...

— De qualquer forma continuo sendo a motorista. Vamos continuar com o plano. Para todos os efeitos, eu trabalho para você e vai permanecer assim essa noite.

— Não vejo a hora de isso tudo acabar — resmunguei saindo do carro e indo sentar no banco de trás.

— Pegue isso.

— O que é?

— Um coldre tático para tornozelos— disse ela — coloque na perna que vai ficar coberta pelo vestido.

— Já estava preocupada onde eu colocaria isso — falei mostrando a arma para ela.

— Eu até daria uma, mas vejo que já tem a sua. As câmeras estão repetindo as cenas onde você parece que está no quarto como uma boa menina. Pegue isso também. E antes que você me pergunte, isso é um comunicador. Você vai colocá-lo dentro do seu ouvido, e é por ele que eu vou falar. Se algo der errado, você avise por ele. A microcâmara está no meio dessas pedras, no seu vestido, então... alguma dúvida?

— Já posso dizer que você está falando demais?

— Garota... — ela suspirou de maneira teatral, e sorriu logo em seguida para mim —

você tem muita sorte. Primeiro, porque gosto de você. Segundo, porque gosto de você... Desgraçada. Você me estragou. Vai roubar a cena hoje à noite, senhora Fox.

— É... eu sei — brinquei colocando o comunicador, arrumando o cabelo e dando um último retoque na maquiagem.

— Haja o que houver, prometa que vai tomar cuidado — Gretha tinha um tom de preocupação na voz — que vai tomar conta da minha sobrinha, ou sobrinho, se algo der errado.

— Não se preocupe. Prometo que vou me cuidar. O que poderia acontecer de ruim no covil dos mafiosos? — zombei querendo mudar o clima.

— Tenho medo que você descubra. — aquelas palavras ecoariam na minha mente pelo resto do trajeto até onde Nathan estava.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 28



O hotel ficava em um dos bairros mais caros de Nova Iorque, e era de se esperar que tivesse um monte de fotógrafos e jornalistas esperando os famosos e políticos que estariam ali. O mais estranho era que eu não me sentia nervosa. Na verdade, eu me sentia preparada para a ação. O prédio, com mais de vinte andares, era chamativo devido ao aço e ao concreto que se misturavam com o estilo das construções do século XIX, fazendo a junção do clássico com o moderno. Um tapete vermelho destacava a entrada do hotel, que tinha uma porta enorme de vidro com

películas escuras e adornos florais, destacando as bordas em dourado.

Quando finalmente paramos, senti o frio percorrer minha espinha, chegar até as minhas costelas e se dissolver nos meus ossos trêmulos. Não era medo: era a adrenalina percorrendo o meu corpo. Em poucos minutos, eu estaria dentro do hotel onde havia grandes nomes da política e famosos, mas não era isso que deixava o meu coração mais acelerado. O que me deixava ainda mais ansiosa, era o fato de que, em alguns minutos, eu poderia finalmente olhar para o meu marido e respirar aliviada, quando constatasse que ele estava inteiro, sem nenhum arranhão.

— Lizzie, se você não se sentir preparada para fazer isso — começou Gretha com a voz baixa, e isso me preocupou. — ainda dá

tempo de voltar atrás...

— Eu consigo — falei firme. — estou grávida... Sem meu marido e irritada por causa de tudo que nos aconteceu. Então, eu consigo. Caso aconteça algo, o que não vai acontecer, eu peço ajuda. Tudo bem?

— Só quero que você tome cuidado. Não suportaria perder uma irmã... — ela não precisava olhar para mim, eu sabia que tudo que tinha acabado de sair de sua boca era verdadeiro. Gretha não era apenas a irmã de Nathan tinha se tornado a minha também, e tudo o que ela queria era proteger sua família.

— Prometo que vou me cuidar. Tenho você para me ajudar — sorri olhando para o espelho retrovisor, e vi os cantos dos seus olhos lacrimejarem. Mas Gretha era durona demais para admitir.

— Que foi? Não estou chorando... — disse ela tirando uma das mãos do volante, pegando um lençinho de dentro do terno e enxugando os cantos dos olhos — é culpa da camada de ozônio... poluição... essas coisas.

— Eu também te amo — sorri balançando a cabeça.

— O convite está dentro da sua bolsa. Mostre assim que chegar na recepção — a partir daquele momento, ela voltava a ser a motorista de Nathan e eu a namorada dele. Nada poderia sair errado. Nada.

— Boa noite, senhorita — disse o rapaz que tinha aberto a porta do carro com elegância — seja bem-vinda ao Hotel Vermont Palace — quando ele fez menção de estender a mão para pegar a minha, me apressei para sair do carro, tentando disfarçar o acontecido. Ao sair, uma chuva de flashes

se voltou na minha direção, quase me cegando. Era um emaranhado de perguntas:

“Senhorita Radzimierski, por que o senhor Fox não está com a senhorita?”

“Radzimierski, é verdade que vocês estão planejando o noivado em Veneza?”

“É verdade que você está com ele para alavancar sua carreira?”

Certo... essa última pergunta tinha sido a faísca de fogo no meu barril de pólvora. Eu, que já estava na metade dos degraus, parei, me virei e olhei para a jornalista. Zoey. Meu sensor de vadias era para ter apitado, então, para alegria de todos, eu respondi as três perguntas com calma.

— Respondendo a primeira pergunta: O senhor Fox é um homem muito ocupado e não tem um cordão umbilical grudado no meu umbigo. — falei abrindo o sorriso mais

irônico possível. — Respondendo a segunda pergunta: Não estamos planejando o nosso noivado em Veneza, pois já estamos noivos. Não precisamos viajar para tão longe para poder consolidar o nosso amor. E respondendo a última pergunta — olhei diretamente para Zoey, arqueando uma das sobrancelhas. — não preciso de um homem para alavancar minha carreira, pois eu já sou bem-sucedida no que faço. Basta pesquisar direitinho e vocês verão que uma mulher sabe sobreviver sem testosterona. Só não posso dizer o mesmo de certas jornalistas... — pisquei o olho de maneira bem sugestiva para ela — agora, me deem licença, tenho assuntos mais importantes a serem tratados. Virei e continuei subindo os degraus, me desligando das perguntas que se sucederam, enquanto eu seguia para encontrar o homem

que me completava.

As portas foram abertas e eu fui conduzida até o grande salão do hotel. Tudo estava divinamente organizado. Um lustre central tinha tiras de cristais ligando-o a outros lustres menores formando um círculo, e as mesas foram colocadas de modo que deixasse um espaço no centro para que as pessoas pudessem dançar. Pequenos jarros de orquídeas brancas combinavam com as toalhas, e cada mesa estava marcada com o nome dos convidados, de modo que fiquei ao lado dele. Do meu Nathan. Gretha sabia preparar tudo para que saísse de acordo com o planejado. Mas, antes que eu pudesse admirar mais um pouco o salão, fui interrompida. A jovem recepcionista de terninho cinza, cabelos presos em um rabo-de-cavalo e lindos olhos castanhos, a quem

tinha entregado meu convite na entrada, veio na minha direção.

— Senhorita Radzimierski — sorriu ela.

— Sim?

— A senhorita foi convidada pelo senhor Markov para jantar com seus convidados, separados dos demais do evento — não gostava da ideia de ficar no mesmo ambiente que Markov. Isso me provocava calafrios, apesar de saber que era lá que o meu marido estava. — o senador Fox insiste que se junte a eles. — sorriu novamente e me conduziu até um quarto, no décimo andar.

A cada passo que ela dava meu coração ficava mais acelerado. Até o barulho do salto dela me deixava em suspense.

Finalmente a porta do quarto foi aberta.

Respirei fundo e disse a mim mesma que tudo era apenas uma questão de controle.

Então, eu o vi.

Minha única vontade era correr para os seus braços e dizer o quanto o amava, mas não podia fazer isso. Ele estava de costas, olhando a cidade pela janela e segurando um copo de uísque. Não tinha como confundi-lo. Bastava procurar o homem mais bonito, mesmo de costas, e logo ele se destacava. Nathan estava vestindo um terno preto e tinha uma das mãos dentro do bolso da calça. Ele balançava o copo lentamente, ainda olhando para a cidade. Eu tinha que sair daquele lugar com ele ao meu lado, ou não sairia dali. Não o deixaria nem se me pedisse.

Quando ele se virou, parecia que tinham ligado o slow motion. O mundo parecia que tinha congelado, é só existiam nós dois em movimento. Por um segundo, achei que tudo não passava de outro sonho ruim e que, a

qualquer momento, eu acordaria e teria o homem da minha vida ao meu lado, me beijando e falando que me amava. Mas não foi isso que aconteceu. Eu estava bem acordada e aquilo era a vida real. Não era um sonho, e nem um pesadelo do qual eu pudesse acordar. Mas foi no momento em que meus olhos cruzaram os de Nathan, que eu percebi que era o começo de um pesadelo. Nunca tinha visto ele me olhar daquela forma tão fria.

Sem emoção.

Sem amor...

Voltei para o mundo real, quando um homem alto e ruivo veio na minha direção. Não era velho, na verdade, era bem novo. Tinha traços fortes e o rosto levemente retangular. Era forte e tinha os cabelos cor de fogo, com lindos olhos verdes. Por alguma

razão, meu corpo sentiu que ele era perigoso, que dele eu não deveria me aproximar. O problema era que eu não podia dar indícios de estar apavorada com tudo que estava acontecendo.

— Vejam — exclamou ele contente. — a garota do nosso amigo Fox. Prazer em conhecê-la senhorita...

— Radzimierski. — apenas assenti com a cabeça, o cumprimentado e ignorando sua mão, que ficou suspensa no ar.

— É uma honra. Meu nome é Max. — disse ele abotoando um dos botões do terno marrom. Quando ele fez isso, pude ver a tatuagem em forma de cruz que ia do meio do polegar, até o pulso. Nathan apenas me olhava com atenção, enquanto Max se aproximava ainda mais de mim.

— Se você se aproximar mais um pouco,

vou ser obrigada a arrancar seus olhos — sussurrei sorrindo e olhando para os demais convidados, quando ele estava a menos de quarenta centímetros de mim.

— Seria incrível ver você tentar fazer isso. — rebateu de maneira ameaçadora.

— Meu querido, sou noiva do senhor Fox por algum motivo. E não estou falando da minha beleza. — arqueei a sobrancelha para ele, que esboçou um sorriso sarcástico. Ele não ia me amedrontar. Não quando eu tinha uma missão: sair de lá com o meu marido ao meu lado.

Max pegou uma bebida da bandeja de um dos garçons que passavam e permaneceu parado, me observando. Eu estava desconfortável, mas aquilo não tiraria o meu foco. O quarto seguia o mesmo padrão mesclado do moderno com o clássico do

século XIX. Para ser mais sincera, o quarto mais parecia um apartamento. Na primeira sala, tinha dois sofás vermelhos cor de sangue, algumas pessoas sentadas conversando animadamente. Os estilos dos lustres seguiam o mesmo modelo do salão principal e tinha outra sala, que mais parecia uma sala de jantar aconchegante e muito convidativa. O papel de parede era um bege claríssimo, que contrastava com a decoração vermelha. — Sempre gostei daqui. — comentou Max, foi quando senti a mão quente e firme segurar minha cintura. A respiração, que antes estava presa, aliviou em um suspiro de reconhecimento. Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram com a familiaridade do toque. Bastou aquele simples toque para que eu soubesse que ele estava ao meu lado.

— Max. — podia jurar que tinha ouvido Nathan rosnar o nome do ruivo alto. — nos dê licença. Preciso conversar com a minha garota — seus olhos azuis queimavam o ruivo com intensidade.

— Foi um prazer conhecer você, Radzimierski. — eu tinha me tornado um desafio para Max. Eu senti no momento que ele pronunciou meu sobrenome e me encarou.

Eu era o osso e os dois eram os cachorros brigando para ver quem ia ficar com ele. No caso, comigo. O que Max não sabia era que eu já pertencia a Nathan, e nenhum homem, além dele, tocaria meu corpo.

Ele era meu.

Eu era dele.

Sem pressa, Nathan me conduziu até a ampla sacada do quarto, sem pronunciar uma

palavra, até que estivéssemos longe dos ouvidos e olhares dos curiosos. Tudo que eu queria era beijar sua boca e dizer que eu o amava ainda mais.

Quando ele parou, me guiou até que eu ficasse parada e olhando para ele.

— O que você está fazendo aqui? — no momento em que ele me fez aquela pergunta, senti o meu chão se abrir. A sua voz era rígida e seus olhos não tinham aquele brilho incrível de quando me olhava. Aquele era o Nathan agente, e não o meu Nathan. Senti o meu coração quebrar em vários pedacinhos, mas não demonstrei isso a ele.

Não ia chorar.

Não ia fazer cena.

Eu tinha uma missão e precisava me concentrar no mantra.

— Eu vim tirar você daqui. — falei

murmurando e o encarando.

— Não era para você estar aqui. Isso pode ser muito perigoso, tanto para você, quanto para o nosso bebê — disse ele de maneira inexpressiva.

— Não saio daqui sem você — sorri de forma irônica — não sou burra Nathan. Sei muito bem o que estou fazendo.

— Não. Não sabe. Se soubesse, não estaria aqui. — seus olhos eram dois icebergs azuis na minha direção.

— Vejam só... — disse uma voz masculina, que era forte e rouca — me apresente a sua... noiva Fox. — quando me virei para ver quem era, um sentimento diferente correu por meu corpo. Não era um calafrio igual ao que experimentei quando Max se apresentou a mim. Era algo completamente diferente. Era algo

completamente diferente.

Soube naquele exato momento que aquele era o homem responsável pelo acidente e por tirar Nathan de mim.

Aquele era Isaäk Markov.

Capítulo 29



Isaäk Markov era um russo de altura mediana que já tinha em seu currículo várias mortes e atividades ilícitas. Com o seu cabelo ruivo e sua pele cor de ferrugem, ele tinha os olhos negros, que só naquele momento percebi que estavam dilatados. Na verdade, os olhos dele eram verdes. Um verde impressionante, que estava escondido pelas sombras. Quem não o conhecesse de verdade, acreditaria naquele sorriso elegante e convidativo que me ofereceu, e que na realidade, não passava de uma máscara para enganar as pessoas. Ele já estava beirando a meia idade, mas tinha uma boa forma, que se destacava pelo seu terno branco de corte sob

medida.

Nathan, que estava ao meu lado, logo ficou mais tenso do que já estava. Ele tinha me tratado de um jeito que nunca fizera antes. Mas eu não estava me importando. Não quando era a minha vez de protegê-lo.

— Lizzie, esse é o senhor Markov. Isaäk Markov, Lizzie... Radzimierski, minha noiva — eu sentia a força que Nathan fazia para falar, e ao mesmo tempo, escutava o estalar dos ossos de sua mão se fechando com força.

— Ora minha jovem, é deselegante deixar um cavalheiro com a mão estendida — disse ele com a mão estendida na minha direção. Eu ainda estava me recuperando do choque que foi não ter medo dele.

— Concordo plenamente. — sorri de maneira educada e apertei a mão dele. Uma sensação estranha percorreu o meu corpo,

mas não de alerta. Era algo diferente. — não é todo o dia que eu tenho o prazer de conhecer alguém tão... famoso. — Isaäk arqueou a sobancelha com o meu comentário sarcástico e sorriu.

— Muito espirituosa a sua noiva, Fox. — direcionou o olhar para Nathan, que parecia que iria explodir a qualquer momento. Odiava vê-lo tão rígido e alerta como estava naquele momento. — um homem de sorte.

— Na verdade, ele tem muita sorte. — brinquei e olhei para Nathan da maneira mais apaixonada que podia.

— Sou o homem mais sortudo do mundo. — disse Nathan tentando respirar e aliviar a rigidez que o seu corpo transmitia.

— Tenho certeza que sim. — falou Markov sorrindo para mim. — terei o prazer de conversar mais um pouco com você

depois. Sabe, tenho tido muitos problemas ultimamente nos negócios... — quando ele voltou a encarar Nathan, eu sabia que tinha algo de errado. — mas, como você é uma jornalista, não poderei soltar nenhum tipo de comentário sobre isso ou terei que te matar. — a forma como ele disse aquelas palavras, deixou um frio terrível na minha barriga. De alguma maneira, consegui reunir forças para rir daquelas palavras, que não tinham um pinga de graça.

— Seria um prazer ver o senhor tentar algo do tipo. — continuei sorrindo. — já pensou em mudar de negócios... quem sabe... comédia?

— Fox, case com ela amanhã. — Isaäk colocou as mãos no bolso da calça e foi se virando para ir embora, mas antes disse: — mulheres assim não deixamos andando livres

por aí.

— Vou tomar o seu conselho, Isaäk. — e ficamos parados, vendo Markov partir e nos deixar sozinhos. — Você está completamente louca... — murmurou Nathan, esfregando as têmporas com força.

— Não acho. — dei de ombros e peguei suas mãos, fazendo com que ele olhasse para mim. — acho que me saí muito bem.

— Você não entende...

— Claro que não. — rebati magoada. — você não explica porra nenhuma, e quer que eu dê uma de vidente. Adivinha, eu não sou vidente. Preciso que você me explique o que está acontecendo, Nathan. Preciso saber o motivo daquele acidente... E sempre estou no escuro quando se trata de saber as coisas através de você.

— Tudo bem. — suspirou ele

pesadamente. — eu sei que não conto muita coisa...

— Quase nada, para ser mais exata.

— Lizzie, estou tentando falar agora. — ele segurou minhas mãos com mais força, o que me deixou ainda mais preocupada. — um dos carregamentos dele foi interceptado pelo FBI, e era o que estava sob a minha responsabilidade.

— Então foi por isso que ele provocou aquele acidente? — perguntei a ele, que me puxou para ficar mais junto do seu corpo.

— Foi. — respondeu ele, passando os braços fortes pela minha cintura. — e agora tenho que esperar para saber o que mais ele quer de mim...

Por um momento, esqueci tudo. Esqueci que o mundo existia e apenas me concentrei no calor dos seus braços envolvendo meu corpo.

— Fiquei com tanto medo de te perder... — sussurrei encostando a minha cabeça no seu peito e sentindo o

perfume que em tão pouco tempo tomou conta da minha mente... da minha vida.

— Eu também fiquei. — o meu coração quase saiu pela boca quando escutei a forma carinhosa com que ele falou. Era tudo o que eu precisava. Tudo. Eu não precisava de mais nada, apenas dele me segurando firme em seus braços e voltando a ser carinhoso comigo. — não sei o que seria de mim se algo ruim acontecesse com você e com o nosso bebê...

— Nathan, ele ou ela, está bem. — levantei a cabeça e fiquei nas pontas dos pés para beijar o seu rosto. — e agora estamos juntos. — Nathan segurou na ponta do meu queixo e me beijou delicadamente nos lábios, me fazendo suspirar.

De repente, notamos uma movimentação estranha no quarto e nos afastamos. Os convidados estavam indo embora... um a um. De tudo que estava acontecendo, a ideia de ir junto com os outros convidados não estava em cogitação. A maioria das pessoas nos olhava de maneira esquisita, e outras apenas balançavam a cabeça em negativo. Se Isaäk estava planejando algo, colocaria em prática naquela noite. Eu só precisava saber o que ele queria com Nathan, depois de ter tido uma de suas cargas

interceptadas pelo FBI. Nathan não estava ali apenas por um castigo de Markov, tinha algo mais. Eu conseguia sentir o clima pesado.

— Merda! — murmurou Nathan, me passando para trás dele, de uma maneira protetora.

— O que está havendo? — perguntei já pressentindo que a minha noite estava apenas começando.

— Fox. — Max apareceu sorrindo. — e sua querida e adorada noiva, Markov os aguarda para uma conversa íntima entre... velhos amigos. — dava para sentir o sarcasmo escorrendo pelas laterais da boca daquele homem. — Primeiro as damas... — falou abrindo espaço em um floreio desnecessário com as mãos.

Por um segundo achei que Nathan fosse tentar algo, mas permaneceu parado enquanto eu saía detrás das suas costas e segui andando até a sala, onde Isaäk estava sentado em uma poltrona, bebendo seu uísque de maneira despreocupada. Nathan apareceu logo depois, e de maneira protetora passou uma das mãos em volta da minha cintura e me puxou para ficar mais próxima ao seu corpo. Quando olhei para ele, Nathan tinha assumido a postura do agente que faria de tudo para matar Markov. Aquele olhar sanguinário e impetuoso que eu tinha visto

na noite em que ele matou um dos informantes de Isaäk.

— Eu convidaria vocês para tomar um drinque, mas creio que o que vou falar agora não vai ser algo bom. — falou levantando o copo do líquido âmbar. — se você está com o Fox, é porque sabe o que ele faz, e isso a torna cúmplice nos negócios. Correto? — eu podia ouvir a respiração de Nathan ficar cada vez mais pesada.

— Correto. — meneei com a cabeça, concordando.

— Bom. — sorriu satisfeito. — já que concordamos com isso, vamos ao que interessa. Um dos meus carregamentos foi... roubado pelo FBI. O problema é que não é qualquer tipo de carregamento. Asiáticas com qualidade não se encontra em qualquer lugar, se é que você me entende...

— minha barriga estava começando a borbulhar, me fazendo ficar enjoada, mas eu fiquei firme e não demonstrei.

— E o que eu tenho a ver com isso? — perguntei desafiadoramente. — que eu saiba, não tenho nenhuma ligação com a sua organização.

— Max... — bastou Markov chamar o grandão, que ele logo sacou a arma na minha direção... Isso era o que eu pensava. Na verdade, ele apontava a arma para Nathan. Max tinha um brilho de completa satisfação em fazer

PERIGOSAS

aquilo, e até deu para escutar a arma sendo destravada. — Você? Nada. Mas agora vai ter tudo a ver. Preste bem atenção, minha jovem, preciso de alguém para reaver meus diamantes asiáticos e alguém tem que fazer isso.

— Eu já disse que você deveria tentar outra profissão, tipo... a de comediante. — sorri para ele.

— Isaäk, você não pode fazer isso... — disse Nathan entre os dentes, quase espumando de raiva.

— Claro que posso. — falou Markov dando de ombros e se divertindo com tudo que estava acontecendo. — eu posso tudo, senador Fox.

— E se eu me recusar? — perguntei arqueando uma das sobrancelhas.

— Caso você recuse, serei obrigado a matar ele... — falou calmamente, apontando para Nathan e bebendo um pouco mais do seu uísque. — mato a sua família, e por último... Mato você. — sorriu. Eu já estava farta daquele sorriso.

— Apenas isso? — desafiei. — você me chantageia apenas com essas ameaças?

— Lizzie... — Nathan tinha um tom de advertência na voz, mas eu ignorei. Queria terminar logo com aquilo e tirar meu marido daquele lugar.

— Deus! — gargalhou Markov extasiado com o
NACIONAIS - ACHERON

que tinha acabado de acontecer. — ela é perfeita Fox. P.e.r.f.e.i.t.a! — falou batendo palmas. — incrível. Incrível. Bom, já que ela acha pouco as ameaças à sua família, ao futuro marido e a ela mesma... Que tal isso? — ele tirou de dentro do terno um pequeno detonador remoto e me mostrou. — isso é um detonador...

— Isso eu estou vendo. — rebati.

— Minha jovem, preste atenção. — quando ele falou, eu prestei mais atenção, mas continuava sem entender. — esse aqui é o responsável pela cabeça do seu querido noivo ainda não ter ido pelos ares. Sabe, fizemos uma pequena incisão no crânio do seu amado e sabe o que implantamos? Um pequenino chip! Espera, o melhor ainda está por vir... — disse se levantando e indo em direção ao bar que ficava no canto, próximo da grande porta da sacada. — o chip tem um explosivo! Superei não foi?

NACIONAIS - ACHERON

Agora você ficou impressionada?

Agora sim ele tinha conseguido me deixar amedrontada. Só consegui prestar atenção no barulho dos ossos da minha mandíbula, enquanto me controlava para não pegar a minha arma e descarregar toda na cara daquele merda.

— Eu quero meu carregamento, e se por algum motivo, eu ficar sabendo que houve interferência do FBI, da CIA, ou até mesmo do homem da banca de jornal, eu estouro a cabeça do Fox. — Markov se serviu e, com apenas um movimento, bebeu todo o líquido do copo. — Max, acompanhe a senhorita Radzimierski até a saída.

— Espere... — falei analisando a situação. — se... eu disse “se”, eu fizer isso, que garantia você vai me dar de que o meu noivo ficará bem? — Nenhuma. — disse ele simplesmente dando de ombros e sorrindo. A minha vontade era de

quebrar cada dente branco que tinha naquela boca.

— Ela não vai fazer nada. — disse Nathan assumindo o controle. — isso é entre você e eu.

— Mas é óbvio que tem a ver com ela. — desdenhou Isaäk. — você a ama, isso é evidente. E, como eu sou um ótimo vilão, vou usar isso contra você.

— Nathan... — tentei falar, mas ele logo começou a falar novamente.

— Não foi minha culpa se o pessoal do FBI interceptou seu carregamento.

— Eu ia deixar nas mãos do Max esse serviço. Mas sou muito afeiçoado a você Fox, por saber exatamente como se faz os negócios. Você nasceu para isso, entende? — Max permanecia com a arma apontada para Nathan, enquanto Isaäk caminhava em nossa direção. — Lizzie...

— Não vou embora sem ele. — falei friamente.

PERIGOSAS

— não sei se você se faz de maluco ou se você é maluco. Mas, não saio daqui sem ele.

— Jovem, não teste minha recente admiração por você... — rosnou Isaäk.

— Lizzie... — Nathan começou a falar, mas aquela era a minha vez de assumir o controle.

— Se ele não for comigo, você pode explodir a cabeça dele... matar a mim e a minha família. — dei de ombros. — não vou ceder às suas chantagens, mas a única coisa que quero, em troca de recuperar a sua carga, é que tire o chip da cabeça do meu noivo.

— Max... — vi em câmera lenta a arma ser direcionada na minha direção. — tire a senhorita Radzimierski daqui. — Max guardou a arma e veio na minha direção. Eu rapidamente levantei a perna e tirei a minha arma do coldre que estava no meu tornozelo, apontando na direção do cão de guarda do russo.

NACIONAIS - ACHERON

— Não tenho problema algum em matar um dos seus se você matar o meu noivo. — sorri da expressão confusa de Max, enquanto ele olhava para minha arma. — ou fechamos um trato, ou mato ele... e você. Mesmo que eu não me case depois. — podia jurar que Nathan estava sorrindo também. Um misto de euforia com adrenalina tomou conta de mim. Eu sabia que ele sentia orgulho da mulher que eu tinha me tornado.

— Acho que fiz um ótimo negócio pedindo ela em casamento. — disse Nathan, olhando para Markov. — como ela propôs, podemos fazer assim: recuperamos as suas garotas e você tira o chip. Continuamos a nossa maravilhosa amizade, e quem sabe convido você para ser meu padrinho... — quando Max achou que eu estava distraída, seguiu lentamente na minha direção, mas eu o fiz parar. Atirei de modo que a bala passasse raspando em um grande e considerável pedaço da sua orelha, o fazendo

NACIONAIS - ACHERON

gritar de dor, caindo no chão com a mão ensanguentada.

— A próxima vai ser na cabeça dele. — olhei séria para Markov. — e depois no meio da sua cabeça.

— Mesmo sem ter a mínima possibilidade de vocês saírem vivos daqui, ainda mantém a postura! Vocês sabem que não existe apenas o Max aqui... Do lado de fora tenho mais de vinte seguranças.

— Sabemos. — falou Nathan.

— Vou aceitar o trato. — sorriu. — Não é por medo, mas sim pelo fato de ter gostado da sua garota, Fox. Vocês têm uma semana para me trazer as moças e, depois desse prazo, mato você e mato Lizzie, mesmo gostando muito de vocês. Sete dias para planejar a recuperação da carga de Isaäk, e ao mesmo tempo, prendê-lo. Nathan e eu tínhamos o mesmo objetivo e não iríamos

NACIONAIS - ACHERON

descansar até que ele estivesse atrás das grades, ou morto.

— Nathan... — chamou Isaäk antes de sermos liberados e Nathan se virou para olhar para ele.

— não existe segunda chance comigo.

— Digo o mesmo. — rebateu Nathan e antes de sairmos, pude sentir os olhos de Max sobre mim. Dava para sentir o ódio dele por mim, mas eu não estava me importando. Não quando eu iria embora daquele lugar com o meu marido sem sofrer um arranhão.

Capítulo 30



Finalmente eu tinha conseguido salvar alguém que amava. Nathan estava do meu lado quando pegamos o elevador, e quando saímos, todos os homens de Markov nos observavam, seguindo-nos pelo saguão do hotel em um silêncio ameaçador. Parecia que a qualquer momento um dos seguranças do mafioso russo sacaria a arma e descarregaria todas as balas em nós dois.

O medo de perdê-lo tinha sumido apenas por alguns instantes, já que ainda tínhamos de recuperar o carregamento de Isaäk e retirar o chip da cabeça do meu marido. O bandido tinha deixado bem claro que não haveria uma segunda chance com ele, mas isso não fez Nathan recuar.

Eu sabia que meu marido estava há anos perseguindo e investigando os passos de Markov, e que para isso matou pessoas inocentes.

O que eu tinha certeza era que Nathan não o deixaria sair ileso dessa. Não quando várias meninas tinham suas vidas e seus sonhos roubados por um bandido como ele. No momento que saímos por aquela porta, eu sabia que Nathan estava formulando um plano para que, dessa vez, Isaäk se desse muito mal e a justiça fosse feita. No final de tudo, eu teria o meu marido, ou melhor, minha família e a minha paz, podendo voltar à vida normal.

Isso era o que eu pensava.

Gretha estava do lado de fora, já com o carro pronto para dar partida no motor e voltarmos para casa. Meu coração estava acelerado devido à alta dose de adrenalina que se espalhava pelo

meu corpo. Nunca tinha me imaginado fazendo algo do tipo, na verdade, se eu não tivesse encontrado Nathan pelo caminho, eu jamais saberia que o meu destino era ao lado dele, e nem que eu tinha a habilidade de uma agente treinada. Não saberia o que era o amor verdadeiro, e nem me permitiria deixar algo do tipo acontecer na minha vida. Não teria uma família. Não teria amor.

— Já disse que te amo hoje? — perguntou Gretha, mantendo a postura quando entramos no carro. Dava para notar o tom de felicidade que a voz dela transmitia.

— Não sei... — brinquei, e esperei Nathan entrar no carro. — mas, nunca é demais falar que amamos as pessoas mais importantes de nossas vidas...

— Chutou quantas bundas lá em cima? — Gretha sorriu, antes de olhar para mim pelo
NACIONAIS - ACHERON

retrovisor.

— Não chutei, mas quase deixei um cretino sem orelha...

— O que vocês tinham na cabeça? — perguntou Nathan visivelmente irritado, entrando e batendo a porta do carro com força. E Gretha arrancou com o carro, deixando a fumaça dos pneus queimados no asfalto.

— Você queria deixar sua viúva e seu filho entregues à própria sorte, Nathan? — percebi que Gretha tinha ficado magoada com a pergunta dele. — eu te amo Nathan, e assim como a sua esposa, eu não poderia ficar parada.

— Você imaginou que ela poderia ter morrido lá? E como você conseguiu essa arma? Ela estava guardada em um cofre! — Nathan estava furioso. As veias do seu pescoço pulsavam com tanta força, que mais um pouco, explodiria.

— Mas eu não morri. Mude a senha. Agora a

NACIONAIS - ACHERON

Glock é minha. — tentei em vão entrar na conversa. Ela estava em alta velocidade, quando entrou em uma rua escura.

— Ela está grávida! — gritou ele, ficando com o rosto vermelho.

— Tá brincando com a minha cara? — de repente, Gretha freou o carro e a minha cabeça bateu no assento da frente. Maldita hora para me esquecer de colocar o cinto. Ela tinha parado o carro próximo a um armazém velho, que estava caindo aos pedaços. Ela desceu e abriu a porta do lado do motorista, na traseira do carro, onde eu estava. — desça. — ela estava furiosa. — vamos, desça desse maldito carro.

— O quê? — eu não conseguia entender nada do que estava acontecendo. A rua tinha pouca iluminação, ou melhor, quase nenhuma, se não fossem os faróis do carro dando uma ajuda. — para quê você quer que eu desça do carro?

— Gretha... — alertou Nathan, que semicerrou os olhos para ela.

— Desça dessa merda de carro, Lizzie. — olhei para Nathan, que segurou no meu braço, me impedindo de sair.

— Você não vai fazer isso... — dava para sentir o quanto a raiva de Nathan estava aumentando naquele momento.

— Fazer o quê? — não adiantava fazer perguntas. Ele não me responderia, a menos que eu descesse do carro e buscasse a resposta. — certo, você não me responde as merdas das perguntas, eu desço e descubro sozinha. — com um solavanco, libertei o meu braço da mão dele e desci do carro. Gretha foi andando até o capô do carro, tirou o terno, e logo depois se posicionou a cerca de três metros de distância de mim.

— Sabe, seu marido, o qual é meu irmão e amo

NACIONAIS - ACHERON

mais que a minha própria vida, não acredita que você seja tão forte porque está grávida. Então, que tal mostrarmos a ele que você é forte? — perguntou sorrindo e arqueando a sobrancelha para mim.

— Eu não disse isso. — rebateu ele, saindo do carro e se apoiando na lateral, cruzando os braços. — eu acho que ela seja forte sim, mas...

— O que eu tenho que fazer para mostrar que não sou fraca? — na mesma hora entendi o que tinha que fazer. — você, contra mim? — olhei para ela, que estava em uma missão para mostrar ao meu marido que eu era muito mais do que uma mulher grávida. Eu era forte. — certo. — sorri, me abaixei e retirei o coldre do meu tornozelo, guardando no banco do carro.

— Lizzie, meu doce... — não adiantaria em nada ele me chamar daquela forma tão carinhosa; eu não tinha intenção de sair dali sem

dar uma boa surra em Gretha, mesmo que fosse preciso me carregar para algum hospital com várias fraturas no corpo. Eu estava grávida e não inválida.

— Nathan meu amor, cale essa sua boca. — Gretha esboçou um sorriso no canto da boca, com puro divertimento quando falei. Eu não tinha mais nada para guardar, então me posicionei na mesma linha que ela. — me dê licença, tenho que dar uma surra na sua irmã.

— Você tem certeza que quer fazer isso? — perguntou ele.

— Nathan, eu estou sem sexo... grávida e acabei de acertar a orelha de um cara. É, acho que tenho certeza. — olhei para ele, que tinha aquelas duas safiras perfeitas olhando para mim. Como eu tinha sentido falta daquele homem... Daquele jeito que ele tinha ao pronunciar meu nome, como um ímã, e que fazia o meu corpo

todo derreter. Daquela boca macia e desenhada, que eu estava louca para beijar. Mas antes, tinha que provar para ele que eu conseguia... Droga, eu tinha acabado de tirar ele das mãos de Markov e quase deixado um cara sem a orelha.

— Gretha, tem pipoca no carro? — perguntou ele com sarcasmo.

— Vai à merda. — respondeu ela rindo. — mesmo se tivesse, eu tenho certeza que não vai dar tempo de você mastigar nem a primeira.

— Ei! — Gretha olhou para mim, mas não dei tempo para ela pensar em muita coisa. O primeiro golpe foi no estômago, e ela caiu ajoelhada no chão. — muito papo, pouco trabalho. — quando fui chutar, ela se levantou e saltou para trás, tornando a ficar de frente para mim. A sequência de socos foi algo que eu já tinha pensado que ela iria fazer. Bloqueei boa parte deles, exceto o que foi direto no meu

NACIONAIS - ACHERON

maxilar. Nós nos afastamos e ficamos andando em círculos, analisando quem iria dar o primeiro golpe.

— Bom soco, para uma iniciante. — com certeza aquela era a genética da família falando. O mesmo fogo que Nathan tinha nos olhos, Gretha também trazia. Seus lindos olhos azuis tinham aquele desejo por algo mais. Até o sarcasmo era parecido.

— Eu nem comecei. — corri em sua direção e ela veio na minha, mas quando ela achou que seria um ataque frontal, eu dei um salto, passando por cima de sua cabeça e pousando graciosamente no chão. Gretha não previu que eu faria aquilo, então aproveitei a oportunidade que ela estava de costas para mim e dei uma chave de braço no seu pescoço. Estávamos caídas no chão, e eu tinha uma das minhas panturrilhas pressionando o seu pescoço

enquanto eu agarrava seu braço, unindo um pé ao outro, formando a chave por completo.

— Calma garota, preciso do meu braço para pegar o meu sobrinho... — disse ela rindo e dando leves tapinhas na minha perna.

— Ou sobrinha. — corriji.

— Certo, ou sobrinha. Agora você pode me soltar? — olhei para Nathan, que aplaudia elegantemente a nós duas. — está vendo como a sua mulher consegue derrotar uma agente treinada? Ela não é fraca Nathan, e se eu fosse você, tomava bastante cuidado com as bolas, quando fosse dormir depois de uma discussão.

— Foi a luta mais rápida que já assisti na minha vida. E não se preocupe Gretha, eu vou cuidar das minhas bolas. — disse ele se aproximando, enquanto eu libertava o braço de Gretha e ela levantou, limpando a calça feita sob medida para o seu corpo. — como eu disse, eu nunca duvidei

do seu potencial, minha Jessi Rabbit — Nathan segurou a minha mão e me puxou para ficar mais próxima ao seu corpo. — eu apenas me preocupo com o seu bem-estar, e agora, tenho que pensar por vocês dois... em nós... e na nossa família. — ele levou a outra mão para o meu ventre e fez carinho, olhando de uma forma tão sincera e profunda, que fez com que as lágrimas escorressem, tamanha tinha sido a emoção.

— Droga, Nathan... — resmunguei chorosa, limpando as lágrimas. — você me fez chorar, de novo. Meus hormônios estão gritando, e você me vem com essa...

— Te amo, Lizzie. E tudo que eu quero é a sua segurança, meu doce. — soltando meu braço e a mão do meu ventre, Nathan segurou meu rosto entre as suas mãos e me beijou. Me segurei firme nos seus braços para não cair. A sua língua entrando na minha boca, foi um encontro

bem-vindo e que o meu corpo tanto queria. O calor da sua boca na minha era o que eu esperava naquela noite. Poder segurar, tocar e sentir o meu homem, era maravilhoso.

— Oi... Não é querendo atrapalhar, mas não temos muito tempo. — falou Gretha, fazendo com que lembrássemos que ela ainda estava ali. — e pelo amor de Deus, nada de sexo na minha frente. Ainda estou me recuperando da visão da ereção que o meu irmão teve, quando apresentou você a mim... Argh!

— Eu não... — antes que Nathan pudesse rebater aquela acusação, ele se calou e esboçou aquele maldito sorriso safado, no canto da boca. — bom, temos que ir para casa e planejar como vou me livrar desse explosivo que está na minha cabeça e prender aquele monte de bosta. — disse ele, desviando do assunto. Gretha pegou seu terno, vestiu logo em seguida e entrou no

NACIONAIS - ACHERON

carro, ligando o motor.

— Vamos embora. — gritou ela para nós dois.

— Vamos. — falou Nathan sussurrando no meu ouvido. — tenho um presente bem grande para você.

— Presente? — perguntei tentando entender o que ele tinha acabado de falar.

— Sim, um presente. — debochou ele, segurando a porta do carro para que eu entrasse.

— ele é grande... grosso e faz você gritar como uma louca.

— Nathan... — quase morri, quando antes de entrar no carro, ele me imprensou com o seu corpo na lateral do carro, afastou o vestido e passou a mão entre o meio das minhas pernas, passando o dedo por cima do tecido da minha calcinha. De onde estávamos, e do jeito que estávamos, Gretha não viu o que acontecia, pois tanto a porta do carro quanto o corpo dele

bloqueavam a sua visão pelo retrovisor lateral.

— Saudade de ouvir você gemer meu nome, meu doce. — sussurrou novamente, mas bem próximo ao meu ouvido, me deixando arrepiada, dando mordidas no lóbulo da minha orelha. — agora vamos, entre no carro antes que eu coma você na frente da minha irmã, e acho que ela ainda está armada até os dentes.

— Você não presta. — balancei a cabeça, achando engraçado.

— Onde foi parar o “você é um filho da puta mesmo Fox”? — perguntou com aquele sorriso malicioso na boca. Pai eterno do céu, lá estava ele, sendo o Nathan descontraído que eu conhecia. Totalmente diferente do homem que eu tinha encontrado naquela noite. E independente do humor dele, eu o amaria por toda a vida.

— Não seja por isso. — retruquei bem-

NACIONAIS - ACHERON

humorada. — você é um filho da puta mesmo, Fox.

E ninguém explodiria a cabeça do meu marido, a não ser eu. Não seria com explosivos e nem ia ser a cabeça de cima...

Capítulo 31



Quando cheguei em casa senti que o mundo tinha começado a girar e eu simplesmente desmaiei nos braços de Nathan. A última coisa que escutei, antes de apagar, foi um monte de ruídos e nada mais. Eu estava cansada, ou melhor, esgotada. E não tinha recebido nenhuma notícia de Chloe.

Quando acordei já era dia. Minha barriga pedia por comida como nunca tinha pedido antes. Eu tinha que levantar, tomar um banho, comer e saber notícias de Chloe. Não entendia como tinha dormindo tanto, com tantas coisas acontecendo naquele momento. Quando terminei o banho vesti minha roupa,

uma blusa simples de botões amarela e um short de algodão curto, mas confortável, e sem calcinha. Logo senti o cheiro da comida quando me aproximei da porta. Bacon e ovos. E eu só conhecia uma pessoa capaz de deixar meu faro tão aguçado por comida, e essa pessoa era o meu marido, Nathan.

Eu não tinha do que reclamar, já que quando ele estava na cozinha era um evento colossal. Não apenas por ele ser lindo, mas pelo simples fato de ele ser perfeito com os seus defeitos. Apesar daquela bunda durinha perfeita e aquelas omoplatas musculosas, em conjunto com aqueles ombros largos que definiam o restante da perfeição do seu corpo, é claro que ele tinha imperfeições. A visão da bunda dele naquela cueca boxer branca, fritando bacon e sem camisa, era de deixar qualquer mulher louca, lógico que eu

não era desse tipo... Mentira, eu era. A cada movimento que ele fazia, mais vontade eu sentia de correr para perto dele e comê-lo no café da manhã.

— Não me canso de ver você assim, sabia? — falei me sentando à mesa, para esperar ele servir o café. Se ele de costas estava bom, fiquei imaginando como estava de frente.

— Meu doce, mais um pouco e terei que pegar um babador para você. — debochou ainda terminando de cozinhar.

— Estou apostando nisso... vai usar a língua?

— Não é má ideia, sabia?

Enquanto o bacon fritava, ele seguiu para geladeira, pegando uma garrafa de suco de morango e servindo em dois copos grandes.

Voltou até o fogão, desligando o bacon, e

servindo com torradas e ovos, nos pratos. Eu sabia o que ele estava fazendo. Já tinha visto muitas exposições dele para saber que aquela era uma. Ele sabia que eu ficaria observando-o de um lado para o outro na cozinha, com expectativa de que ele saísse de lá arrancando a minha roupa e me comendo sobre a mesa, deixando o café para o segundo plano. Mas, para minha infelicidade, não foi isso que ele fez. Ele não saiu correndo da cozinha e arrancou minha roupa, ele apenas se virou, segurando os dois pratos, e a visão que tive foi uma das mais dolorosas de se ver. O abdômen de Nathan estava completamente roxo, com manchas avermelhadas espalhadas pelos braços; essa visão fez a ficha cair e, assim, reparei que estava tão concentrada no meu desejo que não havia percebido seus machucados.

Foi automático.

Levei as mãos até a boca em estado de choque.

— Meu amor... — foi a única coisa que conseguir falar, quando caí em prantos.

Não queria ninguém machucando meu marido, mesmo que fosse sua profissão. Eu estava soluçando, quando senti o calor de suas mãos sobre o meu corpo, me abraçando e tentando me acalmar. Não era fácil, e nunca seria fácil vê-lo naquele estado.

— Ei... — disse ele com carinho, chamando minha atenção, enquanto segurava meu rosto entre suas mãos. — tudo bem. Eu estou bem... — o choro saiu com mais força quando olhei direto nos olhos dele.

— Nã-o-o. — gaguejei, ainda chorando.
— você não está nada bem. Olhe o que fizeram com você...

— Onde está a mulher forte que vi ontem?
— brincou, e sorrindo me puxou para ficar mais perto enquanto se ajoelhava.

— Sumiu no momento em que viu o objeto sexual dela machucado. — brinquei, mas, ainda assim, meu coração estava apertado.

— Eu sabia! — exclamou ele, com ar de ofendido. — eu sempre soube que você só queria meu corpo..., corrigindo, apenas o meu aparelho de reprodução. — elevou a mão até a cabeça de modo teatral, me fazendo rir.

— É obvio, é um ótimo aparelho. — tudo por um segundo parou, quando ele de repente me beijou de maneira apaixonada e completamente ardente.

Sua língua não acariciava a minha, ela a aprisionava, me obrigando a seguir o seu

ritmo. Quando dei por mim, minhas mãos já estavam em seu cabelo, puxando e pedindo por mais dele.

— Nathan... espere... — tentei alertar sobre os machucados, mas nada adiantou. Ele nem sequer se afastou quando me pegou pela cintura, me tirando da cadeira e me colocando no chão da sala de jantar. Meu medo era que os machucados que ele tinha piorassem, caso eu fizesse algum movimento. Mas da forma como ele me pegou, todo esse medo foi embora.

— Pare de pensar, meu doce. — sussurrou ao se afastar da minha boca. — quero comer você desde o momento em que entrou no quarto daquele hotel...

— Meu amor, você está machucado... — o próximo som que escutei foi do meu gemido, quando ele, por pura maldade,

chupou e mordiscou meu pescoço.

— Sabe, ontem, você naquele vestido... e aquela arma... — eu quase morri mil vezes, quando ele foi descendo mais, até chegar aos botões da minha blusa, desabotoando boa parte deles, me deixando exposta e lambendo o bico dos meus seios com a língua. — se eu já tinha a certeza que você era a mulher perfeita para mim, naquele momento eu soube que nunca existiria dúvidas sobre isso... — a parti desse ponto, eu não escutei mais nada.

A sua boca já estava no meu seio enquanto a sua mão castigava o outro bico com as pontas dos dedos. Eu não sabia se puxava o cabelo dele ou se gemia o seu nome... ou fazia as duas coisas ao mesmo tempo. Era evidente que sentia muito desejo por ele, mas não daquela forma. Não com

tanta intensidade, como naquele momento.

Me descontrolei quando as mãos quentes e fortes de Nathan ergueram meu corpo, e o choque foi ainda maior, quando não senti ele tirar o meu short. Nathan virou o corpo, ficando de costas para o chão e me fez montar nele. Ele não tirou a cueca... e acho que nem precisaria tirar, já que se demorasse mais um pouco ela seria destruída. Segurando minha cintura com uma das mãos, ele levou a outra até o meu clitóris, massageando aquele ponto tão sensível do meu corpo, me deixando ainda mais louca do que eu já estava.

Nathan escorregou a mão que estava na minha cintura para o meu quadril, me incentivando a rebolar em cima do seu pau, sobre o tecido da sua cueca. Eu estava muito excitada e maluca para ter ele dentro de mim.

Quando parou de massagear meu clitóris, levou a mão até a sua boca e chupou seus dedos. Era uma visão dos infernos aquele homem. A forma como ele chupou, me fez lembrar aquela maldita colher de pau. Sem cerimônia tirei minha blusa, eu ainda estava com ela, e joguei sabe Deus onde. Segurei na barra da cueca e baixei-a, libertando aquele pau perfeito e delicioso. Eu queria chupar, lambe e fazê-lo gozar na minha boca, mas não fiz, já que o meu desejo de tê-lo dentro de mim era bem maior. Ergui um pouco meu corpo para me posicionar melhor, e fiz o que eu tanto desejava. Montei nele por completo. De início, eram movimentos lentos, para que eu pudesse aproveitar cada arrepio de puro desejo que ele me proporcionava, depois os movimentos começaram a ficar mais rápidos e mais intensos, e quando Nathan segurou em

cada lado da minha bunda, me ajudando nos movimentos, me fazendo sentir toda a sua força... eu não aguentei, desabei em cima dele, procurando a sua boca e encontrando o que tanto queria: apenas estar com ele. Estar em seus braços e poder dizer que ele era meu, e o que eu sentia naquele momento, ele também sentiu. Gozamos juntos, deitados no chão e com as nossas respirações aceleradas.

— Por que estou sentindo que essa não vai ser a única foda do dia? — perguntou ele, quando me endireitei ainda montada nele, mas com ele dentro de mim... era tão gostoso senti-lo pulsar e ainda permanecer duro depois de um orgasmo.

— Eu estou grávida, acho que o desejo fica mais acentuado...

— Você é uma safada, isso sim. — gargalhou, se apoiando nos cotovelos, me

dando aquele sorriso perfeito de canto de boca.

— Eu? Safada? — perguntei com falsa indignação.

— Mas é minha safada. — Merda... ele me fazia ficar ainda mais derretida por ele, quando falava daquela forma e ainda me olhava daquele jeito apaixonado. — Que está esperando um bebê perfeito, nosso. Não posso pedir mais nada nesse mundo. Tenho a mulher que amo, o que mais eu preciso?

— Eu também tenho tudo que preciso em você, meu amor. — me curvei para beijar de leve a sua boca. — Tenho você, nosso bebê... a nossa família. E... o que me faz lembrar que estou com fome, e agora como por dois. — Como era possível ser tão apaixonada por um homem? Como era possível ter tanta felicidade, em um só lugar, mesmo com

todos os problemas querendo nos puxar para a escuridão?

Nathan era tudo na minha vida. Na verdade, eu tinha as duas pessoas mais importantes perto de mim e uma estava dentro da minha barriga, e eu sabia que era importante para ele também. Eu tinha medo de que Nathan não fosse gostar depois de tudo que tinha acontecido, mas foi exatamente o contrário do que eu tinha pensado. Eu estava grávida, e era porque ele queria também, então, não tinha para quem sentir medo. Nunca me esqueceria do sorriso dele quando soube que seria pai, mesmo que, depois, aquele acidente tenha estragado o momento. Não vou me esquecer dos olhos brilhando de alegria e nem do seu sorriso largo, que por pouco tempo, me contagiou.

Depois de limpos com um banho bem

tomado, onde fizemos amor novamente, ele fez algo que também ficaria marcado para sempre na minha lembrança. Eu ainda estava em pé, quando ele se abaixou e beijou minha barriga.

— É uma menina. — disse ele ao se endireitar, e saiu para a cozinha preparar outro prato com bacon... mas dessa vez o aroma não foi o mesmo.

Quando senti o cheiro logo veio a ânsia de vômito e eu tive que correr para o banheiro o mais rápido que pude. A última pessoa que eu queria no banheiro, me vendo vomitar Deus sabe o quê, era ele. Mas ele estava lá, do meu lado, segurando meu cabelo, e cheirando a bacon, o que não facilitava a minha vida nem um pouco.

— O que houve meu doce? — ele estava muito preocupado.

— Argh! Meu amor, tome um banho e tire esse cheiro de bacon, que está impregnado no seu corpo. — a vontade veio mais forte, quando lembrei que comeria o bacon. — aproveite... — Argh! — e extermine tudo que tiver bacon nessa casa...

Nathan estava preocupado e feliz ao mesmo tempo, preocupado com a minha pressa em sair de perto da cozinha, e feliz porque o ser que ele tinha plantado em mim estava aprontando comigo.

— Melhorou? — perguntou ao se afastar de mim, tirando a roupa que ele tinha vestido depois do banho que tomamos juntos, jogando no cesto de roupa suja.

— Ah! Disso eu não vou enjoar. — respondi com pura admiração, apenas em olhar o corpo dele.

— Ouh! Olha, não sou de negar fogo, mas

até a máquina de sexo aqui. — disse de maneira convencida. — precisa de descanso, nem que seja por uma hora.

— E eu achando que você era potente. — era nojento tentar beijá-lo depois de vomitar até o que eu não tinha dentro da minha barriga.

— Lizzie, não me provoque. — ameaçou, entrando no chuveiro enquanto eu me levantava para ir escovar os dentes, para tirar aquele gosto horrível da boca.

De uma coisa eu tinha certeza: aquela bunda era a perfeição! Mas, do que eu tinha ainda mais certeza era que o conjunto da obra era mais quente que o Saara no verão! Enquanto escovava os dentes, fiquei observando ele passar o sabonete no corpo... aquilo não era normal. Não mesmo. Como é que eu tinha acabado de trepar no chão da

sala de jantar, no chuveiro e ainda continuar com uma vontade louca de rasgar ele em cinco?

— É bem assim que eu me sinto, quando estou olhando você, meu doce? — Ah! Qual é? Ele andava lendo mentes por acaso?

— Não seja ridículo, Nathan. — falei cuspendo e enxaguando o creme dental. — não sei do que você está falando.

— Sei. — podia sentir o tom de deboche, e mesmo que eu não conseguisse vê-lo sorrindo daquela maneira convencida, sabia que era assim que ele estava.

Nathan sendo Nathan.

Do cheiro dele, eu não enjoaria. Nunca.

Quando ele me abraçou por trás, senti o calor do seu corpo molhado. Nós nos encaramos pelo espelho, e eu tive que sorrir para ele. O mundo poderia virar de cabeça

para baixo, que ainda assim continuaríamos juntos.

— Temos outra coisa para resolver. — eu disse suspirando.

Eu queria acreditar que Chloe não tinha desaparecido, porque era isso que uma adolescente normal faria. Daria muita dor de cabeça para sua irmã mais velha, e depois apareceria misteriosamente, como se nada tivesse acontecido.

— Vamos encontrá-la e você vai perceber que não passou de um mal-entendido. — falou Nathan, beijando meu pescoço.

— Tomara. — era isso que eu queria acreditar. Porém, depois de tudo que vinha acontecendo, o medo cresceu dentro de mim. — alguma notícia?

— Ontem Lucius conseguiu rastrear a última ligação que ela fez. — de repente,

Nathan ficou tenso e me olhou com cautela.

— E para quem foi a ligação que ela fez?

— Para o pai dela.

Já tinha uma noção de onde eu deveria procurar a minha irmã.

Se Chloe estivesse com Theodor por vontade própria eu não iria mais atrás dela, mas, se ele tivesse feito algo contra ela, aquele porco saberia quem era Lizzie Fox.

Capítulo 32



— Onde você pensa que vai? — perguntou Nathan quando me viu saindo do closet.

— Eu? — perguntei pegando minha bolsa e a arma. Eu já tinha me vestido para sair antes mesmo que ele tivesse percebido. Uma calça jeans azul, uma blusa larga branca e apenas uma sapatilha com enfeites muito discretos. — vou ao jornal e depois vou ao Queens. Quero saber o motivo de ela ter ido parar lá, mesmo depois de tudo.

— Então eu vou com você...

— Não. — falei firme. — você tem outro problema muito mais sério para resolver do que ir comigo buscar a minha irmã. Ou você

quer que a sua cabeça exploda e me deixe no mundo com um filho seu para criar sozinha?

— Mas eu quero estar sempre ao seu lado, meu doce. — ele mais parecia um gato ronronando e sabia que aquilo amoleceria meu coração.

Porém, eu não poderia me deixar levar pelo sorriso fácil, voz macia e rouca, olhos azuis penetrantes e nem por tudo mais que existia nele, e me fazia tremer só de pensar em ter o seu corpo junto ao meu.

— Nos grandes e pequenos acontecimentos da sua vida... Quero estar ao seu lado. — eu tinha que resistir àquele charme. Eu tinha que lembrar que tínhamos uma missão e que eu poderia dar conta de ir buscar a minha irmã.

— Eu prometo que vou me cuidar, meu amor. — disse a ele com carinho, me

aproximando e ficando nas pontas dos pés para poder beijá-lo na boca. — prometo que vou cuidar de nós dois. — olhei para ele, que passou a mão na minha barriga.

— Promete?

— Prometo. — sorri. Era tão bom ter ele cuidando e se preocupando comigo, que nada mais seria capaz de estragar a felicidade de tê-lo ao meu lado.

— Lucius vai com você então. — olhei seriamente para ele, para provar que não tinha gostado da ideia; apesar de gostar muito de Lucius, eu não queria que ele fosse comigo e deixasse Nathan... Mesmo depois de tudo eu me preocupava com ele, afinal ele era o meu marido. O meu marido. — Certo, eu entendi. Você não pode andar sem segurança, mesmo que seja apenas um apoio no caso de algo sair errado. — ele tinha

razão. E se algo desse errado? E se os homens de Markov tivessem pegado Chloe para pressionar e apressar a missão? Deus! Eu não podia nem pensar nessa hipótese sem perder a calma.

— Desculpa. — pedi suspirando. Ele tinha razão. — Eu vou com Lucius.

— Lizzie, dentre todas as coisas deste mundo, você e o nosso bebê são as mais importantes para mim. Em tudo o universo. — falou ele segurando meu rosto e me olhando com intensidade. — você se preocupa comigo, que aconteça algo ruim. No entanto o que você não consegue entender, é que se perder vocês eu vou morrer. Não posso viver em um mundo onde você não exista. Onde nós três não existamos. — suas palavras me deixaram completamente emocionadas. Sim, eu

pensava que se o que tinha em sua cabeça explodisse eu ficaria sozinha no mundo. O que eu não tinha pensado era que se acontecesse algo comigo ele também não suportaria.

— Eu também não posso viver em mundo onde você não exista. — foi então que ele me beijou e eu pude sentir toda a força daquelas palavras. — não poderia sobreviver sem você, meu amor. Meu único e verdadeiro amor...

— Sempre. Sempre serei, assim como você é o meu único e verdadeiro amor. — disse ele ao se afastar, mas logo voltando a me beijar de maneira apaixonada. Eu pude sentir... Medo, amor, dor, esperança e desejo. Tudo em um único beijo.

Era como se eu pressentisse que algo ruim estivesse prestes a acontecer logo após

aquele beijo. Parecia que ele tinha me dado forças através de todo aquele calor de seus lábios e de suas mãos segurando o meu rosto. Eu poderia ter ficado em casa e pedido a Lucius para verificar o que tinha acontecido de verdade, mas eu sentia que tinha que ir. Eu sabia que tinha que ir. No fundo, eu tentei bloquear o que estava por vir, porém, não era assim que as coisas funcionavam. Se existia mesmo o tal do sexto sentido, eu tinha o centésimo sentido, e ele estava gritando.

— Preciso ir. — eu disse ainda de olhos fechados, sentindo suas mãos segurando meu rosto.

— Merda, por que está tão difícil deixar você ir?

— Por que você é um filho da puta que me ama demais. — quando abri os olhos, lá estava ele me olhando daquela maneira

contemplativa e apaixonada. — acho que tenho sorte de ter encontrado você.

— Posso dizer o mesmo, senhora Fox. — falou me dando mais um beijo e me deixando partir para o que eu pensava que seria fácil de resolver.

Entrar no The Poster era algo que parecia esquecido na minha memória. Já fazia muito tempo que não entrava pelo saguão do prédio, e de repente, me senti em casa. Quando comecei a trabalhar no jornal, minha meta era fuçar o lixo dos grandes figurões da política, jogar a merda no ventilador e esperar o fedor se espalhar. Meu alvo principal era o homem que há pouco tempo havia se tornado o meu marido. Ele acabou por se tornar a minha bússola quando eu estava perdida.

Passando pelos corredores podia ver o
NACIONAIS - ACHERON

quanto sentia falta do meu trabalho. Da minha rotina. Não tinham sido fáceis esses últimos dias, na verdade, tinham sido quase um pesadelo. O acidente que nós sofremos, a descoberta de um chip explosivo implantado na cabeça do meu marido e o sumiço da minha irmã, contudo, a parte boa dessa história toda era que eu estava grávida do homem que amava. Aquela era uma das melhores partes, eu tinha que reconhecer. Carregar dentro do meu ventre a genética perfeita de Nathan não era nada fácil. Já ficava sonhando, enquanto eu caminhava pelos corredores em direção à sala de Elijah, como seria ter uma menina com aqueles olhos azuis doces, e a dor de cabeça que seria se fosse menino... Deus! Pai eterno! Aí sim, eu teria que andar armada e, nas duas hipóteses, vinte e quatro horas.

A primeira pessoa que eu vejo, sentada em sua mesa, é Tati. Com aquele cabelo loiro... bagunçado demais para uma secretária.

— Era só o que me faltava, ter que apertar a mão da mulher que estava pegando no pau do meu chefe... — instantaneamente, vi aqueles olhos verdes e perfeitos de Tati olhando para mim. Foi instantâneo, também, suas bochechas ficarem vermelhas, mas ela me deu o melhor sorriso e um belo foda-se com aquele olhar.

— Senti sua falta. — ela falou, se levantando e me abraçando forte. — todos nós sentimos a sua falta, falando palavrões ou querendo enfiar a mão na cara de alguém.

— Eu também senti falta. A sua é que sinto mais. — era tão bom falar com a minha amiga. No entanto, eu tinha que ser rápida.

Não poderia demorar ali, pois tinha que resolver outro problema. — como está o humor dele...

— Precisa perguntar? — sorriu ela ao me responder. Era óbvio que ele estava feliz, tinha acabado de trepar com a minha melhor amiga... no horário do expediente!

— Você se tornou uma bela safada, hein?

— Você não faz ideia... — cantarolou ela, mas fomos interrompidas pelo som de alguém tossindo. Era Elijah, parado na porta. Que vergonha, Deus lindo do céu... Era embaraçoso saber que o meu chefe tinha nos ouvido falando da sua vida sexual.

— Radzimierski... — odiava a forma como ele falava meu nome daquela forma. Melodicamente pronunciado. — bom, estava querendo mesmo falar como você. Entre. — disse ele, abrindo espaço para que eu

passasse.

— Tati, se eu não sair desta sala em cinco minutos, chame a polícia. — brinquei.

— Ela estará enterrada até lá. — realmente, ele estava de bom humor.

— Não sei de nada. — Tati de ombros, como se não estivesse ali. Traidora.

— Como você está? — perguntou ele, quando fechou a porta e andou até a sua mesa, sentando logo em seguida.

— É sobre isso que eu estou aqui. — falei com calma, me sentando em uma das duas cadeiras que ficavam de frente para a sua mesa. — eu vou me casar... — beleza, eu ia conseguir terminar de falar, porque até aquele momento, ele não pareceu nem um pouco surpreso. — e... — fiz uma pausa, respirando fundo. — eu estou grávida e quero que você e Tati sejam os padrinhos. —

Ah! Eu consegui chocá-lo. Os olhos de Elijah se arregalaram de uma maneira que até me assustou. — tanto do meu casamento quanto do nosso bebê.

— Uau! — foi o que ele conseguiu pronunciar. — claro, quer dizer, eu nem sei se mereço tal presente...

— Você é como um pai que nunca tive, mesmo que seja meu chefe chato, Elijah. — podia jurar que tinha visto os olhos dele marejarem.

— Eu não sou velho, Radzimierski. — fingiu parecer ofendido, mas eu sabia que não estava. — minha noiva tem quase a sua idade.

— Tati é mais velha que eu, Elijah. E você é velho. Pare de reclamar. — sorri. — o que me diz?

— Claro. — concordou muito

entusiasmando com a notícia. — Tati já sabe?

— Não, mas espero que você dê a notícia.
— esperei alguns segundos para poder continuar. — tem outra coisa...

— Já sei. — disse ele já esboçando um sorriso no canto da boca. — vai precisar de mais tempo para voltar a trabalhar. Acertei?

— Isso. Você acertou...

— Não se preocupe. — falou ele respirando fundo. — eu já tinha dito que você poderia tirar o tempo que quisesse, e eu não volto atrás com a minha palavra.

— Obrigada, Elijah. — eu já estava quase chorando. Era ótimo ter bons amigos, que mesmo eu estando em falta com eles, sempre pensavam em mim.

— Não precisa agradecer. Só faço isso porque agora sou padrinho do seu bebê,

então, agradeça a ele.

— Vou me lembrar disso. — falei já me levantando para partir. — obrigada por tudo.

— Você ainda está na minha frente. Por quê?

— Certo. Sumindo. — deixando a sala de Elijah, Tati me acompanhou até o saguão, lá nós nos despedimos e eu segui para o Queens.

Eu não preciso descrever o que era ter que refazer aquele caminho. E nos últimos tempos eu estava visitando muito aquele local. O lugar onde eu tinha passado boa parte da minha infância e que tinha se tornado um completo pesadelo. Há muito tempo eu queria ter voltado ali. Queria ter tirado a minha irmã das mãos daquele monte de merda. Mas eu não tinha como. O dinheiro era suficiente e quando eu

finalmente tinha conseguido juntar a quantia para comprar um apartamento novo, eis que surge na minha vida Nathan Fox. Agora eu tinha bem mais do que um apartamento. Nathan não era podre de rico, porém vivia muito bem. Aliás, muito bem, já que ele iria se tornar o próximo presidente dos Estados Unidos. O presidente vinha como brinde por ser o melhor agente que o governo já teve. Tinha sido assim com os outros, que por algum motivo, se perderam no meio do caminho. Mas eu estaria ao seu lado, lutando para que ele permanecesse o mesmo Nathan por quem eu tinha me apaixonado. Seria assim até o último suspiro de nossas vidas.

— Chegamos, senhora Fox. — anunciou Lucius, parando bem de frente ao prédio. Minhas mãos estavam suadas. Eu sabia o motivo e pedia a Deus que me controlasse.

Precisava manter a calma, caso contrário eu enfiaria a mão na cara daquele merda.

— Você espera aqui. — eu não tinha pedido, eu tinha mandado Lucius ficar no carro.

— Mas o senhor Fox...

— Eu sei o que o senhor Fox disse, Lucius. — respirei fundo para tentar controlar meus batimentos. — apenas fique aqui, e se por acaso eu gritar, ou alguma cadeira sair voado pela janela, você sobe e me ajuda. Entendido?

— Sim, senhora. — respondeu ele a contragosto.

Abri a porta.

Subi as escadas.

Andei pelo corredor.

Girei a maçaneta.

Abri a porta.

PERIGOSAS

E o vi.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 33



Eu sabia que deveria ter ficado em casa. O centésimo sentido havia me alertado para aquilo. Os flashes de todo o sofrimento que eu tinha passado naquele apartamento, de repente, pareciam navalhas cortando o meu corpo. Naquele momento eu tinha voltado ao passado e tudo que eu conseguia enxergar, era ele me perseguindo, tentando de todas as formas fazer com que me sentisse suja.

Tudo que tinha de podre no mundo estava naquele homem.

Não existia um pedaço dentro de mim que me fizesse pensar diferente.

E foi naquele momento que eu me lembrei do motivo de não querer ser tocada

novamente por um homem, que não fosse meu marido. Se um dia as pessoas soubessem da minha história, sei que muitos chorariam. Sei, também, que muitos iriam me condenar. É que às vezes ficar de boca calada era melhor do que falar para minha mãe, que era igual, ou pior do que ele.

— Ora.. Ora... Putinha ruiva. — suspirou, e esse simples ato de suspirar fez com que os pelos do meu corpo se eriçassem, enquanto ele se acomodava em sua velha poltrona, aquela que ele costumava usar como desculpa para que eu sentasse em seu colo, apenas para ficar roçando o pau na minha bunda, fingindo ser bonzinho.

— Ficou ainda mais gostosa, se me lembro bem... ou melhor, se a cabeça do meu pau lembra bem. — disse ele, mostrando aqueles dentes amarelados em um sorriso

asqueroso, com a barba por fazer.

Ele não tinha mudado.

Continuava o mesmo porco de sempre.

Apenas o som da voz dele já me deixava enjoada. Com raiva. Uma raiva que me consumia. Uma raiva que me queimava por dentro.

—Theodor. — eu tinha pronunciado o nome dele com tanto desprezo, que se eu demorasse mais um pouco ali daria um jeito de mandá-lo para o inferno.

— Nossa... — falou ele mordendo o lábio inferior e arqueando a sobrancelha, pendendo a cabeça para o lado, me avaliando. — virou mulher de bacana, não foi? Sentiu saudades do meu pau, vadia?

— Onde está Chloe? — perguntei sem rodeios, olhando para aquele monte de merda.

— Tá falando da puta da sua irmã? —
debochou ao perguntar e foi só então que eu
vi. Ele tinha hematomas em suas mãos. — eu
sabia que se ela não voltasse você viria
buscar ela. Então eu garanti que isso
acontecesse. Saudades de casa, vadia?

— O que você com fez ela, seu merda? —
rosnei, me controlando para não fazer outra
coisa pior.

— Hmmm... Valente agora, vadia ruiva?

— Se você encostou um dedo sequer nela,
eu juro que mato você... agora mesmo. — dei
um passo à frente, mas parei logo em
seguida, por ter ouvido um murmúrio. —
Chloe? — dei mais outro passo.

— Quem disse que você poderia entrar na
minha casa, sua puta... — Theodor não sabia
com quem estava se metendo. Ele não sabia
que eu poderia quebrar os braços dele e atirar

bem nas bolas preciosas que ele tinha grudadas naquilo que ele chamava de pau.

— Recomendo que o senhor fique bem onde está... — Nathan? Eu tinha dito para ele ficar em casa. Ele tinha o problema que envolvia Markov e ainda assim se preocupava comigo. Mesmo com tudo que estava acontecendo, eu parei quando ouvi a voz dele. Não por medo, mas por alívio de ele estar ali. — ou a próxima coisa que vai acontecer será eu mesmo dar um jeito nessa sua cara de merda. — eu não tive coragem de olhar para Nathan, ele sabia que eu já estava com a mão dentro da bolsa. Ele sabia o que eu ia fazer. E não deixou. — Liz, vá procurar a sua irmã.

— Se ela der mais um passo, eu quebro a sua cara e a dela também. — ameaçou Theodor, olhando diretamente para Nathan,

que estava bem atrás de mim, e ficando de pé.

— Eu escutei direito? — perguntou Nathan, como se não tivesse entendido. No entanto eu conhecia aquele tom irônico. E como eu conhecia bem. — você acabou de ameaçar bater na minha mulher? — eu podia ouvir Nathan se movimentando, seguindo na direção de Theodor. Aquilo ia dar merda. Meu marido era bem mais forte, bem mais alto e bem mais civilizado, porém, apenas quando precisava ser mais agressivo se transformava em alguém irreconhecível; contudo, eu continuava o amando.

— Nathan... — eu não estava pedindo para ele parar, na verdade, eu estava meio que pedindo para passar. Seguir em frente. Ali, eu não era a mulher que segurava uma arma, mirando e acertando na orelha de um

gangster. Eu era a Lizzie de anos atrás, só que com tanta raiva dentro do peito, que me fez paralisar.

— Espere. — pediu Nathan, e finalmente eu o vi.

Com toda a sua elegância de macho alfa. Com aquele olhar profundo e perigoso que eu já tinha visto. As veias do seu pescoço saltavam por causa dos batimentos acelerados do seu coração. E se Theodor deveria ter medo de alguém, esse alguém não era eu. Ele deveria ter medo de Nathan, ele sim, sabia o que fazer com homens daquele nível.

— Quero que a minha mulher tenha o prazer de ver isso... — Theodor observou Nathan enrolar as mangas da camisa branca e andar até ele, ficando cara a cara. Theodor parecia não se intimidar com o homem

poderoso e imponente em sua frente, e se ele soubesse do que Nathan era capaz, não estaria com aquele olhar presunçoso e seboso.

— O que vai fazer agora? — perguntou Theodor com aquela boca imunda. Nathan apenas sorriu com puro desdenho, olhou para mim novamente, e tornou a olhar para ele com o sorriso congelado no rosto.

— Isso. — o soco foi certo, assim como os outros quatro socos que se seguiram. Theodor não esperava pelo ataque. Ele não teria chance alguma contra a força que Nathan tinha nos punhos.

Theodor era do tipo de homem que abusava da fraqueza de uma mulher. Que tirava vantagem por meio da repressão e da opressão. Para ele, e eu não duvidava, não existiam limites. Ele poderia, em um

momento de raiva, ter feito com Chloe o mesmo que fez comigo. Isso estava me matando por dentro, já que se ele tivesse feito isso com ela, Theodor subiria de nível no ranking dos monstros.

— Lizzie. — aquele era o sinal que eu precisava para sair daquele estado de congelamento.

Na minha mente, eu tinha imaginado várias formas de matar Theodor, mas não tinha imaginado que no momento que eu o encontrasse, eu congelaria por completo. E apenas algumas palavras de raiva saíam da minha boca.

Como, graças a Deus, meu corpo reagiu muito bem aos comandos de Nathan, eu pude andar, apenas não sentia que estava em movimento. Enquanto eu andava, Nathan tranquilamente colocou as mãos nos bolsos

da calça, e ficou lá em pé, olhando para o homem que tinha me feito passar por anos de sofrimentos que quase não tiveram cura.

Passei perto do meu antigo quarto, ainda guardando na memória a noite em que Theodor me visitou, apenas para ficar me olhando. Homem asqueroso. Imundo. O segundo quarto era o da minha mãe, que tinha a porta entreaberta, e eu apenas a empurrei.

Meus olhos lacrimejaram no momento em que a porta se abriu.

Chloe deitada no chão, espancada e desgrenhada. E a nossa mãe, ao seu lado, apresentando os mesmos sinais de violência.

Minha irmã parecia que não respirava mais, até que ouvi novamente o seu gemido.

Corri na direção das duas, mas era com Chloe que eu estava realmente preocupada.

Parecia egoísta, mas eu não tinha carinho por aquela mulher caída no chão, próxima a minha irmã. Não sentia nada além de puro desprezo. Peguei meu celular e liguei para a emergência mesmo com as minhas mãos trêmulas, tentando me controlar ao máximo para não ficar ainda mais desesperada.

Eu sei, agi sem pensar. Deveria ter deixado Nathan resolver. Mas eu tinha dito. Eu tinha avisado que se ele tivesse encostado um dedo sequer na minha irmã, ele pagaria por isso. Para sorte dele, ele não tinha encostado um dedo apenas, ele tinha encostado a mão com o punho fechado. E ele veria que eu não era mais a mesma Lizzie. Ele poderia ter feito o que bem quisesse no mundo, menos aquilo.

Menos bater na minha irmã.

— Chloe...? — eu chamava baixinho. O

olho esquerdo de Chloe já estava roxo, o que indicava que ele tinha batido nela ontem à noite, quando ela não tinha voltado para casa. Com dificuldade, Chloe olhou para mim e começou a chorar. — Tudo bem agora. Vai ficar tudo bem. — dei um beijo em seus cabelos e olhei para Salomé, que estava muito debilitada devido ao nível avançado da sua doença.

A culpa não era apenas dele, era dela também. Daquela que um dia chamei de mãe. Se Chloe não tivesse se preocupado tanto com ela, não estaria naquele estado. Não estaria toda machucada.

— Izzi... — choramingou Chloe, e aquilo foi o meu limite. Ouvi dizer que se você mexe com uma leoa, tudo bem, mas se você mexe com os seus filhotes, aí o bicho pega.

Chloe não era minha filha, mas era a minha

irmã. O ser que me fez trabalhar, dia e noite, para conquistar o melhor para poder cuidar de nós duas. Os olhos de Chloe se arregalaram de medo quando me viu tirar a arma da bolsa.

— Izzi... — foi a única coisa que saiu de sua boca, enquanto continuava a chorar.

Não fiquei lá para saber o que mais ela iria falar. Segui pelo mesmo caminho que tinha feito, voltando para a sala. Nathan estava na mesma posição e Theodor tentava se levantar. O problema foi que eu não dei oportunidade de ele fazer isso. Destravei a arma e disparei contra os dois joelhos dele.

— Você encostou o dedo nela. — eu disse, ainda mirando nele, mas agora era para sua cabeça. — eu poderia te matar...

— Lizzie... — pediu Nathan com calma.
— vamos resolver isso com a lei, meu amor.

Abaixe essa arma.

— Você não viu o que ele fez com Chloe, se você visse não estaria me mandando abaixar a arma. — falei com amargura e com as lágrimas já escorrendo pelo meu rosto.

— Meu amor, isso não vai ajudar na sua dor. — desviei apenas para olhar para o meu marido, que me olhava muito preocupado. Mas ainda assim, eu não queria abaixar a arma. Não quando eu estava tão perto de matar aquele desgraçado. — você não pode fazer isso com você... — foi quando eu gritei, disparando todas as balas na direção de Theodor. Quando acabei, fui até Nathan e entreguei a arma a ele.

— Vou fazer do jeito que você quer. — aquela não era a Lizzie apaixonada pelo Nathan. Aquela era uma mulher frustrada por não conseguir executar o homem que tinha

abusado do seu corpo e violentado a sua irmã. — se ele sair da cadeia, eu vou atrás dele e o pico em mil pedacinhos. Entendido, senhor Fox? Eu o mato.

— Ele não vai sair. — falou Nathan, segurando a arma, enquanto assentia veementemente. — eu garanto isso a você. — depois de tudo, foi que notei os gritos de Theodor. Eu finalmente vi algo que me agradou nele.

Eu vi o medo em seus olhos, ainda mascarados por seu olhar atrevido.

O medo que ele tinha de mim. Não fiquei satisfeita por completo, no entanto, foi o suficiente para o início. Eu sabia que Nathan daria um jeito de que nada do que tivesse acontecido ali vazasse na imprensa.

— Agradeça a ele por eu não ter te matado, seu merda. — sussurrei quando

cheguei mais perto dele, vendo seus olhos dilatarem. — pense bem antes de mexer comigo e com a minha irmã, que infelizmente tem os seus genes. — ele bufava de dor, mas ainda não era o suficiente. Não quando eu estava de pé, mesmo sem salto. O que eu não daria naquele momento para estar usando um, mas eu estava usando uma sapatilha e tinha que ser suficiente.

Eu tinha que pisar forte e provocar ainda mais dor.

Pisei.

Não pisei com medo, pisei com gosto, apenas para ter o prazer de ouvi-lo gritar. Gritar completamente impotente, assim como ele fazia comigo.

— E Theodor... — comecei, tirando o meu pé de cima do ferimento. — lembre-se disso quando tocar nessa merda que você

chama de pau. — eu chutei, e chutei com muito gosto, mais até do que quando eu tinha chutado as bolas de Lucius, e ele gritou novamente. — Lembre bem da vadia ruiva aqui. — Nathan não falou nada, quando virei para olhá-lo. Nem sequer piscou o olho. Apenas me observou. No fundo, ele sabia que eu precisava fazer aquilo, já que eu não poderia matar aquela aberração da natureza.

— Haha... — debochou Theodor, mesmo depois de tudo. Mesmo sentindo dor aquele miserável ainda queria sair por cima. — não se preocupe. Vou me lembrar de você quando tiver pegando nele... — foi a vez de Nathan silenciá-lo dando um soco em seu rosto. O sangue já tinha começado a se espalhar no tapete da sala, porém, não sei como, Nathan conseguiu estancar até a chegada dos paramédicos, que tiveram que

chamar a polícia logo em seguida, afinal, tinha um homem baleado na sala e duas mulheres espancadas no quarto.

— Lizzie... — chamou Nathan, só que naquele momento eu estava vendo a minha irmã sendo levada pelos paramédicos e a única coisa que eu conseguia pensar era que poderia ter evitado isso. De alguma forma, eu me culpava por tudo que estava acontecendo.

— Foi culpa minha. — eu disse, me envolvendo em meus braços. — tudo culpa minha. — Eu não tinha mais o que chorar. A fonte tinha secado. Só existia aquilo... O sentimento de pura culpa por não ter sido capaz de evitar o que tinha acontecido.

— Não meu amor. Não foi sua culpa. — Nathan se aproximou e me abraçou por trás, me confortando em seus braços. — nada do que aconteceu pode ser culpa sua. Nada.

— Promete que ele nunca mais vai sair da cadeia? — me virei, olhando diretamente nos olhos dele para que entendesse que aquilo que havia me pedido ia muito além do que eu poderia ter feito por ele.

— Prometo. — ele lentamente segurou meus braços, fazendo com que eu o envolvesse e deitasse a cabeça em seu peito. — prometo que nunca mais ele fará mal a você ou a sua irmã.

Capítulo 34



Eu olhava para minha irmã, deitada naquela cama de hospital. Ela estava tão fragilizada, que me deixou inteiramente de coração partido. Theodor ainda teria o dele, se a justiça fosse realmente feita e ele permanecesse preso pelo resto da vida.

Minha mãe era o caso mais sério. Ela não se cuidava como deveria a muito tempo, e não que eu me importasse, eu não ligava para o que acontecesse com ela, mas Chloe se importava. Eu sabia, em parte, que deveria me sentir um monstro por não ter nenhum sentimento em relação a ela. Porém, eu não sentia nada além de desprezo.

Quando saí do quarto onde Chloe estava

internada fui fazer uma visita à Salomé em seu quarto. Se não fosse por Nathan, ela teria sido deixada em algum beco. Ele era incrível comigo; mesmo depois de tudo, ele ainda estava ali, ao meu lado. Não entrei no quarto, apenas fiquei olhando através da janela. Se eu entrasse ali não saberia exatamente o que faria com ela. Sim, eu tinha muito rancor dentro do meu coração, mas ela, assim como Theodor, merecia cada gota daquele ódio.

Que tipo de mãe não protege a sua filha? Que tipo de mãe fecha os olhos e finge que a filha não está passando por um abuso? Naquele momento, não se tratava apenas de mim, mas também da minha irmã.

Era dela a culpa por minha irmã estar em um leito hospitalar, respirando com dificuldade e com o rosto todo marcado pelos socos que ele desferiu.

— Sua mãe? — perguntou uma enfermeira baixinha, com o olhar tão cheio de compaixão que me causou ânsia. Se ela soubesse o monstro que estava deitado naquela cama, não olharia para ela daquela forma, tão caridosa. Mas aquele era o trabalho dela, cuidar de um doente e fazer de tudo para que a família se sentisse confortada. Só que naquele caso eu não queria aquela compaixão. Não por aquela mulher.

— Não. — respondi firme, mesmo não querendo ser grossa com ela. — Apenas uma conhecida. — foi quando senti ele se aproximar, e de repente, eu sabia que estava segura novamente. Nathan me dava essa segurança de que nada me aconteceria se eu estivesse perto dele. Eu apenas tinha que dar mais ouvidos a essa sensação.

— Tudo bem? — ele perguntou, quando a enfermeira assentiu com a minha resposta e entrou para verificar os sinais dela.

— Desculpa por ter achado que poderia ter feito isso sozinha. — me virei olhando para ele, que me segurou pelos braços, me puxando para um abraço. Ali era o meu lugar, nos braços dele. Era ali que eu deveria ficar e nunca mais sair.

Isso era o que eu pensava.

— Eu não quero que você se torne uma mulher dependente de mim. — aquilo me pareceu estranho, saindo de sua boca. — quero que você seja, e permaneça, a mulher forte que é e por quem me apaixonei perdidamente.

— Tem algo errado? — me afastei para olhar em seus olhos. Por um momento, senti ele vacilar. Tinha algo errado, mas

conhecendo Nathan como eu conhecia, era mais um de seus inúmeros segredos que ele não me contaria.

— Não. — eu sentia que ele estava mentindo. Eu tinha esquecido, por um tempo, que estávamos em uma teia de mentiras, onde um escondia algo do outro. Porém, ele escondia as coisas mais sérias, me deixando em um escuro completo. — quer ficar?

— Não. — respondi, sentindo, de repente, meus ombros pesarem. — Só quero ir para casa agora, tomar um banho e tentar descansar um pouco. — ele apenas assentiu, segurando minha mão e envolvendo a minha cintura com a outra.

Depois de duas horas de sono, acordei me sentindo um pouco enjoada. Se era assim ficar grávida, eu estava ferrada. Tomei um banho demorado, lavando os cabelos e

deixando a água escorrer pelo meu corpo, levando junto todo o meu cansaço. Eu tinha que sair rápido, pois precisava saber notícias de Chloe. Esse foi um dia cansativo, que sugou todas as minhas energias.

Assim que vesti a primeira roupa que peguei no closet, um vestido solto florido, desci para saber onde estava o meu marido. Não foi nenhuma surpresa encontrá-lo no escritório conversando com Gretha e Ian. Eles analisavam como seria possível, dessa vez, conseguir pegar Markov usando o seu ponto fraco. No entanto, assim que eu entrei eles ficaram em silêncio e me senti como uma estranha na minha própria casa, mas fingi que não tinha percebido. Eu fazia parte daquele plano também, e tinha o direito de saber o que estava acontecendo.

— Então... — olhei para eles, querendo

entender o que estava acontecendo.

— Lizzie... — começou Gretha, e pelo seu tom de voz eu não ia gostar muito do que viria a seguir. Além do fato de ter algo errado com ela. — achamos melhor você ficar de repouso...

— Eu não quero que você se arrisque... — disse Nathan muito sério. Dava para ouvir as engrenagens girando em sua cabeça. Ele sabia que eu não aceitaria aquilo tão facilmente.

— Isso pode fazer mal para sua gestação... — falou Ian olhando para mim e depois para Gretha. Não tinha entendido aquele olhar, até perceber algo...

— Estou entendendo... — andei até a cadeira, me sentando enquanto fingia analisar o que eles estavam falando. — me expliquem como eu, depois de tudo, vou ficar de fora do

plano?

— Gretha. Ian. Poderiam nos deixar a sós? — pediu Nathan, respirando fundo. Assim que eles saíram da sala, ele andou até a janela e ficou parado lá por alguns minutos. — conversamos sobre muitas coisas, mas essa vai ser a conversa mais séria que já tivemos. — meu alarme disparou. O medo tomou conta de mim. E se ele não me quisesse mais? E se ele tivesse cansado da minha teimosia? Eu não conseguiria seguir em frente sem ele. Tinha sido por esse motivo que eu tinha aceitado me casar com ele. Seremos um só. — você não vai participar de nada. E quando eu digo nada, é nada. — aquelas palavras me pegaram de surpresa e fiquei até magoada com o que ele estava falando. — eu sei que posso parecer duro agora, mas não quero que você ponha em

risco a sua vida e a vida do nosso filho.

— Nathan eu... — quando eu tentei falar, ele ergueu a mão me interrompendo e continuou.

— Não me oponho, caso você queira participar de algum programa do governo para aprimorar suas técnicas depois de ter o nosso bebê, mas agora eu quero que você fique segura.

— E se acontecer algo com você... — eu não sabia de onde tirar argumentos para falar com ele. Era difícil para Nathan, mas era complicado para eu ficar em casa, apenas esperando uma notícia ruim. Tinha sido assim nos dias em que ficara longe dele.

— Já falei com a CIA e estamos com uma equipe para realizar esta operação. — disse ele esfregando as pontas dos dedos nas têmporas. — quando Isaäk aparecer, o

prenderemos e finalmente vou me livrar desse pesadelo.

— Eu tenho medo que aconteça algo, e eu acabe te perdendo.

— Você não vai me perder, meu doce. — Nathan veio se aproximando de mim, me abraçando e beijando o topo da minha cabeça. — ainda temos um casamento para realizar, lembra?

— Lembro. — suspirei.

— Você pode ir adiantando isso, e assim que todo esse inferno acabar, nos casamos. — falou ele beijando meu cabelo.

— Isaäk acha que eu estou participando disso...

— Ele vai continuar achando, mas não vou colocar você em risco. Achei incrível a forma como você lidou com tudo, mas não posso aceitar que você faça mais isso. Não

suportaria perder vocês... — quando ele se afastou, pude ver o quanto ele sofria com isso. Não que eu já não soubesse, no entanto, era ainda mais impactante quando a verdade de suas palavras era transmitida pela sonoridade de sua voz e pela intensidade do seu olhar.

O que fazer quando o homem da sua vida fala dessa forma?

Será que eu seria capaz de deixar Nathan enfrentar tudo sozinho, enquanto ficava em casa?

— Vou ficar segura. — olhei para ele, segurando em seu rosto. — ficarei esperando por você. E quando tudo isso acabar, seremos uma família normal... — sorri ao pronunciar a palavra normal. Seríamos muitas coisas, mas normal não era uma delas.



Já era cedo, e Nathan estava na sala quando viu Lizzie descer as escadas. Ele pensou nunca ter visto algo tão belo e perfeito quanto a sua esposa. Ele a amava cada dia mais. Parecia que a cada segundo que se passava o segredo que ele guardava para si se transformava em um bolo na sua garganta. Seria mais um segredo, e ele não saberia dizer se ela iria perdoá-lo depois de revelado. Pensou em como seria um mundo onde ela não fizesse parte dele e sentiu o seu peito apertar. Uma dor que ele jamais tinha sentido, nem mesmo quando foi alvejado por vários tiros no Paquistão e achou que perderia a vida. Mas aquela era a sua dor. Aquela dor de que, se ele a perdesse, a sua vida não faria mais sentido.

Lizzie trazia o seu cabelo cor de cobre avermelhado solto e úmido. Tinha vestido uma das camisetas de Nathan, deixando suas pernas com pequenas sardas à mostra. Do seu campo de visão, ele podia enxergar também os olhos cansados e as olheiras que já tinham se tornado parte dela. Porém, ele não queria que ela permanecesse abatida e nem que se preocupasse com algo que ele deveria resolver. Dentro do seu coração, ele trazia um orgulho enorme da mulher forte que um belo dia lhe deu a oportunidade de ser feliz. E se Lizzie um dia pensou que ele a tinha salvo, estava enganada. Ela mudou o homem que estava ali, sentado no sofá enquanto via a sua amada esposa se aproximar.

— Nada é tão perfeito quanto você. — ele disse, puxando-a para que se sentasse em seu colo. Ele sabia o efeito que causava nela e,

mesmo em dias tão complicados, ainda conseguia fazer a sua pele ficar arrepiada e a respiração acelerada. — estive pensando, e se, depois de tudo, viajássemos para uma ilha deserta...

— Nathan... — Lizzie já estava respirando com dificuldade, pois ele fazia questão de passar os dedos entre suas pernas, massageando a pele morna e macia.

— Esse é meu nome, meu doce... — sorriu, enquanto segurava os cabelos dela e aproximava a boca da sua orelha. — eu... você... em uma ilha completamente nus. — Lizzie mal conseguia raciocinar com aquele homem e sua boca grudada em sua orelha. Ter aquela voz macia e rouca, totalmente sedutora em seu ouvido, era perturbador demais. Para ela, poderiam se passar anos e ainda assim não se acostumaria com todo

aquele poder de sedução dele.

— O mundo pegando fogo e você me vem com essa... — murmurou ela.

Nas mãos habilidosas de Nathan ela se sentia protegida e também amada. Quando ele passou as pontas dos dedos por cima do tecido que cobria sua boceta, Lizzie gemeu arqueando seu corpo buscando por mais. Ela não sabia, mas estar grávida poderia ser bem vantajoso para os dois, pois o seu apetite sexual apenas aumentava. Era instantâneo. Nathan tocava nela, e ela já estava pronta para recebê-lo de braços abertos, ou melhor, de pernas abertas.

— O mundo não vai pegar fogo. — falou ele, antes de morder a ponta de sua orelha. — mas vou fazer você pegar fogo agora... — ele sentiu uma satisfação enorme quando constatou que ela não estava usando calcinha.

E ficou ainda mais satisfeito ao perceber que ela estava molhada.

Com as pontas dos dedos ele circulou lentamente o clitóris dela, fazendo-a arfar e começar a rebolar em seu colo. Então, ele resolveu soltar seu cabelo e usar a mão para afastar mais suas pernas, enquanto a outra castigava aquele ponto rosado e perfeito. Nathan encostou seu corpo no sofá, puxando-a para ficar mais perto, com ela ainda sentada em suas pernas. Lizzie, que estava de costas para ele, apenas seguiu seus comandos e abriu as pernas esperando que ele a tocasse mais. Ele estava duro, louco para ter a oportunidade de fodê-la e chupar sua boceta, mas se controlou, pois em primeiro lugar estava o prazer de sua esposa. Com Lizzie rebolando em cima do seu pau, Nathan intensificou sua massagem e logo em seguida

introduziu dois de seus dedos nela, torturando-a ainda mais.

Enquanto ela rebolava e ele trabalhava seus dedos nela, ainda pôde abrir os botões de sua camiseta com a mão livre para segurar firme o bico do seu seio. Em suas mãos, ela era o seu porto seguro. Aquela era a forma mais primitiva dele afirmar que a amava mais que tudo. Que não bastava apenas falar que amava, tinha que demonstrar o quanto esse amor era profundo, mesmo que depois que ela descobrisse tudo, acabasse com o que eles haviam construído juntos.

Em um movimento brusco, ele libertou seu seio e retirou seus dedos, segurando a sua cintura e virando-a. Era a coisa mais perfeita no mundo sim. Quando ele olhava para ela e via suas bochechas rosadas, sua respiração entrecortada e o sorriso em sua boca, que

tinha os lábios mais macios que ele um dia beijou na vida.

Segurando seu rosto entre as mãos, ele a beijou. Um beijo firme, porém, cheio de amor. Não eram os beijos que ele normalmente dava, era algo mais. E ela sentia toda aquela forma, enquanto abria o botão e o zíper de sua calça. Nathan gemeu, ainda em sua boca, quando ela segurou seu pau duro e começou a massageá-lo, para cima e para baixo. Ele não precisou pedir para ela se posicionar. Ela mesma se ergueu e deixou-se ser preenchida por ele. De início, eram movimentos lentos, até fora do ritmo que ambos estavam acostumados, mas depois ela se viu cavalgando nele, enquanto suas bocas estavam coladas e suas línguas acariciando uma a outra.

E quando Nathan segurou nos lados de

NACIONAIS - ACHERON

suas pernas, subindo e seguindo para sua bunda, pegando firme nos dois lados e ajudando-a a ir mais rápido, eles se entregaram ao gozo pleno. Um se enxergava nos olhos do outro, mas não de qualquer forma. Eles enxergavam suas almas.

Era tarde demais para ele abrir mão dela.

Seria impossível para Nathan, pois o seu coração já tinha dona.

Lizzie.

Capítulo 35



Faltava apenas mais um dia, e todo aquele pesadelo teria finalmente um final feliz. Quando abri meus olhos, pude ver o sol entrando no quarto e Nathan dormindo ao meu lado. Eu tinha que cumprir o que tinha prometido a ele e me manteria segura e longe de problemas até que tudo estivesse de volta ao normal. Voltaria ao trabalho, tentando não ficar pensando em Nathan, Gretha ou Ian, que estariam em uma missão para prender Markov e conseguir retirar o dispositivo da cabeça do meu amado marido.

Era estranho, depois de todo aquele tempo, finalmente retornar ao trabalho. Voltar a sentar na minha mesa, ler e

selecionar os artigos que seriam publicados e os que ficariam arquivados para uma próxima edição. Seria mais estranho ainda não ter como fazer nada para ajudar Nathan.

Antes de levantar da cama, observei-o mais um pouco, gravando, de uma forma que mais parecia uma despedida, o seu rosto e cada linha que nele existia. Ele estava com a boca entreaberta, respirando lentamente de maneira confortável, quando me aproximei para dar um beijo leve em seus lábios macios e perfeitos.

— Você é meu mundo... — sussurrei em seu ouvido, quando ele abriu os olhos.

— E você é o meu. — disse ele com a voz um pouco rouca, sorrindo daquele jeito único. Eu tinha muitos motivos para agradecer, mas ele, o nosso bebê e a saúde de Chloe eram os principais.

— Alguma novidade sobre a missão? — perguntei me levantando, seguindo em direção ao banheiro.

— Já temos alguns agentes para integrar a equipe da missão. — quando achei que ele estava na cama, senti seus braços tomarem a minha cintura em um abraço bem-vindo. Enquanto ele passava uma de suas mãos sobre o meu ventre, continuou: — tudo que vamos precisar é que ele morda a isca. Depois disso, as últimas coisas que ele verá na vida serão as paredes de concreto e as portas de aço de uma prisão de segurança máxima.

— Eu sei que você vai conseguir prendê-lo. — inclinei a cabeça para trás para ter uma visão melhor do homem que tinha mudado a minha vida e sorri. Sorri porque em breve tudo não passaria de uma lembrança ruim em

nossas vidas, assim como o meu passado.

— Seremos felizes. — falou ele se aproximando mais de mim, me prendendo contra a parede, segurando meu rosto entre suas mãos e beijando mais forte.

— Nathan. — me afastei um pouco, pois com ele me beijando daquela forma eu não conseguiria fazer aquela pergunta: — existe algo que você queira me contar? — seria a última vez que eu perguntaria aquilo. Nunca mais faria de novo. Notei que as suas pupilas dilataram de uma maneira impressionante e os seus ombros ficaram tensos. Estava confirmado, Nathan não falaria o que tinha de errado.

— Não. — respondeu ele simplesmente. Não queria olhar para ele naquele momento. Queria apenas tomar banho sozinha e ir para o meu trabalho, fingir que o nosso mundo

não estava de cabeça para baixo.

— Saia. — pedi virando o rosto e me afastando ainda mais dele.

— Lizzie... — não adiantava ele argumentar ou tentar inventar alguma desculpa. Eu não queria escutar nada.

— Nathan... — suspirei cansada. — apenas me deixe terminar meu banho. Saia. — eu não o deixaria por nada nesse mundo. Eu já tinha provado isso, mas parecia que ele ainda duvidava dos meus sentimentos, ou melhor, da minha capacidade de absorver as catástrofes que vinha no pacote chamado Nathan G. Fox.

Quando terminei meu banho ele não estava lá. Eu sentia que tinha sido dura com ele, mas estava cansada de apertar sempre a mesma tecla. Segredos e mais segredos.

Chega uma hora, na vida de uma pessoa, que

segredos demais acabam por desgastar a alma e o amor também. No meu caso, era a alma. O meu amor por ele, a cada dia, apenas aumentava.

Terminei de me vestir, optando por um vestido preto marcado na cintura, sem mangas, com comprimento na altura dos joelhos e saltos baixos. Deixei meus cabelos soltos e coloquei um par de brincos de ouro no formato de uma rosa com minúsculos brilhantes incrustados.

Nathan também não estava em nenhum cômodo do nosso apartamento, e fiquei de coração apertado. Será que eu tinha pegado pesado demais com ele?

Com esse pensamento, não consegui comer nada. Tudo fedia e nenhuma comida entraria na minha boca. Não enquanto não resolvesse tudo e tirasse aquele elefante

branco que estava entre nós dois.

— Lucius, você sabe para onde o senhor Fox foi? — perguntei a ele antes de descer do carro.

— Não senhora. — respondeu Lucius olhando para frente, sem sequer vacilar.

— Se soubesse me contaria?

— Não senhora. — ele sabia. Nathan tinha dado ordens para ele não falar nada.

— Tudo bem. — respirei profundamente, tomando coragem para iniciar o meu dia. Seria uma válvula de escape me afogar no trabalho e tentar esquecer um pouco tudo que estava acontecendo. No horário do almoço eu iria ao hospital saber como minha irmã estava. Ela nunca mais passaria por aquilo na vida e eu cuidaria dela.

— Bem-vinda! — gritou uma voz bem conhecida. Tati estava na frente do prédio,

segurando uma caixa de Donuts em uma das mãos enquanto a outra acenava freneticamente para mim, com um sorriso enorme no rosto. Era ali que eu ia me esconder por algumas horas e teria a ajuda da minha amiga para conseguir ter um dia maravilhoso.

— Coloque essa caixa para bem longe de mim. — alertei-a, já fazendo cara de nojo. — e obrigada por me receber hoje, mesmo não fazendo muito tempo que apareci aqui.

— Ah! Sabe como é... — ela começou a falar. — amigos são para isso mesmo, e hoje você não vai exatamente trabalhar. — se o aroma dos Donuts continuasse próximo de mim, eu colocaria o que não tinha no estômago para fora.

— Você está usando os Donuts como uma forma de assegurar que eu não fuja, correto?

— E eu achando que você não descobriria... — debochou ela, dando de ombros da forma mais deslavada que existe.

— Não tinha como adivinhar que eu ficaria com nojo de Donuts, Tati. — revirei os olhos enquanto seguíamos para o elevador.

— Claro que tinha. — me olhou séria. — toda grávida fica enjoada. Li isso em algum canto...

— Nem todas. — gargalhei. — e você não precisa usar tortura para obter a minha ajuda. O que vamos... Não! Espere. Jogue isso fora, por favor. Não tem como entrar em um elevador com você segurando isso nas mãos...

— Liz... — choramingou ela, fazendo cara de cachorrinho pidão. — prende a respiração quando entrar no elevador. Pronto.

Resolvido o nosso problema.

— Você bebeu? — arqueei a sobrancelha.
— você vai de escada e eu vou de elevador,
assim você pode andar com essa coisa...

— Droga... — resmungou ela cabisbaixa,
já se dirigindo à porta que levava até as
escadas. — deixa ele, ou ela, nascer... você
que vai subir as escadas na próxima vez...

— Até lá, minha cara amiga, ainda terei
oito meses para usufruir do conforto de um
elevador. — soltei um beijinho no ar para
ela, que estirou a língua para mim.

Era desse clima descontraído que eu
estava precisando. Calmo e tranquilo.

Ao sair do elevador, respirei e suspirei
lentamente, olhando para frente. Quase todos
já estavam em suas mesas, atendendo ao
telefone ou digitando freneticamente no
teclado. Sonny, o rapaz novato que eu mal

conhecia, já estava entregando as correspondências e Zoey, que antes enchia o meu saco, estava mais preocupada em superar a ideia de ter perdido o seu companheiro, Matt. Que eu esperava estar queimando no fogo do inferno. Todos em seus mundos e eu no meu, querendo que tudo ficasse exatamente como deveria ser... normal. Passei rapidamente pela sala de Elijah, mas ele ainda não havia chegado, então segui para a minha enquanto esperava Tati chegar.

— Você realmente subiu todos os lances da escada?

— Claro que não. — respondeu ela com um tom divertido e cheio de sarcasmo. — eu calculei o tempo que normalmente levo para subir de elevador e esperei mais um pouco...

— Muito esperto de sua parte, dona

Tatiane. — brinquei, jogando meus sapatos para o canto da sala.

— É... — falou ela, puxando uma das cadeiras e sentando. — eu preciso que me ajude com uma coisa... — vi quando a sua voz mudou de descontraída para tímida.

— Ei... você sabe que pode contar comigo para o que precisar, não sabe?

— Esse é o problema, não sei por onde começar a falar... — disse Tati cobrindo o rosto com as mãos.

— Vamos lá... Comece. Eu ajudo você. — incentivei, tirando suas mãos do seu rosto.

— Marcamos a data do casamento... — bufou ela, mas não de maneira exasperada. Parecia que era mais preocupação.

— Isso é bom, não é? — perguntei, me sentando na cadeira que estava ao lado da sua.

— Maravilhoso. — tinha algo estranho com Tati. E eu tinha que ajudar a minha amiga.

— Então, o que está te incomodando?

— Chamei minha prima para ser madrinha de casamento... — ela faz uma pausa e logo percebi que o problema ainda estava por vir. E com o olhar, continuei incentivando-a a falar. — ela, Francine, acha que Elijah está comigo por caridade...

— Ora, que filha de uma puta! — berrei, já me levantando da cadeira. — não me diga que você deu ouvidos a essa vadia... desculpa, eu sei que é sua prima, mas que merda!

— Ando bem insegura com relação a ele...

— Ele pediu você em casamento, Tati. Eu estava lá, lembra? — perguntei irritada, não com ela, mas com a insegurança que estava

sentindo. — Tati, vocês estão prestes a se casarem. Uma vez eu o ameacei, falando que se ele machucasse você eu mesma daria um jeito de cortar as bolas dele. Ele me prometeu que cuidaria do segundo amor da vida dele...

— Lizzie, você já me olhou com uma opinião crítica sobre boa forma?

— Não preciso fazer isso, Tati. — semicerrei os olhos para ela, voltando a sentar e continuei: — Você é linda...

— Ah! Então diz isso à estilista que minha mãe indicou... — disse ela a contragosto.

— Outra puta invejosa. — dei de ombros. — aposto que você mostrou uma foto dele...

— É...mostrei...

— Inveja. Simplesmente inveja, por você está trepando com um dos homens mais bem-sucedidos e influentes de Nova Iorque, e que

ainda por cima é um tremendo gato.

— Gato... gostoso... grosso... grande... —
começou ela, já ficando com as bochechas rosadas.

— Certos detalhes eu prefiro que guarde para você... — balancei a cabeça, já a repreendendo com o olhar. Ela era minha amiga, mas ele era o meu chefe. E eu não queria saber do nível de desenvoltura do meu chefe na cama. Seria o fim do mundo eu ter que saber daquilo.

— Desculpa... — resmungou ela, ficando ainda mais vermelha. — e o que eu vou fazer?

— Vamos encontrar um vestido de noiva que grite o quanto você é gostosa.

— Impossível...

— Sabe o que vai ser possível? —
perguntei, olhando-a de maneira ameaçadora.

— Não. — respondeu ela um pouco desaminada.

— Vai ser possível olhar a felicidade nos olhos de Elijah, quando ele enxergar a mulher linda que escolheu para passar o resto da vida. — me inclinei e segurei em suas mãos. — consegue imaginar o quão perfeito vai ser?

— Sim. — disse ela sorrindo. — eu consigo.

Capítulo 36



Já estava escuro quando saímos do jornal. Lucius estava ao meu lado, enquanto eu e Tati conversávamos sobre onde seria o seu casamento, aproveitando para colocar alguns assuntos pendentes em dia. Conversando com ela nem parecia que o mundo estava de cabeça para baixo. Rimos e até brincamos sobre com qual dos dois, eu ou Nathan, meu bebê iria parecer. Tati fazia umas caretas, imitando o jeito sério de Nathan, e logo em seguida dizia um palavrão, falando que se o meu bebê saísse a mim Nathan estava perdido.

— Já imaginou se ele, ou ela, nascer com o gênio forte da mãe? — disse Tati,

segurando o riso. Chegava até a ficar vermelha, devido à força que estava fazendo para não gargalhar. Minhas bochechas estavam completamente doloridas e o maxilar estava precisando de um descanso. — ou um mini Nathan, com um par de olhos azuis e mandão? Jesus! O mundo estará perdido!

— Obrigada Tati... — rebati, fingindo estar magoada. — me sinto muito melhor agora que você falou isso. Eu sou um amor de pessoa...

— Ora, não me venha com essa... Você se lembra do repórter do canal 11 que falou mal do The Poster e você arremessou uma pedra na cabeça dele e estirou o dedo do meio de uma maneira bem obscena? — Tati tinha uma memória de elefante. Nem eu mesma lembrava o ocorrido. — você nem precisou

chegar perto para ele pedir proteção policial pelo resto da vida...

— Tati, você falando dessa forma, fico parecendo uma louca...

— Mas você é uma louca — ela riu descaradamente. — eu tenho pena dos estagiários, nunca escutei tantos “Porras” “Putá que o pariu” e “Merda” quando algo não está de acordo com o que o artigo pede...

— Certo, talvez eu seja um pouco megera...

— Um pouco? — ela debochou, me olhando de lado.

— Foda-se... Eu sou mesmo.

— Mudando de assunto... — disse ela quando chegamos ao estacionamento. — quando será o seu casamento...? — eu me sentia um monte de merda por não contar a ela que, legalmente, eu já era esposa de

Nathan. Os únicos que não sabiam ainda eram todos os outros, ou melhor, o mundo.

— Estão acontecendo algumas coisas, e por isso, achamos melhor não nos casarmos agora... — não deixava de ser uma verdade. Mas se tratando de Tati, uma meia verdade era pior que uma meia mentira. Ainda assim, se eu contasse a ela o que vinha ocorrendo sua vida poderia ficar em perigo. Eu me segurava a essa ideia para não ficar pensando que apenas o fato dela estar ali comigo ou de ser minha amiga, já poderia comprometer toda a sua vida.

— É pelo fato dos últimos acontecimentos?

— Isso. — respondi com um suspiro pesado. — muita coisa ruim acontecendo ao mesmo tempo, o que não está colaborando para que tenhamos a nossa tão sonhada

felicidade...

— A Lizzie que eu conheço não vai deixar qualquer coisa estragar a sua felicidade.

— É muito bom saber que você é minha amiga. Uma das poucas pessoas que me suporta...

— Claro... — debochou ela, me olhando com aquele lindo par de esmeraldas. — amigas servem pra isso mesmo, principalmente quando a sua amiga é uma megera... — Tati não esperava que eu a abraçasse, mas foi isso que eu fiz. Dei um abraço forte e agradeci a Deus por ela ser minha amiga.

— Tenho que passar no hospital para ver a minha irmã, assim que eu puder ligo para você. — falei ao me afastar. — Francine precisa saber com quem se meteu...

— Obrigada. Mesmo com tudo que está acontecendo você ainda vai me ajudar...

— Ah...— sorri maliciosamente para ela.
—isso não vai sair de graça.

— Do que você está falando? —
perguntou ela com os olhos arregalados.

— Uma garrafa de Tequila lhe aguarda na festa de casamento...

— Você tem uma mente perversa,
Radzimierski...

— Óbvio que tenho — gargalhei alto.

Assim que saímos do estacionamento do prédio, Lucius me levou até o hospital onde minha irmã e a mulher que um dia chamei de mãe estavam internadas. Não que fosse algo difícil de fazer, mas era muito incômodo que Chloe ainda se preocupasse com ela, que não tinha nada de bom, e nem sua alma seria salva.

Olhando para minha irmã, que estava dormindo já fora de perigo, suspirei aliviada. O próximo passo era providenciar que ela não se tornasse um alvo fácil e isso incluía segurança armada até os dentes, pois eu poderia suportar mais alguns anos de tortura, porém não suportaria perder os amores da minha vida.

“Tudo bem com você, meu doce?” — assustei quando o celular vibrou na bolsa, mas logo fiquei tranquila em saber que era o meu Nathan.

“Não, estou morrendo de saudades do seu beijo Fox” — enquanto digitava, não conseguia tirar o sorriso que estava congelado no meu rosto.

Nathan tinha passado o dia inteiro sem
NACIONAIS - ACHERON

falar comigo, depois que saí de casa. Eu sabia que era por causa do planejamento, e também porque ele tinha que se concentrar em cada detalhe para que nada saísse errado. O meu único medo era que Markov descobrisse tudo e resolvesse explodir a cabeça do meu marido. No fundo, eu pedia forças para suportar a ansiedade e o medo que se formavam dentro de mim. Mais uma vez eu teria que ser forte e cumprir a promessa de me manter segura, por Nathan, por nosso bebê e por Chloe, que só tinha a mim como família no mundo.

Nada iria me fazer quebrar a promessa que fiz. Nada.

Isso era o que eu pensava.

“Quando você chegar em casa, senhora Fox, faço você escutar a minha voz, enquanto

comemos a sobremesa...” — umas das qualidades do meu digníssimo marido era que o mundo poderia explodir ou até mesmo o apocalipse acontecer que manteria aquele ar poderoso e delicioso que apenas ele tinha.

— Izzi... — murmurou Chloe já abrindo os olhos na minha direção. Guardei o celular dentro da bolsa e fui dar atenção a ela.

— Estou aqui, meu amor. — falei chegando mais próximo a ela. — como você está se sentindo?

— Como se um trator tivesse passado por cima de mim. — sorriu fazendo careta. — e a mamãe, como ela está?

— Não sei. — respondi um pouco fria. — e nem você deveria se importar com ela.

— Izzi, não é assim. Acho que todo ser humano merece uma segunda chance...

— Você tem certeza que quer mesmo falar sobre segunda chance comigo? Eu nunca vou entender o porquê de você ainda se importar com ela.

— Às vezes nem eu mesma sei, Izzi. — eu sabia que a minha irmã tinha um coração bom, mas não imaginava que poderia ser tão boa a ponto de perdoar tudo que ela nos fez passar. — eu sei que não deveria pedir isso, mas vou pedir mesmo assim. Apesar de tudo de ruim que aconteceu com você, perdoe ela...

— Isso jamais Chloe. — ela não poderia me pedir aquilo, ainda mais depois de tudo que passamos.

— Ela está a um passo da morte, Izzi. Ela precisa do seu perdão para poder morrer em paz...

— Chloe, não adianta. Ela pode ter tido o

seu perdão, mas o meu nunca vai ter. Não me peça mais do que posso dar, pois isso é impossível acontecer. — não queria ficar irritada com Chloe, mas era isso que estava acontecendo. — o máximo que eu posso fazer é ir até lá e verificar para você se ela está bem. — ela apenas assentiu e não falou mais nada.

Andando pelo corredor vazio do hospital pensei no que minha irmã me disse. Tentei achar uma maneira de perdoar a minha mãe, mas não tinha um motivo para fazer isso. Já parada na porta do quarto, respirei fundo e tentei não pensar na situação estranha em que me encontrava.

Eu não a tinha perdoado, mas ali estava ela, recebendo cuidados graças a Chloe e a Nathan, que tinha se mostrado generoso e atencioso com aquela mulher. De uma coisa

eu não poderia reclamar, pois tinha o marido mais maravilhoso do mundo, e embora não falasse isso muitas vezes para ele, no fundo ele sentia. Já que nunca fui muito boa com palavras e estava me habituando em demonstrar carinho e falar mais sobre isso.

Saindo do transe, observei que tudo estava em um silêncio. Silêncio até demais para o meu gosto. Um frio percorreu a minha espinha e logo em seguida os pelos do meu corpo se eriçaram. Tinha algo errado. Eu estava sozinha, já que Lucius tinha ficado na porta do quarto de Chloe.

A melhor parte de ser uma jornalista era que não importavam os alarmes soando na minha cabeça, sempre existia algo magnético no perigo. Ainda mais quando era algo parecido com presságio ruim. No momento em que segurei a maçaneta, soube que não

poderia voltar e nem fugir do que estava prestes a acontecer.

O homem sentado na cadeira me olhava de forma alegre e tinha dois seguranças ao seu lado. Seus olhos brilhavam de puro contentamento, mas o que mais me chocou foi ver o aparelho que monitorava os batimentos cardíacos da minha mãe desligado. Seus olhos, que estavam abertos, eram lentes de vidro e a sua boca estava entreaberta.

Ele a tinha matado.

Ele.

Capítulo 37



Ele se acomodou melhor na cadeira enquanto mantinha contato visual, sorrindo. Eu, por outro lado, não conseguia mover o corpo. O meu sexto sentido estava ainda mais aguçado, e da mesma forma que ele, sustentava o olhar. Eu não tinha medo dele, mas sabia que se reagisse ali, onde Chloe estava, tudo poderia dar errado. Já tinha arriscado muito até aquele momento e não poderia me dar ao luxo de contar com a sorte.

— Max... O que você pensa que está fazendo aqui?

— Sério que você não vai chorar a morte da sua mãe...?

— Porque eu deveria? — semicerrei os

olhos para ele. — apesar de não derramar uma gota sequer de lágrimas quero saber o porquê de você a ter matado...

— Criatura interessante você, Radzimierski... Mas isso eu não vou responder. — sorriu me olhando com uma admiração estranha. — entretanto, posso afirmar que reuniões em família sempre me deixam sentimental...

— De que merda você está falando? O pedaço de orelha que arranquei de você afetou a sua audição e o seu cérebro?

— Olhe para mim, Lizzie. Olhe bem para o meu rosto... Não vê nada que possa lembrar alguém?

— Eu vou chamar a polícia... — do que ele estava falando? Era óbvio que eu não reconhecia ele. Nunca o tinha visto na minha vida, a não ser na noite em que fui ao hotel.

— Isso, chame. — disse ele balançando a cabeça, ainda com aquele sorriso demoníaco nos lábios. — Sua irmã estará morta em menos de três segundos. Quer tentar a sorte? — não ia me arriscar. Eu tinha me feito essa promessa e a cumpriria. Eu iria proteger a minha família, mas tinha que encontrar uma forma de me proteger também. Não podia perder tudo o que tinha conquistado até aquele momento.

— Boa garota... — souu ele muito satisfeito. — agora, preste bem atenção no que eu vou lhe falar. Você vai voltar lá, dar uma desculpa qualquer para sua irmã, se livrar do segurança e seguir para o estacionamento do hospital. Esperarei você lá.

— E se eu não conseguir?

— Aí a sua mãe não será a única pessoa

morta nessa história...

— Você é um monstro...

— Não tenho culpa, é a genética. — ele debochou ao se levantar. — seja rápida ou terei menos paciência com a sua irmã. Tenho algumas pessoas que vigiarão você de perto se tentar tirá-la daqui, e posso garantir que ninguém sairá vivo.

— Não se preocupe. — falei entredentes. — não vou fazer nada que possa machucar minha irmã ou qualquer pessoa inocente...

— Se apresse. Não tenho a noite toda e nem você terá. — ameaçou.

O que eu deveria fazer naquele momento? Submeter-me à chantagem e seguir com eles, sabe Deus para onde? Tentar avisar a Nathan que algo estava errado? Sim. Eu tinha prometido a ele que não faria nada que pudesse atrapalhar ou até mesmo causar uma

dor maior.

— Antes de ir... Dê-me o seu celular. —
merda. Eu tinha que encontrar outra maneira
de falar com Nathan e tinha que ser bem
rápido. — apenas precaução, para o caso de
você querer entrar em contato com alguém
indesejado...

— Eu juro que se você encostar um dedo
sequer na minha irmã, vou atrás de você no
inferno se for preciso. — falei enquanto
retirava o celular da minha bolsa e entregava
para ele.

— Vou esperar esse dia chegar. — sorriu,
o colocando no bolso da calça. — Ah!
Quanto a sua mãe.... Não se preocupe.
Vamos cuidar para que pareça de causa...
Suicida. — por mais que eu não tivesse
sentido nada ao ver o corpo dela naquela
cama, eu pensava em Chloe e em como ela

ficaria se soubesse de toda a verdade. Ela não suportaria saber que mesmo ela não merecendo piedade, nossa mãe tivesse morrido daquela forma.

— Obrigada. — eu disse da maneira mais desdenhosa que se pode falar. Não tinha agradecido por tê-la matado, mas pelo fato de que ele encobriria a sua morte.

Eu não conseguia entender. Ainda estávamos dentro do prazo estabelecido por Markov e ele resolveu enviar seu cão de guarda para fazer o trabalho sujo? O que eu também não conseguia entender era como eles haviam entrado ali e o porquê de eles terem matado a minha mãe.

Salomé estava morta e eu nada poderia fazer.

Eu não sentia nada por ela naquele momento.

Eu seria um monstro também por nada sentir nada?

Tinha algo errado acontecendo, e como diria Hamlet... “Há algo de podre no reino da Dinamarca”. Eu só precisava seguir o cheiro, mesmo que não quisesse sentir. Max não tinha aparecido ali por acaso, tinha algo que era necessário que eu soubesse.

O que seria?

— Lucius, você pode me emprestar o seu celular? — Lucius logo achou estranho o meu pedido, pois nunca havia pedido o seu celular emprestado. — o meu descarregou e quero falar com Nathan, e... Ora, vai me emprestar ou não? — até aquele momento eu não apresentava nenhum sinal de nervosismo.

— Tudo bem, senhora. Aqui está. — disse ele me entregando o aparelho.

— Lucius... Cuide dela como se fosse sua filha. — eu sabia que era um pedido estranho a se fazer, mas eu tinha que pedir. Lucius me olhou um pouco curioso, mas não me fez perguntas. Ele apenas assentiu e voltou para o canto do quarto ao lado da porta. — Nathan, vamos ter que cancelar o nosso...

— Algo errado, senhora?

— Caiu na caixa postal... Estranho... — não deveria ser nada sério. Ele poderia estar apenas sem sinal ou com o celular descarregado. — vou ao banheiro. Volto já, já...

— Está tudo bem mesmo, senhora?

— Tudo Lucius. — menti da melhor forma que pude. Não poderia expor todos e nem a minha irmã, e nem permitiria que nada acontecesse a ela. — volto em alguns minutos, essa coisa de gravidez anda me

deixando como um hidrante ambulante... ou vou no banheiro para vomitar ou para... — dei de ombros, finalmente o convencendo. Dei uma olhada em Chloe que dormia de maneira tranquila e pude ficar em paz. Lucius era apenas um, mas sabia que ele guardaria a vida da minha irmã com a sua própria vida.

Se Nathan não tinha atendido o celular, aquilo era um mau sinal de que, realmente, havia algo de errado. Eu não poderia ligar para Ian ou Gretha, levantaria muita suspeita, e isso eu não queria naquele momento. Max tinha no olhar uma maldade com a qual não se podia brincar, eu sentia isso. O problema é que eu tinha medo não só por mim, mas pela minha família, pelo meu bebê. Por todos. O problema da consciência é que às vezes ela não funciona como deve e você acaba

pagando o preço por ser tão impulsiva.

Segui pelo corredor como se estivesse realmente indo para o banheiro, mas desviei o caminho assim que virei a esquina, entrando em um corredor que dava acesso para o elevador. Antes de as portas se fecharem, Lucius apareceu. Então eu não tinha sido tão convincente quanto achava.

— Senhora! — o vi correndo na minha direção. Mas já era tarde. Se ele descesse pela escada de emergência, não daria tempo de conseguir me alcançar. Isso se o elevador não fosse chamado para entrar outra pessoa, mas tudo estava a favor de Max. Saí correndo para o estacionamento, bem a tempo de o carro parar bem próximo do meu corpo, quase me atropelando e me assustando.

— Vamos! Entre! — gritou ele, já abrindo a porta. Eu praticamente me joguei dentro do

carro, o sentindo acelerar e ouvindo o cantar dos pneus, assim como o fedor de pneu queimado. — que merda! Eu disse para você se livrar dele!

— E você queria que eu fizesse isso como? Matando ele? Ele é meu segurança, seu babaca. Era evidente que ele perceberia algo estranho...

— Eu deveria matar você agora mesmo.
— berrou ele sacando a arma e apontando para minha cabeça.

— Mas você não vai matar, seu bosta! Você, por algum motivo, precisa de mim. E precisa que eu esteja viva. Então, pode atirar, se você que é o correto.

— Eu ainda não entendo o porquê dele querer você viva. Você não passa de um monte de nada...

— Um nada muito valioso. Senão, não

teriam tido todo esse trabalho para me chantagear, babaca!

— Cale essa boca, antes que eu me esqueça de que preciso de você viva. — Max recolheu a mão que estava com a arma, e a guardou. — isso não vai demorar muito. Eu sei que Isaäk vai tomar a decisão certa e matar você. — Lucius daria um jeito de avisar a Nathan que eu estava em perigo, mesmo que eu tenha me colocado, de certa maneira, naquela situação.

O carro seguia em alta velocidade, passando por alguns sinais vermelhos, causando pequenos acidentes. Era algo muito chamativo para alguém que não queria que eu avisasse a ninguém que estava saindo daquele hospital sem dar bandeira.

— A intenção é mesmo chamar atenção?

— É sempre bom ter uma plateia para o

nosso show. — sorriu de maneira debochada. Os outros, que estavam com ele no quarto, se entreolharam, mas não falaram nada. Tinha mesmo algo errado ali.

— Isso são sirenes? — perguntei assustada.

— Quanto mais, melhor. — gargalhou Max. — pé na tábua, Erik! — se fosse em um filme de ação eu não ligaria, mas não era o caso. O carro que me levava estava em uma perseguição policial, e tudo que eu pedia era para sair viva dali. E se houvesse troca de tiros? E se acontecesse algo? Era tarde demais para ficar pensando naquilo. Eu tinha que me concentrar em respirar e me controlar para não começar a gritar.

O carro ziguezagueava entre os outros, me sacolejando junto. Teve um momento em que achei que colidiria na traseira do carro que

estava bem próximo do nosso, mas o motorista do carro onde eu estava, o Erik, desviou bem a tempo de maneira brusca. Não saberia dizer quantos carros da polícia estavam nos perseguindo, mas durou pouco tempo. O carro fez um desvio rápido, entrando em uma rua estreita, mas não antes de deixar todos os carros da polícia para trás.

— Saia do carro! — gritou Max, quando o carro parou. Eu mal conseguia respirar direito. E tinha certeza que toda aquela situação não tinha necessidade de ter acontecido. — Porra! Saia do carro! — antes que ele mesmo viesse me retirar de lá, eu saí às pressas. — entre no outro carro. — para minha surpresa, tinha outro carro já esperando por eles e por mim também.

— O que foi isso? — perguntei irritada.

— Um pouco de adrenalina apenas. Agora

entre na merda do carro...

— Eu já escutei. Não sou surda.

Quando estávamos entrando no segundo carro pude ouvir o outro explodir. Também, quem não ouviria aquilo? Com o susto, gritei tapando a boca com a mão. Não sabia onde estava indo e nem o que Markov queria comigo, mas sabia que ele não estava de brincadeira.

E se ele descobriu que Nathan era, na verdade, um agente secreto infiltrado para prendê-lo? Ele mataria Nathan, se ele não soubesse que Markov já sabia do seu segredo. E se nesse tempo todo, tudo não passou de uma jogada dele para enganar e brincar com Nathan? Eu temia pela vida do meu marido. Eu temia o rumo que tudo aquilo estava nos levando.

Seria tudo uma mentira, e esse tempo

todo, Markov tinha feito Nathan de bobo?

Isso, eu não saberia dizer.

O jogo tinha começado, restava saber quem seria o vencedor.

Capítulo 38



De longe eu podia identificar o navio, um grande porta-contentores. Eu sabia que aquele tipo de navio poderia carregar qualquer tipo de carga, e não seria difícil esconder um corpo ali, principalmente quando a tripulação de um navio daqueles chega apenas a 30 pessoas, e posso dizer que o navio era algo bem grande para apenas 30 pessoas darem conta. Era daquela forma que Markov burlava a lei e conseguia transportar mulheres nesses tipos de navios. Sem contar o fato de ele ter ajuda de alguns poderosos. Assim, era fácil para ele ganhar dinheiro com as lágrimas de inocentes.

Enquanto eu era conduzida pelo escuro

até chegar ao navio, senti que ali seria o meu fim. Pedi a Deus que a última pessoa que eu visse fosse ele. Sabia que era algo triste de se pensar, mas era ele quem eu queria ao meu lado naquele momento. Não que eu não amasse a minha irmã, mas se era para alguém morrer, eu preferia que ela permanecesse viva. Aquilo não era o que tinha sonhado para mim. Eu não queria morrer ali.

Será que eu conseguiria entender o motivo de tudo aquilo estar me acontecendo?

— Vamos. Entre. — resmungou Max, falando para que os outros ficassem de guarda na entrada.

— Já pensou que você não poder fazer o que fez e ficar impune? — era óbvio que ele riria de mim porque eu mais parecia uma jovem sofredora dos filmes antigos, onde sempre esperava que o seu herói entrasse no

momento das frases feitas e a salvasse, beijando-a de forma calorosa, e então o filme acabava.

— Já ouviu falar em roleta-russa? — Max me olhou por um momento, e então retirou a arma calibre 38 do coldre, admirando o objeto cromado. — é fascinante quando estamos jogando. A adrenalina corre no sangue e ficamos loucos... Roleta Soviética...

— Eu sei o que é roleta-russa, seu babaca. — rebati, olhando para ele furiosamente.

— Então, vamos brincar. — sorriu ele com malícia. — cada vez que eu apertar o gatilho contra a sua cabeça, te conto algo interessante...

— Você sabe que não é assim que se joga isso... — o medo começou a percorrer o meu corpo mais uma vez. Estava claro para mim que ele era mais doente do que qualquer

pessoa que já tinha visto na terra. Até mais louco que Matt, mas de uma forma que me deixava ainda mais temerosa.

— Inovação... — falou curvando o canto da boca em sorriso forçado. Ele abriu o tambor e retirou as balas, deixando apenas uma e girou antes de fechar, já apontando para minha cabeça. — vamos começar.

— Não! Espere! Espera! — eu gritei. — eu estou grávida! Pelo amor de Deus, pare com isso! Eu imploro! — eram súplicas de uma mãe desesperada. Eu queria que o meu pequeno brotinho ficasse seguro, mas naquele momento me dei conta que sempre arrumava uma forma de me colocar em perigo, mesmo que não quisesse. Max aparentou amolecer um pouco, mas apenas aparentemente.

— Por que eu deveria esperar pela

NACIONAIS - ACHERON

diversão?

— Porque você não quer me matar. Não sou eu o seu alvo. — aos poucos me dei conta de que estava envolvendo minha barriga com as mãos, de forma protetora.

— Você não lembra, não é? — disse ele com amargura. O que ele estava me perguntando não fazia nenhum sentido. Eu não conseguia encaixar as peças do quebra-cabeça que ele me jogava a cada segundo.

— O que eu deveria lembrar? — não sabia o que eu deveria lembrar. Não tinha ideia.

— Que você é irmã dele, sua vadia! — Uma mulher saiu da escuridão, ganhando curvas no pouco de luz que tinha ali. — Oi, meu amor. — Harper foi até ele e o beijou no canto do rosto, mas Max não se movia. Ele nem piscava o olho. Eu estava sem ação. Não

poderia ser verdade. Aquela era uma brincadeira que estava durando muito tempo e eu não estava gostando. — o show vai ficar ainda melhor... — ela sorriu, quando outra silhueta apareceu.

Era Markov.

— Oi, minha criança. — ele sorriu para mim.

Não poderia ser verdade. Isaäk Markov não poderia ser meu pai.



— Nathan, você tem certeza que vai entrar em contato com o FBI? — Gretha estava incerta quanto a pedir ajuda ao pessoal do FBI. Sabia-se que existiam agentes passando informações para o grupo de Markov, mas Nathan tinha certeza que

poderia confiar em duas pessoas para ajudá-lo a encontrar os melhores agentes para aquela missão: agente Lackin e seu parceiro, agente Murdok. Tinha estudado suas fichas e, apesar de terem pouco tempo no FBI, já tinham conseguido fechar grandes casos. Ele tinha investigado a vida dos dois para ter certeza que poderia confiar neles para realizar uma operação conjunta entre as agências.

— Gretha, não temos tempo. Em alguns dias minha cabeça pode explodir. Temos que fazer tudo cronometrado. Não pode haver falhas... — a agente Lackin se mostrou competente e fez um ótimo trabalho com o caso de Lizzie. Descartar a eficiência dela seria burrice.

Gretha olhou para o seu irmão, que mesmo cansado ainda tinha aquele ar de

comando que ninguém conseguiria tirar dele. Foi assim durante todos os anos que os dois passaram juntos. Gretha o seguiria onde quer que fosse por ele ser sua inspiração. E se Nathan estava precisando, ela estaria ao seu lado.

— O lado sul estará sem proteção, podemos aproveitar e usar a equipe de mergulho. — sugeriu Gretha, apontando no mapa. Precisando dela, ele a teria ao seu lado. — Estudamos o perímetro e mesmo com uma possível falha na segurança, temos que agir antes que ele resolva sumir novamente. Markov não pode sentir o seu cheiro...

— Nathan, não podemos esquecer que os agentes esperarão apenas o seu sinal. Nada pode dar errado. — disse Ian olhando para Nathan. Era um presságio. Tudo ia dar

errado, mas Nathan não sabia disso. E como poderia?

— Vamos fazer isso, mas temos que verificar quantos homens Markov tem antes de autorizar a invasão. — disse Nathan um pouco pensativo, até que o seu celular tocou. Era Lizzie, porém, quando ouviu a voz percebeu que não era ela. — se ele perceber que existe algo de errado... não teremos mais chances... — Nathan olhou no visor do celular, e abriu um largo sorriso, achando que era a sua amada Lizzie. O seu doce, como ele a chamava.

— Olá, velho amigo... — ronronou a voz do outro lado da linha. — vamos nos divertir um pouco? Você sai de onde quer que vocês estejam e vem aqui para termos uma conversinha interessante...

— O que você pensa que está fazendo,
NACIONAIS - ACHERON

Max? — por dentro, o sangue de Nathan estava congelado. Que diabos Max estava fazendo com o celular de Lizzie, e o mais importante, o que ele tinha feito com ela? Deus! Ele não queria pensar no pior, porque se pensasse nisso sua mulher estaria morta e o seu bebê também. — me deixe falar com a Lizzie...

— Esteja no porto em vinte minutos, ou eu mesmo mato ela. Seu merda! — berrou Max antes de desligar o telefone. Assim que ele desabou no sofá, colocando a cabeça entre as mãos, sentiu as lágrimas molharem sua bochecha. Ele entendeu. Estava tudo perdido. Nathan queria apenas mais um pouco de tempo para se organizar melhor, mas tempo era um luxo para ele.

Lizzie...

Ele repetiu o nome dela várias vezes em

sua mente, esquecendo que existia uma equipe tática para liderar. A voz de sua irmã era apenas um zumbido baixo, que ele se recusava a ouvir. Ele tinha que agir, mas não sabia como. Nathan estava perdido em pensamentos. Estava perdido no medo. No medo de perder a mulher da sua vida. O homem forte e alto, que tinha recebido inúmeras medalhas, ganhado reconhecimento entre sua equipe e também entre os demais agentes da CIA, não tinha medo da morte. Não naquele momento.

Dentro do seu coração ele se castigava, já sentindo a dor da perda. Era para ele ter revelado a verdade para ela. Era para ter dito que sabia quem era o seu pai e que não estava com ela por causa das investigações.

Antes ele tivesse revelado esse segredo e o que viria a seguir teria sido evitado.

Sem ela ao seu lado, ele morreria. Não importava mais o tempo que tinha gasto correndo atrás de Markov, ele tinha se apaixonado pela filha do seu maior inimigo.

— Que merda eu fiz... — murmurou ele passando as mãos na cabeça, já sentindo os olhos arderem.

Ele ia perdê-la. Para sempre.



Parecia que a minha noite acabaria bem, mas isso era o que eu tinha pensado.

Não bastasse o meu passado cheio de fantasmas do medo, ainda tinha aquela novidade: Markov. Anos me perguntando o porquê do meu pai ter sumido, e lá estava ele, isso se fosse mesmo o meu pai. Não seria uma ironia do destino? Um capricho de

Deus, achando que eu tinha sofrido pouco? E ainda tinha mais...? Respirei fundo. Respirei bem fundo. Era tarde da noite, eu estava cansada e um pouco enjoada até, mas tudo que eu queria era acordar daquele pesadelo. O homem ruivo, de traços marcantes, parado na minha frente, era alguém que eu conhecia apenas como sendo o homem da máfia russa. O homem cuja influência o deixava blindado contra certas acusações, incluindo a morte de várias mulheres traficadas para trabalhar no comércio do sexo. Sem contar as inúmeras vidas que foram destruídas pelo comércio de drogas. A lista era enorme.

Eu não poderia ser filha dele.

Era castigo demais para uma pessoa.

— Vamos, sente. — pediu ele estendendo a mão na direção da cadeira. Eu não ia me sentar. Não mesmo. — a conversar vai ser

assim? — eu não respondi. E como conseguiria, a minha língua estava enrolada e parecia que existia uma tonelada segurando-a lá. — então, tudo bem. — pigarreou ele, arrumando o terno de cor bege. — há dez anos eu deixei a América, devido a alguns problemas técnicos. Sua mãe era a melhor vadia que existia, o problema é que ela engravidou. Então, nasceu Max.

— Mentira! — consegui gritar, já sentindo a cabeça latejar. Era uma mentira absurda. Não, não e não.

— Calma, ainda não chegamos à melhor parte. — debochou. — eu sempre quis ter um filho. Alguém que continuasse os meus negócios, quando um dia eu fosse morto. Até aí tudo bem, se sua mãe, aquela vadia, não tivesse engravidado novamente, mas agora era você. Tentei, juro que tentei sair do

mundo do crime, mas o meu pai, assim como eu, era dono de uma organização enorme... um rei, e eu era o príncipe. Não poderia sair tão facilmente do mundo do crime, então, um belo dia, o meu pai mandou escolher. Ela, sua mãe, Max, ou você. Se eu não fizesse essa escolha, no outro dia estariam todos mortos...

— Você não é meu pai!

— Alguém faz essa vadia se calar? — disse Harper com ar entediado, revirando os olhos.

— Sabe o que é isso? — disse ele pegando meu notebook. — pode não parecer, mas aqui existem informações valiosas. Informações sobre as quais tive que pedir alguns favores até chegar ao seu “marido”. E sabe do que mais, fiz uma grande descoberta... Sei que ele é um agente

infiltrado. Que hoje ele vai tentar me enganar, porém, o que eu ainda não disse é que ele morre hoje. Nathan Fox assinou a sua sentença de morte e ainda te enganou, pois sempre soube que você era minha filha.

Por que eu ainda estava escutando aquele homem?

Por que, de repente, o meu chão se abriu?

Nathan tinha se aproximado de mim apenas para saber se eu tinha envolvimento com a máfia russa?

Ele sabia que eu era filha do Markov e por isso me seduziu? Usou o meu medo, me usou, para chegar até ele?

Não poderia ser verdade.

— Você precisa tomar mais cuidado com quem dorme! — debochou Harper. — foi tão fácil chegar até você. Mas o que mais me deixava intrigada era como um homem como

Nathan Fox, senador, bem-sucedido e com pedigree, tinha se interessado por uma mulher como você...

— Isso tudo é mentira. Nathan me ama e jamais faria algo assim. Jamais me trairia desta forma. — eu precisava sair dali ou desmaiaria. — não o meu Nathan... — murmurei, sentindo a derrota tomar conta da minha mente. Jesus Cristinho, o que eu tinha feito de tão errado para merecer esse castigo?

— O seu Nathan — Isaäk começou a falar. — enganou você esse tempo todo, achando que eu dava alguma atenção a você. Aceite a realidade e encare os fatos. Ele usou você.

— Não! Ele não me enganou! — o homem que eu tinha escolhido para tomar minha alma como sua tinha me enganado? — você não vai conseguir me envenenar contra

ele. Nem sei que tipo de informações vocês estão falando.

— Ah! — gargalhou Max. — você sabe sim. Você sabe que ele é um agente especial da CIA. Temos certeza disso, porque sabemos que você andou investigando ele também. O problema é que você desconhecia estar tão perto da verdade e por isso ele se aproximou de você. — Max pronunciava cada palavra com gosto. Adorando ver o sofrimento estampado no meu rosto. — se aproximou não apenas para tentar rastrear Markov, mas também para fazê-la esquecer da investigação que você andava realizando para o jornal, que, por coincidência, ele também é dono. Agora, diante dos fatos, me diga se ele não usou você...

— Está vendo Lizzie, tudo está interligado. Não existe saída. — Isaäk

suspirou dramaticamente. — não adianta ficar tentado se enganar... Nathan manipulou você esse tempo todo...

— Você achou mesmo, que ele iria se apaixonar por uma mulher como você? — perguntou Harper.

Não! Não! Não!

Não era verdade. Nathan... Não...

Capítulo 39



Se Nathan tinha me enganado todo aquele tempo eu precisava saber. Precisava colocar as cartas na mesa, mesmo que o meu coração gritasse que tudo aquilo não passava de uma grande mentira. Eu poderia ser usada por Markov, como isca. E se aquele papo todo de filha fosse, na verdade, uma farsa? Meu coração e minha cabeça estavam em conflito. O gosto amargo da possível verdade era a pior coisa que poderia me acontecer naquele momento. Eu queria que ele tivesse sido honesto, apenas isso.

As horas tinham passado rápidas e o dia

estava prestes a amanhecer. Não tinha ideia de como sair dali e encontrar Nathan em segurança, para que pudesse entender o que estava acontecendo de fato. Fui deixada em uma sala com pouca iluminação, com somente uma cadeira para sentar e nada mais. O ambiente tinha um cheiro estranho, que misturava um leve odor de ferro com o de mofo. Quando escutei a trava da porta ranger fiquei alerta. Poderia ser Max, Harper ou até mesmo o próprio Markov, e a única arma que eu tinha para me defender era uma cadeira enferrujada, caso a história de ser filha de um dos grandes mafiosos não fosse verdade e ele resolvesse me matar.

Conforme a porta foi se abrindo, pude visualizar a silhueta de uma pessoa. Peguei a cadeira velha e corri para detrás da porta, já preparada para acertar a cabeça seja de quem

quer que fosse. Foram segundos tensos entre a porta abrindo e a cadeira sendo usada para me defender e sair correndo dali. Eu apenas não contava com o fator surpresa e ter o meu ataque bloqueado por ele. Meu coração não sabia se parava de bater ou se saltava pela boca de alegria. Porém, naquele momento, ele, o meu coração, estava querendo parar de bater. Tudo que eu escutava era a minha respiração pesada e sofrida, junto com as lágrimas da incerteza. Será mesmo que o homem parado na minha frente, me olhando de maneira intensa, não me amava?

— Lizzie... — sussurrou ele, antes de vir na minha direção e me abraçar. — temos que ir... Isso aqui vai se tornar um inferno. Não posso deixar você aqui. Vamos... — Nathan se afastou e tentou me puxar pelo braço, mas meu corpo havia congelado. — meu doce...

— Você sabia? — eu tinha consciência do que ia acontecer ali. Eu tinha consciência do que ia acontecer ali e por isso parecia tolice perguntar se Nathan sabia de algo que eu desconhecia, afinal ele tinha conhecimento de tudo. Sempre estava um passo à frente dos outros. — apenas me responda. Diga-me que não se aproximou de mim por causa dele. Por eu ser filha dele... — minha voz era praticamente um murmúrio. — eu não vou suportar saber que é tudo verdade...

— Não podemos ficar aqui, mas vou ser sincero com você sempre. O que você quiser saber eu vou te responder. Mas, agora, preciso tirar você e o nosso bebê em segurança desse lugar antes que a equipe o transforme em poeira. — Nathan soltou o meu braço e ficou parado na minha frente, segurando meu rosto entre suas mãos.

Apenas o calor daquele toque me fazia querer que tudo que haviam me falado fosse mentira. — eu te amo, independentemente de você ser filha dele, entendeu? Amo mais do que qualquer coisa no mundo. Só me resta saber se você me ama também.

— Nunca duvide do meu amor por você. O amo tanto que chega a doer.

— Vamos. Temos pouco tempo. — dessa vez, deixei meu corpo ser levado. Não fazia sentido ficar ali no meio do fogo cruzado, e eu não poderia pensar apenas nas respostas que queria dele. Tinha algo mais valioso em jogo. Saímos juntos, Nathan já com a arma em punho, sempre atento a qualquer barulho. — desculpa meu doce por não ter trazido uma para você, mas acho que você a usaria contra mim... — disse ele olhando rapidamente para mim, piscando o olho.

— Jamais mataria o pai do meu bebê. No máximo, deixaria você sem as bolas.

— Seu humor é a melhor parte.... Vamos, por aqui... — quando já estávamos no meio do corredor que ele indicou a voz de Harper o congelou. Não por medo, mas por não acreditar que ela realmente estivesse ali, apontando uma arma na minha direção com um leve sorriso na boca.

— A festa nem começou e os convidados de honra já querem ir embora? Não. Que falta de elegância e educação da parte de vocês. Acho que é de bom-tom irem cumprimentar o anfitrião, por aqui, antes que eu erre a mira sem querer na cabeça da sua namorada, Nathan.

— Harper, você não sabe o que está acontecendo aqui... — Nathan tentou alertá-la, mas dava para perceber que nada do que

saísse da boca dele ajudaria muito. O brilho em seus olhos era de determinação. No fundo, eu senti pena dela. Senti compaixão por uma mulher apaixonada por um homem que nunca seria dela, mulher essa que se viu desesperada a ponto de se unir a uma máfia para atingir o homem que amava.

— Não preciso saber de mais nada... — sorriu, e logo em seguida Max apareceu, ficando ao seu lado. O inferno tinha aberto as portas e os demônios estavam soltos. Max, que me causava calafrios e Harper, que mesmo agindo por ciúmes, tinha a malícia nos olhos. — apenas preciso saber qual é o lado certo da história.

— Max, é a mim que vocês querem de verdade...

— Ah! Nathan... — debochou Max, em uma gargalhada rouca. — não me venha com

essa de cavaleiro da armadura reluzente, pois isso não vai funcionar aqui. Agora vamos, Isaäk precisa falar com você e com ela também.

— Não! — berrou Nathan, se pondo na minha frente. — ela vai sair daqui em segurança. Eu fico. — meu coração, que estava prestes a parar por causa de tudo que eu tinha escutado antes, tinha acelerado da mesma forma e intensidade que meu amor por ele. Nathan se sacrificaria por mim, e se isso não era a prova do seu verdadeiro amor por mim, eu já não sabia o que pensar mais. Aquele pensamento me deu força e fez com que o meu cérebro voltasse a funcionar.

Eu tinha que pensar. Analisar tudo o que ele tinha me falado quando entrou na sala. Então, eu sabia que em pouco tempo aquele navio iria se tornar oficialmente a casa de

veraneio do diabo, com direito a fogos de artifícios. E se teriam fogos, era necessário esperar a cavalaria chegar. Sabia que a CIA e o FBI não se davam muito bem com relação a dividir casos, mas pelo que conhecia de Nathan, ele tinha reforços e era o FBI. A agente Lackin e o agente Murdok faziam parte das pessoas que eu tinha certeza que Nathan poderia confiar. Se eu fosse embora, talvez as chances de Nathan se reduzissem a menos zero. Markov teve várias oportunidades de eliminar Nathan e a mim também. Um sinal claro de que se ele ainda não havia me despachado para o núcleo da terra, era por que me queria viva, mesmo sendo ele um péssimo pai, o pior pai do mundo. Se eu saísse dali, talvez.... Não poderia pensar naquela hipótese.

— Não vou sair de perto de você. — falei

segurando a sua mão. — não importa o que aconteça, se estivermos juntos tudo fica mais fácil de suportar...

— Você, mesmo depois de saber de tudo, ainda vai permanecer ao lado dele? — questionou Harper. — mesmo sabendo que você não serve para ele? — Nathan aproveitou o momento para bloqueá-la e a desarmar, fazendo com que se desequilibrasse e caísse no chão, batendo a cabeça e desmaiando. Os olhos de Max pegaram fogo no mesmo instante.

— Corra Lizzie! — pediu Nathan, já seguindo na direção de Max. Os dois começaram uma luta de socos e chutes, e quando Max fez menção de pegar a arma caída no chão, Nathan chutou o rosto dele, o deixando tonto. Mas eu sabia que não bastaria apenas um soco, Nathan tinha que o

matar. — droga Lizzie! Fuja daqui, agora! — Max fez uma investida brusca, agarrando ele pela cintura e jogando contra parede.

A expressão de dor que Nathan fez era angustiante. Não. Não ia fugir e deixá-lo ali. A arma não estava tão longe.... Eu conseguiria me mexer, pegaria a arma, mataria Max e correria o mais rápido possível. Imaginar Nathan morto foi o que precisei para correr, me jogar no chão e pegar a arma, já mirando na cabeça de Max, mas algo me impediu de matá-lo. O fato de ele ser meu irmão fez com que eu mirasse no braço. Eu teria coragem de matar Markov e até a minha própria mãe, se fosse preciso, porém eu não consegui apertar o gatilho em direção a sua cabeça.

— Atire! Atire e me mate logo de uma vez! — gritava Max com raiva, se

contorcendo enquanto Nathan o mantinha imobilizado. O gatilho foi apertado e a bala passou de raspão, mas foi o suficiente para distrair Max e Nathan contra-atacar, imobilizando-o com uma chave-de-braço. Max se debatia e me olhava com tanto ódio, que tudo que eu queria era que aquilo acabasse.

— Não. — falei tranquilamente, olhando em seus olhos — não vou me tornar uma pessoa como você, Max, que mata apenas por matar. Se a raiva que você tem de mim está relacionada ao fato dela não ter ficado com você, ou dele ter te escolhido, acho que você não perdeu muita coisa. E com relação a ele, acho que eu não perdi muita coisa também. Você escolhe, ou continua do lado dele e morre, ou me ajuda a escapar com o meu marido e meu filho, entregando os

negócios dele hoje...

— Você acha que tenho medo da morte?
— perguntou Max, com ironia. — acha mesmo que depois de tantos anos vou me deixar levar por um discurso safado como esse? Eu sou o próximo na linha de sucessão, acha mesmo que eu vou estragar tudo?

— Acho que você é capaz de tudo para destronar o senhor Markov — eu tinha que mudar de tática e tentar inverter o jogo. — por isso, quero propor algo. Você nos ajuda a matar Isaäk e deixamos você sumir do mapa. Melhor do que a opção de ser morto, Max.

— Você não percebeu, mas é bem parecida com ele — sorriu com desgosto. — tem a mesma voz macia para convencer os outros do que quer.

— Não temos muito tempo, Max. Pense bem no que você vai escolher. — disse

Nathan. — Lizzie não pode te matar, mas eu posso.

— O que me garante que depois de ajudar vocês eu não serei o próximo alvo? Que não serei caçado? — perguntou Max, com ironia.

— Se você souber se esconder, não será o próximo a ser morto. — arqueei a sobancelha. — você é ganancioso e isso é evidente. Vamos, responda. Aceita ou não?

— Nunca. — disse Max, se livrando dos braços de Nathan, chutando as costelas dele e chutar, quando ele estava caído no chão, a sua cabeça. Nathan não ficou no chão por muito tempo e contra-atacou com socos, desviando das investidas de Max, que por sua vez também desviava dos ataques de Nathan. Aquela luta não seria fácil, pois os dois eram grandes e habilidosos. Eu tinha que parar de dar tiros superficiais e fazer algo substancial.

— Droga... — resmunguei, mirando em Max. Mas estava muito complicado atirar para acertá-lo, mesmo que estivesse a poucos metros de distância. Respirei fundo e a prendi. Olhei com mais cuidado para os movimentos de Nathan, tomei coragem e atirei logo em seguida.

— Vagabunda! — gritou Max, segurando sua coxa direita. — filha de uma puta desgraçada!

— Ei, mais respeito com a minha mulher, seu merda — e então, ao falar isso, Nathan deu o golpe de misericórdia. Ele veio na minha direção, tirou a arma da minha mão e deu uma coronhada na cabeça de Max, que ficou desacordado a uns dois metros de Harper. Ele rasgou um pedaço de tecido da roupa de Max e estancou o sangramento, algemando ele e Harper a um cano próximo à

saída. — agora, precisamos sair mesmo daqui. Quero que você saia desse navio, pegue o carro e não olhe para trás. Vai, Lizzie!

— Não importa o que você fez — eu disse, mesmo com ele visivelmente apreensivo. — não me importo se você se aproximou apenas por eu ser filha dele. Eu só queria que você tivesse sido sincero comigo desde o começo.

— Eu não fazia ideia da mulher incrível que você é. — Nathan falou, segurando meu rosto entre as mãos e me beijando. — agora vá.

— Você não vem comigo?

— Não. Antes tenho que resolver algo com o meu sogro, se é que você me entende. — assim que se afastou, Nathan entregou a chave do carro em minhas mãos e respirou

fundo. — se eu não voltar, quero que saiba que valeu a pena tudo que passamos juntos...

— ‘Se’ não, Nathan. Você vai voltar, para mim e para o nosso bebê. — dei um último beijo nele, peguei as chaves e saí o mais rápido que pude. Na cabeça de Nathan eu tinha feito o que ele mandou, mas na realidade apenas fingi ir embora. Desci a escada principal e segui por outro corredor, tomando cuidado para não ser vista pelos caras que estavam fazendo a segurança de Markov. O ruim de estar em um navio daquele porte, é que você nunca sabe o que vai surgir à frente, devido aos inúmeros contêineres enfileirados e empilhados. Eu não tinha como pedir ajuda, e seria suicídio voltar a essa altura do campeonato.

— Desculpa, bebê. — alisei a barriga. — mamãe às vezes faz cada cagada... Mas não

se preocupe que você vai ficar seguro aí. Prometo.

— Você! — merda! Era um dos lambedores de bolas do Markov.

Quando ele se aproximou e fez menção de chamar os outros pelo comunicador, que não ficou inteiro por muito tempo, o desarmeí com dificuldade, mas fiz algo digno quando tomei sua arma para mim e chutei entre as pernas dele. Assim como eu tinha visto Nathan fazer, eu fiz. Desferi uma coronhada contra sua cabeça, deixando ele desacordado. Armada eu já estava, só precisava sair daquele lugar e encontrar Nathan. Assim que encontrei a entrada para o convés, destravei a arma e me certifiquei que não havia ninguém no corredor. Então, antes de eu entrar, escutei as portas do inferno serem abertas. Quando os tiros começaram, eu sabia que não tinha

muito tempo. Não sabia onde Nathan estava, teria que contar com a sorte, sorte essa que não andava muito boa para o nosso lado. Olhei novamente para ver se não havia ninguém e como não tinha nenhum movimento, continuei. Saí do convés, segui para o lado de fora que dava acesso ao deck e vi corpos caídos no chão, ensanguentados: todos mortos. A única coisa que eu precisava era seguir a trilha.

E lá estavam os dois se confrontando. Nathan apontava para Markov, que por sua vez tinha meu marido na mira de sua arma. Ambos se olhavam com ódio. Percebi que Isaäk estava sangrando no ombro e que Nathan estava machucado no rosto, pois no canto da sua boca tinha sangue escorrendo. Em algum momento do confronto ele tinha ferido Markov, e em algum momento do

confronto ele tinha ferido Markov, que, infelizmente para ele, tinha feito meu Nathan sangrar.

— Sabe garoto, — começou Isaäk. — acho que sei quando estou perdendo uma boa briga — sorriu, mostrando os dentes manchados de sangue. — admiro o seu trabalho. Você é obstinado, passou tanto tempo me investigando que não se preocupou com o fato de eu saber da sua existência. Sabe qual foi sua maior fraqueza? Ela. Ela é sua fraqueza. Sei bem como é se sentir fraco.

— Vamos logo terminar com isso, Markov. Eu mato você ou então você me mata. — rosnou Nathan, ainda com a arma direcionada para ele. — não adianta nada ficarmos trocando figurinhas aqui.

— Explodo sua cabeça ou atiro no meio do seu peito? — perguntou ele para Nathan.

— acho que nenhuma das opções.

— Você sabe que o dispositivo que implantou na minha cabeça não vai explodir.

— Acho que eu estava muito emotivo quando resolvi desativá-lo. — deu de ombros. — então, agente Nathan Fox, cuide bem da minha filha. Já que eu fui incapaz de fazer tal coisa. — eu não estava acreditando no que tinha acabado de escutar. Ele tinha pedido para Nathan cuidar de mim? Isso eu não ia aceitar. Por muito tempo eu acalentei o sonho de chegar em casa e meu pai estar lá para me tirar das mãos daquele inferno. Mas se o meu pai era Markov, eu não o queria na minha vida.

— Você não tem o direito de pedir isso.
— eu disse, saindo de onde estava, já mirando na direção da sua cabeça.

— Exatamente quem faltava. — meneou a

cabeça para mim, baixando a arma.

— Isso mesmo. — ainda olhando para ele, escutei Nathan pedir algo, mas eu não o escutava. O filme da minha vida passou na minha mente. Era tudo culpa dos dois. Tudo que me aconteceu era culpa dos dois.

— A mesma arrogância e petulância. — disse Isaäk em deboche. — somos muito parecidos...

— Somos mesmo. Somos parecidos, mas não somos iguais. — rebati, apertando o gatilho. A bala atingiu o meio do seu peito. Nem ele e nem Nathan esperavam por isso. O corpo de Isaäk Markov, ou melhor, Marcus Karzus Radzimierski caiu como um saco de batatas no chão. Antes de fechar os olhos, ele sorriu e deu o seu último suspiro.

— Merda! — gritou Nathan, sem acreditar no que tinha acontecido. — você está bem?

— perguntou ele, se aproximando devagar, como se eu fosse um animal feroz que estivesse prestes a atacar. Ele me segurou e tirou a arma da minha mão. Não se preocupou com o fato de eu ter matado o cara que procurava há dez anos, e sim em como eu estava naquele momento.

— Me sinto... livre — respondi a ele, ainda olhando para o corpo caído no chão.

— Lizzie, está tudo bem mesmo? — Nathan estava me abraçando, mas eu não conseguia me mover. Eu tinha acabado de matar o homem que era meu pai e estava bem com isso.

— Nathan! — chamou Gretha. — Lizzie! O que houve?

— Lizzie atirou contra Markov. — ele respondeu.

— Ela está em choque. Vamos,
NACIONAIS - ACHERON

infelizmente alguém vazou informações sobre o que ia acontecer hoje. Não foi o pessoal da CIA, mas tenho certeza que monitoraram as mensagens do FBI. O que é uma merda, já que existem seis helicópteros vindo em nossa direção, todos de canais de tevê. Ian está nesse exato momento invadindo o sistema do FBI. — disse ela. — para nossa sorte, eles acham que é apenas uma dessas operações de agências cinematográficas para vender na mídia.

— Precisamos sair daqui, Gretha. Ainda sou um agente secreto. Acho que do jeito que ela está, deve ter perdido as chaves que eu entreguei. — explicou Nathan.

— Pegue, esse é o meu carro. Não arranhe, por favor. Ele custa mais que a sua cabeça. — brincou ela, olhando e entregando as chaves com cuidado nas mãos de Nathan.

— Lizzie, vai ficar tudo bem. Acabou. Finalmente você está livre. — me abraçou da mesma forma que Nathan tinha feito. Mas eu não conseguia. Não tinha como explicar aquele sentimento. Era uma mistura de sensações dentro de mim, de algo inacreditável, além do choque, e isso me deixava sem rumo.

— Vou levá-la ao médico. — ele segurou a minha mão firme, e começou a me conduzir. — antes, no convés inferior, quero que você cuide do Max e da Harper. Os dois estão algemados e ele está ferido. Pode fazer isso por mim?

— Você sabe que sim. Ligo quando terminar por aqui. Tudo bem?

— Sim. — disse ele já começando a andar na direção da saída, mas virou-se apenas para olhar para ela. Era uma mensagem

subliminar nos olhos dos dois. — Finalize, Gretha. — pediu ele em um tom gélido, e ela apenas assentiu.

Já no carro, Nathan colocou o cinto em mim e depois deu partida no carro. No momento em que já estávamos entrando na rodovia, eu consegui respirar fundo, fechar os olhos e soltar lentamente a minha respiração. Sim, finalmente eu estava livre de tudo. Ela estava morta e ele também tinha partido. O único que eu não tinha conseguido matar era Max. Mesmo que eu não gostasse dele, ele também era uma vítima, pois foi criado por um mafioso, o que não incluía boas influências. Teve a cabeça completamente bagunçada durante anos e isso lhe trouxe uma personalidade comparada ao do nosso pai.

— Quando chegarmos em casa, faço

questão de colocar você na cama e dormir de conchinha — falou Nathan com doçura.

— Você não é o tipo do homem que gosta de dormir de conchinha, Nathan. — rebati um pouco ácida.

— Que bom que está de volta. — ele respondeu sorrindo, olhando para o tráfego.

— Só precisei de alguns minutos para sintetizar tudo que acabou de acontecer.

— Eu entendo o que você quer dizer com isso. Quando matei pela primeira vez, a sensação foi estranha...

— Mas essa morte vai ficar marcada para sempre em mim, Nathan. Matei o meu pai, atirei no braço e na perna do meu irmão, que matou a minha mãe e ameaçou matar a irmã mais nova. No final de tudo, ele achava que tinha sido rejeitado pela mãe, quando na verdade tínhamos os piores pais do mundo,

entende? Tenho, ou tinha uma família maluca. Agora só tenho a Chloe...

— A mim e ao nosso bebê, Lizzie. — Nathan segurou o volante apenas com a mão esquerda enquanto estendia a outra para que eu segurasse. Era tão bom ter o calor da mão dele na minha. Eu, apesar de tudo, tinha sorte.

— Você vai me explicar? Quero dizer, vai me explicar o motivo de não ter me dito que sabia que ele era o meu pai?

— Não tive coragem de falar para você. Consigo me infiltrar em organizações criminosas e extrair informações valiosas, matar sem remorso, mas quando se trata de você, não sei para onde correr. Perco todos os sentidos. Quando confirmei que era de fato filha dele, já era tarde demais para abrir mão de você: eu já estava apaixonado pela

filha do homem que eu queria prender. — no momento em que eu ia falar, o telefone começou a tocar. Nathan soltou a minha mão e deslizou o dedo sobre a tela, desbloqueando e já colocando no viva-voz.

— Nathan. — era Gretha, que tinha um tom preocupado. — temos um problema. Max fugiu e levou a Harper com ele.

— Merda! — berrou ele, socando o volante. — desgraçado, filho de uma puta!

— Já preparei uma equipe para rastreá-los, mas quero que você tome muito cuidado. Ele pode estar nesse exato momento seguindo vocês. Sabemos como Max é perturbado e não vai medir forças para atingi-los.

— Vou tomar... — assim que ele desligou o telefone, algo no retrovisor chamou sua atenção. Era muito castigo para um dia só. —

aquele... aquele é o nosso carro, vindo em alta velocidade... Lizzie, eu quero que você fique calma, vamos ter que fazer algumas manobras um tanto quanto arriscadas. — eu, no mesmo instante, arregalei os olhos para ele.

— Max... ele está atrás de nós dois? — eu perguntei.

— Está e vamos ter que nos livrar dele de uma vez por todas. — falou Nathan com determinação. — hoje, ele morre!

Capítulo 40



Os carros buzonavam freneticamente quando ele fazia uma ultrapassagem. Estávamos em uma velocidade quase suicida. Bom, eu sabia que estava, porque dava para sentir e tentei não gritar. Afinal, querendo ou não, era uma adrenalina tudo aquilo. Nathan pegou a pista menos movimentada e Max o seguiu. A cada instante, o risco de colidir com algum carro era assustador.

— Temos que acelerar mais. — Nathan fez exatamente o que disse que ia fazer. Pisou fundo no acelerador.

— O que for preciso. — olhei para ele, dando a segurança que precisava para saber que estaria com ele em todos os momentos,

mesmo que isso custasse as nossas vidas. Não demorou muito para que Max nos alcançasse outra vez. Porém, dessa vez ele estava praticamente colocado no nosso carro. Já se podiam ouvir as sirenes das viaturas da polícia. — se morrermos hoje, morreremos juntos.

— Não, meu doce. — rebateu Nathan, decidido. — não vamos morrer hoje, ainda temos uma vida inteira pela frente. — quando terminou de falar virou todo o volante, fazendo o carro girar e parar. Ele calculou a distância suficiente e esperou Max se aproximar. Íamos colidir, se ele, Max, não tivesse desviado e se chocado na lateral da proteção da via, capotando e batendo contra uma parede de concreto, próxima a um viaduto. Não tinha notado que já era dia e nem que tínhamos nos aproximado tanto da

cidade. Por um segundo, eu achei que tudo estava finalmente acabado, mas quando o carro explodiu, eu gritei. Tirei o cinto de segurança e abri a porta, correndo na direção do carro. Foi quando senti as mãos de Nathan envolverem a minha cintura e me segurar.

— Precisamos tirar ele de lá... —
presenciar aquilo foi angustiante.

— Lizzie, não há mais nada que possamos fazer. O carro explodiu. Eles estão mortos.
— ele imediatamente me segurou nos braços, me levou de volta para o carro, prendeu meu cinto e entrou no carro novamente. — sinto muito, meu doce, que você tenha conhecido o seu irmão nessas circunstâncias.

— Ele já se foi, Nathan. — eu disse, sentindo as lágrimas escorrerem. Não tinha sentimentos por Max, mas acho que, no fundo, queria que ele ficasse vivo, fosse

preso e nos desse uma chance de sermos irmãos. — preciso saber como Chloe está, e preciso saber principalmente como o nosso bebê está.

— Certo, vamos para o hospital.



Recomeço. Essa era a parte mais fácil naquele momento. O casamento de Tati tinha ocorrido semana passada, e vi o quanto ela estava feliz por finalmente casar com o homem da sua vida. Hoje, depois de tudo, eu estava me casando com Nathan. Sim. Era o meu casamento. Eu não estava de branco. Resolvi me casar de rosa-bebê, em um vestido solto sem muitos detalhes, apenas com uma única exigência do noivo: um decote digno do tamanho dos meus seios.

Não tínhamos organizado o casamento do ano, pois decidimos que seríamos felizes com ou sem um casamento pomposo, e resolvemos casar em um pequeno salão com algumas flores e apenas quatro cadeiras para os nossos convidados.

Minha barriga saliente de quase nove meses era a coisa mais linda do mundo. Não poderia mentir dizendo que gravidez é algo fácil, porque não é. Grávida sente azia, ânsia de vômito, vomita muito, fica inchada e chega um período da gravidez que nem conseguimos enxergar mais a nossa própria vagina; às vezes nem conseguimos levar a mão até lá, sem que isso seja o acontecimento do ano.

De longe, eu podia observar meus amigos, todos sorridentes e Chloe. Ela tinha se mostrado tão forte quanto eu ao receber a

notícia da morte de nossa mãe. O corpo dela foi enterrado ao lado do de Max, já que era evidente que ele queria ter ficado no meu lugar quando houve a divisão dos filhos. Não quis saber onde Markov tinha sido enterrado, mas tinha feito questão de saber que os seus negócios tinham ido por água abaixo quando a CIA e o FBI desmancharam a organização mafiosa dele. Com isso, muitas mulheres, vítimas de tráfico e prostituição, tiveram uma segunda chance para recomeçar.

Ao lado de Chloe estava o seu namorado, Henry, que tinha acabado de ser aceito na Universidade e juntos cursariam artes cênicas. Os dois formavam um belo casal, ele alto, forte, moreno e bem vestido no seu terno. Ela, loira, alta e sorridente. Meu marido considerava Chloe uma irmã, e por alguma razão o seu namorado morria de

medo dele. Afinal, Nathan era um lindo coelhinho de pelos branquinhos, macios e muito meigo quando queria intimidar alguém. Nathan e eu, estávamos bem. Ele ainda mantinha os negócios com as suas boates, que tinham uma nova gerente: Tati Tequila. Elijah não gostou muito da notícia, já era ela a responsável por contratar os garçons e os dançarinos. Elijah depois de algum tempo, começou a se habituar ao seu novo sócio. Não era fácil trabalhar com os dois, principalmente quando um dos donos é marido de sua melhor funcionária. Uma coisa que eles tinham em comum era a paixão pelo trabalho, fora a beleza é claro. Ambos me proibiram de trabalhar como repórter investigativa. Mesmo que eu fosse uma das melhores na área, fui promovida a editora-chefe e comecei a perder o resto de cérebro

que ainda me restava.

Parada na porta, esperando o momento certo para sair, eu admirei as pessoas que estavam ali presentes e senti muito orgulho da família que eu tinha conseguido construir. É sempre bom ter por perto quem nos ama de verdade. Gretha estava ao lado de Ian, e percebi enquanto ainda estava parada ali, o quanto ela amava Nathan. Os seus olhos brilhavam de uma maneira única no mundo. A admiração estava estampada em seu rosto.

— Está pronta? — perguntou a moça de olhos verdes, sorrindo para mim.

— Ainda dá tempo de fugir? — perguntei a ela, fingindo sentir dor. — sabe, casamento é algo sério...

— Lizzie Radzimierski. — ralhou Tati — a essa altura do campeonato, você ainda quer desistir de casar com aquele deus grego dos

olhos azuis...? Não acredito no que acabei de ouvir. — disse ela, revirando os olhos.

— Você sabe que sou apaixonada por ele. — me virei, ficando de frente para ela e segurei as suas mãos. — obrigada por estar comigo neste dia tão importante...

— Qual é? Vai me fazer borrar a maquiagem mesmo? — seus olhos já estavam lacrimejando e a ponta do seu nariz começou a ficar vermelha. — você sabe que pode contar comigo. Sou sua amiga ou não sou?

— Você se tornou mais que isso, Tati. — a abracei ao falar. — é minha irmã.

— Não tinha outra hora para você me fazer chorar? — Tati já estava fungando no meu ombro, enquanto eu ainda mantinha meus braços enroscados nela. — Vamos, ou o noivo vai achar mesmo que você desistiu

de tudo. — quando ela se afastou, ganhei um lindo sorriso. — pronta para casar com o homem da sua vida? — eu não podia revelar que já tinha casado com ele, mas naquela situação tudo parecia ser diferente. Não tinha máfia. Não tinha Markov. Não tinha Max. Não tinha Salomé e nem Theodor, que amanheceu um belo dia com vontade de se enforcar na cela.

Respirei fundo, olhei para ela e assenti.

Assim que coloquei o pé no pequeno salão os olhos de Nathan pairaram sobre mim. Um sorriso se formou no canto da sua boca, e eu sabia para onde ele estava olhando. O filho da puta tinha me feito usar aquele maldito decote só para ficar me comendo com os olhos, mesmo com a minha barriga do tamanho de duas melancias. Mas naquele olhar eu tinha certeza que existia amor. E foi

quando os olhos dele encontraram os meus
que a emoção tomou conta de mim.

Vi o seu sorriso refletido no meu.

Vi o seu olhar refletido no meu.

E vi, naquele homem, a certeza de um
amor eterno.

Quando a música começou a tocar ao som
de violinos e a voz doce de Tati me
acompanhou até o altar, quase me
desmanchei em lágrimas. Não sabia que ela
era dona de uma voz tão linda, e em meio à
canção, ela sussurrou: esse é o meu presente
de casamento. A música se encaixava
perfeitamente naquele momento.

...So I'm gonna love you

Like I'm gonna lose you

I'm gonna hold you

Like I'm saying goodbye

Wherever we're standing

*I won't take you for granted 'cause we'll
never know when
When we'll run out of time so I'm gonna
love you
Like I'm gonna lose you
I'm gonna love you like I'm gonna lose
you...*

Ela sabia que eu não entendia de música, mas aquela havia acertado em cheio. Finalmente fui entregue à Nathan. Chloe, assim como Henry, choravam abraçados, sorrindo para mim. Por que Chloe não tinha entrado comigo? Porque eu entrei com Tati em seu casamento, e nada mais justo do que eu tê-la ao meu lado naquele momento. O pastor começou a celebração, fez a tão temida pergunta se era nossa vontade nos unir pelo laço eterno do matrimônio, e então

o ‘pode beijar a noiva’; nesse momento Nathan me envolveu em seus braços e aproximou a boca do meu ouvido.

— Como na música, vou te amar como se fosse te perder. A cada dia de nossas vidas, porque no meu mundo não existe cor sem você. — ele não esperou a permissão para tomar o que era dele. Nathan segurou meu queixo com uma de suas mãos, enquanto a outra ainda estava envolta na minha cintura e me beijou novamente. Parecia que o mundo não existia mais quando eu estava em seus braços. Tudo parava e só existíamos nós dois, ou melhor, nós três. O nosso filho estava prestes a nascer e conhecer o pai maravilhoso que tinha, e eu não via a hora de poder pegá-lo em meus braços.

— Te amo, meu Nathan.



Ele me segurava por trás e metia com força. Deus sabe como estava gostoso. Nathan passava uma de suas mãos na minha bunda e escorregava o dedo, massageando o meu cu, enquanto a outra segurava firme a minha quase inexistente cintura. Eu me sentia tão preenchida por ele que não me importava por estar sendo comida há mais de dois meses de quatro.

— Meu doce, que delícia esse seu cuzinho... — ele estava tentando, há um bom tempo, treinar aquela região para receber seu pau. — ainda vou comer ele. Enfiar o meu pau e só sair quando eu gozar nele todo.

— Droga, Nathan... — gemi, sentindo suas estocadas fortes e firmes fazerem com que o meu corpo tremesse por completo. — vai, come... do jeito que você quiser. Porra!

— gritei, quando ele me segurou mais firme. Um pouco mais de força e o nosso filho sairia pela boca. Foi então que ele saiu da minha boceta, roçou a cabeça do pau na minha bunda, logo em seguida entrando, erguendo o meu corpo, deixando minhas costas grudadas no seu corpo e segurando o meu pescoço.

— Vamos gozar juntos, senhora Fox. — sussurrou na minha orelha, levando a sua mão até o meu clitóris e fazendo movimentos circulares, me deixando louca quando começou a mexer o quadril lentamente. — está sentindo?

— Isso é... — eu mal conseguia falar, de tão excitada que eu estava.

— Uma delícia... — terminou de falar por mim, chupando a minha orelha e intensificando os movimentos. — gostosa...

— Nathan, não consigo suportar mais...
— falei para ele, me desmanchando por completo em seus braços. Gozando forte e levando ele comigo. Ele me segurava com força, mas ao mesmo tempo com carinho, e o seu corpo tremia ainda mais que o meu.

Deitados na cama macia do nosso quarto, Nathan acariciava minha barriga, depois de fazermos amor, e conversava baixinho com o nosso filho.

— O que você está falando?

— Nada demais. — deu de ombros. — papo de homem.

— Que tipo de papo de “*homem*” você está tendo com o nosso filho? — arqueei a sobrancelha, quando ele olhou para mim.

— Explicando como se faz para conquistar as gatinhas. — suspirou dramaticamente para mim. — mas eu sei que

ele vai nascer lindo como o pai, que no caso sou eu.

— Dimitri. — falei de repente e Nathan me olhou sem entender.

— Não me diga que você já tem um amante e ele se chama Dimitri? — debochou brincando com a situação.

— Dimitri é o nome do nosso filho. — assim que eu falei, os olhos de Nathan se arregalaram e ele se sentou na cama, ficando ao meu lado.

— É perfeito! — disse Nathan mal se contendo de tanta alegria. — o que mais eu posso pedir a você?

— Nathan...

— Sim?

— Preciso que você se levante, e me ajude a levantar. Acho que essa coisa úmida na minha bunda não é seu esperma. A menos

que você seja um elefante e que tenha acabado de gozar. — certo, em alguns casos, os homens odeiam matar barata e ficam em pânico quando se trata de uma mulher prestes a dar à luz. O problema era que nenhum desses homens eram Nathan G. Fox. Até em choque ele era lindo. Outro problema era que, quando as contrações começam, tudo que é lindo, de repente, fica horrível para você. — Nathan... eu preciso que você levante, vista uma roupa e pegue as minhas. — descobri outra coisa, que quando uma criança quer vir ao mundo, ela não espera e pede licença para sair. Ela sai, assim como estava quase acontecendo comigo, que teria um parto normal.

Deixando-me deitada na cama, ele se levantou e correu até o closet, vestindo-se e me vestindo em seguida. Logo depois, ele

ligou para Gretha e ela se materializou no apartamento, de tão rápido que chegou.

— Vai nascer? — ela perguntou ao entrar. Eu sabia que tinha sido algo automático, mas o meu jeito de responder também tinha.

— Não, ele vai plantar maconha — ironizei, sentindo outra pontada forte.

— O carro já está preparado. — disse ela para Nathan, já que eu estava incapacitada de falar educadamente. Se normal eu já não tinha filtro com o que saía da minha boca, sentindo dores então, nem se fala.

— Merda!!! Andem logo com isso! — eu me contorcia de dor e respirava lentamente.



— Espere aí... — olhei para ela. — tem algo diferente em você! Você está grávida?

— perguntei ignorando os olhares surpresos de Ian e Nathan. — merda! — soltei sem querer, levando a mão até a boca. — quer dizer... nossa... você está grávida...

— Não... — foi o não mais sem força que eu já tinha escutado na minha vida.

— Gretha... — aos poucos eu vi os olhos de Ian se arregalarem e Gretha começar a ficar pálida.

Epílogo

Washington – Janeiro de 2019

É claro que Nathan ganhou as eleições na maioria dos estados. Com isso, e depois de tudo que aconteceu, acho que o nosso relacionamento deixou de ser apenas Nathan e Lizzie, e passou a ser Nathan, Lizzie e a nossa família. Não sou a mesma de cinco anos atrás. Sou a primeira dama dos Estados Unidos e tenho ao meu lado o presidente mais gato que já passou pela presidência.

Meu Nathan também não é mais o mesmo. Ele deixou a vida de agente secreto para assumir a grande responsabilidade de comandar um país que é uma das grandes potências mundiais. Hoje, ele tem que discursar para milhões de pessoas, tanto americanos quanto de outros países. É meu dever estar ao seu lado nessa nova missão. É ao lado dele que eu sempre vou ficar. Afinal, ele abriu mão de muitas coisas para ficar ao meu lado, e isso, isso é a maior prova de amor que se pode ter. Dar, sem pedir nada em troca.

— Nathan... — eu entrei na sala dele às pressas. Em pouco tempo, ele teria que realizar o seu primeiro pronunciamento como presidente dos Estados Unidos. — meu presidente... Ah! Ei! Nathan, não. Não faz isso! — era tarde demais para correr. Ele já

havia trancando a porta, me puxado para ficar mais colada com o seu corpo e começado a beijar meu pescoço. — meu amor, existe uma tonelada de repórteres lá fora, apenas esperando você sair dessa sala... Dimitri deve estar enlouquecendo a nova babá e você aqui, tentando fazer sabe-se lá o quê comigo...

— Ora senhora Fox, ou melhor, minha primeira-dama... estou tentando comer uma boceta na sala oval.

— A única com esse título. — enfatizei, arqueando a sobrancelha.

— Não poderia ter outra melhor. — sorriu contra o meu pescoço, me deixando ainda mais arrepiada. — onde eu estava? Ah, lembrei. É nesse momento que eu jogo tudo que tem nesta mesa no chão, deito você nela, levanto a sua saia... abro suas pernas e caio

de boca... — Jesus Cristinho... era muita tentação para uma mulher apenas. Quando o hálito quente dele chegou à minha orelha, não tive como me controlar. Eu mesma faria questão de jogar tudo no chão e que se fodesse o mundo, eu queria era o meu marido todo para mim, pois só Deus sabia o quanto eu o amava. E lá estávamos nós dois, completamente loucos um pelo outro, arrancando nossas roupas e jogando tudo que tinha em cima da mesa no chão. — você vai gostar da nossa primeira trepada na Casa Branca. Primeira de muitas. — brincou.

— Filho da puta pretensioso... faça o seu trabalho, no final, eu digo se foi bem executado. — minha mão já estava em seu cabelo, puxando a sua cabeça na direção da minha, louca para beijá-lo. Aquela chama, aquele ardor, a paixão, ou melhor, o amor

que existia em nossos olhares, era ainda mais forte. A prova disso era como nos amávamos loucamente e desse amor tinha surgido nosso lindo filho Dimitri. — Nathan, espera...

— A frase “esperar para trepar com você” não existe no meu dicionário... e em nenhum lugar da minha cabeça. Não que eu me lembre... — murmurou, enquanto abria minhas pernas, já posicionando os dedos para me tocar.

— Estou grávida. — a mão de Nathan congelou, meio dentro... meio fora. Não sabia que reação esperar dele, e por isso, o medo dele não achar que aquela era a hora certa me fez ficar apreensiva. — meu amor, desculpa... eu sei que não era um bom momento para falar isso, estávamos quase... ai meu Deus, Nathan, se mexe. Descongela. Grita, faz alguma coisa antes que eu ache que

não gostou de escutar que vai ser pai novamente... Eu sei que... — nesse instante, Nathan olhou no fundo dos meus olhos, decidido, saiu de perto de mim tirando os dedos e me deixando com as pernas abertas, enquanto eu esperava ele falar algo. — droga... — resmunguei descendo da mesa.

— Quem disse que era para você sair do lugar onde a coloquei? — eu, sem entender, voltei a sentar na mesa e ele fez um sinal para que abrisse as pernas novamente. — ótimo...

— Nathan, você escutou a parte onde vai ser pai novamente?

— Ah! Escutei sim. Só estou me lembrando das posições que usamos quando você estava grávida do Dimitri. — sorriu, voltando a andar na minha direção, ficando entre as minhas pernas, segurando meu

queixo entre suas mãos e se inclinando para me dar um beijo suave nos lábios. — não existe missão mais importante do que ser pai de um filho seu, meu doce. Acho que se depender de mim, você engravida a cada onze meses... Hoje é um dos dias mais felizes da minha vida. O primeiro foi quando encontrei você, segundo o nosso filho e agora, mais esse presente. O que mais eu posso pedir?

— Por um momento, achei que você não...

— Shhh... olha a bobagem que você ia falar. Como eu não iria querer ter mais filhos com você, a mulher da minha vida? O centro do meu universo. A que me faz vivo e completo?

— Vai continuar me amando, mesmo que eu fique...

— Não importa como você vai ficar

depois de ter vários filhos. Casamos não por beleza, mas por nos amarmos de verdade. Lembra? Na doença... pobreza... enquanto eu fodia você naquela cama?

— Até que a morte nos separe. —
terminei a frase beijando ele.

Era verdade. Tudo que importava era o nosso amor. Estávamos felizes, longe do perigo. Longe de tudo que nos machucava. Eu ainda estava sendo acompanhada por Ian, mesmo que tivesse se passado tanto tempo e tudo tivesse se resolvido. No final de tudo, o que importa de verdade é o quanto de amor você dá, e não o que você colhe. Nathan me mostrou isso. Mostrou-me o quanto de amor ele poderia me dar sem pedir nada em troca, e com paciência atingiu o seu alvo: o meu coração.

Quem ama é paciente. Doa seu coração,

mesmo com risco de se magoar e arriscar tudo. Enfim, o amor dele me curou e finalmente tenho a família que sempre desejei.

“Ame mais, peça menos”.

Fim...

Será?